



TECENDO VIDAS E SONHOS



**HISTÓRIA ORAL DE AGRICULTORES(AS)
DO SERTÃO PARAIBANO E
TRABALHADORES(AS) DO ABC PAULISTA**

**Marilda Aparecida de Menezes
Jaime Santos Júnior (orgs.)**



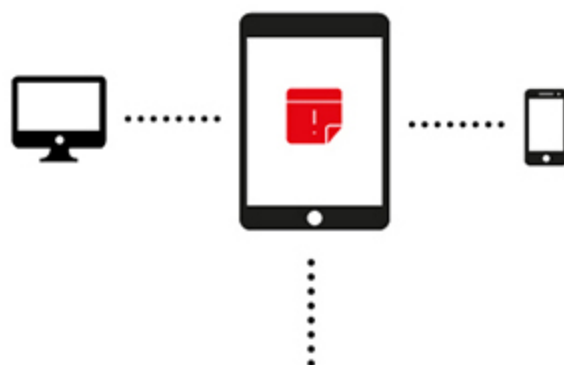
TECENDO VIDAS E SONHOS



HISTÓRIA ORAL DE AGRICULTORES(AS)
DO SERTÃO PARAIBANO E
TRABALHADORES(AS) DO ABC PAULISTA

Marilda Aparecida de Menezes
Jaime Santos Júnior (orgs.)

PACO  EDITORIAL



IMPORTANTE

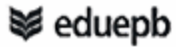
Cuidamos para que a produção deste ebook tivesse o mesmo padrão de qualidade das nossas obras impressas. Mas poderá ter variação na apresentação do conteúdo de acordo com cada dispositivo de leitura.



Universidade Estadual da Paraíba

Profª. Célia Regina Diniz (*Reitora*)

Profª. Ivonildes da Silva Fonseca (*Vice-Reitora*)



Editora da Universidade Estadual da Paraíba

Cidoval Morais de Sousa (*Diretor*)

Conselho Editorial

Alessandra Ximenes da Silva (*UEPB*)

Alberto Soares de Melo (*UEPB*)

Antonio Roberto Faustino da Costa (*UEPB*)

José Etham de Lucena Barbosa (*UEPB*)

José Luciano Albino Barbosa (*UEPB*)

Melânia Nóbrega Pereira de Farias (*UEPB*)

Patrícia Cristina de Aragão (*UEPB*)

Expediente EDUEPB

Erick Ferreira Cabral (*Design Gráfico e Editoração*)

Jefferson Ricardo Lima A. Nunes (*Design Gráfico e Editoração*)

Leonardo Ramos Araujo (*Design Gráfico e Editoração*)

Elizete Amaral de Medeiros (*Revisão Linguística*)

Antonio de Brito Freire (*Revisão Linguística*)

Danielle Correia Gomes (*Divulgação*)

Efigênio Moura (*Comunicação*)

Carlos Alberto de Araujo Nacre (*Assessoria Técnica*)

Thaise Cabral Arruda (*Assessoria Técnica*)

Walter Vasconcelos (*Assessoria Técnica*)



Editora indexada no SciELO desde 2012



Editora filiada a ABEU

EDITORA DA UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

Rua Baraúnas, 351 - Bairro Universitário - Campina Grande-PB - CEP 58429-500
Fone: (83) 3315-3381 - <http://eduepb.uepb.edu.br> - email: eduepb@uepb.edu.br

Copyright © 2023 by Paco Editorial

Direitos desta edição reservados à Paco Editorial. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação, etc., sem a permissão da editora e/ou autor.

Revisão: Marcia Santos

Capa: Claudia Nên

Diagramação: Vinicius Torquato

Edição em Versão Impressa: 2023

Edição em Versão Digital: 2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T255

Tecendo vidas e sonhos: história oral de agricultores(as) do Sertão Paraibano e trabalhadores(as) do ABC Paulista / Marilda Aparecida de Menezes e Jaime Santos Júnior (Organizadores). – Jundiaí-SP: Paco Editorial, Campina Grande-PB: EDUEPB, 2023.

Recurso digital

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Multiplataforma

ISBN 978-85-462-2492-0

ISBN 978-85-7879-877-2

1. Migração interna. 2. Nordeste. 3. São Paulo. 4. História. 5. Memória. I. Menezes, Marilda Aparecida de e Santos Júnior, Jaime. (Organizadores). II. Título.

CDD: 304.89812

Elaborada por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Índice para catálogo sistemático

I. Migração interna

Conselho Editorial

Profa. Dra. Andrea Domingues (UNIVAS/MG) (Lattes)

Prof. Dr. Antonio Cesar Galhardi (FATEC-SP) (Lattes)

Profa. Dra. Benedita Cássia Sant'anna (UNESP/ASSIS/SP) (Lattes)

Prof. Dr. Carlos Bauer (UNINOVE/SP) (Lattes)

Profa. Dra. Cristianne Famer Rocha (UFRGS/RS) (Lattes)

Prof. Dr. José Ricardo Caetano Costa (FURG/RS) (Lattes)

Prof. Dr. Luiz Fernando Gomes (UNISO/SP) (Lattes)

Profa. Dra. Milena Fernandes Oliveira (UNICAMP/SP) (Lattes)

Prof. Dr. Ricardo André Ferreira Martins (UNICENTRO-PR) (Lattes)

Prof. Dr. Romualdo Dias (UNESP/RIO CLARO/SP) (Lattes)

Profa. Dra. Thelma Lessa (UFSCAR/SP) (Lattes)

Prof. Dr. Victor Hugo Veppo Burgardt (UNIPAMPA/RS) (Lattes)

Prof. Dr. Eraldo Leme Batista (UNIOESTE-PR) (Lattes)

Prof. Dr. Antonio Carlos Giuliani (UNIMEP-Piracicaba-SP) (Lattes)

Paco Editorial

Av. Carlos Salles Bloch, 658

Ed. Altos do Anhangabaú, 2º Andar, Salas 11, 12 e 21

Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100

Telefones: 55 11 4521.6315

atendimento@editorialpaco.com.br

www.pacoeditorial.com.br

AGRADECIMENTOS

É difícil encontrar palavras para expressar nossos agradecimentos às pessoas e instituições com quem aprendemos e compartilhamos trabalho, pesquisa, vida.

Aos agricultores – homens e mulheres do Sertão Paraibano – que com tenacidade no trabalho e astúcia, souberam construir vida, festas, esperança, fraternidade, amizade, resistências, driblando as condições injustas da estrutura fundiária concentrada e das condições de dominação do trabalho.

Às mulheres e homens – que migraram para a região do ABC Paulista – na esperança de conquistar melhores condições de vida e teimaram em não ser transformados (as) em mera força de trabalho. Labutaram com perseverança, se equilibrando no fio tênue para conquistar dignidade. Alguns conquistaram mobilidade na qualificação profissional, outros (as) não tiveram a mesma sorte. Resistiram com as armas possíveis às condições extenuantes do cotidiano fabril, à extensa e intensa jornada de trabalho.

Expressamos nossa gratidão ao Senhor Francisco Lídio Cavalcanti, sua esposa Fatima (In memoriam), filho Denes e toda sua família – irmãos, cunhos (as), primas (as) e amigos (as) pela acolhida fraterna em nossos encontros em 1984 e no período de 2007 a 2019. Em nome desses, agradecemos a todos(as) agricultores(as), trabalhadores(as) e migrantes que participaram da pesquisa. Gratidão ao casal Espedito V. Silva e esposa Josefa F. Silva e as filhas Josefa V. Dias e Maria V. Lima, que me acolherem no aconchego de sua casa durante o trabalho de campo em São José de Piranhas na década de 1980.

Agradecemos toda equipe do curso de alfabetização na Favela da Vila das Carpas da década de 1980, organizado pela Sociedade Amigos de bairros Unidos do Jardim Stella, Santo André, em especial a José Nanci (In memoriam), Lourdes Nanci e Moacyr P. Silva.

Ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São José de Piranhas, por todo apoio às nossas pesquisas, pela hospedagem generosa e amizade, em especial a Antonio Diniz (in memoriam), Gerlândia Vieira de

Morais, Damião Gomes da Silva e Solon Alexandre de Moraes. Ao professor de Geografia Claudio D.B. Gonçalves.

À Profa. Ghislaine Duque, que com maestria, nos orientou na pesquisa de 1981 a 1985. A todos os alunos (as), pesquisadores, (as) professoras (os) que participaram das pesquisas no Sertão Paraibano e na região do ABC Paulista no período de 2007 a 2019.

Nossos agradecimentos ao CNPq, que concedeu o financiamento para esta publicação através do Processo: 309305/2020-9, Bolsa de Produtividade de Pesquisa.

Marilda A. Menezes

Itatiba, maio de 2023

SUMÁRIO

Folha de rosto

Agradecimentos

Prefácio

Apresentação

Introdução

1. Em cores vivas

Nota metodológica

Fragmentos de Diários de Campo

PRIMEIRA PARTE AGRICULTORES: TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS E RESISTÊNCIA COTIDIANA

1) Avô nobre, pai rico, neto pobre? o camponês sofre, muda, migra, mas resiste!

Aldo Manoel Branquinho Nunes

1.1) Entrevista com José Renato, rezeiro, 1983

2) No rumo do vento e da memória de um migrante

Valdênio Freitas Meneses

2.1) Entrevista com José Fernando, rezeiro, sua esposa, Carla e filho, Zito, 1983

3) Ser morador é ficar aguentando aborrecimento

Maciel Cover

3.1) Entrevista com Eugênio, parceiro-morador, 1983

4) Estratégias da família para sobrevivência na Paraíba

Giovana Almeida Nascimento

4.1) Entrevista com João Romeu, agricultor-redeiro, e sua esposa, Ieda, 1984

PARTE II DESLOCAMENTOS, TRABALHO, REDES SOCIAIS: TECENDO VIDAS E SONHOS

5) Migração, trabalho e memória nos anos 1980: os dois lugares de uma família em movimento

Valéria Barbosa de Magalhães.

5.1) Entrevista com Zacarias, morador, 1983

5.2) Entrevistas com filhas e genro de Zacarias, 1984

6) Como escrever sobre pessoas comuns?

Jaime Santos Júnior

6.1) Entrevista com Antenor, reideiro, 1983

6.2) Entrevista com Antenor e seu filho Jonas, reideiro, 1983

6.3) Entrevista com Manoel, metalúrgico, 1983

6.4) Entrevista com Manoel, metalúrgico, 1984

7) O bom do sertão é a liberdade

Jurani Clementino

7.1) Entrevista com Agnaldo, pequeno proprietário, 1983

7.2) Entrevista com Augusto, metalúrgico, 1984

8) Fazer o futuro: o projeto de "melhorar de vida" migrantes da paraíba da década de 1980

Lidiane M. Maciel

8.1) Entrevista com Joaquim, reideiro, 1983

8.2) Entrevista com Edson, metalúrgico, Zélia e Maria Joana, metalúrgica 1984

9) Trajetórias de mulheres migrantes

Jaqueline Martins

9.1) Entrevista com Adelaide, rendeira, 1983

9.2) Entrevista com Ivone, comerciante, 1983

PARTE III

EXPERIÊNCIAS DOS MIGRANTES: SAGACIDADE E ASTÚCIAS

10) Manha de migrante

Verena Sevá Nogueira

Thiago Romeu de Souza

10.1) Entrevistas com Luís, metalúrgico e pequeno proprietário, 1984

10.2) Entrevistas com Luís, pequeno proprietário, Elias, Jailson, David, Nair e Efraim, 2013

10.3) Entrevista com Luís, Francisca e David, 2014

Glossário

Bibliografia

Sobre os autores

Página final

PREFÁCIO

Pe. Alfredo J. Gonçalves

Vozes que se levantam do chão

As pesquisas reunidas nesta rica coletânea – com o título “Tecendo vidas e sonhos” – mergulham suas raízes mais profundas num solo ambíguo: deserto e fecundo ao mesmo tempo. Com o auxílio da literatura regionalista nordestina, quando nos referimos ao deserto, podemos tomar como exemplo os quadros rudes e pungentes da obra “Vidas secas”, de Graciliano Ramos, onde os retirantes, a cada esquina, se deparam com o sofrimento e a tragédia, num caminho sem retorno e com a esperança praticamente extinta. O termo fecundo, por sua vez, nos faz acompanhar o poema e a viagem de João Cabral de Melo Neto nas páginas de “Morte e vida Severina”, do sertão para a zona da mata, passando pelo agreste. Neste caso, mesmo tropeçando com a morte em cada curva do caminho, ao final prevalece o sonho natalício da vida, frágil, mas revestida de luz.

Saber escutar com o coração

Desde o ponto de vista científico, e no cenário abrangente do fenômeno migratório, as entrevistas de Marilda Aparecida Menezes comportam três características absolutamente indispensáveis ao que se convencionou chamar de “histórias de vida”: a) uma escuta qualificada, onde o migrante tem a possibilidade de se expressar, de forma livre e direta, a partir da própria trajetória e experiência de vida; b) uma ponte origem-destino entre os lugares de saída e de chegada dos respectivos migrantes, na luta por um lugar ao sol; e c) uma honesta empatia com essas vozes que, levantando-se do chão, clamam pelo céu azul da justiça e da paz.

A escuta qualificada pressupõe o respeito incondicional diante de quem fala. Verbalizar é sempre uma forma de exorcizar feridas, sombras e fantasmas que rondam o passado, o que requer tempo e método adequados. O modo de ver a própria existência, com o mapa aparentemente incongruente de suas trajetórias, com suas idas e vindas, tem prioridade sobre a interpretação do entrevistador. Daí a necessidade da gravação, da transcrição e da fidelidade à sua palavra originária e primordial, como veremos no decorrer destas páginas. Nelas, desfilam diante do leitor, nomes e sobrenomes, rostos, histórias, saudades e lembranças revistas de lágrimas, suor e sangue.

O fenômeno das migrações, de uma forma ou de outra, ocorre entre dois ou mais polos. Lugar de saída e (às vezes lugares) de chegada. Se é certo que o migrante, em seu vaivém, constrói uma ponte de sobrevivência entre a terra natal e a região/país para onde transporta seus sonhos, também é correta a preocupação do estudioso ou agente sócio-pastoral em construir uma espécie de ponte origem-destino de tais deslocamentos, no sentido de melhor compreendê-los em sua complexidade. Disso resulta, como logo se verá, o “encontro com pessoas nos dois espaços – Sertão Paraibano e ABC paulista – distantes fisicamente, mas com elos sociais de proximidade”.

No contato vivo com os migrantes, a honesta empatia para com suas experiências, sejam elas bem ou mal sucedidas, consiste em uma forma de compromisso para com a verdade daquilo que o outro tem a dizer. Marilda escreve: “me apaixonei desde então pelo trabalho de campo, em conhecer os lugares de trabalho e vida nas áreas rurais e urbanas; ouvir e dialogar com as pessoas”. Voltamos, assim, à escuta qualificada, onde o diálogo com o outro, embora mantendo a distância científica, substitui a indiferença pelo afeto e a solidariedade. Se, por uma perspectiva, o outro tem sua palavra e esta não pode ser distorcida e menos ainda falsificada,

de outra, a mesma palavra pode ser situada e potencializada no quadro mais amplo de determinado momento histórico.

Urbano e rural, fronteiras fluídas

Em “Tecendo vidas e sonhos”, evidencia-se um aspecto relevante no campo das migrações: a relação e o intercâmbio recíproco entre o campo e a cidade. Ou seja, o universo urbano não coincide com os limites da cidade. Ele a inclui, mas a ultrapassa. Tem-se presente, de imediato, que a expressão universo urbano aponta não para um conceito geográfico-territorial, mas para um modo de ser, uma visão de mundo ou uma mentalidade, hoje predominante no mundo contemporâneo. A bem dizer, tem linguagem própria, valores e expressões culturais distintas, que tendem a se estender tanto à cidade quanto nos recantos mais longínquos do mundo rural. Por uma parte, não é difícil encontrar no sertão da Paraíba, e de outros estados, modos de ser, de falar, de vestir típicos do meio urbano; e inversamente, com frequência podemos encontrar no centro das metrópoles núcleos rurais em que se preservam os costumes “lá do Norte”.

Dois exemplos pessoais, se me permitem os autores e os leitores. Por cerca de dez anos, exerci um trabalho pastoral na favela do Iguazu, localizada na zona leste de São Paulo. A quase totalidade de seus moradores originava-se de Serra Talhada, sertão de Pernambuco. Depois, por cerca de cinco anos, trabalhei num cortiço da rua do Carmo, centro de São Paulo, porta de entrada para os baianos que chegavam do município de Ipirá, Bahia, os quais, em geral, trabalhavam nos serviços domésticos, as mulheres, e na construção civil, os homens.

Nos dois casos, ao entrar naqueles ambientes, era nítida a sensação de ser transportado para o sertão de Pernambuco e da Bahia, respectivamente. Na favela e no cortiço, o modo de falar, as notícias que

circulavam e as novidades que podiam interessar mais intimamente as pessoas provinham do lugar de origem. Notava-se, entre origem e destino, uma comunicação intensa e recíproca, seja por carta ou por telefone. Falava-se, respectivamente, uma espécie de “pernambucês ou baianês”, se nos é lícito falar deste modo. Certa vez, ao fazer uma viagem de São Paulo a Ipirá, na ida, levei uma dúzia de cartas, vários recados e lembrancinhas notadamente religiosas; na volta, vim carregado de bolos, biscoitos, rapadura, queijo, entre outras iguarias da região.

No coração e na periferia da maior metrópole do país, o nordestino reproduz o “universo rural”, ao mesmo tempo que, quando visita os parentes nos lugares de origem, introduz aí valores e símbolos do “universo urbano”. Recorrendo uma vez mais à literatura, faz lembrar a obra “Quarto de despejo”, de Carolina Maria de Jesus. Em uma frase, urbano e rural são dois modos de ser que se entrelaçam, se mesclam, se fundem e se fecundam. não somente através da televisão, do rádio, do telefone ou agora da Internet, mas sobretudo pelo vaivém dos migrantes.

Fuga que se converte em busca

O olhar do analista sobre o fenômeno das migrações, e em particular sobre o migrante, tende a carregar as tintas na vitimização deste último. Evidente que, entre as motivações que levam grande parte das pessoas a deixar a própria terra natal, estão a violência, seja ela de caráter religioso, político ou ideológico; a pobreza, como carência de bens estritamente necessários; a falta de oportunidades, no que diz respeito ao trabalho, à educação e à saúde, o que pode degenerar em doenças, miséria e fome; as catástrofes climáticas, cada vez mais extremadas, como estiagens e inundações. Em tudo isso, sem dúvida, o migrante torna-se uma vítima das adversidades que vão se somando até decidi-lo pela migração.

Marilda Aparecida Menezes e Jaime Santos Junior, entretanto, mostram que todo migrante, mesmo cercado das circunstâncias mais adversas, sempre encontrará espaço para dizer sua palavra. Em última instância, e não obstante os obstáculos, cabe a ele o “sim” ou “não” sobre ficar ou partir. Ao direito de migrar, com efeito, corresponde o direito geminado de permanecer. Sem desconhecer os fatores de expulsão, nem a dificuldade de manter uma cidadania originária, os autores têm presente alguns aspectos que fazem do migrante não apenas uma vítima, mas também um sujeito e artífice da própria trajetória, como também um protagonista e um profeta da história. Em lugar de uma atitude meramente passiva, não raro, o migrante sabe como fazer da fuga uma forma de nova busca, usando as pedras do caminho como degraus para seguir em frente. Os aspectos que se seguem encontram-se interligados na travessia dos migrantes. Se os separamos momentaneamente, é porque apresentam características convergentes, sim, mas diferenciadas.

Migrante sujeito. Certo, sua fala pode ser ambígua e enganosa. Quantas vezes ele repetirá que, num determinado dia, mês e ano decidiu partir e enfrentar nova vida em outro lugar! É notório que, por trás dessa decisão, uma série de fatores convergem para levá-lo a sair, quer de forma temporária, quer definitivamente. Uma coisa, porém, não dá para escamotear. Por que tantos outros, em lugar de fazer o mesmo, permaneceram agarrados ao solo e à pátria? Em outros termos, por mais que os riscos e adversidades cresçam ao seu redor, sempre resta uma razão própria, única e irrepetível que o faz tomar a decisão pessoal ou familiar. Neste caso, não se trata de assegurar maior ou menor tenacidade a quem parte ou a quem resolve permanecer. Em meio a determinadas encruzilhadas, ambas as decisões – migrar ou ficar – exigem grande dose de coragem.

Migrante artífice. No ABC paulista, são muitos os prédios, comércios, casas, estradas e bairros inteiros que se devem à contribuição dos paraibanos e dos nordestinos em geral. Lágrimas, suor e sangue de inúmeros migrantes, nos centros urbanos ou nas periferias, estão sepultadas juntamente com seus restos mortais. Não é só isso, contudo, que torna o migrante um artífice das relações sociais, de culturas e até de civilizações. Para além dos tijolos, edifícios e objetos fabricados, para além de vidas quebradas, existem as expressões religiosas e culturais que enriquecem a sociedade que os recebe. Os valores de uma e de outra cultura, ao se encontrar, se confrontar e entrar em diálogo, podem depurar seus vícios, purificar o que há de mais sagrado em cada uma delas. O encontro sempre oportuniza um recíproco enriquecimento. Todo hóspede é também anfitrião: recebe e oferece dons e dádivas.

Migrante protagonista. Ultrapassar os limites da própria região é abrir novos caminhos, ampliar horizontes mais amplos. O futuro e o incógnit costumam nos amarrar pelas correntes do medo. A coragem para enfrentar esses dois desconhecidos, somada à tenacidade e à teimosia, cortam veredas no grande sertão urbano, parafraseando Guimarães Rosa. Os migrantes deixam suas digitais tanto no sertão paraibano quanto nas ruas e praças do ABC paulista, lá e cá, tecendo vidas e sonhos. Por isso é que, de uma maneira ou de outra, romper fronteiras é quebrar grilhões, numa perspectiva libertadora de um futuro sem exploração nem escravidão. Aventurar-se numa travessia “por mares nunca dantes navegados” (Camões, 2008, p. 17), para usar a expressão do poeta português Luiz de Camões, é cimentar as rotas do amanhã, quem sabe de um amanhã recriado. Com razão diz outro poeta: “Caminheiro, não há caminho; o caminho se faz caminhando” (s.n.).

Migrante profeta. Nas páginas bíblicas, o profeta do Antigo Testamento é o mensageiro de Deus que denuncia os males e injustiças

e, ao mesmo tempo, anuncia os novos tempos da libertação e da salvação. No universo indígena, trata-se de buscar “a terra sem males”. Nos escritos de Karl Marx e F. Engels, entre outros, vislumbra-se o horizonte de uma sociedade comunitária. Assim, o migrante pelo simples fato de migrar, implícita ou explicitamente, denuncia, mais do que a estiagem e a seca, a cerca; isto é, a estrutura fundiária do sertão nordestino que, privilegiando os grandes proprietários, lhe negou o status de uma cidadania plena, digna e justa. Denuncia também os lugares de trânsito, com suas leis e fronteiras pavimentadas pela violação dos direitos humanos.

Por outro lado, o migrante anuncia na região de destino, de modo particular o sudeste brasileiro para o “nortista”, a necessidade de mudanças urgentes e profundas nas relações trabalhistas, na economia do lucro e da acumulação capitalista e na distribuição da renda e da riqueza. Assimetrias e desigualdades sociais entre regiões e povos constituem uma das causas mais frequentes do êxodo em massa. Os trabalhadores e trabalhadoras correm atrás dos ventos do capital, tentando a própria sobrevivência com as migalhas que caem da mesa de um punhado de milionários ou bilionários.

O ato de migrar por si só interpela o status quo da ordem regional, mundial e internacional: os passos do migrante, ainda que titubeantes, apontam para a urgência de abrir portas de acesso a um mundo de justiça e dignidade. O Papa Francisco tem denunciado a “globalização da indiferença, nesta economia que exclui, descarta e mata”, a qual, ainda segundo o pontífice, deve ser superada pela “cultura do encontro, do diálogo, do confronto e da solidariedade” (Papa Francisco, carta encíclica *Laudato Si*). E faz questão de acrescentar o “cuidado com nossa casa comum”.

APRESENTAÇÃO

Ivan Targino

O livro *Tecendo vidas e sonhos* de Marilda Menezes e Jaime Santos Junior constitui um verdadeiro tesouro para quem deseja conhecer a realidade do processo migratório do sertanejo em direção a São Paulo na segunda metade do século XX, a partir da vivência e do conhecimento dos seus principais atores. Ele compreende entrevistas realizadas pela Professora Marilda Menezes no Sertão paraibano (pólo de origem dos migrantes) e em São Paulo (pólo de destino dos migrantes) que buscavam apreender a dinâmica desse processo migratório. A chamada análise acadêmica dessas histórias de vida já foi objeto de trabalhos realizados pela Professora Marilda, com a competência e argúcia analítica que lhe são reconhecidas, particularmente na sua dissertação de mestrado (“Da Paraíba pra São Paulo e de São Paulo pra Paraíba: migração, família e reprodução da força de trabalho”). No entanto, as histórias reveladas nas entrevistas que compõem esse livro têm um outro sabor: o da realidade vivida e refletida por aqueles que a vivenciaram. Sonhos e desencantos dos que buscaram uma saída de uma realidade opressora em que estavam mergulhados. Embora o objetivo principal da realização das entrevistas fosse desvendar os fios que compunham a malha da rede do processo migratório, elas nos fornecem muito mais.

Na realidade, elas nos permitem mergulhar na realidade de um “nordeste profundo”, evidenciado pelas agruras vivenciadas por mulheres e homens nordestinos no contexto de uma realidade ainda não totalmente superada, mas que naqueles momentos ainda não tinham sofrido as profundas modificações que se verificaram nas décadas seguintes. A riqueza do livro reside, precisamente, no fato do

desnudamento dessa realidade estar sendo feito pelo entendimento dos seus principais atores e não estar sendo mediada pela interpretação da análise acadêmica, sem desmerecer esta última.

Que aspectos deste “nordeste profundo” nos são desvendados pelo conjunto das entrevistas realizadas? Dentre os assuntos abordados podem ser destacados: a) as frentes de emergência, abordando a sua dinâmica, o papel dos fiscais no controle dos dias trabalhados beneficiando os conhecidos, as doenças contraídas pelos flagelados, a indicação das obras a serem realizadas e a qualidade das mesmas, as exigências dos horários de trabalho, a submissão dos trabalhadores aos interesses dos comerciantes instalados nas frentes de trabalho etc.; b) a estrutura fundiária e o seu papel na determinação dos fluxos migratórios; c) a dinâmica das migrações, ressaltando as suas causas estruturais (sociais e econômicas); d) a contribuição da migração para o sustento dos que ficam, refletindo a importância dos laços familiares na dinâmica da vida da população sertaneja; e) condições de inserção do migrante no mercado de trabalho urbano; f) financiamento da viagem, processo de acolhida no polo de destino por familiares e amigos; g) organização da produção familiar, com especificação dos papéis desempenhados por cada membro, assim como os tipos de produtos gerados seja pela agricultura seja pela pecuária; g) as diferentes formas de sujeição aos donos da terra que vão desde o pagamento pelo acesso à terra (parceria, arrendamento e sistema de morada), à solicitação de crédito vinculado à venda na folha do algodão, levando a discussão entre endividamento e liberdade ; g) as mudanças nas relações de trabalho induzidas fortemente pelo processo de pecuarização; h) as dimensões culturais da vida social que reforçam os laços de subordinação aos donos da terra e ao poder local; i) a visão de mundo plasmada pela vivência religiosa, que reforça o conformismo e a subordinação ao mando fundiário e político; j) a necessidade da

intervenção do Estado através de políticas relacionadas com a reforma agrária e com as condições de exploração da terra, que possibilitem a melhoria nas condições de vida dos trabalhadores e trabalhadoras sertanejas.

O elenco de aspectos da vida acima lembrados e que estão contidos nas entrevistas desperta o encantamento do leitor. Porém, mais do que a diversidade das dimensões abordadas, o leitor será, certamente, arrebatado pela profundidade e consciência com que são apresentados e discutidos pelos entrevistados. Aqui vale, mais uma vez, lembrar a perícia com que a Professora Marilda conduziu as entrevistas. Não menos importante, os organizadores deram uma estruturação à sequência das entrevistas que só fez realçar a riqueza das mesmas.

Por fim, ousou dizer que se a realidade sertaneja tão bem descrita pelos romances regionalistas e pelas análises acadêmicas podem até aprisionar as nossas mentes, o conjunto das entrevistas que compõem este livro pode fazer muito mais: cativar as nossas vontades e corações, impulsionando-nos a um engajamento efetivo pela transformação das condições aviltantes em que esses sertanejos ainda veem mergulhadas as suas vidas, de modo que as suas esperanças possam ser transformadas em realidade.

Parabéns à Marilda Menezes e ao Jaime Santos Junior pelo livro. Mais do que isso, fica a sensação de agradecimento pelo presente que proporcionam ao leitor.

INTRODUÇÃO

Marilda Menezes

Em minha trajetória de pesquisa, tive oportunidade de ouvir, gravar, transcrever, analisar as vozes/falas narrativas de inúmeros homens e mulheres, – agricultoras (es), trabalhadores (as) do campo e da cidade; jovens e idosos (as). Os textos construídos na interlocução entre os (as) entrevistados (as) e os (as) entrevistadores (as) constituíram documentos centrais para a fundamentação e construção da escrita de textos acadêmicos. Eles foram recortados, fragmentados e interpretados em diálogo com nosso quadro teórico- conceitual. Isso é constituinte do exercício de nosso ofício de cientista social.

Ao revisitar as entrevistas realizadas no período de 1980-84 após cerca de 30 anos, fiquei emocionada e sensibilizada com a sabedoria, beleza, profundidade e sagacidade dos (as) narradores (as). O universo pesquisado foi 30 famílias, 65 horas de gravação, em que entrevistei os pais e mães nos municípios de Bonito de Santa Fé, Monte Horebe e São José de Piranhas, microrregião do Sertão de Cajazeiras, Estado da Paraíba e os filhos e as filhas, que migraram principalmente nas décadas de 1960/70 para a região do ABC, São Paulo e residiam em favelas e bairros dos municípios de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul. Observei que se destacavam duas trajetórias migratórias. Havia os que retornaram aos seus municípios no Estado da Paraíba e os que ficaram na região do ABC Paulista, com retornos esporádicos para visitar familiares.

Fui sendo convencida que era um importante registro de memórias do trabalho e vida de mulheres e homens – agricultores, trabalhadores – e merecia ser divulgado. Tratava-se de um material valioso de registro, não só das transformações que estavam ocorrendo no Sertão Paraibano e

na região do ABC Paulista naquele período, mas também, das percepções, representações, interpretações dos narradores. São textos analíticos e literários de suas realidades sócio-históricas, que mereciam ser publicizados assim como os textos acadêmicos.

O encontro com as personagens desse livro começou em 1978 quando estava concluindo a graduação em Ciências Sociais em Santo André (SP) e participei de um curso de alfabetização de adultos com o método Paulo Freire, junto de migrantes paraibanos, na Favela da Vila das Carpas. Essa atividade foi promovida pela “Sociedade de Amigos dos Bairros Unidos” do Jardim Stella, Santo André. No curso, fui iniciada no universo cultural e linguístico do Sertão Paraibano, aos temas da seca, meeiro, morador, algodão, açude eram recorrentes nos diálogos entre as(os) alfabetizadas(os) e as(os) monitoras(es). Por suas mãos, fui conduzida, a partir de 1980, às localidades – sítios, povoados, distritos, bairros dos municípios de São José de Piranhas, Bonito de Santa Fé e Monte Horebe. Lá, fui recebida com afago, generosidade, disponibilidade, hospitalidade pelos pais, mães, irmãos e irmãs, além de outros parentes e amigos dos migrantes que eu conhecia na região do ABC Paulista.

Foi nesse encontro com pessoas nos dois espaços – Sertão Paraibano e ABC Paulista, distantes fisicamente, mas com elos sociais de proximidade – que estão as raízes de minha formação como pesquisadora em Ciências Sociais. Foram muitos aprendizados. Apenas para citar alguns, sobre as condições de vida do morador, do rendeiro; do algodão arbóreo e herbáceo, da seca, das formas de convivência com o semiárido, das dores e esperanças dos pais e mães ao verem seus filhos e filhas partirem de casa; das condições de trabalho dos migrantes nas metalúrgicas da região do ABC, de suas redes de ajuda mútua entre conterrâneos, dos encontros entre amigos e parentes nos finais de

semana. Aprendemos muito, também, da arte da escuta, da rica linguagem oral, dos termos nativos.

Me apaixonei desde então pelo trabalho de campo, em conhecer os lugares de trabalho e vida nas áreas rurais e urbanas; ouvir e dialogar com as pessoas.

No ano de 2007, após vinte e quatro anos, retornei aos mesmos locais no Sertão Paraibano para tentar localizar pessoas que havia entrevistado na década de 1980. Encontrei apenas o Senhor Luís – presente no último capítulo desse livro – que havia entrevistado em 1983 em São Bernardo do Campo. Ao contatar o Sindicato dos Trabalhadores Rurais, tomei conhecimento do número significativo de trabalhadores que estavam indo trabalhar no corte de cana-de-açúcar em usinas do Estado de São Paulo. Essa realidade me interpelava e me conduziu para diversas pesquisas no período de 2007 a 2017.

De 2013 a 2016, realizamos a pesquisa: “Memórias de trabalhadores migrantes nordestinos na região do ABC paulista: 1950-1970”. Entre 2017 e 2021 demos continuidade a pesquisa sobre memórias com o projeto “Trabalho e família: memória dos migrantes no Sertão Paraibano e no ABC Paulista”. Em ambas as pesquisas revisitamos os entrevistados realizadas no período de 1980 a 1984 e realizamos novas conversas com mulheres e homens que permaneceram na região do ABC e com alguns que haviam retornado para o Sertão Paraibano. Esse exercício metodológico resultou em alguns artigos e capítulos de livros (Santos Junior *et al.*, 2021a; Santos Junior *et al.*, 2021b; Santos Junior *et al.*, 2019; Thibes *et al.*, 2018).

A decisão de publicar as entrevistas foi um longo caminho, de alguns anos, em que avancei e recuei várias vezes, tanto pelo trabalho que exigia de edição, quanto sobre dúvidas quanto ao formato de edição, para que propósitos e a quem interessaria. Mas, cada vez que relia as

entrevistas, revivia a emoção e admiração pela riqueza do texto. Finalmente, inspirada pela coragem dos que saíram de suas localidades para enfrentar o mundo, decidi levar em frente a seleção de entrevistas, edição e organização do livro. Não se trata aqui de “dar voz” aos nossos personagens, mas sim de colocá-las no espaço público. Como nos diz Portelli (2010, p.3):

Com frequência se diz que, na História Oral, damos voz aos sem voz. Não é assim. Se não tivessem voz, não teríamos nada a gravar, não teríamos nada a escutar. Os excluídos, os marginalizados, os sem-poder sim, têm voz, mas não há ninguém que os escute. Essa voz está incluída num espaço limitado. O que fazemos é recolher essa voz, amplificá-la e levá-la ao espaço público do discurso e da palavra. Isso é um trabalho político, porque tem a ver não só com o direito à palavra, o direito básico de falar, mas com o direito de falar e de que se faça caso, de falar e ser ouvido, ser escutado, e ter um papel no discurso público e nas instituições políticas, na democracia.

Diferentemente de personagens das elites, as vozes de pessoas “de baixo” (Thompson, 1987), raramente são registradas. Ao torná-las públicas, esperamos contribuir em dar visibilidade à sua agência, ou seja, como esses homens e mulheres, aos quais se negou historicamente terra, escolaridade, acesso à saúde, respeito, labutam e lutam cotidianamente para trabalhar e conduzir a vida de suas famílias com dignidade. Equilibrando-se em um fio tênue de exploração, dominação, aceitação, submissão, as mulheres e homens tecem valores, formas de consciência e resistência cotidiana (Scott, 1990, 2002).

Seguindo a inspiração de Bozzoli em seu livro sobre história oral de mulheres camponesas e migrantes na África do Sul, diríamos que nosso propósito, a partir da publicação das entrevistas, não é uma ilustração dos processos econômicos, sociais e políticos mais amplos, mas sim como a consciência cotidiana é gestada na vida pessoal, da família, comunidade, trabalho e sociabilidades. Nas palavras de Bozzoli (1991, p. 3):

This is not a study of broad patterns of political and social power, where experience is merely illustrative of wider points; of how interviews can help us understand “what really happened”; or of the opinions of people about certain predefined issues. Rather it is an exploration of one of the more intimate private domains within which power is fought over, and consciousness born- those of personal life, family, community, and experience.

Sobre como fazer a apresentação e organização das entrevistas no livro, pensamos, em um primeiro momento, apenas realizar o trabalho de edição das entrevistas e distribuí-las em sequência, com uma introdução geral. Seria um formato similar ao “Livro Histórias de Migrantes” (Menezes, 1992). Nesse caso, trataria de um registro de memórias de mulheres e homens, agricultores (as) e trabalhadores (as), que poderia interessar tanto ao público mais geral quanto a pesquisadores (as) como fonte de pesquisa. Ao sentir que as narrativas nos provocam a pensar sobre temas, conceitos, experiências, pensamos que seria interessante que cada entrevista fosse precedida de um comentário reflexivo.

O trabalho de organização do livro passou a ser pensado, então, como uma produção coletiva, que envolvesse pesquisadores (as) que estudaram a região do Sertão Paraibano, as migrações do nordeste para São Paulo, ou outros temas relativos aos contextos históricos vivenciados pelos narradores. Assim, cada capítulo inicia-se com a introdução de um (a) pesquisador e em seguida estão as entrevistas.

Quanto a estrutura do livro, trata-se de uma seleção de entrevistas do período de 1980 a 1984. Foram 24 entrevistas com agricultores, sendo 9 pequenos proprietários, 10 moradores¹ e 5 rendeiros e 14 entrevistas com filhos (as) que migraram para a região do ABC Paulista nas décadas de 1950 a 1970, sendo 11 homens e 3 mulheres. Estruturamos o livro em três partes: a primeira com conversas com quatro agricultores, pais de migrantes; a segunda parte é composta por cinco grupos de entrevistados, sendo os pais no Sertão Paraibano e seus filhos e filhas na

região do ABC Paulista e a última parte é composta por 3 conversas com um personagem principal, Luís, esposa e amigos, realizada em momentos diferentes, em 1983 em São Bernardo do Campo, e, em 2013 e 2014, em São José de Piranhas.

As entrevistas da década de 1980 estavam todas transcritas em manuscrito ou máquina de escrever pela entrevistadora Marilda A. Menezes, logo após a sua realização. Essa versão foi digitada e revisada por nós. Naquele momento, não tínhamos orientações de transcrição como tivemos após a década de 1990, com a publicação de vários manuais de História Oral (Alberti, 2005; Meihy, 2003; Freitas, 2006), mas a transcrição se orientou pela aproximação da oralidade. Na edição, mantivemos o texto transcrito, com algumas modificações para evitar uma escrita caricaturizada dos narradores (Whitaker, 1995), como eliminar palavras, frases incompreensíveis; corrigir, eventualmente, tempos de verbo; quando necessário, adicionar explicação entre parênteses. Mantivemos as palavras nativas, do universo de linguagem das personagens, explicando-as em um Glossário.

O trabalho de edição das entrevistas é uma tarefa árdua, e nós somos mediadores na passagem da oralidade para o texto transcrito e para a edição. Se, de um lado, temos a autonomia de intervir no texto, o que, sem dúvida, nos coloca em uma posição de poder, de outro lado, temos a responsabilidade com a linguagem do narrador e sua subjetividade. É um equilíbrio difícil que envolve riscos e exige vigilância sobre nossa intervenção no texto, como nos ensina Portelli (2010, p. 7-8):

Há uma linha muito complexa, muito difícil, entre o respeito para com a expressão oral, em que está muito do poder comunicativo, e o desejo dos entrevistados de não aparecer como se não fossem capazes de falar corretamente. Sendo assim, a negociação que começara na entrevista prossegue na transcrição e, sobretudo, na maneira como editamos essas palavras que são alheias, que não pertencem a nós, em como as apresentamos publicamente.

Uma alternativa seria enviar aos entrevistados a transcrição e edição para revisão, porém no nosso caso, isso não foi possível, porque já não temos contato e alguns já não estão vivos. A exceção é o décimo entrevistado que conversamos em 1983, em São Bernardo do Campo, e em 2013 e 2014 em São José de Piranhas. A edição com as três entrevistas foi encaminhada ao seu filho, que é professor do ensino fundamental e médio. Ele leu cuidadosamente, sugeriu cortes e algumas modificações, deixando claro que a decisão seria nossa. Examinamos suas sugestões, aceitamos algumas e outras não. Encaminhamos novamente o texto com anotações do que aceitamos e justificando o que não aceitamos. Esse é um caso, portanto, em que há uma edição compartilhada e consensuada.

Quanto aos nomes dos personagens entrevistados, resolvemos publicar com nomes anônimos, por três motivos principais. Primeiro, não temos Carta de cessão de direitos da entrevista, o que na época, década de 1980, não era utilizada. Segundo, tentamos localizar algumas pessoas e não conseguimos e, terceiro, mantivemos os nomes das localidades – sítios, povoados, distritos, bairros, municípios. Como são comunidades com laços sociais de proximidade – de família, vizinhos, amigos, se os nomes originais são publicados, elas seriam facilmente identificados. Adotamos o mesmo critério para nomes citados nas entrevistas de membros da família, políticos, proprietários de terra, patrões e outras (os).

Gostaríamos que essa publicação alcançasse cada uma dessas pessoas que nos receberam em suas casas e generosamente se disponibilizaram a registrar sua voz. Mas se passaram 40 anos, e muitas delas já faleceram. Algumas dessas pessoas estariam atualmente na faixa etária de 100 anos. O registro dessas memórias, de certo modo, eterniza, não propriamente como foram suas vidas, mas como elas narraram sobre diversos aspectos

do trabalho, da família, das relações com os patrões, entre outros temas, eventos e experiências.

Nota

1. “Morador” é uma categoria nativa e de grande importância no meio social em estudo. Analisando essa categoria para o caso da Zona da Mata Palmeira nos diz: “Quando o trabalhador potencial procura um engenho, antes de pedir trabalho, o que ele procura é a casa. Mas não é qualquer casa, no sentido que nós damos a essa palavra, que ele procura, mas sim casa de morada, uma casa que permita o sustento dele e de sua família e lhe assegure certas vantagens no engenho, além de lhe abrir certas possibilidades como a do usufruto de um sítio. (...) Com a casa, o morador recebe trabalho (e será um morador de condição) e ou terra (e será um morador-foreiro), mas, em qualquer dos casos (e mesmo que o morador de condição não recebe sítio), a casa representa mais do que a simples construção e inclui sempre um terreiro, chão de terra ou fundo de casa que lhe é coextensivo, que é uma peça da casa. Isso é percebido como “natural” e não precisa ser explicitado no “contrato” de moradia. O proprietário não reconhecer isso significa um desrespeito intolerável às regras do jogo, como fica evidenciado nas queixas generalizadas dos trabalhadores, de que os proprietários estão plantando cana “dentro da casa dos moradores” ou, na formulação inversa daqueles para quem as regras da morada representam uma espécie de imperativo absoluto: “em todo lugar que eu moro, eu planto” (Palmeira, 2009, p. 205-6). Andrade (1998, p. 188) ao falar sobre a condição do morador no Sertão nos diz: a “sujeição” típica da região da Mata, também é encontrada no Agreste e no Sertão. Por ela os foreiros se obrigam a dar ao dono da terra um dia semanal de trabalho gratuito. É o famoso “cambão” contra o qual tão ingentemente lutavam as Ligas Camponesas (...) Devemos lembrar ainda que, plantando em região seca, estão os agricultores sujeitos a perder o trabalho se o “inverno” não for regular, o que ocasiona frequentes prejuízos. O arbítrio do proprietário também funciona como espada de Dâmocles sobre a cabeça do agricultor, de vez que ele, não tendo contrato escrito, não possui garantias de permanência na terra, podendo a qualquer momento ser despedido e ter de procurar área para trabalhar em condições idênticas em outra fazenda”.

1. EM CORES VIVAS

Jaime Santos Júnior

Quem já leu o romance *Fogo Morto*, de José Lins do Rego, publicado em 1943, livro que fecha o chamado “ciclo da cana” e que teve início com a publicação de *Menino de Engenho*, em 1932, não tardará a perceber um registro diferenciado das memórias dos personagens ali presentes. Recordemos que o livro se divide em três partes: a primeira, intitulada “O mestre José Amaro”; a segunda, “O engenho de seu Lula”; e a terceira, “O Capitão Vitorino”. O ficcionista escreve de maneira eloquente que a gente simples não é dado o direito à memória. O que traduz, em fabulação, intrincadas discussões teóricas sobre a escrita da história e, conseqüentemente, da compreensão de imaginários e práticas sociais dos que, não raro, são lidos como espectadores da grande História. São frações da população cujos modos de vida dependem o mais das vezes da oralidade, frágil esteio para as lembranças; não tendo as suas vidas contadas em documentos, bens materiais, linhagens ou acontecimentos tidos como importantes.

Observador arguto da realidade na qual estava inserido, Lins do Rego dá tintas a um seleiro que trabalhava na arte do couro e vivia na beira da estrada em terras do engenho de Seu Lula – depois expulso –, mas que, como quero destacar, tem a sua vida registrada em período curto, não se retrocede no tempo para falar das origens familiares, e permanecemos rente ao tempo em que se passa a ação. Não se observa na vida do mestre José Amaro a referência a linhagens familiares, posses, e tudo se resume ao espectro do cotidiano. Bem distante disso está a versão dada ao personagem Luís César de Holanda Chacon, Seu Lula, que herda o Engenho Santa Fé ao casar-se com a filha do Capitão Tomás Cabral de

Melo, quando o narrador promove um longo retorno temporal que remete à construção do engenho, onde linhagens e posses são arroladas.

Aqui radica, quero crer, a potência desse livro que ajudei a organizar. O que chega ao leitor são relatos em primeira pessoa sobre profundas transformações que cingiram a face do Brasil, notadamente a região Nordeste. Elas dizem respeito às agruras impostas pela seca e pelas limitações das condições de sobrevivência em face da carência de terras para o cultivo, da extinção do regime de morada e o trânsito para a mercantilização dessa força de trabalho que passa a incluir, entre as estratégias de sobrevivência, grandes deslocamentos para outras regiões do país como recurso para encontrar o que o lugar em que viviam não mais lhes dava.

Mas seria temeroso tomar os relatos como histórias de ausências, porque são igualmente vivas, ecoam como gritos de resistência e dão provas da astúcia que representa o desafio de conciliar o inconciliável, quando se deseja, ainda que por vezes como quimera, ir além da sobrevivência para encontrar os fios da vida. Passam a ter lugar, e por isso peço ao leitor que mantenha os olhos abertos, a taxonomia nativa dos termos pelo poder eloquente que nos faz ver as mudanças em curso, como no exemplar deslocamento da condição de sujeitos que nominavam os que se abrigavam no regime de morada.

O registro miúdo dos relatos nos insere no conteúdo do vivido, na dimensão da experiência enquanto percepção subjetiva, próximo da estrutura de oportunidades disponível para as famílias-caso. Nesse tom, eis que emergem as formas de mandonismo do patrão, a falta de mistura no almoço, o inverno que amplia as possibilidades de sobrevivência e manutenção da vida, a migração e o imaginário associado à cidade grande que, como Macabéa² e Deraldo,³ – para ficarmos com o poder da arte – desconhecem as regras da gramática que regem a sociabilidade cidadina.

Quando mudamos o tom para o registro da História maior, os marcadores são outros, como o êxodo rural, a proletarização da mão de obra camponesa, a formação do operariado urbano de origem rural, a implementação dos direitos, a dinâmica econômica, para dar alguns exemplos. Mas estamos falando da mesma história, o que muda é apenas a angulação.

Facultar o acesso a um material que já foi amplamente analisado em outros trabalhos, livrá-lo da letra fria que pesa sobre a escrita científica é uma maneira de restituir o sopro de vida que anima cada entrevista, com as lágrimas, o suor e os sorrisos que vivificam cada depoimento. É, pois, de sociologia que estamos falando, que como ofício resiste à reclusão ao livro.

Se há um tributo a ser pago pelo que nos foi aquinhado, ousamos pôr em “papel passado” o que não se digna a permanecer como mero arquivo de pesquisa, para que o leitor igualmente encontre a história dos que não são ouvidos.

Nota metodológica

Ao franquear o acesso ao leitor de entrevistas colhidas em situação de pesquisa, a maior parte delas feitas em distantes quarenta anos, não queremos esmaecer que a forma de registro se iguala a uma sorte de discurso “livre”. O controle da conversa e a proposição dos temas, já é um processo de edição que não podemos nos esquivar, e ele atua nos dois sentidos. O que concede a entrevista seleciona o que será falado ao sabor de aspectos os mais diversos, seja em razão das condições do contexto de enunciação, seja em razão das similitudes e diferenças percebidas na relação entre quem pergunta (o pesquisador) e quem fala (o entrevistado). Já o entrevistador marca o encontro, apresenta o tema da prosa e coloca em papel a oralidade da fala. Acrescenta-se a isso algo

que entrou no radar dos pesquisadores das humanidades nos últimos anos, referimo-nos à discussão sobre ética na pesquisa mais detidamente pela criação de comitês de ética em pesquisa, que preveem a certificação dos projetos de pesquisa. À despeito das controvérsias que o tema suscita entre pesquisadores das ciências humanas, é importante lembrar que as entrevistas aqui apresentadas não passaram por esses trâmites, o que não tem como resultado a ausência de princípios éticos. Foi assim que ponderamos como bem-vindo a omissão dos nomes dos entrevistados. O recurso, ao que acreditamos, não implica diretamente no anonimato porque, como se verá, fornecemos vários indícios que facilmente possibilitariam a identificação das pessoas envolvidas, sobretudo pela nossa pretensão em circular o livro entre os “sujeitos” da pesquisa e seus familiares. A reserva é uma camada de proteção, uma vez que não obtivemos a autorização expressa nos termos do livre consentimento para a publicação e uso das entrevistas. Urge dizer que os acordos foram tecidos informalmente entre nós, até mesmo pelo laço afetivo que se criou. Isso certamente deprime o estilo ao anonimizar pessoas, mas queremos crer que são as suas histórias e, portanto, as suas vidas que têm lugar de destaque nesse livro.

Oferecemos ainda, ao final do livro, um pequeno glossário reunindo termos, expressões nativas que aparecem nos relatos.

Por fim, a disposição das entrevistas, separadamente ou pequenos blocos, é precedida por comentários. Sugerimos que não sejam vistos como “explicando” os relatos, mas dialogando com eles.

Fragmentos de Diários de Campo

<p>28 de Fevereiro de 1983, São José de Piranhas, Paraíba, 2^a.feira. O ônibus chegou às 5:20 horas da manhã. As 7:30: entrevista com Adelaide (Capítulo 9), às 10:00 horas peguei carro para Bonito de Santa</p>

Fé, era um opala, com bem umas dez pessoas, dois no bagageiro, tudo homem, estranhei...

Por orientação das pessoas que conheci em Monte Horebe, fui procurar o Prefeito. Chegando, atende o Agente Administrativo na entrada, que imediatamente me levou ao gabinete do Prefeito e acompanhou, também, o Secretário de Obras, e a Secretária. Por acaso, estava lá uma vereadora do Povoado de Viana. Parou-se tudo para me atender. Era “de fora” e ainda falando que é da Universidade Federal de “Campina Grande”, tem portas abertas para tudo. Fui bem segura e coloquei o problema: estávamos fazendo uma pesquisa sobre migração e precisávamos visitar alguns povoados e sítios, os quais indiquei no mapa. Foram prontos e rápidos. Segunda-feira, como era dia de feira, no mesmo instante a Vereadora foi à ela buscar os nomes da relação que estavam ali e os que não estavam. O Prefeito arrumou um jipe, abastecido com motorista e tudo prá me levar.

A prefeitura encerrava o expediente ao meio-dia, e eu ainda estava fazendo entrevistas, mas tudo foi preparado para que tivesse almoço “de graça” na pensão e que o motorista fosse me apanhar às 2 horas. Viajamos pelos sítios das 2 às 6 da tarde; foi ótimo o contato com as pessoas (veja entrevistas com Sitio Recanto, Sitio Bonguinha e Sítio Viana).

A estrada era péssima, de muito cascalho, de serra. Às vezes pensava que não íamos conseguir passar, mas o motorista era muito bom e o carro apropriado.

Demorou mais ou menos 35 minutos para chegarmos ao Recanto e aí localizamos os pais de Severino que havia entrevistado em Santo André, São Paulo. O pai é Virgulino e mãe Maria das Dores. Como o pai estava no roçado e só voltava depois das 4 horas, preferi fazer com a mãe. Ela me recebeu com extrema simpatia, um sorriso largo e permanente nos lábios; não senti nenhum problema com o gravador, era como não existisse. A entrevista foi relativamente rápida, mais ou menos quinze minutos de gravador, pois as respostas eram curtas e senti que não sairia muito mais informações.

Fomos para o Sítio Bonguinha, na casa de Agnaldo (Capítulo 7), pai de Augusto. É impressionante a satisfação que ele nos recebe, a mulher de

Agnaldo ficou tão contente de saber que tinha estado com seus filhos em São Paulo que me tratava como se fosse uma conhecida a muito tempo. O Agnaldo estava no roçado, no baixio e pedi para ir buscá-lo. Esperamos uns 10 minutos, que foi o tempo para me ambientar mais. Quando ele chegou, me recebeu tão bem e deu uma entrevista de forma bem descontraída. Durante a conversa, ia me falando: “mas a senhora devia ter avisado, porque nós somos pobre, mas dá prá matá um franguinho, fazer uma coisinha”. Se sentia muito satisfeito de saber notícia dos filhos de São Paulo. Quando terminou a entrevista, Agnaldo e a esposa insistiram para ficarmos, eu e o motorista, mais um pouco e esperar pela janta. Mas expliquei que não poderia, pois ainda tinha uma entrevista no Viana.

21 de Junho de 1984, São Caetano do Sul, São Paulo

Ao chegar na casa de Celino e Maria (filhos de João Romeu, Capítulo 4), na Rua Maranhão, São Caetano do Sul, na entrada (também um cortiço, só que em melhores condições do que o da Vila São José) ia entrando um rapaz com a sacola de feira. Perguntei a ele se conhecia Cicero, filho de João Romeu, mas, ao mesmo tempo, fui reconhecendo que era ele mesmo. Fiquei surpresa, pois sabendo da situação dos pais, ele me parecia muito melhor economicamente, estava bem vestido, usando, inclusive, uma correntinha de ouro. Isto, à primeira vista, é um disparate para a situação da família na Paraíba, que vi que só não chegavam a passar fome, mas viviam em condições difíceis.

A surpresa foi maior quando adentrei na casa, um local com 3 cômodos, quarto, sala, cozinha, com móveis novos na sala, sofá de veludo, tapetes, estante, aparelho de som, TV, enfim, uma sala típica da classe média urbana.

Celino também logo já sabia quem eu era, pois tinha estado pela manhã na casa de Maria Eunice, que o informou sobre mim.

Expliquei em primeiro lugar do que se tratava: que era um estudo de Sociologia, que tinha feito faculdade em Santo André, mas havia ido para a Paraíba para fazer um curso de especialização, e que neste curso a gente tinha que fazer uma pesquisa social e eu escolhi este tema, já

que também era filha de nordestinos e desde criança que vejo e convivo com o povo do Nordeste.

Ele entendeu tudo com perfeição e falou: “você que é paulista, deve ter estranhado bastante a Paraíba, mas a melhor coisa do mundo é a gente poder conhecer lugares; você ou os paulistas nem imaginava como é a vida no Norte, e agora já conhece de outros lugares. Eu sempre digo, o pessoal do norte, que nunca sai de lá, acaba morrendo inocente, sem saber do mundo”.

Isto demonstra a tonelada de experiências que a migração proporciona. “Eu quando vim do Norte prá cá, o primeiro ano vou te contar, foi uma fossa total; eu fiquei sem saber o que fazia, se separar da família, vim prá casa dos outros aqui e não de família”.

Aí demonstra o choque psicológico para o migrante na cidade grande.

Perguntei da doença do pai (o pai sofre do coração, o que soube na entrevista com ele) e ele logo disse: “eu quase fiquei doido aqui, recebi um telegrama avisando que papai tava doente e aí pensei: o jeito que tem é pedir prá mandarem embora; aí os colega falava: não faça isto, você não pode fazer nada pro teu pai, vai perder teu emprego, lá não vai ter condições. Mas, eu queria saber, falei com o chefe e ele disse: qual o problema, não tá gostando do trabalho, do salário, dos amigos? Eu disse: não, tá tudo muito bom, mas o jeito é ir embora, aí mostrei o telegrama. Acabei não indo e acontece que foi melhor mesmo. Depois mandaram me chamar prá passar dois anos no Norte prá trabalhar na colheita. O pessoal lá pensa que São Paulo é como a Paraíba, que você diz que vai fazer uma viagem amanhã e vai mesmo. Aqui prá resolver estas coisas é tudo muito mais difícil. Aí escrevi e disse: não vou não, eu mando o dinheiro prá pagar os camarada, e assim eles concordaram”.

08 de Julho de 1984, São Bernardo do Campo, São Paulo

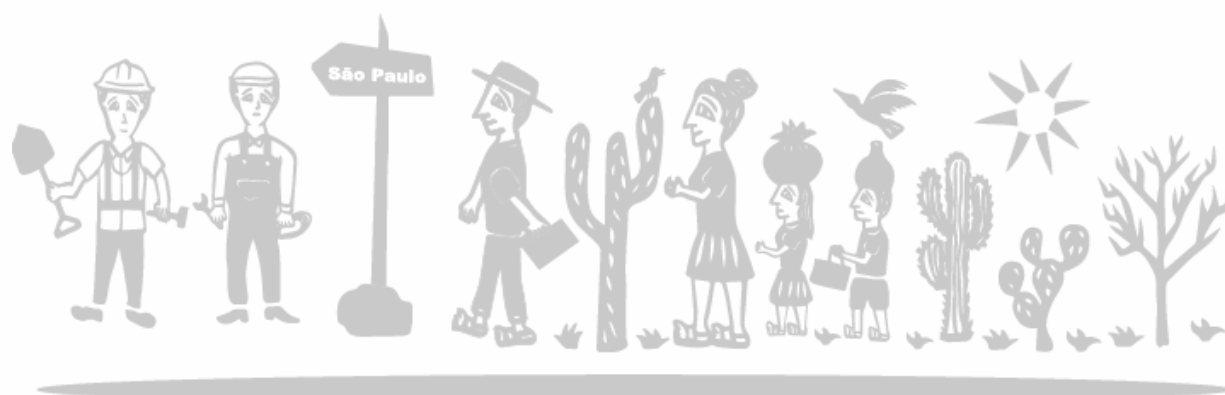
Cheguei na casa de Luís (Capítulo 10) à tarde, em torno de 15 horas. Tinha muitos parentes que estavam em um almoço de confraternização. Estavam uma irmã casada e o cunhado, que moram há 24 anos em São Paulo, na Vila Gerti, São Caetano do Sul; um primo Francisco, cuja família mora no centro de São José de Piranhas. A entrevista foi mais ou menos coletiva, mas não teve muitos aspectos interessantes. A coisa

que mais chamou a atenção é o desejo da volta de Luís, uma pessoa que está muito bem de vida comparado com outros migrantes e mesmo com outros trabalhadores radicados em São Paulo

Notas

2. Personagem do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector.
3. Personagem do filme *O homem que virou suco*, dirigido por João Batista de Andrade.

PRIMEIRA PARTE
AGRICULTORES:
TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS
E RESISTÊNCIA COTIDIANA



1) AVÔ NOBRE, PAI RICO, NETO POBRE? O CAMPONÊS SOFRE, MUDA, MIGRA, MAS RESISTE!

Aldo Manoel Branquinho Nunes

A entrevista que segue, realizada na década de 1980 com José Renato, natural de São José de Piranhas (PB), revela-nos trajetórias de vidas (sua e de seus filhos e filhas) que estão inseridas num contexto histórico de transformações sociais e econômicas que ocorreram no interior do Nordeste, com reflexos em outras regiões do Brasil. Elas envolvem processos como a concentração/desconcentração/reconcentração da estrutura fundiária, emergência/dissolução da propriedade familiar, migração, mudanças nas relações de trabalho, alterações no processo produtivo e no padrão de uso da terra e dos recursos naturais, processos de organização/sindicalização dos camponeses e trabalhadores rurais e proletarianização do campesinato.

É importante entender que o momento histórico em que ocorre a entrevista (início da década de 1980) é marcado pela crise definitiva da cotonicultura no semiárido nordestino, acompanhada também pela crise no sistema de moradia (e de outras formas de exploração da força de trabalho como a do colonato nas regiões Sul e Sudeste).

Por provocação da entrevistadora relativa à extensão de sua propriedade, José Renato inicia sua abordagem e termina guiando seu raciocínio a partir dessa chave que trata das transformações ocorridas nas estruturas fundiárias e sociais de localidades situadas no interior nordestino. Desse modo, é interessante verificar como o entrevistado realiza a descrição de como, a partir da grande seca de 1932, a família nuclear de seus pais, diante de traumática situação de risco de fome, de

pequenos proprietários tornara-se de moradores (e depois de rendeiros), vivendo de plantar milho, feijão, arroz e algodão.

Este contexto reflete, pois, no processo de emergência e crise da propriedade familiar, fruto de um quadro que envolve processos sucessivos de concentração/desconcentração/reconcentração fundiária (endêmico nos Sertões Nordestinos – como demonstramos em Nunes (2017) – explicadas também por sucessivos processos de expansão/retração econômica intercalados por sucessivos períodos de estiagens e secas). A emergência da propriedade familiar, que tem início nos séculos anteriores, e da fragmentação desta mesma propriedade ao longo do século XX, em que a grande seca de 1932 foi um marco traumático, que promoveu a dissolução da propriedade levada a cabo para assegurar a alimentação da família dos pais e irmãos do senhor José Renato.

No momento inicial da entrevista existe a interessante caracterização do processo de fragmentação das propriedades, entendida pelo entrevistado como causa da diminuição do número de moradores. O interlocutor entende que a fragmentação sucessiva das terras, que após serem repartidas perderam o caráter de “propriedade” para se tornarem mera herança, mero direito, sendo compartilhadas entre vinte ou trinta pessoas. Essa colocação permitiria à entrevistadora, se esse fosse o interesse de sua pesquisa à época, entender como as categorias jurídicas fazem ou deixam de fazer sentido com o passar do tempo.

Existe, nesse ponto, um tensionamento colocado pelo entrevistado que confronta dois modelos de sucessão, o da unigenitura (desaparecido oficialmente do ordenamento jurídico brasileiro em 1835, com o fim do instituto do morgadio) e o da igualdade entre os herdeiros. Esse tensionamento também foi tratado por Woortmann (1990), quando estudou processos migratórios entre camponeses de Sergipe, que

utilizavam tanto a migração de irmãos mais novos, quanto o casamento endogâmico entre primos, e procedimentos para evitar ou mitigar os efeitos da fragmentação das propriedades familiares.

Não custa lembrar que na segunda metade do século XIX, a economia sertaneja foi incrementada pela cultura do algodão (considerada democrática por boa parte dos autores que se ocuparam de estudar os sertões) a ponto de mudar o perfil produtivo da região. De uma situação que tinha a pecuária extensiva bovina como a principal atividade econômica, praticada por grandes proprietários de terras – descendentes dos sesmeiros que receberam concessões de terras da Coroa Portuguesa e que viram na Lei de Terras de 1850 e nos decretos de 1854 (que exigiam os Registros Paroquiais destas) uma oportunidade e forma de legalizar os domínios pré-existentes, mas também de açambarcar posses de cultivadores livres – para uma realidade em que o algodão agora como produto-rei, nos dizeres de Linhares e Teixeira da Silva (1981), permitiu a ascensão social e econômica de famílias de proprietários pobres em substituição, em casos exemplares, de parte da decadente elite pecuarista de origem sesmeira, como demonstramos em Nunes (2017).

O fato é que a cultura do algodão permitiu tanto a formação de uma nova elite agrária de origem camponesa, quanto a reestruturação de parte da elite de origem sesmeira, sob um sistema que combinava padrões produtivos, tecnologia e preços internacionais a atrasadas relações sociais de exploração do trabalho e precário assalariamento com base na moradia.

A condução da entrevistadora leva o entrevistado a dedicar parte de sua abordagem à caracterização do sistema de moradia, recorrendo à construção de uma narrativa, a partir da composição de fragmentos de memória que se atualiza e é transmitida oralmente, de geração a geração.

Trata-se, pois, de excelente material a ser analisado sob a égide das ferramentas da história oral e da história de vida.

Solicitado a tratar, de forma comparativa entre o presente e o passado, sobre as condições do morador, o senhor José Renato, ao referir-se aos percentuais da produção de milho, feijão e arroz – fixados em 50%, dado que dá o nome à relação de parceria chamada nos sertões de “meia ou meação” – de forma contraditória com outras afirmações colocadas ao longo da entrevista, emite uma opinião que classifica a situação do morador no presente como “mais fácil” que no passado. Essa contradição talvez esteja relacionada com a análise que o interlocutor faz num plano imediato, tomando como referência o curtíssimo prazo e o percentual da produção alimentar cobrada pelo patrão, que realmente pode ter diminuído, dada a diminuição da dependência relativa dos proprietários quanto às culturas alimentares nesse sistema, em plena transição (do trinômio algodão/culturas alimentares/gado, para o binômio culturas alimentares/gado). Afinal, está se tratando da década de 1980, momento em que a infraestrutura de produção e distribuição de alimentos, advindos da agroindústria situada em outras regiões do país, já era suficiente para assegurar a alimentação de quem tinha dinheiro para comprar. Dessa forma, os patrões não dependiam mais da produção dos moradores para suprirem suas necessidades alimentares.

Mas com o descortinar da entrevista, o Senhor José Renato desenha um quadro que nos ajuda a analisar o processo de transformações que implicam em mudanças reputadas como negativas para sua unidade familiar e para outras que estão na mesma situação, com as mesmas condições de trabalho (moradia) e pouca disponibilidade de terra. Se, do ponto de vista imediato, quanto à diminuição do percentual cobrado pelo patrão no que se refere às culturas alimentares, o momento é visualizado como uma situação de melhora. Do ponto de vista de longo prazo, existe

um saudosismo por parte do interlocutor quando compara passado e presente em relação às condições impostas aos moradores no que se refere à diminuição da quantidade de terras disponibilizadas a estes para plantar (e criar), e até mesmo quanto ao tratamento pessoal dispensado aos moradores pelos proprietários (educação, calma, paciência e solicitude).

O quadro comparativo que a entrevistadora constrói com o entrevistado quanto às mudanças que ocorreram no campo, que toma como referências as décadas de 1920, 1940 e 1960, ao confrontar a possibilidade de criar gado dentro da propriedade do patrão, expõe o contraditório mecanismo de classificação entre o bom/mau patrão e o bom/mau morador. Existe o compartilhamento de um código que faz a mediação entre o patrão e o morador que expressa valores ora provenientes de uma economia moral, ora baseados na economia política (com fundamentos na racionalização entre custo-benefício), que foi bem descrita por Sabourin (2009) para caracterizar o campesinato brasileiro, “entre a troca mercantil e a reciprocidade”.

O bom patrão é aquele que é, ao mesmo tempo, solícito às demandas econômicas dos moradores e que fala de forma respeitosa, não violenta, nem agressiva. O bom morador é aquele que se ocupa, sem demora, dos afazeres agrícolas (plantar e limpar a lavoura e aprontar as mangas) e não “aperreia” o patrão. O exemplo que o entrevistado dá, quanto à solicitação de legumes ou dinheiro emprestado, é guiado por uma apreciação de equilíbrio (num sentido de cálculo econômico racional) entre o que e quanto o morador pode pedir e o que e quanto o patrão pode fornecer (sem decretar falência).

Há, portanto, implicitamente, na classificação abordada pelo interlocutor, uma espécie de mediação entre economia moral e economia mercantil. A resposta do Senhor José Renato, quando explica essa

relação, expressa essa ambiguidade. Ele está reproduzindo um discurso que é calcado em dois sistemas de valores e de tipos de racionalidade. Isso ocorre seja por estar simplesmente reproduzindo a ideologia da classe dominante, seja por ter pertencido (em termos de origem social), como muitos, em momentos diversos da vida, aos grupos sociais que compuseram a elite ou aos grupos com fácil acesso à elite agrária.

Também é interessante a reflexão que o entrevistado faz quanto às mudanças que ocorreram no sistema de moradia e os correspondentes processos de estabelecimento da parceria, em que se destacam as figuras do rendeiro e do assalariamento. Apesar de não ficar claro na fala do Senhor José Renato quando e como ocorreu o processo de transição entre sua condição de morador para a condição de rendeiro, é possível identificar que ele vivenciou esse processo que evidentemente está relacionado com a aquisição do pedaço de terra, onde mora com sua família. A apreciação valorativa que o interlocutor atribui à condição de rendeiro, em comparação com a de morador e trabalhador, é compatível com vasta literatura que trata da campesinidade (Velho, 2009) ou da terra como lugar de trabalho e de morada (Palmeira, 2009).

Tomando como referência o valor liberdade (em oposição à sujeição, vivenciada de duas formas diferentes pelo morador e pelo alugado), o Senhor José Renato se auto atribui estando em uma melhor situação do que aqueles. O rendeiro estaria a meio caminho entre a situação ótima do camponês de fronteira (com grau máximo de campesinidade) e o proletário rural, mas também está na fronteira entre o morador e o trabalhador alugado, pois mesmo dispondo de pouquíssima terra, a estratégia produtiva que combina a própria produção familiar com o trabalho de rendeiro na terra do patrão, lhe daria maior autonomia em relação ao morador e ao alugado.

O relato também é rico em detalhes sobre o processo de pecuarização a que chamamos, em outro trabalho, relativos a épocas mais próximas, de (re)pecuarização (Nunes, 2011). Processo em que a pecuária passa a dividir espaço – em termos de ocupação das terras, do investimento de políticas públicas e de importância na composição da renda – com a cotonicultura e culturas alimentares, ao ponto de substituí-las, em definitivo, após a década de 1980.

Devido ao plantio de pastagens plantadas, que tanto reduzia o espaço utilizado com as lavouras alimentares e com o próprio algodão, quanto impedia (com o advento das cercas) a criação de animais por parte dos moradores, esse processo de pecuarização, para os autores que o visualizaram nas décadas de 1970 e 1980 – como Lira (1983) e Barbosa (1998) – promovia a expulsão gradativa e forçava a migração do campesinato mais fraco (moradores) que dispunha de pouca ou nenhuma terra. Ao mesmo tempo, colocava obstáculos ao processo migratório, pois reduzia os recursos utilizados na compra da passagem e na manutenção inicial em outras terras.

Já o processo de (re)pecuarização em curso desde a passagem do milênio, descrito e analisado em outro trabalho (Nunes, 2011), tinha um outro sentido. Fruto de políticas públicas para agricultura familiar, permitia, ao contrário, a fixação de famílias de agricultores familiares no semiárido, sem no entanto, estancar os processos migratórios, especialmente das migrações cíclicas.

O processo de migração vivenciado pela família do Senhor José Renato integra, portanto, esse quadro histórico permeado por transformações que envolvem empobrecimento das famílias camponesas, dissolução, expulsão ou esgotamento da propriedade familiar num contexto de crescimento populacional e do número de integrantes das famílias. Neste tenso contexto, a migração opera de forma dúbia. Em

alguns casos, expõe os processos de dificuldade e crise econômica enfrentados pelas unidades familiares e decreta a dissolução do modo de vida camponês. Em muitos outros, promove justamente a reprodução social e reestruturação econômica de grupos de camponeses, entendidos como “Comunidades Camponesas”.

A definição de “Comunidades Camponesas” apresentada por Shanin – grupos de indivíduos unidos pelo pertencimento a um território e vinculados a laços de interação e interdependência, dentro de sistemas de valores e normas aceitas e reproduzidas num contexto de coesão o qual não encobre a diversidade das situações, das características e dos conflitos que podem haver interna e externamente – é útil para compreender as situações de grupos de camponeses formados por migrantes, porém deve ser relativizada quanto ao aspecto da auto-suficiência. Pois é justamente a inexistência da autossuficiência da unidade familiar que projeta em alguns indivíduos a necessidade da migração, que opera num sentido da reprodução do modo de vida camponês a partir de uma comunidade que prolonga seu território e seus horizontes até às terras receptoras desses membros familiares migrantes, que vão justamente reproduzir, fora de seu habitat, os vínculos de pertencimento típicos da comunidade.

Trata-se de uma espécie de comunidade camponesa com fronteiras ampliadas. Isso envolve uma releitura da noção clássica de comunidade, partindo da crítica e da concepção empreendidas por Menezes (2009) quanto as redes sociais que durante o processo de migração tendem a reproduzir amplamente “formas de ajuda mútua, solidariedade, amizade e reciprocidade entre familiares, amigos e vizinhos”.

Além disso, trata-se de uma situação não cotejada por Woortmann (1990). Dentre os tipos de migração por ele relatados (pré-matrimonial, cíclica e definitiva), a migração de retorno só ocorreria em situações

extremas como a invalidez ou a velhice. O autor analisou uma situação em que o retornado é tido como um fardo para a família camponesa, que tem que suprir suas necessidades de alimentação e tratamento por não conseguir mais trabalhar e se sustentar. Mas existe outro tipo de migração de retorno, quando tudo no processo de migração dá errado e retorna-se ao sítio de origem, como última alternativa de sobrevivência. Foi o caso relatado por José Renato em relação a um de seus filhos.

Se não podemos indicar essa situação de migração como fruto de uma crise do campesinato diante da “Condição Camponesa”, como demonstrou Bourdieu (2006) a partir de seus estudos no Béarn. Neles, se referiu ao celibato como procedimento/resultado de ajuste do modo de vida camponês diante da necessidade de reprodução, a partir da sucessão da propriedade culturalmente baseada na primogenitura, porém num contexto legal de divisão igualitária da herança. Podemos, dessa maneira, tratar a migração (a temporária ou a cíclica, principalmente) como uma outra alternativa para assegurar a reprodução física/orgânica/econômica, não só da unidade produtiva, mas de grupos de camponeses, levando em consideração processos simbólicos e os sentimentos de pertencimento movidos por redes e dinâmicas de sociabilidade.

Por fim, cabe destacar que as opiniões do entrevistado quanto à assistência técnica e extensão rural ao processo de organização/sindicalização, ao governo, à reforma agrária e à religião, são muito mais conservadoras que do progressistas. Estão muito mais próximas do pensamento hegemônico das elites da época do que das ideias elaboradas por intelectuais, partidos e organizações da sociedade civil que influenciaram no processo de redemocratização. Isto, porém, como suscitado anteriormente, não necessariamente está em desacordo com as demandas de liberdade (entenda-se autonomia em relação aos

patrões) e de respeito aos valores compartilhados por grupos de camponeses, frutos de um sistema de economia moral.

1.1) Entrevista com José Renato, readeiro, 1983

Entrevista com José Renato, nasceu em 1930, pequeno proprietário e readeiro. São José de Piranhas-PB. Tinha 53 anos de idade em 1983. Casado com Amélia, tinha 8 filhos, nascidos no período de 1958 a 1970, sendo 4 homens e 4 mulheres. Cinco dos 8 filhos haviam migrado para a região do ABC Paulista

O mais velho, Frederico, de 25 anos, havia migrado em 1976 para São Caetano do Sul e trabalhava de ajudante na Volkswagen do Brasil.

Retornou para sua localidade de origem em dezembro de 1982.

Conversamos com ele em dezembro de 1983, estava desempregado, pensava não ir mais para São Paulo devido as dificuldades de emprego.

Nos contou que não gostava de agricultura e, caso não conseguisse trabalho em São José de Piranhas, pensava em ir para o Mato Grosso, onde tinha alguns tios que poderiam ajudá-lo. Em 08 de julho de 1984 quando estivemos na casa de sua irmã Maria, em Santo André, SP, obtivemos a informação de que ele havia migrado em março de 1984 para São Felix do Araguaia, Mato Grosso, onde morava com uma tia e trabalhava no comércio.

Maria, filha, 22 anos em 1982, havia migrado em 1978 e trabalhava como Ajudante na Metalúrgica Abraçatec. Manoel, filho, 21 anos, em 1982 migrou em 1981 e trabalhava de Ajudante na empresa Signo Arte; Antônio, filho, 20 anos, havia migrado em 1982 e trabalhava de ajudante em metalúrgica; Marília, filha, de 18 anos, migrou em 1980, morava com os irmãos, estudava e cuidava da casa.

Entrevistadora: Marilda A. Menezes, setembro de 1983

Qual o tamanho da terra do senhor?

José Renato - A minha terra é pouquinho, a gente planta o algodão, aí vai esperá prá tirá a safra de milho, feijão, prá podê enmatar e brocá de

novo, o jeito é arranja outra roça fora; porque a terra tem que descansar, tem que descansar um pouco.

O senhor desde que casou só tem esta quantidade de terra?

José Renato - Só.

E os pais do senhor, como era; ele tinha mais propriedade? Que tamanho?

José Renato - não lembro

Quantos filhos era?

José Renato - Era 11

Em 1932, os filhos ainda eram pequenos?

José Renato - Eram

Aí eles venderam toda a propriedade? Os pais venderam a propriedade na seca em 32? Foi na seca?

José Renato - Foi, venderam pra comê

Aí ele foi morar como morador? E como era as condições do morador antigamente?

José Renato - Não lembro; ele pagava meia de milho, feijão, arroz

As condições eram iguais às de hoje ou eram melhores?

José Renato - Não, hoje é mais fácil

Hoje a gente vê que tem muitas casas nas ruas, nos povoados tem poucos morador, como o senhor vê esta situação? Antigamente era melhor prá o morador?

José Renato - Por umas partes era melhor. Antigamente tinha mais morador, porque antigamente o povo era mais pouco; aí foi se casando os filhos e foi criando aquelas famílias e lá vai. Aí hoje cada qual que tem o seu direito. Antigamente quem tinha uma propriedade, era uma propriedade grande; e hoje não, a senhora vê um baixio destes, mas tem

mais de 20/30 donos, por causa do direito; não é propriedade, é direito, é herança.

Mas o senhor acha que só foi este problema de aumentar o povo ou também o senhor acha que o patrão piorou as exigências?

José Renato - As exigências também aumentou; aí o cabra não quer aguentar aquela exigência grande que eles querem fazer, muito aí agora, então o camarada arranjou este direito, pelo menos prá mora, né. Agora de rendeiro o cabra trabalha, não tem sujeição, o patrão mais ou menos.

É melhor?

José Renato - É bem melhor

O senhor prefere hoje ser rendeiro do que morador?

José Renato - Ser rendeiro, eu explico, porque o cabra sendo morador às vezes quer agravar a moral do homem e tem que obedecer ao patrão. Não é todo patrão hoje que trata o rendeiro com carinho. E o cabra sendo rendeiro, aí ele tem cuidado, porque se perde o rendeiro bom, aí vai ser difícil prá acha outro mais; o cabra não é morador, prá ele fica botando cabresto nele. Então a parte de rendeiro é melhor por isto, mas tem muito morador aqui que o patrão ajuda muito.

O senhor diz que o patrão faz exigências como morador, ele quer manter no cabresto, o que é manter no cabresto?

José Renato - Ele quer que ele trabalhe à ele; quer que faça o serviço, tudinho certo na hora, quer que o morador não trabalhe à outro, só à ele; como tem muitos aqui. E também o cabra se pode possuí uma vaca, não pode criar na propriedade.

Não pode mais, e antigamente podia?

José Renato - Podia

Este antigamente o senhor acha que era que ano prá trás?

José Renato - Da era de 20 (1920) até 40 (1940) ainda tinha; agora de 60 (1960) prá cá piorou, não melhorou mais prá o morador. Ah! Hoje ele

exige mais, mas antigamente era quase como um cativo, meu pai dizia, eu não lembro; agora hoje em dia não, a pessoa morador tem até uma liberdade; se for muito bom morador, o patrão ajuda ele e se não for cai fora; o cabra hoje não quer mais morador, só querem bom.

O que é um morador bom prá o senhor?

José Renato - É aquele que zela a roça; limpa cedo, planta cedo, apronta as mangas cedo prá o patrão botá o gado; não aperrea o patrão; aperrea é toma dinheiro, arruma uma coisa, arruma outra; chega querendo que a conta aumente e sem o patrão ter condição de aumentar. Aí eles não gosta deste morador assim.

E hoje, o senhor acha que quem mudou foi o morador ou o patrão que mudou?

José Renato - Homê, eu tô quase em dizer que foi quase os patrão, porque tem muitos patrão ruim, mas também tem muitos bom.

O que é um patrão ruim e bom prá o senhor?

José Renato - Patrão bom é o seguinte, a senhora quando vai na casa dele, ele nunca recebe a senhora com raiva, nem gritando com a senhora, e o que for preciso arruma com ele, precisa de dinheiro, precisa de um legume, qualquer coisa que for na casa dele, aí ele arruma.

Arruma de graça, o senhor diz?

José Renato - Não, prá paga depois.

E hoje mesmo assim eles não querem arrumar?

José Renato - Tem muitos que não querem não.

E porque eles não querem, não vai ter a colheita?

José Renato - Porque sabe que ele não vai ter com que paga, porque o arroz não deu, o milho não deu, o algodão não deu, o feijão não deu; é o que a gente planta com o patrão. Como é que aquele morador vai tirar a conta; aí o ano que vem, vem outro, que nem já vai com quatro anos e se amontoa. Pronto, o cabra não paga mais nunca.

O senhor acha certo ele segura?

José Renato - Bom, por uma parte eu acho porque se ele abrí, ele abre falência também, vai ficar que nem morador.

Na visão do senhor, o que é um bom patrão?

José Renato - É o que acabei de dizer! é aquele que ajeita o morador; o patrão quer que o cabra zele a roça. Tem muitos patrão que abusa morador reclamando, porque não sabe reclamar. Vem com briga, com aborrecimento, o morador vai e sai. O morador, tando no direito deles, tem deles que não se aborrece não; porque se o morador pede à ele uma coisa exigente, ele não pode fazer.

Dá um exemplo assim de uma coisa que o morador abusa.

José Renato - O cabra tá meio adoentado, o patrão quer que ele vai trabalhar, ele diz: eu não vou que eu tô doente; não você tem de ir, porque você tá me devendo, você é obrigado a ir. Ou senão outra, se o cabra tiver devendo, ele quer que paga, aí o cabra diz que não tem condição porque a safra não foi boa, ele (o patrão) diz: não tenho nada a ver com isto, eu lhe arrumei, quero que paga.

Isto desgosta o morador?

José Renato - Desgosta e também se o patrão já arruma tudo o que o morador pede, ele abre falência também. Então o cabra fica sem saber, quem é mais melhor, o patrão ou o morador.

Então na época da seca fica mais difícil de saber quem é mais exigente?

José Renato - É, é difícil, se é o morador ou o renteiro; porque complica o morador, porque tá sem nada, vai para o patrão e ele: ah! não posso mais arrumá, porque tá com a conta grande. Aí fica o patrão... mas se o patrão for arrumá tudo o que ele (morador) precisa, acho que ele abri a falência também. Agora quando vem a época de inverno não, tudo

é favorável, tudo é bom, o cabra tira as contas. Tira uma safra boa. Este ano aqui teve vantagem de tamanho nenhum.

Mas mesmo quando teve inverno, que a safra era boa e tudo, tinha patrão que segura?

José Renato - Tem patrão que é, tem olho grande mesmo

E estes tipos de patrão consegue ficar com morador por muito tempo?

José Renato - Fica não, aqui, acolá sai, é difícil o morador passa mais que 3 anos.

O senhor lembra assim que época que o morador morava bastante tempo e depois assim que época eles começaram a morar menos tempo?

José Renato - Eu não tô bem certo não, mas me lembro que até 1940 era época de morador passar muito tempo. Depois disto, os patrão era pouco; aí não tinha prá onde ir, se fosse mora mais outro, o outro era do mesmo jeito, então ficava com aquele mesmo, ou bom ou ruim já tava lá. Mas de 60 prá cá melhorou mais, porque a situação melhorou mais; o desenvolvimento melhorou; o patrão também tão conhecendo que não é culpa do morador não tira conta.

Então de 40 prá cá aumentou o número de patrões; antes disto era muita terra nas mãos de um só?

José Renato - Era nas mãos de um só; dividiam pros filhos, prá neto. Destes tempos prá cá aumentou o número de patrão, aumentou o número de morador, também. O morador não quer patrão ruim e os patrão não quer morador ruim, não sei como é que é.

E este negócio do patrão não querer mais; ou o morador não querer mais, desde quando?

José Renato - Ah! Isto daí é desde o começo do mundo

O que o senhor acha deste tipo de contrato?

José Renato - Eu acho bom, porque ele não prende o que é meu, parte direitinho, eu me acho muito bem.

Como o morador, o senhor tinha que vender o algodão prá ele?

José Renato - É prá ele.

Este tipo de compromisso não dá nenhum problema prá o senhor?

José Renato - Não, senhora, nunca deu, nem prá mim, nem prá ele.

E o senhor trabalha lá desde 60? Já fazem 23 anos?

José Renato - É.

Na opinião do senhor, o que é um bom rendeiro?

José Renato - É o seguinte; é o cabra zela a propriedade, e não tá incomodando o patrão de vez em quando.

E um bom morador, na opinião do senhor, como é?

José Renato - Tem que ser tudo zelado sozinho, prá quando partir pro patrão; o patrão dá o direito.

E o patrão do senhor, ele sempre visita a terra que o senhor tá trabalhando?

José Renato - Não.

Ele diz como ser plantado, como não ser?

José Renato - Não, ele só vai dizendo, eu quero a minha planta assim, ó, uma vez só, só uma vez; só olha quando...

Quantas vezes no ano, ele vai lá olhar?

José Renato - Duas vezes no ano, ele vai quando a gente vai plantá; se plantô a roça bem plantada ele dá o próximo ano, se não plantô, ele não dá mais.

O técnico da EMATER veio alguma vez aqui explicar?

José Renato - Todo ano ele vem?

Que explicação, instrução ele dá prá vocês?

José Renato - Ele diz prá planta na corrente - o algodão, o milho, o feijão - prá aduba a terra, ninguém tem adubador, ninguém tem trator, ninguém tem cultivador, o negócio é planta um pedaço lá, outro cá.

Então, as instruções dele não tem nada a ver?

José Renato - Não, tem a ver prá campo, prá campo é bom, mas prá terra de toco não dá; campo é broca, arranca os tocos e vira com trator; aí pode plantar na corrente; corrente é modelo de uma corda.

E do jeito que vocês plantam como é?

José Renato - Nós pega o cavador, sai cavando e espalhando a semente; é uma terra acidentada, toda quebrada.

Não chega a tirar todos os tocos não?

José Renato - Não; queima, broca; queima e deixa o toco lá; planta entre os tocos.

E prá tirar todos os tocos não dá; só se passasse o trator?

José Renato - Ah! Não dá, a terra é muito acidentada. O trator só vai mesmo no baixio; aí o trator é bom.

Por exemplo, 3 tarefas de arroz, se o senhor fosse tombá na mão, quanto tempo levaria?

José Renato - 1 mês.

E no trator?

José Renato - No trator, vai a base de 8 horas.

Então facilita muito?

José Renato - Demais.

Tem algum outro equipamento que serviria para usar no tabuleiro?

José Renato - Ah! Quase nada, tem o cultivador, mas tendo um capim grosso, ele não corta.

Como é o cultivador? (é arado)

José Renato - Ele serve para o tabuleiro, se não tiver o capim de burro, porque nós chama aqui de capim de burro; é um mato fino que nós tira com a mão.

O arado tira o que, serve pra que?

José Renato - Tira só por cima assim um pouquinho, cortando a terra, ou num pé de toco. Ah! mas cultivador não adianta.

O senhor acha melhor trabalhar como renteiro ou no alugado?

José Renato - É melhor renteiro, porque renteiro tem mais liberdade, porque é o seguinte o dia do trabalho alugado, ele tem que chegar cedo e vai até tarde e o renteiro não, se tiver luta, ele vai na hora que quer; querendo pega cedo, querendo largar cedo.

E por que tem muita gente que prefere trabalhar no alugado do que como renteiro? Tem muita gente hoje na rua, não tem?

José Renato - Tem, ah! Tá certo. O alugado prá quem não tem coragem de trabalhar na roça como nós, trabalhou o dia, pronto, tá com dinheiro no bolso. E nós não; nós trabalha o mês, esperando os invernos se o inverno vim nós ganha e o alugado não, é que nem empregado, trabalhou, tá com dinheiro no bolso.

O senhor acha assim...se o renteiro ou o morador tiver algum problema, o senhor acha que ele deve procurar sindicato, o que ele deve fazer?

José Renato - Pelo ao menos, eu não sei direito não, conforme o patrão né. Se o patrão for bom, não adianta morador procura o sindicato, ele mesmo resolve.

E se o patrão não quiser resolver, aí ele vai ao sindicato? Quando o morador chega a ir ao sindicato é porque ele não conseguiu resolver com o patrão ou porque ele vai direto lá?

José Renato - Não, porque ele não conseguiu com o patrão.

Ele nunca vai direto?

José Renato - Não

Que outros benefícios assim o senhor vê no sindicato?

José Renato - Só assim prá posto médico.

O que o sr. acha deste trabalho do sindicato?

José Renato - Eu acho bom.

Se não tivesse sindicato, era pior?

José Renato - Era pior, porque aí o patrão fazia do morador o que ele quisesse; mas eles tem medo do sindicato, os patrão tem.

Desde quando tem sindicato aqui?

José Renato - Eu não tô bem lembrado não, mas parece que em 70 (1970) já tinha.

E antes disto como é que o morador fazia quando surgia um problema destes?

José Renato - Ele vivia meio nervoso, não tinha sindicato, só vive nervoso mesmo.

Tem muita gente, que é associado dos sindicatos?

José Renato - Tem.

E isto marca o morador?

José Renato - Marca.

Por que marca o morador?

José Renato - Porque o patrão sabendo que ele é sócio, já fico de olho.

Se o morador for uma vez ao sindicato reclamar, ele encontra mais lugar prá morar?

José Renato - Não, encontra assim fora, mas no conhecimento encontra não.

O sr. acha isto certo?

José Renato - Eu não, porque sou renteiro e nunca pus patrão no sindicato; tem muito morador que quer cobrar 10; tem muito patrão errado, mas também tem muito morador errado.

Quais são os projetos de vida deles, dos filhos?

José Renato - O projeto é só emprego, eles dizem que sendo empregado, mais ou menos tem um modo de viver melhor do que aqui.

Então, foi por isso que eles foram embora?

José Renato - Foi por isto.

O que eles acham ruim aqui? A agricultura mesmo, ou a falta de terra?

José Renato - Dizem que eu não tenho terra; agricultura não dá. Aí eles foram prá lá e tão me ajudando assim nesta parte de eu tratar da menina, porque se não fosse eles eu não tinha condição mais. Prá mim tá ajudando muito; só em tratar da minha filha.

Mudou alguma coisa, por exemplo, no algodão, na cultura do algodão, piorou alguma coisa, de uns tempos prá cá, os preços?

José Renato - Ele melhorou agora que ninguém tem algodão, quando há boa produção, o preço baixa.

Mas antigamente tinha uma tal de SANBRA, não é, que trabalhava por aqui, depois ela saiu. A SANBRA saiu que ano foi mais ou menos?

José Renato - Eu não tô muito presente, desde 72 (1972), foi a época que a cooperativa chegou.

E mudou alguma coisa?

José Renato - Mudou, o cara encosta o algodão lá e vai esperá retorno; ela (a cooperativa) compra mais barato na hora, mas que devido o retorno fica mais caro um pouquinho.

Então é melhor a cooperativa do que a SANBRA?

José Renato - É melhor, porque o cabra tem direito a comprar o legume, tem direito a compra a semente de algodão.

O senhor conhece todas as propriedades por aqui, não é? O senhor acha que diminuiu a produção de algodão?

José Renato - Diminuiu; havendo inverno não diminui não; continua a mesma coisa.

E o gado desde quando tá crescendo?

José Renato - Desde 65 (1965)

Antes de 66 (1966), todo mundo tinha gado?

José Renato - Tinha não.

Do que vivia o sertão? Vivia dessa maneira? Do algodão

José Renato - É.

Qual a atividade mais importante hoje aqui no sertão, o gado, o algodão, qual é?

José Renato - É o gado e o algodão.

E um sem o outro não vive?

José Renato - Não, porque não dá. Aqui ninguém pode criar mais bode, é muito aperreado; ele entra na roça, vai ao sindicato, chega lá o sindicato bota prá paga.

Ah! porque passa pela cerca, né?

José Renato - É. Miunça é prá um pobre ter uma cabrinha prá dá leite à um filho.

E quem tem propriedade, mora na propriedade, consegue criar uma miunça?

José Renato - Muito pouco, os proprietários maior não cria; os pequenos cria. Só não pode entrar na roça do vizinho, senão o vizinho vai ao sindicato, o sindicato vem e faz pagar aquele estrago.

O algodão é importante para o gado, também lá na cooperativa, a torta, por exemplo, tudo serve pro gado, né?

José Renato - Tudo serve.

O alimento mais importante pra o gado é o capim natural ou o que é mais importante é a ração comprada?

José Renato - A ração comprada também é muito boa com capim, só que tá num preço que ninguém compra.

Por que compra é porque não tem pastagem?

José Renato - Este negócio que eu falei aí da bomba; se um dia eu tiver a bomba, eu posso fazer uma pastagenzinha aí, aguar tudo antes e faz um pasto aí; agora também se for muito alto o negócio do rapaz lá, eu não vou fazer não.

Na propriedade que o senhor trabalha tem muita plantação de capim artificial, ou a maioria é natural?

José Renato - Tem muito capim artificial; não tá aumentando não, porque o que asituiu ficou asituado. Agora a pastagem mais nossa aqui mesmo é natural.

O sr. acha, por exemplo, que este capim e as exigências do patrão com o morador, cada vez aumentando mais, tem alguma coisa a ver com o aumento do capim?

José Renato - Tem não.

E nos baixios antigamente, plantava-se milho e feijão, hoje não planta mais?

José Renato - Eles só querem que planta capim.

Desde que ano?

José Renato - Desde 80 (1980)

Antes disto ainda plantava milho e feijão? Os moradores também podiam plantar milho e feijão nos baixios?

José Renato - Podiam.

Isto só no tempo de seca ou não?

José Renato - Só no tempo de inverno, pode plantar tudo de meia

O senhor acha que isto daí diminui as condições do morador?

José Renato - Diminuiu, porque numa época como esta, se o cabra tem plantado no baixio, ele tem tirado muito feijão, mas planta na roça, não deu.

Isto coincide com a seca?

José Renato - É coincide, já por causa do gado; eles plantavam o capim já prá aguar e tem forragem.

Aí sobre a migração, desde que época sai pessoas daqui e vai prá outros lugares?

José Renato - Desde 53 (1953) tem gente saindo daqui, prá ir prá São Paulo.

Quem foi a primeira vez?

José Renato - A primeira vez foi ZC, irmão da A, ele foi pra São Paulo; ele só tinha um burrinho, vendeu prá ir prá São Paulo.

Ele não tinha propriedade, nada?

José Renato - Não tinha.

Era filho de quem?

José Renato - De R.C., era proprietário pequeno. Ele vendeu o burro, vendeu um arrozinho e foi prá São Paulo; tinha pau-de-arara daqui, de lá foi pra Cajazeiras, foi por conta dele.

Ele tinha alguém lá conhecido?

José Renato - Não.

Aí foi parar onde em São Paulo?

José Renato - Na pensão de Antônio Ferreira.

Como ele chegou lá, o senhor sabe?

José Renato - Pelo uma carta que o pai dele mandou.

Aí nunca mais voltou pra cá?

José Renato - Não.

Aí nessa época ia pra algum outro lugar, sem ser São Paulo?

José Renato - Não.

E pra Bahia – Irecê?

José Renato - De 70 pra cá, tem muita gente indo pra Bahia, a procura de feijão.

Vai mais pra Bahia ou pra São Paulo?

José Renato: Vai mais pra São Paulo.

E Irecê, como é que eles vão?

José Renato - É de ônibus, também de Cajazeiras.

Eles compram propriedade lá ou trabalha como morador?

José Renato - Eles compra propriedade ou bota rendeiro.

Nos últimos tempos, eles tão conseguindo comprar propriedade na Bahia?

José Renato - É tem muita gente que tá é vendendo e voltando pra cá. Porque a invocação era São Paulo; São Paulo tava bom, tava pegando muita gente pra emprego e o povo daqui saiu tudo.

Mudava a família toda?

José Renato - Não, os solteiros iam; os casados iam se desse certo mandava buscar.

Por exemplo, uma família como o senhor com os filhos tudo grande, geralmente como acontecia? Traz os filhos?

José Renato - Traz os filhos solteiros; depois manda chamar a mãe e o pai.

Hoje os pais também vão? Hoje é mais difícil. Antigamente até quando?

José Renato - Até, mais ou menos, 66 (1966), o povo ia muito.

E depois disto, como é que foi a mudança prá São Paulo?

José Renato - Aí só foi os rapazes, moço; porque a gente não pode ir.

Agora os pais não vão porque não tem condição, né?

José Renato - É, como eu acabei de dizer, nós somos 10 pessoas, em São Paulo, não dá prá vive com 10 pessoas numa casa; e outra, porque não tem condições de ir; vontade eu tinha de juntar minha família toda e vivê num canto só; eles não querem vim prá cá, eu não posso ir prá lá.

Então o que mudou, que ficou só os filhos lá, foi a dificuldade de São Paulo?

José Renato - Foi a dificuldade daqui, da doença, foi o que afastou a minha família.

Tem algum período para a migração?

José Renato - Tem não, é por época; tem época que o cabra tem condição, aí é prá ir; tem época que o cabra não tem condição; tem época que não tem condição.

Hoje prá onde o povo vai?

José Renato - Vai prá São Paulo e Brasília, Bahia não tá indo mais, porque os de lá, tão voltando prá aqui.

Agora os pais que tem filhos pequenos, eles geralmente costumam ir?

José Renato - Não, porque lá não dá condição de criar família grande; estes fica aqui mesmo.

Agora se todos os filhos do senhor tivesse em São Paulo, só o senhor e a D. Ana estivessem aqui e eles mandassem chamar?

José Renato - Eu acho que eu não ia ainda, e se assim abrisse uma boca boa em São Paulo, prá tá mais meus filhos, eu podia ir; mas uma casa, quanto é que tá custando o aluguel prá cabê 10 pessoas.

Por exemplo, a outra vez que eu vim aqui, eu fui em 2 casas e eles tinham os filhos todos em São Paulo; só os velhos aqui. Aí quando eu voltei, eles tinham ido embora, mudado prá lá

José Renato - É acontece; acontece muito destes; agora eu não vou, porque é o seguinte, eu imagino que enquanto tiver tudo empregado, tá tudo bom e quando se desemprega e eu tando aqui eles tem prá onde vim. Quando tiver lá e não tiver nada, vem prá cá.

Então aqui é um recurso prá eles?

José Renato - É.

E em São Paulo, também é um recurso pro senhor.?

José Renato - É prá mim, eles tando lá, eu sei que a minha filha lá não sofre não.

Dos dois lados, um ajuda o outro, tanto o povo que vai prá lá ajuda vocês, quanto vocês tando aqui ajuda eles também?

José Renato - Ajuda.

Desde quando tem estes vai-véns?

José Renato - Desde que começou gente pra São Paulo; que tem este negócio, mas o cabra chega aqui diz que já não presta e volta de novo.

Mas sempre a vida toda foi assim ou piorou nos últimos tempos?

José Renato - Esta correria aumentou, mas depois destas secas prá cá...

De 80 (1980)?

José Renato - É de 80 (1980) prá cá, é uma correria de lá pra cá, ninguém acha bom.

O que o senhor acha destes vai-véns?

José Renato - Eu acho que é porque aqui no Nordeste não tem um emprego de tamanho nenhum. Se no Nordeste tivesse emprego prá este

povo, ninguém ia prá São Paulo não.

O senhor acha que é vantagem estes vai-véns?

José Renato - Acho não, eu acho o negócio é este, o cabra tando quieto, é prá se aquieta mais, porque o cabra tando mais quieto é melhor de arranja.

Os filhos do senhor mesmo já vieram e voltaram, né?

José Renato - Já, mas eles só vem a passear.

Ah! Eles só vem passear?

José Renato - O que veio e ficou, foi este aqui; este não vai mais não.

José Renato - É ficar, ou aqui ou lá.

E se lá não arruma emprego de jeito nenhum?

José Renato - Vem prá aqui, não vai mais embora, até um dia quando Deus quiser.

E se as coisas melhorarem lá?

José Renato - Aí volta.

E se não tivesse aqui, corria prá onde?

José Renato - Aí o jeito que tinha era se aguenta lá mesmo.

Se ele ficassem aqui, que emprego eles poderiam ter?

José Renato - No alugado, não tem quem viva aqui só do alugado, tem deles que vem morrendo de fome; na renda, havendo inverno, o cabra dá prá ganha uma porção de coisa, porque tem algodão, tem o legume e sobra tudo no ano. Agora trabalhando na roça, sendo do alugado, no final do ano não tá com nada não.

É mais vantajoso pro renteiro aqui no caso dos filhos?

José Renato - Eu acho que eles tando em SP é melhor, porque lá eles ganha mais.

Mas não gasta mais também?

José Renato - Gasta mais, mas é melhor do que aqui, porque a vida de lá é melhor, lá passa melhor; alimentado, de carne, de verdura, de tudo lá é melhor do que aqui.

E tem outras coisas assim que lá é melhor?

José Renato - Só se for o frio.

O senhor gosta do frio?

José Renato - Eu gosto bastante.

E se eles não tivessem ido à São Paulo, tivessem tudo aqui, o que seria da família?

José Renato - Ah! Nós tava passando mal, tava passando assim, por causa da menina, né.

Então o senhor acha mesmo que a melhor alternativa é ir prá SP?

José Renato - Diz eles que é, eu sempre dou conselho de eles não ir ficar mais eu, mas eles quer ir.

Se eles ficassem aqui eles tinham condição de lutar prá uma condição melhor?

José Renato - Não, não tinha emprego, no Norte não tem, é na agricultura mesmo.

Mas assim lá eles fazem greve e conseguem um salário melhor, né, e aqui falta terra prá trabalhar, não tinha condição de lutar aqui?

José Renato - Só se fosse fazendo greve.

Isto seria uma boa solução?

José Renato - Era uma boa, mas aqui ninguém pode fazer greve, porque não tem fábrica prá fazer greve.

E pela terra, não pode fazer greve?

José Renato - Não pode não.

O sr. acha que não é direito do trabalhador exigir terra prá ele trabalhar?

José Renato - Não, porque aqui quem foi exigente não arruma nem de rendeiro, nem de proprietário, nem de nada.

O sr. já ouviu falar da reforma agrária?

José Renato - Já sim.

O que o senhor entende pela reforma agrária?

José Renato - Eu acho que não entendo nada, porque aqui no Norte, eu acho que não tem terra prá o morador trabalhar sem o proprietário, as terras todas tem dono. Tem no estado do Amazonas, Mato Grosso, estes estados; no Norte (refere-se a região Nordeste), não, porque é tomá de uns prá dá à outros.

A mudança daqui para outros lugares é um ato de coragem ou de fraqueza?

José Renato - Eu acho que é um ato de decisão, demonstra coragem, porque deixa a sua terra, prá ir procura em outra terra, mostra coragem.

Diga um pouco, porque o senhor acha que é coragem?

José Renato - Eu acho que é coragem de o cabra deixar a sua terra natal e arrisca sofre no Sul, (estados de São Paulo, Rio de Janeiro) ou qualquer lugar, ou na Bahia, no Amazonas, no Mato Grosso.

Então isto aí é uma forma de luta deles?

José Renato - É uma forma de luta prá eles vence.

Aqui não tem saída; aqui não tem saída não?

José Renato - A arma daqui é São Paulo, porque lá o salário é mais.

O sr. acha que estas migrações poderiam ser evitadas?

José Renato - Podia, se aqui tivesse emprego no Norte, aí podia.

Quem é que podia melhorá a situação aqui pro Norte?

José Renato - Só se for Deus ou o governo, o que o governo podia fazer é botá usina aqui no Norte; fábrica, aqui até isto é muito ruim, que nem água tem, como é que vai trabalhar uma fábrica sem água.

Se ele melhorasse as condições na agricultura, segurava o povo?

José Renato - Segurava.

O que ele poderia melhorar na agricultura?

José Renato - O que ele pode melhorá, é quando haver inverno, dá preço no algodão, dá preço nos cereais, porque aqui é o seguinte, num ano de inverno os cereais não tem preço; só tem preço num ano que nem este, que não tem. Aí o algodão dá; mas quando há inverno no Norte, aí o algodão se acaba, acaba com o milho, feijão, o arroz.

E que outras coisas o governo podia fazer pela agricultura no Nordeste?

José Renato - Uma boa irrigação; ah! A irrigação tá certa, mas só que vinha de outro estado, porque aqui não tem água prá irrigação.

Os açudes já resolviam?

José Renato - Os açudes resolvem mas se encher d'água.

E os poços cacimbão não resolveram não?

José Renato - Os cacimbão resolve, mas não tem motor, ninguém pode compra o motor bomba.

A água é bem rasiinha?

José Renato - É com 2/3 metros ele aparece, aí ela é favorável prá vazante; mas o pequeno agricultor não compra porque é caro demais. Resolvia até com energia, se ele botasse energia; olha com energia resolvia muita coisa, porque fazia funciona a bomba, a energia em casa, puxaria água prá uma casa, planta um pé de banana, aguar. Tudo com energia faz, agora só que não tem energia.

Então, como o senhor falou aquele projeto era a solução pro Nordeste, a bomba, o cacimbão, e o transformador?

José Renato - É.

Estas fontes de emergência que o governo abriu resolveu alguma coisa, fez com que o povo parasse de ir embora?

José Renato - Parou mais um pouco, viu, mas quem quer ir embora, tem que trabalhar 5/6 meses, prá arranjar e ir embora. Então fica doido prá ir prá São Paulo, porque aqui o ganho é pouco, não dá.

O que o senhor acha do trabalho na agricultura? Prefere a outros trabalhos de outras coisas?

José Renato - Não, prefiro a agricultura mesmo.

E o que o senhor acha da vida aqui? Comparada com a de SP?

José Renato - Não, a de São Paulo é melhor muito, no sentido de alimentação, de clima, de dinheiro; amizade aqui é bom demais, todo mundo aqui... em São Paulo tem aquela alimentação também, né. A vida aqui é melhor do que São Paulo; porque lá tem aquela poluição, o frio, e aqui a ventilação é boa, o clima é bom, é meio quente, mas a gente se acostuma.

O senhor acha que isto daí faz muita gente ficar por aqui?

José Renato - Faz, ah! se o clima em São Paulo fosse um clima quente, aqui no Norte não tinha mais quase ninguém.

E aqui também a relação com os parentes, vizinhos, políticos mesmo é?

José Renato - Na precisão, tem uns que pode, agora na parte da alimentação, ninguém pode ajudar uns aos outros aqui.

Já foi diferente antes?

José Renato - Já, de primeiro o cabra tinha a capacidade mesmo de ajudar uns aos outros na parte de alimentação, mas hoje ninguém não

pode, porque se tirar de casa faz falta.

Este antigamente quando era?

José Renato - Assim na era de 20/30 (1920/2930); eu ouvia os mais velhos dizer que sustentava duas ou três famílias, aquilo ali não fazia questão; mas hoje ninguém pode mais fazer isto.

O que acha do trabalho e da vida em São Paulo?

José Renato - O trabalho é ruim pelo horário e a vida é melhor pela alimentação.

Se o senhor pudesse escolher, preferia aqui ou São Paulo?

José Renato - Eu tendo condição, preferia aqui.

Quando o primeiro filho do senhor resolveu ir pra SP, o que foi que vocês conversaram?

José Renato - Eu conversei com ele prá não ir, mas ele queria ir; porque eu tinha medo, porque lá tinha muito mau elemento, de fazer alguma coisa com ele. Ele falou que não, que sabia se defender.

Aí o senhor concordou?

José Renato - Concordei.

O senhor não via muita saída?

José Renato - Não, aqui não tinha.

O sr. acha que, por exemplo, a religião, Deus ajuda?

José Renato - Ajuda demais.

Como assim?

José Renato - É porque eu tenho muita fé em Deus, aí então eu acho o que eu pedir a Deus, ele nos faz, então eu pedi à ele prá me ajudar a família ficar boa; aí ele me ajuda.

A religião, a fé em Deus, também ajuda o senhor aguentar os filhos longe? Como é que ajuda?

José Renato - É porque a gente depende tudo da vontade de Deus; se a gente desespera, não faz nada, se a gente for contra religião também não faz nada. Eles estão lá, porque Deus assim quis, acho que seria melhor eles tá lá prá trata da menina.

Esta situação do Nordeste, da seca tudo; é porque Deus quer isto?

José Renato - Homê, tem muita gente que diz que não é não, mas eu acho que é, Se Deus prometeu um milhão, não vai dar um tostão. Mas se ele prometeu só um tostão, não vai dá um milhão.

Mesmo com este desemprego, que tá em SP hoje, o sr. ainda acha que vale a pena o povo sair daqui e ir prá lá?

José Renato - Não, eu acho que não vale mais a pena não; porque lá tá um desemprego medonho.

O sr. acha melhor ficar por aqui do que arriscar e ir prá SP?

José Renato - Eu acho melhor ficar aqui mesmo. Mesmo com toda dificuldade, com todo sofrimento, é melhor aqui do que tá lá. O povo que mais sai, são os solteiros.

2) NO RUMO DO VENTO E DA MEMÓRIA DE UM MIGRANTE

Valdênio Freitas Meneses

O livro *Genocídio do Nordeste (1979 - 1983)*, lançado pela Comissão Pastoral da Terra (1984), registra que durante este período, houve uma alta mortalidade infantil, com pelo menos cinco mil mortes e mais setecentos mil em anos posteriores, por consequências de doenças e desnutrição. A chamada “Grande Seca” da segunda metade do século XX marca o período final da ditadura civil militar brasileira. Esse é o momento da entrevista com o Senhor José Fernando em São José de Piranhas (1983). O seu relato relaciona e registra alguns eventos históricos e sociais que estava presentes nesse momento histórico: a dificuldade na relação entre terra e trabalho na “moradia” das médias e grandes fazendas, até as chamadas “obras de emergência do governo” – que em 1983 estavam já em modelo diferente das da década de 1950 que José Fernando trabalhou. Em cima disso, a entrevista conduz a um rico relato, quase como um marco geracional de trajetórias de migrantes e trabalhadores que transitaram entre regiões do Nordeste e Sudeste (centrando em Rio de Janeiro e São Paulo) entre as décadas de 1950 até 1980. Ao ler a entrevista desses migrantes, pode-se destrinchar uma variedade de categorias, posições, sujeições que foram exercendo, assumindo e internalizando em suas vidas. A relação de memória das experiências de trabalho é um ponto importante. Falamos aqui não apenas de “profissão” ou jargões de condições materiais de produção, mas da produção social de camadas e camadas de trajetórias de fração considerável das pessoas oriundas das camadas pobres do Nordeste do Brasil no século XX (migrante, agricultor “morador” de fazenda, trabalhador, retirante, agricultor, emergente, pai, filho, operário

assalariado dentre outros). Os relatos, longe de serem lineares ou redutíveis a conceitos fechados, são como centrífugas: memórias de viagens e vivências de diferentes regimes/racionalidades e tempos de trabalho e vida. Da “meia” da moradia e trabalho em agricultura de fazendas de algodão e pecuária até o trabalho nas “empeleitadas” das obras de emergência nas secas. Das jornadas de viagens em “pau de arara”, horas de sono em estações de trem e contatos para conseguir chegar aos postos de trabalho em fábricas de São Paulo.

“No rumo do vento”

O Senhor José Fernando relata na sua entrevista que na década de 1950 saiu da região do sertão paraibano (Cajazeiras) e foi até São Paulo. Na época, com 22 anos, José Fernando relata que sua família estava pressionada pela cobrança da “meia” de uma propriedade. Solteiro, José Fernando pegou o “rumo do vento”. Deixando sua mãe e irmãos a trabalhar na terra, ele partiu em uma viagem feita em difíceis condições: o “pau de arara” que saiu de Cajazeiras foi impedido de continuar viagem em Feira de Santana (BA). José Fernando, com pouco dinheiro, ficou a depender de contatos para pegar uma “migração” com o fim de conseguir chegar a São Paulo – no desfecho, ele acabou de carona em caminhão e na capital paulistana chegou a pernoitar em uma estação de trem. No fim, se instala na Vila São José (São Caetano do Sul) em uma pensão que acolhia também outros paraibanos de cidades próximas da região de José Fernando .

“Cobrando a meia” e “caçando um bom patrão”

Estamos acostumados a falar de migrações através de números. Aos milhares e milhões. Com dados, gráficos, tabelas, porcentagens, cifras. Contudo, os relatos de vidas com rostos e nomes concretos são vidas em

que tudo se mistura (Menezes, 1992, p. 9). Todo o vocabulário “técnico” demográfico estatístico não contempla, por exemplo, o que José Fernando expressa quando, nas suas palavras, diz estar “caçando um bom patrão”. Aqui, mais que uma pessoa específica, o “patrão” parece ser uma palavra que está em movimento e processo: ela evoca regimes de trabalho, racionalidades, tempos e cálculos de alguém que fala como um morador de fazenda submetido a “meia”, sujeição e autonomia. Também fala como trabalhador da emergência que ia gastar nas bodegas “no tempo dos réis” na região de Orós na década de 1950. Também fala como assalariado horista regido também por contratos em fábrica de cerâmica e metalúrgica de São Paulo. Em todo esse quadro de produção de uma vida migrante, há uma lógica em movimento difícil de ser capturada por tipos-ideias, conceitos estatísticos. Em suma, a linguagem falada é armadilha, mas ao mesmo tempo potência: um movimento escorregadio (o que é memória? O que é um fato?) que ainda é o melhor registro para tentar captar esses fluxos e nuances nas trajetórias migrantes.

Comentários

Como coloca Bourdieu (2012, p. 10), as intervenções de um analista em relato de entrevista se dão a preço do trabalho de escrita em que se busca conciliar o contraditório: análise objetiva da posição da pessoa interrogada, mas sem cair numa distância objetivante – o que seria uma curiosidade “entomológica”, como se fosse possível observar de uma lupa um relato humano formado em trânsito de fluxos e camadas de memórias e deslocamentos. Em breve processo analítico, ao ler a entrevista de José Fernando, parto de um exercício quase inevitável: comparar seu relato com registro recentes em que pesquisei a biografia de pessoas oriundas do mundo social das elites da pecuária na mesma

região do semiárido paraibano de onde “morou”, trabalhou e migrou José Fernando. Apesar de serem da mesma geração de José Fernando, registro inúmeras diferenças com as entrevistas de pessoas oriundas da elite. No relato de José Fernando falta aquele senso de destino linear, como se o “movimento natural” da vida já estivesse esperando uma posição social a ser conquistada. Mesmo no sofrimento expresso pela elite – disputas de família, sangue e certa decadência de prestígio e distinção na disputa intra elites —, o relato de vida é desenvolvido como se fosse dádiva dada pela imanência do tempo: a migração feita para cidades como Recife para formação de estudos, ingresso em universidade, entrada em cargos da política, casamentos de família dentre outros.

O caso de José Fernando tem outra classe, outra linguagem, outra produção da vida social. São relatos que desafiam o termo “êxodo rural”, é sua suposta neutralidade que dão conta da carga de conflitos e atravessamentos nas mil veredas e tropeços de um percurso (Paraíba, São Paulo, Ceará, Bahia etc.). O dito de José Fernando é um mosaico montado a partir de sua região de origem – sertão paraibano –, que foi entrecortada por fluxos migratórios em períodos de secas junto a investidas de projetos de modernização autoritária, ao mesmo passo da dissolução das relações sociais de trabalho e moradia das fazendas na última quadra do século XX. Voltadas para o binômio algodão e a pecuária, essas fazendas sofreram mais que uma crise econômica oriunda da dificuldade de crédito rural da década de 1980, junto da crise na produção em razão da praga do besouro Bicudo. Tratou-se uma crise lenta e gradativa de relações sociais de trabalho regidas pela dominação da lógica da moradia legitimada. Uma ordem social que tinha condições de possibilidade em um Brasil rural e urbano anterior à Constituição de 1988.

2.1) Entrevista com José Fernando, renteiro, sua esposa, Carla e filho, Zito, 1983

Entrevista com José Fernando, nasceu em 1928, renteiro, São José de Piranhas/PB.

Tinha 55 anos em 1983, foi morador e renteiro. Casado com Carla, tinha oito filhos, nas idades de 2 a 24 anos, 2 casados e seis solteiros
Entrevistadora: Marilda A. Menezes, setembro de 1983

O senhor estava dizendo que quando o senhor era criança, depois que faleceu o dono da terra, os filhos continuaram cobrando a meia, né?

José Fernando - Continuaram cobrando a meia. Minha mãe ainda ficou na mesma propriedade, trabalhando.

Quantos anos depois que o velho (dono da terra) morreu, o senhor continuou morando lá?

José Fernando - Ficamos uma faixa de uns oito a dez anos.

Eu mesmo saí em 50 (1950), para ir para São Paulo. Em 50 (1950) eu saí para ir para São Paulo, mas minha mãe ficou lá com meus irmãos. Aí, eu passei seis anos em São Paulo.

Por que o senhor decidiu ir para São Paulo? As condições já não eram boas aqui?

José Fernando - É, sim, devido a meia que a gente já pagava, a situação dos trabalhos foi ficando mais ruim para a gente trabalhar, aí eu pensei comigo: eu sou solteiro, então eu vou, pelo menos andar pelo mundo; eu não arranjo nada, vou pelo menos andar pelo mundo, aí eu fui para São Paulo em 50.

O senhor tinha quantos anos?

José Fernando - Eu sou de 28 (1928), então, eu tinha 22 anos em 50 (1950). Aí, em São Paulo eu trabalhei seis ou cinco anos por lá, aí deu

saudade da família, vim embora. Aí cheguei aqui, casei.

Quando o senhor foi para São Paulo, o senhor esperava morar lá a vida toda?

José Fernando - Eu pensei, pensei muitas vezes em morar lá muito tempo, mas depois resolvi vir embora

E Como é que foi em São Paulo?

José Fernando - Eu fui bem, em São Paulo eu fui bem.

Quando o senhor foi, já tinha parente lá, em 1950?

José Fernando - Não, senhora.

E como é que foi, não tinha medo de enfrentar, sem endereço nem nada?

José Fernando - Não, eu tinha muitos conhecidos por lá, mas endereço eu não tinha de ninguém. Aí fui por conta mesmo, no rumo do vento. Quando cheguei lá pernoitei na Estação do Braz.

Como foi que o senhor fez a viagem? Foi por João Pessoa ou aqui já tinha caminhão?

José Fernando - Tinha caminhão, pau de arara.

Os fazendeiros vinham buscar?

José Fernando - Não, eu fui num caminhão de Chico, de Cajazeiras.

Ah, daqui mesmo, né? foi muita gente?

José Fernando - Foi uma base de 45 pessoas em cima do caminhão com a carroceria coberta com uma lona.

O que é que o senhor encontrou pela viagem, está lembrado ainda?

José Fernando - Porque eu saí quase sem munição né! Aí eu continuei a viagem quase sem nada e, quando eu cheguei no hotel, que é longe de São Paulo, já cheguei sem dinheiro.

Que hotel?

José Fernando - Hotel Queiroz do Brás, lá na estação do norte.

O caminhão levou até lá?

José Fernando - O caminhão ficou na Bahia, porque estava proibido de chegar de caminhão naquele tempo, aí quando chegou na Bahia, o carro foi preso. Aí o caminhão voltou e nós ficamos em Feira de Santana. Aí, então, eu fiquei na pensão paraibana.

Todo mundo ficou lá?

José Fernando - todo mundo ficou lá. Aí eu peguei a pensar, que eu já ia com dinheiro bem pouquinho, aí peguei a pensar: eu vou para a estação, vou pegar uma migração para o interior de São Paulo.

Quantos dias, o senhor ficou lá?

José Fernando - Só fiquei um dia. Aí eu disse: vou pegar uma migração. Aí eu fui para a estação de trem, mas deixa que vinha um caminhão de Aurora (Ceará). Eu ia passando em frente da estação, aí eu perguntei para onde ele ia, ele disse que ia para São Paulo. Perguntei se dava para me levar. Contei a minha situação. Aí ele disse: então, me arranje uns três ou quatro passageiros que eu levo você de graça. Aí eu arrumei, depressinha eu arrumei cinco ou foi seis passageiros na estação mesmo. E ele me levou de graça até São Paulo. Quando eu chego no Hotel Queiroz, que era em São Paulo, eu estava sem dinheiro... Aí eu disse: Eu vou pegar uma “migração”. Um colega, um rapaz aqui de Riacho do meio (um sítio de São José de Piranhas), disse: vamos fazer assim, eu levo aqui o endereço da Vila São José, não vá para o interior não, você tem todos os documentos.

O senhor ia pegar uma migração de São Paulo para o interior?

José Fernando - Para o interior.

Tinha muita na época?

José Fernando - É, tinha. Aí então eu fui no conselho do rapaz. Ele disse: Nós vamos para a Vila, eu tenho aqui o endereço da Vila e nós

vamos para lá. Eu digo: bem, eu já vim de colega com você, então eu vou para a Vila com você. Aí eu fui para a Vila São José. Pronto, lá da Vila (Vila São José em São Caetano do Sul) fui para São Bernardo. Por ali eu fiquei seis anos trabalhando.

O senhor ficou morando com quem lá na Vila, com o seu A. Ferreira? (dono de uma pensão onde morava os migrantes vindos principalmente dos municípios de São José de Piranhas, Bonito de Santa fé e Monte Horebe)

José Fernando - Foi, com Antônio Ferreira.

Ficou morando na pensão dele?

José Fernando - Foi, passei dois anos morando na pensão do seu Antônio Ferreira.

E Essa migração que ia para o interior, era para trabalhar onde, no café?

José Fernando - Bom, eu ia pegar o trem e lá era que eu ia me fazer. Lá é que eu sei o que eu ia fazer, porque eu ia pegar a migração por conta. Eu estava esperando lá, eu ia pegar a migração sem patrão, nem nada, né?

O senhor nem sabia para onde ia?

José Fernando - Não sabia, não.

Em São Caetano, logo que chegou encontrou emprego?

José Fernando - Na mesma semana que cheguei me empreguei na cerâmica São Caetano.

O senhor trabalhava de que?

José Fernando - Prensista.

Aí, seis anos que o senhor passou lá, o senhor não voltou mais?

José Fernando - Não.

Ficou o tempo todo trabalhando na cerâmica?

José Fernando - Não, eu trabalhei na cerâmica, depois trabalhei na metalúrgica São Francisco, depois no Matarazzo.

Tudo em São Caetano?

José Fernando - Foi. Aí depois trabalhei na Mercedes Benz, em São Bernardo, e depois nessa cerâmica.

Na época o senhor ganhava bem?

José Fernando - Na cerâmica São Caetano, com o tempo, eu até ganhava, porque eu trabalhava por contrato. Quer dizer que quanto mais eu trabalhava, mais eu ganhava.

Ah, não era registrado naquela época?

José Fernando - Era registrado para trabalhar oito horas, mas a gente trabalhava a contrato, quer dizer que tinha os contratistas. Eu entrei como horista, mas logo peguei contrato. Fui trabalhar na prensa, aí quanto mais eu trabalhava, mais ganhava.

O contrato é quando “empreita”?

José Fernando - Era, mas eu tirava no fim do mês.

O tempo que o senhor trabalhou em São Paulo, o trabalho era por contrato?

José Fernando - Não, depois eu trabalhei na cerâmica, aí eu trabalhei de horista mesmo, né? Na Mercedes Benz tudo era horista. Só trabalhei a contrato na cerâmica São Caetano.

E o tempo que o senhor passou lá deu para juntar algum dinheiro? Dava para mandar para a família?

José Fernando - Não. Mas não dava por isso. Como eu era muito vaidoso, o que eu pegava só dava para o meu luxo, para as minhas farras. Mandava sempre, mas eu estragava demais. Agora, se eu tivesse me controlado, tivesse economizado, eu tinha trazido muito dinheiro.

Se o senhor tivesse se controlado, o dinheiro que o senhor trouxe dava para comprar o que, assim?

José Fernando - Bem, se eu tivesse me controlado tinha dado para ter comprado uma propriedade grande.

Ah, era! Então, era bom mesmo, esse tempo!

José Fernando - Era bom, mas eu era muito farrista. Eu não perdia a farra, eu gastava demais.

E a maioria dos jovens era assim como o senhor?

José Fernando - Era. Nós, naquela época, era quase tudo assim.

O senhor conhece algum que foi na época do senhor e voltou para cá e comprou alguma coisa?

José Fernando - Na época que eu fui, os que foram tão tudo lá ainda.

Não voltaram?

José Fernando - Não, estão tudo lá.

Por que é que não quiseram voltar?

José Fernando - Porque acharam bom e por lá mesmo ficaram. Acharam que lá a convivência era melhor do que aqui. Tem deles lá mesmo, dessa época, que nunca vieram aqui, mas lá são dono de carro, são dono de bons prédios e tão vivendo.

O senhor nunca pensou de juntar algum dinheiro e trazer, na época?

José Fernando - Não, nunca pensei. Eu pensava assim: homem, eu já sofria muito, agora eu vou aproveitar, eu estou podendo, eu vou, ao menos, comer bem, passar bem e pronto.

Se o senhor tivesse que economizar, também, o senhor não ia poder fazer tudo o que o senhor queria, né?

José Fernando - Não ia poder fazer tudo o que eu queria. O tempo que eu passei lá, pelo menos eu desfrutei o ruim que eu passei aqui.

O senhor se arrepende de não ter feito o sacrifício lá, de não ter guardado o dinheiro, o senhor se arrepende?

José Fernando - Não, me arrependo não. Eu imagino o seguinte, quando a gente nasce para ter, pode estragar, pode fazer tudo e tem mesmo. O que eu imagino é isso, porque a quem Deus promete não falta. Porque existe muita gente de farra, faz e acontece e nunca quebrou.

Aí o senhor voltou para morar com a mãe?

José Fernando - Foi, vim para dentro da casa da mãe. Aí também no início do outro ano, eu me casei.

E o senhor continuou morando ali, na mesma propriedade?

José Fernando - Não, fui morar no mesmo setor, mas com outro patrão.

É porque ali não dava para o senhor continuar, eles não permitiam?

José Fernando - Não, permitia. Agora eu fiquei morando com outro patrão no setorzinho bem pertinho da minha mãe, só fiz mudar mesmo de patrão.

O senhor foi morar porque lá tinha casa? E o senhor decidiu ir para lá?

José Fernando - É. já tinha casa vazia e já tinha sido de um velho que, quando era solteiro, tinha sido vaqueiro dele e eles se davam muito. Aí eu me casei e ele me chamou para ficar com ele. Também morei pouco tempo. Teve uma época ruim para mim que pegou logo o tempo de 58 (1958).

Que foi de seca, né?

José Fernando - Foi de seca.

Aí, quanto tempo o senhor ficou com ele?

José Fernando - Só morei dez meses com ele. Quando foi no outro ano, eu já fui morar no “peba”.

Por que foi que o senhor decidiu sair de lá?

José Fernando - Porque a situação dele também era fraca, porque ele era pobre e as terras fracas. Aí não dava para mim. Comecei a caçar patrão, fui caçando patrão e nenhum dando certo, tudo pobre; e tudo, como se diz, uns negócios ruins, aí eu fui embolando, embolando e no fim morei por todo o canto e nunca achei um patrão que me servisse, não.

Quantas vezes o senhor mudou de casa?

José Fernando - Eu mudei foi muito.

Carla - A gente já se mudou umas vinte vezes.

Tudo de morador?

José Fernando - Tudo de morador.

Por que o senhor resolvia se mudar?

José Fernando - Era porque os negócios não davam certo. Os patrões eram negócio fraco, não dava para mim, nem nada, fui me abusando, até que enfim eu fui comprar a casa da minha tia e tô parado de morador.

Como foi que o senhor conseguiu comprar essa casa?

José Fernando - Eu consegui comprar essa casa, eu morava com Bilu (um proprietário) lá no Riacho do meio (um sítio), aí pegou aquele ano que o algodão deu CR\$ 200,00 uma arroba. O meu saldo do algodão, eu fui comprei o chão da casa por CR\$ 200,00. Eu levantei a casa, comprei tijolo e ajeitei tudo, levantei a casinha.

E O senhor morou quantos anos nessa casa?

José Fernando - Morei quatro anos.

Aí o senhor resolveu vir embora para a rua?

José Fernando - Eu decidi pelo seguinte, porque eu comprei esse pedacinho de terra para fazer essa casa, esse terrenozinho, era uma meia

tarefa, só cabia uma casa mesmo, aí não recebi os documentos. Quando eu fiz a casa eles quiseram tomar a casa

Eles quem? O ex-proprietário?

José Fernando - O velho que eu tinha comprado um pedaço de terra, o terreno para fazer a casa. Eu não tinha também direito à terra, só a casa, não é? Aí fomos em cima, fomos embaixo. Eles procuraram um advogado para ir para lá e tudo e não acharam. Devido a eles não terem direito, porque a casa tinha sido eu quem tinha construído.

Eles queriam a casa, também?

José Fernando - Eles queriam ficar com tudo, com a terrinha que tinha me vendido e com a casa também.

Se aproveitaram de não ter documento, não foi?

José Fernando - De não ter documento. Mas ainda me deram o direito deles me indenizar pela casa. Quer dizer que a terra eles não tinham me dado os documentos, então a terra não era a minha.

Quantas tarefas eram?

José Fernando - Meia tarefa só.

Ah, pouquinho, não era?

José Fernando - Era. O negócio era a casa. Aí me indenizaram a casa por CR\$ 50.000,00. Isso foi em 80.

Quando o senhor decidiu vir para a rua, o senhor pensou que seria mais difícil para trabalhar?

José Fernando - Não, não pensei. Não pensei porque a situação lá do sítio também não estava prestando. Aí eu digo: homem, eu vou para a “rua”, porque terra para se trabalhar tem todo o canto. Quer dizer, eu encontrando terra para trabalhar, morando dentro da minha casa, dá melhor para mim.

Que vantagem o senhor via na “rua”? Teve vantagem, para o senhor, vir morar na rua, do que morar, por exemplo, lá no riacho do meio?

José Fernando - Eu acho uma vantagem, assim, só por isso, porque a gente pelo menos está independente.

Mas, tem vantagem vir morar na cidade? É mais fácil as coisas?

José Fernando - É muita vantagem, porque tem a escola, tem um hospital, tem um médico, não é? E se o cabra for ruim tem a cadeia também, que é perto. Aí, quer dizer, que na rua tudo tem de vantagem, né?

Aí quando o senhor decidiu também pensou nessas coisas todas?

José Fernando - É, eu pensei logo nisso. Primeiro pensei na doença, porque tudo, como se diz, ficando difícil e o “doenceiro” se escanchando em cima. Os medicamentos ninguém está pedindo. Ainda compra. Assim, porque a gente tem uma confiança na farmácia e quando adocece um, a gente tem aquela confiança, vai lá, compra, quando arranjo dinheiro, paga. Um carro para vir de um sítio para aqui hoje é um absurdo, né? Quer dizer que estando aqui já está livre de tudo isso. Está perto da farmácia, perto do hospital, perto da maternidade, perto do cemitério.

Quando o senhor voltou de lá, em quais terras o senhor trabalhou? Foi tudo por aqui, pertinho?

José Fernando - É, tudo aqui pertinho. Alagoa de Dentro [Paraíba], aqui mesmo...

Mas a distância era de quantas léguas? Ou não chegava nem a léguas?

José Fernando - Não, chega não. O mais distante é Alagoa de Dentro, e não dá nem uma légua. De duas léguas para lá, a gente vai e fica a semana e vem do sábado para o domingo. Eu mesmo quando vim lá do sítio fiquei roçando raiz de algodão e a gente ia sempre na segunda-feira à tarde. Quando era no sábado vinha embora.

No Riacho do meio, não era?

José Fernando - Era, no Riacho do meio. Ficava lá, no pé de uma Serra lá tinha uma casinha velha, ainda hoje ela está lá em pé, ainda, a cavernazinha. E a gente fazia o de comer lá e subia a Serra todo dia trabalhava o dia de noite entregava algodão na casa do patrão, aí, voltava para o casebre, dormia lá e ficamos nessa luta.

Cozinhava lá mesmo?

José Fernando - Cozinhava lá mesmo, era. Mas, aí eu achei que já não dava mais para mim e eu também já tô meio cansado, meio velho, doente. Ter que deixar os dois rapazes [refere-se aos dois filhos] com esse algodão para lá, sem ter futuro... Que a gente vem roçando há uns dois anos e não está dando futuro; só roçando, descobrindo o chão para nascer pasto para patrão, aí, esse ano passado nós entregamos tudo, ficamos livre de lá, nós não temos mais trabalho para lá, de jeito nenhum.

Os patrões hoje tão preferindo o rendeiro que vem de fora do que o morador?

José Fernando - É, muitos deles estão sim, né?

Por que será que é melhor?

José Fernando - Isso daí, eu não estou entendendo porque o patrão prefere o rendeiro, eles acham que aqueles que vai de fora não está ali aperreando ele pelo que se precisa. O que está dentro ali, da propriedade, ele está obrigado a quando ele precisar do milho ele arranjar, do feijão ele arrumar, do dinheiro.

Ele não pode deixar o morador passar fome?

José Fernando - Não pode deixar. E aquele que vai de fora, sempre vai plantar aquela rocinha que ele vê que dá conta, sem aperrear muito aquele patrão, porque também não mora mais ele, né? E limpou aquilo lá, se recolheu de lá, já vem para cá, e aqui já vai trabalhar de alugado, ganhando o seu dinheirinho para que os filhos ganhando para acolá e assim vão se rebolando.

E ele sendo morador lá ele não pode trabalhar no alugado? O patrão não deixa?

José Fernando - É, não pode, porque o patrão não deixa. Tem que cuidar do que tem na propriedade.

Então, o senhor acha que os trabalhadores também estão preferindo morar na rua e trabalhar na propriedade do que ser morador?

José Fernando - É, muitos tão sim, também.

Por que é que eles preferem?

José Fernando - Porque sempre os negócios da propriedade não dão para o morador. Aí então eles preferem ser assim mesmo, plantam mais pouco, comem menos do patrão e vivem desobrigados, né?

O senhor acha que é mais vantagem viver assim, morando na rua e trabalhando de meeiro, de rendeiro, do que ser morador, hoje?

José Fernando - Eu acho que para mim a situação é melhor.

Por que?

José Fernando - Eu acho que é melhor porque aqui na rua eu estou solto, meus filhos estão soltos, eu planto com um patrão aí do tanto que vejo que dou conta com as minhas posses, não vou aperrear ele e então na hora que eu termino minhas obrigações lá, aí já tô solto para ganhar um meio de serviço, fazer uma empeleita, meu filho ganhando daqui, outro ganhando de lá, e a gente vai se rebolando, para nós no fim do ano não está devendo a ninguém.

E na propriedade como morador?

José Fernando - E na propriedade não posso me virar para canto nenhum, só é ali dentro, me sujeitando naqueles negócios que não valem nada, que não prestam pra mim. Quando for no fim do ano estou devendo e não tem com que pagar, porque também os anos não estão ajudando. E estou sujeito a ficar lá, porque está devendo, se eu sair dali eu não vou comer e para sair devendo ao patrão eu também não saio. Se eu for sair

por minha conta ele não me indeniza o que eu tenho lá para pagar a ele, para eu não sair por minha conta. Então, estando aqui estou melhor.

E nessas propriedades que o senhor trabalha por aqui, elas não botam algodão quando é rendeiro de fora?

José Fernando - Não, todos plantam algodão.

Aí quando planta o senhor tem direito a raiz também?

José Fernando - Tem, tenho o mesmo direito do trabalhador.

Então, por exemplo, quando o senhor planta há um ano só numa propriedade, aí resolve largar, o senhor ganha o direito da raiz?

José Fernando - Bom, ganha sim, se o patrão lhe retirar de dentro daquela roça, né? Mas se eu sair por minha conta, eu não ganho nada daquela raiz.

Mas o senhor tinha o direito se quisesse?

José Fernando - Tinha, mas eles não dão o direito, não é?

Nem procura o sindicato?

José Fernando - Não, porque a gente saiu porque quis, né? Por livre vontade. O patrão não deu prejuízo, o patrão não me botou para fora dali. Agora, ele não diz: “saía!” E nem diz assim: “eu tomo a sua raiz”. Se eu digo: “eu não vou plantar com o senhor esse ano”. Mas eu fico desfrutando daquela raiz até um dia quando eu quiser.

O rendeiro mesmo quando ele não é mais morador, ele mesmo acha que não tem mais os mesmos direitos do morador? É ele mesmo que acha, ou é o patrão que colocou?

José Fernando - Não, é o seguinte, o direito ele tem mesmo sobre a raiz do algodão, ele tem o mesmo direito do morador.

Sobre a raiz. Mas os outros, assim, como adiantar dinheiro? Eles mesmos acham que não tem mais?

José Fernando - É, esse negócio de adiantar dinheiro o direito é menos do que o do morador. Porque pelo menos o morador está dentro

da propriedade e a gente está afastado. Quer dizer que a gente está trabalhando, não é? A gente está afastado da propriedade, não está como morador, quer dizer que a gente está trabalhando. Então, se eu faço um arranjo para eu fazer uma feira hoje, para trabalhar na minha roça, na semana que entra, sem ocupar o patrão, eu acho melhor. E porque também o patrão já não tem aquela obrigação comigo, como se eu fosse um morador dele. Aí, então, a gente que mora na rua trabalha lá mais por fora, não vai ter aquele mesmo direito de um morador, porque a gente não está dentro.

Também a gente que vive independente de morador, só plantando, trabalhando numa propriedade e noutra, a gente mesmo não exige que o patrão tenha todo o sortimento para a gente, e exige assim se a gente ficar permanecendo dentro daquela propriedade todo ano e aumentando raiz, aumentando o serviço. Aí ele tem aquela obrigação de fazer aquele sortimento para a gente, porque a gente não pode levar a agricultura toda por conta da gente, né? Mas se eu trabalho um ano aqui, no ano que entra eu já trabalho com outro acolá, aí eu fico desfrutando da minha raiz, mas não fico com o direito daquele sortimento igual a um morador.

O senhor tava dizendo que depois que voltou de São Paulo nunca quis voltar, né?

José Fernando - Não, senhora. Me casei, as coisas foram ficando mais difíceis e eu me meti em roça, fui levando a vida em roça.

Mas, comparando a vida de São Paulo e a daqui, qual o senhor achava melhor?

José Fernando – A de lá.

Carla: ele não voltou porque eu não quis.

Por que a senhora não queria?

Carla - Ele queria voltar porque ele gostava, mas eu nunca gostei de ir morar em São Paulo.

Ah, está certo, entendi agora. Quer dizer que se o senhor não tivesse casado teria voltado?

José Fernando - É, tinha.

Carla - Nós moramos na Bahia, dois anos.

Onde?

José Fernando - Em Irecê.

Que ano foi que o senhor foi para a Bahia?

José Fernando - em 70 (1970).

Como é que foi lá?

José Fernando - Lá foi bom, porque lá em 1970 não foi seca, aqui foi, lá não foi. Feijão, milho, mamona, tudo de meia.

E a produção era maior do que a daqui?

José Fernando - Era a mais, era, a produção era mais. Era, porque lá a terra é boa, é bem cultivada. Aqui a gente tem que fazer tudo braçal e lá tem trator, tem o cultivador.

Só fazia o plantio?

José Fernando - É, fazia o plantio. O trator também, que o trator mesmo plantava, né? O trator mesmo limpava.

A senhora não gostou de lá [pergunta para a esposa]?

Carla - Eu gostei, mas quando a gente estava lá teve um tempo de seca.

José Fernando - É porque chegamos lá em 1970, foi um ano muito bom. Em 1971 e 1972 foi seca lá.

Quando o senhor foi para Irecê, o senhor tinha parente lá?

José Fernando - Tinha conhecido, parente eu não tinha. Cheguei lá, aí me encostei num posto de gasolina. Tinha um rapaz que morava aqui, eu me encontrei com ele lá, porque ele tinha uma oficina. Aí com poucos dias eu arrumei uma casa.

O senhor foi com a família toda?

José Fernando - Foi. com poucos dias eu arrumei uma propriedade, aí fui trabalhar.

Os seus filhos já trabalhavam nessa época?

José Fernando - Já sim. Tinha dois que já trabalhavam. Plantei para 1971 a roça de cinco tarefas, não deu quase produção. Porque em 1971 deu uma chuva, ou foi duas só. A minha colheita só foi vinte sacas de feijão de arroba.

Aí o senhor resolveu voltar para cá?

José Fernando - Eu tentei no ano de 1971, perdi de novo. Aí resolvi voltar.

O senhor achou que não era vantagem ficar lá?

José Fernando - Não era vantagem. Só havendo seca, uma em cima da outra.

O senhor estava falando que os cinco filhos homens são tudo Francisco?

José Fernando - Era, porque sempre eu era nervoso quando a mulher estava gestante, não sabe? Eu fiz essa promessa para todo o menino que nascesse lá em casa e fosse homem, era Francisco.

E o senhor queria homem?

José Fernando - Era.

A senhora também queria homem?

Carla - Não, eu sempre queria, porque houve quatro homens para poder nascer a primeira mulher, né? Mas eu sempre tive vontade de ter mulher. Aí, houve a primeira mulher. O mais velho estava com dezenove anos.

O senhor achava que se fosse homem ia ser melhor para o senhor?

José Fernando - Não, para mim era a mesma coisa. A mulher sempre ajuda. Essa história de mulher, mas mulher conforme a criação do pai é a mesma coisa do homem. Mas o homem dá mais vantagem, o homem dá mais produção, não é? Por fora a mulher dá a produção em casa.

Tem patrão ainda que tem morador muito antigo, são poucos, mas tem moradores com mais de trinta anos na propriedade. A que o senhor atribui isso, essa permanência tão longa na propriedade do patrão?

José Fernando - É porque o morador acostumou-se com a terra, acostumou-se com o patrão, aí quer dizer que permanece o tempo todo ali. Tem pena de sair e deixar aquele patrão. Aí ele não sendo bom, mas tem pena de sair e deixar. Ele já está velho, acostumado, tem medo de sair e ficar se batendo por outro e não dar certo igual aquele. Aí permanece muito tempo ali.

No caso dos seus filhos, o senhor acha que a melhor solução para eles é ser morador, ou é morar na rua e ficar trabalhando? Ou ir para São Paulo? qual é, na opinião do senhor, a melhor solução para o trabalhador que não tem terra?

José Fernando - Bem, na minha opinião, aqui na rua dava melhor. Melhor do que no sítio, melhor do que São Paulo. Porque São Paulo no tempo que eu fui era bom, mas São Paulo hoje tá uma casualidade, né?

De quanto tempo para cá, mais ou menos?

José Fernando - Tá ruim mesmo de uns dez anos para cá. Eu acho que foi quando São Paulo veio arruinar. Porque São Paulo está ruim para emprego, muito dificultado, devido a falta dessas coisas, muitas greves nas firmas. Então, quer dizer que São Paulo está ficando um pouco com o sacrifício para a pessoa viver lá.

Os filhos do senhor já quiseram ir para lá?

José Fernando - Só um. Mas também resolveu não ir e eu achei foi bom.

O senhor deu conselho para ele não ir?

José Fernando - É. Porque a situação de São Paulo não é boa. Os jovens que foi no tempo que ele queria ir ainda hoje está lá desempregado, se batendo e mandando buscar dinheiro pela família e

dizendo que não volta porque não pode. Então se ele tivesse ido talvez estivesse na mesma situação, não era?

Mas se o tempo fosse melhor em São Paulo, ele já tinha ido embora?

José Fernando - Ah, se fosse um tempo bom eu mesmo dava conselho para ele ir, né? Porque eu já conheço lá e sei que havendo um bom emprego é bom, para quem quer economizar, para quem quer gozar um pouco da vida.

O senhor sempre trabalhou na emergência em 1958, 1960?

José Fernando - Em 1958 eu trabalhei, em 1970 eu não trabalhei.

Como foi a emergência de 1958?

José Fernando - A gente saía daqui e ia trabalhar lá em cima, na Serra do Orós, nas estradas. Lá a gente ficava, permanecia a semana, outra hora pegava umas empeleitadas. Terminava no meio da semana ia embora. Agora, naquele tempo a gente ganhava uns vinte mil réis. No tempo que era réis. Aí dividia aqueles vinte mil réis em vales. Pegava aqueles vales e ia prá s budegas e comprava com aquele vale.

Dava mais do que hoje?

José Fernando - Dava. Agora, a emergência de hoje, eu pelo menos achava melhor assim: em vez de empregar essas mulheres, para jogar lá no sol quente, para ir empurrar carroça, tem muitas que não pode nem ir lá, precisam desse dinheiro, porque hoje mulher que tem de cinco a seis meninos pequenos, elas têm que tomar conta desses meninos em casa. Aí quer dizer que vai com ela e o marido para o trabalho, quer dizer que tem que levar esses meninos para desmaiar lá na terra quente, ficar lá no sol quente cumprindo essas horas? Porque a gente é adulto e tem que ficar lá, tem que cumprir as ordens. Porque lá tem que ficar em pé, sentar não pode. Eu mesmo sou um homem doente, mas eu não tenho direito a me sentar cinco minutos. Eu tenho que ficar em pé todo o tempo que estiver lá. Como é que aquelas mulheres... Então, eu achava

melhor assim, em vez desse governo, desse presidente, em vez de empregar essas mulheres, desse o salário para os homens.

Salário maior?

José Fernando - Maior, porque eles em vez de empregar as mulheres, um homem ganha quinze mil, ele passasse para trinta. Quer dizer que o homem ia ganhar o salário da mulher e podia aumentar o serviço. Botasse para trabalhar e deixasse os homens lá, trabalhando, e deixasse a família em casa. Porque, elas não têm condição, nunca vão ter condição de ir e quem precisa de ir, e vai, e tem que levar a filharada e botar lá. Quer dizer, que essa obra vai ser com dois km, ou com 3km, com 10, ou com 15, né? Como é que essas mulheres vão? Eu acredito que esses alistamentos para as mulheres só se eles alistar e liberar em casa, mas sendo para trabalhar poucas horas. Por que não tem condição. Quem toma conta dos filhos, né? Para levar essa criançada para se queimar lá no meio da terra quente, pelo meio do Sol, ficar lá por debaixo da moita comendo feijão cozinhado de todo jeito? Se aparecer o feijão, porque do jeito que está, daqui a pouco o cabra vai dizer: “me dê aí um mercado de feijão”. Não é um quilo não, é um mercado. E um mercado vai custar quinhentos cruzeiros, um mercado de feijão.

Mercado o senhor está dizendo?

José Fernando - Um mercado, um punhado de feijão, porque um quilo já está por quinhentos, né?

Carla - Um mercado é duzentas gramas, trezentas.

Ah, um mercado é duzentas gramas, trezentas, né? É um punhado, né?

José Fernando - Um quilo tá por mil cruzeiros, quer dizer que um cabra pedindo um mercado de feijão, é quinhentos cruzeiros, um mercado. Pode contar os caroços prá vender por quinhentos cruzeiros.

Na emergência de 70 (1970) o senhor não trabalhou?

José Fernando - Não, senhora.

O senhor trabalhou quanto tempo em 1979?

José Fernando - Lá eu trabalhei dois meses.

Se o senhor tivesse cinco filhos acima de quatorze anos, eles alistavam todos?

José Fernando - É, muitos foram alistados, era quem tinha sorte.

Carla - Pistolão pelo meio, não era? Quem tinha pistolão pelo meio, tinha aquela sorte de empregar dois, três.

José Fernando - Minha mulher mesmo, não teve uma sorte de se entregar na emergência.

Como era que o "pistolão"? Entrava, por exemplo, antigamente, na emergência da Emater? Como é que ele conseguia?

José Fernando - Ele chegava lá, tinha aquele cartaz com aqueles chefes da Emater, ou conversava tudo, né? No pagamento ele [os chefes] soltava lá o que queria para ele, então, empregava até as galinhas, se ele pedisse para empregar.

Acontecia muito isso, de alistar gente que não precisava?

José Fernando - Aqui foi empregado todo mundo, dono de Bodega, dono de armazém, fazendeiro. Naquele tempo foi empregado todo mundo. Agora, ficou muitos pobres desempregados. Os proprietários tudo foram empregados, dono de bodega, dono de armazém, todo mundo foi empregado aqui em São José de Piranhas.

O que tinha de errado na emergência dessa época, da Emater, na opinião do senhor?

José Fernando - O que tinha de errado era isso mesmo, deixar muitos pobres desempregados e empregar o povo que tinha as coisas.

Carla - E os pobres que se empregavam iam trabalhar, né? E os pobres iam trabalhar e os ricos iam ficar na valsa.

José Fernando - Os ricos não iam. Os pobres tinham que ir, um ou dois, conforme fosse, ou hora ou duas por dia, mas tinha que ir. No dia

que não fosse, se passasse dois dias sem ir muitos proprietários davam um zero nele, aquele dia que ele não foi o fazendeiro ficava com o pagamento, não dava ao operário. E muitos não iam de jeito nenhum. Aí partia a metade com o dono da turma.

O pagamento era feito por quem?

José Fernando - Era pela Emater mesmo. A Emater entregava para o patrão, aí o patrão ia distribuir o dinheiro para aqueles operários.

Tinha algum problema, nesse meio, do proprietário receber o dinheiro?

José Fernando - Houve muitos problemas. Porque tinha muitos que eles não dava o dinheiro todo, né?

Para o trabalhador?

José Fernando - Era. Muitos deles não davam dinheiro todo. O trabalhador, às vezes, faltava um dia na semana, dois, quando era no fim do mês ele não dava aquele dinheiro todo. Porque você não veio dois dias, eu também não vou lhe dar o dinheiro desses dois dias.

Carla - Mesmo que fosse todo dia eles ficavam com uma parte

E os trabalhadores aceitavam?

José Fernando - Aceitavam, porque era o jeito.

O senhor acha que era vantagem para quem?

José Fernando - Para o dono da terra. O dono da terra arrancou o toco, desmatou, ficou com a terra livre para chuvas, sair os bagulhos e nascer o pasto.

E o morador?

José Fernando - E o emergenciado não ficou com nada disso. Toda a vantagem só ficou lá com o dono da terra.

Os proprietários gostavam?

José Fernando - Gostavam demais.

E hoje (emergência do ano de 1983), eles não estão mais gostando?

José Fernando - Não estão achando muito bom essa de agora.

Por que é que eles não estão gostando?

José Fernando - Porque não estão fazendo para eles.

Hoje, qual é a obra que está sendo feita?

José Fernando - É açudes e cacimbão.

E cacimbão? Mas em grande propriedade, média, ou pequena?

José Fernando - Não, eles fazem em média, fazem grande.

E como é que esse pessoal consegue a construção de um açude na sua propriedade?

José Fernando - Eles vão com a engenharia, né?

E a emergência, o senhor disse que tem diferença. Por que de outubro do ano passado que o senhor se alistou e essa última, até maio, era o dia inteiro?

José Fernando - É porque quando começamos na emergência nós trabalhávamos dois dias e meio.

Isso foi em outubro do ano passado?

José Fernando - Foi. nós trabalhávamos dois dias e meio, quer dizer que passou para cinco dias, né? Mas aí só trabalhava meio dia.

Quando foi que passou para cinco dias?

José Fernando - Foi agora no mês de julho mais ou menos. Ninguém trabalhava os cinco dias, só trabalhava dois e meio, mas permaneciam cinco dias na frente.

Trabalhava um período e o outro ficava lá?

José Fernando - É. A gente trabalhava um turno, trabalhava das 7h às 11h, aí ficava na barraca da 1h às 4h. Aí o outro turno pegava da 1h às 4h. Mas permanecia na barraca, a mesma coisa, de qualquer maneira era os cinco dias lá.

E o turno que ia à tarde, de manhã tinha que estar lá?

José Fernando - Tinha.

Eles faziam chamada duas vezes por dia?

José Fernando - Tinha que fazer.

Filho: Fazia a chamada de 7h e fazia a chamada de 1h, na hora que outro turno entrava.

Vocês achavam certo ficar o tempo todo lá, sem fazer nada?

José Fernando - Não era certo. Era melhor que trabalhasse, dois dias, dois dias e meio e soltasse o pessoal, não é? Era melhor do que ficar os cinco dias sem trabalhar. Ou melhor, trabalhando meio dia e ficando meio dia no trecho.

Isso aí impediu que vocês trabalhassem noutra coisa? No alugado, na meia?

José Fernando - Impediu, porque não tinha condições. Lá a gente não encontrava serviço para a tarde, ou melhor, se você trabalhasse pela manhã, aí ficava tarde para a gente, se arranjasse serviço a gente podia trabalhar lá mesmo, não é? Não podia nem trabalhar porque eles não soltavam mesmo, era de obrigação ficar o dia inteiro lá. Não podia nem trabalhar. Mas não tinha condições porque eles não soltavam mesmo, de jeito nenhum. A pessoa tinha que ficar lá o dia inteiro.

Quando foi que começou a trabalhar só meio período?

José Fernando - Foi em dezembro.

Hoje mesmo, nessa última emergência, tem algum critério? Tem uma seleção? Como é que se dá o alistamento?

José Fernando - Bom, primeiro eles começam a listar aqui o pai de família e um filho, ou dois, conforme a família, depois só estava o filho se o pai fosse alistado. Porque se o pai fosse aposentado aí não podia listar o filho. Sendo de quatorze anos em diante, menos de quatorze não empregava. Agora, dizem que eles já empregam os aposentados, né?

É, já. Hoje eles já empregam.

José Fernando - Mas no começo não entregavam.

E hoje, por exemplo, eu ouvi falar que quando vieram alistar as mulheres, as primeiras que foram na fila conseguiram se alistar. Às vezes saía muita gente alistada que não precisava. E as que estavam para trás, ficaram?

José Fernando - É, ficaram. Acontece que aquelas que se alistaram eram as que tinham mais condições de sobreviver. E porque ficou muita gente, muita mulher que ficou aí na fila, que se alistou, mulher que tem condição de ainda ficar um bocado de tempo sem precisar dessa emergência.

E por que foi que elas se alistaram, o senhor sabe?

José Fernando - Dizem que é pelo número de filhos.

Esse foi o critério deles?

Esposa: Agora, uma coisa que eu acho neles é esse negócio de chegar uma mãe de família, como eu vi chegar, e eles chamarem pelo número de filhos, ela com dois filhos rapazes ali, alistados. E o marido, eles não procuram, né?

Não procuram?

Carla - Não, ela chegou com os seis registros e disse: “eu tenho doze filhos, mas só trouxe seis registros”. Aí, ele falou: “deixe esses seis, depois você traz os outros seis”. Eu acho errado, né?

Eles não sabem nem se tem filhos casados, se tem filhos alistados, nada, né? Eles não procuram por isso?

Carla - Não. Eu sei que tem filho rapaz, né? Essa mesma, que eu conto, porque eu conheço.

José Fernando – Essa emergência não está dando para nada.

Carla - Essa mesma que eu falei ela é proprietária, é fazendeira, tem dois filhos rapazes e o marido alistados, e teve ainda a consciência de se alistar. E muitos que não deixou em casa sequer o que botar no fogo não alcançou a oportunidade de se alistar.

Como é que deveria ser feita a seleção dos alistados, na opinião de vocês? Qual o critério correto que ia pegar mesmo aqueles necessitados? Como é que deveria ser feito?

José Fernando - Vamos dizer que eles pegasse uma pessoa de confiança, que conhecesse o povo, porque um lugar como esse tem gente aí que conhece quem precisa e quem não precisa, não é? Aí então saísse apontando, botando na fila, aqueles mais necessitados e que não fosse por família.

De confiança, o senhor diz de quem?

José Fernando - De quem fosse apontar o pessoal, não é?

De confiança de vocês ou lá do destacamento?

José Fernando - Lá do destacamento. Como hipótese, ele chegasse aqui e procurasse um homem de responsabilidade e dissessem: Bom o senhor vem para aqui me indicar esse povo quais são os mais necessitados desse povo?”, né?

O senhor acha que encontrava essa pessoa de confiança?

José Fernando - Eu acho que deve encontrar. Porque não é possível num lugar como esse num encontro, né? Aí então botasse ele para indicar: esse, esse, esse e esse. Tá certo, vamos considerar tudo, mas deixasse os de melhores condições por último. Porque aqueles que ainda tem condições de sobreviver não estão como aqueles que estão sem nada hoje. Porque tem muitos que ainda tem com que passar, daqui a cinco, seis, ou dez meses ainda e tem muitos que não tem para passar nem 8h, né?

O senhor acha que se eles usassem esses critérios resolveria o problema, né?

José Fernando - Resolveria melhor, porque ia ficar uma situação melhor.

Mas esse homem teria que ser um homem?

José Fernando - Esse homem teria que ser um homem honesto, um homem de suficiência.

Se o senhor tivesse que escolher um homem assim, hoje, o senhor teria alguém para indicar?

José Fernando - Eu mesmo não vou dizer assim que eu tenha alguém para indicar, porque isso é uma coisa que eles mesmo devem vir de lá e procurar, eles mesmo.

O senhor acha que eles estão interessados em ter um critério justo para alistamento, o exército?

José Fernando - Bem, eu acredito que eles se interessem, mas é muita gente e eles não conhecem ninguém, né? Aí termina fazendo tudo misturado, porque eles não conhecem ninguém.

Algum dia vocês já falaram para eles, para o exército, que muita gente fica sem se alistar e que precisa?

José Fernando - Não, senhora. Ninguém teve essa oportunidade de falar, porque eles são os homens que trabalham demais. Elas são uns homens que, quando vêm, vêm fazer o serviço e voltar ligeiro.

Eles não são daqui?

José Fernando - Não, eles são do agrupamento de Cajazeiras e eu acho que talvez de Souza, desse meio do mundo. Então eles quando vem já vem certo de fazer aquele serviço e voltar ligeiro, porque eles são uns homens muito rápidos, eles são homens que não perdem tempo.

Vocês já tiveram a vontade de falar com eles sobre essa situação de uns se alistarem e outros não se alistarem?

José Fernando - Bom, eu mesmo não tive; sabe por quê? Porque é quase perdido a gente ter essa vontade porque não tem essa oportunidade também. Porque isso é uma coisa de a gente fazer bem sossegada e eles não têm sossego. Aí quer dizer que isso é uma coisa para a gente conversar, explicar, bem certo, bem direito. Mas eles não

têm tempo para isso. Aqueles são os homens que quando vêm, vêm com serviço. E eles já vêm certo de fazer aquele serviço, chegam aqui e fazem e não dão atenção mais para ninguém e vão embora para outro canto. São os homens que trabalham o dia todo quase sem comer, porque o tempo deles é pouco, aí então a gente não tem aquela oportunidade.

Mas alguma vez os companheiros, os alistados ou mesmo os que não tiveram se alistado, não conseguiram se alistar, alguma vez já comentaram em falar com esses homens?

José Fernando – Não, eles comentam, né? Mas nunca chega a vez.

O senhor acha que tinha alguma solução de se juntar todo mundo, que fosse em Cajazeiras, falar com eles e dizer as coisas erradas que existem no alistamento? O senhor acha que poderia resolver o problema?

Carla - Eu penso que não.

José Fernando – Eu acho que não resolve. Porque eles começaram assim e assim eles terminam, né?

Carla - E outra, se sabe qual é um dos problemas daqui? É que eles não conhecem todo mundo, aí os fiscais tem uma afeição.

Os fiscais não são escolhidos aqui?

José Fernando - Não, são escolhidos lá. Bem, é o seguinte, eles estão aqui, aí vão e separa um homem para a fiscalização.

Dos próprios alistados?

José Fernando - É, dos próprios alistados, eles procuram um aí, botam aquele que tem a capacidade de tomar conta daquela obra e conhece aquele serviço, eles botam como chefe de obra. Então, eles vão assumir aquela responsabilidade daquele povo, daquele trabalho.

Mas o fiscal não tem nenhum poder para dizer quem se alista e quem não se alista?

José Fernando - Não, tem não.

Carla - Mas lá mesmo, no dia que eu estava lá, eu vi vários fiscais pagarem aquele povo, como se diz, que pertence mais um pouco a eles e ficar muitos necessitados e aqueles que eles mesmos podiam ver que não era de direito, de botar.

Então os fiscais tiveram interferência ali?

Carla - Tem, aqui tem.

Nos alistamentos dos homens, antes, também teve? Os fiscais tiveram?

Carla - Porque é o seguinte, começaram a listar de dez filhos e de doze, aí já estavam em cinco. E eu tenho quatro menor, né?

Isso quando são dez menores? Quando é menor que eles chamam?

Carla - É. Deixa que eu tenho quatro menores, mas como os fiscais queriam uma pessoa da feição deles, então eles pegavam até aquela que tivesse um ou dois e levava. Estava até na frente daquela que tivesse dez filhos.

Mesmo com um ou dois filhos eles alistavam? Então quer dizer que o critério dos filhos não foi tão obedecido assim?

Carla - Não. Sobre o critério dos filhos não foi obedecido.

E as mulheres não se revoltaram, não falaram nada?

Carla - Nada, aqui ninguém pode se revoltar não. Porque se revolta já sabe, né? Vai para fora. É o seguinte, ele está empregando, não é? A gente sabe tudo o que aquela pessoa tem. Se a gente for falar, aí ele pode pôr aquela pessoa que está falando para fora. Quem fica com o direito é aquele que está se alistando.

José Fernando - Sobre a emergência, é como eu venho dizendo para a senhora, que esse alistamento para a mulher para ir para o trecho é desconveniente. Porque não dá. É como eu já disse para a senhora, se fosse um problema resolvido, assim, pelo salário...

Pelo salário?

José Fernando - De aumentar o salário dos homens...

O senhor acha que seria o mais certo, aumentar o salário dos homens?

José Fernando - Aumentar o salário dos homens, deixar as mulheres em casa e o homem trabalhar. Porque o homem ganhando o salário já dá para ele trabalhar mais. Quer dizer que ele ia ganhar o salário dele e o da mulher. Nem que ele permanecesse os cinco dias no trecho trabalhando por tarefa mesmo, dando empeleita. Porque pela empeleita o camarada se esforça, às vezes ganha até um dia...

O senhor acha que seria melhor se fosse pela empeleita do que se fosse pela diária?

José Fernando - É, porque na empeleita o camarada se esforça e ganha até um dia, ou dois na semana para fazer um serviço dele, para botar um pedacinho de roça, fazer as estocadas de uma terra de arroz, fazer umas estocadas de um pedaço macio para plantar. E sendo assim, na diária, do jeito que a gente está, é que ninguém vai fazer nada. Ainda que haja inverno, e mesmo que não houver, porque ninguém está podendo brocar, ninguém está podendo ajeitar um pedaço de terra, ninguém está podendo fazer nada, só lá, dentro da emergência e pronto.

O que eu queria saber do senhor é quantas obras que a emergência faz. Por exemplo, agora eles estão construindo açudes em médias e grandes propriedades, poço também, né?

José Fernando - E poço também.

O senhor acha que está correto essas obras, devia continuar fazendo isso mesmo?

José Fernando - É, está. E vai bom. Sendo que eles botam para trabalhar por tarefa. Vindo o salário e o fornecimento seria melhor, porque a obra dá a produção para a frente. Quer dizer que aquele espaço vai ficar feito. E se ele ficar trabalhando normalmente, sem empeleita, sem tarefa, quer dizer que o serviço não está dando andamento de jeito nenhum, tá um serviço indo devagarinho, né?

Mas isso são os trabalhadores mesmo que não querem trabalhar...

José Fernando - E nem eles forçam. Eles não forçam ninguém para trabalhar.

Os fiscais?

José Fernando - Não forçam porque tão vendo que o povo não pode trabalhar, o povo está só passando pela vida. Como é que esse povo vai avançar o serviço? Se o que ele ganha não dá para nada? E a senhora repare que um pão hoje é 40 cruzeiros, né?

E se botar o povo para trabalhar demais é capaz até de muita gente ficar doente lá, né?

José Fernando - É, desmaiar, ficar tudo tuberculoso, morrer tudo enfraquecido, é o que pode acontecer. Porque o camarada não tem direito a uma merenda, não tem direito a uma comidinha mincha, quando chega 11h.

Mas são todos os fiscais que são assim?

José Fernando - É.

Por que o menino do senhor estava contando o exemplo lá, do peba...

José Fernando - É, eu conto assim, do meu fiscal, o Zé Adriano. Ele não força ninguém para trabalhar, agora ele tem ordem. Mas forçar, dizer: “Vamos correr, vamos avançar”. Ele não diz isso.

Ah, sim. Porque o menino do senhor estava contando que lá no Peba tinha um fiscal que forçava a turma a trabalhar muito, não era?

José Fernando – Era. Agora o meu fiscal, esse Zé Adriano, até hoje eu estou com oito meses trabalhando, ele é muito bom porque muitos pais de família se acham sem nada em casa, pede a ele e ele dá a semana de serviço para ele arranjar, dois ou três dias na semana: “vá arranjar para os seus filhos comer, vá trabalhar um para aqui, para cola, não deixe seus filhos passar fome”. Ele é muito bom. Se a gente está doente, ele diz: “vá

ao médico”. Ele não encara essas coisas para a gente, ele ainda dá essa ajuda para a gente.

Zé estava dizendo que o fiscal dele é um homem bom, humano, mas nem todos são assim, né? Você mesmo falou aquele caso.

Zito - É não, eu trabalhei com esse fiscal que o papai trabalha hoje e eu gostava bastante porque ele era bom demais para a gente.

E esse outro lá do Peba?

Zito - Esse outro que entrou agora não é bom de jeito nenhum. Pelo menos ele pegou marcação comigo, porque ele queria que o cara forçasse mesmo, não sabe? Porque o prazer dele é terminar o serviço para poder ser transferido para outro lugar mais perto de onde ele mora.

Ah, então ele força em função do interesse dele, não é?

Zito - É, para vir para mais perto. Aí ficava massacrando o povo, dando empeleita, como é que se diz, fora de série, empeleita do cara tirar numa semana, ele dava para um dia.

Mas é certo dar empeleita? Os outros não empeleitam não?

Zito - Não, eles davam, agora o pessoal mesmo é que estão aceitando mais as empeleita deles, porque é fora de série, não tem condições de ninguém aceitar.

Você disse que uma turma aceitava e a outra não. De um lado aceitam e do outro não, né?

Zito - Aquele pessoal que aceitava trabalhava muito, quer dizer que aquele trabalho do pessoal desenvolvia o serviço. Já nós do outro lado ninguém ia aceitar empeleita.

Por que é que vocês, do lado de cá, não aceitaram?

Zito - Porque as empeleitas eram grandes demais. A gente trabalhava muito.

Vocês conversaram e acharam que não deviam aceitar?

Zito - Foi. Não tinha condições de ninguém trabalhar por empeleita.

Quer dizer que o povo do lado de cá, na turma que você estava era mais consciente?

Zito - Era, na turma que eu estava, porque não aceitava. Quer dizer, quem estava trabalhando era a favor deles, porque, para começo, já era emergência e eles, esse pessoal que pegava as empeleitas, quer dizer que estavam trabalhando forçado a bem de quem? Deles não era.

Certo. Eu gostaria que o senhor desse uma proposta, o que é que os trabalhadores podiam fazer para melhorar essas condições da emergência? Você (o filho) pode falar depois, a senhora também.

José Fernando - As condições de emergência só melhoram assim, por meio de uma reunião. Se acontecesse de o operário ter vez, o operário nunca tenha vez, é difícil. Ou que fosse no trecho essa reunião, ou que fosse no agrupamento, ou que fosse aqui na prefeitura da cidade. Uma reunião assim que juntasse tudo para pedir um salário, aumentar o salário, vir o fornecimento, deixar essas mulheres em casa cuidando dos filhos pequenos. Porque muitas não tem condição de ir por causa da família que não dá para ficar em casa. Não tem quem tome conta de cinco, seis, oito crianças pequenas. Aí fica criançada só em casa. Vai o homem para o serviço, vai a mulher para o serviço e como é que fica esse povo? Quem é que vai cozinhar o triste caroço de feijão? Porque só é o feijão mesmo. Quando aparece é feijão e quando não aparece passa do jeito que Deus quer. Muitos passam essa situação e se acontecesse de haver uma reunião para todos pedirem o salário, pedirem o fornecimento do governo, a situação estava sanada, melhorava. Mas o salário sem fornecimento do governo não dá para nada também. Porque o comércio hoje está sem cabresto, o comércio está do jeito que o comerciante quer, do jeito que eles querem fazer. Uma, que a gente compra por trinta ou quarenta dias é quando a gente recebe o dinheiro da emergência e a gente pode pagar. Eles vendem pelo preço que querem vender e pronto,

acabam a conversa. O que eles fazem é dizer: bom, se é de eu estar vendendo fiado, a mercadoria estando na prateleira está melhor, está guardada, está dando dinheiro. E a gente não vai morrer de fome. Porque o pouco que aparece a gente tem que comer. E é dessa emergência mesmo, não é de outra coisa. Comer o que o dinheiro der. Muitos coitados são cortados logo do fornecimento, da bodega, porque as condições deles não dá para passar dos 15 mil (cruzeiros). O bodegueiro encerra ele ali. Enquanto chega o pagamento ele vai passar fome. No dia que achar um serviço particular vai ganhar e no dia que não achar ele vai passar fome. Se o fiscal amparar a situação dele, soltar ele para ele se virar, pegar um peixe no açude e vender para comprar 1 kg de farinha, muito bem. Se o fiscal não liberar ele vai passar fome mais a família.

O senhor acha que a solução é os trabalhadores fazerem uma reunião?

José Fernando - Fazerem uma reunião.

E o senhor acha que, por exemplo, os trabalhadores de São José de Piranhas, que o senhor conhece bastante, o senhor acha que eles estão dispostos a fazerem uma reunião?

José Fernando - Bom, eu acho que de acordo com os fiscais, de acordo com o grupo de engenharia, se eles aceitarem, eu que...

Mas o senhor acha que a iniciativa só deve partir dos trabalhadores?

José Fernando - Dos trabalhadores. Se todos se interessarem e pedirem para fazer essa reunião eu acredito que o grupo de engenharia deve liberar um dia, né? e escutar o que o povo vai pedir.

O senhor acha que se pelo menos um, ou dois comesçassem a incentivar os outros para fazer essa reunião já era uma grande coisa?

José Fernando - Já era uma grande coisa. Não fazer greve, mas pedir, se reunir e pedir, de acordo com o grupo de engenharia, de acordo com os fiscais, de acordo com os chefes maiores e pedir. E eles, caso tenha uma boa vontade de virem, assistirem e ouvirem o que o povo vai dizer,

eu acredito que sanava muita coisa, mas do jeito que tá não sana nada, é de pior a pior, é que nem a cantiga da perua.

Você concorda com o seu pai?

Zito - Concordo. Agora, será que não podia ser também assim, a pessoa pegar uma relação, fazer um baixo assinado para eles lá, todo mundo?

Todos alistados, você diz?

Zito - É os alistados, os trabalhadores, fazer um baixo assinado e enviar para lá e ver a solução que eles vão dar.

José Fernando – Não, mas esse negócio de baixa assinado não é nunca como uma pessoa falar para eles ouvirem. Porque o papel é o seguinte, eles botam se quiser, eles lêem se quiser, eles escutam se quiser e eles estão em presença de todos os trabalhadores, todos pedindo, todos dando uma opinião, aí quer dizer que fica uma coisa mais resolvida.

A senhora quer dar uma sugestão também?

Carla - Acho que já disseram.

Qual era, assim, a proposta do senhor para resolver o problema do trabalhador mesmo, de uma vez, para todo o tempo, não só na seca? O que é que o senhor pensa que seria correto?

José Fernando - Bom, a proposta do trabalhador do sertão é a seguinte: os tempos continuando, se caso continuar bom, quando no tempo houver inverno, que eu acredito que deve haver logo, porque já faz muito tempo que não chove, era o governo enfrentar aqui no sertão o que ele enfrenta no sul. Porque no sul tem trator para tombar a terra, tem veneno para pulverizar. Quer dizer que tudo tem lá com sobra e tem como vantagem, né? Então quer dizer que se o governo olhasse para o Sertão com máquinas, com cultivadores e inventasse outro modo melhor do pobre poder trabalhar. Porque aqui é o seguinte: ninguém está tendo

mais condição de trabalhar. O governo tem que lançar um negócio para pobreza, pros trabalhadores do sertão para ajudar...

O senhor acha que se tivesse essas máquinas, ou esses equipamentos, não ia ser mais problema? O senhor acha que terra teria à vontade?

José Fernando - Terra tem à vontade. Agora está faltando com o que trabalhar. Está faltando dinheiro para trabalhar, está faltando o maquinário, está faltando o cultivador, falta tudo. Porque as terras daqui pra se trabalhar a braço são muito brutas. Desde quando o governo só botasse tratores nessas terras, botasse para tombar, nem que eles fizesse empréstimo, vende-se trator.

Mas isso seria nas propriedades? Para quem não tem terra resolveria?

José Fernando - Mas pelo menos vindo para as propriedades quer dizer que já ficava melhor para o meeiro, o rendeiro. Porque o patrão podia dar a terra tombada, a terra tratada, bem zelada, tudo ficava mais melhor com a continuação do inverno. Porque aqui no sertão, sem inverno, não resolve.

Mas o senhor acha que, por exemplo, mesmo se não tivesse maquinário, mas tivesse a terra..., porque a maioria dos trabalhadores não tem Terra, resolveria?

José Fernando - Melhora. Melhorava, porque desde quando tivesse a terra a gente não ia trabalhar para quinze, ou vinte. Porque uma que nem a minha, que eu... na minha casa são oito pessoas dentro de casa e eu só com uma roça de meia. Acontece que o patrão tem oito filhos também, ele e a mulher fazem dez, com oito já faz dezoito, quer dizer que eu como morador vou trabalhar para dezoito. Se eu tivesse minha área de terra para eu trabalhar só para mim e minha família, quer dizer que era uma coisa muito mais melhor.

Como é que podia, assim, ter conseguido uma terra para cada um? Não ter que trabalhar mais para o patrão?

José Fernando - Bem, isso aí só consegue por meio de uma reforma agrária. Sem isso não resolve nada também não. Não resolve nada. Quer dizer que tem muitas propriedades grandes por aí, né?

Aqui tem?

José Fernando - É, tem muitas propriedades grandes por aí que só estão servindo para os proprietários mesmo. Aí então, se caso, como dizem que existe essa reforma, sendo num caso de trincar terra, então ia servir para todo o mundo, todo mundo ia trabalhar para si e o governo ia ajudar. Quer dizer que se cada um trabalhasse no seu pedaço de terra, o governo tinha que ajudar a todo o mundo.

Na reforma agrária, se eles dessem só a terra, resolvia de uma vez a situação? Ou eles tinham que dá a Terra e o maquinário também?

José Fernando - Não, mas pelo menos dando a terra já melhora muito.

Mas para ser completa mesmo tinha que ser a terra e maquinário?

José Fernando - Era, tinha que ser maquinário também, porque, aí era que a situação era bem sanada, não era?

O senhor quer mandar alguma mensagem para o encontro dos trabalhadores lá? Se o senhor quiser dar alguma mensagem, pode falar.

José Fernando - A minha mensagem é essa que eles lá que estão se entendendo, que estão estudando para isso, então eu acredito que eles devem fazer uma coisa bem melhor para a gente. Eu acho que eles não vão fazer coisa atoa, como tem ZM (liderança do Partido dos Trabalhadores, Cajazeiras, PB), que eu acho que é interventor desses negócios. Um rapaz novo, um rapaz que sabe bem, é explicado, eu acho que ele é um dos que deve trabalhar bem caprichado a esse fim, como FF (liderança do PT, Cajazeiras, PB) também, né? Aliás, são os dois juntos. São dois rapazes muito sabidos, eu acho que eles devem trabalhar para uma coisa que dê um futuro para a gente. Eles como interventores

lá. Eu acredito que eles devam trabalhar num capricho de melhor, que por enquanto tá ruim.

Do trabalhador, né?

José Fernando - Mas com a continuação dos trabalhos deles pode ser que melhore.

Certo. Por exemplo, no caso o PT, não tem conseguido vir aqui, né?

José Fernando - Não.

Qual seria a proposta do senhor para o Partido dos Trabalhadores. Ajudar mais o trabalhador aqui?

José Fernando - Bem, o seguinte do PT é esse, ele andou aqui no início. Aí também não andou mais. O PT para conseguir.. insistirem, ficarem andando, ficarem penetrando. Porque esse é um partido que muita gente não está entendendo o que é isso, muita gente está amedrontado, está com medo. Quer dizer que eles têm que andar, explicar e dizer ao povo como é, indicar para o povo ir se liberando, porque o povo não está liberado nesse partido, porque também não está entendendo como é que é esse partido, não é?

O senhor acha que esse povo que vem de fora, do PT, como por exemplo, Zé Maria, se eles viessem para cá dava uma força maior para vocês?

José Fernando - É, tem que dar uma força maior porque aí o povo está vendo que eles estão interessados, estão indicando, estão dizendo, estão fazendo. Quer dizer que dá uma força maior, aí muita gente já vai se desenvolvendo. É um lugar parado, sem nunca eles virem aqui o povo nunca se desenvolve, sempre fica naquilo, né?

3) SER MORADOR É FICAR AGUENTANDO ABORRECIMENTO

Maciel Cover

A entrevista com Eugênio nos permite pensar uma série de questões sobre as relações sociais no meio rural paraibano e brasileiro nos anos 1960-1980, tocando em temas como os problemas decorrentes da condição de morador, as estratégias e táticas na relação de camponeses sem terra com os proprietários de terras e seus prepostos, e as migrações para São Paulo. Relações estas que tocam em situações de dominação e poder, mas também nos fazem pensar sobre resistências cotidianas.

A entrevista é de 1983, anos finais da ditadura militar no Brasil. Eugênio tinha 47 anos, trabalhava na atividade agrícola e estava na condição de morador e renteiro. O registro apresenta aspectos característicos de relações sociais e trabalhistas no meio rural desta região da Paraíba, geograficamente identificada como Alto Sertão, num conjunto de municípios que fazem divisa uns com o estado do Ceará, outros com os estados do Rio Grande do Norte e Pernambuco.

Oriundo de uma família de não proprietários de terras, por parte dos avós e pais, demonstra uma posição inserida numa dinâmica de uma economia familiar fundamentalmente agrícola em um contexto de limitado acesso à terra. Se relaciona, dessa maneira, com os grupos familiares que possuem a propriedade da terra e concentram poder. A estes se refere como “proprietário” ou “patrão” e a si e seus pares como “renteiros” e “moradores”.

O depoimento nos possibilita compreender com mais detalhes este momento em que a condição de morador sofre os efeitos do Estatuto do Trabalhador Rural. A estratégia patronal demonstrou-se com a retirada

de moradores das propriedades – “botar morador pra fora” – que agora passavam a ter uma série de direitos trabalhistas que anteriormente eram resolvidos com o que Afrânio Garcia Jr. (1989) chamou de “relações de reciprocidade assimétrica”. Trata-se de uma forma peculiar de dominação tradicional entre proprietários e camponeses onde o trabalhador requisita moradia para o proprietário, que lhe concede um local para habitar e a possibilidade de plantar alimentos para sustento da família, em troca de trabalho, lealdade e de uma dívida moral.

O relato de Eugênio também dá conta de explicar que os proprietários e patrões foram “crescendo o olho” sobre os rendeiros, aumentando paulatinamente as cobranças sobre a produção, de 1/6 da produção para 1/4 da produção, e em casos como no algodão, até de 1/2. A redução da perspectiva de renda, somada aos sucessivos anos de falta de chuvas, precariza as condições de sobrevivência das famílias.

O acesso ao dinheiro para financiar a roça também depende dos patrões, que emprestam e cobram juros. Eugênio conta que busca evitar empréstimos com o patrão para ter a liberdade de poder circular, operando categorias explicativas dessa realidade como sujeito e liberto.

Tornar-se proprietário de terras não se apresentava como uma tarefa fácil, no entanto, para tomar dinheiro emprestado no banco para tal finalidade, fazia-se necessário uma carta de anuência que o patrão poderia dar para o morador. Eugênio, no entanto, conta que era muito difícil um patrão dar essa carta, e que ele nem tentou conversar como mesmo, mas numa brincadeira sondou o gerente, que por sua vez negou qualquer possibilidade. Esta situação nos permite compreender algumas destas formas de resistência cotidiana, tal como propostas nos estudos de Scott (2002), em que o camponês em posição subalterna lança mão de diferentes artifícios para conseguir seus objetivos. Neste caso, utilizou-se de um momento de brincadeira para sondar um assunto sério,

tornando menos pesada a negativa. Assim, permite-lhe manter uma boa relação com o proprietário, que é um dos melhores patrões que ele já teve, que lhe possibilita uma situação de controle mais flexível para poder colher produtos para alimentar a família, utilizar lenha e criar pequenos animais. Isso não quer dizer que não seja uma situação de aborrecimento.

Dois filhos de Eugênio foram para São Paulo trabalhar, o que fez ele reduzir a quantidade de roça trabalhada. Percebia, no entanto, que a melhor forma dos filhos ajudarem a ele e a família não era ficando em casa e ajudando a ampliar a quantidade de plantios, mas sim, de irem buscar recursos em outros lugares, como no caso, a região metropolitana de São Paulo, que oferecia uma série de postos de trabalho assalariados e permitia assim, criar melhores condições de sobrevivência para seus filhos e também para sua família. A demanda de trabalho na agricultura naquele momento e naquelas condições não absorvia por completo o tempo de seus filhos, que ficaram ociosos uma significativa parte do ano. Por mais que em São Paulo também houvesse uma situação de desemprego crescente, que fazia com que muitos sertanejos voltassem para trabalhar na agricultura paraibana, supuha que era melhor seus filhos manterem o emprego que tinham nas firmas em São Paulo do que voltar para agricultura. Atribuía à migração um ato de coragem. Eugênio comenta que seus filhos consideram que “ser morador é ficar aguentando aborrecimento”.

A conexão entre os problemas decorrentes da condição de morada e da migração, como também, das formas de lidar com os patrões, são reveladores de um momento particular da história do trabalho no Brasil, onde se pode notar pontes entre diferentes sujeitos capazes de representar pontes entre campo e cidade, entre classe proprietária e não proprietária, entre gerações. Pontes com seus problemas, tensões e

complementaridades. Essas descobertas de campo são possíveis se a entrevista levanta as questões e possibilita que o entrevistado desenvolva suas respostas, adentrando neste mundo que se revela em cada intervenção. Essa ressalva metodológica pode ser percebida na entrevista que segue.

3.1) Entrevista com Eugênio, parceiro-morador, 1983

Entrevista com Eugênio, nasceu em 1946, parceiro-morador, Bonito de Santa Fé, Paraíba
Tinha 37 anos em 1983, casado, dois filhos que migraram para São Bernardo do Campo em 1983.
Entrevistadora: Marilda A. Menezes, outubro de 1983

A família do senhor já teve terra?

Eugênio - Não, senhora.

Aí eles moravam onde?

Eugênio - Moravam em Viana (é um sítio próximo ao Sítio Barriguda onde morava Eugênio no momento da entrevista), trabalhavam no Aguiar (é um sítio pertence à Serra Grande (município vizinho a Bonito de Santa Fé)

Mas era um sítio?

Eugênio - Era.

Eles moravam sempre num povoado e trabalhava lá?

Eugênio - É.

Estes eram os seus avós ou seus pais?

Eugênio - Meus avós.

E os pais do senhor?

Eugênio - Os meus pais também não tinham terra. Moravam em Carrasco, que pertence a Serra Grande também, moravam a vida toda lá.

Quantos anos?

Eugênio - moravam bem uns 30 anos.

Quando eles saíram de lá, o senhor já era casado?

Eugênio - Não, Senhora, eu era pequenininho, foram embora parece que para Pernambuco e eu fiquei aqui no Viana.

O senhor ficou já moço aqui no Viana?

Eugênio - Fiquei menino, meninote, fiquei mais minha mãe.

Ah! Sim só foi o pai do senhor, ele foi trabalhar?

Eugênio - Não, foi.... (aqui ficamos sem saber se o pai foi trabalhar ou se separou da mãe)

E no Viana o senhor ficou trabalhando?

Eugênio - Fiquei botando uma rocinha.

O senhor lembra como era o sistema de trabalho na propriedade que os pais do senhor moravam?

Eugênio - Era 6/1 milho, feijão, algodão, depois foi diminuindo para 5/1.

Quando foi que diminuiu para 5/1?

Eugênio - Mais ou menos 40 para trás.

O senhor sabe por que diminuiu?

Eugênio - Não Senhora, é por causa da sabedoria

É sabedoria do patrão?

Eugênio - É, porque não tinha razão, não é verdade?

Como é que foi mudando o sistema de trabalho?

Eugênio - Aí o tempo foi mudando e os proprietários também foram diminuindo, eu sei que hoje está 4/1. Aqui tem a 1/2 assim do algodão.

Mas ele paga a broca para o senhor?

Eugênio - Não, ele só dá cercada

Porque tem essa diferença do Viana para cá? O Sitio Viana e Barriguda são vizinhos

Eugênio - Mais ou menos porque lá tem homem que cria mais pouco gado e aqui é uma fazenda, o homem cria muito gado aqui.

Quantas cabeças de gado tem aqui?

Eugênio - base de uma 130 reis

Aí ele se interessa mais pela pecuária do que pela agricultura?

Eugênio - É, certo, se interessa.

Aí o senhor estava contando desta época, que foi mudando, o senhor disse que foi sabedoria do patrão?

Eugênio - Eles ficaram com uma história, não o imposto da terra aumentou, os ganhos diminuiu, a situação vai assim deste jeito.

Daqui um tempo não vai sobrar mais nada para o morador?

Eugênio - Daqui um tempo o homem só vai trabalhar para ele (o proprietário).

O que o senhor acha, por exemplo o pai do senhor morou 30 anos ali naquela propriedade?

Eugênio - Porque era terra de família dele, de um tio, depois os terrenos foi se acabando, então, aí foi embora.

O senhor acha que as condições do morador, antigamente era muito comum morador morar muitos anos, quando foi que o morador começou a ficar menos tempo nas propriedades? o senhor tem lembrança?

Eugênio - mais ou menos de 40 para cá.

Quando foi que começou o morador é ficar bem menos tempo?

Eugênio - De 50 para cá foi que mudou, porque os homens se desesperavam e botavam o morador para fora, morador com 40 anos botava para fora, desgostava.

Quem? Os patrões desgostavam ou o morador?

Eugênio - Os patrão.

Eles desgostavam por que?

Eugênio - Porque cresceram a vista, disse que não podia mais, nenhum rendeiro tinha direito mais, não queria pagar direito a ninguém.

Qual reforma o senhor diz?

Eugênio - Com a reforma agrária, né. Depois da reforma nenhum queria nenhum rendeiro para trabalhar na propriedade.

O que é a reforma agrária?

Eugênio - Reforma agrária é esta reforma que diz que o governo quer tomar terra de quem tem para dar a quem não tem. Eles entenderam isto.

Desde 50 isto?

Eugênio - É de 50 para cá. Depois que houve a reforma, eles não querem, quer dizer não queriam. Tão botando mais criação de gado

Este negócio de não querer morador já faz muitos anos?

Eugênio - já faz muitos anos.

Quando foi que piorou mais ainda? De 1960 vem piorando mais?

Eugênio - Eu tenho notado.

Conta bem detalhado como é que o senhor vê que vem mudando?

Eugênio - Um algodão era de 4/1, aí o algodão é de 3/1. Piorou a situação, aí deixa que os proprietários muda para a meia.

Quando melhorou o preço do algodão?

Eugênio - Foi, porque ele achou que o rendeiro estava enriquecendo

Quando foi?

Eugênio - De 53, 54 para cá, aí é tanto que eles dificultaram as roças, agora menos o meu, eu tenho um patrão muito bom, doutor R, ele mesmo só anda aqui na propriedade de ano em ano. O gerente também é muito bom, ele não limita a roça, ele dá o tamanho que quer, a gente pode botar a propriedade numa roça que ele aceita, assina, ele disse que está certo, por isto é bom.

Mas o senhor tem condição de botar mais roça?

Eugênio - Não, quando boto, já cheguei a botar até 20 tarefas por ano, quer dizer em 2 anos.

O senhor trabalha sozinho?

Eugênio - Eu trabalho com os meus filhos. Aí 2 foram para o sul e eu diminuí a roça.

E mesmo assim ele não achou ruim de ter diminuído a roça?

Eugênio - Não, porque a minha roça sempre não é muito pequena, é 10 tarefas, 20 tarefas.

O senhor sozinho, não contrata trabalhador?

Eugênio - Não, eu tenho um rapaz em casa.

O senhor estava me dizendo que ia contar porque foi diminuindo e piorando?

Eugênio - Foi diminuindo porque os homens cresceram a vista, achavam que o reideiro estava enriquecendo e então ele (o patrão) para desgosta o reideiro diz: ah! então aqui só planta 2/3 tarefas de roça. Aí o reideiro disse: não dá para mim, a minha família é grande, rapaz! Se eu botava 10 tarefas, eu botava 2/3 tarefas não dá para mim. Ele (o patrão) dizia: Não, esta terra eu quero coberta.

Coberta de quê?

Eugênio - Ele achava que era melhor do que o morador broca. Então é um ponto de descontrole, não é? aí fica o reideiro aborrecido, aí então é melhor o reideiro sair.

Quais foram as dificuldades que o patrão começou a criar para o morador?

Eugênio - Outras são essas: Uma, diminuir a roça vai desgosta o trabalhador, podendo botar 10 tarefas de roça, tendo que botar 1 ou 2 e o resto se perdendo. Então, você colheu tantos quilos de algodão rapaz? você já me deu tanto. Às vezes o pobrezinho só tenha tirado, uma hipótese 200 kg hoje, ele que tirou 400, pronto aí já é para aborrecer o

rendeiro e o rendeiro desgosta e deixa tudo para ele. Você vê que costume no nosso Sertão, mas não é com o meu patrão, é com os outros. Eu mesmo 12 anos em Cachoeirinha, como a Senhora escreveu aí foram 12 anos de sacrifício, o patrão era já, depois ele vendeu a propriedade para outro e eu fiquei morando com a cunhada dele, aí então eu comecei em Cachoeirinha, casado de novo, a minha roça era 4 tarefas, quando eu ia brocar, chegava o proprietário (a terra já era herdeiro) e dizia: aqui você não broca. Eu dizia: eu, meu patrão tem terra, eu pago a renda, ele me deu ordem de brocar, porque não posso? Nós então vamos fazer uma coisa, a sua broca é só de 2 tarefas, não é mais do que 2 tarefas, senão você acaba com a terra e no fim a gente não tem onde botar uma roça, aí botava aquela rocinha, trabalha 2 anos, assim trabalha 12 anos.

Quais eram as outras dificuldades?

Eugênio - Para mim só era estas mesmo.

Eles adiantavam algum dinheiro?

Eugênio - Não, nunca

O senhor achava isto uma dificuldade?

Eugênio - eu achava que era, mas ao mesmo tempo a coisa melhor do mundo era o patrão não fornecer dinheiro, eu acho que seja, porque o morador que mora com o patrão é liberto, e então ele devendo ao patrão, ele, vamos dizer, que logo depois que sair da propriedade, aí o que pode fazer? fica cativo e a gente não devendo, eu acho melhor.

E aqui a situação é assim, patrão nenhum fornece mais dinheiro?

Eugênio - fornece assim um pouquinho para tirar no fim do ano.

Este ano, quanto que o patrão levantou, o total?

Eugênio -Depois desta emergência para cá, ele não forneceu mais dinheiro.

E o dinheiro adiantado era para que?

Eugênio - Para trabalhar nas roças, broca, limpa, colher, agora tem que pagar também o juro de 5%, 6%.

Por que o patrão foi piorando as condições do morador?

Eugênio - Ele explica que é por causa dos impostos, que estava muito alto, as terras não recompensa.

Na opinião do senhor é isto mesmo?

Eugênio - Não, eu acho que é mais ou menos ele gaste muito, mas a terra dá para recompensar.

Em todo o lugar por aqui os patrão cria gado?

Eugênio - É criavam gado, mas era muito pouco.

Desde quando os proprietários estão querendo mais gado do que a agricultura?

Eugênio - Depois que o gado valorizou o preço

Desde quando começou esta pecuária?

Eugênio - Mais ou menos de 60 para cá

O senhor acha que é isto que está piorando as condições do morador?

Eugênio - Eu acho que o proprietário - fazê como a cantiga- está dando mais valor ao boi do que ao morador.

E porque o senhor observa isto, porque estão dando mais valor ao boi do que ao homem?

Eugênio - É eu estou achando que é por causa do preço do gado, gado está muito alto, né. Aí então ele criando gado é mais resultado que o morador. Esta pecuária tá estragando um pouco né! e mais quem não tem terra.

É mais quem não tem terra? porque o pequeno proprietário não está sofrendo tanto com a pecuária?

Eugênio - É, não está sofrendo

E qual a solução para os trabalhadores sem terra?

Eugênio - Aqui muitos dão uma carta de anuência ao banco e outros não dá.

O patrão do senhor mesmo dá?

Eugênio - Não dá nenhum deles deram, não

O senhor já tentou?

Eugênio - Eu nunca tentei não, mas eu acho que o gerente... um dia nós brinquemos com ele se ele dava carta, ele disse: não, eu também não vou assinar isto não e mesmo o doutor R não aceita, porque vocês podem fazer um negócio grande desmantelado e aí no fim doutor (nome de proprietário) é o responsável.

O senhor acha que é isto mesmo? Vocês acham que vocês iam fazer negócio grande?

Eugênio - Não Senhora, podia não, a gente fazia o que tinha capacidade de fazer porque quem tem uma vaca, vale uma vaca e quem tem uma casa, só vale uma casa. Não adiantava fazer um negócio grande sem ter condições de pagar. Agora eu mesmo tinha vontade quando chegasse a época destes negócios no banco, porque eu não ia atrás do particular não, ia atrás do banco. O banco espera para pagar no final do ano e o particular não espera né.

O senhor tem tomado dinheiro emprestado ao particular?

Eugênio - Eu tenho tomado, tenho tomado até a 10%. Quando a gente se aperreia um pouco, para pagar o negócio.

É o patrão que adianta?

Eugênio - O gerente arruma, mesmo se faltasse o legume também ele arrumava.

Arrumava o quê?

Eugênio - O dinheiro, descontar a 10% ou 5%. E ele marcava o tempo, ele marcava uma hipótese em junho para fazer preço, na primeira semana de agosto e na derradeira, o algodão aí pegava o preço barato e a

gente tinha prejuízo pegava algodão vendia para ele, já tendo prejuízo, quando chegava lá em setembro o algodão estava numa altura e o cabra estava lá fora.

Isto tem acontecido muito com o senhor?

Eugênio - Não, aqui com nós quase tudo, aquele que mora a favor, quase tudo é deste jeito.

Se o senhor quiser botar uma roça menor, sem botar trabalhador, sozinho, ele concorda?

Eugênio - Concorda

Mas o senhor sempre adiantava para pagar trabalhador?

Eugênio - Às vezes eu boto uma roça mais ou menos grande para folga a situação, porque eu espero pega um ano que dê para recompensar, porque já vai dentro de 4 anos só trabalha para trás. O primeiro ano que entrou a seca botei uma roça de 20 tarefas, peguei tudo quanto tinha trabalhado outro ano e empreguei nesta roça, quando eu fui escolher a roça, uma roça de 20 tarefas parece que deu 4 sacos de milho e feijão tirei 3 sacos de feijão. Perdi o tempo, aí eu fico sempre tentando, onde a gente joga é onde a gente deve passar, né.

Então, agora nesta situação o gerente que é o que cuida da propriedade, ele sempre oferece dinheiro para botar trabalhador, ele incentiva para botar uma roça maior?

Eugênio - Não, ele não oferece dinheiro ele só arruma dinheiro se a gente fala.

E por que que ele tem interesse em roça grande?

Eugênio - É porque o produto é mais, ele tira a produção e a pastagem também para o gado.

Se o senhor quiser botar uma roça de 50 tarefas e botar trabalhador à vontade, então é isto que ele gosta?

Eugênio - Gosta, é isto que ele gosta.

Este é o morador bom?

Eugênio - É este ele gosta, quer a produção né!.

E por que eles ao invés de pedir a cada morador planta muita tarefa, porque eles não aumentam o número de morador?

Eugênio - Porque ele diz que morador para ele, para nossos gerentes, pouco morador é melhor porque dá menos quebra-cabeça. Então aqui nós somos 5 moradores então nós não damos trabalho a ele, aqui nós somos 5 irmãos.

Todos é na mesma condição, e todos trabalham as tarefas grandes?

Eugênio - Aqui nós não trabalha roça pequena, aqui no mínimo que nós bota é 60 tarefas, 50 tarefas.

Cada um?

Eugênio - Não tudo, né, nós trabalha num bolo.

Mas cada um tem a sua parte?

Eugênio - É tem a sua parte, é.

Não trabalha junto, não, a roça que o senhor bota, o outro não trabalha nela, não?

Eugênio - Não, não Senhora. Trabalha numa roça, mas é tudo dividido.

É o senhor estava falando que não dava trabalho a eles?

Eugênio - Não damos trabalho, para pegar um elemento lá de fora e botar na propriedade, sem saber como vai se dar, então acha melhor ficar com os que tá. Aí o negócio é este e eu acho que ele pensa bem.

E ele diz, que vocês não dão trabalho, o que é não dar trabalho?

Eugênio - O trabalho é o seguinte: é viver de aborrecimento um com o outro, com briga né, com o negócio desmantelado, o morador às vezes mora com um patrão e qualquer coisa diz: olha rapaz! nós graças a Deus não fazemos isto e outra nós também não deve com medo, coisa que eu mais tenho medo é dever.

E tem morador que quer dever ao patrão?

Eugênio - Ah, por aí tem muitos. A gente ficando livre é melhor, porque pode haver um desgosto, porque às vezes há desgosto do pai com o filho, né, quem dirá com o patrão. Eu tenho medo de haver um desgosto, precisar eu ir embora e ele dizer: não você não vai, você só vai quando me pagar. E a gente sem condição, e a gente estando livre, vai embora a hora que quer.

E o senhor considerava ele um bom patrão?

Eugênio - É bom, eu nunca fui à casa dele para precisar, atrás de uma precisão, para ele não me arrumar.

Que precisão?

Eugênio - Para dinheiro, às vezes para a doença, para comer, às vezes milho, feijão se acaba, o coração dele é grande.

Mas sempre no papel, tudo anotado?

Eugênio - Sempre anotado, o dinheiro a juros.

Por que eles não têm mais adiantado o dinheiro?

Eugênio - Por causa da emergência, porque estas emergências vem quebrando o galho.

E ele liberou vocês para trabalhar na emergência?

Eugênio - Desde o negócio da emergência que é tudo por nossa conta, mas por que a emergência dava para a gente quebrar o galho na emergência e fatura na roça, e vai quebrando o galho.

Durante esse tempo que o senhor está na emergência, o trabalho do senhor aumentou muito?

Eugênio - O trabalho aumentou, porque eu tinha uma base de 20 tarefas de algodão e não tive condição de roça nenhum quarto, porque a emergência não deixou, a base do meu algodão só tirei na emergência mesmo, só tirei umas capuchadinhas pelos matos mesmo.

O senhor acha que aqui também vem mudando, aqui, por exemplo alguém planta no baixio?

Eugênio - Não, aqui tem uns baixios bons, muito bons mesmo, mas o proprietário, nosso o patrão manda plantar capim. Capim de planta e um bocado do Capim de semente, tem de planta, tem um elefante

Não planta nada de arroz?

Eugênio - Não, Senhora.

Os baixios, tem açude?

Eugênio - Tem 2 açudes.

O senhor acha certo este baixio tudinho ser deixado para capim?

Eugênio - Não, acho muito errado, porque mesmo nesta vazante que ele está plantando este capim mesmo, se eles dessem ao pai de família talvez desse mais renda do que o capim, porque dá muito arroz, dá muita batata, pode plantar feijão, desse feijão macassa, pode plantar direto que dá nos dois açude né. É lindo lá, a barragem veia aqui, com mais de 25 anos que foi feita, aterrou.

Por que aterrou a barragem?

Eugênio - Porque foi descendo a terra, descendo a terra até que aterrou, ela tinha 25 palmos de altura a parede.

Vocês já pediram o baixinho para plantar arroz ou outras?

Eugênio - A gente plantava, de primeiro plantava.

Até quando plantava?

Eugênio - Assim 6 anos para trás.

E este incentivo para a pecuária está beneficiando quem?

Eugênio - Este da pecuária, é o chefe do banco, não é, quer dizer que fornece, aí também este projeto sertanejo que está castigando um morador.

O projeto sertanejo está castigando o morador, porque?

Eugênio - Porque financia o dinheiro também e ele judeia. O projeto dá direito à eles também de 20 anos.

Para pagar?

Eugênio - É para pagar, aí então eles gasta com agricultura, fica desmantelado tudo, só para capim mesmo e a condição pouca.

Antigamente também o patrão interessava que o morador plantasse muita terra como hoje?

Eugênio - Não, os proprietários de antigamente não se importava com o morador não, ele que se virasse. Se trabalhasse tava bom, se não trabalhasse tava bom. E agora não, agora é diferente.

Agora desde quando mais ou menos?

Eugênio - Agora também tem muito cabra ruim que não recompensa está nas propriedades, para estragar a... porque não dá produção. Bota roça, não liga, não trata, estraga a madeira, estraga tudo, então tem isto aí, tem muita gente que não bota muito trabalhador nas propriedades, porque tem muitos desta qualidade de trabalhador que não liga, chega numa mata bota uma roça, aí acaba com a mata e diz que não dá produção, a madeira hoje é muito cara, muitos não têm interesse pelo morador por isto também.

Este negócio do morador ter que trabalhar muita terra, é mais vantagem para o morador ou para o patrão?

Eugênio -É igual, porque se a gente bota uma roça grande, pega um ano bom, às vezes dá muita produção, dando produção para o morador, quer dizer que dá produção também para o proprietário.

O senhor acha que para eles é mais fácil ter um morador que plante uma roça maior ou ter mais moradores que trabalha em uma roça menor, só com a família?

Eugênio - Eu acho mais suficiente trabalhar com a família.

Com a família, isto daí para o morador, né, agora para o patrão que interessa mais?

Eugênio - O patrão, o interesse é roça grande poucas famílias.

Porque será que interessa isto a eles? Ele quer passar para o rendeiro a responsabilidade que ele tem que assumir, o senhor acha?

Eugênio - Não, acho mais ou menos que é mais o direito da pastagem, roça quanto maior, mais pasto.

Ele não quer muito morador para conseguir isto?

Eugênio - É porque tem muito morador que é desmantelado, como eu falei para a Senhora que tem muito morador que não interessa fazer pasto. Tem interesse só em acabar com a propriedade.

E nestas condições que o morador tem, como o senhor explicou agora há pouco, o senhor acha que a tendência é ter morador por muito tempo ou os moradores se acaba?

Eugênio - Não, quer dizer que desta região nossa aqui, a melhor para se morar é esta aqui, porque aqui nós, nós trabalha aqui, aí nós somos libertos.

Liberto como?

Eugênio - nós somos libertos, porque nós não tem sujeição com o patrão, nós não deve nenhum. *Liberto é não ter dívida?*

Eugênio - É, nós não temos dívida. Eles querem um povo que dê produção, que viva direitinho, seja unido, porque para trazer um morador lá de fora e botar onde tem quatro ou cinco morador, então nós somos unidos, aí vem um mau elemento, depois da confusão, então acho melhor, melhor que seja pouco, tanto que dê produção e não de trabalho.

Quais são os problemas aqui da região do senhor, o senhor disse que daqui os patrão, o melhor é este, os outros são pior ainda?

Eugênio - É o que eu ia falando, olha eu vou dizer eu não quero patrão melhor do que esta nossa, porque esta nossa, a gente bota uma roça, o gerente não vai lá, a gente em hipótese fica sem legume, a gente come do milho verde, de feijão verde, chega ao seco, chega ao último dia de botar uma broca e o gerente não sabe o que é uma roça da gente, um

lugar destes o trabalhador tem liberdade, não é? Eu vejo por aí afora muitos que quando o pobre do rendeiro cata um cozinhado de feijão, tem que catar o outro para o proprietário, porque não pode rapaz, você não pode comer da roça, a roça é de meia ou de renda, você tem que pagar. Não pode não, se quer comer, pois conte quatro carreira de milho, deixe um para mim. Tem muitos patrão deste jeito e nós aqui não, nós somos liberto, gerente não conhece roça nossa, o patrão muito pior, este é que não conhece de jeito nenhum. o gerente chega aqui a gente dá milho, feijão, dá uma coisa e outra, mas não que ele vai olhar as roças nossa. É a bondade que eu acho aqui, prá mim eu acho bom demais. eu estou com 47 anos trabalhando na agricultura, dos melhores achei este.

Por que o senhor acha mais importante, mesmo não deixando plantar em terra de baixio, o senhor acha mais importante só dele deixar trabalhar livre?

Eugênio - É e tem muitos morador aqui ao redor, não na propriedade, que já saiu dos matos para a cidade, por que não quer mais morar de rendeiro, por causa do interesse do patrão em botar para fora. Ele diz: tem muita roça de algodão, vamos tomar a raiz dele. Bota ele para fora e pronto, mas tem um direito que o governo está dando, o direito de indenizar o trabalhador, então eles estão sabidão, estão botando fora não é, vão desgostando, tal, aí.

E aqui mesmo, nestes lugares aqui, o pessoal diz que não tem muita gente, falta trabalhador?

Eugênio - Não, mas tem, aqui tem menos pessoa proprietária, tem mais proprietário pequeno.

O senhor prefere morar aqui na propriedade ou morar no patrimônio?

Eugênio - Não, eu estou em um plano de construir uma casa ali em Viana (é um distrito do município), sabe, se der tudo certo, então eu queria construir este ano. Mas eu não quero sair daqui não. enquanto der

certo eu estou aqui e quando não der eu tenho meu ponto, né, vou ficar morando aqui, mas deixa ela lá, enquanto tiver dando certo vou ficando aqui.

O senhor acha que é melhor a pessoa morar na rua ou na propriedade?

Eugênio - Não, não é muito bom não, porque morada de rua, a Senhora sabe só para quem nasce e se cria na rua, né. Porque na rua tudo é difícil, aqui no mato a gente cria um porco, galinha.

Mas na rua o pessoal também cria, não é?

Eugênio - É cria, mas é muita dificuldade, estes proprietários, aquela propriedade que a senhora passou é cheia de arame, não quer que a criação entre, vai estragar a criação, quer aborrecer, então no mato acho melhor por isto. Aqui eu vou ver a lenha, aqui eu vou ver a água, não é comprada.

Tem açude?

Eugênio - Tem dois, mas está quase seco.

Na opinião do senhor quais são as dificuldades aqui da região do senhor, aqui do Sertão?

Eugênio - Do Sertão para começar, a dificuldade grande é a falta do inverno.

E qual a dificuldade do trabalhador sem terra?

Eugênio - A dificuldade só é a seguinte, quer dizer, muitos que são vergonhoso, como eu, não quer se assujeitar a dever a patrão, com medo deles querer mandar em mim depois, né. Outra eu queria ver se arranjava um lugarzinho para mim, fazer outra defesa, como eu vou ver se construo uma casa no ano que entra, se eu for vivo, não é! A dificuldade aqui é só isto mesmo para nós, né, agora por aí fora.

Então não é só a falta de chuva?

Eugênio - Bom primeiro é a falta de chuva, outra é a gente dever para o patrão, se vier inverno, com os nossos patrão até agora tem sido uma

jóia.

Agora é só que tem muito proprietário aí que é ruim para o morador?

Eugênio - A nossa não, a nossa é boa

Os filhos do senhor foram para São Paulo em 81?

Eugênio - Foi.

Por que foi que ele decidiu a ir?

Eugênio - Porque deu vontade de ir e a situação aqui estava muito ruim de se viver, para a gente vive, então foi, decidiu ir para São Paulo.

Quando eles decidiram ir o que eles falaram para o senhor?

Eugênio - Ir trabalhar lá e me ajudar, lá é mais fácil de lhe ajudar do que estando aqui mais o senhor.

Eles falavam isto e o senhor concordou?

Eugênio - Eu concordo, porque aqui a situação não estava boa, um rapaz solteiro trabalha só 2/3 dias e passa 8/10 dias sem nada para fazer.

Ele tinha já parente lá?

Eugênio - tinha não, só um conhecido

Hoje ainda está saindo do mesmo jeito que 80/81?

Eugênio - Não, não, hoje parou um pouco.

Por que será que parou?

Eugênio - Porque em todo canto está ruim, em São Paulo também tá ruim. Uma que estão dizendo que este negócio destes aumentos é a maior greve, aí quando há aquele negócio de greve eles não estão ganhando (está se referindo à greves ocorridas na região do ABC Paulista no início da década de 1980, especialmente dos metalúrgicos), não trabalham, então é uma ruindade para o pobre que sai daqui com a família, outra a carestia, o emprego está muito difícil, o homem lá 20/30 dias, se os outros não deram o que comer, está passando até fome.

Desde quando? desde 81?

Eugênio - É desde 81 para cá, depois desta seca, por que esta seca tem sido muito ruim em São Paulo, a seca do nordeste.

O senhor acha que a situação está ruim em São Paulo, por causa da seca?

Eugênio - É porque um mundo de rapaz vai embora porque aqui é seco, quando chega lá, vai número de empregados sem ter emprego, então eu acho que está muito ruim, quem tem um emprego, quem não tem fica numa pior. Porque aqui eles não gostavam de ir a São Paulo não, mas depois da seca começaram a ir embora.

Antes não saía gente para ir para São Paulo não?

Eugênio - Não era muito difícil. Ia um pai de família, já tinha ido lá, tinha achado bom, tinha gostado.

Mas o senhor diz aqui do nosso setor? é aqui do Sítio?

Eugênio - É daqui saiu um bocado, dos moradores que saiu dois, os meus filhos e de Zé, mas dos meus vizinhos aqui foram muito, foram os Araruna.

Qual a época que saiu mais gente daqui para ir para São Paulo?

Eugênio - de 82 para cá.

Mesmo, este ano já não era crise em São Paulo?

Eugênio - A crise em São Paulo, tinha crise sim, mas quando chegava em São Paulo, ficava vindo. São Paulo é uma semana boa e outra ruim.

O senhor acha que valia a pena?

Eugênio - Mais ou menos, não é? Aí o pessoal começou a voltar também? É, muitos rapazinho passaram um ano e tem deles que estão voltando.

Eles estão pensando em ir para São Paulo de novo?

Eugênio - Muitos deles que vem, vem destinado a trabalhar na agricultura de novo.

O senhor acha que este vai e vem é culpa das pessoas ou da situação?

Eugênio - Não, parece que lá nada faz também, porque a carestia do jeito que é lá, é aqui também. Aí chega e diz eu vou trabalhar de roça, que é melhor do que São Paulo.

Por que aqui agora está ficando melhor do que São Paulo?

Eugênio - Não, não é melhor. São Paulo com tudo isto, pode estar ruim, mas o melhor do que aqui, porque pelo menos tem um emprego e aqui está mais sujeito a não ter emprego e sujeito a não haver inverno e não havendo inverno, é mais ruim do que São Paulo 10 mil vezes.

E se houver inverno?

Eugênio - Se houver inverno melhora muito, eu acho que é melhor do que São Paulo, porque o pobre trabalha na agricultura, faz o que come e se aquieta em casa e é liberto.

Liberto porque não tem que marcar horário, nada disto, né?

Eugênio - É, porque na Paraíba é o lugar da Liberdade nossa Paraíba, a vida de São Paulo é uma vida cativa, é uma vida sujeita, sujeita a morrer, sujeita a tudo no mundo, eu nunca andei lá não, mas quem vai lá, me conta assim não é.

Os filhos do senhor logo conseguiram arrumar emprego?

Eugênio - Foi

Eles têm ajudado o senhor?

Eugênio - tem ajudado

O senhor acha que foi melhor para a família?

Eugênio - Foi, eu achei melhor eles ir, pois tinha a vontade de ir para conhecer.

Eles estão trabalhando de que lá?

Eugênio - Estão trabalhando em firma

Eles falam em voltar para cá?

Eugênio - Tem um que diz que tem vontade de vim trabalhar aqui, o mais velho nem tem vontade de vir, ele pode vim a passeio.

Quando eles foram, pensaram em ficar muito tempo ou pensaram em voltar logo?

Eugênio - Eles foram fazer uma tentativa, se fosse bom, se fosse bom ficava lá uns tempos, não era.

Mas eles foram pensando que ia juntar algum dinheiro lá?

Eugênio - melhor do que aqui, porque aqui um rapaz não tem direito a vestir uma roupinha que preste, porque não tem condição de compra.

Mas eles pensavam em conseguir muita coisa em São Paulo?

Eugênio - É mais ou menos, vestir, calçar, alimentação lá é outra, não é daqui, se está comendo, bebendo e vestindo, aí está bem, não é.

O senhor acha que eles estão ajudando mais o senhor estando lá do que aqui?

Eugênio - Eu acho que eles têm capacidade de me ajudar mais do que aqui

O senhor prefere que eles fiquem ajudando de lado que trabalhar na agricultura com o senhor?

Eugênio - É eu acho melhor eles ficar por lá mesmo)

A Senhora não concorda com isto não, né?

Lena - (Esposa) Porque eu vou querer que meus filhos deixa de estar em casa, para estar no mundo? eu vou saber o que acontece. Mas o Deus de São Paulo é o daqui, se ele marcou de acontecer uma coisa em São Paulo, acontece em São Paulo e acontece aqui. Se ele marcou às vezes um desastre com uma pessoa, uma coisa, no canto que tiver aí, não é isto? eu também acho

A migração é um ato de coragem ou de fraqueza?

Eugênio - Coragem, eu mesmo não tenho coragem de viajar, não vou mentir, para pagar passagem, para ir para São Paulo não vou.

Por que?

Eugênio - porque tenho medo, daqueles ônibus dá uma virada e acaba com tudo. Eu sofro de nervos.

Estas frentes de emergência que o governo abriu ajudou a diminuir a migração?

Eugênio - Ajudou, porque se não fosse a emergência nenhum destes rapazes tinha ido se embora. porque não tinha condição de ir.

Ah, ajudou a ir para lá, foi isto?

Eugênio - Foi, muitos ajudou, não está certo o governo ter ajudado, porque se não fosse o governo, aqui não tinha nenhum Paraibano. Nós não tinha condição de ficar enterrado com a boca para cima, nestes quatros anos de seca (se refere a seca de 1979 a 1983).

Quando eles foram embora eles falaram para o senhor que tinha vontade de sair porque não concordava com o sistema de morador?

Eugênio - Eles diziam: não, eu vou para São Paulo, que vou arranjar alguma coisa e venho buscar meu pai.

Eles mesmo achavam sujeição morar de morador?

Eugênio - Eles não acha bem bom não. Achava melhor a gente comprar uma casinha numa rua.

O que eles acham de ser morador?

Eugênio - Eles diz que ser morador é ficar aguentando aborrecimento
Será que a ida deles a São Paulo não é porque se desgostaram da condição daqui?

Eugênio - Não somente as roças, porque trabalharam 2 anos e não fizeram nada.

Se tivesse havido bom inverno elas não tinham ido?

Eugênio - Acho que não tinham ido não, porque cada um tinha suas raízes de algodão, tinha as suas boas colheitas.

O que eles têm contado da vida em São Paulo?

Eugênio - Eu não sei, porque nunca vieram.

Mas não escrevem?

Eugênio - Não, escrevem, mas, diz que tudo é caro, ganha muito e ninguém faz nada, estes problemas não é!, carestia demais também.

Eles não achavam assim que indo para São Paulo, podiam ter um recurso sozinho para comprar uma terrinha?

Eugênio - Eles tinham esta intenção, chegar por lá, vê se fazia economia, comprava uma casinha, uma terrinha.

Mesmo com a crise, desemprego de lá, dá para eles dar uma ajudazinha ao senhor?

Eugênio - Lá com estas crises de greve, eles ficam desempregado muito tempo, 8/9 dias ninguém trabalha.

Hoje ainda valeria a pena ir para São Paulo?

Eugênio - Eu acho que presta, sabe! porque mesmo que em São Paulo não esteja procurando outro rumo. Pode procurar para Rio Grande do Sul, que nunca houve seca, pode procurar o Paraná, pode procurar o Amazonas para o rapaz solteiro, né. Mas para o pai de família não acho que seja bom. Eu acho que sem a migração eles não podia fazer esta viagem, o pai de família ir pro Rio Grande do Sul com a família, a condição que ele gasta com transporte, daria prá ele passar um tempo aqui

O senhor acha melhor ele está em São Paulo do que ser morador aqui?

Eugênio - Bom é o seguinte se eu tivesse condição, eu não acharia bom que nem um filho meu tivesse no mundo, porque eu dava condição para um viver de um jeito, outro vive do outro, outro vive doutro. Mas eu não tenho, não tenho condições.

Mesmo num bom inverno dava para eles morarem aqui?

Eugênio - Pega um fracasso aqui nos nossos Sertões ele não tem preço, eles compravam a preço de banana madura.

E o senhor acha que se houver inverno o preço, fica alto fica baixo?

Eugênio - Se houver inverno, e os invernos manter mesmo, o que vai a mais que a inflação está subindo todo dia, eu acho que fica melhor, né, porque nós nunca vimos algodão aqui por CR\$15.000.

Mas é por causa da seca? Será depois que tiver muita produção, eles vão deixar este preço?

Eugênio - Bom, eu achava, se o governo fizesse como fez uns anos anterior para trás, que encheu de milho tudo os depósitos, se ele tivesse doado aquele milho todo, o governo estava sofrendo com a nação do jeito que estava porque em toda a cidade desta era uma Cibrazem (Companhia Brasileira de Armazenamento)

Acabou a Cibrazem?

Eugênio - Vendeu tudo o milho que tinha e ficou tudo seco, em 2 anos vem esta seca, se tivesse guardado este mantimento todinho, não tinha com que todo o município se manter, nem que comprasse caro, mas tinha

O senhor acha que se houver um inverno, vai haver muita produção e os preços vai ser bem alto?

Eugênio - mais ou menos sustentado, porque também se baixa mais do que está não dá não.

E antes quando tinha muita produção, no inverno, o preço era bom?

Eugênio - O preço era mais ou menos, porque a inflação subiu demais.

E o agricultor, o trabalhador sem terra naquela época ele estava bem?

Eugênio - Não conseguia porque o governo não dava preço.

Mas o senhor acha que o governo mudou?

Eugênio - É acho que agora é mais ou menos, ele chegou na mesma base que nós. um saco de milho por 10 mil, 12 mil, 1 de feijão por 30 mil contos. Não, eu estou na esperança de quando eu tiver, poder vender, eu estou pensando quando haver inverno, vender por este preço, porque se for vender por menos não dá não.

Vamos esperar o inverno, não é? Para ver o que acontece.

Eugênio - Eu quero o inverno e quero que o governo fique tabelando a agricultura. Porque se voltar ao tempo velho, um saco de milho também não tinha preço por CR\$3.000,00, aí pronto, fica a mesma coisa.

Quer dizer que antigamente, mesmo no inverno a coisa também não tinha preço e o problema não era só a seca?

Eugênio - Era, não tinha preço, fazia uma roça de milho, ia vender, era uma mixaria, não dava para recompensar o trabalho.

A migração é maior de pequeno proprietário ou de morador?

Eugênio - Não, acho que vai mais o pobre, acho que proprietário vai muitos deles, mas o pobre é quem vai mais. O pequeno vai também, às vezes a terrinha é pouca.

Todos aqui têm condição de ir para São Paulo ou tem muitos que não têm condição?

Eugênio - Tem muitos que não vai, porque não pode, né. Tem deles aqui no nosso Sertão que se pudesse passar uma semana aqui e outra em São Paulo, passava. Este já achou que foi bom viajar.

4) ESTRATÉGIAS DA FAMÍLIA PARA SOBREVIVÊNCIA NA PARAÍBA

Giovana Almeida Nascimento

Em seu relato, João Romeu chama atenção para as formas e as relações de trabalho que permeiam a sua vida e a do seu grupo familiar. Este coletivo o qual ele pertence é o nuclear, composto por ele, sua esposa e os filhos. A sua família viveu boa parte da vida em propriedades de terceiros, na condição de morador. São José de Piranhas, PB, município de origem e de residência, era uma região caracterizada por grandes fazendas que tinham como principais culturas o algodão, a cana e o gado. No interior dessas fazendas existiam alguns sítios e algumas casas de morada que abrigavam alguns trabalhadores da fazenda.

O chão de morada correspondia a uma casa e um quintal, geralmente construída pelos próprios moradores da fazenda ou os recém-chegados para habitarem. A casa de morada também é um espaço que vincula o local de morada (casa) e o trabalho (fazenda). O chão de morada implicava uma relação de subordinação e dependência da família moradora ao proprietário da fazenda, visto que as famílias só podiam residir nesse espaço enquanto trabalhassem na fazenda (Nascimento, 2018).

Os trabalhadores que chegavam às grandes propriedades à procura de trabalho geralmente traziam consigo o seu grupo familiar, como é o caso de João Romeu, e nessas condições também pediam um local para morar com seus entes. Assim, ao se estabelecer no interior de uma fazenda na condição de morador, o trabalhador e sua família aceitam as condições de trabalho impostas pelo fazendeiro (patrão). As condições estabelecidas que caracterizam ser um morador no interior das fazendas foram

apresentadas por Garcia Junior (1989), em seu estudo nos engenhos de cana de açúcar no município de Areia (PB).

Ser morador ou tornar-se morador significava se ligar ao senhor do domínio de uma maneira muito específica, numa relação que supunha residência e trabalho simultaneamente. A ênfase na residência, que o termo morar revela, tem um forte significado simbólico. Quem se apresentava ao senhor de engenho não pedia trabalho, pedia uma morada. Entre as obrigações que a morada acarretava, havia forçosamente o trabalho para o dono do domínio.

No acordo estabelecido entre o proprietário da terra e o morador, o valor de ordem moral antecede o valor de ordem monetário. O valor moral e monetário agregado ao acordo estabelecido entre o patrão e o morador concedia ao patrão o posto de “autoridade”, de um poder superior e inquestionável. Já ao morador restava-lhe a dependência e a dívida moral e monetária gerada pelo favor prestado pelo patrão.

João Romeu e sua esposa enfatizam que ser morador é não ter direito a dia e nem hora para o descanso, e está disponível permanentemente, seja para o trabalho na roça ou outros tipos de atividade exigida pelo patrão. Geralmente, o morador trabalhava em regime de parceria a qual obedecia às regras estabelecidas no acordo entre o patrão e o empregado e variava de acordo com o tipo de cultura que era cultivada, podendo ser de meia, de terça, como relata João Romeu.

Na tentativa de escapar das más condições de trabalho, o morador e o seu grupo familiar se deslocavam de uma propriedade a outra na esperança de que a situação da família melhorasse. Entretanto, a seca somada às transformações que vinham ocorrendo no sistema produtivo rural do sertão Paraibano, como a expansão da pecuária, contribuíam para a diminuição na produção dos alimentos e colocavam o morador e o seu grupo familiar em situação mais degradante. Assim, as condições

impostas pelo regime fundiário brasileiro forçavam o morador a repetir as relações de exploração que se intensificavam cada vez mais. João Romeu descreve detalhadamente as diversas vezes que saiu de uma propriedade para outra com a família na tentativa de diminuir o sofrimento e os danos causados pela exploração do trabalho, mas sem sucesso.

As consequências negativas geradas pela expansão fundiária e pela seca motivaram a sua família a buscar novas estratégias para fugir da penúria e garantir a sobrevivência do grupo familiar, e em um “ato de coragem”, alguns de seus filhos migraram para São Paulo. Migrar significa um ato de coragem, pois ela implica em quebrar o círculo de exploração do trabalho no local de origem e ir a busca de melhores condições de vida longe de casa. Embora a migração ocorresse devido às más condições de vida e trabalho, era também uma forma de escapar da exploração (Menezes, 1985).

A migração em São José de Piranhas era predominantemente realizada pelos homens jovens e solteiros, embora também houvesse a saída das mulheres, como é o caso na família de João Romeu, onde migraram um filho homem e uma mulher. Embora a migração seja uma decisão individual, feita no seio da família, não é inteiramente determinada pela vontade das pessoas, mas uma decisão forçada, em que os indivíduos são impelidos a tomar (Menezes, 1985).

A migração de camponeses não é apenas consequência da inviabilização de suas condições de existência, mas é parte integrante de suas próprias práticas de reprodução. Migrar, de fato, pode ser condição para permanência camponesa (Woortmann, 1990, p. 35).

Em São Paulo, os filhos de João Romeu conseguiram emprego em poucas semanas, e com o salário que recebem conseguem manter-se e enviar uma contribuição periódica para a família na Paraíba, para ajudar

nas despesas cotidianas. Muitos migrantes paraibanos buscavam sobreviver nas cidades de destino; enviar recursos para casa; poupar dinheiro para uma possível volta à cidade de origem e investir em algum negócio (Menezes, 1985).

A migração dos filhos de João Romeu para São Paulo não significou apenas a libertação dos que migraram, mas de todo o grupo familiar que ficou na Paraíba, pois a família passa a contar com a ajuda financeira enviada pelos filhos que estavam em São Paulo para alugar uma casa na cidade e sair “do que é dos outros”. Embora a casa na cidade não seja própria, ela significa liberdade, pois não está nos domínios da fazenda e nem é tomada de favor, paga-se por seu uso. A casa alugada dá ao trabalhador certa autonomia, pois ele sai dos olhares de vigilância do patrão.

Mesmo morando na cidade, a família continuava tendo ligação com a agricultura, pois a cidade não dispunha de alternativas de trabalho e o grupo familiar retorna à área rural, mas dessa vez, não é para pedir morada, e sim, em busca de trabalho. Assim, o grupo familiar sai da condição de morador e passa a ser rendeiro. O rendeiro, assim como o morador trabalha em regime de parceria, entretanto, goza um pouco de certa autonomia para recusar alguma proposta de trabalho e de incluir horário de descanso na sua jornada de trabalho.

Morar na cidade para João Romeu “se torna melhor”, pois a família não estava mais sujeita às humilhações do patrão, a dependência de assistência à saúde, que na cidade se tornava mais acessível e a outros itens que a relação patrão-morador implicava. Embora considerassem difícil adquirir a própria terra, “morar por conta” em uma casa alugada na cidade também significava a liberdade de sonhar em conquistar sua propriedade e sua própria casa. Em seus estudos com camponeses paraibanos, Garcia Jr (1989) e Menezes (2002) ressaltam que a aquisição

da casa ou da terra marca a passagem da família camponesa que sai da condição da sujeição ao qual era submetido aos mandos e controle do patrão, e passa a viver como liberto livre do controle do fazendeiro.

No ano em que foi realizada a entrevista com João Romeu, seus filhos migrantes estavam em São Paulo há seis anos e o filho que tinha ficado na Paraíba se organizava para encontrar os irmãos em São Paulo. Os parentes que migraram enviavam as informações sobre o melhor momento para a migração, as possibilidades de emprego e até o envio de dinheiro para a compra da passagem (Menezes, 1985).

Em seu relato detalhado, João Romeu consegue nos mostrar que as relações de produção em São José de Piranhas contribuíam significativamente para a migração e que é nas relações familiares que se decide pela migração, que funciona uma estratégia de sobrevivência do grupo familiar.

4.1) Entrevista com João Romeu, agricultor-rendeiro, e sua esposa, Ieda, 1984

Entrevista com João Romeu, nasceu em 1933. Agricultor-rendeiro. São José de Piranhas/PB.
Tinha 51 anos em 1984, casado com Ieda, sete filhos, dois estavam na região do ABC Paulista.
Entrevistadora: Marilda A. Menezes, 1984.

Nós trabalhamos 20 anos só na terra de um patrão, ele já morreu, do Riachão (Sítio Riachão). O algodão era de meia, o milho e feijão era terça (um terço para o patrão e dois terços para o morador) ele pagava broca; só não a planta a gente toda vida planta. Aí nós vinhamos para perto de Olho D'água (Sítio), moramos 16 anos; eles não davam direito de criar bicho e nem eu queria; eu só vim ter direito de criar aqui em (se refere ao dono da terra). Mas a gente criar em propriedade não vale a pena, eu

vi morrê um rebanho de besta (animal quadrúpede, híbrido, filho de burro e égua ou de cavalo e burra), 3 bestas - morreu de fome e eu não tinha o que dar. Agora nós vinhamos pro Riacho Verde; saímos em 1951 de perto de Olho D'água. Aí nós vinhamos prá Misericórdia, morei 5 anos; lá nós trabalhamos 5 anos muito bem, aí foi que arruinou. Aí vinhamos prá (um grande proprietário), morei 16 anos aí; e ele ainda tem vontade que eu volto, mas não volto não. É que eu tenho meus filhos que trabalham muito. E lá é muito longe; às vezes dizem: ah! porque é preguiçoso; mas não é não, a senhora sabe que o pobre só vevé sacrificado. Aí cai um doente num pé de serra daquele, um carro de lá prá cá só vem muito caro, ninguém tem dinheiro pra compra nenhum remédio. Aí se arranca de lá com aquele doente, quando chega aqui já tá morto; aí não tem mais jeito. E eu morando aqui, tô me dando mais bem, porque aqui os meninos trabalha onde quiser, com uma légua, duas, três, mas na hora da doença daqui a gente tira de pé pro hospital.

Aí nós vinhamô, fumo prá (nome de proprietário), moremos 3 anos. Lá eu produzi 6.000 kg de milho, aí nos 3 anos foi o tempo que o menino meu foi pra São Paulo; aí eu tava trabalhando; mas eu começava a trabalhar e não aguentava o sol; aí eu ia trabalhar mas quando chegava meio dia, eu tava assim agoniado. Aí eu ia prá aquelas sombras. Aí depois me deu uma dor, pegando bem assim o pé da barriga; o bucho tinha crescido, fiquei uns 3 dias encruado; não conseguia me medicar, me receitar; aí comecei a inchar, e fui prá Carrapateira (município). Chegando lá o farmacêutico disse: é melhor o senhor ir pro médico, porque o negócio é sério. Ai quando cheguei aí, eles disseram é preciso você ir logo para Cajazeiras (município onde se tem maior recurso médico) e é logo, é logo amanhã. Toma um comprimido que sua pressão tá mais alta e seu coração barelou.

Aí chegou lá o doutor disse que não era prá eu trabalhar, era pra eu viver sem trabalhar, tomando o medicamento. O coração barelou; quando eu trabalho muito, tando um sol bem quente eu tenho que ir prá uma sombra, porque minha cabeça fica em ponto de estalar. Luiz disse você merece se aposentar e é logo, aí me tocaram prá Souza. Eu achei ruim; mas ele disse: você não vai gostar nada. O eletro nesta época paguei uma base de Cr\$ 1.400; agora deve tá bem Cr\$ 8.000/12.000.

Ieda - O que faz a gente sair de uma propriedade à outra é o sofrimento.

João Romeu - Não é bem assim; a gente tava trabalhando nestas propriedades; aí a seca batia. Os patrão não podia fornecer à gente. Nós trabalhamos muito, onde tinha moagem a gente sempre tava trabalhando; lá no JE eu morei lá 16 anos; mas era 6 meses de moagem, 3 meses nos Currais (Sítio) e 3 meses no Alvorada (Sítio). Eu trabalhei muito; foi o que acabou comigo, foi mais este negócio de rapadura, de moagem. Aí hoje eu tô aqui, moro nesta casa alugada, já me bati prá fazer uma, mas não deu. É porque quando a seca vem; aí o serviço se acaba; agora se o governo não tivesse mandado esta emergência, cuma era que fica? a gente já tinha morrido muita gente. A gente ia fazer o que? ele (o patrão) não tinha dinheiro.

E nem planta roça, nem nada?

João Romeu - Não, roça nunca deixei de plantar no inverno. Nove pessoas numa casa prá sustenta é duro. A gente todo dinheiro que pega compra o milho, o feijão, paga aluguél da casa. A condição de morador é aquele que trabalha o dia tem o dinheiro, aquele que não trabalha não tem.

Trabalha o dia, como é?

João Romeu - O dia é 2.000 (o salário mínimo em maio de 1984 era Cr\$ 97.176,0, o anterior foi de novembro 1983: Cr\$ 57.120,0) à custa da

casa; nos anos de seca ninguém tinha nada; o ano passado nós não provemos uma espiga de milho assado. Aqui na rua paga tudo, paga água e tudo. Ainda com esta arenga todinha fizeram 20 milheiro de tijolo, queimaram, compremos a lenha e tudo, mas a situação foi arrojando, foi preciso nós vender. Este tempo todo era o mesmo sistema de trabalho. O problema todo é a seca; os patrão mesmo sendo bom, mas tem a seca. Porque eu vim se embora de Timbaúba (município de Pernambuco), porque lá ninguém acha um dia de serviço nem pra comê. Eu sempre plantava nos tabuleiros; nos Currais (Sitio), os baixios é cheio de cana.

Os baixios não prejudica o morador?

João Romeu - Prejudica, porque onde planta o capim ninguém tem direito de plantar. É onde tem as terras de baixio; é as terras que avança mais a alimentação, mas é cheia de capim, a gente não é dono de nada, né. Prejudica, assim, porque as terras baixas é a que chega mais ligeiro e garante.

Ieda - Olha nos patrão, morando... aquela pessoa não tem direito a um dia de tá em casa e se encontra a pessoa em casa, diz: vai trabalhar, você é preguiçoso. A senhora acha que tempo de seca que não chove tem quem seja trabalhador? Porque não pode, né. Como é que pode fazer agricultura sem chuva. Agora tamô tudo trabalhando, porque tá chovendo. Mas aqui mesmo tem gente que não tem um alqueire de roça. Os patrão não quer que o morador fique nem o domingo em casa. Olha, passando esta emergência, eu tenho um rapaz aqui, SE, já mandaram chamar ele; aí ele dizendo que não vai, já tá com a reservista pronta. Ele estudou o primeiro ano, aí tá estudando; aí dizendo: olha papai, se o senhor for arrancá toco, eu vou me embora, porque arranca toco a senhora sabe, mata o homem. Aí passou esta emergência todinha e eles arrancaram muito toco, de fulano e de beltrano(dois proprietários de terra). Aí os outros aqui da rua pará, mas ele não pará e eu não posso

mandar ele parar, porque são três maior e dois menor. Aí à tarde eu saio com aquela merenda pra eles.

Prá morador, não é melhor um pouco?

João Romeu - Não, porque o seguinte: a gente mora, eu moro nesta casa alugada e eu planto onde quiser, daqui pro Riacho Verde é tudo em riba prá eu trabalhar.

Ieda - Sabe porque é melhor na cidade? porque os pobre na cidade não tem quem diga: vá fazer isto. Você tem que ir nos sítios é, chega e tem que ir. A minha casa é alugada, mas alguém chega e diz: vai fazer o serviço de fulano de tal, eu pergunto logo: quanto paga, eu tenho direito de cobrar e sendo na propriedade diz: vá, aí dá o que quer. Aqui eu tô me dando mais bem.

E quais as outras coisas, dificuldades que o patrão vai criando para o morador, que a gente sabe que ele não manda o morador embora, mas vai criando uma série de dificuldades?

Ieda - Manda não, agora ninguém tem mais o direito de mandar o morador embora, porque se manda é uma soma, se o morador for ao sindicato, eles pagam uma soma. Aí eles implica pra aquele morador sair por sua conta própria, pra eles não paga; prá eles não dizer assim, vai embora, porque neste caso paga muito e enquanto pode amassa, até o pobre do morador se desgastar.

João Romeu - Eu já tomei muito prejuízo, eu já trabalhei em muita propriedade, negócio de destruição de bicho dentro de roça. Hoje acabou-se, eles não tem autoridade, por causa do sindicato. Eu não tenho autoridade prá ofende patrão, porque eu trabalhei cinco anos na propriedade eu trabalhei o ano todinho lá, tinha 20 garrote; lá eu tomei de conta de 25 tarefas de roça de capoeira e de algodão. E desde este tempo que a criação tava comendo a pastagem, o algodão ficou só a moita; e eu trabalhando na cerca; aí foram dizer ao patrão que eu ia

enricar. Aí eu tinha umas 20 tarefas situada por minha conta, minha mesma e tinha umas 20 tarefa dos meeiros que tinha, que eu tava tomando de conta.

Aí quando o algodão começou a tomar carga; aí o patrão chegou e disse assim: apois é, não vou lhe dá mais a raiz de algodão, não. Aí eu disse: tá certo; aí entreguei a roça. Aí veio (nome de proprietário), a senhora já ouviu falar, pai de Dr. (nome de proprietário), disse: *João Romeu* - agora tá na vez, você chama...o porque o algodão é seu. Eu disse: eu quero que o senhor não mexa com isto. Eu não quero não. Aí ele deu o algodão aos meeiros, os meeiro deixou o algodão abrir do lado, rasgã. Aí disseram à ele, nem nós planta, nem você planta; aí se arrependeu. Ele disse: eu me arrependi; aí eu catei o meu, paguei as contas dele e saldei \$9.000,00 neste tempo; era muito dinheiro. Aí ele disse: compadre eu me arrependi do que fiz, mas, aí disse: eu vou lhe dar o sítio de cana, com 300 cargas de rapadura; eu lhe ajudo na moagem, você compreende de tudo aí, não precisa nem lhe dizer. A propriedade tá aí, não me paga nada; e se o senhor não aceita, eu vendo a propriedade. Aí eu imaginei assim... aí vim prá (nome de proprietário), ele veio atrás de mim, ainda trabalhei 2 semanas lá.

Eu resolvi não aceitar porque quem apanha uma vez é bom não apanhar de novo. Lá é muito bom, ele peleja prá nós volta de novo; todo mundo gosta de nós. Em (nome de proprietário) morei 16 anos; estes 16 anos que passei aí, todos os anos, trabalhei muito, mas passei sofrido. A gente morando a favor, a gente não tem sossego não, às vezes num dia de domingo recebe um recado; aí o cabra vai lá prá... e a gente morando por conta da gente é diferente.

E o morador não tem mais direito que o rendeiro; o proprietário não dá mais atenção, não cuida mais dele!

João Romeu - Não, fornece não; negócio de fornecimento acabou, no tempo que tinha muita produção de algodão fornecia, mas hoje é dia de serviço; a gente faz uma empeleita, ganha daqui prá acolá; e nem eu quero; não quero porque a gente devendo tá sujeito.

Qual a vantagem em ser morador?

João Romeu - Bom aqui onde eu moro, eu não sou morador, mas tô seguindo no mesmo rojão

Ieda - a gente trabalha; trabalha e nada tem;

João Romeu - Aqui eu não sou morador, mas os meninos continuam trabalhando, plantando roça porque eu não tenho um bem, eu não tenho outro ganho; a senhora sabe, tudo é caro; o governo deu este serviço, mas se a gente não planta prá quando dizer assim, cortou a emergência e a gente não tem nada, como é que vai ficar. “O morador é assim se aguenta o patrão, deixa as coisas pra lá; e muitos não aguenta e devassa.” Sobre o patrão eu não posso agravar; eu trabalhei 5 anos no Riacho Verde; o povo fala: ah! Riacho Verde e tal. Mas eu trabalhei 5 anos e eles é doído prá me levar prá lá. Quer dizer que se eu não soubesse vive no mundo, ninguém queria.

O que é o morador ruim?

João Romeu - Preguiçoso, às vezes cachaceiro.

Se o senhor arranjasse uma propriedade por perto da cidade.

João Romeu - Ah! Se arranjasse por perto, aí sim

Ieda - Sabe como eu tenho vontade de morar, numa propriedade minha mesmo.

João Romeu - Ah! Mas isto é difícil.

Ieda - Prá não ser mandado de ninguém.

João Romeu - Ah! Mas isto é difícil. Aqui na rua é melhor; se ficar doente, vai até a pé pro hospital.

Ieda - Eu já vi filho meu morrê à míngua, espera 1/2/3 dias, quando vem chegá na cidade é medicando e morrendo, morto. Já perdi muitos filhos; eu tenho 7 filhos no céu, e morre assim à míngua; o pobre morre às vezes por falta de um grito.

Na opinião do senhor quais seriam as coisas boas para ser morador?

João Romeu - Bom, a senhora sabe as condições de morador, a gente não sabe nem dizer, é aquele que faz o pão de cada dia, feijão, milho, arroz; o patrão é bom; deus dando o inverno já tá bom.

O senhor acha que a diminuição dos moradores é devido ao sindicato?

João Romeu - É não senhora; é devido ao mal passadilho. Eu cansei de ver AU, pai de JE pagar a 50 moradores, hoje talvez não tenha 20. Hoje tão tudo pra Brasília, São Paulo.

Faz muito tempo que sai gente daqui pra ir pra Brasília, pra São Paulo?

João Romeu - Desde 1940.

Época que foi mais gente?

João Romeu - Todo tempo; a gente pela rádio é só pegando São Paulo tá ruim, São Paulo tá ruim e o povo só viajando. Eles foram prá São Paulo, porque trabalhava muito e não dava nem prá compra uma roupinha; era só lavando e vestindo; eles já tavam cansado da condição de morador; já iam trabalhar se maldizendo; José dizia eu já tô aperreado com tu, porque você chega do serviço se maldizendo da sorte.

Eles ajudam todo mês?

João Romeu - Se estivessem aqui não dava prá ajudar; trabalham, trabalham, só dá pro gasto da casa.

Filho - eu tenho vontade de ir a São Paulo, a gente só vive trabalhando e não faz nada.

Ieda - Eu acho bom eles ir, agora tenho pena de ver meus filhos na maior precisão e não ter prá eles aqui. Em São Paulo a pessoa trabalha

obrigado quer queira, quer não, e aqui a pessoa pensa hoje eu tenho, hoje eu não vou, vou amanhã.

Ieda - Eu tinha minha moça que zelava minha casa, tinha tudo limpinho, eu não fazia nada, mas como eu não podia dá a ela tudo que ela precisava, aí me vi obrigada a deixar ela ir (eles mandam 10/15.000 por mês) Eles não falam em voltar; eles falam em vim quando arranjà alguma coisinha, prá negociar; ele disse: se vocês ainda estivessem naquele sítio, eu aqui não vinha nem a passeio. A melhor solução para a seca era a emergência mesmo, não tinha outra não; até as mulheres registravam; eu não me alistei antes porque perdi meu registro, vim me alistar agora.

Filho - Se eles estivessem aqui tava pior; ele fala em me levar, mas tô arrumando os documentos.

Mas a situação em São Paulo não tá ruim?

Filho - Tá e não tá, porque eles tão empregado faz 6 anos.

Por que acontece os vaivém?

João Romeu - Sabe porque é; porque aquelas pessoa que trabalha pouco lá, eles manda; aí aquela pessoa fica jogada no meio da rua. Só dá certo em São Paulo quem é muito trabalhador, que o que eles botá prá fazer aquela pessoa faz mesmo, sem preguiça. Lá eles trabalha como aqui. Olha repara meu menino tá com 6 anos e não foi mandado ainda desta firma; porque tem coragem de trabalhar.

Ieda - Não quero que ele venha prá aqui, não; já sofreu muito aqui. Se ele vir prá casar, ele vai se maldizer da sorte como se maldizia antes. Você não sabe que as mães não quer ver seu filho sofrer. Eles dizem que só volta quando tiver com que viver aqui, sem trabalhar de empregado; botá um negocinho de vender, qualquer coisa prá não tá pegando no pesado. Se a gente morasse numa propriedade nossa, que não fosse a mando de ninguém, acho que ele não tinha ido não. Eu só tinha vontade

de ir a São Paulo; se fosse tudo criado, mas eu ainda tenho muito menino de menor.

Quando eles foram embora, o que eles disseram? que já tava cansado de trabalhar na agricultura?

João Romeu - É que já tava cansado; ele saiu daqui com 3 dias lá arrumou emprego; foi ele mesmo que arrumou; ele manda dizer que São Paulo é só prá quem sabe ler.

Mesmo com o desemprego em São Paulo, vale a pena ir?

João Romeu - Vale, porque tando com o irmão lá tá certo; porque ele vai prá casa, né. Na hora que quiser ir, ele manda passagem.

Você acha que pode ajudar mais em São Paulo do que aqui?

Filho - Posso, porque arrumo um emprego, dá pra mim, pro meu manutenção lá e aqui.

Você tem ideia quanto é que vai ganhar em São Paulo?

Filho - Não, não tenho.

Se o sr. pudesse escolher, preferia morar no sítio ou na cidade?

João Romeu - Na cidade.

Quando eles falaram de ir embora, a senhora concordou?

Ieda - Eu não queria não; mas aceitei.

Foi um ato de coragem ou de fraqueza?

Ieda - De coragem, porque eles escreve e manda dizer: olha prá mim precisa coragem; porque prá sai de casa. Ele dizia todo mundo quando vai prá São Paulo chora, eu não choro, aí quando foi prá ele se arruma, começou a chorar. Quando foi na véspera da viagem passou a noite chorando, saiu daqui chorando.

Aqui também prá compra uma terra é muito difícil?

Ieda - É, ave-maria tenho a maior vontade de ter minha casa.

Tem muita gente que vaivém, acha que tá sofrendo mais e volta, é de lá prá cá e cá prá lá é melhor ficar na sua terra natal?

João Romeu - É melhor, sofre no torrão natal do que em terras alheias. Na terra natal todo mundo ajuda. Já tô com três anos aqui nesta cidade, mas o povo vê minha condição, eu visto roupa quando o povo chega, vem me dar aqui na minha casa.

PARTE II
DESLOCAMENTOS,
TRABALHO, REDES SOCIAIS:
TECENDO VIDAS E SONHOS



5) MIGRAÇÃO, TRABALHO E MEMÓRIA NOS ANOS 1980: OS DOIS LUGARES DE UMA FAMÍLIA EM MOVIMENTO

Valéria Barbosa de Magalhães.

“Não podemos mais viver assim. Temos direito à Terra. Somos quilombolas”. Era um desejo de liberdade que crescia, esse desejo começou a colocar em oposição pais e filhos numa mesma casa. Alguns jovens já não queriam permanecer na fazenda. Desejavam a vida na cidade. Os deslocamentos se tornaram mais intensos que no passado, quando nos transportávamos em animais para outros lugares, cidade e os povoados vizinhos. A vida na cidade, entre viajantes e comerciantes, era atraente. Pesava na decisão justamente o trabalho para os fazendeiros, que foi mantido entre nós e atravessou gerações.

(Torto Arado, p. 187)

As entrevistas aqui analisadas foram realizadas por Marilda Menezes entre 1983 e 1984, e são em um importante retrato histórico das condições estruturais e subjetivas que contextualizaram as migrações entre Paraíba e São Paulo, nas décadas de 1970 e 1980. Estes relatos de história oral são a ponte entre as vivências dos sujeitos narradores e a coletividade na qual estavam inseridos.

O cenário das migrações internas, nas décadas de 1970 e 1980 na Paraíba, esteve atrelado às relações de exploração no campo e à desigualdade da posse de terras. Na cidade de São Paulo e no ABC Paulista, esteve ligado ao desenvolvimento e à expansão da indústria e da construção civil.

Além disso, gerações de nordestinos há muito estabelecidas na cidade de São Paulo e seus arredores constituíram redes migratórias que garantiriam a segurança em sua chegada, bem como uma miríade de serviços para esses migrantes, tais como: pensões, comércio de produtos do “norte”, intermediações para a obtenção de trabalho e outros

(Menezes, 2002 e 2017; Fontes, 2008; Magalhães, 2015). Essas redes migratórias vinham se consolidando desde os anos 1950, em consequência do crescimento dessas migrações a partir dos anos 1930.

Nas décadas de 1970 e 1980, as redes migratórias eram enriquecidas por um sistema de transporte organizado pela própria comunidade (composto por ônibus e caminhões, muitas vezes irregulares) que levavam e traziam pessoas e mercadorias do Nordeste para o Sudeste, mantendo ativo o intercâmbio de produtos e a comunicação entre os locais de partida e de destino (Rigamonte, 1999).

Nesse período, trabalhadores migrantes passaram a ocupar postos de trabalho na indústria e na construção civil, que estavam em expansão em áreas urbanas como a cidade de São Paulo e o ABC Paulista. Essas indústrias instaladas nas bordas das cidades atraíram muitos migrantes para seus arredores. O entrevistado Josimar, por exemplo, foi um dos empregados dessa indústria automobilística em expansão, tendo trabalhado na fábrica Pirelli, localizada em Santo André.

Especificamente nos anos 1980, observou-se a contração da migração rural-urbana e inter-regional e a concentração e crescimento da população nas margens e periferias das grandes cidades urbanas no Brasil (Carvalho, 2019). Como mão de obra barata, os migrantes do Nordeste seriam empurrados a viverem nas periferias urbanas (Angelo, 1995; Baptista, 2003, Fontes, 2008; Magalhães, 2015; Rigamonte, 1999).

Essa “periferização” das cidades foi fomentada principalmente pelos migrantes internos que buscavam lugares mais baratos e acessíveis para viver. Além disso, a própria melhoria do sistema ferroviário e rodoviário urbano forneceria transporte para essa mão de obra trabalhar nas regiões centrais da metrópole, de modo que os bairros periféricos foram se expandindo ao longo da rede de trens urbanos. A malha ferroviária do ABC Paulista e a expansão das indústrias na região, especialmente

automobilística, foram alguns desses elementos de atração de migrantes para as periferias.

Nesse complexo cenário migratório, o senhor Zacarias, de 65 anos, pai de 13 filhos e morador de Bonito de Santa Fé, foi entrevistado, em 1983, por Marilda Menezes. Naquela ocasião, ele trabalhava pesado nas terras dos outros. Sua narrativa testemunha a dura realidade das relações de trabalho no campo do interior da Paraíba, perpetuadas pelas dominações impostas pela desigualdade no acesso à terra.

O Senhor Zacarias vivenciou as transformações nas relações de trabalho no campo paraibano ocasionadas pela introdução da pecuária nos anos 1970. Com a chegada da pecuária, as relações de parceria e de meeiros se tornaram mais complicadas, como ficou evidente em seu relato. As terras férteis (“baixios”) que antes eram plantadas com cereais, sendo parte deles reservada aos empregados da terra, passaram a ser destinadas ao capim do gado. O trabalhador passou então a ser obrigado a comprar alimentos fora da fazenda, ficando endividado, pois o valor gasto era sempre mais alto do que o que se ganhava.

Naquele tempo, os empréstimos no banco eram inacessíveis para os empregados, que dependiam de uma carta do patrão, contou Zacarias. Ao invés de ceder a carta, o proprietário da terra emprestava ele mesmo o dinheiro, mas com juros abusivos. Com isso, a mobilidade no emprego também aumentava e a permanência em uma mesma terra ia ficando cada vez mais difícil. De propriedade em propriedade, o valor da mão de obra foi caindo e as relações de trabalho foram ficando mais precárias. As perspectivas de uma vida melhor foram escasseando, empurrando, então, o homem do campo e suas famílias a migrarem.

Quatro dos filhos do Senhor Zacarias estavam em São Paulo, no momento da sua entrevista. O primeiro migrou em 1979. Foram eles que, segundo Zacarias, propiciaram uma melhora na vida familiar, que

antes beirava à miséria. Sem as migrações, a família sequer tinha dinheiro para comprar uma peça de roupa ou para se alimentar adequadamente.

As migrações também aparecem representadas no relato do Senhor Josimar como uma consequência da desigualdade no acesso à terra: a falta dela põe toda a família em uma situação de vulnerabilidade no trabalho e de dependência em relação à exploração dos patrões. Segundo ele e os seus filhos, em sua região, a posse da terra seria a única garantia de não se viver na miséria: “Não tem condição, aqui só tem a vida [tranquila], para viver e para morar é mais sossegado, mas sobre a manutenção, a pessoa morre à míngua”.

No ano de 1984, em São Caetano do Sul no ABC Paulista, Marilda Menezes entrevistou duas de suas filhas, Amélia e Ana. Da entrevista participou também Josimar, o esposo de Ana. Esses relatos ilustram o quadro explicativo em relação às migrações do Nordeste para o Sudeste, nos anos 1970 e 1980.

Amélia e Ana expuseram o processo histórico da desigualdade da propriedade agrária em sua região: elas contaram sobre como as terras de seu bisavô e de outras pessoas foram tomadas por (nome de proprietário), não por compra, mas por aquisição por meio de outros subterfúgios ou aquisições suspeitas, a exemplo da posse por dívida. Elas também descreveram a histórica dependência de seu pai com relação aos patrões com os quais trabalhou como parceiro ou meeiro e a precariedade de sua situação devido à chegada da pecuária: “Sempre foi assim. O cara que tratou aquela terra tem que trabalhar para aquele patrão lá, tem que ficar ali, trabalhar pelo salário que ele quer”.

Ana ressaltou as dificuldades de se viver em sua região sem possuir terras e apontou isso como um dos fatores para que ela decidisse se mudar para São Paulo. Ela contou que não tinha como sofrer mais do que

sofria lá, por isso não teve medo de migrar, que queria sair do campo desde que era pequena. A oportunidade de migrar veio com o casamento com Josimar, que foi buscá-la, após um período de migração. Lá na Paraíba, segundo ela, “quem não tem terra não tem como viver não”. São Paulo era a esperança. Amélia migrou em 1979, após sua irmã já ter saído de casa.

Na entrevista, Ana, Amélia e Josimar contaram que São Paulo, por pior que fosse, propiciava alguns direitos, como o 13º salário e a formalização do trabalho, ainda que a labuta fosse muito pesada, a ponto de ter levado Josimar ao adoecimento.

A importância das redes de migrantes também foi representada nas entrevistas. Josimar, que migrou em 1973, tinha um tio que morava no ABC Paulista e que o ajudou nos primeiros tempos, como disse ele: “meu tio me deu cobertura”. Ele avaliou que há uma ilusão sobre São Paulo, algo alimentado por aqueles que aqui estão e à Paraíba retornam. Ele mesmo achava que o tio que vivia na cidade estava rico e que as pessoas trabalhavam e conseguiam as coisas: “Eu via o pessoal que trabalhava até menos que eu e conseguia as coisas. Eu trabalhava e não conseguia nada”.

Josimar detalhou sua trajetória de empregos em São Paulo, passando por terceirizadas, pela Pirelli e pela Eletropaulo, sempre no trabalho braçal. Além disso, falou de seus projetos sobre um possível retorno à Paraíba para viver em Campina Grande. No futuro, pretendia estar onde seus filhos pudessem estudar, fosse na Paraíba ou no ABC.

As narrativas dessas diferentes gerações de uma mesma família sugerem que há um processo de tomada de consciência quando os filhos entram em contato com novos modos de vida e com outras relações de trabalho. A compreensão sobre a desigualdade agrária adquirida com as migrações se torna um dos grandes elementos na formação crítica

dessas novas gerações. A reflexão feita por Ana, Josimar e Amélia sobre os donos de terra de sua cidade denota esse processo de tomada de consciência. Os projetos de educação dos filhos também. Se no relato de Zacarias a dificuldade no campo e as relações de trabalho difíceis parecem ser uma contingência da vida, nas narrativas dos filhos e do genro isso se torna um problema histórico. A própria relação do genro Josimar com seus empregos em São Paulo é diferente, envolvendo, inclusive, processos trabalhistas contra seus patrões.

As entrevistas com o Senhor Zacarias e suas filhas, realizadas no começo dos anos 1980 por Marilda Menezes, nos convidam a duas reflexões:

1) O cenário das relações sociais e econômicas no sertão da Paraíba e em São Paulo, naquele período das entrevistas, e sua relação com as migrações, conforme discutido anteriormente; e

2) A formação de Marilda Menezes como uma grande referência nos estudos das migrações do Nordeste para o Sudeste, bem como sua atuação no campo da história oral.

Em sua obra, Marilda Menezes tem destacado a centralidade dos sujeitos e das redes sociais nos processos migratórios. Além disso, seus estudos têm quebrado paradigmas e desafiado conceitos rígidos sobre as migrações. Para ela, os projetos migratórios não são estáticos, mas atravessam gerações, estando voltados a planos complexos que envolvem também o retorno à terra natal.

Nesse sentido, essas entrevistas (realizadas durante seu mestrado em Sociologia Rural na Universidade da Paraíba) foram o primeiro passo de uma trajetória intelectual que posteriormente afirmaria o que estava em gestação nos primeiros trabalhos de Marilda Menezes: a importância da família, das redes e da subjetividade nas migrações. Além disso, esses relatos conduzidos por ela apontaram para a complexidade de projetos

migratórios que fogem à simplificação das explicações puramente estruturais. Em suas perguntas e na interação com os entrevistados, estão entrelaçados planos individuais de vida, relações de trabalho, desigualdade de posse de terras, relações familiares e a migração como um projeto que não se encerra, pois o retorno está no horizonte. Tais descobertas só foram possíveis porque Marilda Menezes, desde o início de sua carreira, esteve sensível à escuta, a perceber que a História não se faz somente por fenômenos objetivos, mas também por sujeitos que são agentes de seu tempo.

Por fim, cabe destacar a importância dessas entrevistas como um documento histórico da formação de Marilda Menezes no campo da história oral, método no qual se especializou, inclusive participando ativamente de instituições como a Associação Brasileira de História Oral. Marilda Menezes também formou inúmeros pesquisadores com esse método na temática rural e das migrações. Especificamente no campo das migrações do Nordeste para o Sudeste, ela é hoje uma referência no uso da história oral.

No momento da realização das entrevistas aqui apresentadas Marilda Menezes estava dando seus primeiros passos, de maneira brilhante, no campo da história oral. No decorrer de sua carreira, foi se especializando e produzindo novas formas de trabalhar com as narrativas e de analisá-las, contribuindo ativamente para o desenvolvimento desse método no Brasil.

Por fim, as entrevistas do Senhor Zacarias, de Ana, de Amélia e de Josimar, são um documento histórico precioso tanto sobre a história das migrações do Nordeste para o Sudeste e seu campo de estudos, quanto para a própria história da história oral no Brasil.

5.1) Entrevista com Zacarias, morador, 1983

Entrevista com Zacarias, nasceu em 1918, morador, Bonito de Santa Fé/PB

Tinha 65 anos em 1983, treze filhos, nas idades de 8 a 48 anos, dez filhos e filhas haviam migrado para a região do ABC Paulista.

Entrevistadora: Marilda A. Menezes, outubro de 1983.

O senhor tava falando que para contratar um trabalhador, vende o que tiver?

Zacarias - Vende o que tiver. Começa do milho, algodão ou feijão. Vende o algodão antes do período do tempo, porque a necessidade da manutença e prá dá ao trabalhador, porque sozinho ninguém pode fazer. Quando é no fim do ano, quando dá o preço ainda é pouco prá tirar as contas, vende tudo, aí depois tem que comprar de novo. Não tem outro meio.

Não dá para o senhor trabalhar sozinho?

Zacarias - Dá não, porque sozinho planta uma coisinha bem pouquinha, num dá nada, quando aumenta mais, precisa aumentar o tempo, só vai com trabalhador.

E o senhor já pediu à proprietária para ela adiantar o dinheiro?

Zacarias - Não senhora, pedir prá arrumar não adianta. Se desse prá ela criar sem despesas, ela não ia fazer nenhuma despesa.

Ela nunca adiantou dinheiro nenhum ao senhor? Nem para a feira?

Zacarias - Não.

O senhor disse que quando não tinha nada a vender, pedia dinheiro emprestado do banco?

Zacarias - Não, é particular.

Quem arruma?

Zacarias - Vicente, é proprietário aqui. Hoje começou de 5%, passou prá 10, hoje só querem arrumar a 20% ao mês

E já faz muitos anos que o senhor empresta dinheiro para trabalhar na agricultura?

Zacarias - Não, comecei a arranjar dinheiro com ele a 2%, aí vai, todos anos eu tomo, hoje pode chegar lá, ele arruma, mas é 20%.

O senhor nunca tentou tirar empréstimo no banco?

Zacarias - Não, porque eu não tenho propriedade, eles não me dá uma carta.

E os trabalhadores que contrata vem de onde?

Zacarias - É daqui mesmo da vizinhança, uns é meeiro, tem deles proprietário, às vezes tem uma garrinha de terra, não tem do que se manter, acha um dia de serviço, uma empreitada e vai ganhar.

Este ano quanto foi que o senhor tirou de empréstimo?

Zacarias - Foi pouco, 50 mil cruzeiros, a safra deu prá cobrir.

O senhor já foi morador há um tempo, tem muita experiência? Como é um bom patrão?

Zacarias - Um bom patrão, como se diz, é botá o reideiro, botá uma renda que vê que dá o reideiro passar, não ser tão extravagante. No dia que puder ele arranja um dinheirinho limitado, mas que arranja. O nordeste, como se diz, todo ele é fraco, e assim a gente vai levando. O camarada pobre não pode também precisar que o patrão arranje 20, 50 mil e no fim não dá prá pagar, e no fim quando eu quero dez mil o patrão arranja um mil e assim vai levando.

Mas este bom patrão o senhor já encontrou alguma vez?

Zacarias - Já.

É aquele que adiantaria dinheiro?

Zacarias - É. Já trabalhei com um que arranjava o dinheiro tudo de uma vez só. Um tal de Luciano, tinha 120 tarefas de algodão.

O senhor conseguia sozinho cuidar de 120 tarefas?

Zacarias - Ah! Nesse tempo eu tinha quatro filhos e lutava com gente direto. Lutava na diária com cinco trabalhadores, quando terminava a colheita fazia a conta e no dia 10 de janeiro ele soltava o dinheiro do ano todo, do produto todo. E botava na obrigação de cuidar do algodão até final de abril, aí tinha que fazer aqueles trabalhos todos, o dinheiro só dava prá roça de algodão, quando fosse no tempo da cata de algodão tinha que vender o milho, feijão, faça o que desse, quando era em novembro fazia a conta, pagava ele; se sobrasse, bem, se não sobrasse... geralmente nem sobrava nem ficava devendo. Quando é no outro ano começava a mesma coisa. Tudo de novo, só dava mesmo prá tirar a despesa.

Nunca sobrava para o senhor?

Zacarias - Não, quando era mês de janeiro já tava comprando, ou fevereiro.

O senhor morou com ele antes de vir pra cá?

Zacarias - Foi, oito anos.

O senhor achava que era vantagem?

Zacarias - Não dava vantagem não, é tanto que eu entreguei toda a raiz, vi que não dava, aí meus meninos desabaram para o sul, aí eu fiquei aqui no baixio, o home me arrumou uma casinha, fiquei botando bem pouquinho, foi o tempo que eu fiquei com estes meninos pequenos e entreguei a raiz do algodão e o que a gente vem tirando agora dá pra comer, quando o ano é bom dá pra comer um ano, e quando o ano é ruim como este dá pra comer seis meses, aí vamos escapando com o dinheiro da aposentadoria. No dia que acha um ganhozinho a gente tá pegando, quando não acha escapa como Deus quiser.

Este outro patrão o senhor tinha quatro filhos moço que ajudava, hoje tá tudo em São Paulo, por que eles resolveram sair?

Zacarias - Porque o que ganhava aqui não dava prá comprar uma roupa, porque tinha 120 tarefas de algodão, quando era no fim o patrão

soltava dinheiro a 5% ao mês naquela época [foi de 1970 até 1978]. No baixio eu vim em 1980.

Na outra propriedade, mesmo com estas condições, por que o senhor resolveu ficar lá?

Zacarias - Porque prá sair só encontrava outro mais ruim do que ela, porque nem dinheiro o patrão não arrumava e tinha terra suficiente que dava prá trabalhar. A gente quando se acabava, ela, no outro, mês já arrumava de novo. Então quem não tem terra quando arruma um patrão assim dá graças a Deus, tira o tempo, prá mudar prá outro mais fraco não dava e assim ele nunca deixava a gente passar fome. Ele soltava o dinheiro e quando soltava o dinheiro no mês de fevereiro, tirava a conta toda, no outro ano a mesma coisa, e assim tirei esses anos todos quando sai, não sai com uma camisa, mas também devendo não fiquei.

Os pais do senhor tinham terra?

Zacarias - Tinham não.

Moravam onde? O senhor lembra alguma coisa do tempo que era solteiro? Como era a propriedade que o senhor morava?

Zacarias - Quando era solteiro trabalhava de renda também, com os [meus] pais, quando ele morreu, aí eu fiquei como chefe de família, trabalhava para cinco irmãos. Com nove anos minha mãe faleceu, aí fiquei sozinho, rapaz... cuidando dos irmãos. Foi casando, foi debandando, fiquei só. O trabalho era meia de algodão, milho, feijão; nem dinheiro adiantavam nessa época também. A terra era menor, o meu cultivo era 3 hectares,

A família era pouca?

Zacarias - Dava prá manter a família nessa época, havia inverno.

Quando começou esse negócio de querer que o morador trabalhe mais terra e contrate trabalhador, o senhor acha que é mais vantagem para o morador?

Zacarias - Agora é trabalhar menos terra por conta dele, porque prá aumentar o cultivo, a produção, não dá pra pagar trabalhador. Porque prá arranjar dinheiro pra pagar trabalhador, o rendeiro se aperta, mesmo que o patrão facilite, não dá porque os anos inconstantes aí o camarada vê o patrão de boa vontade e pega, arranja dinheiro, quando é no fim não dá pra tirar a conta, o patrão que fica prejudicado porque o rendeiro come, aí tá se alimentando, estragou com trabalhador, aí o patrão que fica prejudicado. Não é vantagem para o patrão.

O patrão, a partir de quando ele começou a querer que o morador trabalhasse mais terra do que ele pode?

Zacarias - Isto foi de 1981 prá cá, o outro patrão (1970-78) quanto mais podia contratar trabalhador, ele queria ver área coberta de produção, ele soltava o dinheiro que precisasse na hora, mas quando tirava no fim do ano apurava tudo quanto tinha, só dava pra pagar.

O senhor acha que esse sistema do morador trabalhar muita terra, mais do que ele pode trabalhar, é mais interessante para o morador ou para o patrão?

Zacarias - É mais interessante prá o patrão, porque a gente vai trabalhar muito, a despesa não compensa. O que tem do rendeiro fica com ele, o patrão é quem fica, porque o patrão solta o dinheiro e recebe o dinheiro no fim do ano com juros, e o morador fica sem nada. Por isto que é melhor pouco cultivo, que vê que os braços dá, e nem se faz de rico e nem faz de rico o patrão.

O patrão, hoje, quer morador que trabalhe pouca terra?

Zacarias - Querem, porque eles não vão soltar o dinheiro.

E quando há inverno eles soltam?

Zacarias - Quando vem o inverno com tudo, eles abrem mão, aí tem que contratar trabalhador.

Eles orientam a trabalhar mais terra?

Josimar: É.

Pode criar gado?

Zacarias - Sempre eles dão, ainda hoje dão, uma cabeça de gado. Antes dessa pecuária podia criar até meia dúzia, mas depois dessa pecuária, quando muito eles consente é criar uma.

Quando começou essa pecuária?

Zacarias - Essa pecuária começou de 1970.

O que levou a esse negócio de aumentar a pecuária?

Zacarias - A pecuária é o seguinte: eles faz aquela pecuária e no lugar de haver o cultivo, o Brasil tá mais prejudicado por causa da pecuária, aumenta os patrão, querem o capim, eles não ligam de plantar na propriedade, nuns baixio como esse, eles enche de capim, porque o gado tá mais valorizado do que a lavoura e planta aquele capim, engorda o gado, não interessa tanto os cereais.

O senhor acha que esse negócio da pecuária prejudicou o morador?

Zacarias - Prejudicou o morador, prejudicou o Brasil, porque os cereais tá se acabando, as terras boas ficando tudo coberta de capim, o patrão pega a terra boa e utiliza ela com capim, tem todos os anos que botar aquela broca, aquelas terras baixas que pode plantar todos os anos e dá mais produção, aí dá o capim, estes todos proprietários tem sua pecuária. No fim, os cereais tão se acabando, ficando o mundo todo coberto só de capim, o boi já tomou o lugar do homem. Do jeito que vai, vai se acabar, porque um quilo de feijão nesse tempo por CR\$ 1.000,00 (salário mínimo em novembro de 1983: Cr\$ 57.120,00), o quilo de feijão macassa. Quando for agora, não, ainda tem por aqui, quando for de janeiro em diante tá vindo de Mato Grosso, do Sul do país, como já tá vindo agora.

Então esse negócio da pecuária, como o senhor falou, antigamente os moradores ficavam vinte, trinta anos, criava os filhos tudo ali naquela

propriedade, aí de uns tempos pra cá, o senhor mesmo é a prova disso, que ficam pouco tempo.

Zacarias - É esta área, digamos, de baixio, a terra muito boa, dá de tudo, aí a terra quanto mais boa, mais o capim dá bom, aí o proprietário diz: planta o milho prá você e enche de capim pra mim. Em outro ano ele tem que explorar às vezes uma terra fraca, aquela produção que tirava naquele baixio, por exemplo, num hectare. Aí vai, bota na terra alta, bota 4 hectares pra dá o valor de 1 hectare. Óh! o prejuízo. E aquele baixio cheio de capim.

Qual foi o motivo que levou o morador a não morar tanto tempo nas propriedades, a diminuir o ano de morada?

Zacarias - Ah! depois da pecuária, foi esse motivo. O patrão não manda, mas o rendeiro vê que não dá, desocupa.

Sempre tem acontecido isso?

Zacarias - Tem, demais.

O senhor conhece muita gente nesses casos? Dava para contar um exemplo?

Zacarias - Porque o camarada mora há oito, dez anos, como eu conheço deles, quando adepois dessa pecuária, aí o patrão diz: agora você vai fazer o seguinte, esse baixio que você plantava, você vai plantar de milho, feijão prá você e o capim pra mim. Aí vai plantar, se o ano for bom, deixa uma colheita que permite passar um ano, e se for um ano ruim só dá prá situar o capim, ele não tem ordenado nenhum, planta o capim e não tem ordenado. Deixa o capim asituado, no próximo ano vem um invernozinho, o capim se levanta e ele não tem mais direito.

O capim asituado na propriedade é pago pela proprietária?

Zacarias - Não, eles faz a renda assim, o seguinte, tem deles dá uma gratificação, outro planta o capim, fica asituado, no outro ano o patrão diz: agora vou tomar de conta, vamos caçar outro pedaço de terra para

plantar. Aí às vezes é a terra mais fraca, não dá. O morador diz: vou procurar um canto que não tenha capim, e vai embora. Agora aquela terra fica inutilizada, prá o fazendeiro é bom pra engordar o boi.

Então o primeiro ano ele não planta milho e feijão?

Zacarias - No primeiro planta milho e feijão, no segundo já não planta mais.

Então quer dizer que o milho e feijão é por conta da planta do capim?

Zacarias - É, é tudo o interesse que eles ainda dão uma ajuda na planta do capim, em dinheiro, dá uma feirinha para assentar o capim, aí vai tirar aquela migalha que dá no fim do ano, que não tem mais direito a plantar. E o morador que não se sujeita prá plantar nos carrascos, vai procurar outra propriedade.

E aí o que acontece? Ele encontra uma propriedade que seja diferente?

Zacarias - Encontra, às vezes tem uma desocupada, quando da fé, faz a mesma coisa, vai tocar para a frente e assim vai indo, o morador sempre pensa que vai encontrar uma melhor, se não encontra fica do mesmo jeito, tem que ficar em cima do chão mesmo. A esperança do pobre é o ano vindouro.

O senhor disse que logo que casou morou numa propriedade, quantos anos?

Zacarias - Eu morei dez anos. As condições era a mesma, eu demorei tanto tempo porque quem não possui uma propriedade fica saindo, é mais ruim, porque a gente mora num canto de acordo com os vizinhos, aí facilita. Quando um não tem, vai na casa do vizinho; facilita, mas prá sair sem nada e ir para outro setor, chega lá se aperreia mais e assim a gente vai aguentando até o fim.

As condições são todas iguais, mas será que tem um patrão diferente do outro, assim, no jeito de tratar ou ter mais atenção com o morador, tem alguma diferença?

Zacarias - Tem, tem deles que trabalha, facilita uma vaca para dar um golpinho de leite, tem outros que trabalha, não tem os zoião grande por causa de uma espiga de milho, recebe o que sobra. Tem outros que o rendeiro não tem direito a comer uma espiga de milho se não for retirado do pedaço dele. A melhor é essa, tem deles que não faz questão de espiga de milho, jerimum, mas tem deles que é um jerimum que der, quer a metade, tem uns que não enxerga, o morador pode comer quando for no tempo que for dividido os cereais parte o que sobrou, quando a gente acha um desse caminha para o lado deles. Tem outros que falam mais maneiro, sempre tem o melhor.

O senhor acha que é importante essa maneira do patrão tratar morador? Isso pode segurar um morador na propriedade?

Zacarias - Segura, e outros quando desgosta sai para não se desastrar.

O senhor nunca conseguiu tirar crédito no banco por que o patrão não fornecia a carta?

Zacarias - Eles pegava o dinheiro do banco baratinho e fornecia para os rendeiros a 5%. Lá no banco é 1%, 7% a. a., e eles fornecia 5% a. m.

O senhor já tentou alguma vez pedir carta de anuência?

Zacarias - Tentei várias vezes, mas quando falava para eles... Comecei em 1970, aí quando foi aumentando os juros, eu falei com o gerente, ele disse: tem toda a facilidade, mas precisa da carta do patrão. Quando eu fui falar ele quis me jogar até para fora. Esse patrão que eu morei, porque ele queria a produção toda para ele, a produção dos cereais e o juro do dinheiro de 5%.

Aqui não tem nenhum patrão que não cobra juro, mas em São José de Piranhas tem muita gente que diz que o patrão não cobra juro.

Zacarias - É, lá tem, mas aqui não, eu sei que aqui é de 10%, 20%. Quando é difícil arrumar, não é só o camarada querer e arruma não.

O senhor acha que se conseguisse o crédito no banco mudava as coisas?

Zacarias - Mudava demais, é uma ajuda, o camarada dá para levar o serviço sem ser preciso vender os cereais antes do tempo. Esse ano mesmo foi preciso vender algodão de CR\$ 3.000,00 porque tinha com quem arruma CR\$10.000,00. Esse mesmo Antônio [vaqueiro], se o patrão tivesse arrumado uma carta para ele e ele tivesse tirado o dinheiro do banco, ele não tinha vendido o feijão de CR\$ 23.000, Dá pra vender agora a CR\$ 40.000, perdendo CR\$20.000 em saco de feijão. O patrão nunca deu a carta de anuência.

A que o senhor atribui isto?

Zacarias - A ruindade.

Não tem outro motivo?

Zacarias - Não tem, porque se a Senhora me confia tudo, aí eu quero, exijo uma carta para retirar o dinheiro no banco, para vender no fim do ano algodão, os cereais. A Senhora vai e não dá carta, dava muito bem para ele deixar os cereais para vender agora, vendeu algodão por CR\$ 5.000, tá hoje por 12, 14 mil. Como eu tirava 600 arroba de algodão na outra propriedade, aí eu falava com ele: me arruma uma carta para eu tirar no banco. Ele dizia: não. Não arrumou, é porque eles queriam lucro para eles, só foi eu descobrir a safadagem deles todinha em não dá carta. Eu pagava 5% ao mês e ele 7% ao ano. Olha quanto não sobrava para ele. Aí tinha razão deles não dá. Me aborreci, meus meninos achava que não dava, não arranjava com o que comprar uma camisa. Fizeram o jeito de arranjar o dinheirinho da passagem e se mandaram para o Sul, aí ficou eu com essa raiz do algodão, para pagar trabalhador, aí não dá, tudo ter que arranjar dinheiro, pagando caro, e bota aquele trabalhador para chegar tudo em dia, aí me prejudicava. Terminei entregando toda a raiz a ele, sem direito nenhum.

O senhor não procurou o sindicato?

Zacarias - Não, eu saí por minha conta, eu achava que não tinha direito, eu acho que é uma verdade porque se eu moro, assim, nessa propriedade e saiu porque quero, eu acho que não tenho direito do patrão me pagar, só se ele quisesse mesmo, dar uma gratificação. Depois de lá, depois que casei, passei para essa, depois de casado só morei em três propriedades.

O senhor acha que ele poderia ter dado razão nessa hora, pelo tempo que o senhor é sócio?

Zacarias - É, mas ele falou que não tinha papel de renda, não tinha direito.

E aqui nessa propriedade tem contrato escrito?

Zacarias - Eu acho que isso não seria certo, porque se o sindicato é para defender e só defende se tiver os papéis tudo por escrito, eu acho que não é bem certo não, mas hoje o que vale é papel. Está certo, ele tem razão.

O senhor acha que os outros agricultores têm tirado mais benefícios que o senhor?

Zacarias - Não, tudo é a mesma coisa.

Como o senhor avalia o trabalho do sindicato?

Zacarias - Eu não estou entendendo, porque quando eu me achei prejudicado eu fui ao sindicato, aí ele procurou se eu tinha papel de renda, eu disse que o rapaz confiava muito em mim, nós não passamos, também ele ia sair, não sabe se passava muito tempo, eu fiquei na propriedade, ele deixou fazer uma rocinha, plantei, não pagava nada de renda. Deixei a propriedade coberta de algodão de meia, eu rocei todos os algodão, ele ficou de trazer um dinheiro no mês de janeiro, não trouxe o dinheiro, veio e deixou a pastagem para mim vender, para arrumar dinheiro para a roçagem do algodão. Quando o patrão chegou, chegou sem nada, eu já tinha corrido para cá porque lá não tinha água, ele veio

atrás de mim e disse que eu não tinha direito a nada, nem de cruzar os pés lá na propriedade, tudo era dele. Só ia me pagar o roço do algodão. Eu não queria e aí fui ao sindicato, cheguei, falei com um rapaz, aí falou que eu não tinha esses direitos porque não tinha papel de renda, se tivesse papel de renda então toda razão era minha, mas ia ver se fazia um acordo. Como de fato me chamaram lá e fizeram um acordo, me pagou CR\$ 66.000,00.

O senhor estava dizendo que foi em 1979 que os meninos resolveram ir embora. Por que eles foram? O que eles falaram quando foram?

Zacarias - Eles falaram que aqui não dava para eles se manterem e ia procurar um lugar que desse para eles comer e vestir, que aqui o que ganhava não dava nem para comer.

Eles não queriam continuar trabalhando na agricultura?

Zacarias - Não, porque trabalhava o ano todo e no fim do ano não tinha com que comprar uma roupa, aí não dava. Trabalha tanto e não possui uma roupa que desse para ir a uma feira e assim resolveram ir a São Paulo tentar a vida, vê se arranjava com o que passar melhor.

O senhor achou melhor?

Zacarias - Achei, porque lá eles estão se mantendo mais ou menos, eu concordei com eles, porque com a saída deles para São Paulo melhorou a minha situação, porque eles ganham, dá para se manter e sobra que dá ainda para mandar um café para mim todo o mês, se não vem todo mês, mas ele me sustenta, como se diz, do calçado ao vestir. E aqui não tinha condição de ganhar nem para eles, quanto mais para me ajudar.

Então o senhor acha que foi a melhor solução para eles?

Zacarias - Foi uma maravilha. E a pior condição de São Paulo é melhor do que a daqui, porque já estou com nove viagens, vou passear, eles pagam despesa de ida e de volta e o que me dá para eu passar um

tempo. Vou de seis em seis meses. Eu não gasto a roupa, eu não compro um lenço, tudo eles me deram. O sapato, o relógio, tudo, e aqui não tem condição, trabalha o ano todo. Eu quero ver alguém aqui trabalhar o ano todo no alugado e conseguir ganhar a roupa e que ajude aos pais. O que ajuda os pais não compra uma roupa, o que compra roupa não ajuda os pais.

Então é mais vantagem eles estarem lá?

Zacarias - É, eu pelo menos só quero ver um aqui a passeio.

E se o senhor tivesse terra?

Zacarias - Se eu possuísse uma propriedade eles estavam aqui mais eu, porque a vida daqui é mais tranquila do que São Paulo, porque São Paulo é muito bom, mas é uma vida de mais sacrifício, porque lá o camarada sai para trabalhar, não sabe se volta. Quando o carro não pega, o assaltante pega, é muita sorte. Quando o camarada tira uma temporada lá, dos meus filhos mesmo já foi assaltado mais de uma vez. Sobreviver em São Paulo tem outra condição. Aqui os meus que tem só é completando 14 anos, vai viajando, e assim já foram dez e tem três, se Deus quiser vai todos os três.

O senhor contrata trabalhador, não era mais vantagem os filhos estarem aqui ajudando?

Zacarias - Para trabalhar no alheio.

E se tivesse propriedade era melhor?

Zacarias - Era melhor estar aqui.

Precisava de uma propriedade de que tamanho?

Zacarias - Assim, mais ou menos 100 tarefas já dava o suficiente.

E quando eles estiverem se casando, daria para se manter?

Zacarias - Aí não dá, precisa aumentar mais. Eles sempre falavam, se meu pai possuía uma propriedade nós não tinha se deslocado lá para o sul. Todos eles falavam isso. É sim, até o próprio meu genro. Estão lá

porque nem os pais dele possuem propriedade e para tá no alheio São Paulo é melhor, porque ela veste calça, tenho quatro netos tudo estudando, uma filha, a caçula, aqui eu não tenho condição de comprar nem a roupa para ela e lá os irmãos mantêm a roupa, tudo por conta deles. Por isso sempre eu digo a eles: meus filhos tenham paciência, fique comendo uma vez por dia, porque agora mesmo tem quatro desempregado, mas tem paciência que vai chegar, o ruim de São Paulo eu sempre digo é melhor do que o bom daqui, para quem não tem a propriedade.

Vai também filho de pequeno proprietário?

Zacarias - Vai mais morador, porque o pequeno proprietário é como a gente estava falando, não dá para viver, mas aí vai lá, chega lá escreve para outro contando a situação dele de lá, quando chega eles vão para lá, acha que dá para viver mais melhor e assim vai indo, vai ficando o nordeste desocupado e se não houver uns invernos mais favoráveis, vai-se embora tudo, está ruim em São Paulo, mas com toda ruindade em São Paulo, ainda está melhor do que o norte. Com essa crise, com esse desemprego, ainda está melhor do que o norte.

Por que o senhor considera que está melhor?

Zacarias - Porque a vivência do povo que estão lá é mais tranquila, e lá está sobrando com o que manda para o nordeste. E o nordeste, o que está mandando para São Paulo? Não está mandando nada. Mesmo com os filhos desempregados, eles ajudam, veio um dinheirinho esse mês passado, é pouquinho, é um café, mas serve, na semana que toma um café sem me esforçar já está bom.

E daqui o que vai?

Zacarias - Não tem condição. Agora aqui só tem a vida, para viver e para morar é mais sossegada, mas sobre a manutenção a pessoa morre à míngua.

Se o senhor pudesse escolher, escolheria aqui ou São Paulo?

Zacarias - Eu só não estou em São Paulo porque não me dou com o clima, senão estava lá. Aqui a pessoa anda tranquilo, vai dormir tranquilo, não tem perseguição e lá quando o camarada escapa do carro, não escapa do assaltante, só a desvantagem de São Paulo é esta, mas o resto eu achei bom demais.

Quando os três filhos cresceram o senhor vai embora para São Paulo?

Zacarias - Não, não sei, sou casado de novo, a mulher tem quatro filhos, eu vou acabar criando os dela. Desde 1959 sai gente daqui, em 1959 começou o caminho de formiga. Aqui o ponto era Vila São José, porque tinha um conterrâneo da gente, Antônio Ferreira, como esse homem chegou lá e ele é um homem de bom coração, o camarada que chegava lá se tinha alguma coisa, bem, se não tinha se demorava a empregar, aí dava a pensão. Pagava um dia quando se empregava. Aí o cara se entregava naquela época, pegou uma época boa, aí fez o caminho de formiga até hoje. Dentro do nosso setor aqui, de Bonito, Carrapateira, São José de Piranhas, é tudo para Vila São José (São Caetano do Sul- SP). Agora depois de lá se espalha, mas a chegada é a Vila São José, até hoje.

Teve alguma época que foi mais gente?

Zacarias - Mais 1959, era (época) de 1960, em 1980 fracassou mais, mas é indo direto, não tem uma semana para não sair gente daqui. Toda semana viaja gente, com esse desemprego... E o povo não se contenta. Só acredita vendo, eles sabem, está acontecendo em São Paulo aqui a gente está sabendo, pelas cartas. Segunda-feira eu recebi uma carta dos meninos, ele me mandou falar que o que está se passando aqui ele está lá sabendo, assistia televisão. Via passar pela televisão, tudo quanto aparecia, ele contou que estava ruim, mas dava para ir passando.

O senhor acha que diminuiu? O que segurou o pessoal?

Zacarias - O que tem diminuído é o desemprego, mas aí chegava lá, a condição era pouca para manter esse povo, até um dia quando chega um emprego, temia e não pode voltar. Porque quem tem um parente que vive mais ou menos lá em São Paulo aguenta uns quinze dias, um mês, e outros não têm condição. O ponto para dormir é apertado, não cabe ninguém, não dava para manter os parentes, aí os parentes têm medo; mas quando sabe de uma melhorazinha estão fazendo caminho de formiga. Tem muita gente só esperando que melhore um pouco para desabar

É mais jovem?

Zacarias - É jovem, casado.

Mas casados com filhos mais moço ou casado com um filho pequeno?

Zacarias - De todo jeito, o casado com o filho maior quer desabar para ver se o filho arruma emprego, e com os filhos de menor quer desabar porque está vendo que aqui não dá para manutenção.

Quem se saiu melhor?

Zacarias - Foi os primeiros. Hoje quase todos têm a sua casa própria, arranjou uma independenciazinha. Outros têm propriedade no norte, mas já faz uns dez anos que o que ganha só dá para comer. Os meus que foi primeiro não conseguiu mais nada, o que ganha só dá para comer, quando passa um mês desempregado, já fica entrando no prego.

O senhor acha que mesmo assim vale a pena?

Zacarias - Vale

Tem algum momento que o povo para de ir para São Paulo?

Zacarias - Não, é direto. As frentes diminuiu, mas aquele que tem uma condiçõzinha de viajar não tá se obrigando não, porque passa CR\$ 15.000, recebe de 40 em 40 dias. Aquele que ajuda os pais não fica com o que comprar uma roupa, aí quando pega um dinheirinho que dá para ir à São Paulo vai tentar passar um ano. Tem deles que passam um ano, tem

deles que passa menos, tem deles que não vem mais. Sei que não deixa de ir não.

Geralmente quando a pessoa vai, vai para ficar ou para voltar logo?

Zacarias - Eles vão em plano de ficar, só volta mesmo quando passa dois, três meses e não aguenta mais, aí faz um arranjado; é muito fácil.

Mas não tem esta migração, como em Minas o pessoal vai, mas volta para trabalhar na agricultura, aqui o pessoal vai no período que não trabalha na agricultura e volta para a colheita?

Zacarias - Não, vai para ficar.

Quando eles pensam em ir quais são os planos? É para juntar dinheiro?

Zacarias - É para comer e vestir, porque aqui nem come, nem veste. O pessoal vai consciente, eles dizem assim: vou pra São Paulo, dando pra comer e vesti tá bom. *Já faz muito tempo que eles pensam assim?*

Zacarias - Já faz uns 10 anos que o rojão é este.

Antigamente o pessoal ia para fazer riqueza?

Zacarias - É, para fazer riqueza, eu conheço diversas propriedades aqui comprada com dinheiro de São Paulo, hoje não dá mais.

E estes que vão nos últimos 10 anos não tem mais esperança de conseguir?

Zacarias - Não, a esperança deles é que comendo e bebendo tá bom demais. Eles dizem lá no norte a gente nem come nem veste, e em São Paulo todo mundo é rico, ninguém sabe quem é a filha do governador, ninguém sabe quem é a filha do coveiro, nada. É tanto faz a filha do coveiro como do governador, no dia da festa quando ela passa não está nem aí, é tudo igual.

Aqui é tudo igual?

Zacarias - Aqui, nada, é diferente... [Não disse mais porque tinha proprietário próximo]. Até 1970 o povo ia e voltava tão fácil, e de 1970 a

1980 caminho de formiga, tem deles que vai só passa quinze dias, quando acaba o dinheirinho, volta.

Por que acontece esse vai e vem?

Zacarias - O que acontece é que eles vão porque não acredita no que os outros que estão lá estão passando, não vê falar que São Paulo é uma ilusão. O camarada vai pensando que chega lá enrica do dia para a noite. Chega lá não acha um emprego, parente não vai suportar viver sustentando toda uma vida, outros querem um emprego para ganhar muito, não querem emprego para ganhar só o salário, filho de proprietário quando chega lá para topa qualquer empregozinho eles não querem e volta, o motivo é este. Vão num plano de ganhar muito dinheiro, aí não se sujeita e volta. Este vai e vem é desvantagem, porque o camarada possui uma vaquinha, aí diz: meu pai, eu vou para São Paulo. O pai vende a vaquinha e dá o dinheiro que vou pra São Paulo e lá vou ganhar dinheiro. Chega lá não dá, volta. Comeu o dinheiro da vaca dele e do pai e fica pior, e assim muitos. Outros trabalha para apanhar dez arroba de algodão, vende tudo para ir para São Paulo, para ver se melhora de vida, é uma grande desvantagem este vai e vem.

Que explicação o senhor dá?

Zacarias - É doido, o camarada não está com o juízo na cabeça

Quais as oportunidades de emprego aqui?

Zacarias - Aqui o que podia fazer era tocar uma roça, e eles não querem. Acho que eles vão terminar por lá mesmo, para ser morador, arrastar cobra pros pés, não vem mais não. Eu conheço muitos pais de família aqui, que não tinha uma calça para vestir, eu mesmo era um e hoje eu tenho as minhas malas de roupa e outros e outros que tem aí. Eu mesmo apanhei 500 arroba de algodão e neste tempo não tinha uma camisa pra andar na rua. E hoje? Na primeira viagem eu levei uma calça emprestada. Não é como se diz, eu só posso é dar valor a São Paulo.

Cheguei, meus filhos pegaram, chamou a irmão, pegou logo 500 contos e disse vai ali na loja e compra uma roupa para o papai, chegou lá comprou uma calça e uma camisa e ainda sobrou dinheiro. E quando foi para voltar, disse: agora vamos para o centro da cidade. Chegou lá comprou para mim, comprou para todos os irmãos, cunhado, cunhada, encheu uma mala de roupa. Depois a minha casa incendiou-se e souberam lá, com uns quinze dias baixou um aqui, com uma mala de roupa.

O que o senhor acha do homem deixar a sua terra?

Zacarias - O camarada possuindo a propriedade e saindo para São Paulo, ele ou é muito fraco, não tem coragem de trabalhar ou não quer bem a propriedade. Ele possuindo a propriedade é importante ele ficar sem ir a São Paulo, agora não possuindo a propriedade, sendo um homem ainda de emprego, é para ir a São Paulo.

Aqui não tem condições de lutar por melhoria de vida?

Zacarias - Tem não.

Em São Paulo tem as greves, por exemplo, que luta por melhores salários, aqui não tem condição?

Zacarias - Tem não, o governo não dá uma melhora para o agricultor, porque era quem podia dar uma assistência maior, os particular, coitado, mal se mantém.

Na posição do senhor, migrar é um ato de coragem ou de fraqueza?

Zacarias - Eu creio de fraqueza, porque eles acham que não dá para viver aqui, não pode enfrentar o sacrifício daqui, porque aqueles que têm coragem de enfrentar, com todo o fracasso. Pode dar o prédio melhor de São Paulo, que ele não tem vontade, aqui não tem coragem, meus filhos não tinham coragem para trabalhar no alugado.

A migração pode ser evitada?

Zacarias - Não, porque como se diz, é a melhora de muitos, se não fosse ela não tinha melhora que tem no Norte.

O senhor acha que a questão da religião ajuda o homem a suportar as dificuldades aqui do sertão?

Zacarias - Ajuda.

Aqui, o senhor explica esses problemas do morador, essa falta de dinheiro, esse juro alto?

Zacarias - Isto aí depende das duas partes, de Deus e do governo. A dificuldade sobre Deus é ele não mandar o inverno, se Deus mandasse o inverno favorável tudo rico aqui no Norte. O desemprego depende do governo, se o governo facilitasse o juro mais barato ajudava, mas o juro caro do jeito que está, não dá. Tem que esperar pelo governo.

É só esperar?

Zacarias - Deve fazer, se o homem tem que dizer ao governo que para poder desenvolver no trabalho, no emprego, para poder sobreviver.

Os filhos deveriam voltar ou ficar para lá?

Zacarias - Eu acho que eles devem ficar por lá, não tem condição de eles viverem aqui. Eles falam em ficar lá.

O que faz com que as pessoas aqui vão para São Paulo, é mais a seca?

Zacarias - É sobre a seca em primeiro lugar. Em segundo lugar, quando chega lá uns fica por lá mesmo, tem paciência, outros fica indo e voltando sem paciência, nem faz nada lá, nem faz nada aqui, só cabeça fraca mesmo, não tem coragem de trabalhar.

O que vai mais é o trabalho alugado e meeiro.

Zacarias - Hoje vai igual homem e mulher, hoje os pais faz é mandar logo: vai, minha filha, ganha dinheiro para mandar uma roupa para mim. De catorze anos em diante vai mais solteiro, casados quando os filhos são poucos e com pouca idade.

5.2) Entrevistas com filhas e genro de Zacarias, 1984

Entrevista com Amélia, nasceu em 1948, 35 anos, solteira. Ana, nasceu

em 1953, 31 anos, casada, ambas são filhas de Zacarias, e Josimar, genro de Zacarias, São Caetano do Sul/SP
Entrevistadora: Marilda A. Menezes junho de 1984.

A senhora estava contando que teu bisavô era dono das terras de Boa Vista (distrito de São José de Piranhas)

Ana - É porque meu bisavô eu não conheci. Quem falava era o meu avô, porque meu avô eu conheci, que nem dizia o meu avô, que meu bisavô tinha feito uma promessa prá aquela epidemia acabar, que ele doava uma parte da terra prá o seu padroeiro, São João. Ele escolheu prá o padroeiro dali ser o dono daquela terra. E naquela terra, as pessoas que não tinham onde morar podia fazer uma casa e trabalhar, mas aquela terra foi diminuída por (nome de proprietário), que na época comprou a parte e tomou outra.

Tomou outra aí entrou mais pessoas e mais conflito, né?

Amélia - Então, como ele comprou ali, que eu sei que ele comprou mesmo, foi onze mil que seria, não seria nem onze barão, né? Era no tempo que era onze cruzeiros, onze mil réis, não era cruzeiro, era mil réis. Então ele comprou a casa por onze mil réis dos meus avôs.

Comprou não, ele emprestava dinheiro, né?

Amélia - Ele emprestava dinheiro, quando chegava a pessoa, por exemplo, uma seca assim, não chovia e a pessoa não podia pagar, ele já chegava e já tomava a terra, inclusive a Caiçara, Boa Vista e Jurema, Mata Fresca, tudo era do meu bisavô. E ele, eu não sei se foi vendida toda essa terra ou ele se apossou que nem da terra de João. Sei que a terra de João não foi vendida, que era dum serrote, lá se chama serrote, era de um serrote a outro, inclusive pertencia o açude.

E essa terra de João a quem pertence hoje, é de (nome de proprietário)?

Amélia - É de (nome de proprietário).

Então ele se apossou?

Amélia - Ele se apossou. E ficou só aquele pouquinho ali.

De Boa Vista mesmo?

Amélia - De Boa Vista mesmo, só sendo de Boa Vista que as pessoas ficava com direito, né? Ele pegou, passou a cerca de arame, cercou tudo de arame prá lá e prá cá e ficou aquele meinho ali do santo. Então, o seguinte é esse, sei lá, agora eu acho que não tem mais jeito.

Tá uma zebra, né? Mas também ninguém nunca se interessou de ir atrás?

Amélia - Minha mãe, coitada da minha mãe, mas o meu pai quem se interessava de ir atrás daquela terra lá de mata fresca. Inclusive aquela lá nois tem certeza que não foi vendido. É que era da minha vó, mãe da minha mãe e outra irmã dela. Inclusive ela faleceu agora uns quinze dias atrás.

E vocês não vão atrás?

Amélia - É, o meu pai ia atrás, mas o meu pai na época tinha que gastar um dinheiro prá requerer a papelada, lá em Milagre. Que inclusive essas terras já pertence ao Ceará. A terra de mata fresca já pertence a uma parte do Ceará. Então a documentação dela é em Milagre. Milagre é entre Brejo do Santo e Barro. Então meu pai tinha que ter aquela importância de dinheiro, na época eu tinha dezoito ou vinte anos, eu lembro que ele falava que se tivesse aquela importância de dinheiro, ele ia atrás daquela terra.

Então (nome de proprietário) tem terra até no Ceará?

Amélia - Tem terra até no Ceará, pertence a uma parte do Ceará.

Tem certeza?

Amélia - Tenho certeza, a Mata Fresca é de seu...

Ana - É de (nome de proprietário)? Ele pegou e agora passou prá (nome de proprietário), agora, esses tempos. (nome de proprietário) é genro de (nome de proprietário).

Ele é casado com a filha dele, né?

Amélia - É casado com a filha de (nome de proprietário). Então, o (nome de proprietário) pegou e vendeu, hoje pertence, acho que, pertence ao (nome de proprietário). Isso é doze anos atrás, quando eu saí de lá e fui lá duas vezes somente visitar, mas nem lembrei deles, dessas partes aí e nem fui atrás, dessa parte.

O pessoal, a sua família lá é bem falada e o pessoal em Boa Vista sabe dessas terras, uma parte deve saber, né?

Amélia - É, aquele pessoal ali sabe que Boa Vista ali, Caiçara foi dos meus avôs.

Mas eles nunca resolveram fazer nada porque a terra, toda a terra de lá é deles próprios trabalhar, do pobre?

Amélia - É, do pobre.

Porque hoje tá todo mundo sem-terra lá.

Amélia - Mas o (nome de proprietário) era, como se diz, era na época, eu não sei se ainda era o poderoso.

Era o mandão de lá.

Amélia - Era o mandão, é o poderoso.

Mas, como assim mandão, era político?

Amélia - Não, ele nunca foi político, ele nunca se interessou por política. Ele só se interessou mais prá tomar o que é dos outros. E prá botar os filhos dele, e se formar. Todos os filhos dele é tudo formado. Então ninguém se interessava. Todo mundo pobre se unisse, como se diz, ele comprava algodão e vendia.

Mas o pessoal nunca se revoltou prá fazer alguma coisa? No caso, a terra seria de todo mundo, né?

Ana - É, seria de todo mundo, mas ninguém nunca... precisava ter um prá fazer frente, prá ter coragem de ir falar. Inclusive porque eu acho que

ele não esperava, por exemplo, da documentação daquela terra eu acho que ele não tem não, porque aquela terra não foi vendida.

Amélia - Mas eu acho que ninguém lá tem notícia de documento. Eu acho que nem ele mesmo tem. Eu acho que nem (nome de proprietário) não tem documento daquela terra lá.

Então, mas aí cabe a quem não tem poder lutar prá ter os direitos também, né?

Ana - Mas eles não querem, não ligam. Você vê, né?

Mas vocês o que é que pensam? Você mesmo, você nunca, o tempo que você tava lá, mesmo agora você não tá pensando rever e...

Amélia - Não, eu sou o seguinte, eu não pensava, mas sabe, de ontem prá cá que ela chegou do Norte, eu fiquei pensando. Aí eu fiquei meio revoltada e ela falava que o patrão não deixa o meu pai trabalhar ali, tem que trabalhar em cima da serra, entendeu? Poxa, se tudo é terra, se todo mundo trabalha lá, porque não daria uma...

Só tem o seu pai de morador?

Ana - Tem outro, é tem outro morador lá.

Mas o outro é vaqueiro, né?

Ana - Não.

É igual a seu pai?

Ana - É igual ao meu pai.

Amélia - Meu pai disse que o patrão respondeu prá ele. Meu pai disse: “bom, se ele não me dá uma roça aqui, então eu vou arrumar uma roça perto aqui pra mim”. E ele [o patrão] falou que se o meu pai arrumasse, ele expulsava o meu pai lá da casa.

Mas, porque isso, conta um pouco Amélia, que você tava lá esses dias. Como é que são as coisas lá com seu pai?

Ana - Então, o papai tinha trabalho lá naquelas terras. Ele quer por roça lá, mas o patrão não quer, ele quer que o papai trabalhe em cima da

serra.

Mas na mesma propriedade?

Ana - Na mesma propriedade.

Ele quer dar as piores terras prá seu pai trabalhar?

Ana - É, as piores terras. Porque meu pai não tem condições de trabalhar, já tá velho e ele não tem mais condições de trabalhar em cima daquela serra. E o papai falou assim, que se ele não desse roça lá perto de lá onde mora ele ia tentar roça com outro, entendeu? Com outro proprietário lá e nós ficava morando lá mesmo, na casa que ele tá.

Ah! sim.

Ana - Ele foi e falou pro papai que se fosse pro papai trabalhar com outro e morar lá ele disse que ia sair daquela casa.

Por que que ele não deixa? As melhores terras estão sendo plantadas com que?

Ana - Não, ele falou que aquelas terras não pode plantar porque aquelas terras tem época que eles precisam pro gado, prá criar gado, não sabe? Por isso que ele não deixa meu pai botar. Ninguém, ele falou que ninguém vai colocar roça ali. E, inclusive a gente tava falando, eu mesmo falei pro papai: se fosse prá ele trabalhar na serra, ele não fosse, que ele é muito doente, ele já tá velho. Não dá prá ele mais trabalhar.

E aí, o que é que ele tá pensando fazer, teu pai?

Ana - Isso que eu já te falei: ele falou prá ele que vai botar roça com outro. Mas ficar na serra ele não quer.

E o teu pai vai fazer o que se ele mandar embora? Sempre foi assim lá, a relação com os moradores?

Amélia - Sempre foi assim.

Não piorou de uns tempos prá cá não?

Amélia - Não, sempre foi assim, o cara que tratou aquela terra tem que trabalhar prá aquele patrão lá...Tem que ficar ali, trabalhar pelo

salário que ele quer...

Ana - Tem que trabalhar de meia.

Seu pai planta algodão?

Ana - Não, papai não tem...tem um pouco de algodão, mas a roça...ele tem mais uma roça na serra, inclusive ele tá colhendo agora.

Algodão só?

Ana - Não; milho, feijão e acho que tem uns pé de algodão, uns trinta pé de algodão.

Então quer dizer que milho e feijão, agora não mudou nada?

Amélia - Não, prá ele nunca mudou muito de situação porque...

Prá quem é morador em geral muda muito com o inverno ou...?

Ana - Quando tem inverno muda. Se tem inverno e se trabalhar muda de situação porque eles podem colher milho, arroz, feijão.

Mas vem cá, então a situação tipo dessa que tá aí... não fica no mesmo?

Ana - Fica no mesmo e por isso que papai sofre muito porque sempre ele se pegou sofrendo. Inclusive papai não gosta de morar lá e eu falei prá ele, porque ele não mora na rua, né? Mas ele tem uma história que vai pagar aluguel. Ele não quer. Ele disse que quer comprar uma casa. Se pudesse comprar uma casa... Porque se ele fosse pagar o aluguel na rua ele ficava na cidade, trabalhava em que ele quisesse. Se ele quiser trabalhar na roça ele pega uma roça com o que ele quiser, agora, assim é que não dá.

Tá morando na casa do patrão, a sujeição é maior?

Ana - É maior, porque ele tem que trabalhar pelo patrão e ele vai pagar o preço que bem quer, entendeu? E ele trabalhando numa casa de aluguel, não. Ele paga o aluguel dele e trabalha com quem ele quiser.

Você acha que é bem melhor prá ele?

Ana - Eu acho

Amélia - É melhor.

Ana - Inclusive eu falei prá ele.

Então, será que não é isso que tão fazendo por lá, a cidade tá crescendo demais, a cidade mesmo?

Amélia - É isso mesmo.

Muita gente vem da roça morar na cidade, não querem mais saber de ser morador.

Ana - É, e...

Amélia - Eu mesmo...sempre...inda hoje eu falo, reclamo pro meu pai, se ele...quando a gente era tudo pequeno, se ele tivesse posto a gente na cidade, nem que fosse prá gente vender água, vender água na rua, pegar água num jumento com as latas em cima e pegar a água e vender na rua, talvez a gente tivesse arrumado um pouco disso tudo, né? Mas ele sempre teve medo, sempre teve medo de morar na rua, não sei porquê.

Ana - Ele tem medo, todo mundo lá tem medo de enfrentar a vida.

Enfrentar a vida como?

Ana - Enfrentar assim...

Os mais velhos?

Ana - Os mais velhos

Os jovens não, digo, assim, explica um pouco. O que é mesmo enfrentar a vida?

Ana - Eles têm medo, porque...então, pequeno porte, né? E eles acham que se fosse morar numa cidade prá pagar aluguel eles iam sofrer mais ainda. É isso que eu falo que eles têm medo de enfrentar a vida. Eu não tenho medo de enfrentar nada, porque você sabe, eu vim de lá, eu enfrentei... inda hoje eu tô enfrentando, porque a vida aqui também você sabe que não é fácil. E eu trabalho prá me manter, ainda ajudo eles lá, quando eu posso eu ajudo. Desde que eu cheguei eu ajudo.

Ajuda, né?

Ana - E não ajudo mais porque não posso.

Então, por que o pessoal lá tem esse medo de sair, lutar por uma coisa melhor?

Ana - Eles tem medo de sofrer mais.

Não tem uma disposição de luta, de coragem. Assim né?

Ana - Não tem, eles não tem coragem de enfrentar. Porque quando foi prá mim vim prá cá, se eu também tivesse medo de vir, eu não tinha vindo. Porque quando esse daí..., esse daí já tava aqui, foi prá lá, né?

Você diz o José, né?

Ana - É, ele foi prá lá e comprou passagem prá vim eu e mais dois.

Você e quem mais, aquele menino teu irmão?

Ana - Não, ele comprou passagem prá vim eu e o meu cunhado casado, inclusive é aquele que mora no Ceará, que a minha irmã mora no Ceará.

Ah! a Clarinha.

Ana - É, ou então aquela que mora lá, a Fátima, que mora no Maia. Ele veio com o marido dela também, mas quando chegou no Rio, nenhum teve coragem mais de vir. Perderam as passagens, nenhum veio, só eu. Não tive medo, eu já sofria lá prá caramba, sofria mais do que eu sofro aqui... claro, porque se for prá sofrer mais só se for prá morrer, né? Porque sofre mais do que eu sofria lá...

E você acha que o teu pai, se ele fosse prá rua, mesmo qualquer sofrimento ia ser melhor do que na roça?

Ana - Ia ser melhor porque pelo menos não tava aguentando essas coisas de...

Josimar - Mas teria que pagar o aluguel prá ele, né?

Ana - É, eu pagaria.

Quanto tá um aluguel na cidade? Quinze mil, dez mil (cruzeiros)?

Ana - Ou quinze mil ou vinte mil.

Mesmo assim ele não quer?

Ana - Mesmo assim ele não quer. Porque ele acha que eu não tenho possibilidade assim de mandar todo mês, eu acho que é isso que ele pensa. Ele tem medo, eu acho que ele tem medo, que se chegar o mês do aluguel e eu não ter mandado dinheiro, ele acha que já não vai dá certo. Eu acho que é isso que ele pensa. Mas eu queria que ele fizesse isso.

Você acha que ele saindo de lá e indo prá outra propriedade, você acha que não resolve?

Ana - Não resolve, porque lá quem tem propriedade tudo é a mesma coisa.

Você acha que lá não tem solução prá ficar lá e lutar por condições melhores?

Ana - Prá mim?

É, pro povo em geral, assim prá os trabalhadores que não tem terra prá trabalhar?

Ana - Não, quem não tem terra não tem como viver não. Porque tudo, tudo quem tem terra lá é quem, por exemplo, patrão que tem moradores. É a mesma coisa.

Não tem um bom?

Ana - Não tem um bom, todos eles é...

É porque tem gente que diz: não é... tem patrão bom lá, não sei o que...mesmo como morador, vale a pena voltar, ser morador, sei que até aqui tem gente que diz isso, né?

Ana - Não, não tem.

Não tem?

Ana - Prá mim, eu não acho que não tem, porque todos que tem as coisas lá só quer prá si, enquanto os moradores se matam mesmo, sei lá.

Por que eles (os patrões) tratam tão diferente o morador, essa coisa de você falar que eles são mandão, tudo isso aí, por que esse negócio?

Amélia - Ah! eles, por exemplo, o morador que morar com ele tem que trabalhar prá ele. Eles pagam o preço que eles quer, comida eles dão o que eles quer. Às vezes, dão até comida pura, sem mistura e...

Quando vai trabalhar um dia, né?

Ana - Quando vai trabalhar um dia, é, comida melhor é prá visita. Tem gente rica que vai lá visitar ele, entendeu? Agora pros pobres trabalhador, morador trabalhador...

Só tripa.

Ana - Só tripa. Feijão mesmo, só aquele feijãozinho pobre, se for possível aquele arroz velho e só. Se tiver alguma carne, alguma coisa melhor, eles deixam prá quem? Prá visita, prá quem vem visitar, só gente rica, entende? E tudo isso eu acho que é humilhação.

Humilhação? E aqui em São Paulo, outra oportunidade de emprego, sem ser agricultura?

Ana - Não, não tem...

Amélia - Não tem porque eles não tem estudo. E lá mesmo prá quem tem estudo os serviços são fracos, mais fraco do que aqui prá quem ganha um salário.

Ana - Porque eles só paga salário mínimo.

Mesmo assim é difícil de arrumar, né?

Ana - Mesmo assim é difícil.

Só tem fé em quem...

Ana - Quem tem mais estudo.

Ou quem apadrinhar-se aos políticos, né?

Ana - É, é político.

Josimar - É isso aí. Só aos políticos mesmo.

Então, imagine, porque em São Paulo a vida não é fácil, como você fala, mas é diferente de lá, né?

Josimar - A gente sempre, como se diz, tem mais uma garantia. A gente tem o décimo terceiro, a gente tem as férias, a gente tem, entendeu? Tudo isso ajuda.

Lá não tem nada disso?

Josimar - Lá não tem nada disso, agora eu falo o seguinte, de tanto que o meu pai já deu o o sangue prá aquele patrão dele que é o (nome de proprietário), que eu lembro que eu mais ele ali, nós fabricava cana, eu trabalhava na moagem dele, porque ele já foi mais rico, ele já foi mais rico.

Ah! é, que a propriedade era maior, foi dividida, né?

Josimar - É, foi dividida. Quando a propriedade tava é, antes de ser dividida, ele quem mandava em tudo na propriedade, tudo passava mais pela mão dele. Então, eu mais meu pai trabalhamos muito prá ele. Eu acho que ele tinha o direito, como se diz, sei lá, acho que o governo tinha o direito... Uma vez que o proprietário, o patrão pode pegar o dinheiro no banco prá trabalhar, o governo devia dar o direito também prá eles pagar tipo um décimo terceiro, uma gratificação.

Para o trabalhador da roça?

Josimar - Prá o trabalhador da roça, eles deviam dá esse direito pro trabalhador da roça, mas o trabalhador não tem direito nenhum. Então, é como se diz, só prá ajudar os patrões lucrar mais.

Ahm! E quem tem terra assim, mesmo pouquinho, porque tem muitos pequenos proprietários que também acham que não dá prá viver sem ter terra, é pequeno, assim, você vê aquele povo, as terras não é grande, mas eles conseguem trabalhar com todos os filhos, né?

Josimar - É, que as terras de (nome de proprietário) já não é tão pouca assim também.

Ah! Não é tão pouca?

Josimar - É não, não é tão pouca. (nome de proprietário) ali foi trabalhando, foi comprando as partes dos criados...eu acho que ele não caiu, ele não caiu de produção.

Que condição vocês acham que dava prá ficar na Paraíba, assim, vocês ou outras pessoas que tão na condição de vocês aí?

Josimar - Não, na minha condição eu não penso mais, se Deus quiser, em trabalhar pros outros lá.

Quando vocês tavam lá, antes de vir, vocês já pensavam em vim prá São Paulo? O senhor foi o primeiro?

Josimar - Não, eu com quinze anos eu já pensava em vim prá cá

O senhor veio com quinze anos prá cá?

Josimar - Eu vim com vinte e três anos.

Ah! com vinte e três. E por que essa vontade de vim prá São Paulo?

Josimar - A vontade é porque já modê essas coisas aí, porque lá não tinha terra prá trabalhar e o pessoal, como se diz, levemo pouca sorte. Nós levemos pouca sorte porque o patrão o que mais fazia era cobiçar, porque nós tinha uma roça boa e o patrão já cobiçava, né? Então eu me senti magoado com aquilo.

Cobiçava como?

Josimar - É, assim, por exemplo, ele trabalhava três anos num lugar, então ele já tava fazendo uma boa safra e comercialização. O patrão já cobiçava e infernizava a gente até o meu pai deixar aquilo lá, viu?

Como assim, o que é que ele fazia?

Josimar - É, ele pegava como obstáculo, por exemplo, no terceiro ano ele já falava que não podia mais por roça, que tinha que plantar naquela mesma roça que já teve algodão; então meu pai achava que aquilo não servia prá ele. Aí meu pai já ia morar com outro.

E isso daí, eles viam que vocês podiam melhorar um pouco de vida e não queria?

Josimar - Claro, porque lá em casa são mais mulher, mas eu mais meu pai trabalhava bastante. Desde ele novo, ele era homem trabalhador. Só que era assim... também o patrão colocava ele no obstáculo e ele não aceitava e já partia prá outro.

Mas você achava certo ou errado naquele tempo?

Josimar - Eu achava errado o meu pai aceitar aquilo porque a gente nunca se firmava num lugar certo e que fazia era só ficando pros outros. Então aquilo ali foi me desgostando. Eu com quinze anos já tinha vontade de vim embora pro Sul, porque eu tinha um tio aqui. Eu achava que ele ia me dá cobertura, como de fato na época que eu vim ele me deu cobertura.

Ele é irmão do seu pai?

Josimar - É irmão do meu pai.

E ele morava onde?

Josimar - Ele mora naquele setor... Maicá. Já pertence mais ao Manacial. E ele sempre trabalhou na Pirelli, ele agora tem vinte e cinco anos de Pirelli.

Nossa! Então faz quantos anos que ele tá aqui?

Josimar - Faz vinte e sete anos que ele tá aqui.

Ah! Esse é dos antigos.

Josimar - É, entendeu? E eu tinha sempre vontade de vir prá onde tá ele, né. Mas minha mãe nunca deixava eu vim, ela tinha medo e eu era muito pegado com ela também e eu tinha dó de deixar. Mas chegou um certo tempo que eu vi que não tinha condição, sofria eu e sofria ela lá. E todo mundo, né? Aí eu vim embora prá cá. E o meu tio me deu cobertura, porque eu morei dois anos na casa dele e ele nem sequer minha roupa ele cobrava prá lavar, minha tia lavava tudo e me dava comida, dormida e eu comecei..., fui estudar um pouco. Deixei meu emprego que era de servente, passei prá Pirelli.

Logo que você chegou, arrumou uma empreiteira?

Josimar - É, uma empreiteira, de servente.

E passou quanto tempo?

Josimar - Passei dez meses. De dez meses eu já passei prá Pirelli.

E você veio quando mesmo José?

Josimar - Eu vim em 73.

É, eu nem lembrava. Então, aí, diga o que você tava falando.

Josimar - Arrumei uma empreiteira de servente, primeiro prá fazer asfalto e colocar aqueles tubo grande de esgoto. Mas aquela eu trabalhei só um mês, aí depois uma empreiteira que trabalhava prá Pirelli, aí eu tentei, eu falei: pôxa, se eu arranjar nessa empreiteira aqui, que trabalha com a Pirelli, eu tenho uma chance de trabalhar com a Pirelli. Aí fiquei dez meses naquela firma e já passei prá Pirelli. Eu fiquei dois anos na Pirelli.

E trabalhou como que? ajudante?

Josimar - É, eu trabalhei na manutenção, na Pirelli. Manutenção de servente, de ajudante de ferramenteiro. Tava pegando tudo, foi uma lição prá mim porque eu hoje sei fazer alguma coisa.

Em 1974 na Pirelli, né? Você entrou?

Josimar - Foi em 1974. Aí depois eu fiquei três anos na Pirelli e saí. Fiz acordo e fui pro Norte, fui casar.

Quando você resolveu sair, tava bem na Pirelli?

Josimar - Tava bem na Pirelli que ainda hoje eu me arrependo de ter saído da Pirelli. Talvez, com essa crise aí já tivesse me mandado embora, não sei. Mas, talvez não, que tem muito colega meu que inda tá lá, daquele tempo. Mas, não sei, acho que tudo é o destino, porque eu saí da Pirelli fui lá casar e quando cheguei aqui fiquei três meses desempregado, porque o meu salário tava muito alto, quando eu saí da Pirelli, então eu fiz teste na Volkswagen, na General Motors.

Você já saiu e foi prá outros cantos?

Josimar - Saí e fui prá outros cantos, com profissão, já registrado na carteira. Eu tava com o salário alto.

Qual era sua profissão?

Josimar - Era basquedor das máquinas. Aí depois que eu saí da Pirelli, que cheguei aqui casado, cheguei casado com ela (se refere a Ana, irmã de Amélia), aí não arrumava mais serviço por causa do salário, que tava alto, né? Trabalhei na empreiteira aí.

Vocês chegaram e foram morar aonde?

Josimar - Não, não, eu não procurei o destino prá morar não.

Ana - Nesse tempo, essa época que a gente tava vindo prá cá eu me casei com ele sabendo que ele não tinha tudo.

Passou quantos meses lá no período do casamento?

Josimar - Não chegou um mês não.

Ah! foi rápido, já namorava um pouco, né?

Ana - Namorava, a gente namorava, só que eu escrevi prá ele. Aí com muito tempo foi que a tia dele: você é muito boa Ana, pôxa vida, Josimar lá, ele não vem mais atrás de você. Porque eu namorava, eu namorava os cara lá. Eu namorava principalmente aqueles cara que me lembrava de Josimar. Sei lá, eu tinha um abuso de olhar na cara daquele cara lá. Inclusive ele chegou lá e eu tinha um namorado. No Ceará, onde o meu pai tinha comprado um terreno, a gente tinha se mudado prá lá, eu namorava com um cearense. Eu tava morando no Ceará aí quando ele chegou eu tinha esse namorado. Primeiro eu tinha recebido uma foto dele.

Josimar - Não foi eu que mandei não, foi minha tia que roubou e mandou.

Ana - Aí o cara chegou lá em casa, eu peguei a foto e falei: aqui é a foto do namorado meu, é o sobrinho da minha madrasta que tá em São

Paulo. Aí ele falou: Então, Ana, você namora dois, eu também posso, você que sabe. Aí depois ele ficou com o irmão. E eu tinha um abuso quando olhava prá cara do cara e quando eu lembrava dele. Aí depois o cara foi e quando ele chegou lá aí eu não quis mais ficar. A gente foi, casou, cheguei na casa do meu pai e casei no dia 17, no dia...

Josimar - Onze

Ana - Onze. Aí a gente viajou prá cá no mesmo mês.

E você sabia que ele não tinha emprego?

Ana - Eu sabia. Não tinha problema não. Mas eu não tinha medo de enfrentar...

Josimar - Ela e minha irmã sabia, só que o pessoal lá não sabia. Minha mãe não sabia. Eu falei: eu não vou falar prá minha mãe senão minha mãe não deixa eu voltar.

Ana - Foi, que durante o tempo de desemprego dele nós sofremos e tudo.

Você foi para trabalhar, logo no início, quando você chegou?

Ana - Eu trabalhei um mês na casa de uma família. A minha cunhada trabalhava na mesma rua...

Quando você voltou prá lá foi em 76?

Josimar - É, quando eu fui prá casar que elas vieram comigo, foi em 76.

Ana - E então a minha cunhada arrumou um serviço em casa de família. Era bem pertinho da Pirelli.

Vocês vieram morar onde, depois que voltaram de lá casados?

Ana - Ele morava numa casa de família, era no Humaitá. Aí a gente veio prá lá, passou uns doze ou quinze dias lá. Mas era assim, ele pagava metade do aluguel, vamos supor, ele pagava o aluguel daquela casa e...

Moravam os três, vocês três não era?

Josimar - Era.

Ana - Era, lá. Mas de noite ele dormia num quarto com uma turma de rapaz e me colocava lá por onde tá minha cunhada e umas mulher, lá pros fundo tinha outro quarto, passava a noite lá, era aquela cachorrada. E então. Aí eu falei prá ele: pôxa vida, a gente podia um desses aí e colocar a gente. Ele entrou na Eletropaulo e ganhou setecentos cruzeiros. Agora minha cunhada ficou trabalhando na casa de família e eu não trabalhei mais, eu fiquei grávida e ele ficou na Eletropaulo.

Aí Amélia ficou trabalhando quanto tempo lá de empregada?

Ana - Eu acho que ela trabalhou uns dois anos.

Mas sempre o dinheiro dela ajudava?

Ana - Sempre o dinheiro dela ajudava.

Desde o início ela mandava pros pais, desde que ela chegou aqui?

Ana - Mandava pros pais e ajudava a gente também. Sempre foi assim. Hoje mesmo, ela tem a casinha dela mas quando a gente tá no aperto ela ajuda. E assim nós tiremos.

E na Eletropaulo ele passou quanto tempo?

Ana - Até hoje ele inda tá na Eletropaulo.

Então faz oito anos que ele tá na Eletropaulo?

Josimar - Passou prá nove anos.

Lá você entrou pelo que? Você ficou uns três meses desempregado, quando você chegou aqui, que voltou de lá casado, né?

Josimar - Fiquei três meses. Entrei na Eletropaulo de ajudante de rede. Porque ela não pega a pessoa, vamos supor, outro profissional não, ou então, ela pega ajudante.

Você falou que estudou também.

Josimar - É, do ajudante pode chegar a encarregado.

Ana - Ele estudou quando era solteiro

Josimar - Pode chegar a encarregado, pode chegar a assistente até chefe de seção, a técnico também, que a pessoa trabalhar lá e cuidar, a

pessoa pode passar a técnico da Eletropaulo.

E nesses oito anos eles te deram uma formação?

Josimar - Não, não, eles não me deram uma formação só. Com um ano de firma que eu fiz o curso de ajudante de eletricista. Que entra como trabalhador, depois de um ano, aí faz o curso de ajudante de eletricista. Aí passa a ajudante de eletricista. Passa a ganhar mais um pouco. Aí de lá prá cá eu acho que teve lá uma vez, acho que foi chefe de seção, e eu não consegui pegar promoção nem de eletricista. Então eu pus um processo. Eu tenho um processo contra a Eletropaulo.

Quando foi isso?

Josimar - O processo agora em fevereiro vai fazer dois anos que nós ganhemos a causa.

Foi só você ou houve outros também?

Josimar - Não, não, depois que eu fui...

Ana - Não, ele fala nós com o advogado.

Josimar - É, eu falo nós ganhamos com o advogado. Eu e o advogado.

Foi do sindicato?

Josimar - Não. Primeiro eu abri pela Justiça do Trabalho, mas devido a testemunha que ia comigo, na última audiência, que acho que já era prá ter recebido esse dinheiro, mas na última audiência eu cheguei cedo lá e esperei a testemunha e ela não chegou... Eu voltei na casa dela, da testemunha, que quando eu cheguei lá, cheguei três minutos atrasado. Aí pronto, aí você sabe que os advogados da Light tá ali. Você atrasou um minuto eles chegam e fala pro juiz: o rapaz não veio.

E esse processo foi contra o que?

Josimar - Contra a equiparação de executivo. Porque inclusive eu com um ano de Eletropaulo, que era Light, eu já assumia, a pessoa saía de férias, eu ocupava o lugar da pessoa que era da função mesma. Eu tinha a função mesmo de eletricista, né?

E você conseguiu provar isso?

Josimar - Consegui provar. Inclusive meu encarregado e o encarregado atual foram minhas testemunhas. Então na hora lá os advogados da Light e os chefes da Light não quiseram. Ele provou que eu era eletricista. A alternativa que eles teve foi que eles mesmo provou que eu era eletricista, só que eu não ganhava como eletricista. Porque às vezes troca de chefe.

Quem te orientou ou foi você mesmo que sabia?

Josimar - Eu já era prá ter abrido o processo quando tinha quatro anos. Mas como o meu encarregado, nós se damos muito bem, que é esse agora que faz oito anos que eu trabalho com ele, digo, cinco anos que tô trabalhando com ele, nós se damos muito bem. Porque encarregado é só três na firma, ou seja, na turma. Mas tem o encarregado, o eletricista e o ajudante. Então eles me seguravam prá eu não meter o processo e tava sempre em cima dos homens e eu esperando. Aí chegou a hora que eu não aguento mais esperar.

Mas quem te orientou que você tinha direito a entrar na justiça? Porque muitos trabalhadores não sabem.

Josimar - É, não sabem. Eu fui orientado por mim mesmo, porque o seguinte, de ajudante prá eletricista nunca ninguém tinha abrido processo. Só de encarregado, assistente. E o encarregado tomava conta dois três anos da turma e na hora que era prá ele pedir a classificação eles têm esse costume. Eles tira um e põe outro, que é prá pessoa não poder reclamar. Como uns três ou quatro encarregado já tinha ganhado essa causa, falei: pôxa, se o encarregado ganha, se eu fizer eu ganho.

Ah! Então você já conhecia outros...

Josimar - É.

Agora, se todo mundo tivesse um pouco de consciência abriria um processo.

Josimar - Abriria um processo. Mas você sabe que o mal disso é a gente mesmo que... você vê, na época eu ia abrir o processo, se eu conseguisse arrumar uns oito ou dez, vai ficar mais fácil prá nós, né? Quer dizer que vai ficar até mais fácil. Então nós combinemos tudo certo, dos oito só fui eu.

Os outros tinham medo de mandar embora?

Josimar - Os outros tinham medo de mandar embora. Depois que eu tava com os...

Você não tinha medo, não é?

Josimar - Não, eu não tive porque de cinco anos prá cá foi que eu quis que a Eletropaulo mandasse eu embora, porque eu tinha vontade de ir embora prá Campina Grande. E ainda hoje eu quero que ela me mande embora. Agora mesmo tô com o processo ganho e ela tá, como se diz, ela tem o tempo dela, que ela tem o prazo de dois anos.

Para pagar?

Josimar - Prá pagar.

E vocês ganham o que é equiparação salarial?

Josimar - Equiparação salarial de ajudante prá eletricista

Durante quantos anos?

Josimar - É, dois anos.

Dá uns vinte mil?

Josimar - É, se pagar agora teria que tá cento e vinte mil, eu teria que tá ganhando cento e vinte mil e mais o adicional. Não, é mais porque agora eu vou prá quatrocentos e oitenta, com o aumento. E os eletricistas vai prá quase setecentos.

Daria uns três milhões [de cruzeiros] ou mais.

Josimar - Na época que nós ganhemos o processo tava em dois milhões e novecentos [cruzeiros].

Tá correndo juro e correção monetária.

Josimar - É, e vai correndo juros e correção monetária, porque ela paga, paga a diferença de salário, ainda paga um terço de férias, abono, décimo terceiro.

Fundo de garantia, tudo que você tem direito...

Josimar - É, que o advogado falou, ela paga tudo.

E o advogado cobrou muito por essas contas?

Josimar - Cobrou 25%.

Mesmo assim é muita vantagem pra você.

Josimar - Pra mim é vantagem porque se der dez milhão...

Quando foi que eles julgaram?

Josimar - Foi em fevereiro de oitenta...vai fazer agora dois anos em fevereiro. Eu tô tranquilo, inclusive eu tinha vontade porque se ela mandasse embora, eu pagava o processo já. Já faz uns seis meses que eu venho arrumando pra eles me mandar embora. Aí eles não mandam embora. Então como se diz, eu falei: poxa, se o patrão vem aí e pergunta porque eu falto, não perdendo o dia, com atestado, eles me mandam embora. Mas o que eu já faltei de uns três meses prá cá e os chefes me chamaram, falaram: é, o negócio é o seguinte, eu vou com você prá construção, a construção é meio expediente.

E você trabalha que horário?

Josimar - Eu trabalho três horários. Eu faço plantão no setor de emergência. Passei prá nove anos só naquele lugar e me chamaram...

E esses outros trabalhadores que não quiseram ajudar, estão lá ainda hoje?

Josimar - Tão lá ainda e, como se diz, eles deram um aumentozinho prá eles, mas o aumento correspondia a cento e quarenta mil, eles deram um aumento correspondendo agora de trinta mil.

Então eles se arrependeram já.

Josimar - Foi, se arrependeram. Tem muito nego arrependido, quer dizer, depois da segunda audiência só foi eu. Um foi com aquele mesmo advogado ali e ganhou também.

Ah! ganhou também?

Josimar - Ganhou também.

Aí outros entraram?

Josimar - Não, ninguém entrou mais, só nós dois.

Ana - Prá falar a verdade, quando ele chegou aqui e falou que ia abrir o processo, ele combinou tudo direitinho, minha filha tinha um mês. Aí eu falei: vamos dá um tempo. Aí, quer saber? Bota prá quebrar mesmo. Pior do que tá não vai ficar. Mesmo porque se eles te pagam nós vamos dormir sossegado na nossa terra. Porque aqui a coisa que a gente deita, né? Você sabe e eu sei que eu tô trabalhando de noite, eu morro de medo.

Então José, aí quando você voltou para o sertão, você voltou por que? Você já se questionava em voltar para a Paraíba?

Josimar - Já, eu já intencionava, quando eu fiz quatro anos de firma eu já pensava, falei: poxa, essa minha indenização já dá pra mim ir pra Paraíba e não preciso trabalhar mais pra ninguém. Porque não precisa muito dinheiro prá você, como se diz, não precisa usar muito a cabeça prá uma pessoa inteligente ter muito dinheiro pra você começar a vida não. Agora, se for na Paraíba e chegar lá com um dinheirinho...

Quer dizer, você tem profissão também, né?

Josimar - Tenho profissão também. Quer dizer, eu não só faço o serviço daí da Eletropaulo, eu, inclusive, trabalho de pedreiro, de electricista, de encanador, de tudo. Inclusive se eu for abrir uma firma, vamos supor, que nem ontem mesmo, eu saí daqui seis horas, vamos supor, se eu for fazer um serviço de oito e meia, de nove horas, eu já tô acabando, né? Quer dizer, dupla.

Além da Eletropaulo, você faz dupla, digo bico?

Josimar - Faço dupla, digo, faço bico porque é o que tá me aguentando eu ficar aqui ainda e tá esperando esse processo.

Mas se você não pensasse em voltar pra Paraíba, pensasse em ficar por aqui, mesmo assim você abriria esse processo?

Josimar - Talvez não. Talvez não porque é, como se diz, esse é o caso de não poder abrir o processo. É porque é daqui mesmo e acho que tá bem empregado, porque a Eletropaulo hoje é uma das firmas que a pessoa considera um bom emprego. Ela paga um pouco menos do que as fábricas, mas não manda embora. Eu sei porque pelo menos eu já vou fazer nove anos nesses dias. E você sabe quem ganha um salário de quatrocentos e oitenta mil.

É líquido ou bruto isso?

Josimar - É bruto. Mas ainda tem o quinquênio.

O que é isso?

Josimar - É quem tem cinco anos de firma. Vamos supor, cinco por cento. Era cinco por cento. Cinco por cento líquido sobre 20%. Então, agora ela deu, aumentou mais 20%, em lugar de ser cinco por cento é sete sobre o salário.

Vem fora do salário isso?

Josimar - É, vem fora do salário. É uma gratificação. Tem o adicional noturno que eu tô ajudando a equipe, ajuda um pouco no desconto. Que tá vindo 50, 60 mil agora o adicional noturno. Então tem sido isso aí, tem mais uns bicos que eu faço. Agora, se não fosse isso nem ficava. Se fosse prá mim ficar aqui, se eu não tivesse pensando em ir embora pra Paraíba, eu talvez não tivesse abrindo o processo. Mas como ela não me mandava embora, eu falei: poxa, todo mundo fala que abrindo um processo, ela manda embora, então, eu vou abrir um processo. Mas eu já tive falando no Sindicato, ela não vai me mandar embora.

Seu sindicato é de que? Metalúrgico?

Josimar - É não, é material elétrico, eletricitários. É outro sindicato. Ela não vai te mandar embora porque agora ele fez, eles arrumaram lá prá só mandar a pessoa embora por justa causa. E o processo que tá na justiça não é justa causa. É um direito que você tem. Pra mim é até indiscutível, porque eu não queria ficar aqui, queria mais antes que ela me pagasse o processo e minha indenização. Pra mim é impossível, sei lá, acho que eu ia ganhar mais dinheiro. E como você fala, em Campina Grande, eu acho que dá pra quem tem experiência trabalhar.

Você já conhece alguém? Já procurou ver alguma coisa?

Josimar - Ainda não. Nem fui lá.

Nem tem família em Campina Grande?

Josimar - A gente deve ter família lá, mas ninguém conhece.

Como é que vocês iam chegar lá?

Ana - Ah! por mim a gente ia direto.

Josimar - Veja, se eu for, vou direto.

Ana - Poxa vida, esses lugar assim sempre tem uma casinha sobrando. E a gente levava um dinheirinho, podia pegar uma, trocava outra. Por mim não tem problema, mandou embora hoje, vamos embora amanhã. Não tenho medo de dizer assim, que eu vou passar fome, não. Sabe por que? Porque ele é um homem trabalhador, graças a Deus, e por isso eu não vou, não quero ir embora. Digo não temo ir embora, morar no Norte ou no Sul, ou sei lá onde for. Eu não temo, não tenho medo de sofrer não. Se sofre, vamos sofrer juntos, né? Tamo na dança, vamos dançar. Não tenho medo. Espero que Deus ajude que nunca chegue esse dia, esse momento.

Josimar - Mas eu acho que não. É porque a gente fala: Ah! você vai, mas o dinheiro vai acabar logo. Eu digo: o dinheiro acaba, mas se for só prá pessoa beber, então, com bebedeira, ou como se diz, com farra e falar

pros outros que tem dinheiro, mas dinheiro não fala onde ele tá. E você, como se diz, mantem o segredo dele e a gente pode até render o dinheiro.

Você arrumou na Eletropaulo e você ficou morando nessa casa, ficou muito tempo?

Ana - Não, a gente não ficou muito tempo lá em (nome de proprietário). Ficou um ano. Depois nós, olha, eu não te conto em quantas casas a gente já morou.

Muita? Tudinho de aluguel?

Ana - Tudinho de aluguel.

Mas você sempre procurava pagar um aluguél mais barato ou preferia pagar um aluguél mais caro?

Josimar - Eu preferi sempre pagar um aluguel de acordo com um conforto melhor prá crianças.

Ah! entendo.

Josimar - Quer dizer, por ela mesmo se eu aceitasse nós moraria até numa favela. Mas não é porque a favela tem muito, como se diz, tem só gente ruim. Tem gente boa também na favela.

Então eu acho que não compensa a economia que faz ir morar na favela, né?

Josimar - É isso que eu ia te falar, não compensa.

A não ser que você tenha muito gasto que não dê prá pagar aluguel.

Josimar - É, não dá.

Porque tem muita gente que também não gosta, mas é obrigado.

Josimar - Agora, esse negócio de também trocar noutra casa é porque... Eu também sou um cara assim, vamos dizer, eu não bebo, eu não gosto da pessoa que bebe e venha perturbar. Outra coisa, essas casas assim lá em baixo, na rua.

Mas vocês moraram aqui também, não moraram?

Ana - Não, é a minha cunhada que mora lá.

Ah! vocês nunca moraram ali não?

Josimar - Não. Então, veja bem, essa casa que eu tava lá ia pra 120 mil. Três cômodos só e essa aqui é quatro cômodos e eu fiquei com ela por noventa. Quer dizer que já tinha um aumento de 30 mil, tendo um cômodo a mais.

Paga 90 mil fora água e luz?

Josimar - Fora água e luz.

E vocês sempre saíram por que o aluguel vai aumentando?

Ana - É, e às vezes também a gente não tem muito vizinho que é muito bagunceiro.

E você (Amélia) veio em 76 também?

Amélia - Não, em 79.

Então Josimar, você tentou vir pra cá por que São Paulo é a solução?

Josimar - É, eu acho que talvez a solução era São Paulo, era porque tinha um tio que fazia, acho que naquela época fazia uns quinze anos que tava aqui. Eu achava que ele tava bem. Eu achava que ele tava rico. Eu falei: poxa, se eu for lá eu vou morar com ele, sei lá, ele vai me ajudar. Então eu tinha aquela ilusão, com quinze anos já tinha vindo embora, quer dizer, eu falei, mas minha mãe não deixava. Então essa era a solução. E outra, eu acho que eu precisava um pouco mais de sorte, porque eu via lá o pessoal que trabalhava, às vezes trabalhava até menos do que eu e conseguia as coisas.

Lá na Paraíba?

Josimar - Lá na Paraíba, mas eu trabalhava muito mais o meu pai e não conseguia nada, que era como eu te falava, um ano trabalhava num lugar, outro ano já trabalhava noutro, e aquilo ali.

Quer dizer que se você tivesse terra, você não teria vindo pra São Paulo?

Josimar - Talvez não porque eu acho que se tivesse lugar prá trabalhar lá, era pra nós...

Se tivesse aquela terra mesmo...

Ana - Lá, quem tem aquelas terras, quem tem seu pedacinho de terra não passa fome.

Mas não dá prá viver bem também.

Josimar - Não dá.

Porque tem muita gente lá que tem seu pedaço de terra.

Josimar - Tem um pedaço de terra, mas não dá prá viver bem.

Mas que geralmente vem, né?

Ana - É como ele te falava, quem tá lá no Norte e não conhece São Paulo... Porque esse povo que vem de lá pra qui é isso, é isso aí.

Por exemplo, lá no inverno tem arroz, milho e feijão, a agricultura, é só isso. Não tem muito dinheiro, né?

Amélia - Tem na época do algodão.

De algodão sim. Mesmo assim não é muito...

Amélia - Não, quem tem terra faz alguma coisa, dá pra ganhar alguma coisa, mas...

Lá o preço do algodão é bom? Ajuda?

Josimar - Ajuda mais que nem eu te falo, por (nome de proprietário), por ele comprava o algodão na folha de todo mundo e esse é o negócio de eu falar que ele tomava as terras dos outros. Porque, por exemplo, ele comprava cem arrobas de algodão, na folha, por mil a arroba prá poder roçar o algodão, cuidar.

Que ele não tinha o dinheiro prá cuidar?

Josimar - Não tinha o dinheiro prá cuidar do algodão, quando chegava na época que aquele algodão tivesse um problema com lagarta, com inseto que comesse o algodão, na época o meu avô não tinha aquela

arroba de algodão prá dá pra ela, ele tomava a terra. Aí, ele não podia fazer negócio prá prolongar dias, pro ano que vem que.

Quer dizer também que mesmo aquele que tenha muita terra, mas não tinha o dinheiro prá poder ir...

Josimar - É, toda vida foi assim, não tinha o dinheiro.

Então, quer dizer que quem tá bem mesmo na Paraíba é quem tem o dinheiro pra viver dentro de sua terra?

Josimar - Ter só a terra e ter, quer dizer, não ter dinheiro, não adianta não. Você vê o (nome de proprietário) agora, diminuíram a terra dele porque foi dividida pros herdeiros.

Eram cinco mil tarefas parece.

Josimar - Eram cinco mil tarefas. Agora é como se diz, tá pouco mas mesmo assim é uma terra que não era pra ele tá apertado do jeito que tá. O meu irmão tava falando que, pelo que meu irmão fala, ele tá pior do que eu. Disse que não tem uma roupa boa, não tem uma roupa prá vestir.

Com 500 tarefas?

Josimar - Com 500 tarefas de terras. O que adianta terra lá? Então é o que eu te falo. Um dia se eu for embora prá lá não é pensando em comprar terra.

Você acha que não adianta?

Josimar - Não adianta. Como adianta? Quer dizer, eu vou comprar terra lá, vou trabalhar na roça, e o estudo dos meus filhos? Eu tenho que ir prá um lugar que meus filhos vá estudar

E depois também, toda profissão que você adquiriu aqui, se você fosse prá roça jogaria fora.

Josimar - Jogaria fora, então eu tenho que, como se diz, amar a minha profissão e trabalhar nele e se eu tiver trabalhando nela meus filhos tão estudando.

Ana - Eu mesmo quero saber de estudo pros meus filhos porque lá eu tenho um pouco de terra e no Ceará também.

Quantas tarefas?

Ana - Eu não sei, foi que me deram, mas se eu fosse embora daqui e se ele quisesse morar no Ceará, eu toparia, eu caio fora.

Josimar - Quero nada.

Ana - Nem eu, sei lá, a gente acostumada a viver num lugar como esse vai se acostumar mais no sítio, onde só tem cobra, só tem pistoleiro? Lugar feito o Maranhão.

Josimar - Talvez se a firma me mandar embora eu nem vá, porque agora mesmo essa semana aí eu tive conversando com o engenheiro, o engenheiro lá é eletricista. Talvez tenha mais dois engenheiros que tá querendo arrumar um eletricista bom. Eletricista que tenha conhecimento, que faça qualquer tipo de serviço. Ele tá com os clientes dele.

Sei, ele abriu uma firma?

Josimar - Não, ele dá serviço pra mim. Então, por exemplo, eles pega um prédio lá de três, quatro andar pra fazer a parte elétrica, então aquilo fica pra mim.

Já fica prá você aí você faz empreita, né?

Josimar - Faço a empreitada. Já empreiteiro deles, mas mesmo assim o nego precisa de ganhar um pouco mais, mas tendo serviço pra mim é importante, mesmo eu tando na Eletropaulo.

E você ganha mais do que o salário?

Josimar - Não, tem época que isso dá porque esse mês mesmo aqui eu já ganhei, teve dia que eu já ganhei mais de cem mil.

Ana - E é uma horinha.

Josimar - E inda ganho mais do que isso aí.

E você acha que qualquer pessoa, porque quase não tem folga, né?

Josimar - Não, isso aí eu não tenho não.

E você acha que isso não é preciso? Eu acho que isso é preciso, não sei o que vocês acham...

Ana - Eu acho.

Por que a vida é tão curta, né?

Ana - Inclusive eu falo muito prá ele: poxa, Josimar, não trabalha tanto assim, eu me sinto tão sozinha em casa com as crianças, chega da firma, ao invés de ficar com a gente, pega aquela sacola de ferramenta e se manda, vai prá outro serviço, chega em casa na hora de dormir, toma um banho e na hora que cai na cama ele ali fica morto já de sono e eu no meu canto lá. Poxa vida, a gente se sente tão só, eu não gosto disso.

Josimar - Então, vai ter mês que ele vão me chamar pra fazer cartão, aí eu falei: com o cartão vai aumentar mais o serviço, eu não vou ficar parado. Mas agora eles obrigaram.

E esse telefone é de vocês, vocês compraram?

Josimar - Não, eu aluguei. Eu aluguei já prá mim trabalhar mesmo.

Prá trabalhar de eletricista?

Josimar - É de eletricista. Fazer cartão. E o telefone ajuda mais.

Quanto tá um aluguel de telefone aqui? Uns dez mil?

Josimar - Não, tá mais.

Ana - Esse a gente tava pagando doze.

Josimar - Agora vai prá quinze mil, digo, vinte mil.

Ana - Foi um contrato de seis meses.

Paga vinte mil?

Josimar - Paga vinte mil.

Porque eu aluguei um apartamento, mas com o telefone. Aí você acha que valeu a pena fazer esse investimento no telefone?

Josimar - É, valeu, não valeu mais a pena porque eu não fiz o cartão, porque o cartão vai me dá mais serviço.

Ana - E é baratinho.

Josimar - É barato, um milheiro é quarenta mil. Eu fui vê essa semana o preço, porque agora se eu for trabalhar com esses engenheiro, eu vou precisar do cartão. Que eles vão exigir, eles já falaram: eu preciso de cartão, viu. Senão toda hora eu posso ir lá telefonar pra você e chamar pra trabalhar, então eu já tenho que dá o cartão pro cliente dele, pro cliente me procurar, que é eletricista de confiança.

Você acha que vale a pena você trabalhar tanto assim?

Josimar - Prá mim, eu acho que vale a pena. Porque quando eu chego em casa e não vejo as crianças passar aperto, precisando de alimentação, ou não tendo um conforto melhor, prá mim eu acho que vale a pena. Falo prá ela, quando eu morrer ela fica, é ou não é?

Vai sobrar mais um dinheiro prá ela, né?

Ana - Mas eu não quero dinheiro, quero mais que fique vivo, porque uma vida aperreada assim.

Josimar - Eu acho que tem época que eu fico até meio doente pensando no meu pai, que eu queria poder ajudar ele, mas no momento eu não tô podendo ajudar, porque já tive esses problemas da firma. Eu devia inda tá ganhando mais.

Você não me contou que teve internado muito tempo?

Josimar - Fiquei internado.

Ana - No tempo que ele ficou internado a gente passou um sufoco medonho.

Josimar - Fiquei com pneumonia.

Mas isso já não é por conta de trabalhar muito?

Josimar - É por conta, foi isso mesmo. Porque eu tava muito gripado, tava com febre, até trabalhei na chuva. Trabalhei na chuva e dentro do forro, então aquilo ali me prejudicou bastante.

Mas foi lá na Eletropaulo?

Josimar - Não, foi bico.

Ana - E ele adoeceu, eu peguei, levei ele e internei no hospital, no tempo que ele tava internado e ninguém sabia o que era. Só dava remédio prá ele dormir. Toda vez que eu chegava lá, ele tava dormindo.

Ana - E ele falou: tão me dando remédio só prá dormir. Aí eu procurei a diretoria do hospital, conversei com a moça, era a diretora, só tavam dando remédio pra ele dormir e ninguém sabia direito o que era, nós tinha feito os exames e ninguém tinha os resultado ainda. Eu falei: poxa, mas tá com seis dias já, eu só chego aqui e encontro ele dormindo. Se ele acordasse ia quebrar era o pau lá dentro do hospital. Não tava nem aí. Aí quando foi um dia eu cheguei lá tinha um guarda que tava sempre na porta, não deixa ninguém entrar. O guarda tava lá. Falou: vamos, seu marido tá aí sem dormir e com razão. Aí eu fui lá onde ele tava: vamos embora. Ele disse: vamos, me tira daqui já. Aí eu: tudo bem, você não quer ir no hospital direto daqui, você vai pra casa, o Brasil [hospital] fica mais pertinho, você vai pra casa. Chega em casa passa a noite em casa e amanhã cedo eu te trago noutra hospital. De lá eu fui direto pro hospital Brasil, quando foi no outro dia, ele passou a noite lá, só passou a noite porque não dormiu. No outro dia cedo eu cheguei, levei ele no Hospital Brasil e quando foi de tarde que eu fui lá visitar ele já sabia que era pneumonia. E nesse hospital com seis dias e ninguém sabia o que era. Ah! Mais isso deu um bode!

Você foi atrás?

Ana - Não, não fui atrás mais porque eles ligaram pra lá, porque Josimar tinha saído de lá e tava preocupado com ele, porque não sabiam onde ele tava. Eu falei: eu fui aí onde ele tava, trouxe ele porque já fazia seis dias que ele tava internado e ninguém sabia o que era, só tavam dando remédio pra ele dormir e ninguém tava tratando ele bem. A moça lá da diretoria me perguntou: porque a senhora vai tirar ele? Eu digo:

vocês não tão tratando dele? Esses dias aqui vocês medicaram? Mas ele tá pior.

6) COMO ESCREVER SOBRE PESSOAS COMUNS?

Jaime Santos Júnior

O ímpeto inicial de quem se ocupa com as ciências sociais por ofício é reconstituir fatos, compreender fenômenos e relações sociais à luz de procedimentos de pesquisa que se valem de técnicas para a coleta e produção de informações. A análise decorre, portanto, dessa sorte de inventário exaustivo de provas empíricas arrolados para arguir sobre uma hipótese, postulado, no quadro de um referencial teórico, como exercício capaz de não meramente encontrar o inédito, mas ir além do conhecimento já disponível no senso-comum. É claro que não se resume o empreendimento científico em um parágrafo e não é esta a minha intenção, mas isto me serve de mote para retornar a pergunta que expus no título. Como escrever sobre pessoas comuns... fazendo ciência? Dito de outro modo, como tratar de histórias de pessoas que carecem dos marcadores objetivos que usualmente nos valem em situações de pesquisa como recurso para encontrar o factual?

Os relatos de Antenor e Maria lidos aqui, no que me cabe comentar, foram colhidos há quarenta anos em procedimentos de pesquisa. A conversa transcorreu a partir de filtros que a pesquisadora propõe e que se associam ao tema em estudo, o mais proeminente sendo o das migrações inter-regionais e o das dinâmicas de transformação em áreas rurais do sertão da Paraíba. Conhecedor dessas pesquisas, sei que as falas não foram assumidas como sendo carentes de dados objetivos, que não pudessem resistir ao confronto com a fonte fria, o documento, a estatística, elementos da narrativa macroestrutural. Mesmo assim, cada entrevista foi debulhada, desossada, como fragmentos que, atados a outras histórias, pôde dar forma a novos eixos semânticos: família e parentesco, migração e trabalho, modo de vida rural, para citar alguns

exemplos. Na ciência, o expediente manda separar, ordenar, para bem compreender a trama dos processos sociais em curso.

Mas mesmo quando recorremos às escalas de observação, podendo falar de aspectos miúdos daqueles que migram e atribuem sentido aos seus deslocamentos, a sua vida, ou do fluxo demográfico que inverteu a face do Brasil, que passou a ser urbano a partir da década de 1970, isso ainda não confere àquele que viveu tais acontecimentos o protagonismo da perspectiva narrativa, da vida como uma história a ser contada. Eis aqui o nó górdio. Posto às claras, temos: primeiro, como documentar a vida de quem o mais das vezes não aparece em documentos, dados objetivos, posições de poder, sendo “protagonistas” dos grandes acontecimentos? Segundo, como dar consequência à denúncia de iniquidades, das agruras do vivido, dos que falam através do silêncio das suas histórias, sem cair na tentação de romantizá-las?

Sem cerimônia, podemos dizer que, no âmbito da escrita acadêmica, somos tolhidos pelo regramento imposto ao texto como veículo de comunicação científica, que mesmo sem o estatuto de gênero literário, tende a ver com desconfiança, para não dizer repelir, os modos de enunciação dos depoimentos colhidos em situação de pesquisa. Não é incomum ver o clamor pela entrevista que foi concedida “livremente”, ao invés da confissão dos modos de parcialidade e dos acordos tecidos em campo. Queremos a “fala”, matéria-prima fundamental da nossa ciência, mas damos pouco ouvido ao silêncio, capaz de ecoar o que as palavras não exprimem. Na busca do visível, demonstramos pouca tolerância ao que o olho não capta, mas o corpo sente. Sem falar dos cheiros, como se a realidade que vivemos fosse inodora, na brilhante inspiração de Martins (2008) e Corbain (1987). Nesse rumo, corremos o risco de perder a poética em detrimento da standardização do método.

Mas considero ingênuo acreditar que fazendo ciência nos afastamos por completo da sensibilidade emocional, embora sobre ela amarramos as rédeas da objetividade. Afinal, em nossos textos, acabamos por “construir” personagens, cenários, estimamos probabilidades em trajetórias, deduzimos comportamentos – algumas vezes escondemo-nos na escrita (como se isso fosse possível!) –, o que não vejo como sendo muito distante da fabulação, ou de outras formas de representação da “realidade”, como sugere Latour (2017). Sem desespero, podemos levar o andor com calma porque há bons ventos nas ciências sociais que animam esse debate, embora eu não vá me deter aqui sobre isso⁴.

Não percamos o fio da meada. Fico imaginando que Marilda Menezes remoeu essas histórias por anos, sem saber o que fazer com elas para ir além do protocolar registro em linguagem de pesquisa. É difícil sair ileso após ouvir relatos como os de Antenor e Maria, que nesse livro assumem lugar de destaque. Transcritos na íntegra, mudamos o seu estatuto; não mais como peça assessoria de uma pesquisa, mas como História. Teimo em dizer: mesmo este apêndice que escrevo, e vou sim comentar algumas passagens dos relatos, pode ser solenemente desprezado pelo leitor. Eu vi, por meio das histórias de Antenor e Maria, bem como as demais reunidas neste livro, um Brasil em profundas transformações, mas isto me foi secundário. O personagem e sua vida nos levam para outro domínio, o do conteúdo do vivido, lá onde há sonhos, choro, sofrimentos, alegrias, desejos, onde por fim há morte e vida (quase me escapuliu o “severino”).

Antenor e Maria traduzem para o leitor os sintagmas de um Brasil que registrou uma inversão demográfica com profundas consequências na formação das cidades e na distribuição populacional entre as regiões. O censo de 1970 já evidencia o maior percentual de pessoas vivendo em cidades (Cunha, 2015). No quadro social mais amplo, a concentração de

recursos administrativos e econômicos na região Sudeste, sobretudo São Paulo e Rio de Janeiro, alinhava-se à escassez de terras daqueles que têm que buscar a sua sobrevivência no mercado de trabalho, como força de trabalho disponível. Entre nós, a lenta e gradual mercantilização do trabalho, como nos faz ver Guimarães *et al.* (2015), não obedeceu a nenhum automatismo, não sendo instaurada meramente pela abolição da escravidão e criação do “trabalho livre”. Vemos que a primeira metade do século XX operou com um mercado de trabalho exíguo e masculino, visto que as pessoas disputavam a sobrevivência recorrendo a outros meios que não o assalariamento. As mulheres terão lugar decisivo nesse processo de mercantilização do trabalho da segunda metade do século XX, novamente Guimarães *et al.* (2015).

Mas as perdas e ganhos populacionais não foram aleatórios. Cidades e regiões viram crescer e/ou minguar desigualmente a sua população em um movimento que foi lido pelos pesquisadores, no calor do momento, quase que sem tocar no tecido que se costurava por aqueles que estavam vivendo esse processo, donde falar em fatores de “atração” e “repulsão”. Vivo, os movimentos migratórios são bons termômetros do impacto do desenvolvimento regional desigual, das políticas de promoção da fronteira agrícola e mineral, da presença de mecanismos de seguridade social que, no mesmo compasso, desmercantilizam o trabalho quando oportuno.

Na costura fina dos relatos, observamos como esse enredo se converte em vida vivida quando, por exemplo, Antenor nos mostra como as formas de financiamento e securitização saem das mãos dos proprietários de terra e passam para os bancos. É o novo mundo de códigos que não se conhece, das “relações impessoalizadas”. Notem que Deus, e por consequência o “encantado”, está presente nos relatos sobretudo dos mais velhos, a denotar a influência das religiões na ordem

do mundo. Não à toa o recorrente aceno para os ciclos da natureza com seus invernos generosos e secas inclementes. Sutilmente vemos esse mecanismo perder força em face do esforço para compreender os signos de legitimação da vida urbana e fabril, onde se requer “conhecimento”, “disciplina”, não sem antes embeber com uma dose de “coragem”. Talvez por isso o “sair pelo meio do mundo com a família” seja perigoso, é melhor que fiquem os pais aguentando o tranco enquanto os filhos homens mais velhos encaram a migração para São Paulo, também como estratégia de manutenção dos que ficam.

Nesse ponto, as categorias que empregamos imprimem significados novos, esperam-se condutas. “Origem” e “destino” deixam escapar como se faz, no destino, o lugar de origem, ou como vivifica-se o desejo (quase eterno como expectativa) do retorno. Nesse ínterim, o migrante é, não sendo. Quando perguntado, responde: “o homem do campo vive no sol, o da cidade vive na sombra. É(sic) descalço, na cidade vive calçado”. O empenho é por viver, ter uma “roupinha limpa”, o alimento na mesa, signos de dignidade em seu código de honra nativo, para ficar longe do que se traduz como “humilhação”, a sujeição a alguém que “bate na cintura”.

Não quero me estender propondo uma “interpretação” para os relatos. Retorno agora ao que apresentei no início desse texto onde advoguei em favor da proeminência narrativa das entrevistas aqui transcritas. Claro que elas podem ser vistas como repositório de dados de uma pesquisa, que de fato foram, mas vejo nelas a centelha de uma outra forma de discurso, o que se quer como oralidade e que atribui valor heurístico ao “comum”, é o lugar onde “os homens (eu acrescento as mulheres) fazem sua própria história”, para reter a inspiração marxiana. Vou além, encontro em Barthes (2012) um argumento de fim quando ele, ao tratar da escrita acadêmica, sugere,

Talvez já esteja na hora de abalar uma ficção: a ficção que quer que a pesquisa se exponha, mas não se escreva. O pesquisador seria essencialmente um prospector de materiais e é nesse nível que se levantariam os seus problemas; chegado o momento de comunicar “resultados”, tudo estaria resolvido; “dar forma” não passaria de uma vaga operação final, rapidamente levada a efeito graças a algumas técnicas de “expressão” apreendidas no colégio e cuja única norma seria submeter-se ao código do gênero (“clareza”, supressão das imagens, respeito às leis do raciocínio). (Barthes, 2012, p. 100)

O arremate,

O discurso da ciência não é necessariamente a ciência: ao contestar o discurso do cientista, a escritura não dispensa em nada as regras do trabalho científico. (Barthes, 2012, p. 101)

Pois bem, sim, podemos escrever sobre pessoas comuns e esse livro dá testemunho.

6.1) Entrevista com Antenor, rezeiro, 1983

Entrevista com Antenor, nasceu em 1920, pequeno proprietário e rezeiro, Bonito de Santa Fé/PB. Tinha 63 anos em 1983, casado com Maria, dez filhos, com idades de 7 a 33 anos, uma filha migrou para vitória da Conquista/BA e um filho para Santo André/SP.
Entrevistadora: Marilda A. Menezes, fevereiro 1983.

E a propriedade, como é?

Antenor - A propriedade tem local prá construir açude, mas não tem açude, é uma terra rasa, arenosa, terra muito boa, não tem terra acidentada, terra muito boa de trabalhar e boa da gente morar também, só é pouca, porque com 50 tarefas de terra, a família é grande. Mas, com tudo isto, eu tô tranquilo e tenho onde morar, né! Faço umas rocinhas que dá prá ir passando.

O senhor trabalha de alugado também?

Antenor - Não, eu acho muito triste um homem se aluga, prá trabalhar prá outro homem. Às vezes quando eu tenho uma folga de serviço faço

uma tarefa, uma empeleita de serviço, mas prá eu me alugar mesmo um dia, nunca fui não

Como a família faz para comprar os outros produtos que não produz?

Antenor - A gente cria, uma miuça, uma reis, cabrito. Aí vende e faz aquela despesa, compra café, açúcar por dois, três meses. Sempre tem que vender um animal, do legume não dá prá tirar para as outras despesas.

Na opinião do senhor, quais os problemas aqui da região, é só mesmo a seca, ou tem outros problemas? O Senhor falou que a terra é pequena, se fosse uma terra maior que desse prá sustentar a família?

Antenor - Aí era coisa muito boa, porque a gente podia fazer um negócio no banco, uma ajuda do governo, aí construir um açude, um campo e aí produzia muita coisa. Mas a propriedade é pequena e não dá prá fazer isto, e mesmo o Nordeste aqui é fraco prá estas coisas. Mesmo este meu filho, ele deu uma proposta aí no banco prá construir um açude na propriedade, teve a fiscalização, preparou todos os papéis, mas tem passado este tempo todinho e nunca saiu este dinheiro. Tem outro problema difícil aqui também é que não tem estudo prá crianças, mesmo no nosso setor tem 35 crianças, nós tava contando ainda agora aí no bar, que precisa de estudar e nós não temos uma professora. Tem uma professora do município, mas tem esta questão de política e ela é filha de um ignorante, tem um grupo escolar lá no nosso setor, bem vizinho à minha casa, mas não tem escola, tem a professora, mas o pai dela é ignorante, não deixa ela ensinar, e as crianças tão perdendo cinco anos de aula. Então eu me interesse bastante prá que os pais de família aqui do norte também interessam é aula pros filhos, tem muito setor que tem em São José de Piranhas, mas se nós somos de Bonito de Santa Fé, quer dizer que não vem professora de lá prá cá. Quer dizer é esta questão de política. Os pais que sabem, de noite ficam ensinando os filhos, quando

chega da roça, isto aí é um problema difícil, eu acharia que o governo ajudasse prá vim mais escolas em todos os municípios, porque exatamente todo mundo ficava sabendo como se chama, porque quem não lê, não sabe como se chama.

Por que os filhos foram embora?

Antenor - Eles mudaram mode estas questões destas crises aqui, o Manoel deu um passeio lá no Sul, aí achou bom São Paulo, aí casou, e vivia uma vida sacrificada, aí resolveu ir prá São Paulo, prá ver se conseguia uma vida melhor. Aí foi e graças a Deus tá bem em São Paulo, tá bem empregado, pobre sim, mas tá vivendo bem, mas fala de vir embora. Esta filha que eu tenho lá (refere-se a Vitória da Conquista, na Bahia), ela foi embora não foi por problema de seca, de nada, o esposo dela tem um irmão que mora lá em Conquista, é gerente numa fazenda. Aí veio e convidou o irmão prá ser gerente em outra fazenda. Aí então, ele foi, faz cinco anos que tá lá e diz que tá muito bem, graças a Deus. E o (nome do filho) foi embora prá São Paulo porque dizia que vivia aqui passando mal, queria vestir uma roupa não tem, fazer uma despesa prá casa, faltava dinheiro, precisava comprar fiado na bodega, então disse: vou prá São Paulo, vou me arriscar, aí foi.

O senhor acha que era a única solução ir embora, não tinha outra solução?

Antenor - Não, não tinha, só se fosse eles se obriga a trabalhar de alugado, trabalha um dia ou outro, porque também não tem quem tenha serviço diretamente, então foi bem melhor ele apura o que tinha e ir prá São Paulo, e ficar lá.

Alguns proprietários falam que na emergência piorou, não tem mais trabalhador, o senhor acha que é verdade isto?

Antenor - Os proprietários eles não gostam desta emergência, porque é o seguinte, porque se o trabalhador tá alistado na emergência,

ganhando 11 mil e pouco, eles tã dando o direito ainda de trabalhar dois dias e meio no roçado. Aí o proprietário particular não dá este direito e paga muito pouco, eles querem pagar um dia CR\$ 300,00, sem merenda, o coitado tem que ir às 11 horas prá casa almoçar, ele trabalha a seco, e tem que trabalhar de sol a sol, das 6 às 6 da tarde, aí não dá, aí o coitado vai se alista, fica trabalhando na emergência e fica cuidando da roça dele naquelas horinhas.

Os filhos ajudam o senhor, mandam dinheiro?

Antenor - Não, o (nome do filho) me ajudou, agora quando a mãe dele tava doente, ele mandou buscar ela, a minha nora que veio buscar, a Maria levou ela prá São Paulo, ele me ajudou nesta parte aí. Não quis que eu pagasse despesa nenhuma. Mas, em outra coisa, não. Acho também porque ele é pobre e não tem condição de ajudar. Se ele ganha bem, muito mais ele gasta. São Paulo dá despesa também que não é brincadeira.

Eu sou pobre, sofredor, agora não que já vai com três anos de seca, mas sempre eu tinha com que me ajudar e viver. Aí eles não ajudam, às vezes minha esposa fala: ah! Você deveria escrever pros meninos pedindo uma ajuda, eu digo: não, a minha vida aqui vou ficar sossegado, a minha vida aqui não é nem preciso escrever, eles tã sabendo, pelo pessoal que chega lá. Se eles são criado aqui, deve saber o Norte como é que é.

O senhor gostaria de ir embora prá São Paulo?

Antenor - Não, quando eu era mais moço tinha muita vontade de ir embora, meus pais não consentiram, depois eu casei, pensei muito de ir prá São Paulo, aí foi o tempo que minha mãe tava viúva e disse: meu filho, não saia de perto de mim, não, você é meu filho mais velho, eu não quero que saia nunca de perto de mim, você fica prá cuidar e aconselha seus irmãos. Eu disse: então tá certo, mãe. Aí não fui. Aí ela faleceu, a

família um pouco aumentada, a idade um pouco avançada, também, aí eu não ia me jogar no mundo com oito filhos, né. Quando eu cuidei de ir prá São Paulo, a idade já tava avançada demais, com 63 anos vou fazer o que, só se eu tivesse quatro ou cinco filhos prá trabalhar prá mim. E eu não tenho, tenho só uma moça com 18 anos e um rapaz com 17 anos. Mas aqui eu me dei muito bem, já me ajuda, basta fazer a obrigação de casa já tá me ajudando, porque minha esposa não pode trabalhar. Eu já compreendi assim um assunto, de eu não levar mais ela no médico, ir aí numa mesa de centro, fazer uma experiência prá mim ver, porque ela tá conversando aqui, você diz: esta mulher não tem nada. Aí ataca ela assim de vez, então fica faltando o ar, quer subir uma coisa na goela dela, fica nervosa, falando palavrão com qualquer pessoa.

O senhor acha que os filhos que estão fora deveriam voltar?

Antenor - Bom, eu tenho muito desejo deles voltar, por meu prazer, meus filhos tavam junto deu, embora sofressem mais ou menos, embora eu teria mais satisfação, tanto que mesmo o Manoel tem uma casa comprada em São José de Piranhas, porque não quer vir para o sitio.

O que na opinião do senhor leva a pessoa a ficar no vaivém?

Antenor - Isto aí é o seguinte, é de quem pensa pouco, porque se o cara tá em São Paulo, tá trabalhando, ele tá se dando bem com o clima, gozando saúde, mesmo que ele ganhe menos, mas não precisa ele voltar, deve esperar, né. Agora se o cara não espera, vem prá cá, com dois, três meses, um ano volta prá São Paulo, acho que isto aí é uma loucura do freguês, ele tem que aguenta mão, ou que seja lá ou aqui, porque não tá trabalhando, porque senão vai trabalhar só prá empresas de ônibus.

6.2) Entrevista com Antenor e seu filho Jonas, rendeiro, 1983

Entrevista com Antenor, nasceu em 1920, pequeno proprietário e

reindeiro, Bonito de Santa Fé/PB e seu filho, Jonas
Entrevistadora: Marilda A. Menezes, outubro de 1983

Na opinião do senhor o que é um bom patrão?

Jonas - Ele entrega a propriedade, nós toma conta do mato e lá toca a foice, broca o mato, queima, cerca e pronto. Aí tem o reindeiro dele e ele paga o caroço. Eu acho que com isso ele (o proprietário) paga o caroço (do algodão) a pai, mas não. Mandou o pai comprar o caroço e pagar, mas não pagou não, eu estou dizendo que ele não pagou, porque ele não pagou. Em 1982 ele deu a carta de crédito para pai tirar dinheiro, mas outra coisa ele não forneceu não.

Na opinião do senhor qual seria a forma dele vir a ser um bom patrão?

Jonas - Eu acho que para ser bom, para dar condição lá é que arrumasse dinheiro, desse qualquer condição para o reindeiro trabalhar, ou tocasse uma roça e desse a roça de meia. É para dar brocada, queimada e plantada de caroço. Aqui nenhum faz assim. Aqui eles sempre faz assim: Eles manda o cara brocar, brocar e cercar a roça. Aí o que acontece é isso, a pessoa bota a roça no mesmo ano não dá nem para tirar as despesas. Quando vem brocar uma roça, brocar e cercar, que pode pegar gente, aí quando é no outro ano, já é dele a metade, que o algodão já é de meia. Milho feijão é um ano, aí fica a pessoa tratando do algodão toda a vida de meia.

Então um bom patrão seria aquele que pelo menos pagasse até o plantio?

Jonas - é a quantidade de terra para poder a pessoa pegar dinheiro, que para ser de meia ser certo, é para ele trocar, cercar, plantar a terra para poder a pessoa pegar.

Vocês não podem pedir isso?

Jonas - Não, ele não faz assim não.

Mas é direito do trabalhador exigir?

Jonas - É. Eles entregam o mato lá e o rendeiro que quiser bote a roça.

E você acha que vale a pena trabalhar neste sistema?

Jonas - Não. Não vale porque desse jeito não dá para o rendeiro, logo que fica muito caro. É melhor a renda de milho que deixa de 8/1, mas algodão não deixa.

Mesmo o senhor achando que não vale a pena, porque o senhor trabalha de rendeiro com eles?

Jonas - Eu trabalho porque as terras daqui estava muito fina. Não dá para brocar, queimar e cercar, mas não dá não, como rendeiro não. As despesas da roça no mesmo ano é muito grande. Certo, deu milho, feijão, no milho compensa um pouco, quando é um ano bom compensa, mas quando é um ruim não compensa.

Quando é um inverno bom, é bom?

Jonas - Não é não, mas não dá para a gente ter prejuízo. Agora um ano assim (se refere ao ano de seca, em 1983) não, que aí o patrão fica com a roça de pasto, o cercado feito, a meia do algodão, e, ainda, a renda do milho e do feijão. Aí indo fazer a conta, só a cerca e o pasto que fica compensa mais do que todo o milho que o cara colheu.

O pasto é o resto do algodão, milho e feijão, não é?

Jonas - É o negócio do capim, a palha de milho que fica tudo com o patrão.

O capim é também plantado?

Jonas - Não, mas sai nascendo e a palha de milho que fica, também. No primeiro ano fica a palha de milho, no segundo ano que a gente não planta, mas a gente trata do algodão, sai o pasto. O mato, a gente corta e o pasto fica. Aí em recompensação, ele fica com a cerca, o pasto, a meia do algodão e a renda do milho e do feijão. Aí em recompensação, o patrão fica com mais coisas do que o rendeiro, mas é muita.

Dá muito trabalho para fazer a cerca?

Jonas - dá, um metro de cerca é por 150/ 200 cruzeiros para fazer (salário mínimo em outubro de 1983:R\$ 34.776,00).

A madeira da cerca tira no mato, não é?

Jonas - A madeira tira no mato, mas para fazer mesmo barato assim, com a madeira que tira de roça e tudo é 150, 200 cruzeiros, 1 metro de cerca para fazer.

Eu queria saber de vocês, mesmo você nunca sendo morador, sempre pequeno proprietário, se observaram alguma mudança? Porque antigamente tinha um negócio da SAMBRA, que comprava algodão e acabou, parece que eles dão embora, saíram daqui?

Antenor - Acabou. Depois de negócio de banco que acabou, a SAMBRA não tem mais, nem mais cooperativa. Foi depois de negócio do banco.

E esse tempo era melhor ou pior do que agora?

Antenor - Tudo quase a mesma coisa. Agora os tempos ficou melhor, porque tem uns negócios de banco, ou faz um negócio agrícola ou faz um empréstimo, aí então colhe aquele produto, aí vende no quilo, aí vende para qualquer comerciante deste, aí às vezes é que bota mais preço.

Aí o senhor acha que não alterou nada este negócio de banco? Sempre o senhor pensa em plantar algodão?

Antenor - Eu sempre penso em plantar algodão. Eu, o meu ramo é agricultura.

Agora, o senhor acha que estes médios, grandes proprietários, para eles interessa mais ter morador para plantar agricultura ou interessa mais a pecuária?

Antenor - Eles se interessaram mais pela pecuária.

E sempre foi assim no sertão?

Antenor - Sempre no sertão toda a vida foi assim mesmo.

Eles tinham mais interesse no gado?

Antenor - Ele (se refere ao proprietário onde eles trabalham) tem mais interesse no gado. Ele é tão bruto, o homem (refere-se ao proprietário), que muitas vezes não se interessa por muitos produtos da propriedade, só pela forragem para criar o gado. A gente paga o direito e ele recebe, fica contente, fica satisfeito, mas interessa muito mais pela forragem.

O senhor acha que isso prejudicou os moradores por causa desse negócio que o gado é mais importante que a agricultura?

Antenor - Se o produto da criação é dele, não é! O criatório todo é dele. O reideiro só tem direito a roça, o produto das roças, a forragem é deles, a criação é deles, quer dizer, sempre tem o produto. Se o inverno cria tem, se não cria também não tem nada. É, tudo igual.

Tudo igual? Não tem mais aqueles proprietários que se interessam pela agricultura?

Antenor - Não. Enquanto tem forragem de pasto, eles não estão preocupados com o plantar, com nada.

O senhor que é o mais velho por aqui, que ano, mais ou menos, começou a piorar as condições dos moradores, que começou a diminuir o número de moradores nas propriedades, porque antigamente ouvia-se dizer que tinha moradores que moravam 30 anos e tinha aquela propriedade como se fosse dele, não é?

Antenor - É. Mais ou menos de 70 para cá. Aí foi diminuindo a associação de moradores, aí o povo ficaram trabalhando, teve dinheiro para comprar umas partes de terra e ficava morando, não é! Depois ele próprio, às vezes procurando mais gado, outros fazendo associação com ele, para fazer forragem para ele ir sustentando a res, não é? Mas também isso aí não valeu, porque antes de a gente colher o produto, ou seja, milho, feijão e algodão, ele jogava o gado maior e acabava com tudo.

Ele queria o gado gordo, bonito e o rendeiro que lá se arranjasse. Aí o pessoal com isso foram sofrendo e foram arranjando o direito dele e comprando umas partinhas de terra, quase todo mundo é proprietário ponto

E quem não era proprietário ainda, não conseguiu ser proprietário, mesmo pequeno?

Antenor - Não, nunca deixa passar 3 anos.

É o patrão que não deixa, é?

Antenor - É o patrão que não deixa. Eles saem trocando de um para o outro, né! Um troca e tira, outro diz: venha fazer a roça comigo. O cara vai, o rendeiro vai fazer a roça com outro patrão, trabalha um ano, trabalha dois e já muda para outro.

Por que será que o patrão não se interessa por um morador muito antigo agora?

Antenor - Não sei, acho que é devido ao sindicato, né! Porque se um rendeiro trabalha quatro ou cinco anos, no meio de completar 10 anos, aí o sindicato já dá mais um direito àquele rendeiro. Aquele proprietário já fica sem o direito de tirar aquele rendeiro. Já não pode mais, não é? Aí ele nunca deixa de empregar. A razão é por isso aí.

Tá piorando ultimamente ou é a mesma coisa?

Antenor - Não, a mesma coisa.

Então é isso que diminuiu, não é? Mas eles também não troca moradores por trabalhadores alugados, não é?

Antenor - Não, trocam não. Há uns até que botam o rendeiro prá sofrer, entrega uma mata e o cara mete os peitos naquela mata e faz a roça, cerca, enche tudo de forragem para ele, né! Aí paga aquele direitinho fraco. Só que não é meia, é só um direito, né! Os outros produtos paga mais ou menos de 8/1, Mas também, como se diz, ele não deixa colher tudo. Antes do rendeiro aproveitar aqueles produtos todos,

eles já joga a fazenda de gado na roça. O que é que pode fazer né? Nada pode fazer. Como se diz, ele não é exatamente o dono, né!

E eles assim, eu tava conversando com o filho do senhor que antigamente eles queriam rendeiro e o morador só trabalhava aquela quantidade de tarefas que dava para ele e os filhos trabalhar. Não compensava trabalhador, geralmente não contratava, né?

Antenor - É, contratava não.

E hoje que a gente vê que o patrão só quer morador que tenha condição de plantar muita roça, né?

Antenor - É. Eles só querem morador que tem a condição de fazer muita roça grande, e isso um pai de família que tem quatro ou cinco filhos que possa trabalhar. Esses aí são os mais procurados para trabalhar para eles. Os que não têm as condições desses, que é um homem sozinho para trabalhar, esses aí já ficam sobrando. Fica igual a uma bola, indo para qualquer lugar.

E o pai com 10 filhos de menor, que ainda não servem para trabalhar, como é que faz para viver?

Antenor - Esse fica sofrendo né! Só passando, enquanto não morrer tá vivo.

E eles não querem mais saber, agora para ser morador, eles querem ver o tamanho da família, né?

Antenor - É, querem ver o tamanho da família. Saber que tem braços para trabalhar e ter condições também, porque eles não ajuda. Eles dão o direito de trabalhar na propriedade mas sem auxílio.

O senhor quer dizer que o morador tem que ter algum capital?

Antenor - É. Tem que ter algum capital. Quando é um patrão que nós aqui chamamos de bom, eles ainda fazem assim: dá uma carta de anuência para nos fazer um negócio a juros no banco. E não é nem todos, por enquanto aqui mesmo, nossa região, só quem eu vi dar carta de

anuência para o rendeiro foi (nome de proprietário) e (nome de proprietário). Mas outros não. A gente dentro da propriedade, mas sequer não ajeita nenhuma roça para vender fora. Eles acham bom é que o rendeiro bote uma roça grande para fazer um abrigo grande para ele, não é? E o morador nada.

Eles fazem sempre abrigo, né?

Antenor - O bom é que a gente botando aquela roça grande, o abrigo para o proprietário sai grande né! Aí ele arruma um bocado de gado, engorda e bota para vender e roça não, porque já está feito. A gente tem que se consolar e manter a roça lá no banco e tira aquele dinheiro para ele. É porque ele nos dá uma carta de anuência. Aí o rendeiro se esforça, tem um capitalzinho, faz uma área grande de 15 ou 20 hectares, aí eles coloca no banco, como lote agrícola, mas sempre para o mesmo proprietário, né! E aí, quando eles pegam o dinheiro ele não dá para o rendeiro, ele vai comprar é gado, uma vaca boa, um bezerro bonito e vai criar dentro da mesma roça.

O dinheiro eles aplicam em outras coisas?

Antenor - É, e o dinheiro eles aplicam em outras coisas e o rendeiro, claro, coitado, fica sem nada. E ainda mais esperar deles que reclamam: Ah! Fulano você está descuidando aquilo era para você ter cuidado mais cedo, era para ter arrancado o toco, era para você ter cuidado desse algodão, para ter tirado esse talo seco. Eu estou precisando disso aqui, colher isso aqui tal tempo, e coisa e tal, logo é isso aí. A ajuda que temos é somente isso aí. Inclusive é todos os proprietários, porque nasci e me criei aqui e sei de tudo. Somente esses dois proprietários (nome de proprietário) e (nome de proprietário) que faz carta de anuência para os rendeiros e não para todos, mas não faz para todos não.

E que propriedade é?

Antenor - É aqui.

Quantas tarefas são assim?

Antenor - São 700 a 800 tarefas.

Tem morador lá? São muitos?

Antenor - Tem. Agora mesmo não estou sabendo quantos são. Uma hora tão aí, outra hora tão em Serra Grande.

Também contratam os trabalhadores alugados, é para trabalhar muita terra?

Antenor - É, trabalha muito.

Ele não trabalha em roça pequena, não?

Antenor - Só trabalha roça grande, agora ele trabalha direito, todo explorado.

Ele é criador de gado também?

Antenor - Ele é criador, fazendeiro.

Esses moradores dele, a maioria tem filhos pequenos?

Antenor - É, são crianças, não é! E outros que têm filhos de maior também, mas infelizmente não trabalham.

Então, é a questão da pecuária que tá acabando com o morador? E hoje, por exemplo, desde quando o capim começou a ficar mais importante que a agricultura?

Antenor - Não, planta não, só planta capim. Tem gente que podia ter feijão, arroz, mandioca, né! Mas eles só planta capim.

O senhor alguma vez falou com ele para plantar?

Antenor - Falei não. Aliás nesta terra dele não tem baixio.

E ele, quando começou sempre foi assim esse negócio de plantar capim, ou desde uns anos para cá?

Antenor - Não, foi de uns anos para cá. De 73 (1973) para cá ele começou a plantar capim depois do agave. O agave eles começaram a plantar em 58 (1958) só plantava agave, não falava nem em capim, agora o capim foi de 73 para cá. Em 73 começaram com este plantio de capim e

vem continuando até agora, todas as roças querem que plante capim; todas roças querem que plante capim. Só cria o milho um ano, o feijão já não cria mais e acaba com o asituado do algodão.

Porque eles preferem o capim do que a agricultura?

Antenor - É porque eles dizem que a criação, o gado produz mais do que a agricultura; é lógico que prá eles que tem imensas propriedades e tem água, prá eles produzir mais. É, mas é para os moradores. Eles não tocam a roça não. Dá o direito no reideiro trabalhar na propriedade, mas eles mesmos não trabalham, muito poucos trabalham e os que trabalham também não vivem aqui.

E por que será para eles, está interessando mais o capim para eles plantarem do que a agricultura?

Antenor - É porque eles dizem que a criação, o gado produz mais do que a agricultura, é lógico que para eles que tem imensas propriedades e tem água, para eles produzem mais, porque se eles compra um garrote, ou uma novilha compra com 500 cruzeiros, quando for com 6 meses ele vai vender por 1000, por 2000, por 10000, por 20000, né? Quer dizer que a gente está produzindo mais, não é? Ele tem a forragem para criar, não gastou para fazer aquela forragem, fez com os produtos da terra, ou seja, milho, feijão e a terra é livre para eles, quer dizer que os proprietários hoje estão preferindo por isto, aí faz o negócio no banco, compra o gado, aí vai criar

Esse negócio do consorciamento do algodão servir de alimento pro gado, tá cada dia mais ou menos importante?

Antenor - Tamo se enganando com o algodão.

E se eles começar a plantar só o capim, e diminuir o algodão, não vai prejudicar?

Antenor - Prejudica a nação e o pobre fica sem dinheiro a nada, porque quando, vamos dizer, o garrote do pobre é uma arroba de algodão quando

ele tem prá vender, quando não tem pra vender fica sem nada né! Dá-se um jeito de sofrer na roça de qualquer um, em um dia alugado, né? Ou então fica sem nada. Ele já tá desprevenido; às vezes em uma doença, precisão. E ele tendo o algodão, não, ele mesmo vai se manter. Como pobre, pouquinho, mas vai ter.

E, na opinião do senhor quais são as dificuldades daqui do sertão, da região do senhor que necessidades tem aqui?

Antenor - É essas mesmas, né! A necessidade melhor é a necessidade das chuvas que são poucas e depois são essas mesmas. Minha opinião é que os proprietários forte, que podiam ajudar muito melhor e eles só ajudam nessas condições que já falei.

Dos filhos do senhor, só o Manoel que está em São Paulo, né?

Antenor - É, só o Manoel.

Agora eu quero saber dos filhos por que eles resolveram não ir, mesmo achando que as condições, mesmo com a terra de meia, as dificuldades todas, mesmo assim, vocês decidiram continuar aqui, porque?

Jonas - Sabe por causa que é? por causa que nós se casamos de novo e tem a família, aí a gente acha que não dá certo para sair pelo meio do mundo com a família, onde a gente não conhece, chegar e não tem um ponto certo de ir, às vezes mais difícil é que precisa ter os documentos. Não tem a leitura para quando a gente chegar lá, trabalhar para ter condição de dar de comer a quatro, cinco filhos, né! Aí a gente fica sempre aqui, mesmo que nós sofra o diabo, mas nós fica sempre aqui, no lugar da gente, né! Uns sai, dá certo, outros saem, não dá certo. Muitos vão, é obrigado a buscar o dinheiro para voltar. Lá em São Paulo, tem ganho, né! Lá, pode trabalhar uma semana e vim embora, né! mas se a gente sai com quatro filhos e a mulher, mesmo trabalhando um mês não dá para comer e vim embora. Aí fica lá, dormir no chão, né! passar fome, né! e não tem dinheiro nem para voltar, né? a vida aqui é mais barata.

É mais barata para quem tem família?

Jonas - É, a vida é mais grosseira aqui, a gente sofre mais, mas tem liberdade, é mais grosseira para criar família.

E por que esse Manoel resolveu ir embora? porque as condições eram as mesmas, não era?

Jonas - Ele foi embora, sabe por quê? ele teve um serviço muito difícil aqui com doença, morreu até um menino dele. Ele se desgostou, vendeu tudo, aí foi embora para lá. Aí deu certo, porque chegou lá, tinha um tio meu lá que arranjou um serviço lá para ele. acho que já tem bem com quatro ou cinco anos. Tá dando para ganhar a vida lá, melhor do que quando era aqui. Mas nós não vamos sair daqui porque ele foi e se deu bem, né! nós temos que ficar por aqui, enquanto aguenta a mão.

Se não tivesse a propriedade, fosse só morador, como meeiro, né? vocês tinham ficado por aqui?

Jonas - Tinha não. Se nós não tivesse abrigo para morar eu não tinha ficado de meeiro, não, tinha procurado outro lugar, porque aqui não dá para morar de meeiro, não! Quem mora de meia é obrigado a tirar a meia de tudo, de tudo é para tirar a meia e sendo que o meeiro, que é morador aí não tem condição para ele não. Aqui não dá para morar emprestado não, a sujeição é demais e eles não querem que o cara passe mais de três ou quatro anos, aí para nós não dá, né?

Aí era melhor sair daqui e tentar outra coisa?

Jonas - É, tentar outra coisa.

Aí o que é que vocês fariam?

Jonas - Eu saía e tentava emprego em São Paulo, Brasília, é o melhor que tem para emprego deve ser estes lugares, que por aqui, Campina, João Pessoa, não dá.

Para você não dá?

Jonas - É lógico que não dá, porque tem uns vizinhos nossos aqui que já foi para lá com a família e terminou voltando para cá. Morar na rua, aí não tem condição de morar e pagar o aluguel e sustentar a família, é melhor vir para cá, porque mora em casa e não paga aluguel. Um ano, dois e sai daquele lugar, mas não paga aluguel.

A pessoa aqui, fora da terra para trabalhar de meeiro, de morador, não tem outro jeito?

Jonas - Não, o jeito é esse mesmo.

Para trabalhar ou de alugado, ou de meeiro é melhor ir para São Paulo?

Jonas - Esses interior da Bahia, de São Paulo só é o meio que tem não é? muitos vai, não se dá bem, outros, é preciso mandar buscar que não pode vim.

Não tem jeito de lutar para melhorar as condições aqui não? Porque lá em São Paulo, o pessoal faz as greves para melhorar os salários, né? E aqui não tem condição de melhorar o problema da terra?

Jonas - Tem não. Só quando é um ano bom, um ano de inverno que chove de 3 meses completo, aí a gente melhora, né? porque aquilo a gente tem, com certeza, para comer um ano, dois, né? agora com esta seca, não sei.

E essas condições na parte da terra, do meeiro, não tem condições de melhorar se todo o mundo ter direito, o senhor mesmo falou que o direito é eles dar uma condição melhor, será que não tem jeito de melhorar isso não?

Antenor - Não, tem não. só com ano de inverno que dê para melhorar a situação um pouco.

E no inverno o meeiro vive bem?

Antenor - Vive, enquanto se ganhar alguma coisa de bom para eles comer, porque pobre é pobre todo dia, né? mas ele está bem, né? Tendo que comer dentro de casa. Ruim é quando não tem, como agora, em

outubro que acabou tudo. O feijão, para trabalhar e comprar, aí tudo é difícil.

O senhor acha que para Manoel deveria voltar?

Antenor - Não. Por enquanto eu estou gostando dele estar lá, porque se é dele vim para aqui, ele não tem agricultura aqui, quando ele chegar tem que trabalhar, se ele trouxer condição com que, aí tudo bem, mas se as condições dele não der, aí quer dizer que ele vai sofrer muito, mais do que estando em São Paulo, né? porque os que estão aqui, tá certo, exatamente, eles estão aqui, estão sofrendo muito, mas eles têm uma rocinha, tira um feijãozinho, tira o milho, cria uns cabrito, pode criar qualquer tipo de animal e com a honestidade deles, eles já apuram com aquele animalzinho, aquela criação e vai bem, mas quando ele não tem a condição, vai sofrer muito mais do que lá.

E quem tem condição, como é que é?

Antenor - É, quem tem dinheiro para se arranjar aqui. Ele está dizendo aí que tendo a condição... a condição é trazer o dinheiro que possa trabalhar ou no comércio ou qualquer coisa, que outra coisa ele (o filho, que está na região do ABC, São Paulo) não pode fazer. E ele quer dinheiro que possa trabalhar ou no comércio ou na indústria ou qualquer coisa, não é! Ou mesmo comprar um pedaço de terra e ir trabalhar, mas se a condição dele tá pouca, não dá para ele, então é muito melhor ele tá em São Paulo, porque ele tá empregado, está gozando saúde, tá satisfeito com a família, né! Já ausente de mim, mas pelo menos, eu estou satisfeito, porque sei que ele não está sofrendo tanto, nem está vivendo tão perturbado pela vontade dos outros, né!

O Senhor acha que o fato da pessoa migrar, sair daqui para se mudar para São Paulo, é um ato de coragem ou de fraqueza?

Antenor - Eu acho que seja de coragem, né? mesmo que não seja a coragem mesmo, mas do jeito dele, mas se às vezes a necessidade

obriga, aí então o cara vai né! vai se arriscar ou viver, ou morrer.

O senhor acha que é mais corajoso do que aquele que ficam aqui?

Jonas - o meu irmão Manoel é ele se perturbou aqui com a doença do filho, aí ele apurou o que tinha, terminou um filho dele morrendo, aí ele ficou perturbado e disse: pai eu vou embora daqui. Pai eu tô tão cansado dessa vida velha de picada, eu vou para São Paulo ou Brasília.

É meu filho, você é quem sabe. Querendo sofrer mais aqui mais nós, vamos; eu não estou vivendo aqui, eu sou o teu pai, nunca saí para nenhum lugar, toda a vida morei aqui e não estou passando. E ele disse: pai, eu tenho que me distrair um pouco, aí então foi, graças a Deus, foi e deu certo, até hoje ele está bem. Aí eu tô tranquilo, mas pelo menos estão passando...E eu estou aguentando firme, né! eles tão me ouvindo e eu estou ouvindo eles, estou mais tranquilo, tô mais confortado com meus filhos aqui, que mesmo que eles estivessem em São Paulo. Então eu disse para eles: aguentam a mão aqui, vamos sofrer, que mesmo vocês estando em São Paulo e me ajudando, mandando dinheiro para mim, mas a ausência de vocês é pior, vamos levando a vida como pobre, sofre muito, mas estamos vivendo, enquanto não morrer.

O senhor acha que a melhor saída para o pequeno proprietário é ir embora para São Paulo?

Antenor - é continuar aqui, trabalhando.

Agora, para o morador?

Antenor - É melhor do que o morador, porque o morador não tem direito a criar nada, só agricultura, o pequeno proprietário ele cria uma criaçãozinha que ajuda ele, né! Quando a agricultura não chega, a criação chega, dá uma ademãozinha prá frente, né? E assim vai.

É o que salva, é a criação?

Antenor - É o que salva é a criação.

O senhor acha que a migração podia ser evitada, o fato das pessoas que saíram daqui, se mudarem para outros lugares, acha que depende da lei?

Antenor - É depende, o governo quer tomar as providências, seria melhor, é bem melhor o povo ficar aqui. E esse negócio de se deslocar assim de um canto para outro, não dá certo não. Tem gente que ainda tem sorte de dar mais ou menos, mas tem gente que se acaba, vende o que tem e vai embora. Como Roberto, este homem vendeu um bocado de terra para ir embora e foi com 6 meses, não passou nem 8 meses, com 8 meses chegou aqui arrasado, não tinha nada. Teve o maior prejuízo do mundo, nem fez nada na viagem dele e foi obrigado a voltar sem nada, mesma coisa.

Então, quem tem alguma coisa não deve se prender?

Antenor - não, acho que não é vantagem não, que se ele tiver sorte, tudo bem, mas também se não tiver, e se acaba.

Então, vocês acham que a migração do morador é maior do que do pequeno proprietário?

Antenor - É maior. Tem gente que tem uma propriedade aqui que se amarra, nem que sofria muito, se amarra e acontece que é melhor mesmo e sai melhor. E quem não tem nada, coitado, já viu. Padece no sofrimento mesmo.

O senhor acha que essa frente de emergência fez com que o povo parasse, essa migração para São Paulo?

Antenor - Parou mais, porque essa emergência não dá para o povo viver, mas se o povo ficasse parado, ficasse sem emprego e só com fome e só esperando, esperando aqueles 15000 cruzeiros por trinta dias, às vezes chega até com 40 dias. Aí o povo ficava sem comer, ficava esperando uma melhora no tempo, há uma melhora de um terço do que eles prometem vir de melhora. Agora que eu acho que isso daí é só um controle para o povo não sair da terra né!

O senhor é aposentado, não é?

Antenor - É. 2 anos

Eu queria falar, que eu esqueci de perguntar no início, essa propriedade aqui foi de herança ou foi comprada?

Antenor - Foi não, foi comprada.

Que ano foi comprada?

Antenor - 74 (1974)

Antes disso, o senhor era morador?

Antenor - Era morador. Exatamente não era morador, porque foi da minha avó. Então, era um direito de herança da minha mãe e aí ela perturbou-se com doença e gastou muito com meu pai que morreu, aí vendeu para outro, a gente não tava em condição de comprar, e depois a gente comprou.

Como é que você conseguiu o dinheiro para comprar essa propriedade?

Antenor - Trabalhando na agricultura, né! Fazendo economia, aí a gente trabalhando, apanhei o produto. O milho, o feijão, o algodão e uma criaçãozinha, aí peguei o dinheiro e pude comprar.

Gado?

Antenor - Gado não, porque nesse tempo não criava gado. Depois disso é que a gente veio, trabalhou também e aí a gente comprou aqui um pedaço de terra trocando numa roça. Tinha roça, quando a roça estava madura, os produtos da roça, aí a gente trocou num naco de terra.

A roça era onde?

Antenor - A roça era numa propriedade de (nome de proprietário). A gente foi comprando de pouco, né! Aí ele (o filho) disse: mas meu pai e eu vou ficar com fome. Eu digo: não meu filho, milho, feijão tem para nós comer um ano inteiro, daqui a um ano completo eu tenho milho e feijão, pode trocar sua roça. Só venha com o comprador e assim foi. Deus protegeu a ele e aí depois comprou mais. Em 70 (1970) trabalhou e

comprou, aí ele já tinha umas 30 reis de animais, aí ele fez uma rocinha de algodão e juntou tudo, aí pronto, finalmente, o movimento é esse.

E hoje, ainda dá para comprar terra?

Antenor - Dá não, as condições de hoje não dá não. Porque quem tem terra não quer mais vender, né! Hoje ninguém quer vender mais terra, por causa de negócio de banco. A pessoa tendo um resto de terra vamos dizer que vale 100.000 cruzeiros, e em vez de vender por 100.000 cruzeiros, ele deixa a terra, coloca no banco e arranja os 100.000 cruzeiros, aí vai comprar gado e cria. É difícil alguém que tem uma propriedade grande que queira vender esta propriedade, porque é um rico vende por outro preço.

O que o senhor acha da vida do campo ou prefere a vida numa cidade?

Antenor - Uma pergunta que eu não sei nem dizer, porque eu nunca morei na cidade né? Nasci e me criei no campo, sofrendo, não é? Mas acredito que a vida do campo para quem vive na cidade é muito mais pesada. O homem do campo vive no meio do sol direto, né? E o da cidade vive na sombra. Vive lá sem sofrer tanto calor e o homem do campo é tempo, é espinho, é calor do sol. Ele é muito sofrido. É descalço e sem chapéu e na cidade o cara vive bem, é calçado. Não sei a vida dele como é lá, como é que se alimenta, mas ele vive calçado, uma roupinha limpa, uma pele fina, suave né? E o homem do campo não, é uma vida sofrida.

Mas assim, sobre o trabalho, na agricultura, o senhor acha que é mais livre do que na cidade?

Antenor - Sim, porque o homem pobre se ele mora na cidade ele é obrigado a muitas coisas e o homem do campo se ele sofre mais, mas se humilha menos né! Porque ele é um homem mais sofrido, não conhece também as coisas, o mundo, mas sofre menos, se humilha mais um pouco. É mais esforçado, acredito que seja mais esforçado que o homem da cidade.

O que é que você acha Jonas, concorda?

Jonas - Acho que é assim mesmo, não é? Ave Maria, a gente não pode nem comparar, a vida de vocês é demais, a gente sofre muito.

Mas é preferível a vida na cidade, sem essa liberdade, sem esse negócio de não ter ninguém que mande no trabalho, né? Que é tudo por conta, não é?

Antenor - A única coisa que tem na cidade que eu acho que seja melhor do que a vida do campo, nem que seja uma só, é pelo estudo que tem, não é? Porque se ele está na cidade, ele vê se segura aqueles filhos dele toda a vida estudando né? Faz um sacrifício, mas os filhos tá estudando. Depois eles quer aumentar o saber e a leitura, aí é como se diz, eles já dá para viver por conta deles. Esse meu irmão que mora em São José de Piranhas – Antônio – quando foi para lá sofreu muito, mas hoje ele tá numa vida melhor, porque os filhos, tudo isto daí são bem empregados e hoje eles ainda continuam estudando mas já vivem por conta deles, né? Já faz é ajudar o irmão, né? Quer dizer que isso para ele é uma tranquilidade, melhor que vivesse no sítio, não é? Se tivesse no sítio ninguém podia estudar, e hoje na cidade qualquer um pode formar um filho, ele tem outra menina que está quase formada.

Se o senhor tivesse que escolher, o senhor preferia morar aqui ou em São Paulo?

Antenor - Se eu tivesse condição de morar em São Paulo, eu ia em São Paulo, porque em São Paulo, pelo menos eu fui e passei em São Paulo, gostei!

E aquela vida agitada assim, o senhor acha bom?

Antenor - É que eu tenho experiência em São Paulo, eu conheço de lá, já procurei casa para alugar para vir apanhar a família aqui e levar, mas depois eu tive pensando, homem só pra mim não dá pra mim não. Minha família é grande, gente de menor, criança e aqui só fica trabalhando eu

para sustentar todos, mas se eu tivesse condição eu ficava em São Paulo, porque eu gostei de São Paulo mesmo com aquela vida agitada, eu gostei de São Paulo.

E essa situação do Sertão, de seca, dificuldades para o morador, vocês acham que é porque Deus que castiga ou somente o serviço dos homens?

Antenor - Não, os homens não estão com nada. É Deus que castiga porque se houvesse inverno aqui cada ano seria uma terra muito bonita né? Porque nós temos todo o direito, toda a liberdade e é uma terra que havendo inverno ela produz. Havendo inverno todo ano, onde há inverno três, quatro anos completo, na terra da gente não falta nada. A gente tem a roupa, tem a batata, tem a criação, tenho dinheiro para fazer a feira com satisfação, não deve para ninguém e todo mundo tem. Agora quando pega um ano de seca, três, quatro anos que nem agora, aí todo mundo é castigado. Quando cai no caso de uma doença e que o dinheiro é pouco, a única coisa que ajuda é o sindicato. Aí pega uma guia, vai para o sindicato e ele faz aquela consulta, mas o medicamento é pago. Se o sujeito tiver condição, ele vai achar bom né? E se ele não tiver, então ele morre. Já tem morrido é muito nesses casos.

O senhor acha que algumas pessoas não têm outra saída a não ser sair desta terra? Quando ele (se refere ao filho que mora na região do ABC Paulista, ele pensava em ficar para lá para sempre ou pensava em ir fazer um pé de meia e voltar?

Antenor - Ele foi assim em dúvida, né? Se desse certo, ele ficava lá, então fosse para sofrer igual aqui, aí ele ficava uns dias e vinha embora. É tanto que ainda hoje ele está no mesmo assunto, na mesma firma, tá bem e tudo, mas é sempre escrevendo e se manda ele embora da firma ele vem embora.

Hoje com esta situação de vida em São Paulo, o senhor acha que vale a pena ainda a pessoa sair daqui e ir embora para lá?

Antenor - Aí depende, não é? Se a pessoa não tem nenhuma condição de ficar aqui, então se arrisca, não é? Para ir para São Paulo, ou seja, Brasília no caso outro lugar que ele queria ir. Mas se tiver condição de viver é muito melhor ficar por aqui, porque aí também tem muito tipo de lugar tão ruim, né? Agora mesmo foi um rapaz e com 15 dias já chegou de volta e foi um rapaz que já trabalhou em São Paulo, mas chegou lá e achou que a condição não dava e com 15 dias já estava de volta, voltou

Mesmo para sofrer?

Antenor - Mesmo para sofrer é melhor ele ir para São Paulo, porque se ele leva sorte, chega e pega

E aqui sai mais homens ou mulheres, para ir para São Paulo?

Antenor - Mais homens

Que idade mais ou menos que emigram mais? Qual a idade que sai mais gente?

Antenor - De 18 anos por diante.

Vai mais casados ou solteiros?

Antenor - É, vai quase uma média igual. Quem é casado vai com tudo. Os solteiros vão mais com um.

Mas os casados vão quando já tem filhos moços ou quando os filhos são pequenos ainda?

Antenor - Não, às vezes vai com filho pequeno, tem pai de família que vai que o filho mais velho está completando a idade de 10 anos, 7 anos, 8 anos. Aí se perturba aqui que não tem onde morar, não tem onde trabalhar aí se arranca para São Paulo e vai tentar a vida, ver se arranja um ponto melhor para sossegar a vida. Muitos deles deixa a família e vai tentar na frente. Quando arranja um meio, vem levar a família, né? Quando não arranja um meio, volta ele de novo, mas já chega contando uma história mais certa, que resolver o problema dele.

Vocês não estão trabalhando na agricultura devido a emergência?

Antenor - Não, trabalha só aproveitando as horinhas quando chega em casa no sábado

Que é que vocês acham desse trabalho que está sendo feito lá?

Antenor - Bem é de muita importância se for feito. Porque chega lá está todo mundo cansado, nós sai antes de 5 horas e chega lá de 7 e meia, quando não chega de 7 horas. Não aguenta mais nada, chega lá e só cumpre a ordem do serviço mas não tem condição.

Mas todo mundo diz que o trabalho é moleza?

Antenor - Moleza é para quem não quer ter a ordem do fiscal, então sempre trabalha ou muito ou pouco, trabalha, né. Trabalha no campo porque reclama, não comigo não. Tem pobrezinho que a gente vê que ele não nem uma gota da água, ele bota na boca, quando dá 10 e meia para 11 o pobre não tem mais nem condição, só de andar só porque é o jeito, mas é de fazer dó. Tem gente que não pode fazer uma merenda, tem bastante fome e aí 11 horas, 10 e meia come feijão. Durante o dia não tem nem água e aqueles que leva qualquer comida para fazer, também não tem nem água, não tem. Durante o dia não tem nem água e a gente ficamos tudo tirando das 7 às 11 no meio do campo, também não é liberado, nem que não beba água. Tem um engenheiro aí, a gente tem sede, ele disse que era para a gente morrer em pé.

O que é que ele falou, o engenheiro?

Antenor - Ele disse que era para morrer em pé como uma batida de rapadura, até 11 horas ninguém morria de fome, mas só não é um dia não, que a gente passa fome. Um como eu não passa fome não, mas onde tem muitos que passa, tem muitos pobres que é de fazer pena. Esse negócio das mulheres ganhar neném lá no serviço, deixa as crianças em casa, chega em casa tem filho morto, tem filho perdido no mato, mulher ganha neném lá nas fazendas foram buscar o carro na rua, quando

chegou, a mulher tinha ganhado neném. Aqui na Cachoeirinha, a mulher deixou a filha dela em casa, chegou estava morta.

E esse serviço que está sendo feito nos açudes vai beneficiar quem, por exemplo vocês nunca tentaram pedir um açude para cá?

Antenor - O engenheiro veio aqui e condenou porque era muito longe, era longe para eles vim aqui.

Mas vocês não vão daqui para trabalhar lá?

Jonas - Aí agora é que consegui, aqui não é uma brincadeira, quando não vamos atrás, ninguém vem aqui não. Nós tem condição de todo dia ir a pé e eles não tem condição nem de vir uma vez aqui e vem no carro. Agora eu quero dizer que isso é pouco interesse dos homens, do município ou lá da cidade, mesmo do prefeito, né! Porque doutor Antônio teve interessado pelo serviço aqui, mas nada até agora.

6.3) Entrevista com Manoel, metalúrgico, 1983

Entrevistas com Manoel, nasceu em 1957, filho de Antenor, metalúrgico, São Bernardo do Campo/SP. Tinha 23 anos em 1983, casado, 1 filho.

Entrevistadora; Marilda A. Menezes, janeiro de 1983.

Quando o senhor veio para São Paulo?

Manoel - Eu saí de lá (refere-se ao Sítio da família em Bonito de Santa Fé) em 1978, nunca mais houve ano de inverno, não tem açude, tem baixio. Os produtos eram milho, feijão, algodão, arroz, mandioca, fava. Vendia um pouco, sobrava do consumo, às vezes não sobrava, mas era preciso outras coisas, vendia porque a gente não ia vende uma vaca, um animal; às vezes o cara vendia um pouco e prá terminar o ano era preciso comprar novamente; vendia para comprar outros produtos - querosene, sal, sabão, açúcar, café. Não tinha outra atividade, só na terra. Tinha silos e animais: 10 cabeças, porco, galinha, cabra tem bastante, para o

consumo e vendia numa hora de precisão. Crédito, naquela época não tinha negócio no banco; agora ele (se refere ao pai) mandou dizer que tinha negócio no banco. O problema da Paraíba são inverno, chuva; a gente lá a maior parte é tocá lavoura, se lá houvesse inverno, eu tava lá na minha terra, não tava aqui.

Quem não tem terra tá na mesma condição de quem tem?

Manoel - Não, tá pior, porque quem não tem tá sujeito à quem tem. Então é obrigado a trabalhar pelo preço que o patrão quiser.

Se você não tivesse terra, você ficaria lá mesmo, se houvesse bom inverno?

Manoel - Se houvesse inverno daria prá ficar, não tão bem, né. Então prá quem não tem terra no Norte, sendo prá morar no que é alheio, o lugar é São Paulo. Olha sabe o que acontece é isto, eu vou te falar, porque vi acontecer com muitos, o cara que não tem terra lá no Norte, ele mora como morador, então, ele toca uma lavoura grande, ele não tem condições de tratar daquela lavoura sozinho, então ele tem que pagar serviço pra cuidar da lavoura, aí não tem dinheiro, aí o patrão fornece o dinheiro prá ele cuidá daquela lavoura. Aí fala: mês de maio, junho, a gente faz o preço, eu te compro um pouco de lavoura, forneço o dinheiro, o sal, gás- Então mês de maio, junho, não é tempo de se fazer preço em lavoura nenhuma, porque é tempo de colheita, então ele fornece aquele dinheiro, e em maio/junho fala: óia nós vai fazer preço prá mercadoria. Eu te compro 10 sacos de feijão, milho, algodão-. O cara já pegou dinheiro dele, mora com ele, então faz o preço; então ele pega uma arroba de algodão e bota CR\$500,00, sendo que o preço é muito maior; saco de feijão - CR\$2.000,00, um saco de milho: CR\$1.000,00. Às vezes a lavoura que o cara tirou só dá prá pagar aquela importância que pegou do patrão, então ele pega e entrega tudo para o patrão. Quando é em janeiro o saco de feijão tá 5, 6 mil, o saco de milho tá CR\$3.000,00/3.500,00, uma

arroba de algodão tá CR\$1.000,00/ 1.500,00 e o morador prá onde que foi?

Em janeiro ele não tem nada prá comê, já vai pegar de novo do patrão. É o problema de eu te falar, que prá quem não tem terra, vai morar a favor como nós chamamo no Norte, o lugar é São Paulo. Prá quem não tem o lugar é São Paulo, porque o cara vem do Norte pra cá, chega aqui, arruma um lugarzinho prá morar, arruma serviço numa fábrica, vai trabalhar. Mesmo que tem que pagar um aluguélzinho, mas se der prá ele pagar aquele aluguel por mês, comê, vesti e calça, tá bom demais, não tem esse negócio de ficar devendo para o patrão. Certo que saí da minha terra, não fiquei devendo prá ninguém; lá na Paraíba mesmo que tem inverno prá quem não tem é seco, porque o que o morador faz só dá prá paga o patrão, tem deles que não faz prá pagá o patrão. Por isto que é pior do que seca, e sendo seca aí pronto acabou. Olha lá tem um negócio duma meia, de quatro. Então você já tá devendo, é assim você toca roça por sua conta, você faz todo o serviço da lavoura por tua conta, cerca, broca, tudo, então você paga de quatro, uma então você já tá devendo aquele dinheiro que pegou do patrão, então tira a colheita, 3 pra você e 1 para o patrão, de tudo, então você já tá devendo à ele, ele ficou com o que você tá devendo e com o que pertence à ele.

O problema da meia é assim: o patrão broca, ela cerca, ele queima, ele dá a semente, paga prá plantar, aí te entrega, e você vai cuidar daquela lavoura, quando tá no tempo de pagar aquela lavoura ele tem $\frac{1}{2}$ de tudo - milho, feijão, algodão. Vai fica com que? com nada, além da meia, tem que pagar o empréstimo, se o patrão pega um empréstimo no banco de 5%, ele te cobra 10%, ele sempre tá ganhando, como é que o pobre pode ir prá frente, ele tem que andar só prá trás.

Tem diferença para o patrão entre o morador que tem os filhos pequenos e o morador que tem os filhos moço?

Manoel - Tem sim! Porque se o morador tem bastante filho pequeno, o proprietário, igual nós fala lá, o patrão fornece menos dinheiro, porque tem a família grande, mas é um só prá trabalhar, ele se fornece muito dinheiro, aquele morador não vai ter a condição de pagar aquele dinheiro todo, porque é um só prá trabalhar, e se o cara tem dois, três ou quatro filhos moço aí dá. Se o cara tiver os filhos pequenos, ele não pode tocar mais do que 8 tarefas de roça, se for uma terra que dá pouco mato.

E as lavouras lá são mais ou menos quantas tarefas por família?

Manoel - Tem sim, se o cara é sozinho prá trabalhar e a terra dá pouco mato, você pode tocar 8 tarefas de roça, mais não pode, se dá muito mato o suficiente é 4 ou até 6 tarefas de roça. A terra dá muito mato porque depende da terra. Tem uma terra fina dá mato fino, então dá muito mato, se ela tem mato grosso, então o fogo queima mais e dá menos mato; na terra fina você joga a semente, ela nasce bastante e dá bastante mato, sendo uma terra grossa, a semente nasce menos e o fogo queima. Se o cara tem quatro, três filhos moço prá trabalhar, depende da terra, ele pode tocar 30 tarefas de roça. Aí quando o morador tem bastante filho moço, eles fornecem mais dinheiro, que sabe que ele produz mais; a família que tem mais filho moço se sai melhor, aquele que tem filhos pequenos vai ter que pagar ou por menos roça.

E para sustentar uma família de mais ou menos cinco filhos, mulher, marido e cinco filhos pequenos? Precisa de quantas tarefas?

Manoel - Prá passar o ano suficiente precisa de 8 tarefas de roça, se for uma terra fina ele não tem condição de tocar sozinho. Quem tem filho mais moço sempre consegue um pouquinho de dinheiro a mais. Eu vou gastando CR\$114.000,00 na minha casa lá em São José de Piranhas, eu resolvi comprar esta casa lá por duas coisas, se melhorar o tempo eu tenho vontade de ir embora, não sei quando, tenho vontade de ir, deixar minha casa bem legalzinha

A terra do teu pai dá prá todo mundo trabalhar e viver da terra?

Manoel - Agora não tô sabendo, porque depois que sai de lá, casou dois e não são dois, são quatro que continuam morando na propriedade.

Quais parentes já tinha aqui em São Paulo quando chegou?

Manoel - Eu tinha mais de 50 parente, uns cinco tio, tia, irmão, mais de vinte primos, este pessoal morava por São Caetano do Sul, na Vila São José; no Batistini em São Bernardo do Campo, em Santo André, no Jardim Estela, Rudge Ramos., Depois que eu vim, veio mais ou menos uns 20 primos.

Porque resolveu vir em 1973?

Manoel - É porque não conhecia São Paulo, só ouvia o comentário do povo, ah. São Paulo é bom, então eu tive o ideal de vir, tinha aquela vontade de vir prá São Paulo, eu passei onze meses aqui, meu pai ficou só pra trabalhar na lavoura, porque quem trabalhava era eu e meu irmão, um casou, os outros eram pequenos, aí meu pai escreveu, nós mandava dinheiro, e achava melhor eu ir embora naquela época em 1973, do que mandar CR\$10.000,00 por mês. Toda vida gostei de meus pais, então fui embora. Cheguei lá, com 3 meses, noivei, casei. Em 1973 consegui emprego com 3 dias, meu irmão arrumou prá mim em uma firma, um primo arrumou em duas e eu em duas, tinha cinco firmas prá escolher, então, achei melhor numa firma que meu primo trabalhava, aí fui trabalhar na firma, era 5 minutos de casa, trabalhei 11 meses, como Ajudante na Tintas Lamar, Rua Luigi Battistini. Naquele tempo não tinha experiência sobre fábrica, eu gostei naquilo que trabalhei, e poderia ter arrumado uma boa profissão, só que pelo amor que sempre tive aos meus pais, mandaram me chamar de volta, então não consegui o que queria, porque se tivesse ficado naquela época até hoje, talvez hoje fosse outro, mas não consegui nada, voltei sem nenhuma experiência de fábrica, agora que tenho um pouco mais experiência de fábrica. Com 11

meses no Norte me casei e fui viver por minha conta, em 1978 deu vontade de vir de novo para São Paulo e vim.

Eu tinha vontade e também tinha motivo, porque a época que saí de lá, mesmo no ano que saí de lá, foi o ano que não houve um inverno legal, então falei: agora vou para São Paulo, porque não sei o ano que vem se é bom, se é ruim, é como você sabe, que até hoje não houve mais nada bom de 1978 pra cá, sempre tá um ano descontrolado, eu acho que adivinhei ter vindo embora pra São Paulo, eu acho que se tivesse lá no Norte eu tivesse menos condições do que tô aqui.

Eu trabalhava na lavoura, possuía meu porquinho, meu cabrito, galinha, gado não tinha, tinha meu animal de anda prá feira, até hoje adoro minha terra, não desprezo a minha Paraíba não, se eu chegar a sair daqui de São Paulo o lugar que eu procuro é minha terra; até a época que eu saí de lá era até boa mesmo se o cara não tinha muitas condições, tinha inverno, todo mundo era tranquilo, muita gente não falava de vir prá São Paulo, agora só não tá vindo do Norte prá São Paulo estes senhores de idade, de 60 e poucos anos, que não tem condições de chegar em São Paulo e arrumar um serviço, mas rapaz menor de 15, 22, 30 anos atrás tudo vindo embora pra cá.

O Norte tá ficando pros velhos, os velhos que não tem condição de trabalhar. Nós tamo aqui em São Paulo, e o alimento vem todo do interior, do Norte vem alimento prá São Paulo, e se nós tá aqui como é que vai fazer prá nós comê, o povo do Paraná, Minas Gerais, Bahia vem tudo embora prá São Paulo, Pernambuco, Ceará e nós vai viver do que aqui em São Paulo, se houvesse inverno lá no Norte não tinha este pessoal todo em São Paulo.

Quem não tem terra o lugar é São Paulo, na Paraíba é mais ruim do que São Paulo, eu falo assim porque eu tenho 27 anos de idade e conheço a minha terra, mas prá quem tem se há inverno não há lugar melhor no

mundo do que a Paraíba, não tem São Paulo melhor do que a Paraíba, prá quem tem a terra, prá quem tem as condições - condições assim, você ter bastante animal, vaca, cabrito, porco, galinha, e ter dinheiro, porque tem muitos amigos meus que tem negócio em banco, mas tem dinheiro que dá prá cobrir aquele empréstimo , que ele fez no banco.

Se há inverno, há alimento para os animais, o banco pode fornecer mais dinheiro para o proprietário, o proprietário pode fornecer mais dinheiro para o morador, o comércio tem mais saída. É necessário algum dinheiro para tocar a agricultura, em 1978 eu analisei a situação e vi que não tava boa, tinha 4 tarefas de roça, naquela época tirei 1.320 kg. de milho, 9 sacas de feijão de 60 kg, 120 kg de fava, 100 kg de arroz, mais ou menos 650 kg de algodão, mas teve alguém que possuía de lavoura o triplo de mim e não tirou a metade de mim, porque chovia na minha roça e não chovia na dele. Eu sei que chegando em São Paulo, pelo ao menos prá comê, vesti e calça eu tenho.

O que eu tinha eu vendi lá, paguei as contas, eu vim por minha conta, cheguei aqui enfrentei, fui morar no Alvarenga, numa chácara, de um conterrâneo meu, eu tinha endereço de meu concunhado que tava lá. Não procurei os outros parentes, porque prá mim o mais fácil era este concunhado, porque ele tinha vindo de lá há poucos dias, eu não sabia se meus parentes ia me dar um apoio, então meu cunhado tinha vindo há pouco tempo, eu sabia que ele dava meu apoio, como certo que foi. Vários tios, meus primos me deram todo apoio, morada, emprego.

Trabalhei 3 meses e 11 dias com meu cunhado de pedreiro, depois falei prá ele que ia arrumar serviço; trabalhei 3 meses na Tonhato, um parente me arrumou, eu via que o salário que ganhava não dava prá mim, dei cano um dia, fui na Villares, comecei como ajudante, hoje rebarbador e operador de jato. Porque sabia que era firma boa, pegava bem, dois tios já trabalharam lá e falavam que era uma firma boa.

Quando começou a migração para São Paulo?

Manoel - Penso que foi antes do meu nascimento, antes de 1955, porque tem parente que saiu do Norte antes de 1955.

Por que vem para São Paulo, é ilusão?

Manoel - Eu vou te falar, ilusão é isto, a gente vai no Norte trabalha na roça, não tem boa roupa, não tem bom calçado, vem aquele cara naquela situação fala: não, eu vou pra São Paulo, a vida é São Paulo e vem mesmo. Eu tenho um irmão que tá com 15 anos, minha esposa foi lá esses dias, ele disse que só vai completar a idade, e vai embora. O único que tá dentro de casa. É ilusão. Uma ilusão, seguindo as condições não é boa, porque em São Paulo a gente precisa gastar numa brincadeira com os colegas, a gente gasta e não fica devendo prá ninguém, lá no Norte o rapaz solteiro vai à um forró, ele não tem CR\$200,00 prá compra cigarro.

Em 1970 mudaram as condições no Norte?

Manoel - Em 1970 foi uma seca terrível, não tinha outra solução, não tinha ninguém que pagava serviço, nós foi prá emergência trabalhar. De 1971 até 1978 foi tudo bem; lá no meu setor da Paraíba de 1971 até 1977 foi bom, prá nós, prá mim e minha família foi bom demais, de 1978 prá cá não foi bom prá ninguém. Piorou sobre a carestia. Mudança de renda para meia, não é todos que exige a meia, eu sei que do meu entendimento até hoje o que conheço é assim.

E quem veio antes, na década de 1960?

Manoel - A mesma coisa, sabe porque se uns veio nos anos 1960/1970 para São Paulo, aqui era muito bom, não era igual hoje, também na nossa terra era melhor, quem fez nos anos 60 aqui, teve gente na minha terra que fez mais. Quem veio no ano de 1970 prá cá talvez tenha feito melhor de quem tá lá (refere-se à sua localidade de origem). Tá certo que eu não fiz muita coisa, mas tem alguém lá que não fez uma terça parte do que fiz aqui, pelo ao menos acho quem melhor que fez foi eu. Eu vim para São

Paulo em 1978, eu consegui minha casinha em São José de Piranhas na cidade e tem alguém de lá que tinha mais vontade do que eu e não conseguiu nenhum terreno e não vai conseguir tão fácil. Se eu sair de São Paulo, só para Paraíba.

Então, o que você acha de ter vindo?

Manoel - Foi bom ter vindo, porque minha família toda tem terra na Paraíba, então, eles estão sofrendo uma crise pior do que eu, planta e não tira nada. Eu tô aqui em São Paulo trabalhando o mês inteiro dia 25 e dia 10 tenho o meu dinheirinho, e lá não tem, acho que em melhor situação estou eu. Mesmo com inverno eu estaria melhor, porque aqui amanhece o dia, se tá chovendo eu tenho que ir ao meu serviço, você é minha colega, se falta 5 minutos pra eu sair, eu tenho que pedir licença para sair, se não for perde aquele dia, sábado, domingo, se tô com o dente doendo, tenho que trabalhar, e na minha terra não era assim, tenho o meu feijão, meu cabrito, meu porco, minha vaca prá tira o leite, se passa uma semana em casa e se não quiser trabalhar eu tenho do que comê. Se houvesse inverno na minha terra eu não queria lugar melhor que minha Paraíba.

O que poderia melhorar na Paraíba?

Manoel - Só se nosso Senhor mandar inverno prá Paraíba, de ter uma solução tem, mas de ele fazer em toda propriedade que precisa açude, barragem, o governo não vai fazer não, ele tem condições de fazer, mas não faz. Penso eu que o governo acha que é muita coisa, prá ele não é nada e no mesmo caso é muita coisa, porque se o governo se preocupasse com o problema do Brasil, não é só da Paraíba, Pernambuco, ou Ceará, nosso Brasil não estaria devendo tanto que tá lá prá fora, o Brasil não precisa dever o que ele deve lá prá fora, só que o Brasil é um dos países ricos, não era prá nós tá nestas condições não. Eu sei que o governo não tá se preocupando com isto, porque se ele se preocupasse,

ele poderia falar: em todo sítio da Paraíba eu vou mandar fazer um poço artesiano, não é de graça, aquele proprietário ele vai me pagar uma prestação, no Pernambuco eu vou mandar fazer a mesma coisa, no Ceará também, ele não manda, ele não vai mandar fazer serviço, ele só vai mandar aumentar a gasolina, o cigarro.

O que você acha da emergência?

Manoel - Acho que é um negócio muito fraco e vou te dizer porque é fraco. Meu pai, todo os serviços dele já tá tudo feito: broca, cerca, plantou, fez o serviço todo feito e só quem pode trabalhar é meu pai, meu irmão com 15 anos não pode trabalhar na emergência, de 2.500 homens, a semana atrasada em São José de Piranhas, prá se empregar, chegou o encarregado e falou que só tinha vaga prá 500 homens, e os 2.000 homens vai fazer o que? Não tem quem pague um dia de serviço, estes vão viver do que, do que vão viver, pôs a emergência prá 3 sítios, que são mais de 2Km de onde meu pai mora. Constrói açude e estrada de rodagem. Agora se o governo, no meu pensar, quisesse ajudar, falava: não! em todo sítio vou fazer um açude bem grande, todo sítio tem local prá fazer açude grande.

O que você pensava em fazer quando veio para São Paulo?

Manoel - Eu pensava duas coisas: primeiro, trabalhar e segundo, estudar e ajudar meus pais. Cheguei aqui, comecei a trabalhar e estudar, aí as condições não davam, tinha semana que eu trabalhava das 6:00 às 9:00 horas da noite, pegava o estudo das 9:30 às 11:00, quando saia do estudo ia prá pensão, quando chegava lá já estava fechada. Eu sabia mais ou menos, porque meu irmão falava como era São Paulo, e igualmente como ele falava foi o que eu vi. Eles falavam: nego tem que trabalhar, ir direitinho no serviço, não dá cano, não chegar atrasado, se pagar aluguel pagar direito, se faz uma prestação, paga direitinho, tudo o que eles falaram até hoje eu encontrei.

Meu pensar era passar um ano, dois anos, eu vim mais como um passeio, meu ideal era vim passear, e não morar de uma vez, justamente um ano e voltei. A segunda vez falei: não é com orgulho, com menos de 2 anos não piso na Paraíba. Porque eu passei um ano aqui e teve muita gente que falou que eu voltei do caminho, é brincadeira, mas eu incuti aquilo na cabeça e falei quando eu for pra São Paulo, eu vou agora, não falo com orgulho. Teve cara que falou que com um mês eu ia mandar pedir dinheiro à família prá voltar. Aí eu fiquei sentido, porque vim com a família, não tinha ponto certo prá morar, não tinha emprego; eu falei: olha não é com orgulho, não, mas onde eu chegar tendo prá mim trabalhar, eu enfrento, entrou prá cinco anos e não fui lá, agora quando eu for lá dá prá muita gente perceber que eu cumpri o que falei, só que eu não tenho mágoa de ninguém da Paraíba, prá mim lá todo mundo é bom, todo mundo é meu amigo.

Meu ideal era de comprar pelo ao menos um terreno na cidade (em 1978) - em São José das Piranhas, foi igualmente que eu comprei mesmo uma casa; vim pra São Paulo, sofri um pouco, trabalhei e até hoje, graças a Deus, tô trabalhando, já consegui minha casa.

Eu nunca tive ideal de ficar aqui definitivo, meu ideal era de ficar perto dos meus pais, meus irmãos, não queriam passar muito tempo ausente da minha família.

Meu ideal era vim pra São Paulo, vê se conseguia alguma coisa, porque minhas condições lá eram poucas, e voltar prá meu torrão natal e ainda hoje é o mesmo eu não mudo, se a firma me mandar embora eu vou embora prá minha terra, ou bom ou ruim, mas eu tô junto com meus pais, minha mãe, meus irmãos.

Se não tivesse terra lá prá trabalhar, pensava assim também?

Manoel - Não, não pensava não. Se meu pai não tivesse terra, eu podia fazer um jeito de trazer eles prá cá, porque prá lá nem eu ia, mas é

que a gente tem, eles têm. Se eu for embora pra Paraíba, o meu ideal é eu trabalhar prá mim, por minha conta, e se Deus quiser, não quero sair também agora da firma, mas não sei, posso até sair segunda-feira, mas se eu sair de lá, com muita coisa não dá prá negociar, não, mas com pouquinha coisa, já dá.

Desde a primeira vez eu fiquei sabendo que não era fácil arrumar um dinheiro, prá voltar pro Norte, mas aqui a gente tem que sofrê, se pega umas férias, não vai passear, põe a metade no banco, se pega uma parcela de abono, põe a metade no banco, vai comprar uma TV, não compra a cores, compra preto e branco.

Se ele já tinha 50 mil no banco, com mais 50 faz 100, com outra economia que faz, põe mais 50 mil no banco, aí pronto já tem 150 mil, aí tem um terreno na terra da gente que o cara faz por 100 mil, ele pega e manda este dinheiro, 50 mil já dá pra ele comprar uma parte do material prá construir a casa, então o problema que eu te falo é isto aí, o cara tem que entender isto aí. Se veio, veio com a intenção de conseguir alguma coisa na terra da gente, agora se veio prá conseguir aqui, tem que tentar mais do que isto, porque aqui é mais difícil. Aqui 500 mil você dá entrada em meio terreno, que fica 24 Km distante do teu trabalho.

Meu ideal é voltar um dia, se minha terra melhorar este ano, talvez eu vá daqui 1 ano e meio, dois anos, e se não melhora aí não sei quando vou, não, nem passear. Enquanto eu tiver meu emprego, agora se eu for mandado embora, o jeito que tem é ir embora. Posso procurar um pouco, mas se não encontrar acho melhor ir embora, porque não vou ficar comendo o que ganhei em quatro anos. Se em 30 dias eu não arruma serviço nas fábricas, eu perco a esperança, então fica aqui, pego a indenização da firma, três, quatro, cinco meses desempregado, gasto o que ganhei nesse período, aí não arrumo serviço, aí fico sem serviço, querendo ir prá minha terra e sem condições de ir embora.

Se eu continuar no emprego, penso voltar quando arrumar minha casa. Daqui um, três anos, enquanto a firma não me manda embora tô lá trabalhando; eu só peço quando a situação tiver bem legal prá mim. Lá pretendo comprar um ponto prá um bar, em São José de Piranhas.

Isto dá lucro, rende?

Manoel - Pode não dar muito lucro, mas pelo ao menos prá gente viver hoje em dia dá. Eu tenho meu tio Lero, ele tem um bar e este bar não é tão grande, ele já comprou uma casa de morar, dois terrenos grande no sítio, tem sua boa grana no banco, tem minhas primas que estudam, tem dois primos meus aqui tudo bem estudado, tudo por conta deste bar.

Se lá tiver havendo inverno, tem sua casa de morar, tem seu barzinho, dá pra vivê a sua vida muito tranquila, não precisa lugar melhor.

Por que o vai-e-vem?

Manoel - Os que vieram antigamente teve deles que ficaram aqui, todos eles vive bem, tem sua casa de morada, tem seu carro e tem deles que não tem nada e tem alguém deles que vieram esta época e voltaram para Paraíba e tá rico, é por isto que eu falo, tem colega meu que mora no Norte que veio antigamente e tem condições de comprar mais do que as pessoas que tão aqui.

Porque tem muita gente que pensa, às vezes vê o pessoal que vai lá com um dinheirinho no bolso e coisa, mas deixa que ele sofreu quatro/cinco anos prá conseguir aquilo lá, trabalhando numa firma só, aí o cara fala: ah! o cara em São Paulo fica rico, ah! eu vou também, pensando que na hora que chega em São Paulo vai conseguir aquilo lá. Mas não é assim, ele tem que sofrer, trabalhar igualmente aqueles outros que trabalhou prá consegui aquilo lá, chega aqui, não vê aquilo nas mãos, aí diz:eu vou embora pra trás, é isto aí. É errado isto, porque se o cara tem

ideal de vim e sofrê, tenta, é melhor não vim, ficá sofrendo lá e se tem ideal de trabalhar e sofrer um pouco, então vem.

Eu acho que estes vai-véns é da própria cabeça da pessoa, acho que a situação lá e aqui tá quase igual uma a outra, porque quem tá empregado tá, quem não tá, eu acho que é da cabeça da pessoa, se ela tá sofrendo e vem prá cá sofrer e dá prá ele fica aqui, ele fica, já não veio, né, já não gastou prá vir, acho que é da cabeça da pessoa, porque aqui não tá bom, lá não tá bom, então o cara deve pensar eu vou pra São Paulo mas eu vou sofrer um pouco, vê se consigo alguma coisa, mas o cara vem de lá, a situação já não tá fácil, tá difícil, chega aqui tá difícil, então acha de ir embora pra trás fica pior, já não tinha nada, fica pior.

A tua esperança de melhorar de vida você acha que é só pelo teu esforço individual?

Manoel - É primeiramente Deus e segundo meu esforço, até agora só depende de mim alguma coisa que eu tive ninguém nunca me deu não.

Por exemplo, para conseguir salários melhores, é só você mesmo que pode conseguir, ou às vezes uma greve?

Manoel - Às vezes pode e às vezes não pode, porque a união nós temos a força, e sem a união nós não temos nada, cinco tem união e o resto não tem, 100/200/500 cai fora e nós que vamos fazer greve, vamô mando embora. Eu sou a favor da greve, se todo mundo fosse unido, nós fazia greve, o problema é que nunca, nunca todos os trabalhadores não concordam.

Por que é que eles não concordam?

Manoel - Porque tem funcionário que ganha bem, eles tem medo de enfrentar uma greve e ser mandado embora e não consegui aquele emprego que ele tem, agora quem ganha menos, eu posso enfrentar uma greve aí e se sair daqui, eu entro noutra firma, ganhando o mesmo, mas tem 100 que ganha menos e 500 que ganha mais, os 100 enfrentam a

greve e os 500 que ganham mais não querem saber, só se todo mundo fosse unido, melhorava a situação, todo trabalhador, metalúrgico, tecelagem, tudo, se combinasse todo trabalhador eu queria ver os patrão, o governo se não melhorava esta situação, ou melhorava ou não fabricava nada, eles tinham que chegar à uma boa; agora se todos combinassem eu queria ver se o governo, patrão não chegava numa boa, ou chegava ou eles estavam em falta com entrega de motor de navio, escavadeiras, laminador, etc.

O povo do Norte podia fazer alguma coisa contra a situação lá?

Manoel - Podia, um prefeito, um deputado; o trabalhador podia tomar alguma medida contra a situação e ao mesmo tempo não pode, porque se os trabalhadores da lavoura faz uma baixa-assinada e leva ao prefeito, pelo deputado, prá pode mandar prá governador, prá senador, estas coisas, eles não mandam, passa um, três anos e fica lá. Lá não tem condição, só se reunisse todo mundo lá e quebrasse o pau igual os metalúrgicos aqui quando há uma greve, é todos, aí há condição, do jeito que tá a situação lá, se toda a segunda- feira juntasse três ou quatro mil homem e pegasse aquela mercadoria de toda a feira, aí o governo tomava providências, mas não faz assim. Eles fazendo assim lá é igualmente fazendo uma greve aqui, todo mundo em geral. Só faz isto aqueles mais necessitados, mas aqueles que têm condições, 50% não faz, o que acontece é a desunião e esta desunião tá sendo no Brasil inteiro e o lugar de desunião pior que tem é aqui em São Paulo, sobre nós funcionários, pela minha experiência na Villares e em outras fábricas que trabalhava colega meu, eu acho mesmo bom tá acontecendo o que acontece, aí em São Bernardo, o prefeito acho que mandou 150 funcionários da Prefeitura embora, se fosse um prefeito do PT (Partido dos Trabalhadores) falavam: ah! não porque é do PT, eu acho bom, porque o cara que votou nele, prá deixar de ser burro, é bom que apanhe e muitos que trabalham comigo

diz: oh! rapaz que situação, eu digo, pega, burro, pega, vota, vota aí. Nós enche o saco mesmo e fala a verdade se todos os trabalhador fosse unido, é que nós não tem união, eu queria ver se fosse o partido do PT se tivesse ganhado, se ele fizesse uma coisa errada desta, nós tinha o que falar, mas como trabalhador, nós votemos em você, porque é que você faz uma coisa destas, você tá saltando fora do caminho, nós podia reclamar. Agora com Dr. Aron (Aron Galante, prefeito de São Bernardo do Campo no período de 1983 a 1988; partido PMDB) vai reclamar prá ver. Pega burro, pega prá saber, eu acho é bom, trabalhador vota em trabalhador e não vota em quem é dos ricos, vota em quem sofreu como nós sofre, porque Lula é torneiro mecânico da Villares, quantos falavam lá que ia votar em Montoro (Franco Montoro, governador eleito em 1982 em São Paulo) Reinaldo (Reinaldo de Bairros, candidato a governador em São Paulo em 1982) e nós falava vota, vota, puxa saco, agora vê cego, era bom que eles mandassem dá uma surra aqui dentro.

Na minha cabeça não entra não, o cara falou que os patrão, os industriais combinaram com Lula, prá fazer uma greve e quando passa uns dias de greve, você vai e abre da greve. Então, nós te dá uma boa grana e manda os pião embora. É isto nada, Lula não faz isto não, eu tenho certeza que ele não faz, agora diga que nós perdeu a greve não modê Lula, mas modê pião, modê nós pião, que perdeu a greve e a política, porque se tivesse prá eleger Lula só bastava os metalúrgicos, e prá vence a greve nós, mas ninguém queria, a maioria não combinava, os que ganhavam mais e os mais velhos de firma não queriam, porque trabalhador novo de firma, sabe que podia sair e entra em outra. Achei foi bom o que fizeram na Scania, entraram na mesa dos mensalistas e quebraram tudo.

6.4) Entrevista com Manoel, metalúrgico, 1984

Você tava falando que tava com saudade da família?

Manoel - hum! hum! é como se diz, saudade, mas eu num tenho... já que tá de férias no meu trabalho... tá ruim de serviço onde eu trabalho, eu tenho minhas férias programadas para o dia 20 de agosto. Eu não queria ir lá (na Paraíba), porque eu sei que se eu for lá, e voltar e a firma me mandar embora. Então, fica mais difícil. Então, eu já espero de uma vez, porque todo tempo que a firma mandar ir embora, eu vou definitivo. O que me segura aqui é meu emprego.

Da outra vez, você falava que você tava construindo uma casa lá (em São José de Piranhas, PB)?

Manoel - É, eu tava reformando minha casinha.

É, nem me lembrei disso. Esqueci completamente, agora que eu tô vendo que tô lembrando.

Manoel - Mas você foi lá?

Não, não fui, eu esqueci, num lembrava mais...

Manoel - É, meu irmão comprou, mandou o dinheiro...

Eu sei onde é, eu sei onde ele mora. Eu já fui lá.

Manoel - Bom, eu mesmo, eu não conheço. Tem uma escritura aí. Meu cunhado trouxe uma escritura, tá aí.

Ainda bem que tá fazendo plano de voltar, né.

Manoel - Bom, tô fazendo plano, né. Mas enquanto, como se diz, enquanto dá prá mim ficar aqui em São Paulo, eu fico. Se melhorar de serviço daqui prá agosto, eu vou passear. Se Deus quiser, quando eu sair de férias, eu vou passear. E se não melhorar... então, se não melhorar, eu saiu de férias, então, eu vou ficar por aqui. Então, se voltar a trabalhar e me mandar embora, eu arrumar um emprego, ganhando o que eu ganho, é difícil. Então, eu vou passear, eu vou passear.. E se não, nos trinta dias, se eu não conseguir emprego aí, eu vou pegar meus troços e vou pro Norte. Vou tentar de novo.

Para ver se dá, vai tentar de novo lá...

Manoel - É, se dé prá ficar lá tudo bem, se não dá eu volto prá trás.

E você pensa em voltar lá prá fazer o que?

Manoel - Bom, eu penso em ficar lá prá... ficar na cidade mesmo, tocar um movimentozinho, um negócio lá.

Comércio?

Manoel - É, tocar um comerciozinho e trabalhar na lavoura. Eu não pretendo mais trabalhar na lavoura, num sabe? porque eu já trabalhei muito. Eu já trabalhei muito. Então, é... eu...

Então, diga. Aí você pretende botar um comércio?

Manoel - Pretendo voltar e botar um comércio... comerciozinho pequeno... se dé, tudo bem e se não dá, fazer o que? Paciência... trabalhar na lavoura, eu não pretendo, não sabe! É um serviço muito cansativo, certo!

E se você conseguir um outro emprego, do mesmo jeito, você ficaria por aqui?

Manoel - Eu aguardaria mais um tempo. Prá eu conseguir. Então, o meu dinheiro que eu pegasse da firma, eu posso pegar e ponho na poupança. Então eu passando mais um ano, dois daqui prá frente, eu faço mais vantagem do que pegar meu dinheiro e ir embora de uma vez

Seu ideal é sempre voltar prá lá?

Manoel - Não, meu ideal é sempre voltar prá minha terra. Que eu não sou, é como se diz, eu sou brasileiro. Eu tenho, eu tô aqui em São Paulo, mas eu não tô, como se diz, como paulista. Eu tô como nordestino. Então, eu tenho minha terra, o Nordeste, o meu ideal é voltar prá lá. Minha ideia é voltar prá lá.

Quando você diz assim: que você tá aqui em São Paulo mas não tá como paulista, o que quer dizer isso?

Manoel - Não tô como paulista assim: que sou nordestino. Então, é... minha terra, é a Paraíba, eu sou lá da Paraíba. Então, boa ou ruim, qual é meu dever, é procurar minha melhora. Então, eu saí de minha terra, tava ruim, certo. Então, melhorou, graças a Deus melhorou. Então, já que melhorou...

Com o inverno?

Manoel - É, com o inverno. Não, como se diz, o Brasil tá difícil em todo lugar. Então já que minha terra melhorou de inverno, a situação aqui tá ruim, também, não tá boa. Justamente, você sabe. Então, já que melhorou eu vou prá lá. Certo? Assim, se eu não arrumar um emprego aqui, eu saindo daqui e não arrumar um emprego aqui, que eu ganhe, pelo menos o tanto que ganho, aí eu vou embora. E se eu arrumar um emprego que eu ganhe o mesmo tanto que eu ganho, então eu vou passar, pelo menos um ou mais dois anos aqui prá frente. Mas eu vou passear nas minhas férias.

Você não pretende sair daqui de São Paulo para outro lugar

Manoel - É, de São Paulo prá frente, eu não pretendo sair daqui não. Mesmo, meu negócio é de São Paulo prá Paraíba e de Paraíba prá São Paulo. Porque o lugar melhor do mundo prá emprego é São Paulo. No Brasil é... então...

Você tem experiência noutra lugar?

Manoel - Eu tenho experiência, olhe, de... não que eu saí prá outro lugar fora de São Paulo, do Brasil. Então, prá emprego o lugar melhor no Brasil, no Brasil, que é o que eu conheço, é São Paulo. Então, se São Paulo não dá prá...

Já ouviu falar do Rio de Janeiro?

Manoel - Já ouvi falar do Rio de Janeiro, certo, mas prá emprego é São Paulo. É, ainda é São Paulo, porque tem um cunhado meu aqui, já morou em Brasília, já morou em Goiás...

O Heleno?

Manoel - Heleno. Esses dias, ele achou que tava ruim prá emprego, ele e o Zé foram prá Goiás. Passearam bastante, aí chegou em Goiás e sempre foi mais ruim do que aqui.

Não tinha emprego?

Manoel - Não tinha emprego. Voltaram prá trás. Então, tão aqui hoje. Então, eles reconheceram que dentro do Brasil não tem Rio de Janeiro, não tem outro lugar prá emprego melhor do que São Paulo. É justamente o que eu tô falando. Bom, se aqui em São Paulo não dá prá mim...

Acho que você pensava em ir prá outro lugar, não pensava?

Manoel - Não, nunca pensei porque é o seguinte: desde a primeira vez em 1973 que eu vim aqui em São Paulo, eu fiquei mais ou menos, não fiquei sabendo, mas, fiquei, é como se diz, com aquele pensar, pelo que vi em São Paulo é um dos maiores estados do Brasil prá emprego, o melhor que tem é São Paulo. Entendeu? O melhor que tem é São Paulo. Então é justamente o que eles fazem. Se dá certo prá mim aqui em São Paulo, eu tô e se não dá certo eu vou lá prá Paraíba. Se na Paraíba não dá, eu volto prá São Paulo.

Volta prá São Paulo?

Manoel - Volto prá São Paulo. Meu negócio é Paraíba e São Paulo. Outro lugar que tenha no Brasil, eu não quero. Prá mim morar, não. Então, é ou São Paulo ou Paraíba.

Então, quando você veio de lá, você pensava assim: vim prá São Paulo e conseguir o que? Tudo que você falou da outra vez?

Manoel - Hum! hum!

O que você pensava na primeira vez que você veio?

Manoel - Bom, o que eu pensava? Inclusive eu guardei na memória, até hoje, o que eu pensava, ainda tenho ele na minha ideia. Então, o que eu pensava, era vim prá São Paulo, sofrer um pouco...

Sofrer um pouco?

Manoel - É, sofrer um pouco, trabalhar bastante prá ver se...

Por que você fala sofrer um pouco?

Manoel - Sofrer um pouco assim porque o nordestino quando vem do Norte prá cá, ele num tem um bom estudo, então ele não pode ser um engenheiro, ele não pode ser um médico. Então, ele tem de trabalhar de empregado. Vamos supor, peão, como a gente. Sofrer um pouco, justamente que eu falo é isso. Trabalhar como eu trabalho há cinco anos na mesma firma, sendo mandado por... às vezes por gente que é igual a gente ou que são melhor que a gente. Aí o cara tem que sofrer um pouco e fazer a maior economia, se não dá prá conseguir, mas, pelo menos, conseguir uma melhora na vida da gente, uma boa. Você sabe, eu vim de lá prá cá, o que eu deixei é... tem meu pai e minha família, também, não deixei nada, só o meu conhecimento e minha família. Então, eu cheguei aqui, moro aqui (se refere à favela) como você sabe, comecei a trabalhar, fui juntando um pouquinho, no dia que dava prá mim juntar mil cruzeiros juntava, dois mil juntava, consegui comprar minha casinha lá. Tá comprada, pago, escriturada, não devo um tostão prá ninguém.

Quando você veio aqui, pensava assim, em ajudar sua família?

Manoel - É, toda vida eu sempre, até hoje, eu podendo ajudar minha família, eu ajudo. Justamente, dá certo eu mandar qualquer ajuda prá meu pai e minha irmã casada ou meu irmão casado, dono da responsabilidade de casa, eu ajudo. Quando dá dez mil cruzeiros, que eu tenha, que minha condição não é muito. Certo? Então, já tenho minha casa lá, como eu falei, tem meu pai, minha família. Quando eu posso ajudar, num negócio que eles necessitem, eu ajudo. Quando não dá, também não ajudo, que eu sou casado, tenho minha família, minhas coisas, meus filhos. Então, eu penso na minha família de casa, da casa de meu pai e, penso na minha também. Porque se eu fosse um rapaz solteiro daria prá ajudar melhor

com o emprego que eu tenho hoje. Meu tempo de firma daria prá ajudar meu pai mais ou menos, mas, como eu sou casado, e eu tenho a boa vontade de ajudar, quando dá prá ajudar aí eu ajudo e quando não dá, fazer o que? Paciência.

E, assim, os seus outros irmãos não quiseram vir prá cá? Você só tem uma irmã na Bahia?

Manoel - Tem, em Vitória da Conquista

Mas essa tem marido já?

Manoel - Sim, tem esposo, minha irmã mais velha.

Seus irmãos não quiseram vir prá cá?

Manoel - Não. Quem veio foi Dezinho.

Ah! o Dezinho.

Manoel - Não, Dezinho veio, passou... trabalhou cinco anos numa firma ali n Batistini (Bairro Batistini em São Bernardo do Campo), ali...

É, quando era solteiro.

Manoel - É, na firma. Trabalhou cinco anos, aí foi embora daqui prá lá. Eu vou falar uma coisa: eu vim, ficava aqui, passei onze meses aqui, voltei e ele ficou aqui. Quando eu cheguei lá, eu já namorava com Maria, ainda eu vim, antes de nós casar ele chegou lá. Aí nós casamos, aí depois ele também casou. Já tem assim umas três filhas já ou é quatro. Porque dia seis do mês que vem nós já faz dez anos de casado. Quando eu tiver com trinta anos, o meu moleque tá com dez anos. No caso, morreu um lá no Norte e outro aqui, um lá no Norte com quatro meses e outro aqui com quatro dias... por enquanto chega, viu.

Vem cá, e por que os seus irmãos não quiseram vir? Depois de casado...

Manoel - Bom, é assim, esse meu irmão caçula, ele tem vontade de vir, sabe! Quando Maria foi lá, falou prá ele: rapaz, você não tem vontade de ir prá São Paulo? Aí ele falou: bem cunhada, bem cunhada, fala prá Manoel que quando eu completar minha idade, que eu tiro os

documentos, aí eu vou prá lá. Aí ela falou tudo bem, o Manoel mandou falar prá você que quando completar a idade tira todos os documentos, ele manda dinheiro prá você vir, prá você vir prá... Ele falou: tudo bem. Ele noivou, casou aí, ficou lá. esse nunca falou de vir, não. Entendeu? E, antes de vir já casou também aí, novinho.

Aí casando complica mais para vir para cá?

Manoel - É, da minha raça lá de casa de meu pai, assim, que casou e não complicou prá vir, foi eu. Porque eu já sabia como que é.

Ah! já conhecia.

Manoel - Aí falei prá ele: home, prá gente. Eu vou prá São Paulo. Ela falou... eu falei: você quer ficar, prá eu arrumar um lugar lá prá nós e mandar dinheiro prá você ir ou quer ir tudo de uma vez? Ela falou: ou passando fome, ou passando bem, eu quero ir. Eu digo: então, vamos. Nesses dias de lá prá cá, graças a Deus nós vive assim desse jeito, mas graças a Deus até hoje nunca passamos fome não, nunca passamos fome e nem passo.

Você acha que vir para São Paulo é um ato de coragem? Assim como você tá falando...

Manoel - Não, é mesmo. É preciso o cara ser meio peitudo e é como se diz, e pensar assim: eu vou, não só vou passar bem. A gente vai é passar mau. Então, eles também tem... eu não... coragem de trabalhar eu tenho, graças a Deus. Qualquer serviço. Os caras falavam: se você chegar em São Paulo, você com dois meses tá pedindo dinheiro à turma prá voltar prá cá. Eu falei: não. Eu vou com o que é meu e eu disse que vinha à São Paulo é com o que é meu. Eu falei pros cara lá (Paraíba), eu digo: eu posso, eu preferia morrer de fome lá, mas mandar pedir dinheiro à ninguém prá voltar prá cá...

Por que esse orgulho?

Manoel - Não, não é orgulho. Porque você vê, é feio, sabe! A gente vem do Norte prá cá e mandar pedir dinheiro prá voltar, é como se diz...

Mas o pessoal que tá lá não pede dinheiro prá vir prá, São Paulo?

Manoel - Pede, mas o cara vem de lá prá cá, aqui o cara se vira, melhora, certo! Sobre emprego, ganhar um pouquinho mais, então, pro cara vim do Norte prá cá e chegar, mandar pedir dinheiro à família prá voltar... não sei não, viu! eu não, eu na minha.... no meu modo de pensar; não sei se é ignorância, não é ignorância, é opinião, sabe! Eu não, eu não faço isso. Falar a verdade prá você, Deus me dando saúde, eu trabalho de servente de pedreiro, trabalho do que... sendo prá mim ganhar dinheiro eu trabalho em qualquer serviço. Então, aí é onde eu falo que não mando pedir dinheiro prá voltar. Mando não. Porque vim uma vez com o que era meu, voltei com o que era meu, vim uma segunda vez com o que era meu e todo tempo, graças a Deus, todo tempo que eu quiser voltar, eu vou, mas com o que é meu. Mandar pedir dinheiro à meus pais, a meus irmãos...se eu puder ajudar eles lá, eu ajudo...

Por que, São Paulo é um desafio assim pro nordestino, é tipo de um jogo assim que o cara fala: vou e não quero voltar perdendo, é isso?

Manoel - Bem, é o seguinte, tem muitos que vem, vem só aquilo na cabeça, que às vezes o cara é mais ou menos lá e fala: não, eu vou prá São Paulo. Aí chega aqui, quer viver uma vida, sabe, uma vida independente. Aqui o cara em São Paulo ele vive uma vida independente, se ele for um cara que tiver uma boa condição, mas, se ele é um cara pobre, ele não pode viver uma vida independente, ele tem de viver uma vida humilhada. A vida humilhada assim, é, você ver, eu vim de lá prá cá, cheguei aqui tem... procurei uma firma... tô lá trabalhando, trabalhando, então, aí eu sou obrigado. Meu encarregado é um homem que só dava na minha cintura, a altura dele só dá aqui assim na minha cintura. Então, humilhado que eu falo é isso, eu falo, eu tô trabalhando num serviço,

chega: ô, você vai fazer aquele outro. Eu não posso falar que não vou, não posso falar que vou deixar meu serviço que tô trabalhando prá fazer aquele outro serviço. Não, eu tenho de ir. Então, a obrigação, a humilhação que a gente fala é isso aí. A gente vive humilhado...

É só num emprego, o resto não.

Manoel - Em todo... é, vamos supor, tá chovendo, você tem que trabalhar. Se tá afim, você tem de ir trabalhar. Se você não for trabalhar, você tem de levar a justificção que foi no médico, ele te deu o atestado do dia. Então, o que eu falo, a humilhação é isso.

Certo. E você, as outras coisas, sobre emprego, de horário, esses negócio, assim, tem outras obrigações em São Paulo? Outra humilhação em São Paulo que o nordestino passa? Tem alguma outra humilhação. Assim sobre ser nordestino mesmo... se eles discriminam...

Manoel - Não, é sobre ser nordestino não tem. Porque você sabe, o Nordeste é... o nordestino é brasileiro, justamente o que o pessoal daqui são. Então, a humilhação que acontece é isso aí, em todo serviço. Você prá conseguir alguma coisa na vida, você tem de trabalhar, ser humilhado, entendeu. Talvez, tem uma pessoa que às vezes, não.. talvez não seja igual a você, mas, às vezes, tem aquela chance, tem aquilo tudo, tem o supervisor na firma. Então, você tem que ser humilhado. A humilhação que eu falei é isso. Mas, porque a pessoa é do Norte, é do Nordeste, a outra pessoa vai falar: não, é porque você é nordestino, você num deve... aqui não acontece nada disso. Porque, a maior parte que tem em São Paulo, São Paulo, como você sabe, foi construída por nordestino.

Por nordestino?

Manoel - Pelo nordestino, a força do braço do nordestino, mesmo com o nordestino ganhando seu dinheirinho. Mas, o nordestino são um pessoal que ele é, como é que se diz, ele morre e não se entrega, ele não abre do serviço, é um pessoal que pega qualquer serviço. Que toca o

barco, o barco prá frente. É uma pessoa que tem coragem de trabalhar, é uma pessoa sofredora, acostumado a sofrer, assim, sofrer assim, trabalhar, bastante...

É por isso então que para ele tanto faz ir para São Paulo, Brasília, para ele tanto faz?

Manoel - Então, prá ele tanto faz. O que dá emprego, a maior parte de nordestino, procura São Paulo.

São Paulo, né?

Manoel - Porque sabe que é um lugar grande e um lugar bom prá emprego. O cara chegando aqui, mesmo que ele não arranje um serviço numa firma, ele pode arrumar um serviço numa construção, pode arrumar serviço em vários lugares e tocar o barco prá frente. Tô aqui em São Paulo, falar a verdade, tenho vontade de ir pro Norte, mas, da minha parte, eu não tenho o que falar mal de São Paulo. Falar a verdade prá você, eu não tenho o que falar mal de São Paulo.

E habitação, a poluição que o pessoal fala, e as outras condições de vida? Porque é diferente do Norte?

Manoel - Aqui é um lugar muito bom, mas o Norte, já nesse caso, é melhor. Não sei se é melhor pro pessoal de lá ou se é pro pessoal daqui também, que o Norte, ele não tem essa poluição que tem aqui. Você vê lá no Norte tem aqueles rios, você vê muito bem, as águas daquele rio, que tem no Norte, é umas águas pura. Aqui o rio que tem é esgoto. Então, tem essas fábricas, tem metalúrgica, é tem, química, porque aqui tem muita poluição. Entendeu? Então, você mora perto duma fábrica, mora perto de um rio, tem aqueles esgotos do rio, tem aquela poluição da fábrica. Então, o que a gente nordestino fala é isso. O cara que mora aqui em São Paulo, se ele tiver de viver, bom, no nosso modo de pensar, se ele tiver de viver lá no Norte, vamos supor, setenta anos de idade, aqui a gente calcula mais ou menos viver cinquenta.

Diminui então?

Manoel -É, diminui

Mas por que?

Manoel - Ele diminui mais ou menos uns vinte anos. É, modê a poluição. Porque no Norte, você sabe, a gente respira um ar agradável, não tem aquela poluição. Você trabalha na lavoura, aquele solzão quente, mas não é ofensivo como você trabalhar dentro de uma firma, certo que é na sombra, trabalha dentro daquela firma, aquela química, é, é o cloro, é o tiner, o polietileno que tem, tudo isso são produto químico. A tinta. Então, tudo isso são produto químico, então, faz mais mal a você trabalhar numa firma, que contêm esses produtos, todas firmas tem, eu trabalhei nas outras que contêm esses produtos. Então, esses produtos é mais ofensivo do que você trabalhar o dia todinho na lavoura. Porque você trabalhando na lavoura tem aquele sol, aquele sol quente. Mas ele vai fazer menos mal prá você do que o produto, do que a poluição daqui. É, justamente o cálculo que a gente faz de que a pessoa tá no Norte e lá viva setenta anos, você tá aqui em São Paulo e...

Você acha que o serviço aqui envelhece mais cedo a pessoa do Norte?

Manoel - Não, não, o serviço já dá mais vantagem prá gente de que lá no Norte. Você vê, eu sou um homem que vou fazer vinte e nove anos de idade no dia três de outubro. Aí eu falo pros meus colegas: olhe, eu sou um homem que é difícil uma pessoa prá falar a minha idade certo. Bom, eu falo prá eles, então fala a minha idade certa. Você tem trinta e cinco anos. Outros falam: você tem quarenta. Eu digo: não é nada disso. Eu vou fazer vinte e nove anos ainda no dia três de outubro. Então, o que disso aí é, trabalhar bastante... na lavoura. Sobre esse negócio de eu ficar velho, lá você fica mais velho, assim, no serviço mesmo de agricultura do que aqui. Porque, lá você trabalha no sol, fica uma pessoa com uma pele

seca, uma pessoa... toda estragada. Aqui não, a pessoa trabalha na sombra e...

É mais a saúde que estraga?

Manoel - Tudo. Aqui o que estraga rápido é a saúde.

Mas a fisionomia, não?

Manoel - Não, é a fisionomia não, sempre conserva

Então, você quando você veio de lá foi um sofrimento, sair de lá, foi difícil?

Manoel - Foi meio difícil porque da minha família mesmo ninguém concordava que eu viesse.

Aí quando você chegou, foi fácil de se adaptar ou você teve vontade, deu aquele desespero, vontade de voltar..

Manoel - Não. Eu não dava vontade de voltar, porque, prá mim voltar, né... ter vindo prá São Paulo e voltar no mesmo mês ou dois meses que eu tinha vindo embora prá cá, aí, eu achava, prá mim que é uma desmoralização, sabe! Porque eu sair da minha terra, vim prá São Paulo, ficar bastante tempo aqui, pelo menos dois anos, porque... aí chegar e com um mês ou dois e voltar prá trás, isso prá mim, eu achava um negócio muito estranho, e eu não voltava, falar a verdade.

Você nunca pagou aluguel? Você sempre morou aqui... construiu e morou aqui?

Manoel - É, sim.

Você prefere do que pagar aluguel, você sempre preferiu assim? O aluguel é meio pesado?

Manoel - É, o aluguel é meio pesado. Desde que eu cheguei até certo tempo eu não tinha uma boa condição de pagar aluguel, sabe, porque o reajuste tá muito pesado. Aqui o aluguel é pesado. Então, hoje em dia caro como tá, a inflação do jeito que tá, o custo de vida do jeito que tá, eu já tenho condições de pagar aluguel, não demais. Mas condições de pagar

aluguel aí de dois cômodos é cinquenta ou cem mil cruzeiros, eu já tenho.

Então, você acha que vale a pena, você sair daqui (residia em uma Favela, no município de Santo André, SP) prá pagar aluguel?

Manoel - Não, é cansativo, mas, eu tenho ideia de sair e pagar um aluguelzinho, por enquanto...que eu também não sei até quando... porque eu sou homem...

Por que você acha que gosta de gastar um pouco ou você acha que uma casa alugada fica com condições melhores de viver?

Manoel - Não, é porque, é justamente você sabe, é um sufoco, é um sufoco, é que eu quero morar perto daqui. Então, eu pretendo morar aqui perto.

Você não preferia com o dinheiro do aluguel, vamos dizer, guardar na poupança para poder voltar, do que... não prefere?

Manoel - Não, se desse prá mim ganhar era uma boa. Era uma boa, uma boa. É uma boa, mas justamente, eu quero vender aqui e pagar um aluguél porque qualquer tempo eu quero visitar aqui... Então, eu pagando oitenta mil cruzeiros de aluguél de dois cômodos, então, vai ficar ...

Sobrando trinta.

Manoel - Trinta mil cruzeiros. Então, aqueles trinta, eu não tiro. Já fica lá. Então, trinta mil cruzeiros, dá seis mil, então no próximo mês já tá oitocentos e trinta e seis mil cruzeiros. Então, vai indo prá frente um pouco, mesmo devagar, mas, vai indo prá frente. E se a firma mandar eu embora, eu já retiro o meu dinheiro de lá, pego minha indenização da firma, aí dá prá mim ir embora sem preocupação nenhuma.

Já tá fazendo os planos para ir embora?

Manoel - É, tô fazendo meus planos, mas também eu tô muito preocupado, eu não tô muito preocupado prá sair daqui não. Só, se caso

me mandar embora porque também lá eu tenho meus amigos. Porque esses dias mesmo foi mandado nove amigo meu da minha seção.

Da sua seção?

Manoel - Nove amigos meus. Eu fiquei até assim, hoje eu vou também, eu sei que eu vou. É, mas ainda tô lá.

Qual é o critério assim, deles mandarem embora? Não tem critério?

Manoel - Tem sim.

É mais ou menos o que?

Manoel - O critério é esse que, não tem serviço.

Não tem serviço, então, porque você não vai embora? Porque você não foi?

Manoel - Bom, eu não fui ainda, certo, que todos os amigos que foram embora são uns homens trabalhador, sempre levaram, como se diz, com o regulamento a altura. Trabalhava direitinho, não dava cano. Justamente é o que eu faço. Eu não sei, falar a verdade, eu acho que eu não fui ainda porque eu sou homem que eu trabalho. Eu trabalho bastante. Se tem serviço é como se diz, eu mostro, mostro o que sou. Entendeu? E se não tem serviço, eu fico parado. Aí também não é culpa minha. Entendeu? Porque, muitos amigos meus que foram embora, justamente por essas coisas, que, tanto fazia bastante, se tivesse serviço, tivesse que eles faziam as horinhas, entendeu? Eu já não sou assim: se eu tenho serviço, eu trabalho, não precisa o chefe tá no meu pé olhando eu trabalhar. Não, eu faço, eu cumpro o meu regulamento certo, não precisa ninguém tá me olhando, me dá um serviço prá mim fazer, eu faço. Se não tem, também eu fico parado, não é culpa minha. Então, também não dou cano, não chego atrasado, que eu tenho uns seis anos de firma. No dia dezesseis do mês que vem vai fazer cinco anos e meio de firma. Nesses cinco anos e meio de firma, uma vez cheguei atrasado cinco minutos.

É isso aí que você fala que o que tem que ser feito em São Paulo?

Manoel - É, o que tem que ser feito é isso aí. É ser trabalhador, mostrar o que é, porque... você sabe, todo homem tem que ser trabalhador. Entendeu? Tem que ser trabalhador. Então é, o que é prá ser feito é, trabalhar direitinho, não dá cano no serviço, não chegar atrasado, é não recusar serviço, o que o chefe manda você deve fazer. Tudo que ele mandar fazer, você faz. Então, aí é um sofrimento porque, você, às vezes tá fazendo um serviço, o cara chega: não, faz... vai lá e faz isso. Aí eu tô trabalhando, não, mas eu quero que você faça aquilo lá. Então, você tem que deixar seu serviço e fazer aquilo que ele quer. Então a humilhação que vai acontecer é isso. Porque lá no Norte o cara tá trabalhando, o cara tá capinando o mato, chega outro: vai fazer esse... não, eu vou fazer o meu mesmo que eu tava fazendo e acabou. Entendeu? Então, você pega, entra no mato, chegando, só é aquilo, lá. Você tá brocando o mato, só é aquilo lá, você tá roçando mato, só é aquilo lá, se tá plantando também, só é aquilo lá, se tá colhendo ou lavrando ou plantando milho... é assim. Aqui não é assim, não. Tem dia que eu trabalho em dez serviços. Tô fazendo um serviço, trabalhando naquilo aí. Faz aquele outro. Tudo bem, tô fazendo uma coisa, chega e diz: vai fazer aquele outro lá, MC. Eu: tudo bem, vou. Então, a humilhação que o cara vai passar é isso, entendeu? Se tá chovendo você tem de ir, se você tá doente ou se você não vai trabalhar, você tem de ir ao médico, você tem que levar a justificção porque você não foi. E lá no Norte não é assim, se tá chovendo, você fica em casa.

Você veio com ilusão para São Paulo?

Manoel - Eu não vim com ilusão, porque eu já sabia como que era. São Paulo, eu já tinha vindo uma vez. Eu passei dez meses aqui. Então, eu não vim com ilusão, não, eu já vim sabendo o que era São Paulo, e outra, que São Paulo é uma terra que... e tá bom, falar a verdade, eu não tenho o que falar de São Paulo. Eu falo assim dessa humilhação, tudo bem, quem

trabalha de empregado ele é humilhado mesmo, mas prá falar mal de São Paulo, eu, eu não falo não. Eu gosto de São Paulo, é verdade... gosto muito da minha terra, tem vontade de ir embora que eu sou nordestino, o meu ideal é o Norte mesmo, mas, eu não tenho o que falar de São Paulo, não. O meu conhecimento aqui é bom, graças a Deus, tem meus amigos, tem minha confiança. Entendeu? Quase igual ao Norte eu já tenho.

Então eu vou falar prá você, eu não falo mal de São Paulo, prá mim é uma boa terra São Paulo é...

Não, eu digo nordestino, não é falar mal de nordestino, é o nordestino quando vem para cá traz uma porção de ilusão... chega aqui é tudo diferente. Você sabe que é, né?

Manoel - É, porque a maior parte do nordestino, não é todos, né, o nordestino fala: não, eu vou prá São Paulo, o ano que vem eu volto rico. É, é isso aí. Aí chega aqui, quer dar uma de gostoso... aí viver numa boa. Não. O cara que tem de vir e pegar aquilo na ideia, ver como que é São Paulo, trabalhar, economizar o possível, ver se faz alguma coisa na terra dele, se ele não tem lá no Norte, dar um pulinho lá e falar: não, eu sofri bastante em São Paulo, trabalhei bastante...na chuva, no sol...trabalhava humilhado, sofri bastante, mas hoje eu vim pro Norte... mas tenho o meu canto.

E se nunca conseguir alguma coisa, você volta? O nordestino, né? Talvez não seja tão fácil de conseguir alguma coisa. Todo mundo, você acha que dá para conseguir?

Manoel - Não consegue quem não quer, falar a verdade prá você. Não consegue quem não quer, mesmo na época que nós tamos hoje em dia. Tá ruim prá emprego, tudo bem, certo, eu concordo, mas, o cara arranja serviço numa firma, tá ruim prá emprego, mas, mesmo assim, a gente ainda arranja serviço. O cara entra numa firma, trabalha direitinho, trabalha muito, chama prá fazer hora-extra. Se não dá prá ele juntar

dinheiro do que ele ganha, se não dá prá ele botar na poupança, ele faz todo possível de passar um ano ou dois de firma, três anos, cinco anos como eu tenho, um dia quando ele sair que pegar aquela indenização, que chegar no Norte, ele ainda dá prá conseguir alguma coisa. Por isso que eu falo prá você que eu, eu não detesto São Paulo, não. Prá mim é um lugar bom... ainda consegue.

Mas você acha que consegue? Para ficar aqui não dá mais, né?

Manoel - Prá ficar aqui, hoje em dia, na época que nós tamos pro cara conseguir alguma coisa hoje em dia aqui é meio difícil.

Nota

4. Ver, por exemplo, todo o debate pós-colonial sobre a escrita etnográfica.

1) O BOM DO SERTÃO É A LIBERDADE

Jurani Clementino

“A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro...” (Grande Sertão: Veredas, p. 243)

Sertão é uma palavra bonita. Lembra a saudade expressa nas músicas de Luiz Gonzaga. Aqueles versos rimando sertão com paixão, emoção, canção, coração.... Remete ainda ao jagunço Riobaldo do romance “Grande Sertão: Veredas” de João Guimarães Rosa, dizendo que o sertão é do tamanho do mundo. Que é uma coisa que está dentro da gente. Que é confusão em grande e demasiado sossego. Que é quando menos se espera. Enfim; “Sertão é isso: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados” (Rosa, 1986, p. 249).

Na literatura sobre migração, bem como nos relatos de pessoas que vivenciam esses deslocamentos, é recorrente a expressão de que o sertão é lugar ideal para exercer a liberdade. Como se nesse espaço real/imaginário não houvessem horários a cumprir, tarefas a fazer, patrões a fiscalizar suas atividades rotineiras etc. O dia a dia da cidade de São Paulo aparece nos relatos dos migrantes nordestinos enquanto lugar de oposição a este sertão imaginário, e sua vida aparentemente fácil. Se viver no sertão é sinônimo de liberdade, residir em São Paulo significa “bater cartão”, trabalhar dia e noite, dormir pouco, cumprir longas e exaustivas jornadas de trabalho, fazer hora-extra, etc.

Nos relatos do senhor Agnaldo – 65 anos, pai de onze filhos, paraibano do município de Bonito de Santa Fé –, e de seu filho Augusto – 26 anos, casado, pai de três filhos –, essa percepção é recorrente. O pai que embora tenha experiências migratórias no passado, transitando entre os estados de São Paulo e o Paraná, retornou ao sertão da Paraíba e alimenta um sonho de construir um açude para solucionar o problema da

seca. “Se tivesse água podia plantar tudo, verdura, banana...”. O filho que migrou para São Bernardo do Campo (SP) em 1987 – mora com a família numa casa medindo dez metros quadrados –, cumpria duas jornadas de trabalho por dia: das seis da manhã à uma da madrugada.

Nesses relatos familiares, separados pelo tempo e espaço, mas unidos por laços sanguíneos e pela experiência migratória é possível evidenciar temas comuns na literatura sobre migrações (Menezes 1985, 2002; Clementino, 2019; Dornelas, 2001; Fontes, 2008), e experienciados no cotidiano por esses trabalhadores como o custo de vida e inflação: “Ganha dinheiro, mas não dá pra nada”; as condições de trabalho e a falta de apoio governamental: “se o governo cuidasse do Nordeste, todo mundo ia embora pra lá”; estratégias de dominação patronal disfarçada de amizade: “o patrão é muito legal comigo”; além dos discursos e imagens dos migrantes, influenciando a migração entre os nordestinos: “chegando lá, um sapato, uma roupa melhor... fala que tá bem de vida, que o cara tá ganhando muito dinheiro”. Essa espécie de rede de contatos e ajuda mútua aparece comumente nesses relatos, efetiva-se através dos contatos entre amigos e familiares e estimula/fortalece a migração.

A existência de uma rede influenciando o processo migratório está presente em diversos trabalhos sobre o tema: Durhan (1978); Menezes (1985; 2002), Dornelas (2001), Fusco (2001), Costa (2001), Fontes (2008), Sarti (2011). Nestes trabalhos, o estímulo para a intensificação do processo migratório pode ser percebido através de uma rede de contatos entre os presentes e os ausentes. O retorno dos que migravam, a emissão de cartas e notícias de São Paulo estimulavam os moradores que estavam ainda em seu lugar de origem a buscarem alternativa de sobrevivência.

Seu Agnaldo, por exemplo, fala que recebia cartas do filho todos os meses. Que ele (o filho) enviava dinheiro e sempre o convidava para morar em São Paulo. Convites sempre recusados: “Eu não quero deixar o que é meu para ir no que é dos outros”. Além de não achar certo deixar sua terra e ir para a terra dos outros, senhor Agnaldo acreditava que São Paulo era lugar de gente nova “eu já tô no fim da vida”.

Também podemos perceber, especialmente no relato de Augusto, aquele estereótipo do nordestino como homem devotado ao trabalho. Como se ele fosse a expressão da força, da coragem, da disposição... quase uma máquina humana. Reforçando aquela famosa frase de Euclides da Cunha em *Os Sertões*, ao comparar aquele homem “do interior” com os tipos do litoral: “O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (Cunha, 1984, p. 66). Veja o que nos diz Augusto sobre o nordestino e o acesso ao trabalho em São Paulo: “Se falar que é nordestino, o cara não faz nem ficha, já entra direto”. Isso me fez lembrar uma experiência pessoal vivida em 2002 quando migrei do estado do Ceará para São Paulo em busca de emprego. Minha “aventura” por São Paulo consistia, entre outras coisas, em arrumar um bom emprego, que me pagasse um bom salário e oferecesse condições de sobreviver e ajudar minha família. Inicialmente eu iria ficar morando na casa de uma tia minha e não precisaria pagar aluguel ou outras despesas como água, luz e até alimentação. Uma rede constituída por familiares de primeiro grau também me auxiliaria na aquisição de um trabalho.

Chegando lá, percebi que não havia levado comigo a Carteira de Trabalho e Previdência Social (CTPS). Esse era um documento fundamental na hora de realizar os cadastros nas agências de emprego ou bater nas portas das empresas atrás de trabalho. Lembro-me, nitidamente, que fui encaminhado pelos próprios migrantes – familiares – a um desses centros de documentação chamado “Poupatempo”, situado

em São Bernardo do Campo. Mas antes disso, um dos meus primos falou em tom de lamento: “Jurani, é uma pena que você não esteja com sua carteira de trabalho tirada lá no Ceará, porque ‘os cara’ aqui – referência aos empregadores – gostam quando tem na carteira que você é do Nordeste sabe?!”. Estranhei aquela observação e perguntei os motivos, mesmo desconfiando das razões. Então fui informado que a origem nordestina equivalia a uma mão-de-obra bastante responsável, dedicada e que não tinha preguiça. Eram trabalhadores que estavam ali para “dar duro sem reclamar”. Ou seja, a condição do nordestino, institucionalizada num documento oficial, “abria” portas de trabalho e “facilitava” a vida desse migrante em busca de emprego (Menezes, 2014). Discursos geralmente consagrados pela mídia “(...) de que os nordestinos seriam os trabalhadores por excelência, aqueles que teriam erguido São Paulo, sem os quais não haveria Acre ou não haveria Brasília” (Albuquerque Junior, 2007, p. 125).

Mas o filho de senhor Agnaldo também acredita que São Paulo é uma ilusão: “Os ônibus trazem o povo do Nordeste enganado e leva os arrependidos”. Augusto reconhece que nem sempre existe a garantia de um “bom emprego” ou de um emprego qualquer. E isso faz com que o migrante se submeta a todo tipo de trabalho. “O nordestino pega o que tiver”. Os relatos migrantes evidenciam o desejo de retorno. Esse é, aparentemente, a condição de existência dos migrantes. Por exemplo, quando realizei a minha pesquisa de doutorado com migrantes do município de Várzea Alegre (CE), em São Paulo, ouvi muitas histórias de gente que havia deixado Várzea Alegre há décadas e alimentavam, ainda, cotidianamente, o desejo de retornar. Percebi também que muitas vezes essa vontade de retornar se traduz em investimentos materiais, sociais e simbólicos como, a construção de casas, a aquisição de animais: gado, porco, ovelhas, etc. Isso tudo alimenta essa presença do migrante na

origem e dão uma expectativa de um possível retorno. A condição provisória do migrante faz com que ele também adquira pequenos pedaços de terra, geralmente na cidade (zona urbana) para construir uma casa, compre veículos automotores (carros ou motos) e deixe-os aos cuidados da família: pais, irmãos e tios.

Quando eu perguntava “E tua casa lá no Ceará, tem alguém morando? Eles respondiam: “meus pais tão olhando”. Para os pais desses migrantes, “olhar” tais construções significa muito mais que olhar – é o mesmo que cuidar, zelar, administrar, já que os filhos estão ausentes. Contudo, essa ausência física contrasta com a presença simbólica daquelas residências ali construídas. Elas transmitem a ideia de que os filhos e seus netos, mais cedo ou mais tarde retornarão. Até mesmo quando os parentes desconfiam dessa volta definitiva, reforçam a ideia de que ela possa acontecer um dia: “Eu sei que ele não vem cuidar dessas coisas que ele tem aqui, mas se um dia vier, quero que encontre tudo bem direitinho”. A casa simboliza essa condição provisória do migrante que vai se prolongando indeterminadamente.

Nas entrevistas que veremos a seguir, essa conexão entre Nordeste e Sudeste, entre a Paraíba e São Paulo, se dava, à época, através de cartas e retornos de familiares e conhecidos. Mas tanto o pai quanto o filho alimentam a ideia do sertão enquanto um lugar marcado pela saudade e por boas lembranças. O filho Augusto, em São Paulo, possui uma rotina marcada basicamente pelo trabalho. Se o “Nordeste é incerto”, São Paulo não parece ser sinônimo de garantia alguma, já que, nas palavras do próprio migrante “a pessoa ganha pra viver”. Ah, se Guimarães Rosa (1986, p. 249) disse que “Sertão é quando menos se espera”, o mesmo autor, diz no mesmo texto que “O sertão é uma espera enorme”.

7.1) Entrevista com Agnaldo, pequeno proprietário, 1983

Agnaldo nasceu em 1918; Pequeno proprietário, Bonito de Santa Fé/PB. Tinha 65 anos em 1983, casado 11 filhos, com idades de 14 a 42 anos. Sete migraram para a região do ABC, São Paulo, e quatro moravam na propriedade do pai.

Entrevistadora: Marilda A. Menezes, fevereiro de 1983.

Como é assim a terra?

Agnaldo - É terra boa, tem terra de baixio, de carrasco, mas tudo terra macia, tudo terra de enxada, boa de trabalhar, né

Tem açude na propriedade?

Agnaldo - Home, eu tenho começado, né!. Eu comecei a fazer um açude pela emergência, tô com vontade de fazer um negócio pra terminar, porque não terminei, mas vou terminar se Deus quiser. Pelo rio não passa não, porque choveu agora, e meu açude encheu e tomou a estrada, agora o açude só tá começado, se eu terminar ele, aí o Bonguinha (nome do Sítio) fica rico, porque tem umas 300 braças de terra de sítio, aí se eu conseguir fazer o açude, quer dizer que no município não tem nenhum do tamanho dele

O que o senhor produz?

Agnaldo - milho, feijão, algodão, arroz é pouco, mas tem terra própria prá arroz, onde tem estes açudes tudo é terra de arroz

Os produtos que o senhor colhe é tudo para dentro de casa ou vende alguma coisinha?

Agnaldo - Não, vende não. Só dá prá o consumo mesmo. Porque gente véio na minha idade, só trabalha prá o consumo, a gente diz que que trabalha, mas a gente tá só bulindo, só pra dizer que tá entretendo.

Assim, para compra os outros produtos de casa, o senhor consegue dinheiro como? O senhor não vende nada?

Agnaldo - É as coisas é arroz, carne...é dinheiro da aposentadoria, meus menino manda (se refere aos filhos que estão na região do ABC –

SP) pra cá, esta aposentadoria vem de lá já há muito tempo

Todo mês eles mandam?

Agnaldo - é todo mês

E se não fosse este dinheiro, Sr. Antonio?

Agnaldo - Aí o véio não tava aqui, eu já tinha morrido.

Ajuda muito então?

Agnaldo - Ajuda um pouco, né? A gente se esforça daqui, de acolá, dá prá quebra um galho, mas se não fosse o adjutório de meus filhos, quer dizer que eu sofreria mais do que sofro

O senhor tem gado na propriedade, bode (macho da cabra)?

Agnaldo - Não, eu tinha um gadinho, 5 reis, eu vendi pra pagar um negócio no banco, que até isso eu deixei de fazer, já bateram prá eu fazer agrícola e eu não quero mais de jeito nenhum, eu não posso mais trabalhar, prá que, eu vou fazer? se faço um negócio prá eu fazer meu açude, por este eu vou pagar com chuva, porque tem 2 anos de carência, pros filhos paga não, eu já tô no fim da vida

Viu, qual é na opinião do senhor sobre os problemas aqui da área?

Agnaldo - Os problemas aqui é o seguinte, que eu deixei de conseguir um negócinho no banco, porque hoje ninguém acha ninguém prá trabalhar, aí eu não vou fazer negócio no banco, pega o dinheiro sem aplicar ele. Porque hoje todo mundo é empregado nesta emergência, agora não, que eles liberaram a metade da semana, né, mas até a semana passada só tinha um dia por semana. Aí eu chegava em casa com o dinheiro do banco, ia fazer o que com ele? Aí os problemas é assim, e a seca, né, que é o mais terrível, porque já tamos com 4 anos, pode-se dizer. Se não acudir logo, tem lavoura, tem roça nova, por todo canto aí plantado, sem ter tudo zelado, porque ninguém acha ninguém prá trabalhar, né. É todo mundo empregado na emergência, aí não pode

deixar lá. No dia que tem a folga da emergência, aí de se ir prá roça ganha dinheiro, aí vai pra rocinha dele, né.

E quando há inverno tá tudo bem?

Agnaldo - Ah! Quando há inverno tá tudo bem, a gente tem aquela satisfação, tem saca de algodão, tem saca de feijão, mas sem inverno, criatura aí é tudo fraco, né.

O senhor acha que falta de terra não é problema aqui?

Agnaldo - Não, não senhora.

Aqui a maioria do pessoal é proprietário, ou não tem terra?

Agnaldo - Aqui a maioria do povo quase todo é proprietário, porque aqueles que não são proprietário, mas os pais são, aí é o mesmo caso.

E o pessoal que não tem terra tá na mesma situação que o senhor?

Agnaldo - Não, quem não tem terra as condição é mais difícil, porque vai trabalhar no que é dos outros.

Então o senhor tava falando que preferia que eles ficassem lá porque aqui não dava nada?

Agnaldo - Era assim porque, porque quem tá lá não volta de jeito nenhum. Lá é tudo mais simples, porque lá todo mundo vive do emprego.

O senhor gostaria de mudar pra SP?

Agnaldo - Eu já fui lá umas 10 vezes, prá passear.

O senhor acha que eles deveriam voltar prá cá?

Agnaldo - Eles não voltam, não. Eles falam prá mim.

Outubro de 1983

Entrevistadora Marilda A. Menezes

Da outra vez, o senhor disse que estava construindo o açude e estava tão animado?

Agnaldo - É, mas parece que não vai dar.

E o senhor estava construindo com recurso próprio?

Agnaldo - Eu comecei com a emergência e daí fiz um melhoramento.

Quantos homens a emergência forneceu para trabalhar?

Agnaldo - Era 70 e poucas pessoas, trabalhemos só 2 meses. Depois consegui melhoramento de quase 200 mil (salário mínimo em novembro de 1983: Cr\$ 57.120,00), mas que aqui não dá nada, porque os gastos aqui é muito forte.

Este melhoramento o senhor conseguiu pela EMATER ou pelo banco?

Agnaldo - Pelo banco direto.

Por que a emergência trabalhou pouco tempo?

Agnaldo - Porque foi cortado, aí eu fiz este melhoramento para então entreter, mas o povo aqui...

Depois o senhor irá novamente terminar o açude pela emergência?

Agnaldo - É, fui lá no escritório da Sudene em Cajazeiras depois de tudo certinho, eles que falaram que estava tudo certo, que eu podia ficar tranquilo que eles vinham aí retirar a planta do açude.

E aí não continuaram?

Agnaldo - Não, eu não sei porque, porque eles tomaram todos os apontamentos lá.

O engenheiro chegou a vir aqui?

Agnaldo - Não, ele falou que ia ver o alistamento e depois vinha, eu podia ficar tranquilo que o açude ia ser feito. Eu tava alegre mesmo, rapaz... dizendo agora o açude vai mesmo.

Quando foi que o senhor foi em Cajazeiras?

Agnaldo - Foi agora. O mês passado.

Mário - (Sobrinho do senhor Agnaldo estava presente na entrevista, ele tem uma terra de herança próximo): Por exemplo, eu morava aqui, não existia água aqui, às vezes existe outras localidades que há mais diferença para o governo fazer, por exemplo o Viana, naquela época o pessoal desejava um açude ali, como tem mais habitantes se interessaram mais por lá depois disto vem a Piedade, não é povoado, mas

já tem um vereador, quer dizer você tem um conhecimento. Eu não tenho, tudo para você é mais fácil, você sabe procurar, sabe cavar, tudo para seu benefício.

O senhor não falou com nenhum político?

Agnaldo - Não, falei para o prefeito antes de eu ir a Cajazeiras, fui a Bonito e falei para o doutor Antônio para ele me ajudar, ele me disse pode estar tranquilo, porque eu vou dar conta mais do que você.

O senhor acha que isto daí não veio por influência de político que levou para outro lugar?

Agnaldo - Não, não sei. Mas tem sempre uma influênciazinha, não tem? Não, não deixa de não ter, vamos fazer um exemplo, uma família quer fazer comida e vamos dizer que tem bastante criança, primeiro ela vai atender os seus filhos, não vamos dizer que não atenda todos, então quem está com o poder nas mãos vai beneficiar primeiras pessoas que mais gosta. Eu não estou dizendo que nós não somos queridos pelos políticos, mas tem localidade que tem se beneficiado mais que nossa parte, nós temos o direito, mas começou e não terminou porque na minha opinião não tem ninguém que trabalhou mais para o prefeito aqui no nosso sítio, todos aqui foi do partido dele, então eu achava que ele podia ter me ajudado mais, eu poderia ter ficado mais satisfeito, não era? Aí quer dizer que o meu açude se eu conseguir construir ele, quer dizer que tudo isto a gente conseguia.

Quais eram os planos do senhor com o açude? O senhor estava construindo o açude para poder irrigar?

Agnaldo - É.

Como pensava irrigar?

Agnaldo - Com um motor.

O senhor pensava em comprar um motor também, como era que dava para comprar um motor?

Agnaldo - A gente faz um financiamento no banco, se eu ainda fizer o açude eu compro motor.

Ainda vai tentar conseguir construir o açude?

Agnaldo - Eu vou tentar ainda, porque eu sou teimoso.

Que meio o senhor vai usar? Vai falar novamente com a Sudene? Ou não adianta mais?

Agnaldo - Eu ainda vou lá, aí o negócio é a gente tentar três, quatro vezes. Se eles estão por dentro da política eles andam 10, 12, 15 vezes na casa da gente.

O senhor tem intenção de fazer outras melhorias na propriedade?

Agnaldo - Não, não, é mais o açude de aguar a terra, daí eu podia conseguir plantar de tudo, planta banana, verdura. No meu baixio só tem quatro pé de coco, tinha muita mangueira, mas adoeceu, acabou tudo, ficou só um pezinho.

E equipamento para a propriedade, o senhor tem intenção de comprar?

Agnaldo - Se a gente conseguisse construir o açude, a gente podia conseguir tudo isto.

Então o senhor acha que com açude dava para a propriedade ir para a frente?

Agnaldo - Acho não, tenho certeza, olha se fosse rico, aí quer dizer que dentro dos nossos sítios aqui, ninguém tinha mais, porque se tem açude aqui, aí é como se diz moagem aqui, começa em mês de junho e até dezembro moendo cana.

Tem engenho na propriedade do senhor?

Agnaldo - Não, é na propriedade do meu pai.

O senhor preferia lutar com pecuária ou agricultura?

Agnaldo - Eu preferia muito pecuária.

O senhor vai tentar no banco?

Agnaldo - Vou (o sobrinho orienta o tio prá fazer negócio no banco para a pecuária). Na minha propriedade dá para criar umas 40 cabeças, sem trabalho nenhum, só com o pasto nativo.

Quer dizer que agora o senhor está mais animado com a pecuária? Vai virar pecuarista! Eu perguntei ao senhor o que era mais importante para a manutenção da família? Se era o fato dos filhos migrarem para São Paulo ou se era o crédito?

Agnaldo - Olha o crédito é bom, mas o São Paulo para quem é novo e não tem a propriedade é São Paulo, olha eu acho ruim que meus filhos que está em São Paulo, eles não quer vir mais trabalhar aqui, porque lá eles tem a vida deles diferente daqui, porque lá o aperreio é mais pouco, e aqui se eles tivesse um pedaço de terra, dava para conseguir um negócio no banco e dava para ir levando a vidinha deles.

No caso eles teriam a propriedade deles mesmo para trabalhá, E mesmo assim não quiseram ficar?

Agnaldo - Não, não quiseram, eles acharam que São Paulo dava para eles fazer uma vida melhor do que aqui. Se fosse uma propriedade grande que rende-se muito, aí eu podia fazer uma negociação bem grande, aí servia, tudo ficava bem servido, mas sendo pequena, não posso fazer negócio grande, só posso fazer se for pequeno. As 150 tarefas que eu tenho, aí nós acabemos tudo, exploramos tudo, aí não dá para tudo trabalhar. Quando era nós só, só a minha família, ainda dava para se manter.

Sem casar?

Agnaldo - É, sem casar, depois que casaram, aí aumentou mais a família, aí a terra é pouca, e não dá para... né. Não dá para o custo de vida de tudo.

Então o motivo deles terem ido é porque a terra é pouca?

Agnaldo - É a terra é pouca.

Quando eles decidiram ir para São Paulo, eles falavam isto?

Agnaldo - Falavam muito, ainda hoje falam.

Quando eles foram, não tinham esperança de lá conseguir dinheiro e comprar mais terra?

Agnaldo - É, é muito difícil. Se um dia eles decidirem, mas hoje eles estão se arranjando por lá.

Hoje é mais vantagem eles ficarem por lá?

Agnaldo - Eu acho mais vantagem eles ficarem por lá, porque lá a Senhora sabe que São Paulo é diferente daqui para o custo de vida. As cartas deles que vem todos os meses, o mais certo é eles ficarem lá mesmo. É melhor do que tá aqui para sofrer só mesmo, só basta eu tá aqui amarrado.

O pessoal que sai daqui, sempre vai à São Paulo?

Agnaldo - É sim, os que saíram daqui está tudo em São Paulo.

E faz muito tempo que sai gente daqui e está em São Paulo?

Agnaldo - Ah! Faz tempo, homem! já faz muito tempo, mais ou menos 68, sai para ir à capital mesmo. O que eu consegui em São Paulo, Paraná em 4 a 5 anos dava para comprar quase o Bonguinha todo. Naquele tempo a gente ganhava e mais tinha a ajuda de custo, até o cigarro aquela firma me dava, sendo que aqui mal dá para comer. De São Paulo ao Paraná, são todos os 2 bons.

Você acha que vale a pena o povo sair daqui ir para São Paulo?

Agnaldo - vale a pena

E hoje ainda vale?

Agnaldo - Ainda vale que é onde o povo está escapando mais ou menos

O que eles contam de hoje lá?

Agnaldo - Eles contam que vive passando mais ou menos, chamando eu para morar lá, para eu deixar de trabalhar e eu não quero deixar o que

é meu para ir no que é dos outros. Aí não sei se eu estou errado, se eu tiver a Senhora mesmo pode falar.

Manoel - o campo até os reis quer viver, porque vamos dizer na cidade eles não vivem sem alimentação, agora existe muitas coisas que o povo está fazendo fora do entendimento, por exemplo há muito lugar que tem muita habitação, enquanto tem outras áreas do Brasil desocupada sem produzir nada, é isto que eu acho que na agricultura está acontecendo isto. O Brasil está sem a metade de aproveitamento para a produção, que tem condições de sustentar não só o Brasil, mas várias outras nações, enquanto isto fica Paraíba, Ceará, Rio Grande do Norte e outros estados que tem muita gente e aquelas áreas lá abandonada, porque as pessoas que tem condições de viver lá na cidade como empregado pode ir à cidade, agora os que não têm deve procurar cada um no seu lugar. Como meu tio falou agora há pouco, aqui já não tem mais condições. Enquanto era somente ele casado novo, meu pai, meu tio, tinha condição de viver aqui, mudaram porque não dava mais, mas tem outras regiões do Brasil, que se o povo ajudasse e ponha-se na cabeça do povo, tem muita gente que não quer saber de melhorar a vida, quer ficar aglomerado tudo num lugar só. Não tem aquela coragem como os antigos tiveram de formar estado, de formar lugares abandonados.

Os lugares seriam onde?

Mário - Ah, tem quase a metade do Brasil, o Amazonas, Pará.

Mas o governo dá condições do povo ir morar lá?

Mário - Desde que a pessoa queira eles estão ajudando, tão dando, 21 alqueires, 42 alqueires, para a pessoa trabalhar na Amazônia, Acre, Rondônia, Pará, Mato Grosso. Agora tem muita gente que não vai daqui porque não tem condições de ir. Agora eu acho que se o governo, porque eu não sou nem vereador, que dirá o governo se ele chegasse a fazer isto resolvia o problema do Brasil, aí já me dá vontade de conversar com o

presidente da República nesta parte, não que eu tenha capacidade, de orientar ele, porque está uma crise difícil de se resolver. Porque todos trabalhando ou pouco ou muito, que se colha, há condições de se viver, agora fica num lugar que não tem condições de trabalhar, nada produz porque não está chovendo e vão se segurando com o salarinho baixo, isto não resolve nada. Faz é a nação sofrer, adquire doença, perde o ânimo, perde a felicidade. Como é que você vai ser feliz se não tem nem alimentação suficiente para seu organismo. Teu corpo fica até relaxado, perde a esperança, não aguenta mais nem estudar acho que a primeira coisa é alimentação. Na minha opinião a solução é esta porque tem áreas que tem 5000 casas num lugar, levasse 5000 famílias formasse uma estradinha, cada um desse terra para trabalhar.

Mas o governo tem interesse em fazer isto?

Agnaldo - Eu acho que tem, mas depende da nossa sabedoria, por que é sabedoria vamos fazer um exemplo, tem minério de ouro, de prata sem sabedoria, isto tudo é lixo, você com a sabedoria consegue. Viu senhor Jarbas (outro sobrinho que estava presente na entrevista), o senhor foi em 1968, o senhor conseguiu alguma coisa ainda, este pessoal que foi de alguns anos para cá, está mais difícil de conseguir alguma coisa?

Jarbas - Não, desde que haja interesse de aprender profissão.

São Paulo é o mesmo de 50,60 e de 70 para cá? São as mesmas condições?

Jarbas - Ele está melhorando ainda.

Agnaldo - Mesmo nesta crise São Paulo está melhor do que aqui.

O senhor acha que agora muita gente tem dificuldade de encontrar emprego em São Paulo?

Agnaldo - São Paulo em uns 10 anos atrás todo mundo tinha emprego à vontade, quer dizer que modificou um pouco, tá pior um pouco, muita gente que foi depois de 70, só consegue assim nem se for para comprar

um terreno, só consegue mesmo para comer e viver. Me parece, e o pessoal tem me falado que as condições estão piorando, nos últimos, vamos dizer, 8,7 anos para cá?

Vocês concordam?

Agnaldo - Meus filhos mesmo foram de 70 para cá, mas eles mesmo, conta para mim, que não tem terreno mas tem bons móveis, tem conforto para a família, é por isto que eu digo com todo este fracasso que está em São Paulo, está melhor do que aqui.

Os filhos do senhor ainda conseguiram ir bem, o senhor tem conhecimento de outros que foram e não conseguiram ir bem?

Agnaldo - Isto é de vários, tem vários que vai e não se dá bem, às vezes chega lá e a sorte parece que é pouca.

O senhor acha que depende da sorte de cada um?

Mário (Sobrinho): depende da sorte e do interesse de cada um, porque vamos dizer eu nasci e me cuidei aqui no Bonguinha, eu nunca fui num grupo escolar, eu sei ler, escreve e conta. Eu sempre me interessei por aprender, estudar uma profissão. Quando a pessoa estava trabalhando - eu sempre procurei olhar o que a pessoa fazia para mim aprender. Agora se envolve com besteiras, com coisa que não dá futuro. Outros que tem, não sabe valorizar, joga fora. São Paulo para quem quer uma vida de muita grandeza, aí não dá. Mas ganhando 150.000, tendo um controle de cigarro para poder crescer e quando crescer, aí sim usar.

A migração daqui para São Paulo, geralmente o pouco vai e tem casos que o pessoal vai e volta para a época da safra?

Agnaldo - Não, geralmente vai para ficar.

Parece que agora acontece mais do que antigamente do pessoal vai e volta o que será que acontece isto agora?

Mário (Sobrinho): porque o povo acha que o lugar bom de morar é só São Paulo, não tem condição de todos viver de emprego, o Brasil tem

muitos habitantes. Então, quem quer morar em São Paulo precisa primeiro saber se já aprendeu uma profissão ou deixe que a pessoa chegue lá e queira sofrer um ano, dois, estudar, aprender a profissão, tentar realizar a sua vida. Então as pessoas que está indo, tá vendo que o desemprego é grande, deveria primeiro aprender ou então ir para outro lugar que oferecesse uma riqueza, mesmo na agricultura. Porque mesmo eu tendo uma profissão, mas a minha vontade é agricultura ainda, mas a minha vontade é ir para Rondônia, Pará, eu mesmo fazer a casa, o poço, o açude que nem meu vô fez aqui

O senhor acha que o pessoal se dá mal porque vai sem profissão nenhuma?

Mário - Exatamente,

Então o senhor acha que ele só deveria ir quando tivesse uma profissão?

Mário - ou um emprego que tivesse condição.

E quem não tem profissão, não tem condição de viver em São Paulo?

Mário - Não, porque o rendimento para o consumo de cada um é o emprego, lá industrial.

Então o problema deste pessoal que vai vem é porque não tem profissão lá?

Mário - Exatamente, ao invés de melhorar, piora. Se caso ele fosse para um lugar de agricultura, que ganhasse 2 a 3000 ou pegasse terra do governo, porque o governo está fazendo isto, agora a maioria das famílias não estão aceitando, às vezes a mulher, o filho não quer se deslocar da Paraíba, para ir a outros estados, ele quer um lugar de conforto, os assuntos é cidade, é televisão, é rádio.

Existe muito sofrimento no Brasil, no mundo todo que Deus não tem culpa e nem nós estamos procurando resolver estes problemas, porque não escuta; muitas pessoas procura com as próprias mãos e não entende.

Estes meios de vida em São Paulo, qual a diferença?

Agnaldo - Eu acredito que São Paulo é melhor do que aqui, se eu fosse um homem novo, eu não estava aqui, eu estava em São Paulo, porque ela tinha cinco, seis dias que trabalha, porque lá trabalha, o que eu falo sempre é assim que aqui todo mundo trabalhasse, como que vai para São Paulo trabalha, as condições daqui era diferente, lá trabalha de dia e de noite.

Os filhos ajudam?

Agnaldo - Ajudam, todos os meses.

Atualmente quanto eles mandam?

Agnaldo - Tem vezes mandarem de CR\$ 20000 a 30000

Se eles tivessem aqui dava para ajudar do mesmo jeito?

Agnaldo - Não, por isso é que eu digo que São Paulo é diferente daqui, aqui eles podiam me ajudar, mas assim deles ir na minha roça, me dá um dia de serviço, mas outra ajuda não.

Esta ajuda de São Paulo é melhor do que se estivessem ajudando aqui na roça?

Agnaldo - Ah! Isto aí é discutível, eu digo que é porque se eles me ajudassem na roça aqui, mas se nós tivesse um inverno por certo todos os anos, aí boa coisa não era J?, mas que nós tendo inverno este ano, aí já vem dois, três para frente, sem inverno, aí que ajuda poderia dar?

O senhor acha certo homem deixar a sua terra ir para outro lugar?

Agnaldo - Não, não acho, porque se eu achasse que era conveniente eu era um que já tinha ido embora com meus filhos, mas eu para mim, no meu modo de pensar, se a gente se é para ser mandado, é melhor mandar, não é? para quem mora no que é seu, porque para quem mora no que é dos outros, é mandado

Então o senhor acha que para trabalhar de rendeiro, para quem não tem terra aqui, é preferível estar em São Paulo?

Agnaldo - Ele sendo novo, eu achava de acordo, que se é para trabalhar de renda que é melhor São Paulo.

E o que mais o senhor acha que é bom da vida aqui, no Sertão?

Agnaldo - O que eu mais valorizo aqui é a nossa Liberdade porque no dia que nós não pode ir para roça ninguém manda e no sul tem esta desvantagem, porque você lá só vive do emprego e não pode falhar, o dia que estiver chovendo vai e se não tiver vai, que possa ou que não possa tem de ir, enfrentando aquela chuva, aquela geada, aquela história.

Na opinião do senhor para a vida de uma pessoa é mais importante dinheiro ou ter liberdade?

Agnaldo - Para mim é mais importante ter liberdade.

O senhor está satisfeito com o que aqui ganhou para comer, vestir ou que nível?

Agnaldo - Eu sou satisfeito assim se tiver ajuda para mim eu estou satisfeito e se não tiver eu também estou satisfeito.

Ajuda de quem?

Agnaldo - Ajuda de meus meninos, não é? porque tô no que é meu, estou bem tranquilo e se for lá para fora, eu vou na casa de um filho, aí não é que nem eu está aqui na minha casa. A diferença é grande.

Aqui não tinha condições dos filhos do senhor lutarem, vamos dizer assim, como São Paulo?

Agnaldo - aí o pessoal que luta para ganhar salários melhores, uma comparação não é, e aqui a terra é pequena.

O senhor acha que não tinha condição deles lutarem, reivindicarem?

Agnaldo - Eu acho difícil, trabalhando aqui no meu, porque a minha propriedade é muito pequena, aí não dava para eles conseguir para arrumar para dar a mim e ainda arrumar outra, se eu possuísse 500 ou 600 tarefas de terra, cada um podia trabalhar à vontade aí.

E este negócio de reforma agrária que o povo fala. O senhor acha que o Nordeste não dá para acontecer isto, pra, vamos dizer, para o governo desapropriar e dá a alguém que não tem?

Agnaldo - Pode ser... porque esta reforma agrária foi um projeto que foi criado pelo governo, aí quer dizer que tem muitas propriedades aí que não é cultivada, a gente conhece várias delas que o cultivo é pouco, aí este povo sem terra, já aí podia trabalhar, se eu possuísse a terra, eu não queria vê-la coberta de mato, eu arrumava para todo mundo trabalhar.

Sem pagar renda?

Agnaldo - Uma rendazinha barata, porque eu vejo renda aí que não dá para ninguém, olha M é certo eu vejo renda aí que o camarada trabalha de 5/1, 6/1. Aí o que este pobre vai fazer, o rendeiro, o que o rendeiro faz, não dá para ele fazer. Aí se eu possuísse muita terra, eu queria ver era todo mundo trabalhando e ter o que comer, porque todo mundo ter o que comer, quer dizer que as condições é diferente.

Quem tem muita terra que não pensa como o senhor?

Agnaldo - Não, eu estou pensando que não pensa.

Por que hoje a maioria das terras... eu fiquei admirado do Viana, que ainda paga de 3/1, Por que em São José de Piranhas eu não encontrei nenhum caso que pague de 3/1, É tudo meia só tem meia, todo mundo trabalha de meia?

Agnaldo - este setor de mato, é mais renda, mais perto da cidade é tudo de meia setor de Mato é mais atrasado.

Vai até onde, mais ou menos, este negócio de renda?

Agnaldo - Até mais ou menos aproximado de Itaporanga, 6 ou 7 léguas. Agora descendo aqui pelo município, já não tem mais renda, só é meia porque tem gente para trabalhar, aí é obrigado, então aqui a renda é só no setor de Viana. Este negócio de meia, é obrigado o proprietário

cultivar a terra, pagar a broca, a cerca, se for uma terra destocada, tem que pagar a destoca.

Mas não paga, senhor Agnaldo -, não paga, a maioria faz assim, eles pagam a cerca e paga o plantio de semente do caroço do algodão, isto é tudo por conta do rendeiro e ele quer meia e 3/1, 4/1 de milho/feijão. Aí fiquei admirada no Viana, nunca vi na minha vida do algodão ser de 3/1, 4/1, 5/1.

Agnaldo - Eu estava falando que uma terra para trabalhar de meia se o camarada encontrasse, quase era melhor do que ser proprietário, escuta aí, porque você broca, como eu estou fazendo este campo, destoca, aí você corta, aí você dá de meia. Aquilo para o camarada plantar é uma beleza, ele não tem despesas, que despesa ele vai ter? o rendeiro, é melhor para o meeiro do que para o proprietário.

O senhor acha que a migração, o fato do pessoal sair para São Paulo é um ato de coragem ou de fraqueza?

Agnaldo - É um ato de coragem, porque aí o camarada sai daqui para enfrentar a vida lá e é coragem porque se ele não tiver coragem, ele não vai.

Jarbas(sobrinho): então existe esperança, a pessoa procura a melhora, não piora. Cada vez mais caído, aquele que está sofrendo tem que procurar um lugar que favoreça ele.

Os filhos do senhor também gostam da vida aqui no Sertão, da vida no campo?

Agnaldo - Eles gostam.

Se eles pudessem escolher eles preferiam aqui?

Agnaldo - Não, não tenho certeza que não vem, porque os que vem aqui, chega aqui e fala para mim: olha, pode me dar a propriedade maior que tiver aqui, me dá a casa mobiliada para eu vim embora para aqui, que

eu não quero. Então por isto que eu digo, eles lá tão com uma condição melhor.

Jarbas - a minha mãe mesmo quando foi a minha procura, para mim vir para cá, eu disse: se me der a Paraíba todinha eu não quero.

Como é que se explica de uns gostarem de São Paulo e outros não, senhor Mário?

Mário - Sabe o que é que eu acho, eu acho uma falta de coragem de trabalhar aqui, de enfrentar a vida aqui, eu mesmo me dou muito mais bem aqui do que lá, em 6 meses que passei lá o que ganhei só deu para comer, e aqui sobra mais um pouquinho.

Mesmo se o senhor tivesse conseguido uma vida melhor lá só aquela agitação, o senhor acha que não valia lá?

Mário - Não valia.

Então o senhor acha que este negócio do pessoal querer ficar lá, como os filhos do Agnaldo, depende da natureza de cada um?

Mário - Depende, eu acho que não é a sorte, é a natureza da pessoa vê se consegue se aplica, é naquela agitação.

Esta propriedade do senhor foi conseguida por herança?

Agnaldo - dos pais

Que tamanho ela tinha antes?

Agnaldo - Mais ou menos 750 tarefas eram 7 herdeiros.

Os outros herdeiros moram aqui?

Agnaldo - Não, já venderam. Ainda tem uma irmã que mora aqui vizinha.

Tem ainda 5 partes as outras vendidas foram?

Agnaldo - Foram.

Os irmãos não queriam vender a você?

Agnaldo - Queriam, mas a gente não tinha como comprar.

Por que os outros irmãos não queriam ficar aqui na propriedade?

Agnaldo - Porque não deu certo, aí resolveram vender.

Eles vivem onde hoje?

Agnaldo - Vive em São Paulo, todos os quatro.

Deixaram a propriedade para ir a São Paulo, eles estão bem lá?

Agnaldo - Não, não está bem não, porque a pessoa velha que nem eu, quem que aguenta sair daqui e ir embora para São Paulo. Eu fui lá passei 6 meses e acho que não dava.

Eles foram depois de velho?

Agnaldo - Foram. Eu passei 6 meses lá e achei bom para vir embora, aí arranquei de lá e vim fazer as minhas colheitas aqui de algodão, porque neste tempo eu ainda trabalhava, aí o menino chora, todo o tempo manda a carta para mim, ir embora para lá, mas eu acho bom onde eu nasci e me criei.

O senhor imagina assim que os pais do senhor moraram aqui tudo?

Agnaldo - É, a gente imagina, pensa tudo isto, eu posso morrer fora daqui do que é meu, mas não é eu achando bom, eu seria mais satisfeito se eu morresse e chegasse a ser sepultado onde meu pai está sepultado.

É aqui que ele está sepultado?

Agnaldo - É no Viana.

E depois disto, quando foi que a terra passou para o senhor?

Agnaldo - foi em 61.

O senhor já era casado? Já, morava aqui mesmo? E trabalhava aqui também?

Agnaldo - é.

Os pais do senhor faleceram esta época?

Agnaldo - Foi.

Se o senhor não tivesse Terra, o senhor acha que teria dado para comprar?

Agnaldo - Já faz o possível para ver se comprava, para não ficar morando no que é dos outros, mas é mais difícil.

7.2) Entrevista com Augusto, metalúrgico, 1984

Augusto nasceu em 1958, filho de Agnaldo, metalúrgico, São Bernardo do Campo/SP. Tinha 26 anos, casado, três filhos.
Entrevistadora: Marilda A. Menezes, julho de 1984.

Quer dizer que você tem vez que faz 100 horas extras?

Augusto - 100 horas

E isso quantos pagamentos dá? Até três pagamentos, né?

Augusto - Por mês, de uma vez só, né. Mas aí eu trabalhei demais, foi numa época que o meu irmão tava na firma, né. Ele se machucou, aí passou quarenta dias no seguro, aí esse mês eu fiquei fazendo o serviço dele. Então, nós dois tava trabalhando no serviço, então só quem fazia era ele, né e aí ele machucou e falou: “tu fica com essa”. Eu falei: “lógico que eu venho”. E eu doido prá trabalhar mesmo. Aí eu saía de casa às 6:00 horas da manhã e chegava às 1:00 horas da manhã... às vezes às 1:30 horas do outro dia. Aí seis da manhã tava de novo na firma.

Nossa! como foi que você aguentou?

Augusto - É aguentei porque... e no fim de semana fazia tudo. Eu entrava na sexta-feira, trabalhava o dia e a noite e saía no sábado de meio-dia... aí vinha em casa, dormia uma hora, uma hora e pouco e aí se eu atrasasse na firma o moleque vinha me chamar em casa...começava o serviço de novo e trabalhava o fim de semana prá terminar.

E isso foi agora há pouco tempo?

Augusto - Não agora, já faz tempo, né... Faz um ano e pouco...

Mesmo agora, com esse desemprego, com essa crise, tem muita hora extra?

Augusto - Tem, é a mesma coisa. Prá mim, é serviço demais. A maioria do serviço lá na firma... são hora extra, e faço bastante.

Lá nunca teve fracasso de serviço?

Augusto - Não, teve fracasso assim nas outras produção, né... nas outras profissão... às vezes fracassa... às vezes a semana é fraca.

Qual é a profissão?

Augusto - A minha profissão é a sessão da Calderaria, mas só que eu não trabalho na Calderaria, sabe, eu trabalho numa máquina que ... aquela que pesa....

Então, você acha que compensa? porque você ficou doente de tanto trabalhar?

Augusto - Fiquei, fiquei doente mesmo. Deu problema na coluna, tudo que eu trabalhava sozinho e pegava muito peso... só vivia perto da máquina... quando um se levantava prá ir mais eu lá... sim, porque nós somos quatro... então todo serviço que um fazia eu ia ajudar.

Você é ajudante?

Augusto - É sou ajudante

Mas já faz outra função?

Augusto - É mudaram de serviço só

Mas na carteira não?

Augusto - Mas na carteira não

E você nunca exigiu?

Augusto - Não, eu não exigi assim porque, o chefe lá do meu serviço, o chefe geral da firma, ele falava: “vou te mudar de serviço. Então, tinha... aí então eu te dou a promoção sua. Eu falei: tudo bem.

Faz três anos que você trabalha lá, né?

Augusto - Então, eu não cobro, porque tô esperando a vez dele, né. É porque prá eu cobrar, eu acho meio chato. Se ele vê que eu mereço e ele me dá, se ele não vê, então eu fico... agora só que o patrão é muito legal

comigo... gente até pagador... de vez em quando me dá um aumento por ele mesmo, né, eu nunca pedi um aumento lá não. O patrão chega e me dá, então o negócio é assim.

E com os outros funcionários, também é tudo assim?

Augusto - Não, tem cara que ele gosta mais. Esse cara que entende...trabalha, ele sabe que o cara é mais chegado de que... porque tem cara que tem a semana todinha nem trabalha a semana, nem vai no médico nem nada, passa a semana em casa. Então, assim ele não gosta... se acontecesse do governo ajeitar e melhorasse o Nordeste lá, eu acho que aqui não ficaria nenhum, todo o Nordeste não ficaria.

O pessoal do Nordeste vem prá cá contrariado, não é?

Augusto - O pessoal não tinha condição de ajudar como o Nordeste merece, né. Porque o Nordeste vamos dizer com esse problema de agricultura, o Nordeste era o único lugar para... é igual ao Paraná, Mato Grosso, um lugar assim. Aí o governo vem... porque eu vou dizer uma coisa... se o governo era prá gritar: “não, o Nordeste vai melhorar, nós vamos ajeitar assim, assim”, de qualquer maneira não ia ficar nem eu, eu acho que todo nordestino ia embora. Porque aqui em São Paulo a pessoa ganha prá viver. A pessoa vem do Nordeste, aí depois que tá aqui é prá sofrer ou ficar numa boa, tem que aguentar por aqui porque a pessoa já saiu de lá modê o sofrimento, a pessoa chegando aqui, tem que aguentar as pontas mesmo.

Mas você não tem vontade de ir?

Augusto - Não tenho vontade, porque eu passei lá três anos... Olha a pessoa passa o ano inteiro, trabalha o ano inteiro aí, quando chega o fim da colheita e você chegar na sua roça, você não vê nada. Isso aí deixa a pessoa... arrependidos”. Então, e é mesmo. Eu mesmo, eu vim aqui a primeira vez. Quando eu vim a primeira vez, eu passei três meses e falei: eu vou embora. São Paulo não tá assim não. Tava bom de serviço

naquela época, tudo, a firma mandava chamar o cara em casa. Aí meu irmão falou: “rapaz dá um tempo aí, não vai embora”. Eu disse: não, eu vou embora. Eu já era casado de novo também, tinha deixado a mulher lá, aí eu falei, não, eu vou embora., não quero nem saber. Aí eu me arranquei prá lá (Paraíba). Eu via todo mundo se ajeitando prá vim prá São Paulo e eu com aquela vontade de vir também. Eu *Trabalho todo perdido, né?*

Augusto - Todo perdido

Mas tinha solução, não tinha? Seu pai disse que construiu um açude lá, mas ninguém ajudou, né?

Augusto - Então, ninguém ajudou, né. Nós construímos o açude, levantamo o empréstimo no banco e tudo prá nós construir o açude. Aí, esse outro açude agora foi que... esse outro agora que eu trabalhei uns três anos... logicamente era serviço manero, mas o salário não dava. Então, não dava prá você fazer nada. Era sete mil cruzeiros naquela época, era sete mil, aí você ia fazer as contas só dava prá você comprar o mais necessário para o que comer. Então, faltava as outras coisas e não podia fazer nada. Aí eu falei pro meu pai, eu digo: não... peguei a passagem e vim embora. Aí ele: não, mas vai melhorar não sei o que, o ano que vem vai ser bom. Porque a conversa do povo do Nordeste é esse: ano não, mas o ano que vem... E o cara só no coro direto. Eu falei: não, eu vou me ajeitar e vou, se eu não me der eu volto e se eu me der por lá, eu não achar ruim, vou passar uns tempos lá.

Prá começar o nordestino é o seguinte, você sabe que o que tiver aqui ele tá pegando. O serviço que tiver, ele já... Porque você chegando do Nordeste aqui, então, prá começar ele não vai pegar serviço bom, ele vai ser ajudante numa firma. Alí então é toda vida de ajudante. Então chega aqui e a pessoa interessado em trabalhar, às vezes recebe seu salário prá dar à família... aí fica trabalhando. Trabalha de dia e de noite

direto. Só que aqui eu acho melhor do que lá. Agora se lá melhorar eu volto prá lá. Eu ainda acho melhor do que lá (Paraíba), porque o salário que eu ganho aqui dá prá mim viver sossegado e lá no Nordeste se eu tivesse... eu ia ganhá o que?...uns dez mil por mês lá no serviço.

E da agricultura não dá para viver?

Augusto - Não, agora se continuar com esse ano, dá prá todo mundo viver sossegado, viver numa boa, né. Mas às vezes, esse ano foi bom, às vezes no ano que vem continua a seca de novo. Aí, ninguém, faz nada, né. Ninguém pode fazer nada.

Então você acha que os nordestinos vão acabar tudo voltando?

Augusto - Você vai na rodoviária, os ônibus vem lotado, mas sabe como é lotado! Prá ir para a Paraíba, os ônibus vão vazio. No dia que minha mulher foi, tinha vinte cadeiras vazias e ela veio ontem, então, não tinha uma cadeira vazia. O povo do Norte tem um dizer e é certo “os ônibus traz o povo do nordeste, os enganados e leva os arrependidos: mas eu já vim de lá uma vez e vou voltar de novo, não. Aí suportei não... Falei pro meu pai: eu vou prá São Paulo. Aí ele: mas rapaz você foi, passou três meses, agora vai passar quinze dias.

Eu falei: ou uma semana, não sei. Não sei se eu volto com quinze dias, com um mês ou com uma semana. Naquela época eu ganhava vinte e cinco mil cruzeiros, dava prá eu pagar aluguél, luz, água, então comia o que queria e ainda sobrava dinheiro no bolso. Aí as coisas foi subindo, então o salário foi aumentando, então, o custo de vida foi ficando... porque aumenta duas, três vezes por mês. Aí hoje o cara ganha o dinheiro, tô ganhando como se diz, duzentos e quarenta e sete mil por mês líquido, fora as horas-extras, mas não dá prá nada. Não pago aluguél, pago só água e luz e não dá prá nada, porque o custo de vida sobe. Você recebe um aumento de seis em seis meses, dentro dos seis meses o

custo de vida sobe mais, tem subido mais de dez vezes. Aí não dá, não dá prá o cara viver...

Você vai fazer feira todo mês, todo mês aumenta, pode comprar as mesmas coisas, a mesma quantia, todos os meses aumenta... o mês que vem só dá prá fazer a metade porque as coisas tem subido. Prá você ver eu acho que não tem condição. Quando você vai no mercado pegar um bujão de gás, tá o que, tá por sete mil e trezentos um bujão de gás. Quinze dias, vinte dias o máximo que dura.

Mas você acha também que, por exemplo, a situação tá ruim no Nordeste, né. mesmo com a chegada do inverno, mas dinheiro não tem, né! O pessoal vive levando, só levando e aqui também. Você acha que a solução do povo nordestino é ficar andando para lá e para cá correndo atrás da sobrevivência?

Irmão I: A solução deles é ficar lá onde nasceu.

Irmão II: O que é que diz os mais velhos. Eles nasceram e se criaram lá e esses anos até hoje lá e não vem aqui (São Paulo), Tem muito lá que não vem prá cá.

Não conseguiram nada, só milho e feijão, como se diz, né?

Augusto - Você vê, eu acho que o velho meu pai mostrou o terreno lá prá você, né... Alí, moça, quando era época de inverno que naquele tempo era melhor, porque afinal de contas na roça, meu pai era trabalhador e as coisas era outra e prá você vê, não tinha dinheiro, mas você ganhava a roça, enchia a casa de legumes, tirava bastante coisa, quando era em setembro tinha aquela safra de algodão. Você pegava aquela boa safra de algodão, vendia tudo num monte, pegava o seu dinheiro e não tinha o que fazer, então, meu pai comprara vaca. Quando ele não queria comprar as vacas, às vezes, ele emprestava prá um, emprestava prá outro. Aí depois como se diz, começou a reinar o

Nordeste, aí a coisa ficou feia mesmo. Aí pronto, abandonamos tudo. Não dava... Então você...

E não tem jeito de melhorar, não?

Augusto - Então, a pessoa roçava aquela meio mundo de algodão lá de roça de algodão, então não havia... então, 80, 90, 100 quilos de algodão. Então, fora o terreno que meu cuida que é de 200, 284 alqueires.

Mas, também o ano passado tava mil cruzeiros o quilo, né! que era um preço bom. Esse ano que tem muito algodão, abaixou para 600 o quilo, devia valer uns três mil hoje, mas é 600 e tem gente vendendo feijão a 500 cruzeiros o quilo... aqui vale quase dois mil.

Augusto - E, mil setecentos e pouco. Quase dois mil. No Nordeste então que o meu cunhado chegou mais a minha mulher, ele falou que lá ele estava comprando um quilo de feijão por muito dinheiro, né. Quando chegou de volta sabe quanto era um saco de sessenta quilo? Vinte mil cruzeiros e ninguém quer. Ele vendeu um prá vim mais minha mulher.

É só a seca o problema?

Augusto - Então, não é. Porque a questão do Nordeste é essa: quando você tem, você vai comprar, vocês sabem o que... Quando você vai comprar, aí eles metem a faca mesmo. E quando todo mundo tem, você vai vender, ninguém quer. Fala, eu dou tanto se você quiser, tudo bem, se não, pronto... Aí você tem mercadoria que tem precisão. O governo podia cuidar melhor de um lugar como o Nordeste, porque o Nordeste é um lugar da agricultura grande, né. Então, o governo podia cuidar mais do Nordeste. Então, fazer como o Paraná, Mato Grosso, esses lugar aí. Porque a agricultura aqui nesse lugar tem valor.

Mas, também em Goiânia eles precisam muito do pessoal que vem para cá, para trabalhar nas fábricas. Não precisam os patrões?

Augusto - Tem uma coisa, se os nordestinos fossem embora, São Paulo fica bem devagar...

Fica devagar...

Augusto - Fica devagar porque todas as indústrias aqui é de lá.

Então, será que o governo não acha bom que venha todo esse pessoal para cá, os patrões não acham bom?

Augusto - Não, os patrões acham porque é o seguinte: Tem muita gente desempregada aqui, mas a turma aqui em São Paulo não é daqui de São Paulo é do Norte, então, desses lugar assim, né. Mas se o governo arrumasse e todo mundo fosse embora, o Nordeste ia melhorar e São Paulo ia melhorar também. Porque aqui tá quase como a região Nordeste. Não, é devido o desemprego e muita gente. Porque aqui tem gente que diz: porque São Paulo é desanimado que tem gente que não era prá ter o tanto de gente que tem nesse lugar. Você sai por aí fora, aqueles guarda que fica na portaria da firma, mas quando é à tarde, tá todo mundo de saco cheio. Então, quando surge uma vaga lá na firma que eu trabalho, isso, às vezes, vem oitenta, cem pessoas prá fazer uma ficha. Uma ficha! Você chega no Departamento Pessoal e não tem... a mesa não tem onde ponha outra coisa, não, é só funcionário. Aqueles caras que vem fazer ficha prá... tudo aí. Porque se o governo ajeitasse o Nordeste, prá o nordestino ir embora.

Mas ele também...

Augusto - É porque o nordestino é o seguinte: é um povo que trabalha, quer dizer, acostumado a trabalhar, né? Então é um povo que como se diz, entrou numa firma, ali é a mesma coisa de tá na roça. Aprendeu fazer aquele serviço, é um povo que diz: trabalha sem fazer hora sem nada. Do mesmo jeito do Nordeste, aí o patrão acha bom, né! Você veja meu patrão, entrou uns empregados, aí, que trabalha nessa firma, aí...

Ele pega nordestino?

Augusto - Mas nessa firma aí se falar é do Nordeste, o cara não faz nem ficha, já entra direto mesmo. O meu cunhado quando a mulher falou no telefone prá mim que ele vinha mais ela, aí eu falei com o patrão. Ele falou: tudo bem, então, mande ele arrumar o documento e na hora que ele arrumar, traga ele aqui que a gente coloca ele. Duas classe de gente é meio mole prá trabalhar, é o paulista e o carioca. Ei rapaz! pelo amor de Deus, o carioca não gosta de trabalhar, não, não rapaz Deus me livre. Tem uns cariocas que trabalham na firma, mas os cara só quer moleza, rapaz. Ele não quer trabalhar diretamente naquele serviço dentro da firma, é trabalhar no desenho, é trabalhar numa coisa no escritório, não sei o que, mas prá enfrentar, oh!... E outra coisa, o povo do Nordeste... então, o meu irmão telefona prá mim e perguntou: Rapaz, quanto tu tá ganhando por mês? Aí eu falei: tanto... aí ele pensa que o cara com esse dinheiro aqui... então, o seguinte dá pro cara fazer alguma coisa, dá pro cara fazer então tudo que tem vontade, né? Mas ele não vai, então, ele não bote na cabeça. Falta o cara pagar aluguél, o custo de vida tá caro, tudo, né. A gente fala: não venha, porque aqui tá assim, assim... Mas não, ele fala o cara tá ganhando muito dinheiro... então eu vou chegar lá e vou ganhar esse dinheiro do cara, eu vou é juntar dinheiro. O meu pensamento no Norte era esse. Eu falava: o meu irmão tá lá, ele foi em setenta, outros foram em setenta e sete, outro foi, eu era moleque, quando a minha irmã saiu de lá, duas irmãs minhas, aí eu pensava assim: meus irmãos lá, mas tão juntando dinheiro que eu acho que não tem mais onde ponhá dinheiro. Eu pensava, eu pensava... Rapaz, mas eu cheguei aqui, mas é tão diferente do que o cara pensa lá no Norte, rapaz. É diferente mesmo. Olha, quando eu vim a primeira vez quando eu vi o meu irmão com a casa bem arrumada, de tudo, eu falei: quanto tu tá ganhando? Eu tô ganhando tanto. Mas rapaz, tu tá ganhando dinheiro prá caramba, quanto dinheiro tu tem junto? Nem um cruzeiro. Mas rapaz,

você tá com brincadeira... Não, eu tô te falando que só dá pro cara comer. Eu digo: isso é conversa, rapaz. Mas quando eu entrei prá trabalhar, rapaz, meu Deus, sei não... os cara no Nordeste pensa que o cara porque ganha um salário a mais aqui que o cara que ganha duzentos, duzentos e cinquenta ou trezentos, o cara pensa: não, o cara com cem mil resolve tudo e o resto ele vai guardar. O cara tá enricando lá em São Paulo, porque o cara sai daqui, vai passear lá e vai com uma roupinha melhor, um sapato melhor, aí o cara, mas tu tá vendo esse cara, tá em São Paulo, esse cara tá bem prá caramba. Mas só que quem tá sabendo o que o cara tá passando aqui é quem tá aqui. Os que tá lá não tá sabendo de nada.

E fica tudo na ilusão.

Augusto - Então, não, mas esse lugar aqui não é ilusão não. Não é ilusão mesmo, A pessoa quer tirar a ilusão de São Paulo, ele venha prá cá, aí a pessoa tira mesmo. Os outros falam, mas ninguém acredita no Norte. Se você falar que aqui (São Paulo) é ruim, ninguém vai acreditar.

Por que tem muita gente nordestino que tá desempregado a muito tempo, mas não volta, passa o tempo todo vivendo de bico...

Augusto - Eu mesmo quando eu cheguei do Norte, eu falei: o primeiro serviço que eu encontrar eu pego. Aí eu cheguei na casa da minha irmã, ali no Irajá, naqueles apartamentos... ali em São Bernardo, ali atrás da Brastemp. Então, naqueles apartamentos lá tava em construção, né. A minha irmã já tava morando lá, aí eu cheguei na casa de minha irmã e falei: vou arrumar um serviço prá mim aqui. Ah! você não tá doido, não. Eu digo: olha, quem tá sabendo como o sapato tá apertando é eu. Deixei minha família no Norte e tô precisando trabalhar prá mode ajudar a família. Aí eu cheguei lá e falei: tá pegando ajudante? Tá, você tem coragem? Eu digo: mas rapaz, que isso eu tenho a coragem de enfrentar tudo no mundo, rapaz. Aí ele falou: Tão magro e tão baixinho, eu acho que você não vai aguentar, não. Eu falei: mas se engana, tu tá enganado.

Ele falou: tá tudo bem, amanhã traga sua carteira e você vem aí. Aí no outro dia eu cheguei, eles já me deram uma roupa, me deram um capacete e disse: não, você já começa a trabalhar. Eu digo: Então tá bom, aí eu... caiu o coro aqui ó... ficou só carne mesmo... trabalhei três meses e pouco na construção e eu dormia lá mesmo. Almoçava, jantava na construção e dormia lá nos barracos lá. Eita rapaz, era uns oitenta peão, mas era uma bagunça de noite. Aí uma noite eu tava sem dormir e eu tinha chegado da casa da minha irmã, cheguei lá, aí eu deitei, né.... tava bem deitado aí... chegou uma turma tão desgramada, chega lá e arreventaram o meu quarto lá. Mas, e o medo! aí no outro dia, eu já saí...

Eu digo: me dá minhas contas que eu já vou me embora... aí meu irmão, no mesmo dia que eu pedi as contas lá, o meu irmão arrumou na firma aqui. Eu não tava nem sabendo. Aí de noite, ele chegou lá na casa do meu irmão, eu tinha ido lá... aí ele falou tem um serviço prá você lá na firma...

Mas aí, o pessoal só arruma fazendo muita amizade, né... na fábrica, sem amizade, não?

Augusto - Não, não arruma, não.

Por que eles só querem com amizade, é porque eles confiam?

Augusto - Confiam na pessoa lá dentro.

Tem máquina que ganha uns dez mil por dia, né?

Augusto - É uns dez mil... então, eu naquela peça daria quase quinze milhões.

Por dia. Mas são muitos trabalhadores que trabalham nela?

Augusto - Não, só eu. Nessa peça, só eu. Quer dizer, a máquina pega o ferro e faz aquela peça e vai prá mim...

A outra máquina, quantos trabalhadores são?

Augusto - É, dois.

É o dia inteiro?

Augusto - É o dia inteiro, aí na minha só é eu certo.

Mas num dia só faz essa peça?

Augusto - não, num dia prá mim... agora a outra máquina às vezes passa dois, três dias prá fazer...

Ah! uma peça, né. quer dizer, vamos dizer três dias para fazer essa peça, são três trabalhadores ganhando dez mil por dia mais ou menos? É isso?

Augusto - Não, é três dias prá fazer na primeira máquina, né! é na primeira.

E esses trabalhadores ganham quanto, uns dez mil também?

Augusto - Deve ganhar mais, né. O cara é profissional, ele ganha... é tem um que é encarregado, né. então, a máquina, ele quem cuida... Ele ganha por hora e, deve tá ganhando mais de quatro por hora... E eu então eu ganho mil e pouco por hora e uns dez mil por dia, né.

Então, aquela peça, então eu faço uma, às vezes faço duas peças, né? Ganho dez mil. Aí prá vender é a sete milhões e quatrocentos uma peça dessa.

Para você vê a parte do salário como é pequena, né?

8) FAZER O FUTURO: O PROJETO DE "MELHORAR DE VIDA" MIGRANTES DA PARAÍBA DA DÉCADA DE 1980

Lidiane M. Maciel

Tomar consciência da dura realidade em se vive e desejar “melhorar de vida” orientou a direção da tomada de decisão (ação) de milhares de trabalhadores migrantes durante toda a história. Todavia, só se define o que é “melhor” a partir da capacidade de julgar o que se tem, mesmo que seja a fome, o trabalho que não garante o sustento e a ausência de serviços fundamentais à vida, com os de saúde, de educação e de assistência social.

Verifica-se que nesse processo de tomada de consciência pelo migrante, para esperar uma vida melhor, avaliava-se ainda o passado e o futuro. Mas, de fato, qual é o significado de “melhorar de vida” para trabalhadores nordestinos da década de 1980? E quais foram as consequências para as famílias que perseguiram essa ideia? Como ela se transformou em ação estratégica no ato de projetar a vida?

Esses são alguns questionamentos iniciais que a leitura da história da família do Senhor Joaquim nos provoca a pensar. As entrevistas revelam-nos importantes momentos da história social das migrações internas, as trajetórias de vida tratadas são coletivas e, dessa forma, nos apresentam condições sociais compartilhadas por muitos trabalhadores migrantes da mesma época. As entrevistas foram realizadas pela pesquisadora Marilda Menezes no âmbito de um projeto de pesquisa, ainda na década de 1980. Em São José de Piranhas (PB) entrevistou-se o patriarca da família, Senhor Joaquim, e em São Caetano do Sul (SP) os filhos Edson e Maria Joana.

Quando a pesquisadora realizou as entrevistas, o Sr. Joaquim e sua família representavam uma porção de classe social bastante presente nas

jornadas migratórias Nordeste-Sudeste nas décadas de 1970 e 1980, a saber, a dos pequenos proprietários e rendeiros cujos(as) filhos(as) viviam no lá e cá, tentando “fazer um futuro” como cita em entrevista o filho de Joaquim, o Edson.

A família do Senhor Joaquim, no período da realização da entrevista, era composta por nove filhos, quatro migraram “definitivamente” para São Caetano do Sul e cinco moravam próximos ao pai, na terra familiar. Na zona rural de São José de Piranhas, eles viram o momento histórico do redirecionamento das atividades econômicas para o sul do país e a desestruturação do modo de vida tradicional. Em meio à resistência do patriarca de partir para outro município frente às condições vividas, preferindo ficar na terra anteriormente herdada, os filhos e filhas foram para o estado de São Paulo. “Eldorado das imaginações” de riqueza fácil, conforme caracterizou Jorge Amado no romance “Seara Vermelha” de 1946.

A terra, no Açude Público Engenheiro Ávidos, no município de São José de Piranhas, assumia centralidade estratégica para a sobrevivência da família, no entanto, ainda era insuficiente para prender todos no mesmo espaço de vida. A agricultura familiar era de provisão e tocada por meio de tecnologias rudimentares, com o uso de arado. Há uma consciência bastante afinada entre os entrevistados, segundo a qual a questão da seca é política, isto é, acredita-se que se o governo investisse na terra ela seria muito produtiva.

Segundo um dos filhos do Senhor Joaquim, o Edson, quem “tocava” a roça eram os irmãos, particularmente, o mais velho, Gervásio, o entusiasta da atividade na família. O pai era bom negociador da produção, tinha um espírito voltado para o mercado. O que fazia com que ele também circulasse em curtas distâncias, na entrevista listam-se municípios de: Boqueirão dos Cochos, Aguiar, São Francisco do Aguiar e

Piancó. Em algumas situações, os filhos o acompanhavam. Na cabeça deles somavam-se as experiências de viajar com o pai e as histórias de outros familiares que iam e voltavam de São Paulo. No imaginário de Edson, por exemplo, desde muito cedo sabia que uma hora o chamado à retirada para São Paulo ia se apresentar: “(...) desde pequeno a gente teve essa vocação de sair, vir prá São Paulo, conta em entrevista”.

Na perspectiva do jovem Edson, que migrou aos 22 anos para São Caetano do Sul, deixando para trás o patriarca e a terra familiar, o futuro era algo que poderia ser feito, evidentemente, por meio do trabalho assalariado em um espaço longínquo. Em São Paulo se trabalharia pesado, mas o futuro poderia ser feito, por meio da renda adquirida. A renda era o que na visão do migrante possibilitaria a melhora nas condições de vida, ou seja, era por meio dela que se adquiria bens e serviços.

Edson e os irmãos levavam em consideração que a posse e a exploração da terra na região administrada pelo Departamento Nacional de Obras contra as Secas (DNOCS) respondia a um jogo bastante complexo, descrito pelo pai Joaquim na entrevista realizada na Paraíba. Porém, a terra era estratégica para os trabalhadores rurais mais pobres, pois eles dependiam da renda conquistada para realizarem o projeto migratório ou de saída da Paraíba. Sabe-se que todo o investimento na vida e viagem até São Paulo se faz com um capital inicial, social e econômico. Para os filhos de Senhor Joaquim, não foi diferente. Era preciso investir no projeto de “fazer o futuro”. São Caetano do Sul apareceu nesse contexto de definição de espaços possíveis para a realização do projeto de melhora nas condições de vida.

Em 1980, São Caetano do Sul já era uma cidade consolidada da matriz industrial paulista. O regime de trabalho assalariado e a nova vida na cidade representavam o “futuro” na visão dos trabalhadores migrantes

nordestinos. A roça, na visão dos filhos migrados de Joaquim, Edson e Maria Joana, não abria perspectiva para melhorar de vida. Os discursos, ou as notícias, sobre o trabalho e a vida em São Paulo circulavam na comunidade rural, criando uma rede de informação entre os migrantes e os que ficavam. Assim, construíram-se algumas ilusões sobre este território, no entanto, o que prevalecia era a esperança que São Paulo fosse o “Eldorado” para os moradores com poucas perspectivas de renda, lugar para “fazer o futuro”.

Dessa maneira, considerando os relatos dos migrantes nas duas entrevistas aqui comentadas, a melhoria de vida em terras distantes podia ser representada por três destaques. O acesso irrestrito ao consumo, aos serviços de saúde e as oportunidades de trabalho para mulheres, principalmente para aquelas sem perspectiva de casamento imediato.

Comprar roupas uma vez por ano, “e olhe lá”, representava a vida que se desejava fugir. A restrição alimentar provocada pela falta de alimentos como carne, frutas e verduras no interior da Paraíba também era incômoda: “ali, se mata um boi, ali a carne... aqui não, você come o que você quiser. Chega num açougue, me dá um quilo de coxão mole, qualquer tipo de carne, lá só tem coxão mole prá fulano, que tem... manda nas bocas lá, os pobres só têm osso”, contou Edson em entrevista.

Outro aspecto interessante relatado pela família de migrantes, pela esposa de Edson, é o acesso a serviços de saúde. Encontrar essa estrutura na cidade era algo que também a fazia pensar no futuro que podia ser construído em São Paulo. Ademais, também fazia parte desse contexto, poder ajudar mesmo que esporadicamente, os familiares que ficaram na Paraíba com algum recurso econômico.

Percebe-se também na participação da esposa de Edson, Zélia, e da irmã Maria Joana na entrevista, que a jornada migratória de homens e de mulheres se diferenciavam. Para mulheres solteiras era “difícil” ou quase impossível migrar sozinhas, exigia-se sempre a companhia de um homem.

Zélia foi para São Paulo visitar o irmão e nunca mais voltou para Cajazeiras (PB), Maria Joana percebeu desde muito cedo que a estratégia mais eficaz para migrar para São Paulo era colocar-se à disposição para ajudar o projeto migratório do irmão Epifânio, e assim ela fez. Na época da entrevista, Maria Joana morava com uma outra irmã já casada em São Caetano do Sul, e mesmo tendo cursado o “normal” para professoras, encontrou na cidade de São Caetano do Sul dificuldades para se colocar no mercado de trabalho.

Em São José de Piranhas, conseguir um posto de trabalho dependia das relações políticas. O interesse do empregador era sempre no voto do morador, pois ele garantia acessos estratégicos à máquina pública. Já no destino migratório, São Caetano do Sul, as redes de amizade e parentesco eram importantes para se alcançar o que se almejava. Arrumar um emprego na época, mesmo que o mercado de trabalho estivesse aquecido, dependia de acessar uma rede de amigos, daqueles que se pode contar.

Zélia é bastante incisiva na avaliação do processo de conseguir uma vaga. Ela conta que sempre é uma amiga ou um parente que “arruma” o emprego, e conseqüentemente, essa condição funciona como um esquema de dádivas e contra dádivas. Quem se beneficia da ajuda de um colega para arrumar um emprego tem com ele ou com os outros do grupo, uma dívida moral, e dessa forma, tem por obrigação auxiliar outros que chegam necessitados. Muitas vezes as relações entre os migrantes eram conflituosas, porém, as desavenças eram vencidas pela

necessidade ou “precisão” do próprio mercado de trabalho, o que garantia vantagem aos trabalhadores com poucos laços de amizade.

Por fim, os relatos do projeto familiar migratório, de “fazer o futuro”, se fecham ao considerar o retorno. O sonho com o retorno, após ter melhorado de vida, nos processos migratórios é considerado como “resultados finais” ou “conclusões” daquilo que se projetou. Os trabalhadores migrantes, quando questionados sobre esse fato, encaram a condição do retorno como algo sempre presente no cotidiano do “fazer o futuro”. A dor causada pela saudade dos familiares que ficaram e a expectativa de voltar ao lugar da origem com algum recurso fecham o ciclo da vida do migrante.

O futuro, a partir do que se ganhou na migração, apresenta-se para o trabalhador como o espaço onde se pode viver de maneira confortável com os seus afetos. O lugar de onde se partiu é reconhecido como seu. Sabe-se que aprendemos desde muito cedo que todos temos um lugar para chamar de nosso, o lugar onde se “enterrou o umbigo”, onde se liga à terra, para onde se deve retornar após uma trajetória errante. No entanto, retornar também pode se apresentar como a única possibilidade restante ao corpo cansado e exaurido pelo trabalho em São Paulo, atividade essa que permitiu “fazer futuro”.

No entanto, parece-nos que no processo consciencioso de tomada de decisão sobre ficar ou partir, a perspectiva e o desejo de “fazer o futuro” superaram entre os membros da família entrevistada, os obstáculos vivenciados por eles. Mesmo, considerando a estrutura econômica, os trabalhadores paraibanos participantes das entrevistas feitas por Marilda Menezes, parecem entoar a canção *Primavera nos dentes*, do grupo Seco e Molhados que diz: “Quem tem consciência para ter coragem/Quem tem a força de saber que existe/ E no centro da própria engrenagem/ Inventada contra a mola que resiste”.

Se o projeto “melhorar de vida” na cidade foi ilusório ou não, tanto importa. Para os irmãos Edson e Maria Joana, trabalhadores migrantes, a invenção e a resistência era uma questão de sobrevivência e convocação para o futuro que não estava dado, ele seria construído por eles apesar das forças contrárias à existência deles.

Os irmãos, no centro da engrenagem capitalista, resistiam à perspectiva de um futuro sem ação presente, sem trabalho, sem produção e sem consumo. Eles juntamente com o pai, Senhor Joaquim, nos ensinam que observar o cotidiano – o tempo e o espaço –, e traçar estratégias considerando as poucas possibilidades abertas é o que garante a continuidade, a vida.

8.1) Entrevista com Joaquim, rendeiro, 1983

Entrevista com Joaquim, nasceu em 1920, e sua esposa, Zéfinha, nasceu em 1922, rendeiro e comerciante, São José de Piranhas/PB
Casado, 9 filhos, sendo que cinco moravam próximo aos pais e quatro na região do ABC Paulista.

Entrevistadora: Marilda A. Menezes, 1983

Lá, no DNOCS, tem muito rendeiro?

Joaquim - Tem muito, completo

E todo mundo é do tempo de herança, é rendeiro por herança?

Joaquim - É, aliás, muitos fizeram negócio, compraram. Muitos que eram donos deixaram sem renda. E, depois, os mais ou menos, que podiam comprar, comprovam no valor de uma propriedade, sem escritura, sem nada. Só o direito de posse.

Agora, o nome registrado no DNOCS é só dos antigos?

Joaquim - É só dos antigos. Até o tempo que era possível comprar, o chefe da bacia do açude, passava o documento para o outro que tava

apossado. E muitos documentaram. Eu tenho os contratos, de 5 em 5 anos renovava.

Por que eles atualizam o contrato?

Joaquim - Olha, é o seguinte, é como contrato de aluguel de casa, que a pessoa aluga uma casa e contrata um ano, ou dois, ou três. E querendo sair, tem o direito de passar prá outro. Dentro do prazo do contrato nem o chefe tem direito de botar prá fora, nem o rendeiro pode sair.

Mas, ele pode fazer um negócio por fora e dá a outro prá trabalhar?

Joaquim - Agora não tem, agora foi proibido, já faz uns 6 anos que não pode. Se faz é oculto, escondido. Não tem o direito de vender, mas, às vezes, um compra o direito do outro, mas não diz que comprou, diz que comprou só a pastagem para o gado. Aí, a pessoa tem que se aguentar, essa coisa toda. O chefe quando sabe, porque não deixa de ter quem fale. Aí, ele vai e retira dos dois o lote de terra, fica prá nenhum.

Mas os chefes descobrem todos os casos?

Joaquim - Não descobre por consideração nenhuma. E tem muito esses negócios, eles vendem muito uns aos outros, mas é proibido.

O senhor acha certo eles fazerem esses negócios uns com os outros?

Joaquim - Bem, prá quem tem precisão de se retirar, ir para o Sul, para uma parte qualquer, tá certo, porque vendeu os direitos e tem com que sair. Porque, muitos são pobres e não tem, não possuem outros haveres. E então, pega aquela importância. E quem compra, acha que tá bom, porque tava sem nada e comprou aquele trechozinho, pelo menos para a pastagem dos animais, do gado

Mas, quem compra, é geralmente o pequeno mesmo, que é para agricultura, que não tem terra nenhuma, ou quem?

Joaquim - Não, são os mais ricos. E é por isso que dá problema. Porque o DNOCS ficou só para os pobres que não tem apoio por canto nenhum. Mas deixa que os ricos...

Que era prá dividir só pros pequenos?

Joaquim - Então, esses maiores, como nós temos falado se interessam, como nós chamamos, por ambição.

E os rendeiros, que tem aqui, eles moram, geralmente, na propriedade ou moram fora?

Joaquim - Quase todos, os que são apossados de renda, e vivem só exclusivamente de renda, todos eles são pequenos.

E quando a terra foi dividida, era só prá quem podia ter terra e pagar renda, como foi a divisão, o senhor tá lembrado?

Joaquim - Naquela época os interessados eram os que já foram donos. Eram os primeiros. Agora, se eles não quisessem, era quem estivesse primeiro na frente.

Aí todos eles quiseram?

Joaquim - Não, teve deles que não quiseram não. Naquela época o dinheiro era pouco, ajuntou o dinheiro e achava que o governo tomava mais alguma coisa, compraram propriedade fora. Aqueles que podiam, não sabe! Desprezaram tudo. Agora, deixa que os que ficou não se arrependeu, porque ficou como dono também. E pagando como nós falamos, uma micharia. E nessas alturas, a dita nossa propriedade do meu avô, nós ficamos, a família arrendaram tudo. Ficamos com essas ditas sobras que eu falei que nós somos donos. E deixa que os outros irmãos de meu pai venderam, quando apareceu qualquer coisa, eles venderam e se desapropriaram. Os nossos, nós nunca vendemos. Desde 1940 que nós somos rendeiros, desde a era de 40.

Cada filho tem uma renda, ou só o senhor?

Joaquim - Não, só tem uns três

O pai do senhor tinha quantas rendas?

Joaquim - Aliás. Ele arrendou um trecho de 40 hectares e repartiu com os filhos, os interessados, cada um ficou com 10 hectares. Depois

veio outra modificação, prá pessoa só possuir um hectare para cada filho. Que a minha mesmo, foi o seguinte. Nesse tempo eu só tinha sete filhos, aí foi preciso diminuir a minha, não é!. Diminuir, ficar só em sete hectares. Mas, eu fiquei apossado nas mesmas, não cedi prá seu ninguém. Porque, se eu tivesse aceitado e cedendo para outros, eu ficava sem nada. E com sete filhos para trabalhar, aí nessas alturas, a gente embromou com os guardas que vivem medindo as rendas e procurando quem é que está errado, igualmente ao soldado policial, tem essa mesma importância, o chefe lá...

São muitos guardas?

Joaquim - São, tem um bocado deles. Cada um tem o trecho de dominar. Tem um nesse rio, aqui, tem outro no rio da Picada, outro rio de Cacimba, daquele mundo de Aroeiras,

Aí o senhor falou com os guardas e eles deixaram?

Joaquim - Deixaram. Foi preciso medir novamente, essa coisa toda, mas sempre eu fiquei com os nove hectares. Porque eu botei nove aí, mas, desde a minha primeira renda, que são dez, mas, em todo caso, tá registrado no escritório do DNOCS. Nove hectares e duas vazantes. Mas, as duas vazantes eu não botei só, porque eu não sou apossado delas, é prá um direito de quando eu precisar de um beijo d'água prá plantar uma verdura, eu tiro qualquer parte, eu tenho esse direito.

As vazantes medem quanto? Quantas tarefas?

Joaquim - Não é tarefa, são cinquenta metros de beijo d'água cada uma.

O senhor não tem usado essas vazantes?

Joaquim - Não tenho. A área de vazante tá na água. É prá quando eu me interessar, mas eu não me interessei ainda, porque, eu não vou sair daqui de casa prá plantar muito distante, não sabe!

E nas rendas é permitido criar gado?

Joaquim - É, é permitido. Mas apenas desfrutar o pasto, não é só criar solto, não, é só de dezembro em dezembro, prá desfrutar só o pasto

O senhor disse que muitos se interessam comprar as rendas?

Joaquim - Às vezes interessa a comprar de um pobre, só prá poder ter o direito de criar dentro. E o DNOCS, chefe, não aceita, que é prá não aceitar que os ricos criarem no DNOCS. Porque o DNOCS ficou para os pobres, não foi para os ricos.

O senhor acha que hoje a bacia deve ter toda essa divisão que existe entre rendeiros... A maioria da terra tá na mão de pequeno, médio ou grande?

Joaquim - dos pequenos. Os grandes, como eu disse a senhora, os grandes é só oportunidade.

Como assim, oportunidade?

Joaquim - Oportunidade é o seguinte, quando eles acham um pequeno que não esteja podendo, e eles possam adquirir.

Por que o pessoal resolve sair? Não tem condições de trabalhar a terra?

Joaquim - Fraqueza. É, às vezes vai sofrer muito mais por fora, sendo empregado de outros, não é! Sendo mandado, e essa coisa toda.

Do que os pequenos mais se queixam?

Joaquim - As condições mesmo, de finanças, de manutenção da família

E eles permitem plantar capim, ou o DNOCS não permite?

Joaquim - Permite. É tanto que agora mesmo, tem até melhoramento para os rendeiros, os pobres, os pequenos, como se diz ter direito a empréstimo, melhoramento, pelo BNB prá comprar duas vacas, motor de águação, prá fazer campos de plantio de palma, mesmo, que é para o gado.

É o DNOCS quem faz?

Joaquim - Não é o DNOCS que faz, o DNOCS solta a carta...

De anuência?

Joaquim - De anuência, como nós chamamos. Para o banco, e dá a proposta, o que é que está interessado, é o arame prá fazer a cerca; é o toco prá arrancar, prá arar a terra para o plantio, ou se é um motor prá quando precisar do arroz de aguação de baixio ou fazer um plantio de verdura, ter um motor para aguar de dentro do rio prá vazante.

O senhor já utilizou o trator?

Joaquim - Não. Eu aprecio mais o arado à burro. Porque o trator vira muito a terra, eu não acho vantagem. Além disso, a despesa é muito grande prá gente trabalhar por hora marcada

Nas terras do senhor e na renda, quem trabalha, é só o senhor ou como é que é?

Joaquim - É eu e esse filho mais velho, casado, ele trabalha junto comigo.

E quantos, mais ou menos, o senhor contrata trabalhador alugado?

Joaquim - É coisinha pouca, dois, três assim...; dois/ três dias por semana. É só limpar mato mesmo, roçar o algodão.

Brocar não?

Joaquim - Não, broca não, A broca é o seguinte, a gente faz contrato assim, empeleita uma tarefa, duas, três prá arrancarem o toco, apenas.

E o senhor tem cabeças de gado?

Joaquim - Só uma, por hora. Não tenho sorte com gado. Fiz sacrifício, comprei uma vaca, agora, ela ganhou bezerro, com antes de três meses que a gente tava desfrutando do leite, o bezerro morreu. Fiquei sem nada, do mesmo jeito, tô só com essa vaca, aí, e um burro de montada, que a minha profissão é comprar animais e vender

Ah. Sim, comprar burro e cavalo?

Joaquim - Burro, cavalo, jumento, todo bicho. Tô com 13 anos que a minha profissão é essa, trabalho na agricultura, assim, com essa importância pouca, e segundo é viajando.

Viajando, por onde o senhor viaja?

Joaquim - Boqueirão dos Cochos, Aguiar, São Francisco do Aguiar, uma parte do município de Piancó

O Senhor gosta mesmo desse serviço?

Joaquim - Ah! Esse, eu acho bom e deixa mais resultado prá mim, ganho bastante com ele.

Na opinião do senhor, o que é que tá acontecendo mais, é falta de lugar prá trabalhar ou trabalhador tem demais?

Joaquim - Trabalhador tem muito. O que falta é falta de interesse prá... prá trabalhar. E mais de tudo por tudo é a crise.

Essa crise, o senhor diz de que? Da seca, só da seca?

Joaquim - É. Olhe, tem essa emergência e muitos, são milhares, que estão dentro dessa emergência, pode vir um ano bom, mas eles não trabalham porque não fizeram as terras e nem tão fazendo o ano. Tem deles que não fazem por onde fazer uma tarefa de terra.

Por que não se esforçam prá fazer?

Joaquim - Porque não se esforçam, com medo dessa notícia que os astrônomos de São José dos Campos disseram que vai ser seco de novo, aí, nessas alturas, eles não...

O senhor acha que eles deviam tentar?

Joaquim - Tem deles que tenta, tenta, até demais. Às vezes tá até com aquela impressão de não vir o inverno, mas diz: eu vou tentar, porque pode ser que dê umas chuvadas e eu aproveite e faça o que comer.

E outros não?

Joaquim - E outros não. Esses dizem: eu vou trabalhar prá perder, coisa nenhuma, eu vou é me empalhar por aí.

Jefinha - É isso aí, a esperança é a última que morre, né!

É, mas tem muitos que já perderam a esperança de esperar que chovesse.

Joaquim - Agora, esperança no sentido: são aqueles que acreditam nas notícias de ser um ano seco, né!

Zefinha - E outros que acreditam em Deus.

Joaquim - É, outros que tem fé em Deus.

Quem planta, então, é porque acredita em Deus?

Joaquim - É

O senhor tem algum rezeiro na sua propriedade, ou é o senhor apenas?

Joaquim - Tem não, eu botei mas não foi positivo, nessa terra solta, mas no direito do DNOCS ninguém pode botar.

Nessa terra solta, o senhor botou...

Joaquim - Tem uns dois anos, naquela época de 79,80, 81, aí. Eles não continuaram a tratar da terra e a raiz fracassou, acabou.

Raiz do algodão?

Joaquim - Do algodão

Zefinha - é muito difícil um rezeiro bom

Joaquim - E já tava no período da seca, aí, eles disseram que não iam mais trabalhar, e pronto. Tem uns que dizem que não vai mais haver mais inverno e outros que não querem trabalhar mais.

Geralmente, os que trabalham de meia, nos períodos de seca, não querem trabalhar mais.

Joaquim - Não querem trabalhar mais de meia, porque eles dizem que as roças já não dão e prá partir mais o que tira, aí, não querem.

Zefinha - É melhor ficar na emergência

Todos estão na emergência? Como é a partilha da meia? Meia de algodão e meia do arroz?

Joaquim - Os que trabalharam comigo, só era terra seca, só terra alta, aí eu só queria a meia do algodão

Milho e feijão era prá eles?

Joaquim - Era prá eles. O que eles brocassem, né! E se fosse eu quem fizesse a terra, então tudo era meu. Eu dava tudo plantado

Zéfinha - Só prá eles cuidarem

Joaquim - Só pra eles cuidarem. Só pra eles limparem e colherem, era meia toda

Qual o sistema que o senhor acha melhor? O senhor pagar tudo?

Joaquim - Eles é quem escolhem. Prá mim tanto faz. A despesa de cerca e broca compensavam o milho e o feijão, não é! Agora, a raiz do algodão é que fica prá todos os anos, aí a pessoa divide só a raiz do algodão.

E eles preferem trabalhar, geralmente, tudo na meia, tudo pago, ou preferem...

Joaquim - Os que trabalham menos, que são mais preguiçosos, interessa receber plantado prá só cuidar e repartir tudo. A meia é dos dois.

E os outros?

Joaquim - Agora, tinha um que trabalhava comigo, interessava, ele mesmo brocar e fazer cerca, trabalhar e tudo, que era prá poder ficar com milho e feijão prá ele. Só partir o algodão. Desse jeito tem muitos.

Todo patrão, ele deixa o morador ou o meeiro escolher o sistema que ele quer?

Joaquim - É, sim. Agora, tem patrão que só tem um sistema só. É dá a terra prontinha, de meia, tudo.

Tem outros que não?

Joaquim - Tem outros que dizem: Se você quiser brocar é só se você quiser e trate da terra e você só me dá meia de algodão e da pastagem. Porque sempre o redeiro, o trabalhador alugado, sempre nunca tem a criação prá comer o pasto, sempre é só do patrão mesmo.

Na opinião do senhor, o que seria um bom redeiro?

Joaquim - é aquele que não entrega o patrão, que não vive pedindo dinheiro prás feiras direto e apenas quando ele colhe é que avisa para o patrão: “Bem, tem tanto para o senhor e tanto é meu”. Esse é que é o bom. Mas é difícil, desse.

É difícil?

Joaquim - Sempre, só eles querem que o patrão forneça de tudo, mesmo que ele vá trabalhar, brocar, e tudo, prá ter a meia só do algodão, mas deixa que querem que o patrão ainda supra ele do que ele precisar em casa. E quantos patrões tem prá manter, nessa crise de seca, prá não vir inverno, e ele ter de ficar só com a despesa?

Aí o senhor acha que não dá pra o patrão?

Joaquim - Não dá pro patrão, também não. Porque a maioria faz como essa menina diz, quando eles fazem toda despesa, desaguá, vai prá São Paulo e, na hora, a gente é quem fica sem nada.

Eles fazem isso?

Joaquim - Fazem muito, muito. Trabalha um ano se fornecendo. Ele não perdeu nada, porque o patrão forneceu prá ele fazer o roçado, mas deixa que se o roçado der certo, ele tira o dele, e se não der, ele só é...

O senhor comentou que teus irmãos foram prá Goiás, foram trabalhar na agricultura?

Joaquim - De agricultura e de vaqueiro. Porque ele era muito fanático pelo gado e aqui não tinha condição

Eles foram por conta própria ou o governo ajudou eles?

Joaquim - Não foi por conta própria. Se deram bem, casou a família toda, comprou a fazenda e quando foi agora, já de idade, porque ele é mais velho do que eu, vendeu a propriedade, comprou uma grande casa na cidade, a família casaram tudo, ele se aposentou e tá na dele.

Quais os outros lugares que o pessoal ia também?

Joaquim - Era São Paulo mesmo, desde 40, era mais difícil a viagem prá São Paulo, aí foi facilitando mais os transportes, num sabe! e foi andando mais gente prá São Paulo.

O pessoal ia trabalhar na agricultura?

Joaquim - É, começou ir pro interior, trabalha na agricultura, pro plantio de algodão, daqui foi muitos prá o plantio de algodão. Agora com a condição lá, eu não tô sabendo que fracasso que houve, que eles foram deixando e vindo prá capital procurar emprego. Os empregos foram se elevando mais, melhorando e eles ganhavam mais, e a agricultura era mais dificultosa por causa do veneno no algodão. Muitos se intoxicavam, muitos morria, aí eles foram criando aquele medo e foram voltando prá capital e pegando bons empregos e deixando a agricultura, porque é poucos agora que vai prá São Paulo prá trabalhar na agricultura.

A maioria é na indústria?

Joaquim - É na indústria. Segundo, devido as dificuldades do corte que existe lá no desemprego. Já tem deles saindo para o interior, para ir trabalhar em agricultura. Porque não tá tendo condição nem sequer de vir prá aqui mais.

Até que ano mais ou menos foi gente para trabalhar no algodão?

Joaquim - Até em 69, prá 70 ainda tinha muita gente que ia daqui prá trabalhar no algodão.

E por que uns ficavam e outros voltavam?

Joaquim - É porque uns gostava, outros não gostava, uns adoecia, outros era obrigado a voltar, às vezes saía prá não voltar, chegava lá, adoecia, não se dava com o frio e condição de lá. Voltava, saía daqui dizendo que não era prá vim mais, mas findava vindo, porque não se aguentava lá.

Este pessoal que ia sozinho para voltar no inverno, deixava a família?

Joaquim - Deixava a família, ia só os homens, quem ia prá ficar de uma vez ia com a família toda.

Na opinião do senhor qual deles se saiu melhor?

Joaquim - Bom, isto foi de sorte, uns levaram a família e se deu bem, outros levaram a família e se deram foi mau, porque ele se dava e a família não se dava.

Se o senhor tivesse ido naquela época para São Paulo, o que o senhor preferiria?

Joaquim - Ir com a família, porque se desse bem, não voltava mais.

O senhor acha que este sistema de ir e voltar pelo inverno é vantagem?

Joaquim - Não é vantagem, porque não faz nem lá, nem cá. Agora os que tinha propriedade aqui e vendia, era os que fazia questão de não vir; se dava mau e não podia voltar, porque não tinha mais nada aqui. E comia o que levava e acabava, dava fim, não é! E então à esta altura não podia mais voltar, teve diversos...

E hoje não tem mais este negócio de ir e voltar pelo inverno?

Joaquim - É não tem.

Quando foi que parou isto daí?

Joaquim - Faz poucos anos, pelos 80 mesmo, porque antes tinha inverno, na era de 70

Qual foi a época, a era que saiu mais gente, que migrou mais gente aqui da região do senhor?

Joaquim - Na era de 60, 70; foi por interesse, vontade mesmo, aqui era época boa e o pessoal só querendo ir prá SP, fanatismo, né. Diversos fazia assim o plano de ir e com 2 anos chegar rico. No caso, era o contrário, como teve um parente meu, ele foi uma vez, se deu bem, ai chegou casou-se e foi prá lá, fazendo até o cálculo prá quantos anos vinha rico prá aqui, prá compra uma pecuária, uma propriedade, estas coisas. Foi lá, trabalhou 3 anos, o que ele plantava naqueles anos, aquela

produção não tinha prá ele, tinha para os outros e não tinha prá ele. Quando ele veio, na estação, prá pega condução prá cá foi roubado; era ele com três garotinhos. Veio passando necessidade até chegar dentro da minha casa, chegou com a roupinha do corpo e passou ainda nove dias na minha casa. Este homem sofreu muito, aí foi a origem de muitos que se deram mau. Eu não sou muito lido, mas eu tenho andado muito, sou como se diz bem corrido, mas eu não me acanho de jeito nenhum. Nesta época que eu passei comprando animais, como falei prá senhora, eu dou notícia de muita coisa; agora eu falo prá esposa, eu deixando de andar, de comprar animal, muita gente vai sentir falta de mim, porque gostaria muito da palestra, do bate-papo. Às vezes quando eles chegam aqui em casa, mas você, o que que houve, nunca foi mais lá. Porque tem um negócio, uma coisa ou outra, eu digo apareça negócio que eu tô indo lá, mas que eu só vou pelo interesse. Eu não tenho folga prá anda, de calçada em calçada na casa dos outros qualquer.

8.2) Entrevista com Edson, metalúrgico, Zélia e Maria Joana, metalúrgica 1984

Entrevista com Edson, nasceu em 1953, filho de Joaquim, metalúrgico; Zélia, esposa de Edson, nasceu em 1957, metalúrgica; Maria Joana, filha de Joaquim, nasceu em 1951, metalúrgica, Edson tinha 31 anos, Zélia, tinha 27 anos e Maria Joana, tinha 33 anos em 1984

Entrevistadora: Marilda A. Menezes, São Caetano do Sul, julho de 1984.

O que é que você tá achando até agora do trabalho?

Edson - Eu tô achando bom.

O primeiro mesmo a vir foi o Desinho (é o quinto filho, que veio em 1973), né? Diz, Edson, como foi que ele conseguiu dinheiro para vir para

cá?

Edson - Conseguiu dele mesmo.

Ele trabalhou lá?

Edson - É, e todos nós tinha um pouquinho, né. O que a gente quisesse... que a gente trabalhava tudo pertinho de casa, né. E a gente sempre fazia uns negocinho com papai mesmo. E a gente tinha umas dependenzinha boa... mas, todos nós, tinha um pouco, né.

Ah! tinha?

Edson - Tinha.

Quer dizer que o seu pai tinha mais condições do que os meninos?

Edson - Não, todo mundo, todos nós, nunca a gente recebeu nada prá tirar legumes prá vender, assim, tudo a gente trabalhava prá dentro de casa. A gente precisava uma roupa, assim, quando precisava, a gente tinha um pouco também. Eu comprava roupa prá fim de ano, ir à alguma festa, né.

Então, porque o pessoal que mais reclama né... que vem prá São Paulo, porque trabalha na agricultura, os jovens né, porque trabalha na agricultura não dá prá... não dá uma roupa, não sei o que, mas vocês não, já é um pouco melhor né?

Edson - Não, e papai toda vida ele nunca foi assim de trabalhar muito na roça, o negócio dele mesmo só era negociar. Quem era mais de roça era Geraldo (irmão mais velho). Geraldo quem trabalhava mais na roça. Nós ajudava mais...nós ajudava mais, assim, condições de ir com ele viajar, negociar, mais isso aí.

Certo. E, mesmo assim, o pessoal acha que não dava para ficar lá, né?

Edson - Não dava.

Por que não dava?

Edson - Não dava porque...condições financeiras, que não havia esse inverno aí...como que ia? Todo mundo só fala em vir prá qui. E aqui é o

lugar mais fácil da gente fazer um futuro prá gente.

Sim, diga, o que você tava falando.

Edson - Não dá, a maior parte do pessoal, até quem tem condições, tem a maior parte das terras, a maior parte deles vendeu prá vir prá aqui. Prá ver se faz algum futuro na vida. Que hoje em dia, ninguém quer saber de roça, você sabe, é mais uma...

Mas tem gente que gosta de agricultura?

Edson - É, tem gente, mas, de cem tira dois, três, que tem mais vontade de...Eu mesmo, quando era mais jovem, eu mesmo não queria saber de roça não.

Mas por que que você não gosta, por que é pesado?

Edson - Uma porque é pesado e outra porque não ajuda prá mim mesmo, porque a pessoa, veja bem, você brocar, arrancar os toco, plantar prá você esperar prá uma chuva, prá você ter o que comer, o que vestir, farmácia, de tudo...condições financeiras, e se não dé. Como você vai fazer?

Então o problema é mais a agricultura mesmo, né?

Edson - É, o problema é mais agricultura.

Não, é não ter terra, nada disso não?

Edson - Tem bastante gente que não tem terra, mas tem outros que tem e vem prá cá assim mesmo.

Maria Joana - A gente também não tinha terra que pudesse, desse condições de criar todos não.

Vocês não tinham?

Maria Joana - Não...era, mas a gente tinha uma renda...

Arrenda dum...mas seu pai tem uma outra pequena propriedade né?

Edson - Tem, mas ali era muito pouco, se for repartir prá cada um dá... dá só um pouquinho de terra prá cada um, não dá prá sustentar uma família.

Maria Joana - Até hoje não quiseram dividir não, porque minha vó ainda é viva.

Ah! seu pai falou é... e os irmãos dele... e deixar lá...

Edson - Tudo separado né?

É verdade. Ele me contou que ele mesmo trabalha na terra né?

Maria Joana - É, ele mesmo arrumou lá uma parte, né?

Edson - Mas ninguém ajudava lá. Quando ele arrumou, todo mundo botava, só queria pôr animal lá, gado, tudo aí...

Maria Joana - Estragava tudo.

Edson - Estragava tudo, aí a terra tá prá lá.

Maria Joana - É, sabe como que é, no meio de muitos homens nunca atende ninguém não.

Edson - Ninguém fala, se um faz, todo mundo quer.

E você, o que é que o pessoal fala? Por que você resolveu vir? Por que vocês são casados, na agricultura a mulher não trabalha né?

Maria Joana - Não, o seguinte foi esse, eu terminei um curso prá professora, mas eu só tinha o curso: Nem tinha vaga, nem eu tinha aquela...

Edson - Vocação

Maria Joana - Vocação prá ensinar, né?

Você fez até o normal?

Maria Joana - Fiz até o normal. Fiz ginásio, fiz normal. Só que era um estudo que tinha ali, era como um divertimento, também. Eu não tinha uma festa, não tinha nada prá...logo era do sítio, né. Eu estudava prá poder ocupar assim os dias, só isso.

Edson - Ali só quem tem vez é quem...puxando o saco lá.

Agora, não conseguiu trabalhar. Você tentou ainda?

Maria Joana - Eu não tentei não.

Tentou não, aí você resolveu vir para São Paulo, assim, para trabalhar de que?

Maria Joana - Ah! eu vim prá ficar com ele. Ajudando a ele, porque eu não tinha nada lá, dá uma mãozinha prá ele. Ainda não resolvi trabalhar. Também, agora tá uma dificuldade, emprego aqui.

Também você ainda não foi procurar emprego em escritório, essas coisas não né?

Maria Joana - Tentei um pouco, mas eu vi que não dava.

Mas você tem estudo, ainda é jovem...

Maria Joana - É, mas o estudo de lá sempre é mais atrasado do que o daqui.

Edson - Sempre tem um cargo que tem que ter uma experiência muito boa, tem que ter um barão, ou um amigo que apresente prá arrumar, prá começar que, o cara chega na portaria de uma firma e pedi já prá entrar e sem ter curso, não consegue nada.

Maria Joana - E indo prá lá também, é muita humilhação prá gente.

Como assim?

Maria Joana - Porque ficando lá, lá só quem tem vez é quem vive lá com os candidatos.

É difícil, né? E você não quis se submeter a isso?

Maria Joana - Eu não, eu mesmo, minha irmã morava lá, a outra que tem estudo, ela tentou até conseguir, mas eu não sou disso não.

É horrível né?

Maria Joana - É horrível demais. Porque saber...a turma saber que a gente é de lá mesmo, tudo conterrâneo e olhar prá um, dá aos que tem mais alguma coisa e não olhar prá os outros, de que adiantava...só porque era mais pobre e não tinha vez. Meu pai se esforçou, criou com tanta dificuldade a gente tudinho, pelo menos, é o que a gente quer é uma coisa que a gente não esqueceu nunca né. É uma coisa que eu sempre

agradeço a ele por ele ter dado essa força prá gente estudar. A educação nunca é perdida.

Mas você mesmo. Então você acha que São Paulo é uma saída?

Maria Joana - É uma saída, prá gente vim, foi...vive assim, mais ou menos, você convive lá, ninguém lhe vê, todo mês recebe o salário, eu mando ajuda prá ele, quando eu posso. Às vezes você tem uma coisa assim em casa que você tem precisão...viagem aqui...eu já paguei, quando vem passear aqui...tudo isso é melhor do que lá.

Faz uns cinco anos que você tá aqui. Você acha bem melhor do que se tivesse continuado lá.

Maria Joana - Lá?

Essa parte de humilhação, né?

Maria Joana - Porque lá a gente é muito humilhado (o pessoal) por causa dos políticos, tudo né...aqui

Assim, como é?

Maria Joana - Porque aqui em São Paulo, o negócio é a precisão mesmo. A necessidade da firma, na fábrica. Chegar assim, tem a necessidade daquele empregado, a gente se sente útil né... e lá não, às vezes não é de precisão, ele ia logo dá o voto naquele candidato dele. Então é...

Eles perguntam logo de que família é.

Maria Joana - De que família é, qual é o partido que...eles falam qual é a família e qual o partido que elege. É uma falta grande prá o nosso lado. Eu acho que a gente deve falar o que acha do estado da gente né!

Você acha também que o pessoal vem aqui para São Paulo, é porque não gosta de agricultura ou é porque, assim, veio porque não dá...

Maria Joana - Uma é, muitos é porque não gosta de agricultura, outros é porque...

Edson - *Porque é melhor de se ganhar dinheiro, né!*

Maria Joana - É, porque aqui tem mais futuro

Lá também não tem a produção, né?

Maria Joana - Lá tem mais...produção quase não, produção quase não tem lá.

Não, produção de milho, feijão, quase ninguém tem?

Maria Joana - Não, tem uns que eles tira que dá prá vender prá fora, outros já dá prá comer durante o ano.

Edson - Lá a maior parte do pessoal planta, podendo plantar, vamos supor, pro futuro, prá comer, não, eles já vende tudo na folha, a semente ainda tá prá colher, vende tudinho prá se manter com roupa, doença, alguma coisa financeira. Aí não dá, quando chega, colhe tudinho que vende, que pague a...vai começar tudo de novo. Que às vezes tem tirando todo ano bom, dava prá pessoa, alguma pessoa trabalhar assim e sair, mas agora do jeito que tá, havendo seca lá direto, emergência. A pessoa ganhando quinze mil cruzeiros prá sustentar uma casa de família, dá? Não tem condições. E cadê o governo dá fé disso aí? Não dá.

Maria Joana - Olhe, as condições lá é tão difícil que quando a gente era menor, em casa, a gente só comprava roupa de ano em ano. Fim de ano quando...

E teu pai não era um dos piores, era um...

Maria Joana - É, não era dos piores...

Dos pequenos, os melhores, né?

Maria Joana - Quando ele colhia aquele algodão que vendia, porque os outros cereais ninguém podia vender.

Mas os outros moradores, os moradores, os pequenos...às vezes ficavam numa condição pior ainda.

Edson - Pior ainda. Muita gente não saía de lá porque não tinha condições. Se tivesse condições, a pessoa saía de lá. Ia procurar outro lugar, mesmo que fosse prá trabalhar em roça mesmo, tivesse condições

prá melhorar de vida, todo mundo pensando no futuro, né. Ninguém vai trabalhar só prá... trabalhar hoje prá comer amanhã ou trabalhar hoje, prá comer hoje. A gente tem que pensar um pouco no futuro da vida, em sonho, enquanto tá mais novo. É o motivo de muita gente sair prá quí, eu e outros qualquer. O meu pai, nós fosse tudinho dentro de casa agora, como fica? Não dá né!

Por mais que queira não dá para todo mundo.

Edson - Não dá...

É que nem uns daqueles lá, não precisa. Aquela gente lá, eles não precisam sair, né?

Edson - Não precisam, então, eles... é...

Maria Joana - E eles, tem uns que veio aqui né?

Edson - Veio por causa que aprontou com alguém lá e veio prá quí se livrar e depois foi lá e não causou nada. E ele é desses que dá a maior força prá muita gente lá

Quem?

Edson - Dá muita força prá muita gente lá, trabalhar com ele. Quando chega fim de ano que vai pagar os bancos, isso, aquilo outro, não sobra mais nada.

Para ele?

Edson - Sobra muito pouco...

Mas sem a despesa?

Edson - Não, a despesa dele é muito grande, também, né. Eu digo assim prá ter um rendimento suficiente, prá manter aquele tanto de pessoal. Se fosse assim, ele pegava mais gente ainda prá trabalhar com ele. Mas as coisas tá diminuindo.

É por isso que...

Edson - Tem, que eu conheci, do meu tempo ali, de tudo você via com meus avós, criação de gado, animal, ovelha, bode, tudo. Queria matar um

pegava ali, panhava no curral, a gente matava, a gente comia. Hoje em dia você vê isso aí? Rebanho de criação nenhuma? Só aquele proprietário, aquele moinho de gado, prá comer leite, um queijo, uma manteiga, uma coisa assim. Não dá, o lugar tá...por isso que a maior parte do pessoal vem aqui prá São Paulo, Rio, Maranhão, Goiás...

É, porque tem muita terra ainda, né?

Edson - Tem muita terra, mas um lugar que tem inverno todo ano, tem lugar melhor do que no Norte prá morar?

E não tem condições de combater de jeito nenhum a seca?

Edson - Tem, quer dizer, o governo era prá... ele podia fazer poço, naquele tempo da seca, ele numa tava era na...tempo de política... 1969, 1970 dava passagem prá o pessoal vim prá Amazônia, porque nesse tempo que tava...

Foi seca?

Edson - Houve seca, minha mãe fala muito nisso aí.

Foi grave né?

Edson - Foi grave, que até meus avôs, meu pai nesse tempo, minha mãe tinha bastante gado e foram obrigado a vender tudinho, que muita gente ia procurar o mandacaru, prá tirar aqueles espinho prá dá ao gado, que não tinha nada, nada, nada. Cadê que, nesse tempo, o governo fazia poço, enchesse de água. Que alí, aquela terra grande podia fazer um açude igual fizeram o açude de Boqueirão, que fizeram o açude de Boqueirão em 1958 num foi?

Não, foi antes, foi em 1932.

Edson - Não, 32...é 32 que minha mãe fala.

Era tempo de Getúlio.

Edson - Era... que minha mãe... por causa da seca, deram muito emprego prá muita gente. Aí por causa disso aí...

Quer dizer que ali casa velha não segura, né?

Edson - Não segura porque não faz alicerce nem nada. Porque lá em São José de Piranhas mesmo, se dá uma tromba d'água no pessoal... Que ali é tudo na terra. Ali não tem alicerce de nada não. Você acha que se der ali... começo de dilúvio, que eles falam no Norte, assim, tromba d'água, em cima daquela serra, ali aguenta a água toda? Não aguenta.

Arrebenta tudo, né?

Edson - Eu lembro quando eles estavam cavando ali o chão lá, cavando ali, que eu vi o alicerce na lama, sem água e jogando terra. Não tem essas segurança igual uma barragem como Boqueirão e outras mais.

É muito mal feito mesmo. Agora, você acha que se tivesse como combater a seca mesmo, eu acho que existe meios, é só querer.

Edson - Só basta o governo querer.

Aí melhorava para homem que tá lá.

Edson - Melhorava.

Maria Joana - Eu acho que São Paulo também é muita ilusão, muita mesmo.

Edson - São Paulo é uma ilusão mesmo.

Maria Joana - É ilusão.

Edson - E tem umas pessoas que vem aqui uma vez e vem direto.

Maria Joana - Vem e se arrepende...

Edson - Dantas (irmão), ele veio aqui (São Paulo), quando ele chegou lá em setenta, foi lá em 1973, passou onze meses aqui. Chegou lá (Paraíba), eu tava querendo vim prá qui, ele falou: não, você vá prá Brasília que São Paulo não presta. Durou uns três, foi, em três meses, ele teve aqui de novo. Aí foi o tempo que eu vim prá qui...

E por que ele veio de novo? Você sabe? Só ele né?

Edson - Só ele.

Maria Joana - Por causa do dinheiro dele, que ele chegava lá, comprava uma casa, comprava às vezes um carro, né. Comprava aí, não

tinha mais... aí dizia: eu vou embora. Aí vinha novamente prá quí.

Chegava aqui...

Maria Joana - Chegava aqui sem nada, aí ia arrumar emprego. Aí fazia alguma coisa né. Aí...

Edson - Aí ia lá empregava e vinha prá quí.

Ainda bem que era solteiro. Mas você acha que o pessoal da Paraíba não vê outra saída prá situação de lá sem ser São Paulo?

Edson - Olhe, na Paraíba, é em todo lugar, tem que ser São Paulo. É o lugar melhor que tem da pessoa viver, é aqui. Porque aqui pobre ou rico, todo mundo é igual. O nível é igual. Você ganhou, teve empregado, você compra o que você quiser, compra o que você quiser, lá não.

Maria Joana - Lá também tem uma falta, é...

Você ia falar que lá tem uma falta. Eu sei que carne, pelo menos...

Maria Joana - É, alimento, todo tipo de alimento, quando eu fui lá, passear agora, a situação, quase não tinha carne, nem fruta, nem verdura lá na cidade.

Edson - Alí, se mata um boi, alí a carne...aqui não, você come o que você quiser. Chega num açougue me dá um quilo de coxão mole, qualquer tipo de carne, lá só tem coxão mole prá fulano, que tem... manda nas bocas lá, os pobres só tem osso.

Maria Joana - Eles só levam as coisa melhor, as pessoas que pode. Mesmo.

Quando foi a hora exata de você decidir? Você já vinha pensando a muito tempo, né?

Edson - Ah! quando eu tirei meus documentos, eu pensava em vim prá quí

Aí qual foi a hora que você... agora é a hora de ir?

Edson - A hora... eu viajava muito mais papai, e ele falava que tava sozinho né... naquele tempo nós pequeno estudava, inclusive já tinha

vindo prá cá, meu irmão tinha casado também, fazia bastante tempo e ele pensava em ficar sozinho, né, que a gente ajudava muito a ele, nesse ponto aí a gente, todo tempo a gente ajudou a ele. Aí, desde pequeno a gente teve essa vocação de sair, vir prá São Paulo, isso aí é uma ilusão, quando chegou o dia a gente veio e tá a gente aqui.

Mas aí você já vinha se preparando há muito tempo?

Edson - Já.

Já tinha ajuntado um dinheirinho, isso, né?

Edson - Era um pouquinho prá quando chegar aqui já não de cara precisar dos outros.

E você Maria Joana quando você veio, a hora que você decidiu...

Maria Joana - Mas eu não sei não. Eu não sei contar não.

Não sabe não?

Maria Joana - Sei lá...eu não sei explicar não.

Porque às vezes tem...

Edson - É, ela veio mais prá qui por intermédio do que a gente já tava, porque a moça prá vim prá qui sozinha é mais difícil, né, principalmente como a gente, como nós tava aqui com os irmãos já tinha um apoio prá ela vim, porque mulher assim prá enfrentar sozinho é mais difícil. Foi o problema mais dela vim aqui.

Maria Joana - A vontade deu na hora, eu falei, procurei lá meu pai... o que pensava: "vá, veja se os meninos aceitam". Aí enfrentei.

Então, quando você veio, você quem vai visitar a pessoa quando chega em São Paulo, para dá um apoio, assim...

Edson - Todo mundo, os colegas lá, tinha deles às vezes que escrevia prá cá, o meu irmão mesmo já tinha vindo, mas é...

E você tava sabendo assim da questão de emprego, de moradia...

Edson - Não, naquele tempo o emprego era bom. Naquele tempo você saía, eu passei cinco dias parado, quando cheguei aqui e arranjei serviço.

Arrumou sozinho, ou alguém ajudou? Indicou?

Edson - O colega falou que tinha uma firma, tinha uma firma pegando, aí eu fui lá, com cinco dias que tava aqui e comecei a trabalhar.

Então, mesmo assim valeu à pena, você disse que...

Edson - Valeu, com toda dificuldade, mas valeu à pena vim prá qui.

Maria Joana - Arrumou até uma mulher aqui, né. É o mais importante né?

Edson - Ah! Mas isso aí é coisa da vida.

Maria Joana - E quem sabe, desempregado eu não queria não.

Edson - Isso aí, é porque tinha de acontecer.

Zélia - É a sorte da vida. Eu nem pensava que eu ia encontrar ele aqui, nem casar. É a sorte da vida. Eu tava lá, não pensava em vim prá São Paulo, não era prá cuidar em arrumar serviço. Eu vinha prá cá passear, que eu ia voltar sabe? Aí foi que cheguei aqui, eita! Aí foi que eu cheguei aqui, pronto, eu conheci ele, ficou contente, ele me pediu prá mim não voltar mais. Ele fez de tudo prá mim não voltar né... não voltei mais por causa dele. Até hoje...eu não pude ir embora mais por ele.

Edson - Mas se quiser ir agora, ela não quer né?

Zélia - Eu não fui mais por ele né, que eu conheci ele, comecei gostando, eu não gostava muito porque comecei assim né... a gente foi indo, foi indo...

Edson - Agora se eu for embora, ela chora.

Zélia - A gente foi logo ficar noivo e tudo e ele, no começo falou prá mim não ir embora, não voltar de jeito nenhum e ele começou gostando de mim e tudo, aí eu não fui mais embora. Mas eu não vinha pensando: vou prá São Paulo, arrumar serviço e ficar lá, não, eu queria vim prá qui conhecer, que eu ouvia todo mundo falar de São Paulo, aí fiquei com a ilusão de vim prá cá, mas eu ia voltar quando eu cheguei. Eu não tinha nem um mês que eu tava aqui, eu queria ir embora.

Você veio com um parente seu né?

Zélia - Por causa do meu irmão.

Seu irmão.

Zélia - Foi, eu vim com meu irmão, com outro irmão meu. E nós ia voltar. Aí depois a gente foi indo, aí... não conseguia nada aqui, um lugar diferente...tava muito frio né, aí eu...eu vou é embora. E meu irmão também, e eu ia, a gente ia voltar... a gente...

Você estudava lá?

Zélia - Estudava

Terminou?

Zélia - Comecei o técnico. Olhe aqui, minha formatura. Aí eu terminei o ginásio, antes de terminar eu queria vim né! e minha mãe falou assim: que primeiro terminasse, depois... Aí eu terminei o ginásio, ainda fiz o primeiro técnico, a matrícula prá começar o primeiro técnico, em Cajazeiras, aí eu vim embora, pronto, não voltei mais. Quando eu voltei lá era noiva, todo mundo falando em me encontrar com estudo, estudo e... que era melhor prá mim, aí eu falei: não, não quero mais estudar não, já era. Mas eu não tive intenção de vim prá cá e trabalhar e... não...

Edson - E nem prá estudar, estudo tá dando futuro de alguém?

Ah! É, hoje tá muito difícil, né?

Edson - Tá muito difícil o estudo hoje...

Zélia - Hoje, estudar, estudar até o fim ou se deixar no meio não vale nada.

Porque faculdade são cem mil por mês, quem é que pode pagar né?

Zélia - É, eu comecei ainda a fazer uns testes aí, no escritório, porque lá eu tinha um pouquinho de prática né...eu trabalhei...aí, fui aí na Editora Abril, prá recepcionista, fui nos escritórios aí da cidade, mas tava muito pouquinho nos escritórios. Prá mim não dá, prá mim né. Prá gente ficar

aqui mesmo tem que pagar pensão e tudo, nas fábricas, a gente ganhava melhor do que os escritórios.

Edson - Hoje eu comprei o jornal e tava pedindo auxiliar de escritório 195.000 (cento e noventa e cinco mil) é uma pouca vergonha né!

É, mas tem gente que não ganha nem isso.

Edson - Não ganha nem isso.

Maria Joana - É, aí eles não tiram isso, é um serviço limpo, é legal...

Então, você livre, já quer dizer que você gasta muito mais, porque tem que comprar roupa, tudo...

Zélia - É, então, aí eu cobrei, que muita gente falava que uma estudante como ela e outra, né. Aí muita gente que tem o estudo mais elevado um pouquinho, fala: você não procura alguma coisa como um escritório, uma coisa mais elevada, um grau assim, prá trabalhar? Aí onde é que tá né...fui procurar escritório, ganha uma micharia...

Ainda, além de que tem que gastar mais do em fábrica, né?

Zélia - É. Se não tiver quem dê a mão não dá prá viver. Porque aqui se gasta com tudo né, tem que pagar tudo né. Aí, aí começa. Agora, quem tem sorte de pegar um serviço que ganha mais um pouquinho, aí tudo bem, né.

É, hoje em geral, tá todo mundo pagando pouco.

Edson - Porque no caso ganhando 195.000 (cento e noventa e cinco mil) só se for... Se for bruto desconta 9%, vai dá 150, líquido, tem a refeição, aí paga condução.

Zélia - Não sobra mais nada. É quem mora com papai e mãe, mas quem vai pagar aluguel ou uma pensão, sobra o que? o que é que ele vai comer, comprar e tudo? Não sobra nada.

É.

Maria Joana - Não, eu ia falar assim, porque eu sou meia preguiçosa, prá tudo e prá serviço assim de...

De Cozinha?

Maria Joana - Não, que mexe muito com a cabeça.

Edson - Com matemática, essas coisas...

Maria Joana - Eu sou muito preguiçosa, eu acho que é...é preguiça mesmo. Não é...mas se eu fosse enfrentar eu podia enfrentar. E falar em serviço de escritório aí falaram logo que tem muita atividade, num sei o que, às vezes sobra serviço prá outro resolver em casa, aí eu não vou ficar. Porque, eu com um serviço prá eu resolver lá, lá mesmo eu ficava.

É puxado, pelo menos no escritório, exige muito e paga-se muito pouco, né?

Maria Joana - Eu não tinha muita coragem de estudar lá. A facilidade que tinha assim, que eu não trabalhava, eu já tinha preguiça de estudar. Eu acho que é só preguiça mesmo.

Quando você chegou aqui...a realidade aqui é muito diferente do que se espera né? O que é que você acha?

Edson - Aqui é um sonho.

Maria Joana - É mesmo, porque o povo lá, eles não pensavam muita coisa não. Mas de fato, eu não vinha pensando em gozar, em ter aquela vida tão...eu não.

Edson - Quando eu vim prá quí eu vim trabalhar e demorar um pouco. Prá gente também, a gente também deve pensar só em...pensar em negócio...só esperando pelos outros. A pessoa também...o futuro tem que ser independente né, ou de estudo ou de emprego, de alguma coisa.

E você, quais as dificuldades que vocês, quando chegam a primeira vez encontra? Assim prá emprego assim... tem gente que não se encontra dificuldade, ou...

Zélia - Eu não encontrei não.

Não?

Zélia - Eu não encontrei nada difícil assim como as pessoas falavam não. Aqui a coisa que eu achei mais difícil foi sair, só prá tirar documento. Somente. Os meninos foram também, aí resolvi... não achei dificuldade de jeito nenhum. Eu nunca fui de sair de porta em porta de firma procurando emprego. A primeira firma, uma colega minha arranhou, quando começou trabalhar lá, aí falou que arrumava, eu arrumei com ela. A outra do mesmo jeito. A minha irmã já trabalhava lá...

E você nunca pensava em voltar para lá (Paraíba), esse tempo todo né?

Edson - Eu penso ainda.

Maria Joana - Eu penso direto.

Certo, mas, vocês já pensam agora, esses últimos tempos ou já pensou antes?

Edson - Não, toda vida eu pensei antes. Fazer uma independência aqui e prá melhorar de vida e ir prá lá.

Quando você veio, já pensou, vinha com a intenção de voltar, né?

Edson - Vinha pensando em voltar.

Aí, quando você veio pensava passar aqui quanto tempo mais ou menos?

Edson - Ah! isso aí eu não tinha a mínima ideia.

Não idealizava né.

Edson - Não. E não sei quando eu vou voltar. Enquanto tiver empregado, pagando aluguél e tudo, eu tô por aqui.

Mas você pensava assim, quando você veio, né. Vinha conseguir o que?

Edson - Não, conseguir um emprego e...

Vamos supor, você arrumar um dinheiro que desse para comprar um comércio.

Edson - Ou um comércio...que tudo vai com pouco né. Se a gente tiver sorte com comércio pode começar de pouco, amanhã, depois você tá bem melhor, né.

Quer dizer, você pensa num comércio... comércio de que?

Edson - Ah! o que tiver mais fácil. Pode ser cereais, pode ser uma compra de gado, pode ser tecido, pode ser qualquer coisa. O que dé prá gente ganhar um pouco mais. É o que tiver mais próximo.

E você Maria Joana pensa em voltar um dia?

Maria Joana - Não.

Não, por que?

Maria Joana - Só se for o destino mesmo. Pode ser, de uma hora prá outra eu... ataca as minhas ideias de ir lá prá casa né e vai... é assim. No dia que Deus dá a sorte da gente viver lá e...

Mesmo

Maria Joana - É, mas eu queria mais antes que ele viesse morar aqui comigo.

É?

Maria Joana - Porque só é eu solteira, né. Os outros são casados

Você mora com quem?

Maria Joana - Com minha irmã.

Com Maria Lia. Ah! você mora com a casada?

Maria Joana - É, pode ser. Quando eu não ficar aqui, se eu sair desse emprego, pode ser que eu vá logo prá lá. Se eu num ir procurar outro emprego. Aí se eu num for...

A ML não pensa em voltar?

Maria Joana - Às vezes ela fala que tá com saudade, tal, mas depois...

Ela não quer voltar?

Maria Joana - Ela não quer voltar prá morar lá.

Hum...hum... E N, fala em voltar?

Edson - N fala.

Hum...hum... Ele tá esperando vocês, para voltar também. Vocês...

Edson - Não, agora eu não sei viu. Pelo jeito que as coisas tá difícil, podemos ter sorte de arrumar logo um emprego, já que tá aqui, prá ir lá

acabar o que tem, pegar uma indenização e gastar tudo aí de bobeira também não, não achei de acordo. Dá mais um tempo já que tá aqui, tentar mais um emprego e segurar um pouco e ir em frente. Aí, já é a terceira firma que eu trabalho.

Aí você procuraria antes emprego, se encontrasse, né?

Edson - Eu procuraria antes, se eu encontrasse eu tentava, ficava mais uns tempos.

E se vocês fossem, vocês vendiam tudo assim, ou levaria a mudança?

Edson - Acho que levaria tudo.

É difícil encontrar, né? Ninguém quer comprar.

Edson - Não, se você for vender aqui, você não acha um valor mínimo, todo mundo quer de graça, né?

Ah! Aqui ninguém não dá nada...

Maria Joana - É, que depois que vem da loja perde o valor, pode ser novinho...

Edson - Uma geladeira dessa qui, vale mais de duzentos mil né?

Num pega mais do que cinquenta aqui não é?

Maria Joana - Vende nada.

Edson - Não, que tá no valor da loja duzentos mil, não tá?

Mais.

Edson - É, daí prá mais né? Se eu for vender hoje, eu não acho cinquenta mil.

É

Edson - Eu nem que eu pague, em relação a tudo que eu levar, pago dez mil de cada peça, cada um, eu ganho mais do que se for vender aqui.

É

Maria Joana - E comprar lá né?

Edson - Se um dia eu for embora, num sei quando, nem sei se vou, nem sei o destino da vida da gente, mais o que eu puder levar, eu levo.

Esposa: Eu penso que... sei lá, eu vivo tão só aqui, eu acho que eu quero ir mais, também, é prá mim ficar perto de minha família. Eu queria muito isso. Porque aqui eu tenho família também, mas...

Você tem quantos irmãos aqui?

Zélia - Eu tenho...ih! tá faltando. Não, é tenho sim, (elencando nomes dos filhos).

Edson - Seis com ela.

Zélia - É, seis comigo né. Tem duas casadas. Um casado e dois solteiro. Um veio porque veio se tratar... operar, fazer operação da vista. Vai voltar já e o outro não, o outro arranhou serviço, tá trabalhando, e, mora com meu irmão. Tem família minha, mas é tudo distante, sei lá, eu aqui me sinto muito sozinha em minha família. Tem mais, parente dele, certo, mas, família assim unida. Mas, porque eu não gosto daqui mesmo, sabe? Você que me perdoe que você é daqui.

Não, que é isso!

Zélia - Eu não gosto muito do lugar. Apesar de que aqui é um lugar mais fácil prá tudo, né. Tem mais facilidade, né.

É sim?

Zélia - Tem mais facilidade prá tudo aqui, prá gente conseguir as coisas. É médico, é tudo né? Mas eu queria mais...ir prá lá. Mesmo assim, eu queria, porque... sei lá...eu tenho tanta vontade de tá lá perto dos meus pais. Eu queria ir lá prá perto dos meus pais. É o que eu mais quero. Ele não vem prá qui nunca, que eu sei.

Então, é... esse tempo que você passou, você conseguiu ajudar seus pais?

Edson - Consegui.

Vocês mandam dinheiro todo mês ou não manda?

Zélia - Não, todo mês não

Edson - Todo tempo, quando eu vivia mais meu irmão aqui, era o tempo que eu ajudava mais em casa, que nós ajudava mais em casa. Todo

mês a gente mandava uma quantia prá ele.

Você ainda era solteiro?

Edson - Era solteiro. Depois que casou já...

Veio as responsabilidades, né?

Edson - Mais responsabilidade, mas aí de vez em quando...

Zélia - Nem tinha tempo certo de mandar, nem total certo. Eu nunca mandei dinheiro prá... acho que uma lembrancinha que a gente vai lá e dá, assim. Mas, depois que eu casei, eu nunca mandei. Também, eu não trabalhei mais, também...

E ele, seu pai precisa, não precisa?

Zélia - Não. Até que ele... Bom, se ele precisa, também, ele não manda falar essas coisas. Sabe? E se ele precisa né. No tempo que eu tava lá, ele precisava, mas até que ele não vive mau de vida não.

Ele mora na cidade mesmo?

Zélia - Não, ele mora no sítio.

No sítio.

Zélia - Ele vive mais na cidade, ele sempre é na cidade. Tem uma casinha lá e outra no sítio. Ele vai lá, fica a semana no sítio e a minha mãe fica na cidade né. Aí no fim de semana eles ficam juntos, na cidade. Quando é no começo da semana, segunda-feira, ele vai prá o sítio. Ela manda a comida dele feita, que é perto, aí vai indo assim né. Às vezes ele vai lá. Vai limpar as coisas lá, passa a semana lá. E pronto. Tem sua irmã solteira, que mora lá, trabalha lá na Rádio Piranhas. Conhece a Rádio Piranhas de Cajazeiras?

Rádio Piranhas? Ah! já ouvi falar mas não conheço não.

Zélia - Então, tem uma irmã solteira que trabalha lá. Ela é recepcionista. É na portaria que ela trabalha. Só tem ela mesmo solteira. Minha mãe e meu pai também e eu. Eu queria que eles fossem lá prá cidade, mas, eles não querem vender lá. Porque ele gosta né! Ele gosta

muito... ele adora. Ele não fica sem ir lá no sítio de jeito nenhum. Tá lá direto. Porque quer mesmo, nem precisa.

Então você acha que mesmo assim o que você esperava deu para conseguir? O que você esperava em São Paulo?

Edson - Mais ou menos, só não deu prá conseguir, porque tudo é difícil. Principalmente prá gente trabalhar, fica mais difícil ainda, mas...

E você Maria Joana, você acha que conseguiu o que achava que ia conseguir?

Maria Joana - Até agora, tô conseguindo. Como eu planejei...

Se por acaso ele ficar desempregado, ele ainda falou que volta e você?

Maria Joana - Eu volto.

Vai esperar quanto tempo, mais ou menos?

Maria Joana - Não, eu não espero muito tempo não. Com uns três meses desempregada aqui, eu já vou embora

Aí você vai ficar lá definitivo, ou vai ficar por pouco tempo?

Maria Joana - Se eles aceitar. Aqui é, o que eles decidem. Eles não aceitam. Aqui o gosto deles é se eu fosse morar lá. Passar uns três anos. Aí eu volto, se casar tudo bem, eu saio de dentro de casa, a não ser...

Edson - Porque aqui a pessoa vai mando embora né? Pega uma indenização, fica pagando aluguél, toda despesa, só comendo sem colocar nada naquele lugar, de onde tá tirando, não vai três meses, quatro meses, acaba tudo, tudo.

E lá gasta menos?

Edson - Lá gasta menos.

Maria Joana - Gasta menos no estudo, mas quem tem casa própria lá. Meu pai tem casa própria. Eu indo prá lá, já não... esse gasto já não tem não. Não paga aluguél.

Mas a alimentação vocês também vão gastar, né?

Edson - É, também vai gastar, eu acho que a despesa mesmo fica aqui, é ficar aqui.

É, mas a despesa é a mesma porque a alimentação é a mesma coisa, né?

Edson - É, mas aí...

Maria Joana - Não é a mesma coisa porque não tem o que tem aqui.

Aqui a gente sempre gasta mais?

Maria Joana - É, sempre gasta mais.

Edson - Como esse ano, que você sabe, que no ano que aumenta as faturas no Norte, no Nordeste, esses lado aí, você tem condições de comprar uma saca de feijão, uma saca de arroz bem mais barato de que por quilo aqui. Como ali no Maranhão não sei onde mais, que saiu no Jornal Nacional, quase mil cruzeiros. Quanto tá um saco de arroz de cinco quilos?

Aqui?

Edson - Sim, tá dois e pouco, três mil por aí.

Maria Joana - É, dependendo do arroz.

Edson - Dependendo do arroz. E lá você compra uma saca de arroz.

É, né?

Maria Joana - E lá você compra mais barato mesmo. Principalmente agora que tá bom lá. Agora é que eu queria ir embora mesmo.

Edson - Feijão, milho, tudo é mais barato.

Maria Joana - Que lá tem inverno, tá tudo...as coisas tão tudo diferente. Quando a gente foi...tudo seco. Com quantos anos sem inverno, quase cinco anos? Tava muito seco lá, tava horrível. Agora não, agora deve ter mudado muita coisa.

Quando dá inverno lá, dá muita esperança, né?

Maria Joana - Dá, a gente fica até mais animado, vendo aquelas águas, tudo verde, as plantas tudo verdinho...

Edson - Também não tem condições da pessoa ir todo ano passear lá não. Você no fim do ano recebe abono, férias, vai pegar o que você recebeu durante o ano todinho, batalhar o ano todinho prá gastar num mês? Que gasta mesmo, né. Com o custo de vida, passagem de ônibus, quando eu vim, eu paguei, não foi nem duzentos cruzeiros uma passagem.

Vai para uns cinquenta mil, né?

Edson - Cinquenta e três mil uma passagem, olha a diferença

Maria Joana - Tá aumentando sempre

Zélia - Paguei oitocentos. Oitocentos e cinquenta prá vim.

Maria Joana - E eu seicentos.

Eu, a primeira vez que fui para lá, para ir de avião paguei onze mil.

Zélia - E no ônibus tá duzentos e dezessete. De avião eu não sei.

Só para ir.

Zélia - não tá mais caro. Que eu ia comprar uma passagem prá ela e desisti.

Edson - Como eu ia dizendo...

Zélia - Prá o Rio, parece que tá duzentos, não é cento e pouco.

Seus pais nunca, não só seus pais, geralmente os pais não vem, vem só os filhos, né?

Edson - É, meus pais...mas meu pai já veio aqui, depois que nós tá aqui prá passear.

Para passear, para trabalhar não?

Edson - Trabalhar não.

Maria Joana - Ele tem medo do frio daqui.

Teu pai?

Edson - Os pais dela também já vieram aqui. Mas, prá morar eles não querem.

Então, mas geralmente os pais lá não querem, não vem mesmo não é?

Edson - Não querem, porque aqui prá uma pessoa mais velha, não presta

Não presta? Até quantos anos mais ou menos de idade para o pessoal vim e conseguir alguma coisa? Prá conseguir o emprego aqui?

Edson - Ah! tem que ser uma idade assim de seus vinte e poucos anos. E até agora tá difícil.

Maria Joana - É de trinta anos abaixo. Eu acho que é. Depois de trinta anos, não tem condições de arrumar emprego. A não ser que já tenha arrumado um emprego. Algum emprego de faxineiro, sei lá. Um serviço assim mais fácil, né.

Também acho que é mais difícil.

Edson - Não tem condições.

Porque tem gente que fala que até quarenta e cinco anos, não é?

Edson - Eu não acho. Quarenta e cinco anos já tá numa idade já de aposentar, a maior parte né?

Zélia - Porque aí, esses dias, tinha uma... tavam pedindo faxineiro, aí de trinta anos acima. Tem que ser esses emprego mesmo que...

Edson - Porque você, quando chega nessa idade, já tá perto de se aposentar, se pagar INPS. Que os quarenta e pouco, cinquenta anos é a faixa mais ou menos, que todo mundo aposenta. Com seus trinta anos de INPS. Vamos supor o cara chega aqui com vinte anos, quando ele faz os trinta anos, já tá aposentado.

E o pessoal lá sabe disso, que é difícil...a idade. E também nessa idade, geralmente o pessoal já é casado, tem filhos.

Edson - Casado.

Já é uma dificuldade a mais para vir.

Edson - É, prá vim com família, tudo é mais difícil.

É, geralmente o pessoal que mais vem são os jovens.

Edson - Só os jovens.

E os casados não vem por que?

Edson - Porque, já pensa na família, nos filhos, em ganhar salário, sem ter uma profissão. Quando a gente chega aqui, ninguém tem profissão. Fica...se não estudar, não tiver uma sorte aí e conseguir uma profissão, não vai ganhar o suficiente prá manter.

E você mesmo, eu te pergunto, se você tivesse indo agora com a família, com criança, você tinha como a primeira vez?

Edson - Eu podia vim só. Quando eu tivesse empregado, arrumado a casa, comprar tudo em casa, eu poderia trazer uma... mas aí, tem muita coisa que pensar. Quando meu irmão veio, ele só veio porque tem os irmãos aqui, deu a maior força prá ele. Pró ele vim...qualquer um vinha, mas prá vim com a família, ninguém vem. Pró vim sozinho com a família ninguém vem.

E para o estado civil, para arrumar emprego é uma dificuldade também ou não importa?

Edson - Eles não importa. Agora não tá...tá tudo igual. Tá tudo difícil.

E sempre o pessoal manda muito embora em fábrica.

Edson - Manda.

Mas depois pega outros.

Edson - Pega outro.

Como é assim, como é que eles fazem?

Edson - Um ano eles fazem...fracasso de serviço. E outra... vamos supor em outro salário, eu ganho aproximadamente quinhentos mil...eles podem mandar embora e pegar um ganhando duzentos e cinquenta ou trezentos mil. Pró eles são vantagens, principalmente nessas fábricas pequenas. O cara tendo uma profissão ganha, mas o salário é mais baixo e o cara faz o mesmo serviço.

E eles fazem muito isso, né?

Edson - A maior parte.

E sempre tem gente que...esperando para entrar.

Edson - Tem. toda hora tem gente esperando.

E o pessoal quando chega do Nordeste, será mais um que chega, assim como salário menos, será que trabalha, vamos dizer, prejudicando os mais velhos?

Edson - Não, acho que não. Eles não sabem fazer o que a gente faz aqui.

Aí pega um e joga na mesma profissão?

Edson - É, pode pegar com a mesma profissão.

Mas muitas vezes eles pegam ajudante só para...

Edson - É, pega um ajudante aí...o ajudante vai pegando uma boa prática até... enfim, aprender uma coisa. Vamos supor, eu trabalho de treinador, aí já pode pegar um ajudante prá já colocar numa máquina. Ou pegar desenho, pega muito desenho, tudo difícil né. Você vai pegar, pega esse peça bruta aqui...dá um desenho prá mim... prá mim fazer a peça e dar ela já pronta, ou de um dispositivo ou de colocar numa máquina já prá dar uma produção...

Tem que ser esperto mesmo. Leitura, tal...

Edson - É, eu tenho o ginásio incompleto, num sabe, em matemática eu sou mais ou menos, já melhorei um pouco depois que cheguei aqui e comecei trabalhar. Minha profissão é só, é ferramenteiro, não sei se você viu falar

Já. Pois é, se você não tivesse tido antes o estudo como a maioria não tem?

Edson - É, mas aí já tem muita...tem cara que tem sorte. Não tendo, consegue né. Se o cara não tiver...tem que ter um pouco de estudo prá chegar aonde eu cheguei. Qualquer um pode chegar né e tem que ter um pouco de matemática, aí tem um cálculo de grau. Se você vai vamos supor, me dê uma peça prá mim, eu vou calcular tudo, montagem de

máquina, eu tenho que dá cem por cento, não posso errar nada. Quando eu tô em dúvida, eu...

Você faz tudo isso?

Edson - Eu faço tudo isso. Quando eu tô em dúvida em alguma coisa, eu levo na Engenharia, ele vai fazer tudo no computador. Prá montagem da hélice. Se é direita, se é esquerda. Passar grau prá minuto, minuto prá segundo, de uma prá outra, tem que fazer tudo isso ainda.

E, se por exemplo, é... vamos dizer, você acha que se os aposentados forem paraibanos, geralmente vai embora, né?

Edson - Não fica. Só a maior parte desses paulista que fica, aposenta e corre com medo do governo, de patrão, de tudo. Ele podia chegar prá aposentar, mandar embora e pegar outro prá preencher. Que o cara quando chega a idade de cinquenta anos, o que é que ele vai esperar mais na vida? Se ele não fez nada, até nesse nível, não vai fazer mais nada

Quer dizer que os paulistas continuam trabalhando, né? Os paraibanos não, vão logo embora?

Edson - Os paraibanos e esse, em qualquer lugar do Nordeste

Ah! do Nordeste, certo.

9) TRAJETÓRIAS DE MULHERES MIGRANTES

Jaqueline Martins

O exercício metodológico e teórico de análise das entrevistas me despertou a vontade de relatar um pouco da minha história de vida, como filha, neta, sobrinha de migrantes. Nasci no município de Campina Grande, na Paraíba e aqui estou. Minha família possui trajetórias sociais marcadas pela migração interna. Meu pai, José, com 18 anos, nascido no município de Assunção, localizado na região do Cariri da Paraíba, migrou a trabalho para Campina Grande, município marcado historicamente por atividades comerciais (Costa; Andrade, 2019). Meu pai relata que veio para cidade de Campina Grande, onde ficou na casa da tia, que já tinha migrado para a cidade com o esposo. Destaco aqui a importância da rede familiar para a migração de meu pai. Falarei posteriormente sobre a importância das redes sociais e familiares nas trajetórias migratórias. Meu pai relata que migrou para o município de Paraíba em busca de trabalho e para propiciar melhores condições de vida para sua mãe e irmãos, que ficaram na cidade de Assunção. Minha avó paterna, mãe de oito filhos, relatava que o esposo, meu avô, migrou para o Maranhão para trabalhar e nunca mais voltou, e a deixou sozinha com a responsabilidade de alimentar e cuidar dos filhos. Já nos anos 1980, meu pai relata com muito orgulho, que com a renda conquistada pelo trabalho, conseguiu comprar uma casa, conseguindo trazer sua mãe e irmãos para residir em Campina Grande, Paraíba. Minha mãe, Maria, relata uma trajetória migratória diferente, ela tem seis irmãos, cinco deles migraram de Campina Grande para Brasília nos anos 1980 e 1990 em busca de trabalho e ainda residem lá atualmente. Esse relato individual trouxe pequenos fragmentos das trajetórias migratórias de minha família, que acaba sendo representativo para pensarmos outras histórias de vida de

famílias migrantes da Paraíba, como a família de dona Adelaide e sua filha Ivone que irei explicar agora.

Nas análises a seguir destaco alguns pontos das trajetórias sociais da família de dona Adelaide, do município de Monte Horebe, na Paraíba. Digo alguns pontos, pela complexidade que envolve a análise de trajetórias. Como destaca Roberti (2017), o estudo a partir de trajetórias é algo além de histórias de vida pessoal, são reflexo das relações estabelecidas entre processos sociais mais amplo e subjetividades em estruturas e contextos específicos. As trajetórias aqui analisadas envolvem experiências com migrações em diferentes territorialidades, experiências com diferentes formas de trabalho, estando presente o debate sobre família, migração, gênero e trabalho.

Optei pela análise de trajetória adotada por Bourdieu segundo (Roberti, 2017 apud Bourdieu 1997b), que se refere a série de posições ocupadas sucessivamente por um mesmo agente ou grupo num espaço, em que o indivíduo está em movimento e sujeito a incessantes transformações. Assim, as trajetórias seriam, assim, o resultado construído de uma biografia individual ou de um grupo de biografias. Neste trabalho de análise, temos um grupo de biografias que abordam elementos de trajetórias migratórias internas de homens e mulheres da Paraíba para diversos territórios nos anos 1970.

A metodologia utilizada para realização das entrevistas foi a qualitativa, a partir de histórias de vida. Em busca de compreender como os sujeitos sociais entrevistados pensam sobre suas experiências de vida e qual sentido é dado a essas trajetórias. A preocupação foi identificar os sentidos construídos e atribuídos pelos sujeitos às suas trajetórias de vida.

As duas últimas décadas do século XX foram marcadas por intensas migrações internas, no interior dos próprios países, como também

migrações internacionais (Menezes, 2002). O fluxo entre a região Nordeste e Sudeste foi intenso entre as décadas de 1930-1980 entre a região Nordeste e Sudeste, em especial São Paulo e Rio de Janeiro. A entrevistada Adelaide ano de 1983, diz:

[...] A primeira pessoa que ouvi falar que sai (Monte Horebe, Paraíba) daqui foi o padrinho de pai, foi em 32 (1932), foi prá SP, ele saiu daqui prá João Pessoa de animal, quando chegava lá em João Pessoa tinha uma pessoa prá volta com os animais, porque ele vendia, sabe, os animais, prá pessoa que ia era já prá ficar com os animais, já tinha comprado; Aí quando chegava lá tomava o navio, passava 15 dias viajando prá chegar em SP; aí quando chegava prá lá sumia, ninguém sabia mais notícia, nunca, quando veio gente aparecer deste São Paulo, deste povo já tava com uns 10 anos, aí deste tempo por diante quando há um verãozinho, os outros foram espalhando a notícia, espalhando, aí foi no tempo que começou a chegar carro, os primeiros carros que chegou aqui mesmo foi em 35 (1935), o primeiro caminhão que apareceu aqui. M: A vida toda o pessoal ficou nesse vai-vém, de lá prá cá? A: Não de 32 até 40 os que ia, só vinha a passeio, alguns não era todos não, mas de 40 pra cá os que tem ido, é vai-vem, vai-vem.

Nesse fragmento, Adelaide enfatiza os movimentos migratórios mais intensos nos anos 1930, em condições precárias de mobilidade, mas enfatiza que os que migraram primeiro se deram “melhor”. “Entrevistadora: Quem saiu melhor foi o pessoal que foi antes de 70, nos anos 40/50/60 ou quem foi depois de 70? Adelaide: Quem foi primeiro. Entrevistadora: Por que? Adelaide: Porque pegou os melhores emprego, tem com que viver hoje e tem deles que nem se lembra daqui, nunca veio nem aqui”. Destaco que as entrevistas analisadas aqui aconteceram no período de intenso fluxo migratório dos anos 1970.

As pesquisas realizadas sobre migração traziam o homem como central nas análises, o termo “migrante” era carregado por uma conotação masculina (Assis, 2007). As mulheres apareciam nos estudos como coadjuvantes nas trajetórias migratórias das famílias, como acompanhantes dos pais, maridos e filhos, ou participando do processo a

distância, ficando na cidade à espera do companheiro, como namorada, noiva ou casada, cuidando dos filhos.

Portanto, até o início dos anos 1970, conforme Assis (2007), as mulheres não se encontravam presentes nas análises empíricas e nos escritos produzidos. A intensa participação feminina nos fluxos migratórios contribuiu para autores (Assis, 2007; Chaves, 2004) pensarem as mulheres não mais como acompanhantes do processo migratório, mas colocá-las como sujeitos, com poder de decisão de migrar, trabalhadora, guerreira e consciente de todo o processo migratório. Nos últimos anos da década de 1970 os estudos migratórios lançam um novo olhar para os processos migratórios, trazendo o debate de gênero para compreensão do universo das trajetórias migratórias femininas, como veremos a seguir.

Importante destacar que a nossa análise envolve as entrevistas de duas mulheres migrantes, dona Adelaide e sua filha Ivone, trajetórias de duas mulheres migrantes que são interligadas pelo laço de parentesco, por serem mãe e filha. Essas duas trajetórias migratórias estão envolvidas com a de outros familiares. Além do laço familiar que envolve as trajetórias de Adelaide e Ivone, as duas migraram casadas, inclusive Ivone, apenas com três dias de casada. Ivone relata: “queria passar a lua de mel em São Paulo e o esposo fez o seu gosto”. Pesquisas realizadas em municípios da Paraíba identificaram trajetórias migratórias de mulheres, na maioria das vezes acompanhadas de seus companheiros ou familiares (Menezes, 2002; Malagodi; Martins, 2009; Martins, 2014).

A partir das memórias de Dona Adelaide entrevistada em 1983, do município de Monte Horebe, Paraíba, mãe de doze filhos, foi possível conhecer as trajetórias migratórias da família. Quatro filhos de Adelaide, casados, residiam em São Paulo em 1983. As filhas e irmãos migraram para São Paulo, com o apoio das redes sociais e familiares de quem

estava “lá” e “aqui”. O filho mais velho migrou com 18 anos e, posteriormente, migraram os outros irmãos. Os movimentos migratórios e as aquisições de propriedades de capitais da família de Dona Adelaide foram possíveis graças aos movimentos migratórios e ao rendimento de capital econômico conquistado pelo trabalho. A mesma relatava que os filhos mandavam dinheiro para ela e o esposo, mesmo estes casados, continuavam a ajudar a família. Mandavam valores para compra de passagem, para eles, pais e irmãos. Com a ajuda enviada pelos filhos que estavam em São Paulo, conseguiram construir uma casa, em que moravam no período da entrevista. Dona Adelaide diz: “Esta casa aqui que nós mora foi construída com o dinheiro dos meninos que estão em SP, até hoje, mesmo casados, eles ajudam”.

Um ponto recorrente é ser “sem terra”. Inicialmente, Dona Adelaide, relata o fato de ter ‘perdido’ terras. Ela e o esposo tinham dois lotes de terras conquistado por herança, um lote de terras venderam para ‘comer’ e a outra para migrar, em decorrência da seca. A relação que a família de Adelaide tinha com a terra era de espaço produtivo para subsistência. Em tempo de seca, não conseguiam plantar e colher alimentos para sobrevivência da família. A fração de classe de camponeses, trabalhadores migrantes (Menezes, 2002) usam o capital conquistado pelo trabalho na terra para atender a imediata necessidade de sobrevivência, com alimentação. O campo social em que se encontrava a família de Dona Adelaide, no período de 1983 não garantia possibilidades de subsistência para essa fração de classe, camponeses trabalhadores, em período de seca, sendo a migração uma estratégia constituinte de reprodução social de toda a família (Durhan, 1973; Garcia Junior, 1990; Woortmann, 1990; Menezes, 2002).

Ainda relatando sobre a ajuda dos filhos que estão em São Paulo, a entrevistada Adelaide trabalha no roçado e contribui com o rendimento

familiar, com a venda de doce de rapadura: “O ano passado o que eu tirei, só deu prá come duas vezes, eu não tenho vergonha de falar, não. Tem vivido de trabalhar pros outros e com a ajuda dos meninos em SP. Eu me meti até a fazer alfinin (doce de rapadura) para ajudar em casa, dava prá pagar água, luz, comprava alguma coisinha prá casa: sabão. Aqui é fraco prá todo mundo, aqui não tem gente rico, dá prá ir escapando, vivendo, aperreado, mas. Aqui o maior problema é da seca”. Na fala de Adelaide, a mesma fala do seu trabalho, venda de doce de rapadura, como ‘ajuda’ e não parte integrante da renda familiar, paga água, luz e outras despesas. Despesas indispensáveis para a sobrevivência familiar. Nos estudos de pesquisa de Assis (2007) a despeito da importância do trabalho das mulheres para a família, os salários obtidos não se traduziam em uma maior independência financeira ou controle familiar.

Me dedicarei a seguir a análise da trajetória de vida e migratória de Ivone, filha de Adelaide, entrevistada em 1983. Inicialmente, destaco o crescimento dos movimentos migratórios de mulheres migrantes da Paraíba para São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e outras localidades (Menezes, 2002) como acompanhantes dos companheiros e familiares, e migrações de mulheres sozinhas e de retorno, como mostra os estudos de (Martins, 2014) com famílias no município de Fagundes, Paraíba.

A trajetória migratória de Ivone iniciou no ano de 1973, acompanhada do esposo, com apenas três dias de casada. No ano da entrevista, 1983, estava morando no bairro Battistini, cidade de São Bernardo do Campo, São Paulo. Ivone relata o desejo de liberdade em sua fala, como mostrarei a seguir, almejava encontrar autonomia em um outro campo social. Ivone diz: “vontade de morar num lugar mais afastado, pra ser dona da minha responsabilidade”. Será que a distância do campo social vivido e o casamento lhe proporcionou a liberdade desejada?

A partir das memórias de Ivone foi possível identificar diferentes estratégias usadas por ela para a conquista de capital econômico. As formas de trabalho relatadas foram em fábrica, vendedora de produtos de limpeza e cosméticos e vendedora autônoma. Teve um momento de ascensão de cargo, quando a mesma relata que era vendedora, depois assumiu o cargo de supervisora. Essa ascensão de cargo teve um significado importante, pois a partir daí conheceu a turma do Silvio Santos. Percebe-se uma disposição de mudanças importantes na conquista dos capitais, especificamente social e simbólico, que posteriormente com o acúmulo do conhecimento propiciado por essas trajetórias de trabalho anteriores, foi possível trabalhar como vendedora autônoma, viajando para comprar e vender roupas em São Paulo e Brasília. Ivone diz: “Quando eu vim prá cá, meu objetivo era conseguir alguma coisa, estudar, conseguir um bom trabalho, era subir na vida, não prá enricar, mas que desse prá leva o nível de uma mãe de família”. No início da fala, há uma disposição em busca de mudança na trajetória, no que se refere ao avanço na escolaridade e ingresso em um bom trabalho. As disposições familiares, especificamente da mãe Adelaide são importantes para pensarmos a trajetória de Ivone, que segue as disposições da mãe a procura de contribuir com a renda familiar.

As mulheres são importantes nas redes sociais de parentesco para os movimentos migratórios. Segundo Assis (2007), as mulheres utilizam-se muito mais da ajuda fornecida por parentes e são elas que articulam as redes entre os demais domicílios. Os homens também se apoiam nessas redes. Na trajetória migratória de Ivone e dos outros irmãos, havia a construção de redes de apoio familiar e acolhimento em casa de parentes no primeiro momento. Como destaca Ivone na sua fala: “Primeiro morei em São Bernardo do Campo, trabalhava na Telefunken, fábrica de televisão na Barra Funda, primeiro na linha de montagem e depois na

revisão por 9 meses. Meu esposo estava na Adria em São Caetano do Sul. Depois aconteceu um acidente com meu irmão ele morava com a gente, eu tiver que sair do emprego para cuidar do meu irmão”. As disposições femininas do cuidado e proteção, condicionamentos socialmente construídos no campo social vividos por Ivone acabou colocando a sua atividade de trabalho em segundo plano, aparecendo o dever de cuidar da família e seus integrantes como dever indispensável.

Nas trajetórias migratórias de Adelaide e Ivone foi possível identificar que os fluxos migratórios que, nos anos 1930 eram mais intensos, começaram a diminuir nos anos 1980, sendo a migração de retorno uma realidade nos estudos migratórios (Martins, 2014). Ao final da entrevista de Ivone diz que: “Entrevistador: Você tem vontade de voltar? Ivone: Se chover, eu volto pra lá, porque gosto do clima, agora eu tô esperando só pela vontade de Deus, não tô mais com ideia de junta dinheiro, eu quero educar meus filhos, num lugar onde eu tenha mais confiança, lá é que é a terra da gente, a pátria, Pátria é sempre pátria, a gente vai ficando velha, vai se cansando de luta muito, sabe! Então, você e vai se cansando, então prefere aquilo mais seguro, nem que seja menos, e é isto que eu quero, segurança para a minha família, tranquilidade”. A mudança de vida e o acúmulo de capitais favorecido pelas trajetórias migratórias, não anula as trajetórias anteriores, nem as disposições construídas no campo social de origem, tendo a vontade de retorno para junto de familiares que ficaram uma realidade presente nas trajetórias migratórias analisadas aqui.

9.1) Entrevista com Adelaide, rendeira, 1983

<p>Entrevista com Adelaide, nasceu em 1925 rendeira, Monte Horebe/PB. Tinha 58 anos, casada, 12 filhos, de 15 a 37 anos, quatro filhos casados estavam em São Paulo e quatro casados moravam em Monte Horebe. Entrevistadora: Marilda A. Menezes. Fevereiro de 1983.</p>
--

Por que a senhora foi obrigada a vender as propriedades?

Adelaide - Por causa de seca, uma foi prá nós comê, a outra foi prá nós viaja, quando o dinheiro se acabou fiquemô em Vargem Alegre, passemos quatro anos e um mês em Várzea Alegre (Ceará), trabalhando, prá vê se dá prá alguma coisa, mas não deu prá nada, nem dava prá come, nem dava prá nada; resolvemos sai de Várzea Alegre, porque não dava, trabalhava um ano, às vezes vinha enchente, cobria tudo nos baixios, plantava no alto, não dava o inverno se acabava. Fomos para Assaré (Ceará) - de pés - levemos bem uns 8 dias; chegemos lá era tempo de uma safrinha de algodão, fomo cata algodão, aí botemos um pedacinho de roça, no outro ano, nós plantemos, quando foi mês de março tava tudo torrando, se acabando, aí, nós foi e abandonamos tudo

E aí fomos para o Piauí, quando chegamos na cidade encontramos com o cigano, aí José procurando prá onde é que tava chovendo, um cigano informou que em Maranhão tinha inverno bom, aí nos puxemo prá Maranhão, Campos Sales (Piauí), a pés, em Campos Sales tomamos caminhão e fomos até lá, chegamos lá o inverno era bom, aí começamos trabalhar em terra dos outros. Lá tem muita gente, mas também tem nacional, é do governo, a gente tira a ficha na prefeitura, anotando o tanto de tarefas de terra e vai trabalhar. A terra fica longe da casa de morada. Com poucos dias que chegemos lá, adoeceu tudinho, sete meninos, meu esposo, só ficou eu sadia, deram um sarampo, mas graças a Deus lutei muito e melhoraram, um dos meninos morreu, tiremos um legume de arroz, feijão, milho. Ajuntemos tudo que tinha e voltemos pro Ceará, Assaré, passemos 9 anos no Assaré, e depois voltemos prá Paraíba, pro Viana (Sítio no município de Bonito de Santa Fé). Foi em 69 (1969), plantemos e quando foi prá 70 o ano foi quase seco, os meninos adoeceram tudinho de sarampo, os outros seis mais novos, que tinham nascido, aí gastemos tudo.

O primeiro filho foi em 1970 para São Paulo?

Adelaide - O Arnaldo resolveu ir prá São Paulo, porque aqui era ruim demais, ia se embora prá ficar ajudando de longe, se pudesse, ia mandar buscar o resto, aí foi isto mesmo, com três anos ele veio. Desde que chegou ele mandava dinheiro todo mês, prá buscar a gente, aí José disse: ah!. não posso ir não; ele disse então: eu vou voltar, quando eu arranja uma casa, o senhor vai. Ele disse: é, eu posso ir. Ele disse então: vou deixar o senhor em Cajazeiras, aí nos ficamos morando em Cajazeiras, aí ficou Ivone também em Cajazeiras, já tinha casado e já tinha voltado, o Maurício também já tinha casado, aí ele levou o rapaz, Jeca, aí eu fiquei só com as mulher e o Jé, aí pelejemos prá arruma emprego, mas nenhum tostão de nada, passemos 5 meses lá. Aí José falou: vamo prá Brasília, isso foi em 1975, aí José escreveu pros meninos em São Paulo, eles mandaram o dinheiro, aí nós fomos prá Brasília, foi todo mundo, nós, a Ivone, que era casada, a Soraia, também casada, passei 5 meses em Brasília, fui embora prá SP, porque Arnaldo mandou buscar, as meninas ficaram - Soraia veio embora pro Norte, Ivone foi embora prá São Paulo; a Maricota ficou em São Paulo e eu vim pro Norte. A Ivone e a Soraia já veio aqui, depois disto, e depois foi prá Bahia e daí foram prá São Paulo. Tinha ano deu mudar 3, 4, 5 vezes, pro Pernambuco, pro CE, pra PI, era mudança toda hora, onde chegava era prá trabalhar em roça.

Mas a Ivone disse que ele (o pai) trabalhou de caixeiro-viajante?

Adelaide - Ah. sim, onde ele botava roçado, ele gostava de compra umas miudezas e sai pelos sítios, de a pés, a cavalo.

Era os meninos trabalhando na roça e ele saia prá ver se melhorava uma coisa; hoje não dá mais nada, porque o povo só quer saber de negociar, porque a roça não tá dando, a largata acumulada, o verão, outros não tem terra, a gente tem vontade, às vezes, de botar uma rocinha, mas não tem terra, prá paga renda, gasta mais do que mesmo comprando o

legume. A gente o que gasta na roça dá prá legume prá come, talvez, um ano e o legume que tira da roça, às vezes, dá prá passar, um mês, dois meses.

Quem tem sua terrinha, tá melhor?

Adelaide - Tá melhor, porque não paga aluguel, tem um pé de fruta, bota um legume, faz um melhoramento no banco; prá quem tem terrenos grandes, coisa de terreno pequeno não dá nada; terreno grande é de 50/100 tarefas, por diante. As coisas mais grosseiras, não tô contando nada... é que meu esposo é muito impossível e não quer que ninguém saiba o que passou, ele quer ser sem ser, eu não minto, eu só quero ser o que sou.

Estas andanças da senhora, é só o problema da seca, mesmo, ou tem outros problemas?

Adelaide - Não, graças a Deus, nós já andemos este tempo todinho, eu não tenho intrigada, nem ele, nunca houve uma briga; Esta casa aqui que nós mora foi construída com o dinheiro dos meninos que estão em São Paulo, até hoje, mesmo casados, eles ajudam.

E se eles não estivessem em São Paulo, estivessem aqui?

Adelaide - Ave maria, eu sei lá, quem sabe é Deus.

Saiu do sítio quando?

Adelaide - Em 78 (1978), nos tá botando um pedacinho de roça no terreno deste meu genro, a dele é 4 tarefas, agora a mãe dele tem 25 tarefas, a gente bota 2/3 tarefinhas, isto quando há inverno, quando não há a gente fica trabalhando, por dia, por empeleita, nas propriedades por aí.

E quais são as condições deste serviço?

Adelaide - Homi, é broca, é cerca, é limpa de mato, é cata de feijão, serviço de açude, é todo preço. Só possuo um burro e hoje já saiu prá vender, porque não tem onde deixar, não arranja pasto, não tem água, às

vezes arranja um pasto com uma ou mais léguas de distância, às vezes precisa ir dá água todo dia e ele diz que já tá cansado, porque já tá com 61 anos. O ano passado o que eu tirei, só deu prá comê duas vezes, eu não tenho vergonha de falar, não. Tenho vivido de trabalhar pros outros e com a ajuda dos meninos em São Paulo. Eu me meti até a fazer alfinin (doce de melado da cana) para ajudar em casa, dava prá pagar água, luz, comprava alguma coisinha prá casa: sabão... Aqui é fraco prá todo mundo, aqui não tem gente rico, dá prá ir escapando, vivendo, aperreado, mas...Aqui o maior problema é da seca.

E se houvesse inverno tava tudo bem?

Adelaide - É, dava prá escapa,

E a senhora que não tem terra?

Adelaide - Ah! os povos que não tem terra é matado na unha, porque só trabalha pros outros, porque a gente é trabalhando e comendo e quando finda o inverno nem tem dinheiro, nem tem legume, só fica pros outros que é dono dos terrenos, das roças,

E de morador é difícil conseguir aqui?

Adelaide - De morador eu já morei também, ave maria! já morei muito depois que nós vendemô as terras, na Paraíba, Ceará, Pernambuco, Maranhão, todo canto.

E o que a senhora fala de ser morador?

Adelaide - Não dá não, é ruim demais, porque fica que nem cativoiro, é só o que os donos da terra quer, a gente não pode criar, a roça que pode bota é pequena e paga uma renda estourada, uns é de 3 por 1 (3 partes para o morador e 1 parte para o morador), outros é de 4 por 1 (4 partes para o morador e 1 para o patrão), algodão de a meia, arroz de meia, cana de meia, pronto, a senhora acha que dá umas condições destas?

A senhora acha que é melhor tá na rua?

Adelaide - É melhor tá na rua, porque a gente passando mau ou bom, ou do jeito que for, a gente vai trabalhando, e arranjando de um jeito e de outro, vai comprando, comendo, e não tem sacrifício de tá trabalhando, se quebrando, se cortando, a cobra pegando; e não pode criar nenhuma animal, alguns patrão ainda deixa criar umas galinhas, mas a maioria não deixa de jeito nenhum.

Já teve uma época que era bom ser morador?

Adelaide - Morador só foi bom quando o mundo era pouca gente; desde 1953 que fui morador já era deste jeito; de meus pais que botava morador, era um homem que não exigia muita coisa, deixava a pessoa criar uma cabeça de gado, uns animal, muitos homens nem queria renda, ele nem cobrava;

Hoje de morador não presta e também no alugado não tô gostando mais;

Por que os filhos migraram?

Adelaide - Por que não tinham onde trabalhar e seca. Aqui com a seca só tem serviço se o governo botá.

Mas mesmo quando há inverno o pessoal vai embora para São Paulo?

Adelaide -Vai, muita gente vai, mas vai mais o povo solteiro, mas casado mesmo é difícil, só assim quando há um desgosto, e graças a Deus os meus nunca foram por desgosto, por briga, nunca houve uma dúvida com nenhum deles.

Então, mas mesmo com o inverno, o pessoal vai?

Adelaide - Ah! você não sabe que depois que começou este rebuliço, eu vou lhe dizer quando foi, em 32 (1932). Ninguém saia prá parte nenhuma, eu era criança com 8 anos, eu nasci em 24 (1924), aí quando foi em 32, já tinha havido ano de seca, sabe; em 1915, 1919, tudo foi, meus pais que contam que foi seco, mas ninguém tinha prá onde sair, o povo era pouco, os invernos quando tinha criava demais, só com casca de

mato, estas coisas, gente pouquinha, né. Mas quando foi de 32 prá cá começou a sair gente prá São Paulo, ia de a pés, de animal daqui até João Pessoa.

Como é que o pessoal sabia de São Paulo nesta época?

Adelaide - Sabia por notícia não sei do que, ah! notícia sabe do que é, do jornal, aí o povo ia até João Pessoa.

Tinha rádio aqui esta época?

Adelaide - Tinha não, aqui ninguém tinha ouvido falar, aqui ninguém ouvia falar nem de carro, avião, nada, nada nesta época. A primeira pessoa que ouvi falar que saiu daqui foi o padrinho de pai, foi em 32 (1932), foi prá São Paulo, ele saiu daqui prá João Pessoa de animal, quando chegava lá em João Pessoa tinha uma pessoa prá volta com os animais, porque ele vendia os animais, prá pessoa que ia era já prá ficar com os animais, já tinha comprado. Aí quando chegava lá, tomava o navio, passava 15 dias viajando prá chegar em São Paulo; aí quando chegava prá lá sumia, ninguém sabia mais notícia, nunca, quando veio gente aparecer deste São Paulo deste povo já tava com uns 10 anos, aí deste tempo por diante quando há um verãozinho, os outros foram espalhando a notícia, espalhando, aí foi no tempo que começou a chegar carro, os primeiros carros que chegou aqui mesmo foi em 35 (1935), o primeiro caminhão que apareceu aqui.

Eles vieram buscar gente para trabalhar em SP?

Adelaide - Vieram sim buscar gente transportando gente prá qui, prá acola, vieram trazendo legume neste tempo de seca, aí neste tempo desenvolveu; aí o povo que vinha de lá vinha cheio de grana, aí o povo endoideceu a cabeça e agora só é São Paulo, São Paulo. Todo mundo veio enternado na casimira, uma coisa e outra, aí o povo disse ah! aqui não tá prestando, vinham com sapato, relógio, na trinca como se diz, e dinheiro, farrando, charutão no bico, né. Deste tempo por diante, minha filha, cada

vez vai mais, e vai-vém, vai-vém, uns vai, outros vem, acha que lá tá ruim quando arranja com que vem, o dinheiro se acaba, volta prá trás, chega lá torna a ganhar e torna a... tem gente que dá não sei quantas viagens em SP.

E porque que faz isto?

Adelaide - Gente que perde a cabeça, não pensa pro futuro.

Será que é isto mesmo?

Adelaide - É não pensa pro futuro; óia lá eles acham ruim por uma coisa, aqui já acha por outra, acha que com o que traz de lá, chega aqui não se acaba, chega aqui não dá prá nada, aí eles vai se embora outra vez. E assim fica, e assim tá no mundo inteiro, este negócio, eu já andei em 5 estados e em todo canto é assim como te falei, em todo canto é este rojão, um vai-vem, um vai-vem, que os carros é cheio, tem hora que ainda não cabe tudo, fica gente ainda nos pontos de ônibus.

A senhora já foi para Paraíba, Ceará, Piauí, Maranhão, Brasília e São Paulo, nossa conhece quase o Brasil inteiro, né?

Adelaide - Mas de sofrimento, de agonia e de vexame e de tudo que já passei na minha vida.

Viu, a senhora acha que para os filhos da senhora que foram embora para São Paulo e outros lugares, a senhora acha que não tinha outra solução?

Adelaide - Acho que não minha filha, porque como é a estória, o trabalho de emergência aqui, só quando passa 2/3 anos de seca é que chega, eles bota nuns cantos e outros não, fica uns tem e outros não tem, outros pega prá trabalhar, mas é por feição, pega aquelas pessoas e deixa um coitado que tá precisando de lado, porque aqui a seca pros pobres, eles tem precisão, porque tem gente aqui que já morreu de fome, e os ricos não tem precisão e quando chegava a emergência aqui, os ricos se alistava primeiro do que os pobres, os pobres ficava 3/4 prá trás, sem se

alistar, casa com 2/3/6 pessoas, quando se alistava 1 era muito, e os ricos alistava mulher, o filho que tivesse em casa e o marido. Se vem legume, às vezes o governo manda legume, eles repartem com as pessoas, mas quem tira mais é aqueles que não precisa, os pobres tira 1 Kg de feijão, 1 Kg de farinha, 1 Kg de açúcar, 1 Kg de sal, é os outros que tiram.... É que a gente falando demais prejudica a gente. Mas tem prefeituras aí que vem a carne de jaba, vem farinha, vem feijão preto, eu vi em Várzea Alegre, onde eu tava, o povo morrendo de fome e eles só dava prá passar nem dois dias, quanto mais uma semana, e quando era no fim do ano, quando o inverno criava eu vi saco, carrada de feijão preto derramada de trás da Prefeitura, num buraco que tinha; nem dava pros pobre, os rico, e o resto ficava, não dava e o que sobrava botava no mato.

Então dizem que o problema da Paraíba é só a seca, não é então, né?

Adelaide - Mas homê, é os tubarão que não tem pena da pobreza! é os tubarão.

Este é o que a Senhora acha que é o maior problema?

Adelaide - É o maior problema é este, mais do que a seca, eu já tô cansada de dizer aqui, se viesse o governo botá um destacamento de fora em toda a cidade, do exército, as coisas melhoravam pro Nordeste, porque dava emprego, sabia trabalhar, sabia empregar, sabia plantar e sabia colher, mas os daqui não. Só quer mesmo prá eles, pros tubarão, a mulher de prefeito, a mulher de senhor fulano grande, as coisas que chega aqui é tudo prá os que diz que é rico na cidade, e prá os pobres não dá nem um cobertor prá se cobrir,

A gente sabe que a situação é esta, né, a gente sabe, mas e...

Adelaide - A gente sabe, só que não pode dizer.

Não, tem que dizer.

Adelaide - Aqui não pode dizer não, porque se dizer vai prá cadeia, eu tô falando prá senhora com certeza, aqui ninguém pode dizer nada. Aqui

seis pessoas dentro de casa e só tenho um alistado (se refere ao alistamento nas frentes de emergência), agora é preciso comprar de tudo. Ele tá ganhando CR\$ 11.000,00 p/mês (salário mínimo era Cr\$ 34.776,00), prá compra de tudo, do comê, do vesti, do calçá e bebe, a senhora acha que dá? Dá a pulso, porque a gente compra o milho e o feijão e bota aquela coisinha no fogo, não é prá bota muito não, é prá bota só prá não fica com fome e tempero alguma vez quando José faz um negócio por aqui, outro por acolá compra um temperinho, porque nem prá tempero, do ganho dele dá.

Viu, a senhora gostaria de mudar prá São Paulo, de migrar prá São Paulo?

Adelaide - Por mim, minha filha, eu tava lá não tinha vindo, ainda hoje por mim eu tava lá, eu quero ir, mas sem o povo não pode.

Por que a senhora achava que era melhor?

Adelaide - Porque meus meninos trabalhavam e dava prá ir vivendo mais folga

Os que estão com a senhora é os solteiros?

Adelaide - Sim.

A senhora. acha que por mais ruim que tá lá, ainda tá melhor do que viver aqui?

Adelaide - Tá melhor que aqui, e os que tão, que fica que nem Ivone, Soraia (se refere às duas filhas que estão em São Paulo) já veio, quando chegar aqui fica de esmola, como se diz, quando volta prá lá ainda manda ajuda prá mim, porque aqui não pode me ajudar.

Então, por isto a senhora acha que a situação é melhor?

Adelaide - A situação lá pro ganho é melhor, agora prá gente mora aqui é melhor, eu digo assim os trabalhos, a gente só vive dentro de casa, logo eu não me dou com muito frio, fico logo com um reumatismo apiado, mas dizer assim do custo de vida São Paulo é outra coisa, é outra coisa,

mas a gente já que não pode morar lá, já que chega lá adoce, meu esposo é assim, numa coisa é doente, quando chega lá fica bom, aí vai e adoce de outra.

A senhora acha que os filhos que estão fora deveriam voltar para cá?

Adelaide - Homê, eu já falei prá eles mais de uma vez, eu disse: vocês é quem sabem, por causa que a Soraia manda dizer que não tá mais com vontade de vir, nem Arnaldo. Agora o Arnaldo diz que um dia que for mando da firma ele vem, mas vai mora em Campina (Campina Grande, PB). Agora Ivone manda dizer que quer vir se embora, chega aqui tem a casa dela, não paga aluguel, já o Coriolando já tá aposentado, eles vão viver de dinheirinho da aposentadoria dele. Porque lá também não se empregando que presta, nem ela, tem as crianças, eles já estão doente não podem trabalhar, estes negócios, ela deve ter contado tudinho, e aqui ele acha que deste ganho dele e alguma coisa que eles trouxe dá prá ir virando, ir passando, não é bem não, mas dá prá escapar. Aqui quem tem qualquer movimentozinho, um negócio que de prá se virar com qualquer coisa, dá prá ir escapando não dá prá fazer riqueza, né, mas dá prá ir escapando, e o clima aqui prá gente morar é muito bom, lá é agitado demais e a frieza demais.

A senhora falou que desde 32 (1932) pela sua lembrança, o pessoal saiu daqui e para onde o pessoal ia?

Adelaide - Era mais prá São Paulo

E os outros lugares?

Adelaide - Os outros lugares foi de poucos anos prá cá, de 60 pra cá.

Uns saiu pro Rio, outros prá João Pessoa, outros prá Fortaleza, Mato Grosso, Brasília, Maranhão (sai pouco), porque em Maranhão não tem esta estória de indústria, só é de roça, a indústria lá não tem quase nada, não, até os babaçu, porque lá dá muito babaçu, tem os armazéns cheio, mas é quase tudo exportado prá Fortaleza, prá fazer óleo, sabão.

Qual foi a época que saiu mais gente daqui, foi nos anos 30/40/50/60?

Adelaide - É nos anos de seca. Este ano saiu muito (1983).

Na lembrança da senhora qual foi os anos que foi mais gente?

Adelaide - Foi de 70 pra cá é desembestado, é toda semana.

Por que será que aconteceu isto?

Adelaide - Todo dia saiu 2/3 ônibus de Cajazeiras.

E por que será que o pessoal depois de 70....?

Adelaide - É assim ó, o ônibus vai cheio e volta cheio.

Estes que voltam, voltam para morar de uma vez?

Adelaide - Uns voltam prá morar de uma vez, outros vem a passeio.

É difícil estes que vem para ficar para sempre, a maioria vem e volta de novo?

Adelaide - É poucos que vem prá ficar prá sempre, eu já tava dizendo às meninas aqui, olha se eu fosse o governo eu dava um tranca neste negócio.

Mas que jeito ele vai impedir, a senhora acha que é da cabeça das pessoas?

Adelaide - Não, é o governo que faz, né, é o povo, pelo governo acho que não tinha este trânsito prá lá e prá cá, não.

Mas se eles vêm para cá, eles não vem para cá e querem ficar aqui, aí chega aqui a situação dá para ficar?

Adelaide - Não é? não podia ficar quieto lá onde tá, porque eu só vim modê doença, me mudei este tanto de vezes prá todo canto, porque não tinha do que escapar, então chegava em todo canto aperreada.

Então é isto, a senhora mesmo tá falando que não tinha condição de escapar, então não adiantava o governo fala que não podia, porque ou a senhora ia, ficava correndo de lá para cá, ou ia morrer de fome.?

Adelaide - É, e eu ia ficar ali morrendo de fome?

Então será que não é mais as condições do lugar, porque chega num lugar não tem condição, chega no outro não tem condição, aí o pessoal fica jogado?

Adelaide - É porque os tubarão daqui não ajuda os pobres, só faz mata.

Eu andei de um canto pro outro por precisão, agora tem gente que anda sem precisão. Tem muita gente que vai sem precisão e volta sem precisão, porque tem gente aqui que tem propriedade, 2/3 propriedades, tem casa, tem de tudo, não precisa de nada e vende tudo e vai prá São Paulo. Muitos vai de vaidade, vaidade só de passear, só de anda, de ônibus, eu tenho um primo que foi 10 vezes em São Paulo, indo e voltando, passava 2/3 meses lá e voltava, chegava aqui pegava o dinheiro da passagem e voltava, só passeando prá lá e prá cá, agora isto não trabalhava quase nada, quem sustentava era o pai, depois que casou se aquietou-se um pouco.

Quem saiu melhor foi o pessoal que foi antes de 70, nos anos 40/50/60 ou quem foi depois de 70?

Adelaide - Quem foi primeiro.

Por que?

Adelaide - Porque pegou os melhores emprego, tem com que viver hoje e tem deles que nem se lembra daqui, nunca veio nem aqui.

E os que voltaram pra cá?

Adelaide - Estes ficaram sem nada, bem os que ficaram por aqui não é rico, mas tá escapando.

A senhora acha como os filhos da senhora que foram tudo depois de 70, a senhora acha que para eles não foi tão bom?

Adelaide - Foi não, os empregos já tava difícil e pouco, às vezes passava 2/3 meses sem se empregar. Mas foi melhor do que fica aqui, porque prá qualquer parte que eles queiram ir eles vão, e quando tava aqui não saia prá canto nenhum,

A vida toda o pessoal ficou nesse vaivém, de lá para cá?

Adelaide - Não de 32 até 40 os que ia, só vinha a passeio, alguns não era todos não, mas de 40 pra cá os que tem ido, é vaivém, vaivém.

A senhora já falou que se fosse pela senhora fazia um abaixo-assinado para o governo ver a situação do povo aqui, então a senhora acha para o pessoal que tá aqui sofrendo nesta situação é melhor para ele, sair e ir embora para São Paulo, enfrenta as coisas lá. Ou era melhor era tentar uma solução aqui, o que a senhora acha que era melhor?

Adelaide - Se tivesse um regime, de governo, que cada um ficasse onde estivesse, aí melhorava a situação porque trabalhava seja no que for, aproveitava o tempo, porque a pessoa só leva o tempo envolvendo só em caminhar.

O que o povo daqui pode fazer contra esta situação, a senhora acha que o povo não pode fazer nada, tem que se submeter?

Adelaide - O jeito que tem é este, porque aqui, o pobre só tem prá eles mesmo, o pobre de São Paulo é mais rico do que aqui, agora porque o lugar não tem instrução de nada, não tem de que se agarrar, só do trabalho de roça e assim mesmo o povo tá se desembestando tudo, sem querer trabalhar, porque diz que não dá resultado. E as coisas talvez ou o governo não ajuda, ou aqui eles matam os pobres na unha, se é um dinheiro que vem, é matando de estouro no banco prá tirar, quando há inverno, não dá prá pessoa pega dinheiro prá paga no banco, fica dobrado o dinheiro. Ele só faz dizer que dispensa, no fim não dispensa. Este ano o Zé tirou CR\$ 50.000,00, agora foi chamado prá pagar CR\$ 100.000,00.

Este pessoal rico daqui trata os pobres diferente?

Adelaide - Bom, quando é tempo de eleição tratam bem, é tudo igual, quando ganha não conhece não, passa pela gente, nem dá as horas. Quando um rico cumprimenta um pobre, chega em casa e manda bota água prá lavar as mãos porque pegou em mão de pobre.

Vocês acham que não tem solução pro pobre aqui?

Adelaide - Na minha opinião o Nordeste só melhorava se viesse o prefeito, tudo, as autoridades viesse de fora, do exército.

Porque a senhora pensa o exército?

Adelaide - O exército porque ele sempre tem corrido mais por uma linha mais certa, mas estes outros. Um filho de um pobre se faz um mal feito tanto assim, vai pra cadeia, e o rico mata, esfolta e nem vai pra cadeia, se bota uns dias na cadeia, faz que fugiu, some e nunca mais se sabe, com pouco, com 1, 2 anos tá fazendo a mesma coisa que faz. Eu digo se tudo fosse do exército eu queria ver eles fazerem isto com o pobre, cadê que eles fazem este ano com a emergência, como eles faziam aqui.

9.2) Entrevista com Ivone, comerciante, 1983

<p>Entrevista com Ivone, nasceu em 1950, filha de Adelaide, vendedora, São Bernardo do Campo/SP. Tinha 33 anos, casada, 4 filhos. Entrevistadora: Marilda A. Menezes, fevereiro de 1983.</p>
--

Quando você veio para São Paulo?

Ivone - Eu vim em 1973, com 3 dias de casada, engraçado, eu queria passar a lua-de-mel em São Paulo. Aí ele fez meus gostos. Eu já conhecia outros estados, Mato Grosso, Brasília, eu viajava com meu pai, ele era caixeiro-viajante. Passava um ano em cada lugar, viajava com toda a família. Foi a melhor escola que a gente teve, ele era um homem muito rigoroso, mas muito compreensivo, ensinava muito a gente. Eu tinha um irmão em São Paulo, morava em São Bernardo do Campo, encostado à Brastemp. Quando eu vim, não tinha casa montada lá, porque meu marido já tinha vindo de Mato Grosso, era peão de boiadeiro, eu sempre tinha vontade de morar num lugar mais afastado, pra ser dona da minha

responsabilidade. Primeiro morei em São Bernardo do Campo, trabalhava na Telefunken, fábrica de televisão na Barra Funda, primeiro na linha de montagem e depois na revisão por 9 meses. Meu esposo estava na Adria em São Caetano do Sul. Depois aconteceu um acidente com meu irmão, ele morava com a gente, eu tive que sair do emprego para cuidar do meu irmão. Quando meu marido saiu da Adria, passamos a morar no Jabaquara. Aí peguei venda de produtos de limpeza, depois cosméticos, conheci novos bairros, gostei de Jabaquara. Trabalhei 6 meses na Fontoura White, peguei anemia e fiquei grávida e aí vi que não dava para trabalhar em firma mesmo, porque cheia de problema. Aí comecei a vender produtos da Vinete, como vendedora, depois supervisora. Andando por São Paulo, conheci a turma do Silvio Santos, peguei serviço de vendedora autônoma em grupo, mas não dá prá casada, porque é uma curtição demais. No final de 75 comecei a viajar para Brasília vendendo roupa. Lá tem muito parente, prima legítima, tanto de minha mãe, quanto do meu pai, então tomei conhecimento, gostei e falei: então agora vamos embora pra Brasília. Em Brasília morei um ano e 6 meses, continuei vendendo produtos da Vinete e vinha pegar confecção em São Paulo e vender em Brasília de 6 em 6 meses. Conheci muita gente boa, muita gente importante, cheguei a conhecer até o Presidente, aquele época, cheguei até a conversar com ele. Gostei, mas era um ambiente mais sofisticado, mas achei que era muita coisa prá mim, a barra era pesada, aluguei apartamento, já tinha duas crianças, já ia pra 3, e vi que lá só dava prá rico, aí voltei prá São Paulo. Em Brasília meu marido trabalhou na Aeronáutica e na Câmara Federal. Eu não me habituei com estas pessoas de grau muito elevado, eles gostam da minha fachada, mas eu não gosto, eu sou só mãe de família, quero criar meus filhos e só. Já imaginou conhecer a mulher de um deputado, conhecer a astróloga que fazia o horóscopo para o Presidente. Ah! a gente fica sem

graça, uma simples camponesa. Em São Paulo, fui morar 6 meses em Santos, vim, procurei uma casa e fiquei, depois fui arrumando conhecimento. Lá em Brasília morava em casa da Aeronáutica, não tinha móveis nada, meu marido saiu e eles disseram que era bom ele se engaja sempre do lado deles. Quando eu vim de uma vez, minhas freguesas ficaram pensando que eu ia voltar. Quando meu marido chegou aqui, ele engajou na academia, inclusive ele é soldado acadêmico, do corpo de bombeiros, mas não seguiu carreira, voltou a trabalhar novamente em firma, porque achava que a academia era prá solteiro. Fiquei 6 meses em Santos, continuei vendendo a Vínete e Sílvio Santos. Voltei a morar em Jabaquara e continuei a trabalhar com Sílvio Santos, entrou também minha irmã. Em 1979 voltei para o Norte, porque já tinha arrumado um dinheirinho. Já tinha dinheiro no Banco, que passava de comprar uma casa, então falei: dá prá ir pro Norte, enfrenta um comércio, compra uma casa, sou apaixonada por São Paulo, não gosto do clima, gosto do desenvolvimento, da grana e do trabalho. Quando eu vim prá cá, meu objetivo era conseguir alguma coisa, estudar, conseguir um bom trabalho, era subir na vida, não prá enricar, mas que desse prá leva o nível de uma mãe de família.

Até 1979 tava tudo muito bem, voltei, não deu outra, levava uma menina de 6 meses, ela estranhou o clima, a gente gastou de uma tacada só CR\$ 50 mil (salário mínimo em 1979: Cr\$ 2.268,00), como não tinha INPS, chamamos médico particular de João Pessoa, Dr. Pedro, de Recife, de Cajazeiras, Bonito de Santa Fé, mas infelizmente a menina morreu. Depois disto, meu marido ficava com 40 graus de febre e começava a delirar, e aí gastamos novamente. Compramos casa e terreno em São José de Piranhas, e uma casa em Monte Horebe, aí fui vendendo, gastando, até 1980, aí não tinha mais recursos, o jeito que tinha era voltar para São Paulo e fiquei com a casa de Monte Horebe e uns tostões

na Caixa Econômica Federal. Primeiro foi a doença, depois a seca, ele gastou CR\$35.000,00 naquela época e perdeu tudo. Aí resolveu fazer uma nova tentativa, antes de ir para São Paulo foi para Bahia- Irecê e nós ficamos na Paraíba, lá tocaram 12 alqueires, mas a seca também baixou e acabou tudo; depois choveu e água acabou. Aí não tinha mais recurso, o recurso era São Paulo mesmo, aí viemos as duas famílias, a minha e a da minha irmã, mulher do Chico Marinheiro, viemos para a casa da irmã dele.

Você tem vontade de voltar?

Ivone - Se chover, eu volto pra lá, porque gosto do clima, agora eu tô esperando só pela vontade de Deus, não tô mais com ideia de junta dinheiro, eu quero educar meus filhos, num lugar onde eu tenha mais confiança, lá é que é a terra da gente, a pátria, Pátria é sempre pátria, a gente vai ficando velha, vai se cansando de lutá muito, sabe! Então, você vai se cansando, então prefere aquilo mais seguro, nem que seja menos, e é isto que eu quero, segurança para a minha família, tranquilidade, não quero recursos, a questão da terra da gente é muito importante, se eu fosse de São Paulo, mesmo, não sairia por causa do conhecimento, por causa da família. Se você nasceu da tua mãe, e ela te der prá tua tia, você vai adorar só tua tia, se tua mãe quiser você de volta, você não vai querer, porque é o conhecimento, é o ambiente, ali onde você cresceu, é o calor, então este calor você não perde, pode ser paulista, baiana, É isto a pátria. Aqui cada dia que passa vai ficando pior, o pessoal vem porque principalmente a juventude quer conhecer, um já foi na frente, puxa o segundo, terceiro e o quarto, vai esvaziando as casas, em 79 quando fui lá as casas estavam praticamente vazias, os rapaz estavam tudo para São Paulo, depois conforme o tempo foi arruinando, os pais também foram combinando, prá filhas mulheres virem também prá trabalhar, prá poder sustentarem eles. Quer dizer que a vida do norte tá dependendo quase

toda da de São Paulo, tá entendendo? Os solteiros trabalhando para os casados e filhos pequenos e se reformando em São Paulo, enquanto São Paulo sofrendo as consequências, você vê as condições que tá; não tem mais graça, as coisas tão subindo; cada dia que passa, tá evaporando mais o preço, daqui a pouco tão alugando a ponte prá morar.

Como é a situação agora em São Paulo?

Ivone - Antes era bom. Antigamente foi muito melhor, eu tenho dois tios que vieram em 1958, quando eles voltaram, compraram terreno, 2 anos passaram aqui, gado compraram, e tão vivendo até hoje diz que agradece São Paulo, os 2 anos em São Paulo. Inclusive eu vim em 1973, já arrumei a vida, na minha lembrança São Paulo era bom, bom de não ter do que reclamar, até 75, por causa do emprego, habitação eu encontrava filas de gente com uma placa na mão: Precisa-se de empregado, aquelas pessoas procuravam a gente para trabalhar, era por todo lado: “Procura-se gente”. De final de 78 para 1979 você não encontra mais uma placa, você podia sair a fim de ver e você não via. Mas os que estão chegando hoje (fevereiro de 1983) ainda acham que aqui é muito bom, comparando a situação de São Paulo de hoje, hoje mesmo, prá o hoje de Paraíba, aqui é os céus aberto.

Por que as pessoas acham que São Paulo é bom?

Ivone - Ora, porque o salário mínimo aqui é CR\$ 24 mil, eles trabalham 8 horas por dia, já ganham aquele salarinho, eles não vão procurar uma casa pra morar, procura um barraco e paga dez, ainda sobra CR\$ 10 mil por mês, então aí eles vão fazer algum bico, no sábado, domingo, porque estas pessoas que vem trabalhar são trabalhador, eles não ficam só com o salário, lugar que tenha extra, eles dobram. Meu cunhado aqui, ele tira os seus CR\$ 60.000,00, mas o salário dele não é isto, ele ganha só o salário, este rapaz aqui, o Manoel diz que tinha mais de hora-extra do que de pagamento, as firmas ainda deixam fazer hora-

extra, e os mais espertos pegam, quem são os mais espertos, os camponeses, os nordestinos, que tem coragem de trabalhar. Meus irmãos, dois homens e uma mulher, se não chover, vão vir em março, o amor tá lá, mas o futuro eles acham que tá aqui em São Paulo, eles sempre vem com a intenção de arrumar a vida e voltar. Alguns ficam mais tempo aqui porque eles descobrem que quanto mais tempo passar aqui é melhor, mas de 20 anos aqui da minha família, não conheço nenhum, e a família é bem pequena, tenho 33 tios pelo lado materno, só 3 não conheceram São Paulo, do lado paterno são 23 e só 2 não conheceu São Paulo. Só tenho um tio aqui, estão tudo lá, tudo bem de vida, fizeram em São Paulo.

Por que vaivém?

Ivone - Agora isto daí acho que é burrada, eu já fui e vi, agora te digo uma coisa, se eu voltar, dê a vida que der é lá mesmo, porque não vale a pena, prá mim que já conheci antes, eu prefiro me segurar lá, plantar batata, na beira de um açude, roubá água do governo, como diz o ditado, abrir a torneira o dia inteiro e regar a horta. Então, era isto que eu queria falar, se a gente fizesse um abaixo assinado e a gente desse uma encarnada no nosso governo, a gente é filho da terra, tem direito de pedir. Esta ideia e o pessoal se reuni, eu aprendi em São Paulo, desenvolvimento que a gente vê. Porque tinha muita condição de ter água lá, olha tem 3 grandes açúdes, de Boqueirão, de Curemas e de Espinharas, e porque falta água?

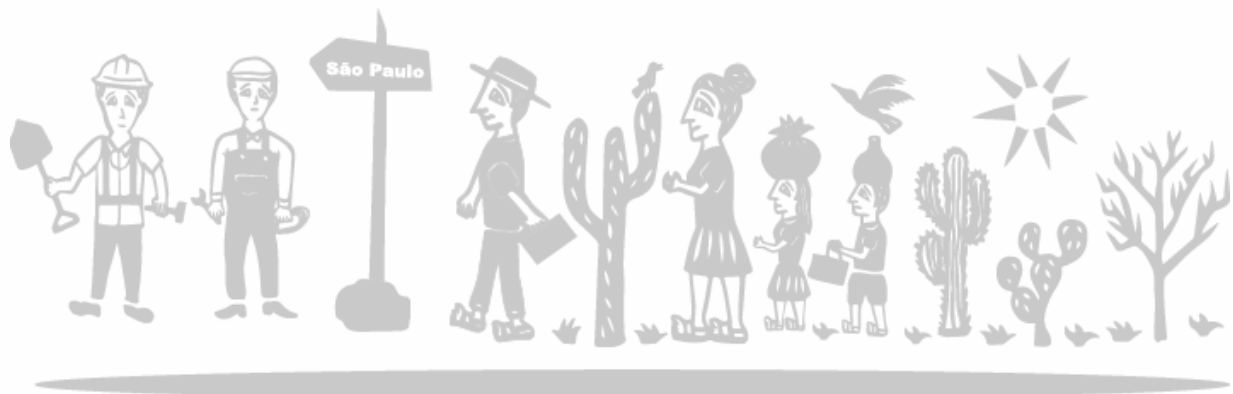
Qual a diferença entre aqueles que tem alguma coisa e aqueles que não tem nada?

Ivone - Eles se sentem mais humildes, mais sem força, eles se sentem como o zé ninguém, estas pessoas são umas pessoas paradas. Agora por que? Também não vamos culpar, é falta de um conhecimento. É uma calúnia que o pessoal do nordeste tem todos propriedade, você

sabe quanto por cento possui propriedade? no máximo 5%, eu por exemplo trabalhei em pesquisa de propriedade, na época da Reforma agrária, trabalhei e vi, agora os mais grandinho, aqueles que aparecem mais um pouco, porque não tem ninguém grande, grande só é aquele lá de cima, põe o braço e diz aqui tudo é nosso, às vezes 20 morador, ali dependendo da terra dele e ele fala é nosso, tudo aqui é família, realmente se todos tivessem falado a verdade, a reforma agrária tinha partido mesmo, mas eles mentiram muito prá gente, aí foi onde eu me afobei, porque os grandes são sempre grandes. O problema do nordeste não é só a seca, é a flagelação de lado a lado.

PARTE III

EXPERIÊNCIAS DOS MIGRANTES: SAGACIDADE E ASTÚCIAS



10) MANHA DE MIGRANTE

*Verena Sevá Nogueira
Thiago Romeu de Souza*

As narrativas acerca do sertão estão aquém das vozes declamadas pelos povos sertanejos. Para além da já batida “noção” trazida por Euclides da Cunha, de que “o sertanejo é, antes de tudo, um forte”(Cunha, 2016), o lugar de enunciação destas mulheres e homens permeia de paisagem as narrativas destes muitos sujeitos. É bem verdade que a noção geral que se estabeleceu no senso comum é que a expressão “ser um forte” é elogiosa, mas a verdade é que tanto a obra de Cunha quanto a história da mobilidade dos sertanejos nordestinos mostram que esta noção de “força” carrega uma triste conotação: a de que estas pessoas suportam tudo, incluindo todo tipo de sofrimento.

Contudo, quando observamos amiúde as trajetórias de migrantes nordestinos, vimos mais que um esforço para suportar passivamente suas vivências, as quais perfazem experiências que constituem a terra e as gentes deste mosaico gigantesco de lugares, visto por uns para além de uma região, por outros, como um sem-número de experiências múltiplas e simultâneas. Tanto num caso como noutro, a visão de que os nordestinos são fortes esconde muito do que são as terras e as gentes dos Nordeste.

Seja como for, as entrevistas que seguem tornam radiante a trajetória de migração de uma família sertaneja ao destacar suas conquistas pessoais, e, ao mesmo tempo, desnudar o flagelo do esforço físico extenuante praticado como marcas indeléveis da nossa formação escravocrata, ainda presentes no mundo do trabalho. Ademais, são trajetórias de vida que revelam as marcas da resistência e adaptação do grupo aos espaços vividos.

A aludida expressão de Euclides da Cunha acabou estabelecendo uma maneira de olhar preconceituosa acerca do fluxo migratório de nordestinos para outras regiões brasileiras, principalmente o Centro-Sul. Este olhar que se construiu acerca do Nordeste, de acordo com Albuquerque Jr. (1999), está centrado na dicotomia litoral-sertão. O primeiro como o espaço desnacionalizado e colonial, enquanto o segundo como “uma imagem-força” na qual se “colam” referências exóticas “onde a nacionalidade se esconde” (p. 54). Todavia, o sertão estaria embrutecido pela ausência da civilidade litorânea, o que restou constituído na mentalidade nacional como uma representação de pessoas rudes em seus ambientes agrestes e semiáridos. Agregue-se a isto uma postura social benevolente, mas sempre subalternizante, acerca dos que vem “do Norte”, os nortistas, como eram primeiramente chamados os nordestinos.

A trajetória do principal interlocutor (Luís) e de sua família pode reforçar, numa primeira interpretação, estes elementos comuns do imaginário nacional sobre a presença de nordestinos nas metrópoles do Centro-Sul, como a passagem de um campo sertanejo e “atrasado” para a moderna indústria urbana, a moradia em aglomerações com outros conterrâneos em áreas periféricas e o sofrimento da adaptação fora de seus idealizados lugares de origem. Todavia, as narrativas desvelam ainda desigualdades regionais, complexidades das relações campo/cidade e periferia/centro, superexposição à lógica de acumulação de bens que a metrópole proporciona e múltiplas dinâmicas sociais que se dão em escalas que vão do local ao global, dentre outros aspectos.

Por outro lado, as narrativas a seguir, registradas em três momentos distintos, nos brindam com histórias de homens e mulheres que performam trajetórias migratórias como experiências concretas. O interlocutor principal foi contactado pela primeira vez em 1984 quando

era metalúrgico. Sua fala nos remete ao seu lugar de origem um pouco antes de migrar, a cidade de São José de Piranhas, no sertão da Paraíba, e ao seu cotidiano na periferia de São Paulo. Já na segunda e terceira entrevistas realizadas em 2013 e 2014, Luís, já retornado, está em sua casa, em São José de Piranhas. Em 2014, o registro se deu em meio a uma conversa entre amigos e familiares, alguns dos quais também companheiros no deslocamento migratório para São Paulo, e atores na construção da narrativa e na memória coletiva (Halbwachs, 1990). Nessa ocasião foram abordados aspectos mais amplos partilhados pelos presentes, como a forma de migrar, suas motivações e os impactos em São José de Piranhas, em aspectos como economia local, sociabilidade, e organização da família. No terceiro encontro, Luís abriu sua intimidade para além da migração, mas sem a qual não seria possível compreender a trajetória por ele empreendida e que conduziu toda a família a uma “história de migrante” (Menezes, 1985). Sua narrativa ganha um tom mais longínquo, uma fala do tempo anterior a São Paulo e do período na metrópole, assumindo um caráter mais biográfico.

A trajetória em tela é como uma partícula na imensa história das imigrações sertanejas. Esta trajetória particular além de nos ajudar a compreender um macrofenômeno, põe em relevo a vida deste senhor de São José de Piranhas, uma vida moldada na migração. Uma história que se evidencia nas múltiplas temporalidades das ocasiões dos encontros, e na relação do protagonista com os entrevistadores, com os outros narradores e com si mesmo, o que o possibilita, – parafraseando Walter Benjamin – que passe a própria história à contrapelo.

Nestes encontros, evidenciou-se uma geografia sertaneja plasmada nas vidas daqueles narradores. São José de Piranhas é um município do sertão paraibano, mas não é só isso, ao mesmo tempo que “isso” é muita coisa. A cidade teve seu sítio original submerso pelo açude Engenheiro

Ávidos, no rio Piranhas, e está encravada no sertão paraibano. Limitando-se ao Ceará, é onde a Paraíba mais lembra seu vizinho. A influência é marcante no sotaque falado e na centralidade que as cidades do Cariri cearense exercem sobre o cotidiano das pessoas. Atualmente, tem pouco mais de 19 mil habitantes e ainda guarda as características de um vilarejo. Com poucas ruas, todas calçadas na área central, tem seu comércio apinhado de gente comprando, vendendo ou, simplesmente, “batendo perna” no “fervo” durante as manhãs. A praça da igreja é o ponto central, dividida em três ambientes paisagísticos. Há rede de internet wi-fi disponível gratuitamente, o que atrai jovens em todos os horários do dia e algumas pequenas lanchonetes e quiosques que atraem a população à noite. No seu entorno é onde se concentram as duas agências bancárias da cidade e diversos serviços públicos.

São José de Piranhas é uma cidade de migrantes, não sendo incomum encontrar uma história como a de Luís. Mas sua trajetória mostra o quanto a própria cidade se revela num narrador. Nos relatos fica evidente que a migração não foi e nem é unicamente para São Paulo e, tampouco, parece ser algo do passado. As pessoas continuam no fluxo, seguem para outras rotas e atividades, como os que saem para vender roupas na região Norte do país. Estes novos fluxos são revelados e julgados à medida que o interlocutor expressa suas opiniões sobre eles. A cidade, com sua paisagem semiárida, agropecuária e agreste, forja também a trajetória destas gentes tão singulares.

O registro tem muitos aspectos sobre os quais poderíamos tecer comentários, mas um que merece uma nota é o fascínio decorrente da utilização da metodologia da história oral, pois a partir do relato de experiências concretas, os narradores são capazes de dar vivacidade a estruturas e conjunturas que se quer compreender, como as trajetórias migratórias das famílias nordestinas. Não se trata de um reviver do

passado, mas da construção de uma memória a partir de “pedaços do passado, encadeados em um sentido no momento em que são contados e em que perguntamos a respeito” (Alberti, 2004, p. 15).

Ademais, a história oral reveste-se de um caráter político, não apenas por explicitar a fala de grupos sociais historicamente oprimidos, mas por ser um exercício de busca incessante de uma relação mais igualitária entre o acadêmico entrevistador e os entrevistados (Portelli, 1997).

Nos relatos podemos notar um espaço de liberdade para os entrevistados conduzirem sua fala, com poucas intervenções e direcionamentos colocados pelo entrevistador. Uma situação concreta ocorreu quando uma das entrevistadoras questionou diversas vezes Luís sobre o caráter duro e pesado do trabalho metalúrgico, e este mesmo concordando, opta por não prosseguir nesse argumento, e em seu lugar destaca com satisfação o êxito de suas estratégias para contornar a dureza do trabalho, e o prestígio conseguido tanto na empresa como entre os companheiros de trabalho. Outro aspecto importante a destacar foi o caráter colaborativo do filho de Luís que, além da participação na entrevista, fez a leitura e seleção das partes que deveriam ser excluídas. Isso nos leva a concordar com Bourdieu (2006) quando afirma que um relato biográfico não é uma sequência cronológica e completa da vida de alguém ou de um grupo, mas uma narrativa sobre uma trajetória que é construída na entrevista a partir de pontos eleitos, esquecidos e ocultados. O que nos leva a compreender que as memórias resgatadas numa entrevista estão relacionadas ao tempo presente, ao que se pode ou não pode falar, ao que se quer ou não quer relatar, ao que se consegue lembrar, ao que o outro que te precede na conversa falou, ao seu pertencimento a um grupo que te propicia manter a lembrança dos fatos, etc. Uma entrevista é um resgate de lembranças trazidas à tona por uma memória coletiva.

O processo de historicizar a própria vida de modo oral, permite que o entrevistado olhe para si mesmo e, no processo de busca pelas reminiscências, valorize seu lugar no mundo. É neste contexto que o diálogo entre o vivido e o percebido que se relacionam com o espaço material, com a vida pragmática. Quando Luís louva a sua astúcia – a qual chama de manha –, afastando a ênfase dada pela entrevistadora à injusta subordinação e exploração, ele performatiza a migração (Souza, 2015). Constrói estratégias que permitem que se veja não como alguém vulnerável, mas sim como aquele que superou os desafios da migração. Neste sentido, a sociabilidade e a camaradagem horizontal que os migrantes estabelecem propicia a construção de aparatos que lhes garantem melhores condições, especialmente no caso de Luís, que teve na astúcia e senso de oportunidade a segurança para estar na metrópole de uma maneira menos sofrida.

Esta relação entre metrópole paulista e sertão paraibano tem na família de migrantes um elo que permite uma perspectiva escalar. É como se no resgate de suas lembranças a metrópole e o sertão se cruzassem, imiscuindo o global com o local, passando pelas múltiplas escalas. É uma conexão de milhares de quilômetros materializada naquela trajetória. Na verdade, o que vemos na vida de Luís e sua família é o que Doreen Massey (2008) chama de “estórias-até-aqui”. Naquela construção do “aqui”, registrado em três momentos, alcançamos mais que apenas um registro, enxergamos uma história que se fez ali na presença dos entrevistadores, o que, afinal, constitui a essência dos lugares de migrantes.

10.1) Entrevistas com Luís, metalúrgico e pequeno proprietário, 1984

Entrevistas com Luís, nasceu em 1953, pequeno proprietário e
--

metalúrgico, São José de Piranhas/PB. Tinha 31 anos, casado, três filhos. Reencontramos Luís em 2008 em São José de Piranhas e Realizamos novas entrevistas em junho de 2013 e março de 2014.
Entrevistadora: Marilda A. Menezes, julho de 1984.

O senhor estava falando da seca que está ocorrendo no Sertão da Paraíba

Luís - A gente esperamos isso aí, porque pelo que eles falava... era mais um ano, né! Graças a Deus foi um ano bom (se refere ao ano de 1984, após um período de seca de 1980 a 1983). E se chover vai tirar muita gente da fome. É tirar...Prá Deus nada é difícil. Graças a Deus já tá todo mundo numa boa, não é! Meu pensamento é...

E porque vieram aqui para São Paulo?

Luís - Essa vida, que nem eu expliquei prá você há um ano atrás, essa vida que nós levamos aqui não é uma vida igual àquelas que eles levam lá. O pouco que elestem, mas eles levam uma vida melhor do que nós.

Eles lá?

Luís - É

Por que melhor?

Luís - Eles vive melhor porque a vida que eles leva lá, vamos supor: se ele cria um garrotinho, uma vaquinha que ela dê o leite prá comer, ele está vivendo uma vida, uma vida sem ser... sem ser mandado por seu ninguém. Aliás, nós somos empregados... é nós somos... bem vamos supor que você é uma chefe de uma fábrica. Quando ela chegar, vai gritar, é porque grita mesmo. Se você quer seu emprego, você tem que aceitar tudo aquilo, você tem que mais ser malandro, ganhar aquela turma no papo mais do que na ignorância. Pelo mais que você trabalha... Porque o trabalho não adianta nada aqui, você ser uma pessoa esforçada, trabalhar e na hora que os homem chegar lá prá você, você estourar com eles, você gritar mais alto do que ele. Então, eles (se refere aos que moram no

Sertão Paraibano) já leva uma vida...trabalha no dia que quer, trabalha... tá chovendo, ele não vai se preocupar de sair de sua rede.

Você pretende pedir a conta e ir embora?

Luís - Não. Esse ano...há dois anos, três anos atrás eu venho recebendo uma promoção melhor, sobre oferta de fábrica. Vamos supor: se você tem, cinco, seis anos, dão salário prá você- dois, três salários prá você ir embora. O ano passado chegou cinco, esse ano chegou quatro, né!. E aí eu deixei passar tudo isso aí, porque eu não sou aquele cara assim... pelo tempo que eu tenho lá, eu acho que tô novo ainda, né! Pelo tempo que tem, eu ainda tenho dinheiro suficiente prá...

Se eles te mandarem embora, imediatamente você vai embora para a Paraíba, não pretende mais voltar?

Luís - Isso que a gente espera, todos nós e... vamos supor que quer ir embora, mas se der zebra, tem que ficar. São Paulo eu já me acostumei pelo tempo que eu tô aqui. Eu tô me habituando, tô acostumado. São Paulo... a gente dá prá se vestir melhor. Em São Paulo, você sai duma rua dessa prá outra, ninguém conhece ninguém. Lá não, lá é lugar que todo mundo sabe da vida do outro, aqui ninguém sabe. Lá se você mora naquele sítio, que nem a gente mora lá, todo mundo quer saber da sua vida. Aqui nós moramos no lugar que ninguém sabe. Lá, aquela vida ali, todo mundo sabe da sua vida, porque se você chegar lá, onde tiver chega lá, todo mundo sabe que existe. Mas na cidade grande ninguém sabe que você existe, né?

Você acha que lá vem piorando a situação do povo nos últimos dez anos?

Luís - Eu acho que é o contrário, porque com tudo isso de seca lá cinco anos que a gente não vê inverno, havia alguma dificuldade para o gado, os animais, mas dinheiro tinha vantagem... recebia alimento, pelo Banco do Nordeste que financia gratuitamente, é emergência, dinheiro...Quer dizer, o pessoal não teve dificuldade. Quem teve

dificuldade geralmente neste tempo de seca lá nos 5 anos foi os animais- o gado, porco, esse teve dificuldade. Vamos supor, um pai de família que tem seis filhos, ele ganhava um salário que dava para sobrar um pouco. Então, aquele que tava lá ganhando um salário razoável, ele num tava torcendo mais por ano de inverno de jeito nenhum. Eu sei quem é o Nordeste todinho, principalmente aquela região nossa ali, você teve lá, eu conheço aquilo dali, eu sei quem é bom e quem é mal ali. Eu sei que aquele que tem cinco, seis filhos prá comer do governo, prá ele tá numa boa, ele não tá vendo o que você tá passando com sua família. Então, a gente tem que se curvar dessa maneira, porque ali...aquela turminha ali, só quer saber da vida que eles leva ali. Se você tem um litro de feijão prá pôr no fogo hoje, não quer nem saber da vida do outro lá. Aqui já é diferente, aqui já é diferente...

Por que é diferente?

Luís - Aqui é diferente, só não os paulistas, porque a maioria dos paulistas não fica como esses coitadinhos que passa de casa em casa, né! pedindo uma xicrinha de arroz, uma xicrinha de feijão. A maioria num liga não, mas o nortista que tá..., que vevê uma vida, não pode ver aquilo não, chega e ajuda.

Então, o pessoal em São Paulo ajuda muito?

Luís - Ajuda

Então, você acha que esse pessoal que veio nos últimos fez uma grande besteira ter vindo para São Paulo?

Luís - É. Os últimos que veio...assim... nos últimos anos, eles vieram assim pela... Assim, nós que já tava, certo! Já era uma pessoa mais colocada, eles já vieram assim... vamos supor: chega lá, como é que tá fulano, tá naquela, tá bem. Vamos lá, uns deles acertaram, né! Outros vacilaram, né! Então, não tiveram condições, porque o fracasso já existe aqui em São Paulo, já existe. Você veja o jornal que a gente assiste, já não

é uma coisa favorável, só desemprego, onde existe o desemprego, tá a miséria, certo.

Certo. Aí vocês acham que é uma forma de luta para os companheiros que vem aqui prá São Paulo, vocês não... as famílias pobres que vieram de lá para cá. A maioria são pobres, não é? Você acha que para eles é uma forma de luta?

Luís - É uma forma de luta e uma forma de arrumar um meio de vida melhor.

Será que para aqueles moradores, meeiro, será que aqui não é melhor?

Luís - Também está difícil, tá mais fácil lá do que aqui
ah, é?

Luís - Antes era mais fácil o filho do morador viver aqui do que hoje. Hoje, é melhor ele estar lá do que vir prá aqui, certo? Que aqui ele não tinha um palmo de terra para trabalhar prá ele, prá si próprio. E hoje as coisas tá mais difícil, tá mais difícil. Porque antes nós tinha assistência de lá, chegava um filho de um pobre de lá, que era filho do morador, nós tinha condição de ajudar a ele, certo! Chegava, vou arrumar um emprego prá você, ele trabalhava mais a gente. Nós conseguia bem fácil, né! Chegava a colocar o cara num lugarzinho fácil. Hoje não tem mais essa chance, hoje tá uma vida mais difícil, porque nós não tem mais uma chance de arrumar uma vaga prá ninguém dentro de uma fábrica e antes nós tinha. Chegando, nós tinha o maior prazer prá o pai que mandava um filho seu prá trabalhar. Olhe, o Chico Miranda arranhou uma vaga na GE, meu filho tá bem empregado. Hoje não tem mais essa. Cada um que faça prá si, aquele que for muito... levantar mais tarde, é difícil de arrumar uma vaga de trabalho.

Vocês têm esperança de algum dia as coisas mudarem em São Paulo, melhorarem?

Luís - Nunca mais pode melhorar. Isso aí depende do Presidente da República, do nosso atual presidente da República, aí ele num tá nem aí, num tá olhando esse lado aí, acho que ele tá do lado de lá, o presidente. Acho que...eu quero dizer que não estou falando mal do presidente, mas eu acho que aumentou muito a fabricação de automóveis em 73,74,75, mas começou a diminuir o pessoal. Mas, também não pode diminuir tanto pelo espaço que tem... aumentou também a fábrica. Também diminuíram a mão-de-obra devido o preço do carro ser muito alto...sei lá, pagar pouco o pessoal, o funcionário. E hoje ela (se refere a fábrica automobilística Volkswagen, onde trabalhava na época) tá numa condição que não pode mais mandar embora além do que já mandou. A fabricação de automóveis está alta e a venda está baixa entendeu? Por isso que é difícil a gente esperá uma melhora em São Paulo, né! Justamente por esse motivo, porque a fabricação alta, muito pouco funcionário e a venda muito baixa, certo! Preço do automóvel muito alto.

Então todo pessoal acaba voltando?

Luís - Olha, esse que conseguiu um patrimônio, aquilo que ele nunca pensou na vida de ter e chegou aqui e tem. Então, acho que para ele São Paulo foi o torrão natal, certo! E não pensa mais em voltar prá Paraíba. Vai vê o que lá? De onde ele saiu, não tinha nada na vida, chegou aqui, começou a trabalhar, como servente de pedreiro, chegou a conseguir o patrimônio: a casa, a família, vive bem, certo! Aposentou, tem salário razoável que dá prá viver muito bem. Quer dizer, que um desses é um nordestino premiado, certo! Mas, muitos nordestinos vive aqui, da mesma época que chegou e não tem nada.

Quer dizer que não foi culpa da cidade?

Luís - Não, não, não foi culpa de São Paulo, foi culpa da pessoa.

A culpa da pessoa?

Luís - Da própria pessoa, porque há 20, 25 anos atrás quem chegou aqui, teve oportunidade de arranjar alguma coisa na vida, teve oportunidade.

Certamente ele fala assim: já fiz tanta economia aqui, agora vou gastar

Luís - Esse é o problema de muita gente do Nordeste, é como eu te falei, tanto nego que ficou preso lá, principalmente pela situação financeira, e chegou aqui com um dinheirinho e passava até um ano sem comer um frango, né. Tinha aqueles que eles criava e muitas vezes faltava um pouquinho, criava...

Aqui mesmo?

Luís - Lá (na Paraíba). E quando chegou aqui em São Paulo começou a trabalhar, o cara recebia dinheiro de 15 em 15 dias. Então, ele recebia e passava a vida em festa na casa dele. Tinha dia que o cara recebia dinheiro, tava com dinheiro no bolso e gasta à vontade. A não ser aqueles que tenha uma personalidade mais profunda, mais à frente, aqueles que tem uma para o futuro, né!. Mas, muitos tem aquela mania que não pensa nada, né!. É receber o dinheiro da firma e gastar no mesmo dia, nem que seja com cachaça, certo! Eu também não falo muito de quem faz isso, porque também eu não sou de ferro (risadas). A gente tem que se manter, porque quando a gente procurar gastar um pouquinho, mas tem que saber o lado prá segurar um pouco que nem eu, porque eu, graças a Deus, eu ganho um salário razoável.

Quanto é que você ganha?

Luís - Eu ganho líquido hoje é CR\$ 820.000,00 (o salário mínimo na época era CR\$97.176,00).

Você paga aluguel?

Luís - Pago aluguel.

Quanto?

Luís - Pago R\$ 55.000,00

Você tem poupança?

Luís - Não, a gente tem uma poupança sim, fundo de garantia que a gente tem depositado.

Não, digo poupança mesmo.

Luís - Não, um pouco, não é muito não, o dinheiro que tem é pouco. Agora o mais seguro que a gente tem é o emprego e aquele fundo de garantia, mas sobre poupança é muito pouco.

Qual a sua profissão?

Luís - Eu trabalho de ferramenteiro.

Você fez curso, estudou?

Luís - Estudei lá dentro, um curso profissional, porque naquela época era mais fácil que hoje. Hoje tem que fazer curso. Mas, quando você vai vendo os outros trabalhar, você chega lá.

E por que você acha que está até hoje trabalhando, por que mandaram muita gente embora?

Luís - Mandaram aquela parte mais baixa, vamos supor, aqueles ajudantes, mandaram mais do que os profissionais.

10.2) Entrevistas com Luís, pequeno proprietário, Elias, Jailson, David, Nair e Efraim, 2013

Entrevista Luís, São José de Piranhas, com a participação do amigo Elias, o cunhado, Jailson, o filho (David), a cunhada (Nair) e concunhado (Efraim)

Entrevistadores: Marilda A. Menezes (M), Thiago Romeu (TR), Verena S. Nogueira (V), Junho de 2013

M: Você trabalhou na Volkswagen?

Luís - Naquele tempo quem soube se arrumar nas firmas pequenas ainda era melhor do que a Volks, né?! Eu trabalhei na Volks eu mesmo pouco tempo, trabalhei 10 anos e oito meses.

M: *Você achou pouco tempo?*

Luís - só 10 anos, só.

M: *Mas você achava pouco tempo mesmo?*

Luís - Lá nessa época eu arrumei amizade com a chefia né. Sabe quando uma turma saía de férias na Volkswagen, voltava, pegava o dobro do povo prá trabalhar né?! E eu lembro muito bem que um dia nós estávamos tomando uma cana, meia noite dentro do setor comendo uma carne, eu olhei pro chefe e disse: Rapaz tem tanta gente que vem do sertão, lá do Norte, teve outro que tem vontade de trabalhar na Volkswagen e não trabalha. Pagaria até pra entrar aqui, ai ele olhou pra mim e deu uma risada, pagaria pra entrar aqui? Eu digo: paga. Aí, vê aqui nós temos 25 vagas, eu lembro nesse tempo que eu fiz isso. Nós temos 25 vagas pra o dia 25 de janeiro e eu tou numa construção aí meio pesada, vocês têm tanto aí pra me arrumar? Eu garanto as 25 vagas prá você. Eu digo: é na hora. Eu toda vida fui...você garante as vagas prá esse pessoal? Ele disse: garanto. Quando foi no dia 25 de janeiro eu estava com 25 cartão, nesse dia o ônibus que passava ali na avenida, que era o ônibus da Volks, eu levei esse pessoal todinho dentro desse ônibus. Tirei o dinheiro todinho quando eu entrei na Volkswagen andando com esse pessoal. Ai a tardezinha, eu dei o número dele que era 397. Quando foi 5 horas da tarde só era aqueles peão procurando, qual é o 397? Qual é o 397? Ai o Reginaldo baixou no bar dele, que ele tava com uma lanchonete, aí chegou e disse: hei Luís, entrou 25 pessoa dentro daquele ônibus e eu não conhecia e voltou tudo com a carteirinha da Volkswagen na mão. O que é que foi isso? Eu digo: não sei [batendo nas mãos], não sei. Você que fez esse tipo de coisa lá dentro? Eu digo: não, foi não. Foi que você levou 25 pessoas e colocou todos 25 prá trabalhar. Não fez nem exame naquela época, foi direto.

M: *Você trabalhava, começava como um ajudante?*

Luís - ajudante, ajudante. Quer dizer, que hoje está difícil. Hoje até o estudo, o estudo pode até levar lá prá dentro um profissional, mas tem que ter pelo menos a experiência de trabalho que é o difícil, você sair do colégio e ter experiência né?

Elias - Na verdade é que antigamente, naquela época a maioria do trabalho era tudo braçal.

Luís - Era.

Elias - O cabra não precisava saber ler prá empurrar um carro, não precisa né? Mas hoje é tudo, depois que sai da Volks mesmo, eu também trabalhei 6 anos na Volks, trabalhei de 78 a 84, eu trabalhei 6 anos lá. Na época que eu sai, a diferença já era grande, em 6 anos que eu fiquei lá, na época que trabalhava era setor de funilaria e pintura, era tudo, no início era tudo no braço do pessoal mesmo e no final não, já tinha as linha, chamando de robô, vamos montar os robôs naquele, naquele... Tinha uma linha só fazendo serviço por 200/ 300 homens, 1000 homens, ai quer dizer por isso que o desemprego caiu, foi pela tecnologia, a tecnologia aumentou e o desemprego aumentou.

Falar aqui com o Jailson (concunhado e vizinho de Luís) um pouquinho, né? Seu Jailson chegue aqui pertinho para gravar também.

Luís - É, esse aí também é bom de entrevistar ele.

M: Aí o senhor estava falando que começou a robótica, né?

Jailson - Quando eu vim em 99 foi a globalização né? 99 começou a robótica, as ponteadeira, nesse tempo eu trabalhava de ponteador na Volks lembra Luís?

Jailson - Era pá, pá e quando eu saí de lá era tudo os robozinhos pontecendo as portas dos carros.

TR: Não tinha mais trabalho manual ali?

Jailson - Tinha mais não.

Elias - Por isso que agora exige, pelo menos no mínimo o segundo grau, porque é tudo para trabalhar com que? Com máquina [ao fundo o TR: Programando as máquinas né?]

[Ao fundo Luís: o cara analfabeto não vai saber que botão vai apertar]

Jailson - Até prá você trabalhar de faxineiro hoje numa empresa você tem que saber, tem hora que tem a reciclagem né?! Aí você tem que saber ler lá: vidros. Outros vão pela cor verde, uma coisa assim: vidro, papel, tem que ler saber ler.

M: *Tinha gente que não sabia ler naquela época?*

Jailson - Não, naquele tempo tinha, tinha muita gente analfabeta.

Luís - ajudante era tudo analfabeto.

Jailson - Ajudante só pra varrer não precisava ter isso, varrer e apanhar o lixo [palma], que fosse sadio jogava pra dentro.

Luís - rsrs, era.

Jailson - Se era bom de força, se era bom de força ia trabalhar na retifica.

Luís - Um cabra bom de força com esse aqui, já estava empregado, chegue prá cá.

Elias - Tem um peso bom prá você pegar. Eu mesmo trabalhei 2 meses pegando pneu da kombi, que não é maneiro né! Pneu montado já com aro com tudo.

TR: *Eita.*

Elias - Pegando e jogando numa ponte mais alta que a minha cabeça, quer dizer, se não tivesse disposição não trabalhava, e a ponte correndo assim, com 20 quilometro por hora e toda completa.

Luís - Na Volkswagen não era todo mundo que aguentava o tranco não. E logo quando chegava de cara ele era...

M: *o Senhor trabalhou também na Volkswagen JF?*

Jailson - Não, trabalhei só em empresas pequenas. Empresas de grande porte que eu trabalhei foi só nas casas Bahia e na H Print Anchieta, trabalhei 9 anos. na época que fez o Carrefour, Anchieta ali, eu trabalhei 9 anos. No primeiro emprego eu tinha menos de 14 anos, quando fui registrado na carteira. Aí, não durei 30 dias não porque na Inaza, ali na rua São Paulo (São Caetano do Sul), lembra a Inaza? Ela fazia pedal de bicicleta, cabo de aço para as automobilística, ai eu ficava puxando um cabo, aí ia lá na frente, cortava aqui no pedal, aí eu voltava e pegava na ponta de novo, ai levava até lá encostava, o cabra prá fazer os cabo de embreagem, ai depois enrolando fazendo[...].

TR: *Exigia uma atividade física né?*

Jailson - E eu era pequenininho, era não, ainda sou. Estatura pequena, em média, aí foi eu não aguentei. Oh, a diferença do Brasil hoje para aquele tempo, porque naquele tempo a gente conseguia trabalhar com 13/14 anos de idade e hoje tá no que tá porque não pode mais menor de idade. Eles dizem que é exploração, não sei o que, tá tudo errado, porque eu acho que trabalhar com 13/14 anos de idade é melhor do que tá na rua vagabundando, aprendendo tudo que não presta e fazendo o mando dos grandes né?! Aí todos nós começamos a trabalhar pequenos, naquele tempo era bom, aprendiz, ajudante.

TR: *E aí, depois desse trabalho, aí como foram os outros trabalhos?*

Jailson - Aí, a gente foi sempre crescendo, sempre foi adquirindo. Trabalhei nas Casa Bahia, cheguei lá num fim de ano, deixei de estudar porque meu pai na época, não sei se era na “Adria”, era na “Adria”, fábrica de macarrão ali, na rua São Francisco (em São Caetano do Sul).

M: *isso.*

Jailson - Com a Major Carlos Del Preti, a senhora conhece a área

M: *Hum rum, conheço*

Jailson - Sim, deixei de estudar prá entrar nas Casa Bahia, e lá meu serviço era montar as bicicletas, o pessoal comprava as bicicletas no final de ano né?! Ai já queria sair [...].

TR: *Pedalandando.*

Jailson - Aí meu serviço era esse, não passei uma semana não, era esperto, aí já fui trabalhar no pacote, era testando televisão, aparelho de som, liquidificador, ai foi indo, foi indo, com menos de um mês, me colocaram no serviço de atendimento ao cliente, o cara foi lá brabo, tirar a mercadoria não chegou. Aí foi indo, foi indo, saí encarregado da expedição das Casa Bahia ali da matriz. Nesse tempo o dono das Casa Bahia andava comigo de ônibus.

TR: *É mesmo é?*

Jailson - E hoje ele não anda mais, tem segurança

TR: *Mas ele na época já era o dono?*

Jailson - Não, seu Samuel é o fundador das Casas Bahia.

TR: *Ah! sim, ele era mais popular assim.*

Jailson - Ele era, nós pegávamos ônibus juntos.

TR: *Nossa, pois é. Agora me diga uma coisa, você retornou pra cá quando?*

Jailson - Em 1999.

TR: *o senhor quando foi que voltou?*

Luís - 1987.

TR: *E o senhor E?*

Elias - 1986

TR: *vocês foram comprar sítio, voltaram pra trabalhar nos sítios?*

Luís - Aqui quando a gente saiu, já deixou, cada um deixou seu, entendeu?

TR: *Ah. sim. E você JF, quando retornou pra cá como foi esse retorno? já tinha também essas propriedades?*

Jailson - Quando eu vim, eu vim com a família.

Elias - Ele arrumou uma namoradinha aqui e casou, aí ela não quis morar e veio morar aqui.

Jailson - Mas é mais quando eu fiquei desempregado né?!

Luís - Meu caso foi meio parecido assim, porque na verdade eu lá anos só, um pouco menos de 11 anos, mas na verdade eu tava lá amarrado, nunca gostei não. Trabalhei em firma boa como a Volks, ganhei razoavelmente bem, aí depois consegui bar, lanchonete, trabalhava à noite na firma, aí comprei uma lanchonete, também não me dei muito bem [...] Aí me casei e vim embora pra cá, foi o contrário, eu conheci a minha esposa que vive comigo ainda, né?! Não tinha saído de casa ainda não.

Elias - Ainda vive comigo graças a Deus, tenho 2 filhas, 3 netos, mas fui construindo minha vida, mas depois que eu cheguei porque eu não trouxe quase nada de São Paulo. Mas aí eu coloquei um "comerciozinho", um pequeno comércio, também um mercadinho, também passei pouco tempo porque a prisão não é pra mim, né, ficar o dia inteiro olhando mercadoria, esperando freguês, eu gosto de tá mais... é, conversando com o povo e andando e vendo coisas diferentes. Aí comprei um sitiozinho graças a Deus, aí veio um "concursozinho", teste seleção pra agente comunitário de saúde, eu entrei trabalhando, que nem ajuda também, de qualquer forma ajuda no pão de cada dia. E trabalhando e graças a Deus, São Paulo eu quero é distância. Apesar de que ele tá chegando bem pertinho. O pessoal sai de lá na hora tá aqui né?! Em pouco tempo, mas eu não quero ir prá lá não, tem um irmão lá, que inclusive tá em cadeira de roda agora, porque sofreu um acidente gravíssimo, quebrou a coluna, a bacia, e ele me chama até, ele diz, até brincando comigo, que manda o dinheiro pra mim ir visitar ele e voltar, digo: não quando você melhorar, que Deus quiser vai voltar a andar, se

Deus quiser, aí você vem me ver aqui, como sempre ele veio, né?! Pra ir prá São Paulo eu quero é distância, só a televisão, alguma coisa que eu vejo na televisão me arrupia tudo.

Luís - A vida hoje em São Paulo não tá fácil não, né?! Tá mais difícil, difícil prá o emprego e difícil até pra pessoa viver porque tem pessoas lá que tem que viver dentro de [...] como é que se diz?

Jailson - que nem passarinho em gaiola.

Luís - É, tem que viver 'encrustado' pra ninguém saber nem quem ele é porque senão... é como soldado de polícia mesmo, esse pessoal aí tem que, até as roupas pra se lavar eles tem que lavar e botar pra secar atrás da geladeira pra ninguém veja que ele é policial e prá não matar ele. Isso foi que me desgostou de São Paulo é isso, é o perigo.

Elias - Aquela Vila São José, era tão boa, que nem a gente fala assim, São José de Piranhas, a mesma coisa quem informa lá, quem apresenta os políticos de lá éramos nós quando chegavam. Primeiro, você chegou a conhecer Devanir Morario?

M: *Acho que conheci sim.*

Elias - vereador do PT, o primeiro cara.

M: *Mas isso foi na eleição de 82?*

Elias - De 1982. Então naquela época a gente tinha aquele nome na Vila São José que quando vinha aqueles comícios de Lula, que ele foi candidato a Deputado Federal naquela época em 1982. Aqueles homens, dia de domingo encostavam na Vila São José quem lotava aqueles ônibus pra ir lá pro Morumbi era eu, bora, vamos, vamos. Ai sempre eu falava, o primeiro vereador que for candidato a vereador aqui da minha São José que passa aqui, nós vamos eleger ele. Primeiro que passou 3 horas da manhã quando nós chegamos da Volks, nós víamos Devanir batendo nos "zabombo". Naquela época já falava que dava maconha né?! Eu disse pronto, primeiro maconheiro, eu disse: _ tu escolheu logo maconheiro-

Devanir Moraes, mas aí a gente fez um reunião com todo mundo na Vila São José e foi lá, no outro dia chegou aquele professor Alfredo Vargas , que mora na Vila São José. Eu disse: mas rapaz, você chegou tarde nós já conhecemos o Devanir, lá a gente elegeu o Devanir, pela primeira vez, e quando veio o segundo mandato, eu já tinha o Carlinhos Lira, como praticamente filho da terra né? Mas não fazia parte do PT, aí lá vem o segundo mandato eu conheci o médico do atestado doutor (nome) , até ai (rsrsrs) eu já tinha dado uma filha pra ele ser o padrinho, ele era médico e dava plantão no hospital de São Caetano, doutor (nome). E quando o cabra tava indisposto pra ir trabalhar, ia lá e ele dava o atestado. Em São José eu tinha um conhecimento que quando morria um ou que ia daqui pra fazer uma vaquinha que nem se diz, logo logo eu arrumava caixão, arrumava tudo ali com o povo.

M: Mas ele era médico do atestado pra que? Para as faltas?

Jailson - Ele era médico do trabalho.

Elias - Era médico do trabalho, agora se eu chegasse lá e dissesse fulano quer um atestado prá viajar ele dava.

Luís - Tou meio doente, não tou com vontade de trabalhar hoje. Quando chegava lá tava se queimando de febre.

Elias - Eu já era mais aproximado a ele. E outros doavam sangue pra pegar atestado.

Luís - Tinha doador de sangue, acho que sobrando naquele tempo não era? o cara que tinha disposição e saúde pra doar sangue, de seis em seis meses ia doar sangue, pra ganhar um dia, dois, de atestado. Era bom para os bancos de sangue, eu mesmo tenho carteirinha do sangue até hoje, quando eu não queria ir trabalhar, tirava sangue, pode tirar aí 400 grama.

Elias - Quanto a Vila São José, tinha Paraibano né?! lá no segundo mandato com 4 anos, eu digo: rapaz, vamos mudar agora tem um candidato novo prá nós. Quem é? Doutor (nome), pronto

TR: Esse não era do PT?

Jailson - Era não.

Elias - Levei doutor (nome) na Vila São José né! Já nessas alturas ele já era meu compadre, eu tinha dado a ele uma filha pra ele ser o padrinho, doutora (nome) era a esposa dele, né?!

Jailson - Médica também.

Elias - Médica também, aí comecei andar com ele logo.

M: Ele é vivo ainda?

Jailson - É, ele mora São Caetano.

Elias - Em frente ao presídio, ele dá entrevista no canal de televisão, né? A gente conseguiu eleger o (nome), ele gostou tanto que quando veio a de deputado ele foi, mas ai caiu, só tirou 9 mil votos no geral.

TR: Agora, acontece o contrário de o pessoal da Vila São José ajudar a eleger prefeito aqui (São José de Piranhas)?

Elias - Não, é difícil. Aqui, a política daqui é totalmente diferente daquela de lá, o pessoal visa muito isso daqui ...

Jailson - É, grande... sempre visa menos dinheiro do que...

Elias - É, aqueles políticos dali (Vila São José, São Caetano do Sul), vamos supor: ele entra num comércio, a gente tá tomando umas cana lá, jogando uma sinuca, eles entra com aquelas fotinhas dele lá, os santinhos dele lá. Entrega lá, quando eles sai, a gente não olha nem na cara deles, quando eles saem que a gente vai lá: eu vou votar... eu votar nesse inseto aqui, ai pronto, acabou. Aqui não, o cara já olha? tem dinheiro? a política aqui é difícil.

Luís - O pessoal daqui, estão hoje aqui porque aposentou, mas por conta de família. Os que tem a família e casa por lá, tem seus empregos e tal, fica por lá. Mas o pessoal tá mais indo pra São Paulo prá esse negócio de corte de cana, nós tiramos 6 meses e volta.

Jailson - tinha a furadinha também.

Elias - Porque hoje em dia ninguém vá pensando que vai se empregar em capital de São Paulo não.

Luís - Não (Todos falando ao mesmo tempo).

Jailson - Mas essa furadinha é perigosa também?

Luís - Demais, muito perigo.

Elias - É aquilo que eu falo pra senhora, aquele tempo acabou-se, acabou-se. Nós erámos uma união tão grande, todo mundo tinha dinheiro no bolso, que quando ia um daqui e chegava lá: rapaz tou precisando de ajuda, não demorava muito, a gente encher os bolsos dele de dinheiro prá ir pra médico, fazer cirurgia, essas coisas não, a gente arrumava.

Jailson - Meu pai trabalhou do lado de Lula.

Elias - Não tinha negócio de chegar e dizer pedindo isso, 10 conto aí, me dê 10.

M: *Você ajudava muito?*

Elias - Ajudava, eu conheci gente, eu acho que na Vila São José até os conhecidos é pouco, foram embora tudo.

M: *Voltaram para cá?*

Elias - voltaram prá cá, outros procurou João Pessoa, né?! Naquele tempo era bom demais homê.

TR: *Agora, vocês acham... desculpa, continue.*

Elias - Eu lembro como se fosse hoje, eu saí daqui num dia de sábado, um dia de sábado, quando eu cheguei na Vila São José tinha morrido o Joaquim, você conheceu né, Joaquim. Faleceu e tá precisando de uma ajuda prá comprar o caixão, eu disse: ah! se o problema é esse nós ajeitamos já o caixão.

Elias - Tinha bar demais. A vila São José é igual à São José de Piranhas, tinha bar que ...

M: *Ainda tem né?*

Elias - Já sobra. Agora vá hoje fazer isso daí, é lá e é aqui. Aqui tá melhor, talvez de que São Paulo, devido a esse bolsa família.

V: *Mas, como que tá lá, morre e tá vindo enterrar aqui né?!*

Elias - É muito difícil. Se não tiver família, quando tem família por lá sempre já fica por lá.

V: *E quando a família tá aqui.*

Elias - Mas quando a família tá aqui tem algumas pessoas que...

V: *Como é que trazem e quem paga?*

Elias - Aí vem de avião.

Luís - Mas aí geralmente entra política no meio, né Jailson?

TR: *Algum prefeito, vereador.*

Luís - Prefeito, vereador nem tanto, porque ai é caro né! é um deputado.

Elias - Hoje tá tudo difícil, agora aqui... nós naquele tempo que nós fomos pra São Paulo, eu e ele aí, as mães de família não tinham outra coisa a não fazer a não ter uma máquina de costurar, pra que? prá colocar remendo nas roupas. Hoje você não vê ninguém andar com remendo, acabou-se aquilo, é igual carro “veio”, quem é que quer mais andar de carro “veio”? Hoje todo mundo tem um carrinho sempre em condições de andar. Naquele tempo não, eu tinha um fusquinha “veio” 67, um 50 e pouco, hoje num existe mais isso, então eu acho que a coisa fez foi melhorar e essa bolsa família veio prá tudo prá uma cidade dessa. Veio prá fazer a política, que a política é feita através de tudo que vem.

Elias - Programas sociais né?

TR: *eu queria perguntar sobre entrar no rumo da proza da furadinha. Eu ouvindo vocês falando que também tinha uma... para ir para São Paulo, tinha uma coisa assim da aventura, é a necessidade, mas assim era o desconhecido também, era todo mundo jovem, tinha os amigos que estavam lá e que dizia: oh! venha que vai ter emprego, vai ter trabalho[..].*

Jailson - A diferença da furadinha prá ir prá São Paulo é um contraste enorme. Naquele tempo você ia prá São Paulo prá arrumar emprego prá depois levar a família e prosperar lá com trabalho né? Já a furadinha é diferente, a furadinha eu acho que é uma falta de opção de dinheiro, o pessoal vai, às vezes não estuda, aí não arruma emprego, além do mais é coisa sem futuro.

TR: *E o pessoal busca se estabelecer lá ou volta?*

Jailson - não, vai e vem, o espaço é pouco tempo

M: *Mais esse pessoal que vai pra furadinha são praticamente filho de vocês?*

Jailson - não são filhos da terra aqui mas...

Elias - E ainda uma grande diferença é o seguinte, pessoal quem vai pro corte de cana tem vamos dizer mais segurança tem, é registrado tem carteira assinada e tudo. O pessoal da furadinha não, da furadinha vai uma equipe de 30 pessoas, trabalha mais com equipe, fica em posto de gasolina se acampando, aí vai vender. Como o comércio tem época que é bom, às vezes tem época que não é, aí fica 60 dias naquela região no estado do Pará, do Maranhão que comércio é mais vantajoso né? porque o desenvolvimento lá é muito menor do que a própria região Nordeste. Aí o pessoal fica em 60 dias e volta, fica 15 dias, 20 dias aqui e volta de novo. Só que é aquela questão, sem nenhuma segurança[...].

Jailson - Rola de tudo: perigoso, acidente, assalto.

Elias - Aí aquelas pessoas que planejam mais, economiza mais faz alguma coisinha, outros não, começam a farrar, questão de drogas também tem muito.

TR: *tem muita história de gente que vai.*

Elias - Olhe, tem muita história aqui no município, aumentou muito depois dessa furadinha, porque aí vem costume totalmente diferente, o que eles verem lá aliás, veem lá , traz pra cá

Jailson - aprendem.

Elias - aprende e traz pra cá.

Luís - aquilo que você falou sobre aquele tempo que saia até sem rumo, sair sem rumo sem saber para onde vai.

Elias - naquele tempo bom, era um tempo, eu chamo tempo bom, muita gente sair daqui sem rumo, assim sem ter você pra chamar ele da família, quando eu chegava num local daquele e dizia: eu não tenho pra onde ir, nós tinha a pensão de Armando e Múcio. Eu recebi deles do Pernambuco, às vezes tomando uma pinga chegava: eu não tenho onde ficar. Cheguei, não encontrei parente, vim pensando encontrar..., chamava, nós tínhamos o Belizardo que faleceu esses dias.

Luís - Que nem aconteceu isso com eu dentro do bar tomando uma pinga, meio dia, eu tinha me levantado, chegou um com uma mala: tô com 3 dias, tô com fome, eu ofereci logo bebida: quero não, eu não tenho onde morar porque não encontrei os meus parentes. O dito Bernardino estava mais nós. Você quer almoçar? Nós almoçava no bar em frente. Sei que foi trabalhar, continuou um tempo morando mais nós, morou mais de 10 anos, quer dizer, hoje não tem mais isso daí, prá ninguém fazer. Se você for daqui para São Paulo e não for para casa de um irmão, de um cunhado, lá não tem mais ninguém prá lhe receber como nós recebia. Se morasse na pensão e chegasse na velha: (se refere à dona Maria Ferreira, dona de uma pensão na Vila São José em São Caetano do Sul, que acolhia conterrâneos) chegou um rapaz aí, tá pedindo uma morada aqui que não têm onde ficar, vê se tem vaga aí no quarto, bota ele pra lá.

E: ou seja, a gente era bem conhecido então a gente se tornava tipo avalista.

(Todos falam ao mesmo tempo)

Jailson - na pensão de Armando uma dispensa lá cheia de banana. Chegava lá, ele não dava uma banana prá você não, enchia era sua mão

de banana pra você comer.

M: *Era Senhor Armando? Era teu tio.*

Jailson - Era tio da minha mãe, e lá quando ele ia dá uma moeda pra gente, era os bolsos cheio de prata, ele enchia as mãos da gente de moeda prá gente comprar amendoim no finado Melque, nem contava dinheiro nem nada e prá comer também não media.

M: *A dona Maria faleceu também?*

Jailson - Tia Maria faleceu, lá não tinha, não tinha medida prá comer, era o que você aguentasse.

Elias - Se deixasse no prato?

Jailson - Deixasse no prato ele ficava brabo.

Elias - Era 'carrancismo' mesmo, agora você podia repetir quantas vezes quisesse, agora ter o olho maior que a barriga que não dava certo não, reclamava muito.

M: *Eu me lembro que quando eu cheguei, conversei com ela, o pessoal chegava e não precisa se preocupar em pagar o quarto não, só quando tivesse emprego, pra frente, comia né! ficava lá.*

TR: *Agora, a gente tava falando da furadinha.*

Elias - Sim, qual era visão assim que o pessoal ia, tinha visão de toda maneira, uns pensavam em ganhar dinheiro prá melhorar a sobrevivência e outros pensavam até em... porque aqui as condições eram poucas, um cara às vezes com 17,18 anos nunca tinha usado um sapato porque não podia comprar, aí ganhava dinheiro exatamente ficava bem bonitinho. Aí vinha prá cá gastar o dinheiro que ganhava lá nas férias. Gastava todinho o dinheiro se mostrando com relógio bonito, com não sei o que, duas roupas, calça boca de sino [todos riem], cabelão, Roberto Carlos puro [todos riem], arrumava logo namorada, trazia um gravador, aí vendia o gravador pra pagar passagem de volta prá casa liso [risos].

M: *Calça jeans?*

Elias - Salto alto e tudo, mesmo na época da música de Luís Gonzaga: [Cantarola] o cara que usa pulseira e no pescoço medalhão [...] teve a época do cabelo grande também.

M: *Em que ano, o senhor lembra?*

Elias - Foi em 1982, eu vim passear aqui em 82 botei um dinheiro no bolso, escuta parecia uma brincadeira. Aí eu entreguei à minha mãe, ela ia me dando de pedaço prá eu ir prá festas brincava 30 dias, nos 30 dias eu trouxe mil e quatrocentos reais, nos 30 dias eu gastei mil reais com 400 reais eu comprei uma casa e hoje moro nela.

M: *Era barata as coisas aqui?*

Elias - Era barato, era cruzeiro, eu comprei por quatrocentos reais, deixa eu dizer, aí passou, quando foi no outro ano eu voltei novamente aqui para escriturar a casa né?! Já gastei 800 com a escritura [riso].

Elias - Parece ou não brincadeira?

M: *Porque naquela época era mil por cento de inflação.*

Luís - Se a gente tivesse esse pensamento tivesse investido em terreno, a gente comprava isso aqui era de graça, comprava por hectare e não por terreno, hoje é por metro desse tamanho 50 ,100 mil reais.

Elias - Se a gente tivesse essa visão talvez a gente não tivesse nem aqui batendo esse papo.

M: *Qual a visão que vocês tinham na época?*

Luís - aqui o que está acontecendo é o seguinte, o cara vende um apartamento grande no centro, compra 2 apartamentos na capital, por exemplo, ali no centro um prédio normal é 700 mil, 800 mil.

Jailson - Desse jeito dá prá comprar.

M: *Mas como é o que aconteceu a alta tão grande nos terrenos? não foi a transposição (Obra de Transposição do rio São Francisco que passa pelo município de São José de Piranhas)?*

Alguém - a transposição chegou a ser no momento em que a cidade até tava passando por crise, talvez foi ela que deu sustentabilidade, mas a cidade já vinha essa questão de terreno de casa, muito alta o inflacionário. Mas primeiro aqui é uma cidade muito boa, né, assim o padrão de vida, a gente quis chegar aqui pensando que o sertão..., essa, essa. Eu não sei se você que veio antes, algum de vocês.

M: *Eu vim antes aqui.*

Alguém - Era uma miséria e São José de Piranhas não é, agora é uma das melhores cidades.

TR: *Qualidade de vida.*

Jailson - sabe o que acontece, que muita gente aposentou lá em São Paulo, no Sul e vem pra cá e esse povo quando vem, vem com uma certa aquisição, dinheiro, aí o povo visa isso, vamos aumentar que fulano veio de São Paulo ele tem dinheiro pra pagar.

M: *Então o pessoal pensa assim mesmo?*

Jailson - É o que eu disse também, o pessoal vem de fora, aposenta vem com certo poder aquisitivo.

Alguém - o cara trabalhou lá 25 anos voltou com dinheiro, recebeu os direitos, investir aqui nos terrenos dele, quer dizer, muita gente aqui aposentado da Volks, da Ford, a verdade é essa.

M: *Se vocês fossem fazer um número dos que voltaram.*

Alguém comenta - dos que voltaram, se você pegar zona rural vamos fazer o seguinte, de mil que foram a 30 anos, 400 voltaram, 400 a 500 voltaram e estão voltando, continua voltando.

David (Filho de Luís) - Porque eles vão trabalhar, ganham, melhoram de vida quando se aposenta aqui é muito mais tranquilo pra morar.

M: *Senhor Efraim, desses que voltaram muitos estão no sítio?*

Efraim - Alguns, alguns, menos, é como eu digo houve o êxodo rural entendeu, por exemplo, zona rural de São José de Piranhas ela não está

sendo...

M: Chega mais pertinho porque senão não pega?

Efraim - Ela não está sendo mais habitada, por exemplo, nos sítios distante não, tá mais aqui ao redor, como eles estão, que veio de São Paulo e está comprando alguns pedaços de terra, fazendo chácara. Se você for na região da Boa Vista aqui que é uma região da transposição, pronto, que foi indenizado eles estão vindo aqui prá perto, então você vai chegar aqui você vai ver casas ótimas aqui, casas melhor do que na cidade, aqui na Boa Vista já

M: Mais ali não é só transposição ou é gente que voltou?

Efraim - gente que voltou também, gente que voltou também, junta a transposição com gente que voltou né, claro.

Nair - a transposição ver tanto o lado positivo como o lado negativo, por exemplo levando em conta, as residências das pessoas que foram beneficiadas pela transposição são casas ótimas, ali quer dizer, foi a transposição que contribuiu para aquilo ali né? Eles tinham uma casinha que não tinha uma estrutura e hoje estão investindo nas casas né?! Devido também ter recebido a indenização através da indenização.

Efraim - indenização valiosa viu meu amigo.

Nair - É, teve um lado de sair do ambiente deles mas também teve o outro lado de ter uma vida melhor, realmente uns se prejudicaram você morar tantos anos em uma casa sair daquele local.

M: Sr. EU e a produção na área rural na agricultura na pecuária?

Efraim - A pecuária aqui era fortíssima, proporcionalmente aqui é o quinto município maior da Paraíba em área territorial não urbana, urbana aqui deve ser a centésima cidade na Paraíba ou mais, agora em território é o 5º município maior também na área pecuária. E proporcionalmente também o melhor investimento na área da pecuária estado da Paraíba era São José de Piranhas, entendeu? Aí houve essa seca, dois anos de seca,

daí o rebanho estar sendo levado prá outros estados, está sendo levado até para o estado de Goiás, aqui tem propriedade dono de gado aqui, proprietário de gado aqui que levaram.

M: São quatro, cinco grandes proprietários? O que você chama?

Efraim - Grande aqui prá nossa região é 200/300 hectares. Porque aqui é o seguinte, todo mundo tinha gado antes dessa seca, está entendendo? Todo mundo tinha 20,30,40, então aqui aproximadamente pelo número de vacinas, que é a Emater o órgão que recebe a questão de vacinas, aqui aproximadamente 25 mil cabeças de gado, quer dizer, é muito gado.

M: É a mesma coisa da população, a população é 28 mil.

Efraim - eu diria que hoje tem mais, é mais, é mais gado do que população.

David - A população é uma média aqui de 20 mil.

M: 20 mil hoje.

Efraim - É 20 mil, então eu diria que a produção agropecuária aqui era bem forte [Todos falam ao mesmo tempo]. É uma questão assim até triste, assim que futuramente que também é uma das questões que faz a cidade crescer, porque é como eu digo, o cara vendia o gado, por exemplo, você tinha uma propriedade que tinha condição de criar 100 rezes, quando você chegava nas 100 rezes, vendia uns 30,40 ia e investia dentro da cidade terreno e casa aí voltava. Depois 3,4 anos, aí a gente fazia esses investimentos, que com certeza São José de Piranhas será castigada pela seca nessa questão da pecuária, do investimento na cidade, isso eu não tenho nem dúvidas.

M: E a agricultura mesmo?

Efraim - A agricultura mesmo é zero, o que é que se faz aqui, é que se desmata prá plantar o capim pra criar, aqui se a gente tivesse de viver

...fosse a questão da produção dentro do município, acho que a gente não produz 1% do que come, não chega a isso, né! não chega não.

Elias - E como você tá dizendo aí.

TR: *Nem para subsistência assim?*

Efraim - Não, mas muito pouco, o que é que está acontecendo aqui uma coisa muito interessante, o cara tá comprando ovo, o cara mora no sítio tá comprando ovo pra levar pra o sítio, comprando galinha pra levar pra o sítio que eu sou da zona rural, tenho conhecimento.

Luís - Devido ao preço do milho, não tem nem como você pagar 60 reais num saco de milho prá criar galinha.

TR: *É verdade?*

Luís - Quando uma dúzia de ovos vai custar 4,5 reais e nem todo tempo a galinha... a capoeira nossa ela põe, mais na época do inverno, por que? Porque tem o que comer.

Efraim - e outra coisa a mão de obra se acabou, como os meninos já falaram como a questão de tá indo pra São Paulo, tem a questão da furadinha aqui, não sei se foi comentado. Aí tem a questão do corte de cana também.

M: *É forte ainda.*

Efraim - Esse é fortíssimo, esse aqui, esse aqui São José de Piranhas leva em torno de...

David - Torno de três mil pessoa por ano.

Efraim - Aqui você chega aqui, o ônibus da Itapemirim da Gontijo, é ônibus que saiu aqui na época que você fica besta.

Luís - Nessa parte eu tenho um conhecimento assim, porque eu tinha até anotado quantas pessoas foram esse ano, esse ano foram mil e 800 pessoas.

M: *Como que o senhor calculou isso?*

Luís - Não, porque isso é o sindicato, aí vem convênio com sindicato, os patrões lá, como é que eles chamam lá.

M: Os turmeiros?

Luís - Os turmeiros, sim, tem que levar o pessoal feito exames daqui, o sindicato tá tendo essa preocupação.

Nair - e houve também o ano passado aquele movimento de greve do pessoal que foi pro corte de cana, então esse ano foi mais resumido, fecharam mais, não levaram todo mundo que já tava cadastrado lá por causa que pararam a produção. Começaram a reivindicar os direitos né, aí eles tiveram medo, mas agora recentemente o mês passado já veio mais ônibus pegar porque tão precisando né, aí eles arriscaram levar de novo, é assim.

Elias - A dois, três anos atrás, ia até 3 mil pessoas, mas ia tem outra razão a ir essa quantidade de gente, é a tecnologia, a famosa tecnologia como nós comentamos, veio da indústria também na cana e hoje eles tão comprando o maquinário e maquinário faz o trabalho sozinho, corta a cana.

M: Então o que vocês viveram lá dentro com a robotização tá acontecendo na cana hoje?

Elias - Tá acontecendo na cana, tão comprando máquina hoje que não precisa mais facão pra cortar, do braçal, a própria máquina já corta e a própria máquina joga em cima da caçamba e já leva pra usinas, então quer dizer, já também no lugar de 100 trabalhador, uma máquina já faz o serviço.

M: Furadinha vocês têm uma estimativa assim?

Alguém responde - rapaz, eu acho que passa de 1500 também.

TR: É mesmo?

Alguém responde - Passa de 1500.

M: mas o pessoal que vai, mais jovem, pai de família?

Efraim - Mais jovem, mais jovem, e tem uma coisa que tá nos preocupando também muito forte, a gente que tem conhecimento que sabe é a questão das drogas.

M: *Das drogas?*

Efraim - Muito fortíssimo, é uma questão que tá preocupando. São José de Piranhas; o pessoal tá indo pra lá conhecendo outras pessoas, conhecendo outras culturas e quando volta aqui, meu amigo, infelizmente tão trazendo... É uma questão que eu tenho batido na Câmara (dos vereadores) essa questão fortíssima. Aqui na imprensa e tá tirando até o foco de nossa cidade, isso é uma cidade pacata, já tem acontecido uns fatos aqui de roubo, de alguém ser preso por droga vindo de lá, então a polícia... é um fato preocupante que São José de Piranhas com todo esse avanço, com toda essa coisa boa que tá aí pra acontecer como a transposição e outros fatos tem essa questão e é difícil viu. É uma questão muito difícil de ser controlada porque não tem como se controlar. Eu diria que é como se fosse Brasil e Bolívia, vindo a droga da Bolívia, é como se tá vindo as drogas dos lugares.

M: *Mas será que só é trazido pelo pessoal que vai para fora ou gente de fora circula?*

Efraim - Minha amiga, eles tão pegando a carona, porque quando se infiltra fica até difícil da própria justiça combater, quando você tem um foco.

Nair - Mas, é mais o pessoal que tá vindo da furadinha do que os de lá tá vindo pra cá, tão entendendo?

Efraim - Mas aí você perde o foco, fica mais difícil da justiça pegar, porque quando você tem só um foco, só uma direção é mais fácil de você ir buscar e agora não, tão usando essa forma. Então é uma questão muito triste pro nosso município, que é bom porque traz dinheiro. Claro que é,

depois do corte de cana aqui é a questão que mais vem dinheiro de fora, investimento de fora, mas aí deixa essa questão muito perigosa.

Nair - A maioria desse jovem que vão pra furadinha é da zona rural, né! esse adolescente, tem criança, tem gente de menor indo.

M: *Vai casados também?*

Nair - Vai, vai, mas vai mais a turma jovens.

M: *Até uns 30 anos.*

Efraim - Os mais velhos vão prá cana, até 40 anos, o corte de cana pega até essa média assim de 40, 45 né o pessoal.

David - Agora eu vejo né nem tanto essa questão de idade, quem vai pro corte de cana é aquela pessoa mais preocupada em se planejar em melhorar as condições de vida, já quem vai pra furadinha, claro tem exceções, mas muita gente vai pra ganhar um pouquinho de dinheiro pra gastar quando chegar aqui, não se preocupa em juntar nada só pra usufruir.

V: *Mas não tem gente que faz os 2?*

Efraim - Não, não, faz não, faz não, até porque o corte de cana, pouco que vão pra o corte de cana não são trabalhadores rurais, não são trabalhadores rurais e a furadinha pelo contrário, são mais essa juventude.

Nair - é tanto que hoje você vê jovens de 14,15 anos desestimulado a estudar e ir furadinha entendeu? porque na furadinha vai conseguir uma moto, porque eles querem ter esse padrão de vida, de arrumar namorada como E dizia antes. Aí lá eles vão pras baladas e conhece esse pessoal né, tem acesso a droga e...

Efraim - se não me falhe a memória, no Detran em torno de 1700 motos, quer dizer, uma cidade deste tamanho tem mais de 1700 motos.

David - emplacada, né?

Efraim - emplacada, segundo dados do Detran que aí dobraria ficaria em torno de 3500 a 4000 motos.

Nair - mais tem jovens que chega a ganhar 3 mil reais por mês, ele não compra uma moto nova, mas compra uma usada emplacadzinha que dá prá conseguir.

David - é porque agora aumentou mais a fiscalização por parte do estado na questão de motos, carros. Mas a 3 anos atrás, 4 anos atrás quase não tem a fiscalização, aí o pessoal comprava moto financiada que a gente chama alienada, comprava uma moto por 500 reais, trazer prá cá. Então você vai na zona rural moto com placa do Pará, do Maranhão, do Tocantins tem e é muita. Como não tinha fiscalização eles iam prá furadinha vinha pra cá com moto nova pronto se aparecendo.

M: Quando apareceu essa furadinha? Você tem alguma ideia assim?

Efraim - Dez anos. Aqui começou pelo um cidadão que era vereador aqui e eu não sei como foi o contato dele pra... ele vendia aqui na região da Paraíba essa roupa que a gente chama furadinha. Como o estado do Pará e do Maranhão é um estado atrasado, em relação à Paraíba com certeza, lá ainda tem casa de taipa, casa de palha, então não tem acesso, o pessoal pega aqui uma roupa compra aqui por 50 reais vende por 150 exemplo entendeu?

TR: Entendi.

Efraim - Então a furadinha começou com esse cidadão, depois a gente começou a melhorar de vida e começaram os outros a montar as equipes como é o caso de minha esposa e Nair e aí foi.

Elias - Tem um lado bom e um lado ruim. Pra quem iniciou a dez anos atrás eu conheço muita gente aí que pra nós a gente chama de rico milionário mesmo.

TR: Que começou na furadinha.

Efraim - Cara que tem patrimônio de 3 a 4 milhões de reais.

Luís - Aquele menino mesmo o que é da Serra do Vital, aquele menino hoje, só no próprio Maranhão, vendendo e comprando possui duas, três mil cabeças de boi.

M: Mais em que lugar do Maranhão? Açailândia chega lá?

David - Mais cidades do interior.

Efraim - Chega a ter no caso em São Luís mesmo.

David - É, mas eles procuram mais cidades do interior que o desenvolvimento é menor ainda.

Alguém responde - Aqui houve um fato interessante, assim foi momentâneo voltaram muitos que faz questão da ilusão de São Luís. O pessoal aqui criou uma ilusão de que no Maranhão você enricava, então muita gente foi botar comércio lá e tem, tem muitos filhos dessa terra piranhense. Quando surgiu assim uma questão de um ano ou de 2 foram aqui questão, não foi menos de 100 não prá se tocar comércio no maranhão mercado.

Nair - em São Luís na capital mesmo.

M: Mas isso já é mais antigo?

Efraim - 10 anos também, é o mesmo tempo, é 10 anos e foram, teve gente aqui que era estabilizado aqui, foi, lá não deu certo, voltou a se estabilizar aqui, é interessante. Era aqui, um cara bem de vida foi pra lá ia enricar, aquela ilusão eita, todo mundo tá rico, fulano tá rico, fulano foi tá rico, aí foram aí lá não deu certo.

Nair - um fator também né, que assim acreditaram é porque aqui, o comércio aqui tem o fiado e lá se dizia que não vendia fiado tá entendendo? Não vendia fiado então, vamos pra esse lugar que não vende fiado e realmente lá, quem foi daqui disse que a renda era boa porque era comprando a mercadoria e pagando e aqui tem o fiado, passa 2,3 meses às vezes prá, ai uns [...].

TR: Em São Luís?

Nair - Em São Luís, hoje nós temos aqui, acho uns 20 filhos de São José de Piranhas que são empresários lá, bem desenvolvido mesmo, bem sucedido, com comércio.

Luís - Outros foram puxando uma cachorra e voltou a cachorra puxando ele.

Efraim - Houve um fator também, vocês vejam como tudo tem um lado positivo e tem o lado negativo, outros foram desestabilizar a família devido aqui a gente ter uma cultura - é muito família. Por exemplo, aqui você não casava só com a Nair não, você casava com o sogro, com a sogra, com os irmão. Aí tudo isso tinha esse fator que era estabilizado prá família. Ai o que foi que houve, alguém foi prá lá, lá outra visão totalmente diferente da formação da família no Maranhão [...] desagregação. Então o cara chegou lá, comerciante né, achando que tinha alguma coisa, muita.

Nair - Algumas bonita, mas muito desmantelada como a gente acha aqui. Nós só fomos a passeio no Maranhão porque um cunhado meu também saiu daqui com essa visão, que lá ganhava dinheiro e só vendia, só recebia o dinheiro na hora e ele passou uns 4 anos por lá, colocou um comércio. Aí depois se desestruturou aí veio embora pra cá de novo, aí hoje trabalha no ramo.

Efraim - Mas aí tem uma questão até familiar.

Nair - E aconteceu isso também, se envolveu com umas...

Efraim - Ele também se desestruturou-se familiarmente que é casado com a irmã dela, se bem que a gente não tem prova da realidade. Foi você que veio há 30 anos, foi você?

M: Foi mais naquela época, o Luís falou que o pessoal que foi para Mercedes muitos se deram bem também, né?

Efraim - Não, foi ótimo aqui pro município como essa questão que a gente falou que existe, do pessoal que existe de São Paulo pra cá que

investiu aqui, graças a Deus.

Nair - Nós sabemos que o progresso trás isso né, desenvolve por um lado, mas também tem as causas né?! Isso acontece em qualquer estado.

M: *Só mais uma coisinha eu queria perguntar para vocês, quando eu vim naquela época do algodão, fim do algodão?*

Efraim - Meu pai era o maior produtor de algodão.

M: *É, ainda tinha muito morador nas fazendas, tinham 10, 20, todo mundo tinha 20, 30 morador, e era muito forte essa questão da morada e assim o pessoal vivia.*

Efraim - então como era a questão que você quer saber a questão da agricultura, meu pai tinha vinte morador, aí ele financiava o dinheiro pra aquele pessoal. Quando terminava o ano, prestava conta. Mas todo mundo trabalhava de meia prá ele, tudo o que se tirava era de meia, se tirasse 100 arrobas de algodão, 50 dele e 50 do patrão e aí era feijão, milho que era uma questão muito forte na produção, mas o algodão era o forte, entendeu? Então eu diria que prá o patrão era bom demais, quer dizer, na verdade, você tem o cara trabalhando de meia pra você, aí depois quando terminava tinha a pastagem pro gado, exatamente o que era forte naquela época era a pecuária e a agricultura - o algodão. E hoje o que foi que houve? O pessoal foi embora, cansou de ser escravo porque eu sempre dizia que era escravo, quem trabalhava era escravo, porque você trabalhar já a metade, já é escravo. A verdade é essa, então o pessoal foi tomando rumo prá São Paulo, a maioria eu diria que era filho de agricultor, filho de moradores. Veio aquela revolta, veio aquela questão quando se terminava o ano, o pai ia fazer as contas, mal dava prá pagar as contas, então o cara disse: eu vou morrer aqui dentro, tirar minha vida trabalhando pra os outros, então maioria do êxodo pra São Paulo foi isso aí, foi de moradores.

Nair - mas também teve a questão de moradores que aproveitou, por exemplo, (nome de proprietário) que era um dos maiores fazendeiros aqui. O vaqueiro deles tinha uma produção, de cada 4 vaca que paria, 1 era para o vaqueiro. O vaqueiro que aproveitou, foi juntando, conseguiu...Hoje ele é um dos grandes proprietários daqui, mas foi vaqueiro do velho (nome de proprietário).

Efraim - O algodão foi acabando, houve aqui a questão do bicudo, não sei se você já ouviu falar.

M: *Já, já.*

Nair - A praga do bicudo.

Efraim - Meu pai era um produtor de 1500 a 2000 mil arrobas de algodão, no ano que deu o bicudo, o que foi que houve, tirou 50 arrobas, o que é que se fazia, por exemplo, os proprietários ia até o Banco do Nordeste que era financiador, financiador do empréstimo você fazia empréstimo pra investir no algodão, quer dizer aí você foi lá, meus pais foi uns dos que teve que vender a propriedade pra se pagar a questão do banco. Não era como hoje não, que eu tou vendo Dilma aí perdando, mas meu pai foi um dos que foi obrigado a vender.

M: *Tinhas quantos hectares na época?*

Efraim - no caso seria o que? 400 a 500 tarefa na época, 150 hectares porque é a média aqui. Ele foi um dos que teve que fazer e outro fazia o seguinte: pegava dinheiro ao particular, o cara não queria o banco, a burocracia do banco, os juros. Aqui em Sousa tinha um cidadão chamado (nome de proprietário), ele comprava todo algodão aqui que fosse produzido aqui, pronto tudo era dele, ele dizia o seguinte: o que tiver em São José de Piranhas, a produção agrícola do algodão é minha, então ele era o comprador. Aí chegava, se eles financiava o dinheiro no começo da produção você pagar quando fosse entregar em algodão.

Alguém responde - Chamava assim: comprou na folha.

Efraim - Comprou na folha, aí houve isso, quer dizer quando o produtor tirava 2000 mil arrobas de algodão tirar 50 minha amiga, aí foi fatal. O sertanejo, hoje não que tá mudando, mas o homem a 30 anos aí atrás ele morria de fome mas não queria ficar devendo, ele vendia o que tinha como meu pai vendeu outros, houve muitos aí, mas pagava né. E, era o cabra macho mesmo!

Elias - Exatamente.

Efraim - Ele, prá ele não era um papel que ele assinava, era a palavra, é porque eles emprestavam dinheiro pela palavra à fulano, tá resolvido emprestava o dinheiro só entre o cara e o recebedor, mas o cabra pagava. Dizia: eu recebi dele então eu tenho a obrigação de pagar. Aqui a questão das propriedades em cair, quer dizer antigamente como eu dizia a você.

M: *E ele vendeu para quem você lembra?*

Efraim - Ele vendeu prá um irmão dele, ele vendeu pra um irmão dele entendeu? Então aqui a questão de que eu ia dizer, a questão que você vendia, por exemplo, uma propriedade você vendia na razão de 50 mil, a 40 anos atrás você comprava 10 casas, quase 10 casas entendeu? quem foi assim da zona rural e teve uma visão diferente e tiveram muitos aqui que é o caso de EJ aqui que é um grande pecuarista e também a questão da agricultura, que hoje tem 30/40 casas. Foi um cara esperto, o que que ele fez; ele comprou o algodão e comprou uma casa bem baratinha vendia 10 vezes. Hoje pra você comprar uma casa, essa daqui que eu tou, você tem que vender na média 200 vezes pra comprar essa casa. A cabeça de gado hoje tá na razão de 500 reais e uma casa dessa hoje o cabra não sabe nem quanto vale, um terreno hoje aqui é 70,80 mil, 50 mil, entendeu? Então essa questão do algodão aqui foi fortíssimo, aí depois acabou. A cidade teve... passou por esse momento difícil. Aí depois graças a Deus, eu acho que foi a questão política que sustentou ela.

M: *Naquela época que caiu o algodão, aumentou a saída das pessoas para fora?*

Efraim - Aumentou, aí foi onde aumentou, aí foi onde todo mundo teve que ir embora.

M: *Eu cheguei aqui em 80, foi o período da crise e todo mundo já saindo?*

Efraim - Pronto, pegou realmente, sabe em que ano o bicudo chegou aqui, chegou aqui em 79 fortemente.

M: *Exatamente eu peguei, isso foi em todo Nordeste.*

Efraim - Ele chegou aqui forte porque ele começou apenas... uma que a gente nem conhecia o algodão, por exemplo, a flor, a coisa do algodão, o biloto de algodão que a gente chama, começou assim a aparecer alguns problemas e meu pai: não, isso é uma questão um besouro normal, mas quando ele chegou minha amiga, aí chegou violento, ele atacou assim, ele dizimou acabou, acabou!

M: *Mas o senhor acha que tem a ver também porque o pessoal expandiu o herbáceo, e antes era o mocó que era muito resistente, né?*

Efraim - Também, eu acho que sim, você tocou numa questão que é muito interessante.

M: *Mas você sabe a diferença entre o mocó e o herbáceo [todos falam ao mesmo tempo] um é cultura permanente e o outro é cultura agropecuária, o herbáceo foi desenvolvido pela Embrapa e acabou com os agricultores.*

Efraim - A gente conhece como o algodão preto, o mocó, é o algodão preto, ele tinha uma possibilidade de ter uma durabilidade de 10/15 anos, quando veio esse aí, a gente chama Halen, ele no máximo 2 anos, 3 anos no máximo 2 anos 3 anos.

Meu pai teve de readaptar essa questão do algodão porque aí teve que plantar no campo porque ele era um algodão que... o algodão preto ele dava muito nessas serras aí. Agora nesse algodão Halen que a gente

chamava aqui, era só ele porque ele era mais plantado em baixo, é cortado, você pegava o trator cortava e se plantava ele. Aí teve uma época aí meu amigo de 5 a 6 anos de uma produtividade, porque ele era mais produtivo de que o preto 50 % ou mais.

M: *E a indústria queria ele porque quando botava na máquina para fazer o fio ele não quebrava.*

Efraim - Ele tinha uma lã muito, muito perfeita, uma lã muito perfeita e muito grande.

M: *Um fio muito resistente.*

Alguém: E era bom até prá você catar, você ia catar o algodão mocó, por exemplo, aqui o homem catava 20 kg, o outro chegou cara que chegou a catar 100 kg porque, porque ele era pequeno.

Efraim - Mas eu diria que foi essa questão do outro algodão aqui.

M: *Não era adaptado a natureza?*

Efraim - A região, a natureza, o clima é totalmente diferente.

V: *Mas eu queria perguntar uma coisa pro EU antes da gente terminar [riso]. Sabe o que é? Eu queria voltar naquele negócio que a gente tava falando da transposição, das indenizações, então eu tava conversando um pouquinho com a Nair. Começou assim, teve muito dinheiro colocado na mão das pessoas que tiveram as apropriações, investimentos em casa, na cidade mas aí eu quero saber também teve algumas pessoas que investiram em casas na zona rural se você conhece alguma situação que compraram terras vamos dizer, em outros sítios.*

Efraim - o pai dela.

Nair - Meu pai.

V: *De onde ele era?*

Efraim - Ele era do sítio Morros.

Nair - Sítio Morros.

V: *E foi para onde?*

Nair - E veio aqui pro sítio.

Efraim - Com conhecimento de causa, eu tenho conhecimento de casos assim que a pessoa foi indenizado, um exemplo 50 hectares, eu vou dá um exemplo e veio aqui próximo a cidade, só que as 50 hectares dele lá só deu pra comprar o que? 15 ou 20 hectares E hoje aqui à 3/4 km aqui as propriedades ninguém pode chegar nem perto prá comprar, né?

Efraim - Devido ao acesso à sede do município. E lá mais afastado são pessoas que foram indenizados, que muita terra deu prá comprar uma pequena propriedade, mas se saíram melhor porque, devido ao acesso, devido tudo.

Efraim - Hoje aqui a tarefa, o hectare não, é a tarefa, se o pai dela (se refere a cunhada de Luís) quiser vender é 6 a 7 mil reais. Porque esse pessoal tá comprando pra fazer chácara, que dizer melhor, são pessoas que tem uma condição melhor, como eu disse à você, o cara tá aqui é funcionário, se aposentou aí tem sua casa aqui, aí faz lá e vai passar o final de semana.

M: *O pessoal que vem de São Paulo retorna também?*

Efraim - Também, também. Meu pensamento; para o ano eu me aposento se Deus quiser, eu tenho uma propriedade seca em cima de uma serra, bom pra criar, bom pra criar, mas quando eu cair na idade e não possa mais cuidar, não vou pagar prá ninguém cuidar, vou vender lá e comprar uma aqui próximo à sede do município, viu , um valor que vai superar a de lá e eu vou fazer uma casa bem bonitinha pra vê se o resto da vida fica mais sossegado. Outra vez quando você vier aqui você vai pra minha casa lá no sítio.

Elias - Eu tô querendo investir 50 hectares num hectare, aí você diz: rapaz você, você vai pegar 50, eu não vou mais cria, eu não posso mais cuidar de bicho eu não vou mais.

M: *O senhor tem morador lá?*

Elias - Eu tinha antes, mas agora eu não tenho mais ninguém eu mesmo tomo de conta.

M: Você vai prá lá cuidar dos bichos?

Elias - Eu vou porque assim, não compensa hoje lá morador pelo seguinte: também tem esse que todos os proprietários aqui ninguém quer mais morador porque hoje em dia tem a questão da pessoa morar 1 ano, 2 com você, quando sai ele não produziu nada pra você, porque não produziu o milho, não produz o feijão com essa seca que vem, não tem mais algodão, quer dizer não deu renda de nada, apenas ele cuidou e você deu uma sombra à ele, à quando ele sair de lá ele quer tomar sua terra, vai pra justiça porque você não pode pagar um salário mínimo, você não tem a renda pra pagar.

Efraim - A 10 anos os patrões não queria mais dá trabalho a ninguém, com medo porque aqui criou-se uma onda que o cara tava botando na justiça, chegava um advogado e dizia: você trabalha quanto tempo com fulano? Trabalhei 20 anos. Vige rapaz, tu tem direito demais.

TR: Aí levava a propriedade?

Efraim - Aí levava, levava a propriedade prá justiça, entendeu? Houve essa questão, aí os caras disseram o seguinte: Não tem casa pra mais ninguém morar. Aí foi um dos fatores também que fez uma colocação bem feita que foi uma questão que fez a agricultura desabar em São José de Piranhas. Teve uma onda meu amigo que era o seguinte, era advogado batendo no meio.

TR: Não tinha morada, ia para cana também?

Efraim - Justamente, justamente, veio prá cidade que tornou

M: Esse pessoal que vai para cana é um pessoal que não tem terra praticamente.

Efraim - Rapaz é o seguinte, tem até gente que tem, porque o corte de cana hoje, se você for um cara organizado, você chega e compra uma

casa aqui. Porque geralmente vai o seguinte: aqui tá indo pai, já tá levando filho, o filho que tem uma direção maior que tem uma melhor condição de vida aqui, que tem uma formação familiar diferente que não vai prá essa furadinha como eu falei a você, essa questão das drogas, então o pai leva, e ali você faz o que? Vai o pai, três ou quatro filhos, ele se organiza, o dinheiro que traz tudo junto, compra a casa. Tem deles aqui comprando casas e casas.

Elias - Aquele menino do lava rápido, o pai vai e os 4 filhos são 5 pessoas.

M: *Do lava rápido, ele leva a turma também, né? Ele leva gente.*

Elias - Não ele não, o pai leva a turma quase da casa dele mesmo, tem bem uns 6 filhos, de 6, 2 é menor mas os 4 maior vão com ele. Aí com aquele, levando aquele carrancismo do tempo que nós fomos criados né. Onde os pais ia, ou a mãe ia, o molho de pintinho ia atrás, se fosse na roça ia, leva esse mesmo sistema e nesse sistema eles tão se dando bem.

Luís - hoje a roça é como eu falei é difícil, depois de vir pro corte de cana é obrigado a enfrentar uma briga grande, porque é serviço demais, é pesado demais.

Efraim - A questão aqui, por exemplo, aqui o cara vai trabalhar na roça, a diária é 25/30, quer dizer você trabalha hoje, não trabalha amanhã, não trabalha depois. Lá não, o trabalho é pesado, mas tem todo dia, o trabalho de carteira assinada, tem o seguro desemprego, ele vai sabendo que vai passar o ano todinho sofrendo, mas ele sabe que quando chegar aqui, ele vai trazer alguma coisa prá investir, tá aí na família, faz 100 mil reais, aí junta e diz: vamos comprar um terreno. No outro ano nós vamos fazer uma casa, depois termina todo mundo com uma casa.

Luís - mas prá sair pro corte de cana tem que ser macho...

David - Tem 3 irmãos de minha esposa e um cunhado que vai todo ano pro corte de cana e eles tem carro, compra terreno, já tem casa tudo.

M: Qual usina, você sabe David?

David - é naquela região ali das Pedras, Santa Barbara do Oeste.

Efraim - Outra questão da transposição, porque algumas pessoas aí foram indenizadas, ai como eu tinha citado, muito dinheiro, aí pessoas que não sabe planejar e vamos dizer, se abestalha e hoje não tem mais nada já foi o dinheiro da indenização, não tem mais terra não tem nada.

TR: *Entendi.*

Elias - Teve alguns casos como esse, quem soube empregar o dinheiro, beleza, comprou outra terra, empregou em casa, tá tranquilo, agora teve outros que saiu da terra e não tem nada.

David - Ao Deus dará, como a gente diz.

Luís - Quem achar que dinheiro não se acaba.

Efraim - Muito dinheiro na época, a transposição já vinha aqui à 6 anos, já vem, à 6/7 anos teve gente que recebeu ..., teve cara que recebeu 1 milhão de reais, então é muito dinheiro a 6 anos.

TR: *E recebeu de uma vez só?*

Efraim - de uma vez.

10.3) Entrevista com Luís, Francisca e David, 2014

Entrevista com Luís e esposa, Francisca, com a presença do filho David. Entrevistadores: Marilda A. Menezes e Thiago Romeu, março de 2014.

M: Hoje é vinte e oito de março de dois mil e quatorze. Estamos aqui na casa de Luís e Francisca. Então vamos... conversar um pouquinho com Luís. Na entrevista que fizemos em 2013, ano passado com o senhor, tinha também Jailson, David, Elias, Efraim e Nair. Aquele dia foi um pouquinho de cada, cada um falando e... aí hoje a gente queria mais da história do senhor mesmo, da família do senhor. Casamento. Como foi com dona Francisca. Vou começar lá prá trás, antes do senhor sair daqui, lá a vida no

sítio. Quantos irmãos eram... como era a vida no sítio. Enfim, o que o senhor quiser contar.

Luís - A vida no sítio, antes, eu acho que a diferença hoje é grande. Até o sofrimento de antes, quando moleque mesmo. Vamos supor, que o pai de família tava lá na roça, não tinha o que comer em casa, tinha de vir aqui na cidade buscar comida prá poder dar comida pra os filhos. Hoje, é diferente, hoje, ninguém tem um remendo na calça, na camisa, né! Acabou-se. a mulher trabalhava em casa, cuidando dos filhos... hoje a vida é totalmente diferente. E sobre a mulher aí... já fui crescendo com o pensamento de casar com ela.

M: Ah e foi é? (risos)

Luís - Foi

TR: conhece desde pequeno?

Francisca - Ele ainda é mais velho do que eu, seis anos

Luís - Seis anos

Francisca - Ele como era mais velho né. Aí chegando na minha casa, na casa de mãe, aí dizia: eu vou casar com sua filha (Risos). Aí assim... foi criando... aí eu acho que mãe não acreditava não, porque eu já tava mocinha, e ele namorava com outra que não tinha mãe. Mãe gostava muito dele. É... quando ela tava pra vir pra cá, ele que vinha com ela, porque não tinha carro lá, né! tinha que vir pra Estrada prá vir para aqui (prá cidade). Aí ele vinha com ela. Aí ela disse prá ele: que se ele tivesse se casado com aquela outra, porque a outra não tinha mãe, mas... ela não sabia que ele gostava de mim, aí depois foi que ela foi percebendo que ele tava gostando de mim.

TR: Que ele tava era ali... cuidando da sogra já, cuidando da sogra...

Luís - que ela era muito esperta... Ela já sabia que já tinha... porque você deixar de ir prá onde tem bastante mulher pra ficar olhando prá ela como eu ficava, sozinho né! (Risos). Um dia, ele chegou na minha casa

dia de domingo, eu estava aqui (na cidade), mas no final de semana eu ia prá casa (no Sitio)

M: Mas a senhora tinha quantos anos mais ou menos?

Francisca - Eu tinha uns quinze anos e eu fazia parece que era o segundo grau...Porque para minha mãe e meu pai, por eles era pra ver os filhos tudo formado, se pudesse. Eu cheguei... eu tava me arrumando e ele lá em casa, atrás de mim, né? Aí minha mãe chegou lá no quarto onde eu tava me arrumando, e eu ia sair pra ficar com minhas primas. Aí ela disse: Maria...- ela me chamava Maria de Francisca - tu vai sair e deixar Luís sozinho? E eu disse: e eu não tenho nada com Luís. Eu respondi desse jeito e caminhei e fui embora... quando eu cheguei lá em cima da ladeira, Luís tava lá embaixo da ladeira...

Luís - Já ia atrás... (risos)

Francisca - Não sei nem se ela sabia que ele foi atrás de mim.

Luís - Ela era muito espertinha... ela morreu... mas, ela era a mulher e o homem dentro de casa, que o pai dela...

M: O senhor Zuza (o pai de Francisca) foi entrevistado por nós em 1984.

Luís - tomava umas canas e ia prá feira, só chegava no outro dia, naquele tempo.

o pai dela era um homem disposto que a cidade inteira respeitava ele, só que ele não procurava briga. Mas, aconteceu vários problemas com ele aqui na feira.

M: Por causa de bebida?

Luís - É.

Francisca - Porque achava que ele é... como é que se diz, não levava desaforo prá casa. Se não mexesse com ele, ele era bonzinho demais. Tinha muito amigo dele, quando ele morreu, era tanto amigo dele lá em

casa, foi difícil entrar lá em casa. Porque ele era muito amigo de todo mundo. Mas, aquele que mexesse com ele, o negócio era diferente.

Luís - Ele era um cara muito direito, muito direito, bem visto na cidade, no município inteiro.

M: Então e a vida assim, no trabalho, como era? Antes do senhor sair.

Luís - O trabalho vou falar pra você que eu fui preguiçoso, fui... devido eu ser o caçula...

M: O senhor tinha quantos irmãos eram então?

Luís - Tinha onze... as mulheres, nasceram primeiro. Ai naquela época as mulheres trabalhavam na roça. Meu pai começou a vida comprando um pedacinho de terra prá as mulheres. Não foi prá os homens. Os homens e as mulheres foram casando... já existia a preguiça (risos).

Luís - Eu... como caçula, fui criado mais... já tinha uma condição melhor...

TR: um cuidado maior.

Luís - Então ali, eu sempre fui ganhador de dinheiro, naquele tempo ali o trabalhador dependia do arrumador de dinheiro, arrumava prá fazer preço. (interrupções). E sempre eu cuidei disso aí... eu arrumava dinheiro. Meus irmãos, meu pai, tudo... dependia da feira de casa, do açúcar, do café... o leite tinha muito, o queijo tinha muito. O porco... quando ia matar o porco lá, ele já deixava o porco guardado prá comer no mês... deixava na banha...

Francisca - Ficava ali, bem sequinho... aí com aquela banha ali mesmo. Ai quando era no outro dia tirava, esquentava, almoçava, depois tirava um pouco prá jantar. Não tinha negócio de comprar carne de gado aqui não. Era galinha e o porco. Criado ali mesmo. Era a mistura de casa, era porco e a galinha,

M: Então, o senhor tava contando um pouquinho do trabalho, lá do sítio.

Luís - trabalho... eu vim trabalhar bem quando eu entrei na ...

M: *Mas o senhor não trabalhava no roçado?*

Luís - No roçado não cheguei a trabalhar não. E o roçado você sabe, é difícil.

M: *Como é que o senhor conseguiu ter esse dinheiro? Que era um capitalzinho?*

Luís - Tinha dos pais, você pegava um centavo aqui ...

M: *E já ganhava um lucrozinho ali?*

Francisca - E o pai dele, quando ele mais novo, confiava mais nele, né! Vivia dentro de casa, algodão prá vender... aí vendia... aí... passava o dinheiro pra o pai dele e ficava mais com um “troquinho”, né?

Luís - Quando foi em setenta e cinco quando a mãe dela (da esposa) faleceu, pensei: agora é hora de eu ir embora. Pronto, agora é hora de eu ir embora, que eu tenho que trabalhar pra casar né.

M: *Ah! O senhor não tinha casado ainda?*

Luís - Tinha não.

M: *Mas deixa eu te dizer, você falou que são onze filhos, onze irmãos, né? Onze contigo ou doze contigo?*

Luís - Onze comigo.

M: *Onze contigo, então... os outros mais velhos ainda é vivo?*

Luís - Morreu dois até agora.

M: *Quem foi o primeiro a ir pra São Paulo?*

Luís - O primeiro foi o Manuel...

M: *esse que continua lá?*

Luís - É, continua lá... aí veio o Dedé que hoje tá em Rondônia. Depois foi eu. Aí cheguei lá... trabalhei um ano e pouco na firma, mas era muito boa. Logo quando chegava lá quem botava ordem na casa era Avelar (dono de uma pensão na Vila São José, São Caetano do Sul, que acolhia os migrantes que chegavam da Paraíba). Quando eu trabalhei dois

anos... e aí não dá não, o salário tá pouco. Eu vou dar uma passeadazinha.

M: Mas já tava namorando Francisca?

Luís - Já tava. Aí eu já tava noivo.

Francisca - A gente se correspondia por carta. Quando era prá falar por telefone, eu tinha que ir para Cajazeiras. Prá falar pela TELPA, na época. Aí conversava com ele.

TR: Aí marcava por carta, né? O dia que ia ligar?

Francisca - É... é... aí eu acho que ainda hoje, ainda, tem essas cartas velhas. Porque eu marcava tudo isso. As cartas, primeira, segunda... eu marcava tudinho.

M: E você não guardou as cartas?

Francisca - Guardei, eu deixei lá no armazém... mas aí eu vim embora.

M: Vê se a senhora acha ainda... mas tem bastante carta, não joga fora não, F. Isso aí sabe o que é? são documentos de história.

Francisca - A minha filha... que eu tenho uma filha que é freira... às vezes ela vinha aqui, mãe eu queria ler as cartas que pai mandava prá mãe. Você sabe tá lá numas caixas, não sei nem o que fizeram com essas caixas. Qualquer dia que eu for lá, eu vou olhar se ainda existe.

M: Dona Fátima, olhe... mas não jogue fora não, é muito importante essas cartas.

Francisca - Eu mesma guardava, eu numerava as cartas e guardava tudinho, era numa caixa. Mas aí eu vim embora (do sítio para a área urbana do município). Aqui não tinha como eu trazer toda bagunça né?...

M: Aí ficou lá no sítio?

Francisca - Aí ficou, não sei, mas acho que as formigas, baratas...

M: E a senhora lembra o que que ele escrevia nas cartas?

Francisca - Ah! isso não dá prá lembrar tudo não.

Luís - Era muita coisa.

Francisca - Ah! e agora eu só lembro de uma coisa. Ele mandou... escreveu uma carta prá mim. Aí mandou o amigo dele colocar nos correios. Esse amigo dele, sabe o que ele fez? ele abriu, leu a carta, aí embaixo da carta colocou: não te amo. Aí fiquei chateada com esse negócio, né! vir uma carta prá mim, toda romântica e vir um negócio desse.

TR: *Despeito né...*

Francisca - Eu sei que eu recebi a carta, aí quando eu responei, eu falei sobre isso. Aí ele disse: não, eu não ia fazer um negócio desse, escrever uma carta bonita. E depois escrever: eu não te amo. Aí também... aí ele disse que foi fulano que foi deixar a carta no correio. Era uma demora.

M: *E chegava lá no sítio o correio?*

Francisca - Não, era porque tinha daqui, aí daqui o correio mandava pra lá.

M: *Chegava sempre? De quanto em quanto tempo?*

Francisca - Sempre...sempre... as cartas sempre vinham, agora aconteceu essa...

M: *Mas assim, de quanto em quanto tempo seu Luís mandava as cartas para senhora?*

Francisca - De mês em mês, quinze dias... de quinze em quinze dias...

M: *Passou quanto tempo sem lhe ver dessa primeira vez?*

Francisca - Quase dois anos. ele sempre vinha quando tinha férias.

M: *Ah! então foi umas vinte cartas que chegou?*

Francisca - Ah! eu acho que sim, acho que sim... acho que era mais do que isso.

Luís - Quase dois anos. Aí eu saí daqui... cheguei lá (São Caetano do Sul, SP), na semana que cheguei eu entrei na Volkswagen. Naquele tempo tinha carteira mais ou menos boa. Aí trabalhei mais de anos na...

M: Então o senhor trabalhou, e o senhor voltou para cá em noventa?

Luís - Eu voltei em oitenta e dois. Fiquei trabalhando na Volks.

TR: Aí a dona Francisca não foi, casaram, mas ela ficou aqui?

Francisca - Não, nós fomos (risos). Aí meu avô não queria nosso namoro não. Porque chamava ele de vagabundo, porque não trabalhava na roça. Aí ele chegava, com um short curtinho né, aí ele ficava com uma raiva quando via eu com o Luís com esse short curto, menino, ele quando entrava, falava pra minha tia: aquele vagabundo já tá aí (risos). Aí, ele não gostava dele. Aí quando foi pra gente casar...

M: Que mais que ele dizia assim?

Francisca - Chamava só de vagabundo, não gostava dele de jeito nenhum.

M: E dizia porque chama ele de vagabundo?

Francisca - Porque ele não trabalhava na roça. E prá eles só gostava se trabalhasse na roça, aí tinha como sustentar uma mulher. E como ele não trabalhava ia me matar de fome. Era, ele não gostava. Aí quando começou, já tava bem próximo do casamento. Que foi dia vinte e sete de dezembro. Nós casamos dia dezessete no civil, e dia vinte e sete na igreja. Ai muita gente... eu sei que eu fui, eu arrumei uns cinco frango.

M: Isso para festa do casamento?

Francisca - Sim. Aí fui levei prá casa da irmã dele, que a gente quando vinha ia pra casa de Jailson, que é o pai de Vitória, aí ele (o avô) ficou chateado, quando viu eu passando com os frangos prá lá. Aí quando eu fui prá casa da minha tia, meu avô disse: oh! mas porque que você não levou os frangos em casa. Aí eu disse: não, o senhor nunca gostou de mim. Não ia trazer esses frangos prá aqui sem saber se o senhor ia aceitar.

M: Isso foi teu avô que achou ruim?

Francisca - Foi... achou ruim. Aí eu disse: não, que eu levei pra lá... porque toda vida, vai pra casa de ... que a festa vai ser lá. Ai, ele se conformou, aí ele foi lá no chiqueiro dele e tirou um galo bem grande, lindo.

Francisca - Aí esse aqui (se refere ao 1º. Filho), quando já nasceu, que começou a estudar...

M: Esse daqui o David, né?

Francisca - O David... ele dizia que o David era doutor. Ele já tinha tudo, se formado né... ele dizia se formou prá doutor. Aí isso prá ele era um prazer, que ele queria muito bem a ele. Ai, morreu na ilusão que David era doutor.

M: Depois ele começou a gostar do Luís...

Francisca - Ah! ele gostava sim. Aí quando o Luís começava... tinha as bebidas dele, um dia ele chegou prá mim e disse: hei... e Luís é bom pra você? eu disse: é, ele bebe as cachaças dele, mas ele é muito...Aí só foi isso que ele perguntou e pronto. Porque ele pensava porque ele bebia que ele não prestava. Mas graças a Deus, ele nunca chegou a isso não.

M: E o vô viveu muito então?

David - Viveu... ele viveu até noventa e... noventa e quantos anos mãe?

Francisca - Noventa e oito. É... ele só morreu com essa idade, porque aí não podia mais operar não é?

M: Ele cuidava de toda família. Dava conselho para todo mundo.

Francisca - Dava... dava conselho prá todo mundo. Nesse dia ele fez essa pergunta na casa da irmã dele. Eu acho que ele perguntou assim prá ver o que a irmã dele ia falar. Aí eu fui e falei assim: olhe, ele bebe, bebe as cachaças dele, chega em casa bêbado, mas ele não machuca ninguém, não maltrata ninguém. Nem os filhos e nem a mãe, porque graças a

Deus, as cachaças dele só ofende a ele e o dinheirinho que ele ganha. Porque já é aposentado né... aposentado. Onde ele tava parecia as filas do INSS, atrás dele pra beber às custas dele e comer.

M: *Lá em São Caetano ainda?*

Francisca - Não, aqui...

M: *Quando Luís voltou para São Paulo, depois de aposentado?*

Luís - Não... depois. Aí com dois meses que meu filho tava nascido, ele foi embora. Ele disse: oh não dá prá ficar aqui sem ter dinheiro. Porque esse aí por carne é ele e aqueles ... Aí ele ia prá mesa e não tinha a mistura, só era o arroz, feijão e pronto né... banana, que ele lá plantava banana. Quando tinha banana... isso é vida de cachorro.

M: *Mas isso quando? Que ano foi isso? A senhora foi com Luís em oitenta para São Caetano do Sul? Aí David nasceu lá, em São Caetano, aí o senhor ficou em São Caetano até oitenta e nove, aí voltou com a família, mas já tava aposentando?*

Luís - Não... depois voltei pr lá (São Caetano do Sul, SP) Aí comecei a trabalhar lá na firma.

M: *Mas quando o senhor vem em oitenta e nove, o senhor vem de mudança com a família? Mas não tava aposentado ainda?*

Luís - De mudança... Ela ficou, ela ficou aqui em 1989. Eu comecei a trabalhar e fiquei aguardando um processo que tinha na Volks. Aí minha mãe faleceu. Mês de junho de noventa. Aí eu falei: eu vou querer uma folga aí de dez a uns quinze dias, eu vou. Ele disse: tá bom você vai... Aí voltei, quando eu cheguei lá prá trabalhar, como hoje, amanhã eu venho, passou o tio dela (da esposa), Senhor César, quando eu entrei no bar, o advogado entrou: vocês dão notícia de Luís? Eu digo: tô aqui. Oh! rapaz... seu dinheiro já tá depositado lá no banco e você tem que ir no fórum amanhã pra...

M: *Que é que você disse?*

Luís - Aí no outro dia fui lá pro fórum, e peguei toda papelada... Aí no outro dia fui pro banco e peguei meus direitos... Aí disse: agora, me mande embora que eu vou pra casa...

M: *Aí se aposentou?*

TR: *Aí quer dizer... aí de noventa não voltou mais, já veio definitivamente.*

Francisca - Mas teve um tempo que ele ia pra São Paulo. Ele fazia aquilo: levava umas coisas tudinho... mel de abelha... mel de Italiana, goma... de fazer tapioca... é... buchada... queijo...

M: *Mas ia como? No caminhão?*

David - Não, no ônibus.

Luís - Tudo congelado... isso foi o período de noventa e quatro... a noventa e sete... eu levava mil quilo de queijo.

M: *Nossa.*

TR: *Mil quilos?*

Luís - Dentro do isopor...

TR: *Dentro do ônibus?*

Luís - Do ônibus... aí ia daqui... um rapaz muito bom...eu levava buchada, levava o peixe.

David - Era congelado tudo...

Francisca - O isopor era bem grande, era mais ou menos nesse tamanho aqui, aí comprava gelo e botava, quando chegava lá em São Paulo, tava gelo ainda.

M: *incrível.*

TR: *E aí lá, e lá o senhor já tinha seus compradores?*

Luís - Ah! tinha, tinha... tinha freguesia boa... ali onde era... tem um rapaz que mora ali, é, ele pegava quase todo queijo que eu levava, vamos supor quinhentos quilos de queijo.

M: *Mas ele tinha comércio, não é?*

Luís - Tinha, mas era assim de gente, só comendo um queijinho assado. Tinha viagem que ele pegava quinhentos quilos... abriu uma casa na mesma rua... de Mafalda (se refere a dona da Pensão na Vila São José, São Caetano do sul, SP). Rapaz e essas buchadas! vou abrir a casa sábado, e vou precisar de umas trezentas buchadas, tem jeito de sábado. Eu disse: mas rapaz! Ele disse: você arrume uma buchada prá mim... naquela época eu comprava buchada aqui a cinquenta centavos, ele me pagou três e cinquenta... viajei na segunda feira aí cheguei aqui, fui em cajazeiras... tinha a mulher que fazia buchada aqui. Sei que eu juntei...

M: Mas a buchada completinha, já com os miúdos dentro e tudo?

David - Tudo... só chegava lá e botava prá cozinhar...

Francisca - Mas chegava lá boazinha, não tinha...

Luís - Ela já ia no ponto, costurada.

M: Aí esse seu período de comercializar... ia e voltava, ia e voltava?

Francisca - Já e voltava...

David - é questão de oito dias... oito dias no máximo ele já tava de volta...

M: ah!

David - e a gente sabia quando ele ia, quando voltava ninguém esperava não... e quando menos esperava ele chegava.

Francisca - Eu sei que ele ia trabalhar, e fazia isso que a gente tava fazendo tratamento pra minha filha, ela tinha nove anos nessa época.

M: Ela pegou aquela doença?

Francisca - Foi da carne de porco...

M: Aí curou?

Francisca - Aí curou... graças a Deus ela tá bem, aí pronto, ele fazia isso, aí chegava, os queijo, chegava lá... ele enchia de farinha né, de farinha, pra farinha chupar o suco. Aí pronto, quando chegava lá, ele já

tirava os queijo, lavava, aí depois secava bem sequinho, pra ir vender... vendia tudo.

M: *Até eu ia lá comprar se eu soubesse.*

TR: *Aí conta da buchada.*

Luís - Aí a buchada, lá no paraíso, Santo André. Quando nós chegamos lá tinha uma inauguração de outra casa, do pessoal daqui. A buchada, mas deu certinho. Vamos vender. Aí já pagaram tudo na hora.

Luís - pois é, pra eu não ir prá roça, porque você sabe, a roça, eu vejo esses cara aqui quantos... da prefeitura. Eu nunca peguei não. Eu não sei o que é um cabo de enxada, uma foice prá cortar um pau. Sempre eu procurei, numa boa prá ganhar.

M: *O senhor gostou do comércio mesmo, não é?*

Luís - do comércio, eu já não fui prá furadinha, vocês sabem o que é furadinha né?

M: *Eu já ouvi falar, é mesmo dona Francisca?*

Francisca - Ele? Furadinha, pode ser que arrume outra veia por lá. Mas é claro. Porque os novos saem deixa a mulher, filho aí. Vai prá furadinha arruma outra mulher, aí larga a primeira família e fica por lá. Não, quero não isso não.(risos) isso não dá certo prá pessoa.

Luís - porque que eu já viajei até o Paraguai.

Francisca - esse Luís, quando era mais novo.

M: *Conta aí dona Francisca.*

Francisca - Ele era muito festeiro, muito mulherengo, né?

Luís - Nada.

M: *Eu vou pedir uma entrevista sozinha com dona Francisca, né?*

Francisca - E tudo, mas quando tinha festa, tinha os filhos, não tinha com quem deixar né... ele ia só, e nas festas dançando. Nos bailes, não era boa coisa, né!

M: *Não sei, a senhora que sabe.*

Francisca - essa coisinha aí.

M: Dona Francisca, você vai deixar ele ir?

Francisca - Eu não sei não, se eu for junto né, pode ser. Aí elas ficam dando risada.

TR: Mas o senhor também foi ao Paraguai senhor Luís que história é essa?

Luís - Já já viajei para o Paraguai.

Francisca - Quando ele morava ali em São Paulo ele foi.

Luís - Ia buscar mercadoria para vender em São Paulo.

M: Mesmo trabalhando na Volkswagen?

Luís - Não eu trabalhava na ... aí aproveitava o final de semana ia comprar mercadoria no Paraguai.

M: Isso depois da Volkswagen?

Luís - Depois da Volkswagen.

M: Eu queria que o senhor contasse um pouquinho do tempo que senhor passou na Volkswagen. Como era o trabalho lá?

Luís - Era pesado lá.

M: A relação com os chefes, a relação com os companheiros.

Luís - Era boa. A minha relação com empresário não, engenheiros de firma essas coisas, encarregado; foi boa. Foi tão boa que hoje a gente ver, vamos supor, como uma empresa que tem aqui. Que hoje nós vemos eu falo prá eles qual é o problema. Só entra esse povo que é presegado. O pobre que precisa e ali não consegue entrar porque leva o currículo, eles jogam lá para lá (...) problema político. Então esse problema aí eu falo prá ele, eu que acompanhei, eu que fiquei umas férias na Volkswagen só trabalhando no balanceamento na chefia. Aí nós comendo uma linguicinha com uma cachaçazinha uma meia noite.

M: Mas dentro da fábrica?

Luís - Dentro da fábrica.

M: *Mas tinha cachaça?*

Luís - Não. Nessas firmas aí tem, eles levam.

M: *Mas escondido, né?*

Luís - É. Mas depois, a turma toda de férias, a firma só no balanço né. Muita gente que queria trabalhar aqui dentro dava até uns trocos pra entrar aqui, ele falou pra mim: tu tem algum dinheiro sobrando? Se segunda feira você me dê tanto, eu era casado muito novo, eu te garanto 25 vagas

M: *Ele te pediu dinheiro?*

Luís - É. Eu te garanto 25 vagas prá o mês de janeiro aqui, quando a turma volta de férias. Nesse tempo eu tava preocupado, não trabalhava ninguém, no balanço ninguém trabalhava. Quanto você queria? aí ele pediu um x que dava para 25 pessoas. Eu disse: tá combinado. Cheguei na vila: menino quem é que quer trabalhar na Volkswagen dá quanto? Era uma paixão para entrar na Volkswagen na época, você enfrentar uma fila daqui no centro de São José.

M: *Senhor Ailton, esposo de dona Zunira, voltou faz 3 anos, ele nos disse ontem que quando foi para Volkswagen era 3000 na fila.*

Luís - Na fila. Aí eu soltei esse dinheiro, mas menino 25 vagas foi rapidinho apareceu dinheiro que dava para 4, 5 tanto do que eu dei prá ele.

M: *Quer dizer que o senhor ainda ganhou um pouquinho nessas vagas?*

Luís - Pouquinho... foi 25 de janeiro porque tinha cara trabalhando em outras firma pequenas, mas na hora que entrava na Volkswagen, já ia pedir as contas na outra firma. Tinha esse direito naquela época, você pode entrar, depois pedir a conta de onde você estava trabalhando. Aí eu sei quando eu cheguei na vila com 25 cartão... Foi uma presepada na saída de manhã e na chegada de tarde. Porque já tinha cara com 6,7 anos morando, pegando o ônibus todo dia. E de manhã quando ele viu aquela

enxurrada de peão, que não sabiam nem caminho da Volkswagen, entrar no mesmo ônibus que nós iríamos. No fim de tarde, aquele povo veio tudo com a carteirinha na mão.

TR: *Todo mundo batendo nas suas costas, obrigado.*

Luís - Quando o cara desceu pra beber uma mais eu na lanchonete ali que era mesmo na esquina dá Humberto de Campos (fica na Vila São José, São Caetano do Sul).

M: *Era em frente a padaria do outro lado?*

Luís - O cara olhou pra mim e disse assim: me diga uma coisa, de manhã esse ônibus entrou gente nova, as vinte e cinco e poucas pessoas, quem que mandou esse povo para aqui? Rapaz eu não sei não. Luís, aqui tem coisa aqui dentro esse povo voltaram tudo com a carteirinha porque prá subi apresentou tudo a carteirinha(...) prá entrar no ônibus. Aí esse cara, meu irmão! depois ficou no meu pé: Luís, eu quero saber qual é o cara que está fazendo isso porque isso é um roubo. Eu digo: rapaz eu não sei não, esse povo vai tudo prá fila e volta todo empregado (riso). Nisso daí eu coloquei mais de trezentas pessoas. Aí hoje eu vejo aqui a situação, você tá precisando trabalhar vai lá, não arruma.

M: *É mais mediante os políticos daqui?*

Luís - prefeito manda vereador manda tudo através de político. Eu vejo cara trabalhando aí que é malandro da rua que nem o filho de (refere-se a outra pessoa). Ali nunca vi aquele homem, só vive na malandragem no meio da rua. Trabalhando nessa firma, eu digo: não é trabalhando é só marcando o ponto, porque esse povo não tem coragem de trabalhar principalmente num trabalho desse daí. Que aí é pesado é bruto.

Francisca - Lá na casa de apoio onde a gente tava, tinha uma mulher reclamando que é casada, tem um filho, marido, trabalhinhas pouco, não é salário não, e peleja pra conseguir o bolsa família e não consegue. Ela

dizendo: da próxima vez eu vou recorrer de novo e se não vai, eu vou abrir a boca mesmo, como se diz, porque tem tanta gente aí que tem um salário e ainda ganha o bolsa família e eu que não tenho salário nem o meu marido, só trabalhei um pouco prá ganhar coisa pouca tenho um menino e não tenho o bolsa família. O menino tem 5 anos, pelejo para conseguir e não consigo. Eu sei as pessoas que são boa de vida e tem salário e tem o bolsa família.

David - Em toda cidade. Efraim já denunciou a secretaria. Aí ficaram com raiva dele, porque tem gente que tem uma Hilux e tem seu salário.

Luís - recebe o bolsa família.

M: Mas senhor Luís, voltando a falar da Volkswagen, sobre o trabalho, o senhor disse que era pesado, né?

Luís - Pesado, mas aí eu peguei a manha e também trabalhar não tem serviço pesado, no começo você estranha um pouquinho até eu pensava em pedir as contas mas eu me acostumei.

M: O senhor começou com que função?

Luís - Eu peguei o setor mais crítico de uma firma que se chama a fundição.

TR: O que é que se faz na fundição.

Luís - Eu trabalhava com câmbio do carro, o que é calor acima de 800 graus.

M: É muito quente.

Luís - Aí depois fui pegando as manhas tudo, você trabalha na manhã quando trabalha com o chefe que não trabalha muito, porque o setor que mais máquinas quebram da fundição devido à quentura.

M: Mas é quantos graus lá dentro?

Luís - Mais ou menos 800 graus, mas ela fica puxando

M: Mas vocês ficavam nessa temperatura?

Luís - Ficava em cima da plataforma jogando peça tinha que jogar mais de trezentas peças por dia, o câmbio é por dia e jogando lá. Agora como eu lhe digo eu peguei as manhas com os chefes, com tudo.

M: *O que é pegar as manhas?*

Luís - Amizade com as chefias. Quando a máquina dos vizinhos quebrava, ele tirava eu pra ir buscar um refrigerante, essas coisas e deixava outro na minha máquina (riso).

M: *esse seu Luís, ele contava isso para senhora?*

Luís - Quando a máquina do vizinho quebrava eu olhava prá ele. Depois eles criticavam, ainda existe esse cara, eu não sei o que é que tem que a máquina dele, quebra e ninguém coloca ele prá trabalhar. A do cara quebra e tira ele e bota nós para ir para a dele. É porque você não sabe fazer ... se tinha um mandado, eu ia para os banheiros e ficava lá.

M: *O que mais tinha as manhas lá? Que outros fatos assim?*

Luís - Não, tinha sobre esse negócio aí de trabalhar entendeu? É a última que eu tenho que lhe dizer, é manha. Agora se o cara for muito duro muito grosso com o chefe dentro da firma, eles sofrem 25, 30 anos que ele trabalhar lá dentro.

TR: *Se o funcionário for grosso com o chefe, o chefe também dá um troco?*

Luís - Eu até falei outro dia com amigo nosso que se chama (diz o nome do amigo) que ele até mora lá e esse cara também mora lá no Bairro Assunção.

M: *Assunção lá perto da Volkswagen.*

Luís - E esse (nome do amigo) chamava o peão dedo duro, por entregar o parceiro de serviço, isso é a coisa que mais existe, que é o parceiro entregar o outro. Aí o dito chefão que era piauiense falou: (nome do amigo), você e Bosco prá mim são dois filhos, mas só que você não tem experiência nenhuma, ele disse: por que eu não tenho experiência?

Porque você trabalha, trabalha, trabalha, quando eu chego você está de mãos cruzadas, tá cansado e o Biro tem as manhas de trabalhar, quando eu chego ele está trabalhando e o trabalhador prá nós é aquele que nós chega e ele tá trabalhando.

David - Ele tá ali sem fazer nada, mas na frente do chefe trabalhando.

Luís - Como se diz reparando a vida dos outros, esquecendo da dele. Aí o chefe fica de olho. Olhe você trabalha, trabalha e se cansa, quando nós chega você tá parado e ele não.

M: *Aí mandou ele ir embora?*

Luís - Não, eles eram amigos.

David - Mandou não, ele ficava assim enrolando quando não tinha ninguém, vendo aí quando o chefe chegava, aí ele colocava como se diz todo gás, aí o chefe dizia: não, aí trabalha demais.

Luís - olha, porque o chefe bom dentro da firma vale coisa até pro funcionário, é bom pra você que está trabalhando porque o painho me colocou nessa. Com 8 dias painho chegou e falou: Luís, a Mercedes está precisando de uma peças e nós vamos colocar uma turma a noite, você vai ficar trabalhando à noite e você vai tomar de conta dessa turma, você não vai trabalhar, você vai tomar de conta, aí chamou lá o Dantas que era o dono da... olhe esse daqui tem experiência já trabalhou na Volkswagen, eu quero colocar ele pra tomar de conta da turma aí, era 15 homem só, aí passou a lista para mim. Quantas peças têm que fazer à noite? era a produção. Aí eu fui chamei a turminha eu digo: fez as peças, pode parar? Ele disse: é realmente ninguém para, mas fica na malandragem. Eu digo horário de comida e janta tem? Não, horário de janta quem manda é vocês, quero é produção. E eu digo: tá bom. Aí chamei a minha turma, disse turma: o negócio é o seguinte vamos acrescentar 10 peças a mais, e a janta vocês quem dizem o horário que quer jantar, se é de 10, 8 ou 1. E fez a produção pode parar. Meu amigo tinha cara que quando é a 11

horas na noite já tinha feito a produção que era para sair de 6 horas da manhã.

TR: *Já tinha terminado?*

Luís - Que tinha um guarda que tinha vindo da Volkswagen aposentado, mas esse guarda não valia nada, tinha um monte de areia lá no setor que é o setor de fundição, o guarda vinha de lá cantando e os caras todo deitado, tava nem aí. Ele disse: esses caras dormindo? Aí eu disse: rapaz deixe esses meninos dormirem. Ele não veio duas noites, chamei painho, eu disse: Painho, não tem jeito de tirar esse guarda daqui não? Esse guarda está atrapalhando os meninos dormir, chega cantando aí no setor, ele disse: às 7 horas suba lá em cima. Cheguei lá, pegou a folha de produção, o dono da firma disse: você tá... eu disse só não tou bem é com esse guarda. Aí eu contei a ele o horário que o povo ia jantar de 11 horas e meia noite, aí deitava, de 3 horas para frente é só pra terminar a produção. Aí ele disse: não, vou tirar o guarda. Você não precisa de guarda não para estar vigiando, não! Tá bom demais aqui, a produção está sempre passando, aí mandaram o guarda embora. Quando era na sexta feira, eu falava para os peões: vocês tragam linguça, cachaça e no sábado ninguém trabalhava, quando for na sexta para o sábado que acabar a produção antes da gente dormir vamos tomar uma.

M: *Mas na própria fábrica?*

Luís - Dentro da firma.

TR: *E daí davam uma ajudinha para o guarda também?*

Luís - É o guarda bebia também. Um dia o diabo de um piauiense se embriagou e o dia já ia amanhecendo para entrar a turma de 6 horas. Aí o guarda disse: tem problema não, vamos levar, coloquei ele dentro do meu carro e quando foi prá sair, eu bato o cartão dele, aí tiramos o cara. Agora é bicho prá nunca mais nós fazermos isso, porque senão amanhece o dia aí, chega o dono aqui de madrugada e encontra o cara bêbado. Porque

beber ele sabia que a gente fazia a brincadeira por que a gente tem que fazer.

TR: *Aí quer dizer que a empresa sabe.*

Luís - A empresa sabe que a gente fazia porque produção dá prá você levar uma carne e assar tudo querendo.

M: *Mas na Volkswagen dentro da fábrica não tinha não?*

Luís - Lá no nosso setor em todo o setor da Volkswagen dava cachaça.

M: *Dava?*

Luís - Dava não, dá, cada um tem seu armário não tem isso de deixar ...

TR: *Isso são as mensagens que não são declaradas que estão ali naquela....*

Luís - Tu lembra daquela cana ensacada? Teve um tempo que veio uma cana ensacada que se chamava dos santinhos. Um refeitório daquele onde eles trocam de roupa, os armários eram todos lá dentro. Você chega lá, você toma, você tem seu armário, logo duas partes prá você guardar a roupa.

M: *Cabe uma garrafa tranquilo lá?*

Luís - cabe. Aí a mulher vai dizer que estava trabalhando ou bebendo.

TR: *As duas coisas (riso).*

M: *Mas chegava assar carne lá dentro?*

Luís - Tinha cara depravado que trabalhava bêbado, eu graças a deus nunca trabalhei bêbado.

TR: *Teve gente assim, que já trabalhou alcoolizado e se mutilou, sofreu acidente?*

Luís - Já, muitos.

TR: *A empresa chegava na disputa na justiça a alegar que a pessoa estava alcoolizada?*

Luís - É já chegou isso também.

M: *Aí gente, esse povo é demais. Seu Luís eu queria só um pouquinho... só para gente concluir. Eu queria que o senhor e a dona Francisca falasse um pouquinho como e porque vocês começaram a pensar em voltar. Voltar mesmo para ficar aqui. Se é primeiro dona Francisca?*

Francisca - Eu nunca chamei ele para agente vir embora, foi ideia dele, ele falava assim: mas vamos embora daqui porque eu não quero, porque eu não quero criar o meu filho aqui, ele dizia isso né, pronto! Aí nós viemos embora.

M: *A senhora também ficou contente e queria voltar?*

Francisca - Assim eu não queria voltar, porque eu pensava: ele vai, se eu ficar chamando ele para ir embora. Aí quando as coisas ficarem bem pretinhas para ele, aí ele vai dizer: a culpa é sua, foi você que queria vir embora. Então eu nunca chamei ele. Porque eu sabia que um dia ia se acabar como aconteceu, aí ele ficou sem nada e como eu disse tinha só o arroz e o feijão.

M: *Vocês voltaram para casa do teu pai?*

Francisca - Foi. Mas assim tinha a casa de meu pai. Não, primeiro, a gente foi morar na casa de Zito depois fomos para casa de meu pai.

M: *Quem é Zito?*

Francisca - É o cunhado dele. Tava vazia a casa. Aí pronto, nós ficamos aí, depois começou a coisa estreitar, aí ele se reclamar porque estava comendo puro não tinha mistura. Nem ovo não tinha, porque eu não criava galinha. Eu tinha vindo de São Paulo não tinha como criar, né! Mas ele começou se reclamando e bebendo mais e bebendo mais e assim, dizia que era porque tava passando fome que não tinha mistura pra comer. Eu disse: ah! “desculpinha” é essa, aí eu dizia isso mesmo, a desculpa é essa, porque lá trabalhava e bebia em São Paulo e aqui só fazia beber. Não tinha trabalho, aí foi onde ele disse: não, eu vou embora.

Aí ele foi, trabalhou, aí depois foi ver o negócio da aposentadoria da firma.

Aí depois ele resolveu. Só por gracinha dele sabe?

M: *Por gracinha.*

Francisca - É, comprava as coisas e ia lá vender.

TR: *Fazendo o comércio ali.*

Francisca - É o comércio, aí depois.

M: *Mas esse comércio dava algum dinheiro?*

Luís - Dava, porque quem bebia cachaça, uma coisinha a mais que viesse era melhor ainda, né?

M: *Eh! Senhor Luís.*

Luís - Eu quero só falar prá vocês. O meu sofrimento foi pouco, se foi uns 3 meses foi muito, porque sempre eu fui o ganhador de dinheiro. Já tive muito dinheiro.

Francisca - Ele ganhava, ele sabia ganhar dinheiro, mas sabia gastar também.

Luís - Eu já possuí carro novo. Hoje eu não tenho inveja de quem tem, de quem brincou, de quem comeu, porque eu sempre fui comedor. Sempre veio tudo fácil para minha mão, não teve nada difícil, entendeu? Não teve nada difícil até hoje prá dizer assim: Luís, faltou dinheiro. Não, só é você querer arrumar, você arruma. Então, esse período prá mim vir embora, que nem ela falou, eu não queria criar meus filhos ali. A gente já via que ali já tava um negócio já crescendo, que era “mais pior”. Aí eu falava prá ela, esses meninos eu vou criar eles pra lá mesmo.

Francisca - Nesse tempo eu só tinha David ainda.

M: *Só tinha David? sua menina já nasceu aqui?*

Francisca - Tinha a menina, só que era novinha.

TR: *O David já estava começando a ficar adolescente.*

Francisca - É. Já estava de escola. Realmente eu não coloquei ele na escola lá porque ele vinha falando em vir embora. Aí eu disse: vai é atrapalhar o menino ficando em uma escola, em outra, ne! Aí eu disse: oh!, quando o menino chegar lá, já vai pra escola tarde. Mas o que? Graças a Deus ele é um menino estudioso, era inteligente e hoje é formado, né! Hoje é professor porque se formou.

M: Então é isso. O motivo maior foi esse da família mesmo.

Luís - eu vi as coisas já crescendo.

M: Quando vocês voltaram aqui também já estava diferente?

Luís - Não. Aqui nessa cidade aqui mesmo, agora é que a gente tá vendo um comecinho, mas não é muito essas “coisonas” demais aqui ainda não.

Francisca - Eu só tinha medo.

Luís - Mais isso... Deixe eu concluir com ela logo aqui. Mas, eu prá isso levei sorte. De tanto eu fazer, de tanto eu ajudar o povo, que nenhum dos meus filhos puxou pra mim, eles eu não sei não, porque muita gente diz: Luís, tu tem dois filhos nenhum bebe se tu foi o cara que bebeu cana. Eu disse, sabe o que é? As minhas amizades eram muito grandes, eu comecei a beber através da amizade. Foi aí onde eu cheguei, quase me depravei, porque nunca cai num banco na praça. Detestava também uma pessoa dando tombo, saindo tombando na rua, toda vida eu olhei isso. Que é coisa feia né! Mas chegou um momento que já estava se alterando também?

M: Mas hoje o senhor não bebe mais tanto?

Luís - Não. Hoje eu não bebo mais não.

Francisca - Tá com 5 anos, graças a Deus e o medo também de ir pra furadinha e querer se iludir com bebida. Bebida, outras coisas pior do que a bebida, não.

M: Mas o Senhor deixou por conta? Deixou por decisão mesmo?

Luís - Graças a Deus

M: *força de vontade.*

Luís - Não, não adianta. Parou, não se deu bem, é parar mesmo.

Francisca – Pra falar a verdade, ele foi... nós ficamos com ele em Joao Pessoa 14 dias, porque ele quase morre da bebida. Quer dizer, ele viu que a bebida estava ofendendo a ele, quase matando ele. Ai pronto, quando ele bebia, esse aqui (se refere ao filho David) era o mais velho, ficava chorando prá ir com ele para os bares né?! E ele não levava. Aí eu dizia: porque que tu não leva teu filho? Tu vê ele chorando e tu não leva ele. Aí depois eu parei de falar, né”. Aí ele disse: Francisca, eu não vou levar ele prá um bar quando eu tiver bebendo cachaça porque aonde tiver cachaça ninguém sabe o que pode acontecer. Então se eu for levar ele, eu vou ensinar ele a beber e eu não quero que eles puxem a mim. Ele dizia desse jeito. Aí eu disse: olhe, se você não quer que ele puxe a você, como é que você vai beber. A lição, o exemplo que você está dando à ele não é esse aí que você está querendo. Aí às vezes ele chegava bêbado, ficava lá na rede, aí começava a falar. Porque eu só via dismantelo, o pagamento dele só dava mais prá cachaça e não deixava faltar nada em casa, mas é aquele tipo de coisa, mas não podia sobrar um pouquinho que ele gastava, os outros bebiam às custas dele e ele chegava em casa e ele não comia. Quer dizer, ele comprava lá carne assada, cerveja, aqueles que não bebiam cana, ia prá cerveja e ele comprava, ele dava. Quer dizer, que futuro ele tava fazendo isso? Estava prejudicando a saúde dele.

TR: *Gastando dinheiro.*

Francisca - Gastando dinheiro e não tinha paz em casa. Porque aquilo não era paz. Porque eu ver o marido toda vida, todo dia chegar bêbado, isso ele não chegava gritando, nem maltratando, mas tava, não tinha paz.

TR: *Estava se maltratando.*

Francisca - Não tinha paz. Eu ficava revoltada com isso aí. Quando eu começava a reclamar dos filhos que poderia herdar porque estava vendo o exemplo dentro de casa. Aí ele levantava esse braço dele: eu tenho fé em Deus que meus filhos não vão puxar a mim não.

M: *É porque é uma doença, né?*

Francisca - é uma doença.

M: *Não é que ele queria, né? Seu Luís?*

Luís - Não.

Francisca - É, ele passava 15, 22 dias sem beber, normalmente a paz reincidia

TR: *não é só uma questão moral.*

Luís - Agora uma coisa, uma coisa que eu falo igual o pai dela falava: quem disser que beber é ruim é porque nunca bebeu. Pimenta só presta se colocar prá queimar mesmo e cachaça prá..., tem cara que toma uma pinga pra jantar e não abre não. Beber tem que beber.

Francisca - escuta a última que eu vou contar. Teve uma vez ele inventou de colocar bebida prá vender. Agora aqueles que bebiam ia pro caderno eles não pagavam.

M: *Aqui mesmo?*

Francisca - Lá no sítio, era muito difícil ter um prá pagar.

Francisca - esse que queriam aproveitar não vinham nem mais procurar saber, Luís quanto é que eu devo aí? Saia bêbado, aí no outro dia voltava bom, saia bêbado de novo.

TR: *E a conta aumentando.*

David - E o que sobrava acabava.

TR: *Agora senhor Luís, o senhor veio para cá a primeira vez foi em 89?*

Luís - 89. Não essa aí foi a última vez.

M: *Foi a última vez que veio com a família?*

TR: *A partir de 89 que começou com essa ida prá fazer uns comércios.*

Luís - Prá você ver a situação, porque de 94 pra 97 o comércio de queijo, de feijão, esses feijões de corda, aquele de vara, a goma.

M: *Tinha tudo aqui, produção daqui mesmo?*

David - Tudo daqui.

Luís - Teve um tempo aí que saiu uma, na televisão o povo escutava: o mororó, que é a pata de vaca, que é bom pra colesterol, peguei um cara pra rapar o mororó e fazer os “moinho” de casca, né? eu fiz uns 300 “moinho”.

M: *foi vender em São Paulo?*

Luís - Amarrava um cordãozinho, que era em sua trouxinha, que era pro colesterol, quando começou a sair na televisão: olha que “remeidão”, vou levar pra São Paulo, aí junto com buxada, queijo.

M: *Comia buchada e tomava o mororó?*

Francisca - Erva doce, ele comprava e fazia aquela coisinha no saco.

David - Pacotinho.

Luís - O menino rapou lá 4/5, deu uns 300 ‘moinho’ botei dentro do saco prá vender lá, aproveitei na quinta feira, era a feira da Humberto de Campos (São Caetano do Sul).

M: *Ainda é, hoje.*

Luís - Ainda é na quinta feira. Eu vou já vender esse mororó. Rapaz tu trouxe até casca de pau pra colesterol, isso é bom prá, eu vou já gritar no meio da rua. Abri uma toalha no meio da rua, no meio da feira: olha menino, a casca de mororó que é bom pro colesterol e tal. Mas não deu 5 minutos, ficou um moinho.

GLOSSÁRIO

Alugado: é o termo nativo para a condição de trabalho eventual, em que se ganha pelo dia de serviço. Em geral, o trabalhador é contratado por alguns dias para tarefas específicas, como limpar o mato.

Alugar: trabalhar na condição de alugado.

Asitua: linguagem nativa para o verbo situar; algo que está localizado, implantando, geralmente se refere às culturas agrícolas, como o milho, feijão, algodão ou capim.

Barelou: do verbo barelar, falhar, descumprir, desobedecer ou infringir algum combinado.

Baixio: são as partes baixas do terreno, que são úmidas e adequadas para o plantio do milho, feijão, hortaliças. No processo de avanço do plantio da pecuária no Sertão Paraibano, essas áreas passaram a ser destinadas para o plantio de capim pelos médios e grandes proprietários, fato que afetou as frágeis condições de produção dos moradores e rendeiros.

Bode: macho da cabra.

Brocar: cortar todo o mato, deixando no ponto de queimar. Após o corte do mato, é feita a coivara que é a queima dos montes de mato. Nesse sistema, não se arrancam os tocos de árvores e arbustos que estão enraizados na terra.

Carrascos: espécie de mata pequena, com arbustos duros e esguios, que não ultrapassam um metro de altura.

Carta de anuência: é um documento em que o dono da terra autoriza ao morador ou rendeiro oferecer a produção em garantia ao financiamento agrícola em instituição bancária.

DNOCS: Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Desenvolvimento Regional.

Emergência: era o termo corrente para as “frentes de emergência”, programa governamental que empregava os trabalhadores das regiões afetadas pela seca para a construção de obras como açudes, estradas, entre outras.

Empeleita: palavra que deriva do verbo empreitar, equivale a empreitada, contratação de um serviço por um preço pré-fixado.

Furadinha: termo nativo para uma modalidade de comércio ambulante, especialmente de vestuário, em que uma equipe de trabalhadores viaja com o dono da mercadoria e/ou do transporte ou, no caso de autônomos, em carro próprio. Faz alusão a um tipo de cartela dividida em células com numeração. Ao furar a célula aparece o brinde-surpresa, que pode ser um perfume, bijuterias, ou outros objetos.

Légua: medida de distância em vigor antes da adoção do sistema métrico, cujo valor varia de acordo com a época, país ou região; no Brasil, vale aproximadamente 6.600 m.

Manga: a manga de manejo é uma vedação desenhada especialmente para separar vacas do rebanho, individualmente ou em grupo. Esta pode ser facilmente manuseada por uma só pessoa, poupando, assim, mão-de-obra extra.

Meia: é um sistema de partilha da produção entre o trabalhador (morador, rendeiro) e o patrão, dono da terra. Em geral o patrão broca, cerca, queima os tocos, dá a semente e entrega para o trabalhador plantar. No período da colheita, divide-se a “meia” de toda lavoura produzida: milho, feijão, algodão entre o patrão e o trabalhador.

Miunça: é o termo nativo para pecuária de pequeno porte, como os caprinos e ovinos.

Morador: é uma categoria social nativa para designar trabalhadores que tem uma casa de morada na terra de um patrão e trabalha exclusivamente para ele.

Norte: vocábulo usado para se referir à Região Nordeste do Brasil. Era empregado tanto por migrantes quanto por pessoas de outras regiões como forma de nomear aqueles que vinham do Nordeste e/ou como referência geográfica dessa região, como o uso em estabelecimentos comerciais nas chamadas “casas do Norte”.

Parceria: designa um acordo tácito entre proprietários de terra e moradores, ou rendeiros, para cultivo da mesma, em “regime de parceira”. Há diferentes formas de partilhas da produção, podendo ser meio a meio, ou frações desiguais em razão do tipo de cultivo

Rendeiro: designa aquele que “arrenda” a terra para cultivo. Rendeiros podem incluir trabalhadores que, embora residam em áreas urbanas do município, continuam a cultivar pequenos pedaços de terra em locais distantes de suas casas, ou aqueles que vivem na área rural, mas não tem terra e pequenos proprietários com terra insuficiente, que, em geral, possuem um “chão de terra”, onde moram com suas famílias, e plantam em terras de outros proprietários (Andrade, 1998, p.159; Menezes, 1985).

Rua ou pontas-de-rua: são termos nativos para locais de residência nas áreas urbanas das cidades e povoados. “Rua” opõe-se à residência em propriedade alheia, como no “regime de morada”. Associa-se também à condição de “liberto”, para se opor aos que vivem em “sujeição” (vínculo social entre trabalhador e patrão no “regime de morada”).

SANBRA: Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro. Foi uma empresa que comercializava e processava algodão.

Serrote: terreno montanhoso, acidentado, com fortes desníveis.

Sítio: designa espaço geográfico e social, é uma categoria nativa empregada pelos agricultores para se referir às localidades rurais onde eles moram no interior do município. Além de indicar um lugar físico, é

uma identificação de parentesco, porque geralmente o Sítio foi a gleba de terra onde viveu um ancestral comum e que, muitas vezes, até dá nome ao lugar, e é, ainda, um espaço social e cultural.

Sul: termo empregado por migrantes nordestinos para se referir à região Sudeste, especialmente aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, em oposição ao “Norte”.

Tarefa: unidade de medida agrária, corresponde a uma área de 30 x 30 braços, que é 4.356m². 4356 m². Um hectare é aproximadamente 2,3 tarefas.

BIBLIOGRAFIA

- ALBERTI, Verena. **Manual de história Oral**. Rio de Janeiro: editora FGV, 2005
- ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval. Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.
- ALBUQUERQUE Jr., Durval. Muniz de. **Preconceito sobre a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- ANDRADE, Manuel. Correia de. **A terra e o homem no Nordeste. Contribuição ao estudo da questão agrária no Nordeste**. 6^a.ed. Recife: Ed. UFPE, 1998.
- ANGELO, Assis. A presença dos Cordelistas e Cantadores Repentistas em São Paulo. Cidade: **Revista do Patrimônio Histórico**. n. 3, ano II. São Paulo: Secretaria Municipal de Cultura, 1995.
- ASSIS, Gláucia. de Oliveira. Mulheres migrantes no passado e no presente: gênero, redes sociais, e migração internacional. **Estudos Feministas**, v. 15, n. 3, p. 745-772, 2007.
- BAPTISTA, Dulce. Sociabilidade e lazer no cotidiano de migrantes nordestinos. **Revista Travessia**. São Paulo, ano XVI, n. 47, 2003.
- BARBOSA, Aldemir. Dantas. **Pecuarização no Agreste da Paraíba**. Recife: FUNDAJ, 1998.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. São Paulo: WMF, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. Ao leitor. *In*: BOURDIEU, Pierre. (Coord.). **A miséria do mundo**. Petrópolis, Vozes, 2012.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão Biográfica. *In*: AMADO, Janaína.; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-192.

- BOURDIEU, Pierre. O camponês e seu corpo. **Rev. Sociol. Polít.**, Curitiba, 26, p. 83-92, jun. 2006.
- BOZZOLI, Belinda. **Women of Phokeng**. Consciousness, life strategy, and migrancy in South Africa, 1900-1983. Portsmouth, NH: Heinemann e London: James Currey, 1991.
- CAMÕES, Luiz Vaz. **Os Lusíadas**. Porto Alegre: L&PM Pocket Editores, 2008.
- CARVALHO, Rodrigo Coelho de. As migrações e a urbanização no Brasil a partir da década de 1950: um breve histórico e uma reflexão à luz das teorias de migração. **Revista Espinhaço**. v. 8, n. 1, 2019.
- CHAVES, Maria de Fátima Guedes. Migração feminina: familiar ou autônoma? Observações sobre as mulheres que migram solteiras e separadas. **XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais**, ABEP, Caxambú (MG), 2004.
- CLEMENTINO, Jurani Oliveira. **Fazendo a festa**: as sociabilidades dos migrantes varzealegrenses em São Paulo e Ceará. 2016. Tese de Doutorado - Universidade Federal de Campina Grande.
- CLEMENTINO, Jurani Oliveira. **Memórias Sertanejas**: Tardes, calçadas, redes e alpendres. São Paulo: Coerência, 2019.
- CLEMENTINO, Jurani Oliveira. **Zé Clementino**: o “matuto” de devolveu o trono ao Rei. João Pessoa: EDUEPB, 2019.
- CLEMENTINO, Jurani Oliveira; MENEZES, M. Migrantes e Sociabilidades: as estratégias dos varzealegrenses em São Bernardo do Campo – SP. **IX Congresso da Associação Latino Americana de Sociologia Rural**. México 6 a 11 de outubro de 2014.
- CORBIN, Alain. **Saberes e odores**: o olfato e o imaginário social nos séculos XVIII e XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- COSTA, Antonio Albuquerque da; ANDRADE, Jadiel Lucas Alves de. Uma breve reflexão sobre a configuração territorial de Campina Grande-PB. **GeoSertões**. v. 4. n. 8, 2019.
- COSTA, Maria da Costa Silva. Nós das redes. **Travessia**, CEM, ano XIV, n. 40, 2001, p. 25-27.

- COVER, Maciel; MENEZES, Marilda Aparecida. Estratégias de renda de trabalhadores migrantes e a mecanização da colheita de cana-de-açúcar: um olhar desde o Sertão Paraibano. *In: Estudos Sociedade e Agricultura*, 28 (2), p. 458-475, jun-set 2020.
- CPT - CEPAC – IBASE. **O genocídio do Nordeste 1979-1983**. São Paulo: Mandacaru, 1989.
- CPT- CEPAC - IBASE, **O genocídio do Nordeste 1979-1983**, São Paulo: Mandacaru, 1989.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Três, 1984 (Biblioteca do Estudante).
- CUNHA, Euclides. da. **Os Sertões**. São Paulo: Ubu Editora/Edições SESC São Paulo, 2016.
- CUNHA, João Marcos Pinto da. A migração interna no Brasil nos últimos cinquenta anos: (des)continuidades e rupturas. *In*. ARRETCHE, Marta. **Trajetória das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos**. São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. p. 279-308.
- DORNELAS, Sidnei. Marco. Redes Sociais na Migração: questionamentos a partir da pastoral. **Travessia**, CEM, ano XIV, n. 40. 2001, p. 5-10.
- DURHAN, Eunice. Ribeiro. **A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo**. Perspectiva, São Paulo, 1978.
- FONTES, Paulo. São Miguel Paulista dos “baianos”. **Travessia**, São Paulo, CEM, 1990. Ano XIV, n. 40, p. 17-24.
- FONTES, Paulo. **Um Nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.
- FRANCISCO, Papa. **Carta Encíclica Laudato Si: Sobre o cuidado da casa comum**. São Paulo: Paulinas, 2015.
- FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

- FUSCO, Wilson. Redes familiares na Emigração Valadense para os Estados Unidos. **Travessia**, CEM, ano XIV, n 40. 2001, p. 11-16.
- GARCIA Jr., Afrânio Raul **O sul: caminho do roçado: estratégias de reprodução camponesa e transformação social.** São Paulo: Marco Zero; Brasília:Ed. Universidade de Brasília, MCT-CNPq, 1989.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. *et al.* Mercado e mercantilização do trabalho no Brasil (1960-2010). *In:* ARRETCHE, Marta. **Trajetória das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos.** São Paulo: Editora Unesp; CEM, 2015. p. 395-422.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.
- LATOUR, Bruno. **A esperança de pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos.** São Paulo: Unesp, 2017.
- LINHARES, Maria Yeda; SILVA, Francisco Carlos Teixeira. **História da agricultura brasileira: combates e controvérsias.** São Paulo: Brasiliense, 1981.
- LIRA, Gitana Maria Figueirêdo. **O homem ou o boi (o roçado ou o capim).** Dissertação de Mestrado (Sociologia Rural) – Centro de Humanidades, Universidade Federal da Paraíba. Campina Grande, 1983.
- LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** São Paulo: Rocco, 2020.
- MAGALHÃES, Valéria Barbosa de. Nordestinos na Zona Leste de São Paulo: subjetividade e redes de migrantes. **Travessia**. n. 76, p. 99–112, 2015.
- MARTINS, Jaqueline Michele França. **Trabalhadoras e migrantes.** 2014. Dissertação de mestrado - Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande.
- MARTINS, Jaqueline Michele França; MALAGODI, Edgard A. **A migração temporária como estratégia de reprodução de famílias camponesas: um estudo em pequenos municípios do Sertão Paraibano.** Campina Grande. Relatório final PIBIC 2010. Universidade Federal de Campina Grande, 2010.

- MARTINS, José de Sousa. **A aparição do demônio na fábrica: Origens Sociais do eu dividido no Subúrbio Operário.** São Paulo: Editora 34, 2008.
- MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço: Uma nova Política da Espacialidade.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- MENESES, Valdênio Freitas. “Olhai para os ricos do campo”: o lugar das elites e classes dominantes nos Estudos Rurais do Brasil. **Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, p. 140-166, 2021.
- MENESES, Valdênio Freitas. “Saudade e rusticidade”: a convivência com o semiárido entre grandes pecuaristas do Nordeste. **Sociologias**, v. 55, p. 354-380, 2020.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. **Da Paraíba prá São Paulo e de São Paulo prá Paraíba: Migração, família, e reprodução da força de trabalho.** 1985. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. História oral: uma metodologia para o estudo da memória. **Vivência**. n. 28, p. 23-36, 2005.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. **Histórias de migrantes.** São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. Introdução. *In*: MENEZES, Marilda Aparecida de. **Histórias de migrantes.** São Paulo, Edições Loyola, 1992, p. 9-13.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. **Redes e enredos nas trilhas dos migrantes: um estudo de famílias de camponeses-migrantes.** Rio de Janeiro: Relume Dumará/ João Pessoa: UFPB, 2002.
- MENEZES, Marilda Aparecida de. Uma experiência histórica do campesinato do Nordeste. *In*: GODOI, Emilia Pietrafesa; MENEZES, Marilda Aparecida de; MARIN, Rosa Azevedo. **Diversidade do campesinato: expressões e categorias.** v.2. São Paulo: Editora UNESP / Brasília: NEAD, 2009.

- MENEZES, Marilda Aparecida de; CLEMENTINO, Jurani Oliveira. Sessenta anos depois: a narrativa de um migrante sobre ausência e saudades da família. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS v. 16, n. 30, p. 38-54, 2015.
- MENEZES, Marilda Aparecida de; COVER, Marciel. A noção de redes sociais aplicada a pesquisas em espaços de trabalhadores migrantes. **Sociedade e Cultura**. v. 20, n. 2, 2018.
- MIRANDA, Roberto; GOMES, Ramonildes; MENESES, Valdênio Freitas. Mudança social e estudos rurais. **Raízes**. v. 42, p. 424-442, 2022.
- NASCIMENTO, Giovana Almeida. **Efeitos sócio culturais da transposição do Rio São Francisco em comunidades rurais: a experiência de São José de Piranhas no sertão paraibano**. 2018. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa.
- NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **A (re)pecuarização do semiárido nordestino: reconversões produtivas entre agricultores familiares do Pajeú (PE)**. 2011. Dissertação de mestrado (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.
- NUNES, Aldo Manoel Branquinho. **Currais, cangalhas e vapores: dinâmicas de fronteira e conformação das estruturas social e fundiária nos “Sertões da Borborema” (1780-1920)**, 429f. 2017. Tese de doutorado (Ciências Sociais) - Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande.
- OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma Re(li)gião**. Sudene, Nordeste. Planejamento e conflitos de classe. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- PALMEIRA, Moacir. Casa e trabalho: nota sobre as relações sociais na plantation tradicional. *In*: WELCH, Clifford Andrew; *et al.* (orgs). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas**. São Paulo: Editora UNESP / Brasília: NEAD, 2009.
- PORTELLI, Alessandro. Forma e significado na história oral. a pesquisa como um experimento da igualdade. **Revista Projeto História**, v. 14,

- p. 7-24, 1997.
- PORTELLI, Alessandro. História Oral e Poder. **Mnemosine**, v. 6, n. 2, p. 2-13, 2010.
- REGO, José Lins do. **Fogo morto**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.
- RIBEIRO, Eduardo. Agregados e fazendas no nordeste de Minas Gerais. **Estudos, Sociedade e Agricultura**, v. 18, n. 2, p. 393-433, 2010.
- RIGAMONTE, Rosani Cristina. A Praça Silvio Romero: A “tradição”. **Travessia**, n. 35, p. 37-42, 1999.
- ROBERTI, Eugenia. Perspectivas sociológicas en el abordaje de las trayectorias: un análisis sobre los usos, significados y potencialidades de una aproximación controversial. **Sociologias**. n. 45, p. 300-335, 2017.
- ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SABOURIN, Eric. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.
- SANTOS JUNIOR, Jaime; MENEZES, Marilda Aparecida de. Educação e trabalho em famílias de ex-metalúrgicos(as). **Linhas críticas**, v. 27, p. 01-19, 2021.
- SANTOS JUNIOR, Jaime; THIBES, Mariana Zanata; MENEZES, Marilda Aparecida de. Operários nordestinos na Região do ABC Paulista: narrativas de classe e de masculinidades. **Sociedade e Estado**, v. 36, p. 693-718, 2021.
- SANTOS JUNIOR, Jaime; THIBES, Mariana Zanata; MENEZES, Marilda Aparecida de. Disjunções e ambivalências: famílias migrantes nordestinas no ABC paulista. **Civitas**, v. 19, p. 675-691, 2019.
- SARTI, Cynthia Andersen. **A família como espelho: um estudo sobre a moral dos pobres**. São Paulo: Cortez, 2001.
- SCOTT, James. C. **Domination and the Arts of Resistance: Hidden Transcripts**. New Haven and London: Yale University Press, 1990.
- SCOTT, James. C. Formas Cotidianas de Resistência. **Raízes**, v. 21, n. 1, p. 10-31, 2002.

- SOUZA, Thiago Romeu de. **Lugar de Origem, Lugar de Retorno: A Construção dos Territórios dos Migrantes na Paraíba e São Paulo.** 2015. Tese de doutorado – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- THIBES, Mariana Zanata; MENEZES, Marilda Aparecida de; SANTOS JUNIOR, Jaime. Narrativas assimétricas: gênero, família e trabalho no ABC paulista. **Sociologia e Antropologia**, v. 8, p. 519-541, 2018.
- THOMPSON, Edward Palmer. **A Miséria da teoria ou um planetário de erros.** Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.
- VELHO, Otávio Guilherme C. A. O conceito de camponês e a sua aplicação à análise do meio rural brasileiro. *In*: WELCH, Clifford Andrew; *et al.* (orgs). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas.** São Paulo: Editora UNESP / Brasília: NEAD, 2009.
- WHITAKER, Dulce C. A. *et al.* A Transcrição da Fala do Homem Rural: Fidelidade Ou Caricatura? **Cadernos de Pesquisa**, UNESP/Araraquara, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, n. 2, p. 65-70, 1995.
- WOORTMANN, Elenn F. **Herdeiros, Parentes e Compadres: Colonos do Sul e Sitiantes do Nordeste.** São Paulo/Brasília: Unb, 1995.
- WOORTMANN, Elenn F. O sítio camponês. **Anuário Antropológico.** Brasília, v. 6, n. 1, p. 164-203, 1981.
- WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. *In*: WELCH, Clifford Andrew; *et al.* (orgs). **Camponeses brasileiros: leituras e interpretações clássicas.** São Paulo: Editora UNESP / Brasília: NEAD, 2009.
- WOORTMANN, Klaas. Migração, família e campesinato. **Revista Brasileira de Estudos de População**, jan/jun. 1990.

SOBRE OS AUTORES

Organizadores

Marilda Aparecida de Menezes: Professora Colaboradora da Universidade Federal do ABC (UFABC) e Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Foi professora Visitante Sênior na UFABC e Visitante Nacional Sênior (Capes/PVNS). Professora aposentada da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). É Pesquisadora do CNPq, nível 1C. Foi membro das Diretorias da Associação Brasileira de História Oral (ABHO) e da Associação Internacional de História Oral (IOHA).

Jaime Santos Júnior: Professor do Departamento de Sociologia e do Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Paraná (PGSocio/UFPR). Doutor em Sociologia na Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Coordena o Laboratório de Estudos Biográficos, Etnografias do Trabalho e Trajetórias Sociais (Labet/UFPR).

Autores

Aldo Manoel Branquinho Nunes: Possui graduação em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e em Ciências Sociais pela UFCG. Possui mestrado e doutorado em Ciências Sociais também pela UFCG, concluídos, respectivamente, em 2011 e 2016. Atualmente integra o quadro de Técnicos Administrativos da UEPB.

Alfredo José Gonçalves: Teólogo, filósofo. Padre Scalibriniano desde 1984. Diretor do Centro de Estudos, de 1985 a 1994. Agente da Pastoral dos Migrantes, de 1994 a 1997, na Paraíba. Assessor da Pastoral Social da Conferência Episcopal (CNBB), de 1998 a 2003. Desde 2003 tem se dedicado a atividades da pastoral dos migrantes e da Congregação dos Scalibrinianos. É escritor de contos, poemas, reflexões, entre os quais o livro *Retratos da MetrÓpole*. Publicado pelo Centro de Estudos Migratórios e Missão Paz em 2023.

Giovana Almeida Nascimento: Graduada em Ciências Sociais pela UFCG. Mestra em Antropologia pelo PPGA/UFPB.

Ivan Targino Moreira: Possui graduação em Economia pela UFPB, graduação em Filosofia pela Universidade Católica de Pernambuco (Unicap), mestrado em Economia pela UFPB e doutorado e pós-doutorado em Economia - Université Paris 1 Pantheon-Sorbonne (1982/2004). Professor titular aposentado da UFPB.

Jacqueline Michele França Martins: Possui graduação e mestrado em Ciências Sociais pela UFCG. Doutoranda em Sociologia pela UFPB. Membro do Grupo de Pesquisa em saúde, sociedade e cultura (Grupessc/CCHLA/UFPB).

Jurani Oliveira Clementino: Doutor em Ciências Sociais (UFCG), mestre em Desenvolvimento Regional (UEPB/UFCG/UFRJ), graduado em Comunicação Social-Jornalismo (UEPB). Atualmente é professor do Centro de Educação Superior Cesrei LTDA e da UEPB. É autor de cinco livros e membro da Academia de Letras de Campina Grande (ALCG).

Lidiane Maria Maciel: Possui Graduação em Ciências Sociais pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), mestrado e doutorado em Sociologia pela Unicamp. Realizou estágio Sanduíche na Université de Paris - Ouest Nanterre e é Pós-doutora pelo Departamento de Sociologia da Unicamp na área de técnicas e métodos de pesquisa social. Docente-pesquisadora na Faculdade de Educação e Arte, da Universidade do Vale do Paraíba (Univap) e do Programa de Pós-graduação em Planejamento Regional e Urbano (Plur IPD Univap).

Maciel Cover: Professor Adjunto na Área de Sociologia/Instituto de Ciências Humanas e Informação da Universidade Federal do Rio Grande (Furg). Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Possui graduação em Pedagogia da Terra pela Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), mestrado e doutorado em Ciências Sociais pela UFCG, com estágio doutoral (PDSE/Capes) no Programa de Economia Humana da Universidade de Pretória (UP), África do Sul.

Realizou estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais na Unicamp.

Thiago Romeu de Souza: Graduado em Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Geografia Humana pela mesma instituição. Doutor em Geografia UFPE. Professor Adjunto da Unidade Acadêmica de Geografia da UFCG. Coordena atualmente o Laboratório de Estudos sobre Política, Território e Cultura (LEPoliTC/UFCG).

Valdênio Freitas Meneses: Professor da UFCG e do Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais (PPGCS/UFCG). Possui graduação em ciências sociais e mestrado pela UFCG e doutorado no Programa de Pós-graduação de Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade (CPDA/UFRRJ). Fez um período do doutorado na Université Paris I Panthéon Sorbonne nos quadros do Centre Européen de Sociologie et Science Politique (Cessp) da École des Hautes Etudes en Sciences Sociales (EHESS). Vencedor do Prêmio Capes de Tese 2019 (Área de Sociologia).

Valéria Barbosa de Magalhães: Docente da EACH na USP e do Programa de Pós-graduação em Movimentos Sociais e Participação Política/USP. Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral e Memória (Gephom/USP). Doutora em História Social pela USP, mestra em Educação pela Unicamp, bacharel e licenciada em Ciências Sociais pela USP. Foi aluna visitante no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Miami, entre 2002 e 2003.

Verena Sevá Nogueira: Possui doutorado em Antropologia Social pela Unicamp. É professora associada da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais da UFCG. Atualmente desenvolve pesquisa com famílias rurais paraibanas desapropriadas pelo Projeto de Integração do rio São Francisco com bacias hidrográficas do Nordeste Setentrional.

Obrigado por ler este livro

que publicamos!

Esperamos que esta obra tenha correspondido às suas expectativas.

Compartilhe por [e-mail](#) suas dúvidas e sugestões conosco.

Publique o seu conteúdo
acadêmico, científico ou
técnico com a Paco
Editorial

A Paco Editorial é uma editora focada na publicação de conteúdos científicos de pesquisadores; conteúdos acadêmicos, como teses, dissertações, grupos de estudos e coletâneas organizadas, além de publicar também conteúdo técnico para dar suporte à atuação de profissionais de diversas áreas.

Com uma equipe de profissionais especialistas na edição de livros, produzimos obras de qualidade nas mais diversas áreas de conhecimento, atuando para que o autor tenha excelência em sua publicação, incluindo todos os cuidados necessários para melhor pontuação da obra na avaliação da Capes.

Nosso trabalho de divulgação e distribuição dos livros físicos alcança todo o Brasil através de livrarias universitárias, eventos acadêmicos e plataformas online como a Amazon, Americanas, Submarino e Shoptime. Já no digital, a distribuição é global através de lojas da Amazon, Apple, Google e Kobo.

Venha você também publicar na Paco Editorial, editora referência no meio acadêmico, técnico e científico, com mais de 2 mil títulos publicados.

Para publicar dissertações, teses, obras técnicas, científicas, obras coletivas de grupos de pesquisa, acesse: <http://editorialpaco.com.br/publique-na-paco/>.

Para publicar capítulo de livros em obras organizadas, acesse: <http://editorialpaco.com.br/capitulo-de-livros/>.

Para adquirir outros títulos da Paco, acesse: www.pacolivros.com.br



Av. Dr. Carlos Salles Bloch, 658 - Sala 21
Anhangabaú - Jundiaí-SP - 13208-100
Telefone: 11.4521.6315